

Perigosas e Racionais

ENSINA-ME O PRAZER

Os Frinsheens ♡ VOLUME 1

ALESSA ABLE



Perigosas e Racionais



ENSINA-ME O PRAZER

Os Frinsheens ♡ VOLUME 1

ALESSA ABLLE



2018

Todos os direitos reservados
Copyright © 2018 by Editora Pandorga

Direção Editorial: Silvia Vasconcelos
Produção Editorial: Equipe Editora Pandorga
Revisão de Texto: Elise Garcia e Editorando Birô
Diagramação de e-Book: Cristiane Saavedra
Composição de Capa: Equipe Editora Pandorga

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ALINE GRAZIELE BENITEZ CRB-1/3129

F291a

1.ed

Ablle, Alessa

Ensina-me o prazer / Alessa Ablle. – 1.ed. – São Paulo: Pandorga, 2018.

(Coleção Os Frisheens, v.1)

Recurso digital

Formato e-Pub

Requisito do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-85-8442-304-0.

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Romance erótico.

I. Título. II. Série.

CDD: 869.93



Pandorga
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORA PANDORGA
Avenida São Camilo, 899
CEP 06709-150 – Granja Viana – Cotia – SP
Tel. (11) 4612-6404
www.editorapandorga.com.br



<u>Capa</u>
<u>Folha de Rosto</u>
<u>Ficha Catalográfica</u>
<u>Cacillia</u>
<u>Henry</u>
<u>Capítulo 01</u>
<u>Capítulo 02</u>
<u>Capítulo 03</u>
<u>Capítulo 04</u>
<u>Capítulo 05</u>
<u>Capítulo 06</u>
<u>Capítulo 07</u>
<u>Capítulo 08</u>
<u>Capítulo 09</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Epílogo</u>
<u>Peça-me tudo - Prólogo</u>
<u>Agradecimentos</u>
<u>Glossário</u>
<u>Editora Pandorga</u>



— **OLÁ! MEU NOME É CECILLIA ROMANOFF**, mas todos me chamam de Ceci.

Desde pequena tenho um grande “talento” de me meter em encrenca devido à minha enorme curiosidade. Quero saber de tudo: como as coisas funcionam; para que elas servem. Eu tenho uma grande necessidade de descobrir tudo, mas essa mania já me trouxe muitas dores e hematomas.

Quando eu tinha cinco anos, minha mãe me chamou a atenção para que ficasse longe do fogo — e eu não a atendi e acabei queimando minha mão. No meu aniversário de sete anos, pedi de presente um skate, que me trouxe um braço quebrado e joelhos ralados. Com oito anos, fiz a grande besteira de colocar uma tesoura na tomada e levei um choque de 220 volts.

Lembro-me como se fosse hoje, de mamãe dizendo: *“Cecillia, um dia você vai mesmo se machucar por causa dessa sua mania de querer saber de tudo.”*

Mas eu não dei ouvidos a minha mãe e, por causa disso, estou hoje na casa dos meus padrinhos, que tiveram minha guarda quando meus pais morreram em uma tragédia: o avião deles caiu.

Eu não fui à viagem, pois estava de cama porque havia brincado na chuva, vendo os raios e os trovões. Sempre curiosa.

Mamãe errou. Minha curiosidade me salvou, contudo, não impediu meu coração de sangrar pela perda deles.

Sofri muito quando eles morreram. Eu tinha apenas doze anos e essa fatalidade me trouxe muitas lágrimas e arrependimentos. Era para eu estar com eles no voo. Mas minha madrinha, Monica, tinha pedido para eu ficar em casa enquanto meus pais iriam para a Flórida. Eles pretendiam comemorar quinze anos de casamento e minha madrinha achou que eles tinham que ter esse momento a sós e mesmo assim eu estava muito resfriada. E hoje eu vivo com a

falta que meus pais me fazem.

Meus padrinhos, Monica e Richard, não tiveram filhos, então para eles eu sou a filha que eles não tiveram. Sempre foram muito bons para mim. Amo-os demais, mas a falta que sinto dos meus pais ninguém nunca vai apagar.

Tenho vinte anos, cabelos castanhos e olhos castanhos claros, que puxei da minha mãe. Corpo magro e estreito. Não tenho muitas curvas. Tenho 1,73m, falam que sou alta para a minha idade.

Gosto de balé — *ou gostava*. Eu amava fazer aulas de balé, minha mãe sempre me levava. Gostava de assistir a concertos, onde nós três íamos. Então, por algum motivo depois da morte deles, eu evito fazer o que nós três fazíamos juntos. Isso me causa uma dor muito grande. *As lembranças*.

Adoro ler e, como eu disse, saber de tudo. Falo quatro idiomas, sendo que dois aprendi sozinha. Tenho alergia a uva, leite e animais peludos — o que foi um problema, porque amo cachorros e gatos. Fico calada às vezes, pois vivo maquinando coisas na minha cabeça.

Nunca namorei por mais de três meses — um único namorado até o momento — e por consequência, ainda sou virgem. Morro de curiosidade de saber como funciona essa... coisa... *sabe?* Sexo. No entanto, nunca achei ninguém que matasse minha timidez e me desse força para alimentar minha curiosidade sobre o assunto, ao ponto de eu me entregar totalmente a essa experiência.

A faculdade de Biotecnologia na universidade de Boston sempre foi meu sonho e estou feliz de estar nela. Era para eu ter entrado na faculdade mais cedo, mas eu passei dois anos em depressão e perdi um ano letivo, por isso terminei a escola com dezoito anos. Agora, estou nas nuvens. Finalmente estou onde sempre sonhei e com milhares de planos para o meu futuro.



— **MEU NOME É HENRY FRINSHEENS SEGUNDO.** Sim eu tenho o mesmo nome do meu querido pai. Notaram um pouco de sarcasmo? SIM! Eu fui irônico, porque uma coisa é a mais pura verdade: meu pai não é meu ser humano favorito.

Por anos eu tentei entender o jeito chato e mal-humorado dele. Tentei entender seu jeito mandão com as pessoas, com meus irmãos. Apenas com minha mãe ele era razoável.

Por dezenove anos, eu tive que vê-lo sendo rude e, para não começar a terceira guerra mundial — por eu pensar muito diferente dele —, eu engolia em seco toda sua insuportável atitude. Até que saí de casa.

Quando eu fiz dezenove anos, saí de casa e consegui um ótimo emprego em uma escola de lutas, como assistente do professor, que é meu amigo até hoje.

Sou muito grato a Erik por ter me dado aquela oportunidade na época. Mesmo eu não precisando de dinheiro — porque minha família tem —, ele me apoiou.

Eu nunca quis depender do dinheiro do meu pai e também não queria fazer o que ele achava que era o certo para mim. Eu queria correr atrás dos meus sonhos, não dos sonhos dele.

Hoje eu estou finalmente onde planejei desde muito novo: fazendo minha faculdade de Biologia na Universidade de Boston, e falta apenas um ano letivo para eu me formar.

Tenho meu apartamento, que comprei com a ajuda dos meus avós, que, ao falecerem, deixaram-me — e para os meus irmãos também — uma quantia significativa e eu comprei meu apartamento, cinquenta por cento da academia do John — onde trabalho hoje em Boston — e um carro, meu Audi novinho.

Vivo uma vida ótima. Trabalho de segunda a sexta na academia e faço minha faculdade. Nos fins de semana eu curto. Curto e muito. Sou — *digamos* — um

pegador de carteirinha, mas eu não engano ninguém. Nunca prometi amor ou fidelidade. Apenas uma vez, e para nunca mais.

Gosto de mulher. Gosto de transar e, modéstia à parte, eu sou *foda* na cama. Muitos dos meus amigos me pedem conselhos. Mulheres e mulheres chovem aos meus pés.

Tenho vinte e nove anos, 1,87m, cabelo loiro escuro, olhos azuis — *herança do meu pai* —, sou branco por genética britânica — e até demais. Malhado, devido às aulas de luta que faço desde pequeno e às que continuo praticando conforme dou aula, porque me ajuda a aliviar o estresse. Amo artes marciais.

Sou um homem caprichoso e detesto pessoas relaxadas, mal-humoradas. Também não gosto de mentiras nem de traição. Adoro viajar com minha família — mesmo que isso não aconteça há... muito tempo. Minha mãe reunia a família e todos íamos para a casa em Hampton, a casa de praia que era dos meus avós maternos.

Além do meu pai chato, tive a grande sorte de ter a melhor mãe. Julia Frinshens é a melhor mãe do mundo. Meu talismã. Eu a amo demais.

Uma das minhas obrigações — que eu coloquei na cabeça desde muito cedo — é fazê-la orgulhosa de mim. E tenho medo de não conseguir mais dar isso a ela.

Sou o segundo filho de quatro crianças, do mesmo casamento — ainda bem. Não posso reclamar de meu pai quanto a isso. Ele é mal-humorado, mas é fiel e nunca me deu nem um motivo para duvidar da sua fidelidade à mamãe, e isso, eu aprendi com ele. Se estou disposto a entrar em um relacionamento sério, eu vou ser de uma mulher só e espero isso dela.

Meu primeiro irmão, Scott, tem 33 anos, é casado, e sua esposa está esperando meu primeiro sobrinho. Mandy tem dezenove anos e é a minha única amiga do sexo feminino. Já Rebecca tem onze anos e é meu amorzinho. Foi a última de nós quatro e trouxe muita paz para nossa família.

Meu objetivo na vida, hoje — depois de ter passado por algumas coisas —, é curtir e viver o máximo que eu conseguir. Ser feliz, conhecer as melhores coisas que a vida puder me proporcionar e, quando eu terminar minha faculdade — aliás nos três últimos bimestres —, vou me esforçar ao máximo para conseguir dar aula em uma grande universidade, mas sem largar a escola de lutas. Ainda quero comprar a outra parte da academia de John.

Fora isso, sigo minha vida sem dramas, não quero tão cedo aperreações na minha vida. No caso: um relacionamento, uma mulher *no meu pé*.



TERÇA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 2013

“PARA COM ISSO ANNA.”

“Parar com o quê?”, diz minha amiga.

Viro-me para ela com o rosto torcido de raiva.

“De ficar olhando para o garoto.”

Ela revira os olhos e continua fitando o menino.

Anna está cismada com um garoto que eu nunca havia visto nessa aula de Biologia. Deve ser um aluno novo, ou que tenha trocado de turno. É meu quarto bimestre, ou seja, segundo ano de Biotecnologia.

Depois que fiz várias provas e passei em algumas universidades, acabei optando pela Boston. Mesmo com as opções de ir para a famosa e incrível Harvard, não fui por motivos emocionais, tais como o fato de que mamãe e papai estudaram lá.

Meus padrinhos — Monica e Richard — me deixaram aqui em agosto do ano passado, no caso há um ano, e com o coração sangrando. Eles me ajudaram a tirar tudo do carro e a levar minhas coisas para meu dormitório. Minha madrinha fez um drama no dia e repetiu a dose há dois dias para o segundo ano de faculdade. Após quarenta dias com eles, curtindo as férias de verão, deixei Elmira, leste de Nova York, de novo. Rio ao me lembrar dela no dia:

“Ligue sempre que sentir saudades”, disse Monica.

“Tudo bem, tia”, respondi sorrindo. “Vou fazer como fiz no outro ano. Não se preocupe.”

“Ah, meu amor, vou sentir muitas saudades de você.” Ela falou isso quase chorando.

“Deixa disso, mulher”, Richard disse. “Vamos logo e deixe Cecillia em paz.

Ela apenas está voltando aos seus estudos e indo conquistar o mundo.” Meu padrinho piscou o olho para mim e puxou minha madrinha.

Ela me deu um beijinho e meu padrinho me abraçou, despedindo-se.

“Se cuide e não se esqueça de ligar todos os dias. Vou ficar esperando ou vou ligar.” Minha madrinha disse, já dentro do carro.

“Com certeza, amo vocês.”

“Nós também te amamos”, ela disse, e meu padrinho deu a partida e eles se foram.

Eles são meus tutores, protetores, pais substitutos e mesmo que meus pais nunca, nunca mesmo sejam substituíveis, eu sei que eles tentam, com o amor deles, e eu também tento, tapar o buraco no meu coração aberto há oito anos.

Assim que eles me deixaram aqui, eu senti um grande vazio e uma solidão maior do que a normal, mas o silêncio da minha tristeza foi preenchido por palavras, gritos e as ideias loucas de Annabelle. Minha colega de quarto.

Anna é dois anos mais velha que eu. Seus cabelos de um castanho-claro e seus olhos cor de mel a caracterizam com uma beleza sutil e doce, mas se engana quem pensa que sua aparência a faz ser o que parece. Annabelle é terrível, boca-rota e muito barulhenta. Porém, é uma das únicas amizades que fiz — até agora. E ela está me fazendo passar vexame agorinha mesmo — mais uma vez — com sua falta de filtro e não apenas em palavras. Ela não tem filtro para nada, na verdade. É só abrir a boca, e aí ferrou. Ser discreta não é seu feitio.

“Garoto?” Anna vira o rosto para mim, parando de babar o garoto. “Ele está mais para cara gostosão do que garoto.”

“Você me entendeu.” Desdenho, bufando para ela.

“Sabe o que me intriga?”

“Realmente não tenho a mínima ideia”, respondo sarcasticamente.

“É você não saber quem é ele.”

“Por que eu deveria?”, questiono-a, e viro o rosto para ver o garoto mais uma vez. “Ele não se parece com ninguém que eu já tenha visto na TV nem mesmo na Internet. Eu tenho quase noventa e nove por cento de certeza de que ele não é ator, cantor ou algo do tipo.”

Anna revira os olhos e balança a cabeça, fazendo um gesto com a mão de que não está nem aí para mim.

Annabelle é minha colega de quarto e, por consequência, ou talvez convivência, minha amiga mais próxima atualmente. Na verdade, ela é minha

melhor amiga, na real. Eu nunca tive uma amizade como eu tenho com ela. Mesmo com nossas diferenças, somos amigas... ou tentamos ser.

As poucas amizades que eu tinha de infância foram removidas da minha vida assim que eu perdi meus pais. Parecia que ninguém queria ficar perto da menina órfã e triste, que chorava o tempo todo. Eu também tive que mudar de bairro quando meus padrinhos pegaram de vez minha guarda tutelar e me tiraram do orfanato, onde passei uma semana. A experiência nem foi tão ruim, mas eu definitivamente não gostei. Então, graças a Deus que meus pais deixaram minha guarda para Richard e Monica, porque senão...

Infelizmente, meus pais não tiveram outro filho, apenas euzinha. Infelizmente também, meus avós — tanto os paternos quanto os maternos — não tiveram outros filhos. Então, sem tios e primos. Infelizmente de novo, eles — meus avós — já tinham partido havia algum tempo. Meus avós paternos morreram dois anos depois que meus pais se casaram, nem me conheceram. Os pais da minha mãe, eu conheci, porém nem me lembro deles. Quando morreram, eu tinha cinco anos.

Mas enfim, o que é importante mesmo é que eu sou sozinha no mundo. Sou a última da linhagem dos Romanoff Luthier, e se não fossem os meus padrinhos, estaria em um orfanato e me sentindo triplamente só.

E sobre amizade. Bem, eu aprendi — da pior maneira — que chamar alguém de amigo é difícil. Precisa passar por momentos alegres e tristes para saber o quão seu amigo aquela pessoa é.

Quando eu cheguei aqui e fui para os meus aposentos, conheci Annabelle — ou Anna, pois ela não gosta muito do nome dela —, e fui recebida por ela de braços abertos em seu quarto — já que ela o ocupava havia dois anos — e no seu grupo de amigos.

Seu namorado, Brad, é um verdadeiro babaca e, como faz parte do time de futebol americano da faculdade, acaba que é também um tanto metido e cretino.

Ele é o primeiro *quarterback*. Forte, cabelo castanho escuro, olhos azuis e se não tivesse apenas 1,76m — sei disso porque sou obrigada a ficar ouvindo Anna catalogar o namorado sonhadoramente no quarto em voz alta —, ele poderia ser modelo de passarela. Mas graças a Deus não é. Imagina só o quão nojento ele seria.

Porém, apesar de Anna e eu sermos amigas, não temos muitas coisas em comum. Temos muitos pensamentos, gostos e atitudes diferentes na maior parte do tempo. E se isso é bom para algumas amizades, para a nossa só causa afastamento, por isso vivo sozinha. Não gosto dos lugares que ela frequenta e,

principalmente, não gosto do Brad, que sempre está junto dela. Eu acho que ele não vai com a minha cara também.

Quando ela começa a assediar uma pessoa com os olhos — ou até com a boca mesmo, falando e sempre deixando a pessoa confusa, como está fazendo agora com esse cara —, sempre morro de vergonha e não gosto de suas atitudes.

Não acho a mínima graça fazer isso. Ela tem namorado e está fazendo esse joguinho, e se ela me perguntou se eu o conheço, deve ser porque ela sabe quem ele é. Então, por que está paquerando o cara?

Não a entendo.

Nunca entendo Anna.

Tentando não chamar a atenção dele — porque noto que ele levantou o rosto e está olhando para cá — abaixo a cabeça e foco em meu fichário. Começo a fingir que estou escrevendo algo, ou lendo — na verdade estou desenhando uma estrela do mar.

“Posso sentar aqui?”, ouço uma voz masculina, aveludada e rouca próxima a mim. E sem dúvida não é nem um pouquinho sexy, para não dizer o contrário.

Ergo a cabeça e vejo o cara — sobre quem Anna e eu estávamos “discutindo” — pairando em pé na minha frente.

“Como?” Minha voz sai baixa e atônica.

“Eu posso sentar nesta cadeira?”, ele diz apontando para a cadeira ao meu lado, e sorri.

Nossa! Que sorriso! Grande, branco e lindo.

Ele era lindo de longe — sem sombra de dúvida. Alto, branco, cabelos castanho-aloirados, levemente cacheados ou com ondas, tornando-os rebeldes. Uma boca grande. Nossa, que lábios!

Deve ser o terror beijar essa boca, penso, enquanto o analiso.

DEVE SER MESMO, meu diabinho, fala nos meus pensamentos.

CALADO E ME DEIXA TERMINAR DE OLHAR PARA ELE — discuto com ele. Frody revira os olhos e vira as costas para mim.

Eu tenho a mente muito cheia e isso quer dizer que às vezes falo sozinha, mas em pensamento.

Há alguns anos adquiri duas consciências falantes e por mais louco e engraçado que isso seja — se eu contasse para alguém —, elas são as correias que movem minhas decisões.

Ora nós concordamos, ora, não. Costumo pensar que tenho o meu lado bom

— Frydda, meu anjo — e meu lado mal — Frody, meu diabinho —, e que eles têm a aparência do gato da Alice do País da Maravilhas e ficam repousando nos meus ombros, ou às vezes, quando os dois estão de acordo, em um lado só.

E, continuando minha admiração... De perto o cara é de tirar o fôlego. Ele é bem alto, os cabelos perfeitos que combinam com os olhos... e bem, os olhos dele são de um azul-celeste bem claro, e têm uns raios escuros acinzentados, que dá para ver perfeitamente porque suas íris são cristalinas e sob as luzes da sala de aula — fluorescentes — dá para ver isso nitidamente.

Putá merda!

Esse garoto, cara, homem... desconhecido, ele é lindo de morrer.

“Claro. Por que não?”, digo, sem mostrar nenhum interesse.

Quando olho para a tal cadeira, ao meu lado, fico instantaneamente vermelha, de vergonha, parecendo um tomate. Sinto o sangue chegar às minhas bochechas e orelhas. Minha mochila está no assento da carteira e minha pasta, na bandeja, virada no braço da cadeira, impedindo alguém de se sentar. Confesso que era um plano perfeito para ninguém sentar ao meu lado, contudo, decido deixá-lo sentar-se na carteira.

Com um rápido movimento, pego minha mochila e a pasta.

“Desculpe”, falo de cabeça baixa, ajeitando minha mochila no colo e colocando a pasta embaixo do meu fichário.

Ele senta calmamente na cadeira e coloca a mochila no chão, perto dos seus pés.

“Não precisa se desculpar, eu que peço desculpa por roubar o lugar da sua mochila”, fala em um murmuro, como estivesse contando um segredo, mas achando graça. “Às vezes também faço isso.”

“Faz o quê?” Levanto o rosto e o olho fazendo uma cara de que não compreendi o que ele disse.

“Coloco a mochila para”, ele faz aspas no ar, “sentar. Assim impede que alguém sente ao meu lado.” Ele pisca. “Sabe, para ter sossego.”

Olho para ele erguendo as sobrancelhas, cética. “Mochilas não sentam e eu não tive essa intenção.”

“Se não foi, eu peço desculpas”, murmura com um sorrisinho, querendo dizer que sabe que eu menti. “Mas agora eu te contei meu segredo e você pode usá-lo futuramente também. De nada.” Ele pisca e seus lábios se curvam mais ainda.

Ele está tentando me matar? Ele tem o tipo de sorriso de modelo de comercial

de pasta de dente. Perfeito! Estou fascinada por seu sorriso.

“Oi.” Anna mete a mão na minha frente, estendendo-a para o cara do sorriso solto. “Prazer. Sou Anna e essa é Ceci, por sinal. Nós já nos vimos por aí, não é?”, ela fala, e sinto sua frase sair quase como uma cantada.

O cara aceita a mão dela, mas noto que meio que por educação. “Henry”, diz e solta a mão dela rapidamente. Então se vira para mim com um olhar interrogativo. “Ceci?”

“Cecillia.” Corrijo com a voz baixa.

“Ah! Sim”, ele assente, anotando meu nome em algum lugar da sua memória. “Bonito nome, e eu prefiro assim, Cecillia.”

Prefere assim? Não entendi! E o que foi ouvir meu nome na voz dele? Meu coração está pulando dentro do meu peito loucamente.

SE CONTROLE, CECI — Frody.

Solto a respiração calmamente e olho para algum ponto na sala de aula.

“E o seu?”, ele questiona Anna. “É Anastasia ou algo assim?”

Anna ri e faz um movimento com a mão de “deixa para lá”, ignorando-o, e responde:

“Não, mas você não precisa saber.”

Eu sorrio e murmuro: “É Annabelle, mas ela odeia o nome dela.”

Para falar baixo, ele chega mais perto de mim. Na verdade, bem perto da minha boca, porque ele não virou o rosto, apenas se inclinou mais para mim. Sinto seu perfume. Caramba, ele é cheiroso também.

Ai, Deus!

Enfim, ele se afasta, franzindo a testa e inclinando o corpo para a frente, para olhar melhor para Anna, e fala:

“Você tem o nome da boneca daquele filme de terror?”

Relutante, viro o rosto para ela e a vejo sorrindo sem graça, logo antes de dar um soco no meu braço.

“Ai! Porra”, resmungo. “Culpe seus pais, não a mim.” Esfrego o local onde ela me atingiu e faço cara feia.

“Sim, mas foi você que falou meu nome para ele, sua idiota.”

Solto uma risada, por causa do exagero dela e escuto Henry rir também do meu lado.

“Parem, porra, senão eu vou dar um soco em você de novo”, ela diz para mim,

“e em você também.”

Henry e eu nos entreolhamos e sinto uma faísca, antes que eu me vire para a frente, fugindo dos seus lindos olhos azuis acinzentados e focando em Anna.

“Você pode tentar, mas antes nós precisamos treinar o seu *jab*”, diz Henry.

“O meu o quê?”, Anna pergunta, exasperada.

“Eu sou professor de artes marciais: MMA, Muay Thai, Boxe, Caratê, Jiu-Jitsu.

E também sou instrutor de Krav Maga. Defesa pessoal israelense.”

“Nossa!”, eu falo, no mesmo momento em que Anna fala:

“Então é por isso que você é todo fortão e gostoso assim?”

Porra, Anna! Olho para ela de boca aberta, e tento me esconder do vexame, encolhendo os ombros.

“Que foi?”, ela diz olhando para mim. “Até você reparou nisso, não negue.”

Por Deus, eu vou matar essa garota.

Ergo-me na carteira e viro meu corpo todo para ela, sem me importar de ter acabado de dar as costas a alguém, no caso, a Henry.

“Quem vai aprender alguma dessas aulas doidas aí sou eu, apenas para quebrar a sua cara. Cala a merda da sua boca, Annabelle”, digo, muito irritada.

Henry ri atrás de mim, na verdade, ele gargalha, e sua gargalhada contagiante faz com que todos da sala olhem para nós.

“Deve ser isso e também porque eu sou do time de futebol americano da faculdade.” A voz dele atravessa por trás de mim. “Não é, Annabelle?”, ele indaga com sarcasmo, e sinto que estou perdendo alguma coisa.

“Ah...” Anna balbucia um som dengoso. “Você joga no time. Meu namorado, Brad, também joga.”

Claro que ela ia falar do Brad e sinto que ignora totalmente a pergunta capciosa de Henry. Viro-me para ele e o vejo assentindo, com um olhar estranho para cima de Anna.

“Sim, eu sei. Brad, o primeiro *quarterback*.”

“U-hum”, Anna confirma, orgulhosa.

Não sei de quê!

“Hmm...” Henry faz um resmungo, um som de desdém, e fico mais curiosa, olhando para ele. Ele ainda está com uma cara de quem comeu e não gostou. Pelo visto, ele não gosta muito do Brad assim como eu, ou é impressão minha.



Vinte minutos depois, o professor chega na sala e todos — inclusive nós três, mesmo que Henry estivesse muito interessado na conversa de um dos caras do time — param de conversar e começam a prestar atenção na aula.

Durante a aula eu fico inquieta, não consigo me focar nem entender nada. E eu adoro a aula de Zoologia 1, mas hoje parece que eu nem consigo me concentrar direito em escrever meu nome na chamada. A inquietação está dominando todo o meu ser.

Largo a caneta em cima das folhas e desisto de tentar entender alguma coisa do que Caleb está explicando. Minha cabeça está muito cheia e fitando um ponto qualquer, perto do quadro em que o professor escreve. Fico vagando em pensamentos.

Passo cinco minutos sem piscar e meus olhos pedem lubrificação, então pisco e passo os olhos pela sala de aula, pelos alunos mais falantes — para onde Anna às vezes foge —, pelos alunos nerds — sentados na frente —, pelas patricinhas de Beverly Hills e, virando o rosto na direção onde ficam os jogadores, líderes de torcida e bandinhas, que por acaso é o lado onde Henry está.

Fico paralisada.

Petrificada.

Congelada...

Tudo isso e mais um pouco.

Uma estátua viva.

Ele está olhando para mim com uma expressão curiosa e um tanto penetrante. Eu tento desviar, mas, por força maior, não consigo tirar os olhos dele, e para não ficar um clima estranho, curvo meus lábios em um sorriso amarelo para ele, que pisca para mim.

Abro a boca como se fosse falar algo, mas nada sai. Apenas uns sons de gagueira. Não entendo meu estado idiota no momento, até parece que nunca vi olhos azuis como os dele e um sorriso assim.

Bem, eu já tinha visto homens bonitos de perto, porque parece que todos os filhinhos de mamãe fazem faculdade e eles são lindos. E Massachusetts está lotada desses tipos de cara: lindos, ricos, mimados e galãs de filme de universidade.

Não são todos que estudam na Boston University, mas os pubs de Boston recebem caras de todas as universidades, inclusive os nossos vizinhos bonitões da aclamada Cambridge. Harvard é o centro dos homens bonitos, chega a ser

pecaminoso de tanto homem atraente andando pelo *campus*. Inclusive os professores. As mulheres também não deixam a desejar.

Então eu já estou acostumada a ver caras bonitos que nem o Henry quando entro em um pub — raras vezes, porque eu não gosto desse tipo de lugar — e quando caminho pelos corredores da faculdade.

No entanto, o problema é que Henry é avassalador e está me deixando quente. Não entendo mesmo o porquê disso. Não sou esse tipo de menina que fica com fogo por causa de um cara, tipo a Annabelle.

Balançando a cabeça para limpar minha mente dos pensamentos, viro-me para a frente e começo a escrever algumas palavras que o professor está falando, tentando de novo prestar atenção na aula.



A aula termina — mesmo que para mim nem tenha existido — e arrumo rapidamente minhas coisas. Passo a alça da mochila em um dos braços e me levanto...No mesmo instante em que Henry e esbarro nele.

“Ops. Desculpe”, falo envergonhada.

“A culpa foi minha”, diz ele, sorrindo.

“Sem problemas.”

“Foi um prazer te conhecer, Cecillia.”

Ele estende a mão e eu a aperto, sorrindo sem graça.

“Tchau, e a gente se vê por aí.”

Ele se vira e, com passos largos, caminha para fora da sala e eu fico olhando para ele até ele sumir pela porta.

Ainda não estou sabendo lidar com o que deu em mim hoje. Estou sendo ridícula. Normalmente não sou de babar por homens e nem de ficar muda. Sou espontânea e sempre curiosa, mas Henry me deixou sem fala, de verdade.

Virando-me para Anna — que está tagarelando com outro aluno —, eu cutuco de leve seu ombro com o indicador, chamando sua atenção para mim.

“Vamos?”

“Ah! Claro”, Anna fala, despede-se do menino com quem estava conversando, pega a bolsa dela e me puxa pela mão porta afora.

“Para que tanta pressa?”

“Eu preciso fazer uma coisa importante, e agora.”

Começo a rir dela com esse ataque desesperado.

“Para de me puxar assim, Anna, vai deslocar meu braço, sua louca.”

“*Miga, sua loca*, fica tranquila”, Anna cantarola, rindo.

“Tudo bem”, digo, no mesmo tom cantado que ela.

Nós andamos — ou quase corremos — como se o corredor por qual passamos estivesse pegando fogo ou algo parecido. E quando dou por mim, estou no campo de futebol da faculdade, arrastada por Annabelle.

“Você precisa falar com Brad. É isso?”

Ela vira o rosto para mim, brevemente, com as feições sapecas.

“O que foi essa cara?”, questiono.

Ela continua me puxando até nos duas estarmos sentadas nas arquibancadas, na quarta fileira de baixo para cima. Ela passa os olhos pelo campo, procurando alguma coisa.

“Você não vai mesmo me falar o que é de tão importante que você veio fazer aqui?”, falo, e ela olha para mim, mas fica calada. “Porra, Annabelle!”, exclamo, e espero que não tenha sido tão alto quanto pareceu. Só ela consegue me fazer ser tão deselegante e desbocada.

“Vai se foder com esse Annabelle.”

Ergo uma sobrancelha, questionando-a silenciosamente.

“Calma, amiga. Você vai ver”, diz ela, sorrindo.

Assinto e bato o pé, esperando não sei pelo quê.



Já se passaram alguns minutos e nada ainda. Estou ficando puta da vida por estar perdendo meu tempo aqui vendo esses garotos treinando. Odeio futebol americano. Esses homens se digladiando, suando, correndo, gritando que nem uns doidos. Eu nunca vim nesse tempo em que estou aqui a nenhum dos jogos, e isso pode ser considerado antipatriota.

Idiotice.

Anna já me pediu algumas vezes para acompanhá-la — porque ela vem ver o Brad — e torcer pelo time da faculdade, que se chama Lions G., mas nunca vim. Sempre digo que NÃO! Deus que me livre.

De repente, uma mão encosta no meu ombro e eu levo um susto. “Ai!”

“Parece que eu vou ter que te pedir desculpas de novo”, Henry fala, com seu sorriso matador.

E

meu

bom

Deus... Ele está sem camisa. Por que ele está sem camisa porra?!

DEIXA ELE SEM CAMISA — Frydda.

ISSO É DEMAIS, Eu.

CONCORDO — Frody, maliciosamente.

Sacudo a cabeça e me foco em Henry.

Ele é todo malhado, mas não monstruoso e ridículo como alguns caras que eu já vi passando pelos corredores do dormitório com a camisa do time jogada no ombro em vez de estar perfeitamente vestida no corpo.

Henry está com a calça do time, meias, chuteiras... e está lindo. Os cabelos estão bagunçados e levemente molhados de suor. Se ele ficar muito assim por aqui, eu posso rever meus conceitos sobre assistir ao jogo, e vir uma vez ou outra para o jogo, treino e até torcer para o Lions G.

“Que nada, você me pegou de surpresa”, digo acanhada.

Por que ele me deixa tão boba?

Ele assente, concordando.

“O papo está bom, mas vou indo.” Anna se levanta, desce a arquibancada e se vira para nós dois quando chega lá embaixo. “Tenho trabalho de sociologia para fazer.”

“Ei!”, chamo-a. “Espere aí.” Levanto-me para ir com ela.

“Você já vai? Por que não fica e me vê treinando mais um pouco?” Henry fala, segurando meu braço pelo pulso.

Olho para sua mão no meu braço e depois para seu rosto e dou de ombros.

“Tem algum trabalho ou algo importante para fazer agora?” Ele insiste.

“Tem não, ela está livre.” Anna grita.

Olho para ela, fuzilando-a com os olhos. Quero matá-la hoje.

“Fica, amiga.”

Aperto os olhos, mas ela me ignora totalmente e some pelos portões, voltando para dentro do nosso prédio, na universidade.

“Fica.” Henry pede de mansinho. “Depois nós podemos fazer alguma coisa.”

Sinto meus olhos se arregalarem e fito-o, confusa.

“Como?” Juro que não quis soar tão desconfiada.

Ele pisca, desce as quatro etapas da arquibancada, olhando para mim e com um sorriso simpático no rosto. “Você vai ver”, ele fala alto, e pisca, virando-se para correr mais rápido pelo campo e encontrar os outros jogadores.

Oh, glória. Ajuda aqui Jesuzinho.



Eu sinceramente nunca achei que ficaria uma hora e meia assistindo a homens duelando e gritando no gramado da faculdade. Na verdade, em lugar nenhum.

No exato minuto em que ele pediu para eu ficar, eu pensei: *Para quê?* E ainda estou me perguntando: *Por quê?*

Porém, por que não ficar e riscar mais uma curiosidade da minha lista, que é entender o futebol americano? Sem contar que ver Henry treinando não foi sacrifício algum. Não vou negar que adorei ficar aqui vendo-o suar e correr. Foi muito proveitoso.

Confesso que ele me desperta algumas coisas diferentes, mesmo eu que nunca tenha tido qualquer experiência com sexo. Juro que sinto algo no meio das minhas pernas quando ele pisca para mim e volta em passos lentos para o treino, todas as vezes em que passa perto das grades que separa o gramado da pista de corrida.

Minha nossa, ele é tão bonito. Deve ter uns 25 ou 27, vou apostar nos 27 anos. Estou aficionada por seus cabelos enroladinhos como de uma figura de anjo em quadros antigos. E o que mais me chamou a atenção nele foi o sorriso. É sincero. Duvido muito que alguma vez ele tenha sorrido “amarelo”, para alguém.

O treino acaba e dou graças a Deus. Amém!

Vejo-o entrar no vestiário e, dez minutos depois, ele está saindo de lá com a calça jeans e a camiseta azul escura que estava na aula, e a mochila em um dos ombros. Levanto, pegando minhas coisas, desço e ando para onde está Henry, parado nas grades curtas, olhando para mim.

Quero muito matar minha curiosidade de saber para onde ele está pensando em me levar, ou o que vamos fazer após o jogo. Espero não quebrar a cara.

“E aí? Vamos?”, ele diz quando o alcanço.

“Ok”, falo, dando de ombros.

Nós seguimos rumo ao corredor da faculdade e, quando saímos desse corredor, ele me direciona para o estacionamento. Olho assustada para o lugar, insegura.

Certo, eu não acho legal ir entrando no carro de um garoto que eu acabei de conhecer. Paro meus passos um pouco antes de começar a passar pelos carros,

organizados em filas de grupos de doze em doze na grande extensão do estacionamento dos alunos e professores.

Henry sente que não estou mais o acompanhando e se vira para mim, com o cenho franzido. “Qual é o problema?”

“Eu não te conheço”, murmuro, balançando a cabeça.

“O quê?”

“Não vou entrar no carro de alguém que eu não conheço direito.”

Ele sorri de lado e diz, com um ar bem convencido:

“Conhece sim. Sou o Henry, professor de lutas, aluno da sua faculdade e que está fazendo aula de Zoologia na mesma turma que você, de manhã. Porque estou atarefado e como é meu último ano, não posso mais me dar o luxo de me ferrar em matéria nenhuma.”

“Só sei isso.” Dou de ombros. “Não sei mais nada e, para ser mais específica, nem sei mesmo qual faculdade está cursando.”

“Curso Biologia e você?”

“Faço Biotecnologia”, respondo baixo.

“Então você vai ser mais inteligente do que eu”, ele completa, e passa os olhos pensativos por mim, e então finaliza: “Na verdade, eu acho que você *já* é mais inteligente do que eu.”

Eu poderia negar isso, mas não consigo. Sempre fui uma geek na maior parte da minha vida. A grande verdade mesmo é que eu sou uma nerd em tempo integral, essa falsa curiosidade ultrapassa os limites.

Eu quero saber de tudo mesmo. Não apenas das coisas bobas, como por que a minha tesoura não acendeu no meu quarto quando eu era criança ao enfiá-la na tomada, mas também como funciona a fiação elétrica de uma casa e com esse raciocínio, eu quis entender e saber a velocidade das correntes elétricas e da força da luz. Por aí vai...

Então eu me tornei uma nerd. Sou nerd desde criança.

Estudar, para mim, sempre foi um prazer, e meu sonho um dia é ser uma cientista e poder descobrir algo que ninguém ainda tenha descoberto ou pensado. Quem sabe um dia eu seja a pessoa que apresentará a novidade!

Tudo para mim tem um por que e um por causa de, eu sempre estou com afinco nisso de querer descobrir tudo. Eu não paro de pensar naquilo até saber pelo menos oitenta por cento.

Hoje a minha maior curiosidade tem vindo desde a minha adolescência,

quando com dezesseis anos ganhei meu primeiro beijo na boca e não foi um simples beijo. O garoto, John, tinha dezenove anos e foi um dos poucos amigos — na verdade, o único que me restou quando eu fiquei deprimida com a morte dos meus pais — que me restara, mesmo que não tenha durado muito.

John sempre estava comigo e me ajudava com meus ataques de pânico e algumas vezes, de raiva. Chorava, ria e me abraçava, até que um dia ele me disse que gostava de mim. *Gostava muito.*

Nós namoramos por poucos meses porque eu morria de medo de transar e ele disse que era homem e precisava disso. Então tive a ideia de dizer para ele que poderia fazer com outra menina até que eu estivesse pronta. Isso foi um tremendo erro. Ele achou uma loucura da minha parte e, chateado, terminou tudo comigo.

Foi um tempo difícil para mim, ele era meu último amigo e eu, idiota, o perdi com minha boca grande.

Minha madrinha, Monica, fala que se ele gostasse mesmo de mim entenderia e ficaria comigo até eu ter essa coragem ou simplesmente me sentir pronta.

Ela sempre diz que ter uma relação sexual não é uma coisa boba tipo: *Feche os olhos e sinta*. Não, ela diz que se não quiser isso, a transa pode se tornar um pesadelo e o prazer que vem direcionado dos reflexos de dores das partes sexuais do corpo pode ser convertido totalmente — apenas — em dor, e o prazer nem chega perto para nós, mulheres.

Já para os homens... Eles geralmente não sentem dor com porra nenhuma que envolva suas partes reprodutoras. Esses filhos da mãe não nasceram para sofrer, assim eu penso e tenho certeza de que a maioria das mulheres em geral pensa assim também.

Mas há quem diga que os homens, quando amam e têm o coração partido, sofrem mais do que as mulheres.

Eu não posso afirmar isso ou não. Ainda não parti o coração de ninguém — que eu saiba —, e apesar de John ter feito o que fez comigo, eu não senti os reflexos de um abandono amoroso ou coração partido. Então, com total certeza, eu sei que nunca me apaixonei.

Olho para Henry, que está com o olhar pensativo voltado para cima de mim. Abro um sorriso e replico a ele:

“Não posso discordar de você.”

“Sei disso”, fala sorrindo.

Aperto os olhos para ele, entrando na brincadeira.

“Sabe, você é bem convencido”, pronuncio, séria.

“Não acho isso, apenas estou afirmado o que eu falei. Você tem cara de geek.”

Dou uma gargalhada.

“Ninguém nunca me acusou disso, mesmo que eu pense isso o tempo todo.”
Rio baixo, porque acabei de me chamar assim. *Como ele sabe?*

“Talvez porque ninguém nunca reparou de verdade em você.”

Ele está querendo insinuar alguma coisa?

Bem, eu não sei, mas se nossa relação já vai começar com sinceridade, talvez eu deva me afastar. Ele me desperta umas coisas estranhas e se ele ficar querendo bancar o curioso e honesto, nossa futura amizade pode azedar. Balanço a cabeça, clareando meus pensamentos.

“Sabe, eu estou com fome e eu não vou ficar de papo com você à toa.” Viro-me para a saída de pedestres, mas paro quando sinto a mão dele em meu cotovelo.

De novo sinto sua mão em mim.

“Espere”, ele diz.

Quando pendo em me virar, ele já está na minha frente.

“Eu entendo que você não me conheça”, ele entorta a boca e dá de ombros, “mas eu queria que conhecesse.”

Fico paralisada, olhando para ele, e não sei o que pensar.

O QUE EU FAÇO?, pergunto, mas meus anjos não dão sinal.

Mas, tipo, eu não sinto que ele me colocará em perigo nem que ao menos é perigoso. E se eu estiver enganada?

VOCÊ NÃO VAI SABER SE NÃO TENTAR — Frody.

Olho no fundo dos seus olhos e apenas vejo um cara querendo me conhecer e que tem cinquenta por cento de credibilidade da minha confiança a partir de agora.

“Tudo bem.” Sorrio e assinto.

“Tudo bem o quê?”

Dou de ombros, porque eu não sei o que ele tem em mente.

“O que você estava pensando em fazer?”, questiono.

Ele sorri e parece aliviado.

“Eu também estou com fome e ia sugerir que você fosse comer comigo. Eu sei que já passou da hora do almoço, mas nós podemos... sei lá, lancha?”, ele

sugere, parecendo esperançoso, mas ainda com cautela.

“Para mim está ótimo. Onde você está pensando em comer?”

“Eu não sou de comer na rua porque eu prefiro minha comida.”

Meus olhos saltam e Henry fala apressado, corrigindo-se:

“Calma, Cecillia. Eu apenas estou falando o que eu faço. Okay?” Assinto e ele continua: “Que tal então nós comermos na lanchonete que fica perto do meu trabalho? Assim eu como logo e não pego a minha primeira aula da tarde muito atrasado.”

Ele termina de falar seus planos e sinto meus ombros relaxarem.

O ar volta aos meus pulmões e, tipo, ele é lindo e parece ser legal. Ter uma amizade com alguém do seu tipo parece irreal para mim, porém seria bom. Eu não acho que ele vá fazer nada de ruim para mim, mesmo que eu saiba que a maioria dos caras da faculdade querem comer as meninas e fim.

Eu não deveria dar confiança para ele. Mas eu gostei dele. Só não quero começar assim tão rápido e mesmo eu estando na faculdade — e sabendo como é uma vida de universitário: estudo, bebidas, festas e muitas fodas sem sentido, para matar o estresse e a saudade de casa —, ainda não estou pronta. Sinto que essa *onda* não é minha *praia*.

Ainda não entrei nessa *vibe* de libertinagem e por isso ainda não saí com nenhum cara daqui. Se bem que Anna tentou e muito me empurrar para uns amigos dela.

DEVE SER PORQUE VOCÊ NEM TEM OPÇÃO, meu diabinho fala.

ISSO NÃO É A PURA VERDADE, respondo, revirando os olhos.

Henry vê minha reação, lança-me um olhar penetrante e pensativo. Por que ele olha para mim tanto assim? Tipo: *Quem é você?* Ou: *O que eu estou fazendo com você?*

“O que foi?”, indago na defensiva.

“Nada”, ele faz uma careta de despreocupado. “Só estava pensando em uma coisa...”

“No quê?”

“Que você é virgem demais para estar na faculdade.”

COMO É?, Meus anjos e eu nos assustamos.

Sinto meus olhos quase pularem da minha cara, porque dizer que ficaram arregalados seria um eufemismo da minha parte.

“O-o que-que você fa-falou?”, gaguejo vergonhosamente.

Ele encosta as mãos em cada lado dos meus ombros, fazendo-me congelar e calmamente me esclarece seu pensamento:

“Eu quis dizer que você é muito... inexperiente sobre como viver uma vida de universitário.”

“Deve ser porque é meu segundo ano ainda”, sussurro.

“Humm... Está explicado. Você ainda não adquiriu muitas experiências por aqui.”

“Em qual sentido?” Minha voz soa defensiva, mais uma vez.

“No sentido de baladas, curtir a noite, ficar de zoeira, sair adoidado etc.” Ele deixa a frase morrer sem terminar o raciocínio.

“E...?”

“Namorar.” Sugere, hesitante.

“Como você sabe que eu não tenho namorado?”

Ele cruza os braços sobre seu peito e fala arrogantemente:

“Se tivesse, minha cara, sua amiga não deixaria você na quadra comigo e duvido muito de que você ficaria também. Você não faz esse estilo.”

“Talvez”, murmuro zombeteira.

“Que seja, mas pensando na boneca de terror, eu fico pensando... Por que ela não te ajudou a aprender a viver por aqui? Ela é uma veterana!”

Do jeito como ele fala de Anna, parece que a conhece há muito mais tempo do que desde hoje mais cedo. Tem alguma coisa aí que não estou sabendo. Como se conhecesse algo que eu não sei sobre ela.

“Você tem razão, Anna — que é o nome dela” falo, olhando para os seus olhos, “já é veterana e não é culpa dela que eu não tenha aprendido nada ainda.”

Omito, porque ele não precisa saber que Anna me deixa mais sozinha do que o normal. Como é de costume opostos não irem para os mesmos lugares.

“Por quê?”, ele pergunta, bem curioso.

“Porque eu não tenho vontade.” Apenas respondo isso.

“Ué, posso te ajudar a achar essa vontade.”

“Como é?”

“Esse é meu último período.”

“Último?”

Eu juro que tentei parecer não me importar com isso, mas falho e minha voz sai triste. Acho que sentirei falta dele. O que é mais do que patético. Acabei de conhecê-lo.

“É, mas não se preocupe.” Ele pisca. “Eu vou ficar pelas redondezas, moro e trabalho aqui perto, como já disse, e se nós nos tornamos amigos, sou daqueles que não abandona um amigo.”

Minha nossa! Estou admirada. O cara convencido, gostoso e bom de papo é um *amigo* de verdade. Sinto mesmo que ele é do tipo leal e parceiro.

“Então vai ou não comigo?”

Em vez de responder, dou-lhe as costas e começo a caminhar para onde nós estávamos indo antes de parar e ter meu surto de “curiosidade” e “cautela”. Mesmo achando que ele mereça minha confiança, eu não poderia ir entrando no carro de um quase estranho, que no caso de Henry, passou a ser conhecido, e propenso a ser meu novo *amigo*.

“Está indo aonde?” Ele aparece ao meu lado, como uma flecha.

Viro o rosto para ele, no caso, para cima também. Ele é alto para caralho. “Oras, para onde seu carro está estacionado.”

Ele suspira, sorri — *típico* — e coloca a mão no meu ombro, guiando-me até um Audi A4 prata conversível, novo e muito bem-cuidado.

“Estou vendo que você gosta do seu carro”, falo, analisando-o, e ele abre a porta para mim.

Oh! Que fofo bancando o cavalheiro.

“Sim, mas acima de tudo, amo organização e sou muito caprichoso.”

Entorto a cara, fazendo uma careta. Organização não é a minha especialidade.

“Que cara foi essa?”, ele indaga, mantendo a porta aberta.

“Eu sou o seu oposto em relação a isso.”

Ele dá de ombros, chega o rosto perto do meu e fala sério, bem sério:

“Tem problema não. Eu te ajudo nisso também.”

Perco o fôlego e minha boca se abre.

Ele não disse que queria ser meu *amigo*? *Por que fica soltando essas frases com duplo sentido?*

Ele age normalmente, e faz um gesto para eu entrar no carro. Ao sentar-me no banco, ele fecha a porta, dá a volta no carro, entra do lado do motorista, coloca o cinto, liga o carro e, antes de o carro andar, vira o rosto, sorridente, para mim.

“Agora entendi tudo.”

Deixo a cabeça cair para o lado, pensativa. Ele entende minha pergunta silenciosa, pois assente com a cabeça, mas não responde. Volta a olhar para a frente e anda com o carro. Estranho. Fito-o, ainda esperando uma explicação.

“Minha mãe sempre fala que os opostos se atraem.” A voz dele surge quando estamos enfim saindo do estacionamento.

Olho para ele sobressaltada e com o coração agitado. Engulo em seco e respiro fundo. Henry continua com o rosto voltado para a frente e não repara na minha reação, ou prefere ignorá-la. Nossa! Ele é tudo o que se espera de um típico cara de universidade e jogador do time. Porém, tem mais alguma coisa.

Henry é abusado, legal, confiante, convencido, divertido. Não sei qual desses é o adjetivo que eu possa dizer que se encaixa perfeitamente em sua essência. Mas sei que ele é diferente. *Um diferente bom.*



ABRO A PORTA DO SUBWAY PRÓXIMO AO trabalho e deixo Cecillia entrar primeiro. Aqui vêm muitos caras das universidades e da academia. Quando entro atrás dela, três caras da minha academia me reconhecem e falam comigo, e duas meninas da Boston University, da turma da noite, também me cumprimentam.

Reparo que Cecillia levanta as sobrancelhas sutilmente. Acho que ela deve estar pensando alguma coisa sobre eu entrar em um lugar e as pessoas falarem comigo. Sorrio para ela quando nos sentamos no canto mais afastado do hall — onde a galera gosta de ficar — e tamborilo com meus dedos na mesa.

Os lábios dela curvam-se levemente em um sorriso acanhado.

Porra. Não entendo por que eu ainda estou aficionado por essa garota. Sei que não vou conseguir nada dela. Posso ler pelo jeito como ela se mexe e se veste que não é uma qualquer e eu não vou acabar na cama dela no fim desse lanche. Essa definitivamente não vou comer tão fácil, ou, talvez, nunca. Isso soou muito ridículo, mas às vezes eu sou muito cretino e porco nos meus pensamentos e julgamentos. Por isso, não entendo o que eu estou fazendo com ela aqui.

Quando coloquei as três aulas que em estava devendo matéria desde o ano passado, com vários trabalhos atrasados, no turno da manhã — incluindo Zoologia 1 —, foi por emergência. Este é meu último ano e eu não posso mais deixar para depois como fizera ano passado. Eu fui teimoso, achei que era muito bom e que mandava muito bem em Zoologia 1, mas o professor Caleb não concorda. Agora preciso — mesmo — estudar e comparecer à faculdade de manhã e à noite. Trabalhando de tarde e talvez passar os finais de semana fazendo os trabalhos atrasados. Estou ferrado.

Enfim, quando entrei na turma já conhecia boa parte da galera, visto que os treinos do time geralmente são de manhã. Então, as meninas faladeiras com

roupas coladas e mochilas com glitter, e os caras falando alto nos fundos da sala, eu conheço e muito bem. Algumas meia dúzias das líderes de torcida, os caras do time e torcedores fanáticos.

Então, eu não tinha motivo para casar ou arrumar novas amizades, mas quando eu vi essa garota — Cecillia — na zona neutra da sala, não entendi o motivo dela estar ali.

Geralmente em uma faculdade ou escola existem as panelinhas que dividem a turma: No fundo ficam os barulhentos, que não prestam muita atenção nas aulas, e na hora da prova vivem pedindo cola, ou a trazem de casa mesmo. Tirando algumas exceções, como eu, que sento no fundo da turma, mas só tenho notas altas no histórico.

Na frente da sala sempre estão os *cdfs*, *nerds*, *geeks* etc. Os mais estudiosos e espertos da turma, eles às vezes sabem mais do que os professores, no entanto há a exceção. Alex, a loirinha gostosa da minha turma da noite, que não tem notas altas e nem sabe tudo sobre as matérias, mas senta na frente, principalmente na aula do Luke, professor de matemática.

E no meio fica a zona neutra, o meio-termo. Eles não são tão sabidões e nem tão bagunceiros. Eles querem a área parcialmente calma e silenciosa da turma. Porque mesmo os nerds sendo nerds, o motivo de os da zona neutra não sentarem com eles é que normalmente — em quase toda aula — parece haver um comício de diretores de fusões termonucleares da NASA debatendo na frente da turma. Ou seja: os nerds têm por consciência intelectual motivos de sobra para discutir a matéria com afinco. Acho que aprendo mais por causa deles e das perguntas nada exageradas. Eles sempre têm o que falar.

Então, quando eu vi Cecillia na zona neutra, fiquei realmente instigado. Ela anotando tudo do quadro, perguntando e debatendo — não tão exagerada como os nerds — sobre a matéria com Caleb e, para me deixar mais intrigado, sentada com a namorada do babaca do Brad... e assim algo foi despertando dentro de mim.

Quem era ela? Essa foi a primeira coisa que passou na minha cabeça, e em seguida a segunda foi: *Por que uma nerd disfarçada tem que ser tão bonita?*

Ela tem uma beleza natural. Nada de cílios postiços e unhas enormes pintadas de pink. Os olhos são castanhos e na luz do sol ficam com raios dourados. O corpo não é nada mal mesmo. Tem seios parcialmente bons — com certeza ela tem uns 22 anos e eles ainda vão crescer — e a bunda é pequena. Boa de afofar com a mão toda. No resumo, tem corpo de menina ainda e eu com meus pensamentos pecaminosos para cima dela. Mas não consigo evitar.

Os cabelos naturais nem mechas claras têm para ganhar luz. São castanho-cobalto e cheios, brilhantes e longos até a lombar. Confesso que me dá vontade de pegá-los e puxá-los na hora em que ela estiver de quatro na cama e eu mandando ver atrás dela. Gosto de cabelos compridos.

Mas está aí uma freada brusca na minha consciência, em meus anseios. Ela não é esse tipo de garota. Não é uma fácil como Alex, Bianca, Carol e por aí vai.

Harvard pode ser outra instituição de estudo, mas nada me impediu de passar a lista por lá. Boa parte das alunas de lá eu já comi e, por estranho que pareça, elas são mais bonitas, interessantes e menos burras — em todos os sentidos — do que as garotas de Boston University. As de Massachusetts são menos chatas e grudentas. Ponto para elas também.

Já Cecillia não se encaixa em nenhum desses padrões. Ela é diferente da maioria das mulheres e, pelo que eu notei, é amiga de uma das mais mal faladas do horário da manhã de Boston — Annabelle —, que eu já conhecia muito bem dos jogos e da reputação digna dela: é uma ex-putinha do time.

Ela dava para todos — eu nunca a comi, porque nunca fui com a cara dela —, até que fисgou o mais filho da puta, Brad. Os porcos sempre se unem. E eu não sei por que, mas não gosto nem um pouquinho de ver Cecillia com ela. Sei que não é meu problema, só que elas não têm nada a ver, e com certeza Annabelle não soma em nada para Cecillia, ou para qualquer outra pessoa. Isso me levou a perguntar: por que elas são amigas? E ainda estou tentando entender por que ela fingiu não me conhecer hoje mais cedo. Aquela boneca do mal não me desce de forma alguma.

“Você é bem famosinho não é?”, a voz de Cecillia invade minha mente. “Será que cometi um crime em não saber quem você era antes? Henry?”

Sorrio para a tentativa de me provocar.

“Nada disso. Como eu disse, estamos perto do meu trabalho, então é fácil encontrar meus alunos e parceiros por aqui. E ser co-capitão do time da faculdade me faz ser conhecido. Apenas isso”, digo dando de ombros no final.

“Você é capitão do time?”, ela pergunta, realmente surpresa.

Estou acostumado a receber essa pergunta vinda das garotas, mas no ímpeto de querer alimentar meu ego e ser levada para a cama. Só que agora, pela primeira vez, alguém faz essa pergunta genuinamente.

“Sou o vice-capitão, mas o Scott — o atual capitão — está saindo da faculdade e em breve eu serei o capitão. Tipo, no próximo jogo.”

“Mas você também não vai sair quando acabar a faculdade em junho?”

“Sim, mas falta muito e mesmo assim ainda vou poder jogar para a liga de Boston pelo menos mais dois anos, se eu quiser.”

Suas sobrancelhas se erguem em entendimento e fico curioso.

“Você nunca foi em nenhum jogo da liga?”, pergunto, sorrindo.

“Não.”

“Por quê?”

“Não acho legal as gritarias e os caras suando e... e-e meio que se digladiando no campo.” Ela entorta a boca. “É deprimente.”

Dou gargalhada e balanço a cabeça.

“Acho que você é realmente uma nerd. Eles odeiam o time também.”

As bochechas dela ficam vermelhas e ela abaixa o rosto.

“Não odeio o time, apenas não curto.”

“E se eu te chamasse para ver um jogo?”

“Com você jogando?”, pergunta, com os olhos saltados.

“Não.”

“Como assim?” Agora seu rosto fica confuso.

“Eu quero te esclarecer a mecânica das coisas. Talvez se eu te mostrar o lado divertido e bom, você possa gostar.”

Ela pisca para mim e me dou conta do duplo sentido na frase. Engraçado, sempre faço isso e recebo um sorrisinho do tipo: *Claro*. Mas Cecillia olha de esguelha para mim, tentando entender de verdade a frase. *Boa garota. Ponto para você por ser diferente e estar me entretendo* — penso, e jogo meu sorriso para ela.

“Ou não”, ela rebate casualmente.

“Ou não”, devolvo, entrando na brincadeira. “Pelo menos vou ficar perto de você mais um pouco”, digo e automaticamente me arrependo. *Qual é o meu problema?*

Seu sorriso se alarga e talvez eu esteja viajando, mas ela até que gosta de mim e das minhas brincadeiras.

“Quer ser minha amiga pelo menos?”

“Amiga do capitão do time? Quem é sua amiga por aqui?”

Dou risada.

“Não me subestime e eu tenho amigos.”

“Amigos.” Ela faz um biquinho.

Assinto concordando. “Entendi, mas por que não?”

“Por que não o quê?”

“Nós sermos amigos”, completo, murmurando “de verdade, não pode acontecer?”

Cecillia aperta os lábios, pensativa, e vagarosamente eles se curvam em um sorriso largo.

“Está bem”, ela diz, e dá de ombros.

Balanço a cabeça para dizer que sim e mudo de assunto:

“Você vai querer comer o quê? Eu peço para a gente.”

Ela suspira e começa a fazer uma espécie de monólogo sobre os sanduíches e eu caio na risada. Gosto realmente dela, ela me diverte, e no momento preciso de algo para tomar espaço na minha cabeça muito mais do que uma transa sem sentindo que dura apenas horas e tem fim.



TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 2013.

Dois meses depois...

Estaciono o carro em frente à academia onde trabalho e saio dele apressado. Estou atrasado quinze minutos e nem vou ter tempo de guardar a minha bolsa no armário do vestiário dos professores hoje. Que se foda.

“Ei, Henry”, fala Jorge, meu amigo e professor da academia, que está se afastando do bebedouro perto das escadas.

“Fala, cara. Tudo em ordem por aí?”, pergunto, querendo saber se ele tomou conta dos meus alunos enquanto eu corria pelas ruas para chegar aqui.

“Está, claro. Eu que estava no comando”, ele fala, todo convencido.

“Valeu, fico te devendo essa.”

Ele me acompanha nas escadas até a sala do Boxe. “Mais essa, não é?”

Ignoro-o e falo sobre outro assunto: “Como está o...?”

Ele me interrompe.

“Por que você está atrasado hoje?”, ele anda mais rápido para eu ver seu rosto. “De novo.”

Bufo e empurro-o para o lado, passando à sua frente e quase abrindo a porta da sala onde vou dar aula, porém, ele segura a maçaneta não deixando eu abrir a porta.

“Responde, porra.”

“Por quê? Você não manda em mim, caralho”, falo de cara amarrada.

“Que merda, Henry. Você está muito estressado ultimamente. E com ultimamente quero dizer umas três semanas ou mais.”

Paro de lutar com ele e largo a maçaneta. Viro o rosto para longe e falo, não querendo encará-lo:

“Só estou com muita coisa na minha cabeça.”

“U-hum”, ele faz ironicamente. “Ainda está saindo com aquela menina?”

“Que menina?”, pergunto, olhando confuso para ele.

“A moreninha gostosa da turma da manhã que você conheceu tem um mês e pouco.”

“Cecillia?”

Merda. Não era para eu ter falado o nome dela. Só que o problema é que ela é a causa do meu mau humor e do meu atraso. Acabei de vir da aula que fazemos juntos às terças — com a qual já acostumei durante esses dois meses, apesar de sempre chegar atraso no trabalho. Estou extremamente irritado porque ela não enxerga as coisas na frente dela. Como ela pode chamar Annabelle de amiga, se a filha da puta a deixa sozinha toda hora?

Se não fosse por minha presença agora, Cecillia ficaria mais do que o recomendável sozinha por aí. Nesses dois meses de amizade, eu já desmarquei mais encontros com mulheres e abri mão de certas coisas por Cecillia do que já fiz pelo trabalho e pela faculdade, ou até mesmo por minha família. E, principalmente, de um ano para cá, o mundo pareceu desmoronar na minha vida. Minha ex foi para a Inglaterra e minha família está enfrentando uma merda colossal.

Então, a coisa boa de eu estar com a mente ocupada por Cecillia é que não sobra tempo para os problemas da minha família invadirem minha mente — apenas à noite, na hora de dormir. Mas enfim, é por isso que eu nem ligo por estar cuidando dela — do jeito que eu posso — e também porque eu acabei gostando de cuidar de Cecillia. Eu realmente gosto dela e de ficar perto dela.

“Essa mesmo”, Jorge confirma.

“Ela é minha amiga.” Cerro o maxilar, ainda com raiva por ele ter tocado no nome dela.

“E?”

“E o que, porra? Estou atrasado”, reclamo. “Para de me amolar.”

“É que... Qual é o lance com ela então? Vocês estão se conhecendo? E por que você está saindo com uma nerd? Isso não é do seu feitio.”

“Vai se foder para lá.” Dou um empurrão forte em Jorge, que faz com que ele se afaste da porta com força. “Não fala dela assim, e eu saio com quem eu quiser.”

“Calma, cara.” Ele levanta as mãos em defesa. “Ela é nerd, mas é comível. É bem gostosinha.”

“Filho da puta”, falo, dando um passo e prendendo-o na parede. “Nunca mais repita isso sobre ela. Está me entendendo? Não achei nem um pouco divertido. Está me vendo sorrir?”

“Que merda, Henry. Você acabou de dizer que não está saindo com ela. Por que está se doendo porque eu reparei nela? Não estou te entendendo não.”

“Foda-se”, resmungo e o solto.

Respiro fundo, sentindo a adrenalina passar pelo meu corpo. Inferno. Eu também não estou me entendendo. Não estou em pleno juízo para debater sobre isso nem sobre nada. Cecillia está realmente tomando minha mente toda.

“Você quer ela, mas agora vocês estão na zona da amizade, é isso?”, ele diz de brincadeira, mas quando vê que não rio, seu semblante muda para sério. “Que merda, cara. É isso mesmo?”

“Não é bem isso.”

“Então é o quê?”, Jorge questiona.

Faço uma careta, resistindo às suas perguntas. Que merda!

“Ah, Henry. Qual é? Nós somos amigos, você costumava falar tudo para mim.”

“Não é isso não. Okay?! Ela só me preocupa. Antes eu queria mesmo só comer ela e coisa e tal. Agora eu a conheci de verdade e é diferente. Você não sabe nada dela, se soubesse entenderia, e sem contar que ela anda com a Annabelle. Isso me tira dos eixos.”

“Eu sei. Vi as duas na porta da faculdade naquele dia em que você me emprestou o carro e eu fui devolvê-lo a você.” Jorge passa a mão na cabeça, exasperado. “Não saquei ainda qual é a dessa garota com a Cecillia e o foda é que ela não percebe quem é a amiga.”

“Porra, ela acha que a piranha da Annabelle é amiga dela mesmo. Se conheceram porque dividem o dormitório.”

“Que terror dividir o quarto com uma Annabelle”, ele fala rindo.

Dou uma gargalhada. Ele não tem jeito. “Você não presta, Jorge.”

Jorge balança a cabeça e ajeita a camisa do uniforme — igual à minha da academia — que eu amassei quando o encurrelei na parede.

“Vou pegar a sua camisa, seu filho da mãe.”

“Pode pegar a extra no meu armário”, falo, e jogo a chave do armário para ele. “Toma.”

“Obrigado.”

“Okay, agora deixa eu entrar.”

Ele assente e antes de eu entrar e ele ir, Jorge fala:

“Mais tarde nós saímos para beber e tu me fala melhor sobre tudo isso que está te estressando.”

“Não vou sair para beber em plena terça-feira.”

“Não ferra, Henry. Você faz isso na quinta. Por que não na terça?”

“Quinta é uma pré-sexta.”

Jorge dá uma gargalhada e ergue a mão, mostrando-me o dedo do meio. “Vai se foder com seu julgamento. Mais tarde, no pub do Aubry.”

Aubry é um senhor que tem o melhor pub da região, lá é tranquilo e pouco frequentado durante a semana. Então é perfeito para espairecer e conversar. Porém, sempre fica lotado de marmanjos que nem eu e Jorge nos sábados, enchendo a cara e jogando sinuca até o domingo.

“Tá certo”, falo e entro logo na sala. “Vão, porra, seus preguiçosos. Cem polichinelos e depois quinze minutos de corda”, grito para a minha turma.

“Caralho,” um aluno chia, “você está a fim de nos matar hoje?”

“Vocês não”, falo, jogando minha mala esportista da Nike no canto da sala, “mas as gorduras e os músculos de vocês, com certeza. Andem logo. Menos papo.” Bato as mãos, fazendo-os se assustar e se mexer. “Isso é apenas o aquecimento.”

Tenho pena deles hoje. Estresse meu, azar dos meus alunos.



SEXTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 2013.

Estou entrando no *campus*, onde ficam os dormitórios da BU que eu tanto detesto. Agradeço a Deus — e aos meus avôs maternos — por ter tido dinheiro suficiente para comprar uma casa e não precisar ficar aqui quando me matriculei. Moro em Massachusetts há cinco anos, desde que entrei na faculdade, que já era para eu ter terminado, mas levei bomba no início. Cheguei até a trancar duas

vezes e não fiz dois bimestres.

No entanto, saí de casa com dezenove anos e fui morar em um *loft* modesto, porém espaçoso, na Broadway, a uns quinze minutos de carro da casa dos meus pais, que vivem na Quinta Avenida, no Upper East Side, e bem mais perto da cobertura do meu irmão Scott na Avenida Central Parque, obviamente em frente ao parque, no Upper West Side.

Desde quando renunciei à empresa do meu pai — da minha família —, fui trabalhar como professor de lutas na academia que eu frequentava na Broadway. Trabalhar em um escritório nunca foi meu sonho, por isso eu não fiz Ciências Políticas, e sim Biologia. Trabalhar na academia me levou a conhecer várias pessoas e meus pensamentos mudaram.

Quando resolvi enfim cursar minha faculdade com 24 anos, eu estudei durante um ano inteiro e consegui passar na Boston University. Pago minha faculdade com o dinheiro da academia em que trabalho e que é cinquenta por cento minha — outra coisa que o dinheiro dos meus avós me proporcionou além da minha casa na região nobre de Boston —, e agora estou juntando dinheiro para comprar a outra parte.

Minha casa é muito boa. Adoro meu lugar, porque gosto de espaço e limpeza, e mesmo que eu não tivesse meu apartamento, eu não ficaria nos dormitórios. Com certeza ia alugar alguma coisa, mesmo que pequeno. Tudo é mil vezes melhor do que ficar em um dormitório. Detesto de verdade esse lugar.

Mas venho visitar Cecillia quase como que estivesse fazendo um sacrifício às vezes. Não resisto e acabo estando aqui toda semana e, no caso, estou aqui hoje. São dez para as sete da noite de uma bela sexta-feira de outono. O clima está ameno, mas bonito. E se eu tivesse apostado teria ganhado de Jorge quando saí da academia há duas horas e o dispensei quando disse que vinha ver Cecillia, dizendo que ela estaria só. Ele já tinha me alugado na terça mesmo, então resolvi passar sexta aqui com ela.

Cecillia está sentada sozinha no banco de concreto que fica nos murinhos que cercam o estacionamento dos poucos alunos que têm carro, próximo ao prédio de cinco andares do seu dormitório.

Está de calça jeans clara com as botinas de camurça bege e o casaco da *BU* vermelho, maior que ela, pois era meu. Emprestei-o para ela e nunca mais o peguei de volta, e é engraçado o sentimento estranho que eu sinto quando a vejo com meu casaco. Não gosto disso. Não gosto porque eu não quero sentir isso.

Alana — minha ex-namorada — ainda é uma cicatriz para mim. Um lembrete do que certos sentimentos fazem conosco.

Cecillia está com fones de ouvido e batendo com um dos pés no chão, no ritmo da música. Chego mais perto e a escuto:

“You and I... Not even the Gods above... Can separate the two of us...”, ela canta baixinho para si mesma.

A voz dela é muito bonita, juro que ela poderia até ir para um daqueles *reality shows*: The Voice, The X-factor ou sei lá mais qual outro.

“No, nothing can come between... You and I... Oh, you...”

“É mesmo?”, pergunto, tirando o fone dos ouvidos dela e cortando a canção que fala sobre que nada separaria um do outro. É uma música nova de uma banda que está em ascensão. Nova onda.

“Ai, que susto, Henry”, ela diz, colocando a mão no peito e pega os fones da minha mão com a outra. “Quer me matar?”

“De forma alguma.”

Ela dá risada e chega para o lado, dando espaço para eu me sentar.

“E aí, Barbie, como está?”

“Barbie? De novo isso?”

Não respondo a ela, apenas ergo as sobrancelhas. Chamo-a assim porque é injusto uma nerd ser tão linda e atraente e ser apenas minha amiga. Pelo menos é minha alguma coisa.

“O que faz aqui?”, ela me pergunta, virando um pouco o corpo para mim.

“Vim te convidar para sair.”

Seus olhos saltam. “Para onde?”

“Ir assistir a um filme comigo.”

Queria levá-la para uma boate ou até um pub, beber um pouco e mostrar a vida como é vivida por aqui por um bando de universitários malucos, mas ainda tenho limites com Cecillia, então não quero ultrapassá-los, levando-a para outro lugar que não seja o cinema ou a biblioteca, ou a lanchonete perto do meu trabalho. Coisas básicas.

“Tá”, ela diz, assentindo.

“Você vai sair comigo? Tem certeza?”, brinco.

“Vou, e você vai ter que comprar a pipoca.”

“Sem problema”, afirmo, e me levanto. “Vamos?”

“O quê?”, questiona, levantando-se e olhando estranho para mim.

“Que foi agora?”

“Você acha que eu vou assim?”

Faço uma cara séria e digo: “Para mim, você está ótima.”

“Nunca! Nem morta que eu vou sair assim com você.”

Anda para o prédio dela e eu vou atrás.

“O que você quer dizer com isso?”

“Você é bonito demais para andar comigo desleixada como eu estou.”

Estufo o peito e abro a porta para ela passar. “Obrigado pelo elogio, você é muito bonita também, viu?”, dou de ombros.

“Engraçado”, ela resmunga, subindo as escadas apressada, e eu acompanho.

Não entendo porque ela não consegue ver que é bonita e atraente. E o melhor: natural. Cabelos, unhas, roupas, maquiagem — sempre básica — e o jeito como se comporta também é assim.

Chegamos ao andar em que fica seu quarto, o último andar. Cecillia enfia a chave na fechadura, um clique soa e ela gira a maçaneta. Abrindo a porta pela metade, ela gira o corpo rápido para ficar de frente para mim.

“O que você está fazendo?”

“Te acompanhando.”

“Henry, você não vai entrar comigo. Está maluco?”, diz com rosto torcido de indignação.

“Por quê?” Seguro a borda da porta, tentando empurrá-la.

“Para!”, ela reclama, e tira minha mão da porta. “Você vai me esperar aqui fora.”

“Cecillia!”, falo, fitando seus olhos.

“Henry!”, repete com tom de teimosia.

“Está bom.” Aceito e dou um passo pra trás. “Não demore.”

“Sim, claro, senhor.” Ela fecha a porta.

Encosto-me na parede em frente à sua porta e balanço a cabeça, e sei que estou sorrindo. Se ela soubesse que me tem na palma das mãos às vezes, acho que até arrancaria minhas bolas e as pregaria de volta. Não sei o que ela tem, só sei que é como um ímã. Gosto dela e do jeito dela. Gosto do que eu sou por causa dela e como mudei nesse curto espaço de tempo em que convivemos juntos.

Talvez nós vamos ser apenas isso: *amigos*. Mas isso é tão melhor do que sermos inimigos, o que geralmente as mulheres que eu levo para cama se

tornam. *Então, Henry, amigo, vamos manter como está*, penso ainda olhando para porta.



QUARTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 2013

EU JURO QUE EU NÃO POSSO ACREDITAR que eu tirei essa nota em Zoologia 1. Eu sou inteligente, esforçada e faço todos os trabalhos certinhos. Porra. Eu sou uma nerd, não pode ser verdade. Estou me descabelando — literalmente — por ter tirado uma nota baixa assim e ainda por cima tem o trabalho de Bioquímica, que eu esqueci que era para hoje. Onde estou com a cabeça?

“Oi Barbie-nerd.”

“Vai à merda, Henry.”

Ele solta uma gargalhada e senta ao meu lado, no banco de madeira do pátio da faculdade.

“Que estresse é esse?”

“Não estou a fim de você hoje, Henry.”

Escuto um estalo e olho para o lado. Ele acabou de bater no peito, como se eu tivesse acabado de atingi-lo no meio do peito com força. Está olhando para mim de cara amarrada: olhos apertados e a cara fechada.

Não acredito nessa cara dele, e então não resisto. Solto uma risada.

“Isso me magoa, Cecillia. Sou seu amigo e vim aqui só para te visitar.”

Hmm... Falou meu nome e não o apelido que me deu: *Barbie-Nerd*. Isso quer dizer que realmente ficou chateado comigo, o que não acontece muitas vezes. E ele tem razão. Não era para ele estar aqui hoje, pois não tem aula nas quartas de manhã.

“Para de drama. Eu estou precisando pensar aqui”, falo, e desvio o olhar.

Volto para os papéis das provas, que estão no meu colo, como se estivessem apontando para mim. Só que antes que eu percebesse, Henry rouba os papéis de

mim.

“Ah, não.” Juro que hoje vou matá-lo. “Me devolve”, digo, e fico de pé. Estico os braços, tentando pegar os papéis da mão que ele está levantando bem alto, acima da sua cabeça, e eu não consigo mesmo alcançar. Minha mão chega apenas até seu bíceps. Maldito um metro e noventa. “Porra, Henry. Argh!”

Ele coloca a outra mão em mim, afastando-me, e eu congelo. Toda vez que ele coloca a mão em mim eu me sinto quente, mas agora a mão dele está acidentalmente em cima — no meio — dos meus seios. Porra. Eu não consigo respirar direito.

Não consigo respirar. Estou congelada e sem respirar, falar ou até pular para fora do seu toque.

Esqueço os papéis na mão dele e recuo. Henry, sem perceber o que fez, apenas aproveita meu estado frágil e se vira, dando-me as costas para ler o que estava em minhas mãos.

“Putá merda”, exclama e se vira de frente para mim novamente. “Como você conseguiu isso?”

Sua pergunta me faz sair da inércia e reparo em como fracassei. Cansada, na verdade, triste, sento-me – ou me jogo – no banco e deixo meus ombros caírem.

“Ei! Cecillia!”, Henry fala, agachando-se à minha frente e apertando minhas mãos com a mão livre, ainda com as provas na outra. Realmente está preocupado, posso ver em seu rosto. “Por que você não disse que está com problemas?”

“Não achei que estivesse com problemas. Só com muitas coisas pra estudar e acabei que me ferrei em Zoologia 1. E eu nem sei como.”

“Não achava?”, ele pergunta incrédulo e senta ao meu lado. “Como não, Cecillia? Você tirou um C, mesmo sendo um C +, e você só tira A- pra cima.”

Dou de ombros e ele aperta mais um pouco minhas mãos juntas em cima das minhas pernas.

“Isso é um insulto à sua inteligência.”

Era só o que me faltava, ganhar sermão dele. Não estou me sentindo bem com essa nota, já me sinto uma idiota.

“Não preciso de você para saber de disso”, falo, dando as costas para ele e ajeito as coisas na minha mochila que está do meu outro lado.

“Não estou te julgando, apenas estou surpreso.”

“Caramba, eu também”, digo, emburrada.

“Você pode fazer um trabalho pra compensar por esse estrago? E, de qualquer forma, esse é apenas o trabalho inicial do primeiro bimestre do seu segundo ano. Você recupera.”

Viro-me para ele e olho em seus olhos. Isso sempre é um erro, ele é tão bonito e me deixa tão nervosa. Sua beleza ainda me choca. Às vezes fico incomodada por não conseguir apenas olhar como ele olha para mim. *Como amigo*. Eu só consigo disfarçar para ele a minha vontade de beijá-lo, mas por dentro eu ferve e fico enfurecida por querer isso. Fico com raiva porque não posso querer e ter isso dele. Ele é meu amigo, meu amigo de verdade.

Henry se tornou meu melhor amigo, mesmo depois de Anna, pois na maioria das vezes, nesses últimos dois meses e meio, ele é uma melhor companhia para mim do que ela jamais foi. Na realidade, ele é minha companhia mais do que ela e ponto-final.

Ele me leva para onde eu quero — quando pode, é claro —, me faz companhia quando eu fico no dormitório sozinha e não tenho ninguém com quem conversar. E também me ajuda a estudar, o que eu acho o máximo. Um jogador famosinho da faculdade ser um estudioso e quase nerd. É um charme à parte. Teve um dia em que ele me levou para conhecer a aula de balé, que tem na academia em que ele trabalha, onde, além de artes marciais, tem dança e balé. E Henry, além de trabalhar lá, faz o favor para os deuses e malha também.

Fui vê-lo dando aula um dia e acabou que ele me chamou para tentar fazer umas delas. Escolhi Muay Thai e no final saí dela rebocada pelo soco que eu recebi de uma menina que já fazia aulas havia quatro anos. Henry ficou preocupado, levou-me para o dormitório e colocou gelo no meu rosto.

Eu tentei não o cobiçar nem querer vê-lo como o homem gostoso que ele é, mas falhei e falho miseravelmente. Inclusive nos meus sonhos e debaixo do meu edredom. Hoje o que eu mais peço nas minhas orações é que um dia essa vontade acabe. Nós somos bons amigos e, além disso, eu nunca fiz sexo e me sentiria pateta em fazer logo com ele: o rei das noites de Boston, pelos menos das redondezas em que nós moramos.

Respiro fundo e respondo:

“Sim, mas eu estou muito envergonhada com essa nota. Não entendo o que me deu.” Gemo de frustração. “O professor Caleb disse que eu preciso tirar pelo menos um A - na prova teste dessa sexta-feira, e mais o trabalho que ainda temos para entregar, e assim eu recupero as notas boas para passar na matéria dele desse bimestre. Eu não tirei só essa nota baixa.”

“Nossa, Cecillia você deu muito mole.” Entorta a boca. “Hmm...”, faz ele

pensativo.

“Hmm? Hmm... O quê? Eu não quero levar matéria para o próximo período.” Deixo meu corpo cair para a frente, apoio os cotovelos nas pernas e, levando as mãos para os meus cabelos, eu os aperto, desesperada. “Eu nunca levei dependência na minha vida. Sempre passei bonitinho. Não vai ser agora que vou começar a ferrar com tudo.”

Ele coloca a mão nas minhas costas e inclina o corpo para poder ver um pouco meu rosto. Olho de soslaio para ele, que sorri.

“Posso te ajudar, sabia?”, ele diz, baixo.

“Não. Como?”

“Como já estou no último período, já estudei essa mesma matéria e agora eu já estou mais avançado. Então eu sei das coisas...”, ele conclui, mexendo as sobrancelhas.

Eu rio da sua gracinha. Por que tudo que ele fala me parece ter duplo sentido? Ergo-me e viro um pouco meu corpo para Henry, que agora está com seu famoso sorriso convencido.

“Eu tenho Zoologia aplicada amanhã”, ele explica, “e eu posso passar no seu dormitório para estudar com você assim que a aula terminar.”

“Mas você não precisa trabalhar?”

“Amanhã eu pego a tarde no trabalho e, mesmo assim, o Junior pode me cobrir.”

“Você vai confiar seus alunos para o Junior?”

Junior é o segundo professor de MMA que a academia dele tem e se ele não fosse um brincalhão e abusado, eu diria que ele poderia ser um cara perfeito. É muito bonito, educado — pelo menos comigo — e galanteador, porém quase nunca leva alguma coisa a sério. Henry aperta meu nariz, de brincadeira, fazendo-me rir, e fala:

“Ele sabe que se fizer merda com eles, eu lhe dou uma surra e o Jorge vai ficar de olho.”

Eu me desmancho de tanto rir e, indo no embalo, Henry ri também, mas logo fica sério.

“E aí? Vai querer minha ajuda ou não?”

S_{IM} — Frody.

COM CERTEZA ELA QUER — Frydda.

QUIETOS AÍ! Faço-os parar e respondo a Henry:

“Tem certeza? Não vou te atrapalhar?”

“Sim e não.”

Fico parada, olhando para ele e pensando se é uma boa ideia ficar sozinha com ele no meu dormitório, estudando. Não é como se eu nunca tivesse ficado com ele sozinha, afinal já fomos ao cinema muitas vezes. Mas nunca perto de uma cama e se ele está falando que vai me dar aula no seu dia de trabalho, que é depois da aula, isso quer dizer que vamos passar mais ou menos duas ou três horas sozinhos.

Não acho isso uma boa ideia, não. Ultimamente estou ficando que nem a Anna, perdendo o filtro. Minha curiosidade desenvergonhada está em ponto de fogo, levando-me a fazer questões muito elaboradas e algumas também um tanto safadas.

“O que foi?”, ele pergunta, inquieto.

“Estou pensando.”

“Pense em voz alta”, ele diz, mas de repente ele se levanta, estende a mão e fala, sorrindo: “Deixa disso e diga que sim.”

“Não sei não, Henry.”

“Aceita minha ajuda. Tenho certeza de que você vai adorar minhas aulas de Zoologia e vai tirar um A+.”

E eis que surgem suas frases de duplo sentido. *Eu juro que não sei, não. Essa ajuda pode acabar comigo...*

ACEITA E SHIU. ELE É SEU AMIGO... Meus anjos, ou demônios, falam.

Levantando, olho bem para ele, que está sério agora. Okay, certo. Que mal pode existir em ter aulas com ele? Ele não é apenas bom em lutas, de cama — como todas as meninas da faculdade deixam correr essa informação pelos corredores —, legal, um ótimo amigo, mas também muito inteligente.

É CECILLIA. EU ACHO QUE VOCÊ NÃO TEM OUTRA ESCOLHA — Frydda afirma, com sua auréola acesa em cima da cabeça.

ARGH! ESTÁ BEM.

Respiro fundo, o que faz Henry erguer as sobrancelhas.

“Tudo bem”, digo. “Eu topo.”

“Você aceitou?”

“U-hum”, assinto. “Eu estou em um beco sem saída, não tenho outra ajuda a não ser você. Então...”

Ele sorri, feliz. Bate as mãos na frente do corpo e fala, chegando com o rosto perto do meu — *bem perto do meu*.

“Obrigado pela honra e você vai se surpreender com o quanto eu sou bom.”

Engulo em seco.

“Co-como?”

“Bom em Zoologia”, ele completa, sorrindo.

“Ah...”

Odeio minha mente poluída.

Ele estica o corpo, afastando-se, e pisca para mim.

“Não que eu não seja bom em outras coisas.” Ele suspende a sobrancelha direita. “Não é?”

ISSO FOI AQUELAS PERGUNTAS RETORICAS. CERTO?!

ACHO QUE SIM, Frody.

ENTÃO É MELHOR NÃO RESPONDER — Frydda.

U-HUM.

Assinto automaticamente, já me preparando psicologicamente, treinando meu cérebro com as coordenadas de sabedoria. Um: não ligar para as frases com duplo sentido. Dois: *Não pule em cima dele. Não pule em cima dele* — grito dentro da minha cabeça e logo meus anjos, meus *eus*, aparecem.

ESTÁ OUVINDO, CECILIA ROMANOFF. NÃO PULE EM CIMA DELE — Frydda, meu anjo bom, aconselha-me.

PULE EM CIMA DELE. SIM! — Frody, meu anjo mal se mete.

NÃO PULE EM CIMA DELE. NÃO! — Frydda.

Meu Deus! Estou tão ferrada.



QUINTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO

Estou com tanta vontade de dormir, mas a prova já é amanhã. Pior que o cansaço e a falta de sono é ter ficado bem pertinho de Henry dentro de quatro paredes ontem, depois que conversamos no pátio. E daqui a pouco ele está chegando aqui para estudar mais comigo.

Meu Deus! Seu cheiro fica invadindo meu sistema. Sua voz na minha cabeça. Faço todo o meu esforço, tentando prestar atenção nele, mas... Seu rosto, sua voz, seus olhos, seu corpo, tudo muito perto de mim. Eu não aguento mais isso, é demais para mim.

Eu não sei por que aceitei a ajuda dele, mas agora já era. Eu não posso

simplesmente falar para ele se mandar daqui. *Vai para a sua casa e me deixa em paz.* Isso o magoaria e eu perderia sua amizade, sendo ingrata pela ajuda que ele está me dando com tanto empenho e dedicação. Sem contar tudo que ele já fez por mim.

Escuto alguém bater à porta do meu dormitório.

“Quem é?”, grito, sentada na mesa que temos no quarto — *a mesa de estudos, que Anna fala que é minha* — e que está cheia de livros na minha frente.

Espero e nada. Sem resposta.

“Fala quem é?”, pergunto de novo.

“É o Brad.”

O que esse verme está fazendo aqui?

Eu, às vezes, sentia-me culpada por não gostar dele e ele ser o namorado da minha amiga. Mas Brad é um típico cara babaca de universidade dos filmes juvenis. Ele é muito babaca, insuportável e arrogante demais para eu até tentar aturá-lo. Sempre se achando o melhor, o mais sabichão, mais foda do time, e mesmo namorando Anna, eu já o peguei paquerando outras meninas quase que na cara da própria namorada.

Ele não tem respeito por ninguém e eu desconfio que ele sinta minha repulsa por ele. *É claro, não é?* Eu nunca dou bola para ele, não o vanglorio, não acredito nele ao ponto de preferir segurar na mão de um ceguinho e atravessar a linha do metrô, e de achar verdadeira uma nota de três dólares.

Brad é babaca, muito babaca. Ainda não acredito que Anna esteja com ele e desde a presença de Henry, seu comportamento comigo ficou pior. Brad não suporta o Henry. Na verdade, ele tem inveja porque o Henry é o novo capitão do time da BU, tem carro, mora sozinho, pega quantas mulheres quiser e é lindo de morrer. A maioria dos caras tem inveja dele.

Eu sei que o Henry tem vários amigos que fingem gostar dele, e falam mal dele pelas costas, como o Brad, que finge ser fã dele, mas por trás fala um monte de merda e inventa mentiras sobre ele. Porém, alguns caras da faculdade preferem se aliar ao capitão a odiá-lo sem motivo — a não ser por recalque. É claro que há outros que gostam dele de verdade.

Ainda sentada na cadeira, apoio os cotovelos na mesa, repouso o rosto em minhas mãos, como uma das bonecas de louça da minha madrinha, e olho para a porta, sem a mínima vontade de levantar e abrir para Brad. Ele nem tem o porquê estar aqui. Anna está de plantão no trabalho dela. A louca trabalha como ajudante de eventos da faculdade e como nós teremos em breve o Halloween, no

próximo sábado, ela não tem nem mais tempo para ir ao McDonald's — seu lugar favorito no mundo — nem em mais nada. Só vai para as aulas e depois vai organizar a festa com o comitê de eventos da universidade, composto por professores, coordenares e alunos voluntários.

“O que deseja, Brad?”, pergunto ironicamente, segurando o riso.

“Preciso entrar aí, agora.”

“Como é?”

“Abre essa porta, Cecillia. Eu tenho que pegar uma coisa aí dentro.”

“Que coisa?”

Ah, mas eu não vou deixar mesmo que ele entre aqui com essa marra toda.

“Uma coisa que não lhe diz respeito.”

MAS O QUÊ? — Frody reclama com seu espeto de diabinho virado para a porta.

Ele está muito, mas muito enganado se acha que eu vou abrir alguma porta para ele. Rá! Rá! Rá! Faz-me rir, seu verme.

“Espera aí, Brad.” Eu me levanto da mesa, chego até a porta e olho pelo olho mágico.

O engraçadinho está de cara feia, braços cruzados sobre o peito musculoso, o casaco da faculdade — aquele que só os jogadores e as líderes de torcida amam desfilar por aí — e espumando de raiva. Ah, coitadinho. Está de calça jeans, uma camisa preta e o boné — também da universidade — virado para trás. Brad é bonito e seus olhos são incríveis, mas sua arrogância o deixa desprezível.

“Vai demorar muito, nerd?”, ele pergunta, soltando os braços ao lado do corpo e colocando as mãos no batente da porta.

Fico parada olhando para ele e não respondo. Eu até que estou me divertindo com isso de curtir com a cara dele. *Idiota!* Mostro a língua para ele por trás da porta.

“Ce”, ele bate à porta, “ci”, de novo, “llia”, mais uma vez. “Abre essa merda de porta”, grita ele, enquanto bate na porta com o punho fechado, perdendo a paciência. “Que saco, garota.”

Aperto os olhos de raiva. “Eu juro que estava pensando em abrir, mas depois desse seu showzinho, não vou abrir caralho nenhum... e nem dois. Com quem você pensa que está falando?”

“Garota, eu preciso pegar uma parada minha nas coisas da Anna e vai ser rápido. Não dificulta minha vida. Que merda!”

“Brad, foi você que começou. Seu grosso, mal-educado, idiota...”

“Já sei. Desculpa”, fala baixo.

DESCULPA? — Nós questionamos.

Eu não acredito mesmo nisso. Ele nunca pede desculpas.

“Nem vem com essa desculpa. Não cola comigo.”

Ele solta uma respiração alta, parecendo arrependido. “Olha, eu passei dos limites, mas eu preciso entrar aí e você não abre a porta, porra.” Ele se afasta da porta e olha para os lados e diz, calmamente: “Por favor, abra a porta para mim, Ceci.”

CECI?

POR FAVOR? Anjos.

Hum... Sei não. Por favor? Ah, faça-me rir Brad, ele quer me matar de rir hoje, só pode. Esse arrogante metido a besta nunca usou as boas maneiras que todas as crianças aprendem em casa ou na escola. Agora vem dar uma de bom moço, pedindo por favor. Depois de fazer um escândalo no corredor comigo. Eu não posso mesmo crer nisso. É alucinação minha.

“Brad.”

“Sim?”, ele diz, e sinto seu mau humor daqui.

“Você poderia voltar para o modo burro e porco que você é normalmente. É mais civilizado da sua parte.”

Escuto-o resmungar e depois escuto um barulho de um estouro.

“Você está me provocando e vai ter volta.”

“Estou morrendo de medo.” Zombo.

Brad se vira e some pelo corredor. Deixo os ombros caírem.

“Ufa, graças a Deus.”

Eu não consigo acreditar no que ele acabou de fazer. A raiva que já tinha dele cresceu mais ainda. Eu posso ter sido idiota, mas ele nunca veio aqui para nada. Nada mesmo. Quando quer ficar com Anna e fazer as coisas dele, no caso, sexo, ele a leva para a casa da irmandade dele. Brad nunca vem aqui, nem para trazer Anna. Deve ter alguma coisa nessa visita repentina dele. Principalmente se tratando de um garoto com uma fama tão ruim de fazer coisas ruins para os outros. Sinto desprezo por ele.

Viro o corpo e olho para o meu dormitório. Mesa. Cama. Mesa. Cama. Estou indecisa.

Estudar? Dormir?

Mesa? Cama?

Dormir ou estudar?

Cama ou mesa?

ESTUDAR. VOCÊ VAI LEVAR BOMBA! — Frody diz, com óculos de estudo e jaleco de laboratório.

DORME, CECI, VOCÊ ESTÁ CANSADA — Frydda está deitada em uma cama fofa que deve só existir no meu mundo imaginário.

Resmungo: “Argh!” e corro para a mesa.

Não tem jeito. Preciso estudar, não quero ficar com dependência, e se eu pensar bem... daqui a um mês eu estarei de férias e vou poder me acabar de tanto dormir.



Uma hora depois, escuto novamente alguém bater à porta, mas agora são os três toques pausados que conheço muito bem. Levanto da mesa e vou olhar no olho mágico. Suspiro e abro um sorriso instantâneo.

“Boa tarde, Barbie-nerd.”

“Boa tarde, professor pegador”, digo, sorrindo, dando passagem para Henry entrar.

“Ora, ora. Isso não me ofende”, ele diz, orgulhoso, brincando comigo.

Ele caminha para a mesa de estudos, largando sua mochila de lado, em cima de uma das cadeiras — por sinal aquela em que eu estava sentada — e depois se vira para mim.

“Afinal de contas, isso é a mais pura verdade.”

Rindo, chego até ele. Pego sua mochila, coloco-a em cima da mesa e volto a me sentar. Henry faz o mesmo na cadeira ao meu lado. Ele e a mania de achar que a mochila é uma pessoa, colocando-a sentada nas cadeiras, poltronas, bancos de tudo quanto é lugar. Não sei quantas vezes já tive que tirar a mochila do Henry de algum assento para alguém sentar. Mas ele não aprendeu ainda essa regrinha.

“Então?”, indago.

Henry olha para mim, sorri e pega sua mochila. Ele a abre e tira uma pasta de dentro dela e me entrega. Fico confusa, mas a aceito. Abrindo a pasta, vejo folhas impressas com seu nome no cabeçalho. Começo a lê-las e vejo que são provas e testes.

“Por que me deu isso?”

“Isso”, diz sarcasticamente, “são minhas provas e testes do segundo e do

terceiro períodos de biologia, mais especificamente, de Zoologia 1.”

Olho para ele mais confusa. “Para que trouxe isso?”

“Oh, Cecillia, você é um gênio, não me faça passar vergonha. *Por que eu as trouxe?!*” Imita minha voz, ou tenta imitar. “Porra, para você as estudar. As provas da faculdade não são muito diferentes. Então as matérias das provas são parcialmente as mesmas. Eu sempre pensei isso e tive mais certeza quando vi sua prova na quarta.”

“Hmm.” Assinto, pensativa, para ele. “É mesmo?”

“É. Tipo, nós estamos estudando a mesma aula, mas estamos em fases diferente na Zoologia. Eu estou no final e você, no início.”

“Eu sei disso”, falo com um sorriso meigo para ele.

Volto os olhos para as provas dele em minhas mãos, e fico impressionada. Eu sei que ele é inteligente e muito esforçado, mas suas notas são comparáveis às minhas, e isso é algo incrível. Henry não tem cara de nerd nem de ter como sua menor nota um *B+*.

Eu não consigo deixar de pensar o quanto mais ele me deixará de boca aberta. Amigão, educado, estudioso, galante, sedutor, organizado, caprichoso e o DNA de beleza — que não é culpa dele. Tenho vontade de correr. Fugir do efeito que Henry causa em mim. Todo dia coloco na bosta da minha cabeça para não fazer merda com nossa amizade. Mas está difícil e nem sei mais quanto eu vou conseguir. Só penso que se um dia eu achar um cara legal, esse desejo por ele sumirá e aí podemos viver felizes para sempre.

“Suas notas são admiráveis, Henry.”

Ele assente e sorri, sem graça. “Obrigado, Cecillia.”

Eu rio dele. O detalhe maior da característica de Henry: humildade.



“Agora chega, cecillia” Henry diz, levantando-se da cadeira e puxando o caderno das minhas mãos.

“O quê?”, eu pergunto, ainda segurando o caderno.

“Chega de estudar.” Ele consegue tirar o caderno de mim, segura meus ombros e me puxa para ficar de pé na sua frente. “Vamos comer alguma coisa e depois, dormir.”

“Dormir?”

Ele ri. “Você vai descansar e eu vou trabalhar.”

“Mas...”

“Mas nada. Você vai tirar uma nota muito boa amanhã e nós dois podemos comemorar um pouco. Certo?”

“Sei lá.” Dou de ombros.

“Sim. Vamos sair pra beber, dançar, o que você quiser.”

Ele pega sua mochila, quando já colocou todas as suas coisas dentro, segura minha mão e me puxa para a porta.

“Ei! Você acha que eu vou sair assim?”

Ele se vira para mim, me olha dos pés à cabeça, sorri de lado. Estou vestindo uma calça de moletom cinza com uma blusinha branca de algodão bem fina — fina o suficiente para todo mundo perceber meu sutiã pink — com um casaco preto largo de capuz.

“Pra mim, você está perfeita.”

Faço cara feia pra ele. “Não vou sair com essa roupa nem morta.” Empurro-o porta afora. “Fica aí esperando enquanto eu troco de roupa.”

“Por que eu sempre tenho que ficar do lado de fora?”, ele fala, fazendo força comigo para entrar de volta no meu dormitório.

“Oras, por quê?! Aqui é um quarto e eu não vou trocar de roupa na sua frente. Nunca. Já conversamos sobre isso.”

Não que eu ache que ele vá me agarrar ou algo assim. Mas porque eu teria uma convulsão em ficar de calcinha e sutiã na frente dele, fora a vergonha. Tenho o corpo magro: pernas longas e magras, assim como os braços, sem barriga, sem muita bunda e sem muito peito. *Tá*. Eu tenho bunda e peito, porem são pequenos, e pelo que eu percebi das meninas que falam que ficaram com o Henry — e até mesmo as que eu já vi receberem um olhar de interesse dele —, vi que ele adora volume nessas duas áreas.

Fecho a porta, escutando seu protesto, mas não ligo. Tiro o moletom e coloco uma calça jeans skinny, pego um casaco jeans preto, que eu amo apenas pelo fato de ele ter zíper na frente em vez de botões. Calço minha bota de couro preta e pego minha carteira e o celular.

Merda. Só tenho cinquenta pratas e meus padrinhos só me darão dinheiro na segunda-feira. O plano para eu não morrer de fome até lá é comer bem a refeição da faculdade e guardar essa grana até segunda. Mas não posso recusar um pedido do Henry.

Abro a porta e o vejo encostado na parede em frente. Braços cruzados na frente do corpo, pés cruzados também e, de quebra, de óculos escuros.

“Folgado!”, digo, sorrindo para ele.

Ele se solta da parede, vira o corpo de lado para o meu. “Gostava mais daquela roupa”, ele fala, e seus olhos me conferem de cima a baixo.

“Problema seu, né. Eu não ia nunca sair daquele jeito”, *principalmente do seu lado, assim todo lindo e arrumadinho*, completo mentalmente.

Ele está de calça jeans clara e um suéter preto de algodão que faz seus braços ficarem um terror para os sonhos das garotas. Eu estava com vontade de ser abraçada por eles.

PARA COM ISSO, CECILLIA — grita Frydda.

SE EU FOSSE VOCÊ AGARRAVA — Claro que Frody tinha que ser do contra.

CALA A BOCA, VOCÊS DOIS! Berro dentro da minha cabeça.

Meus dois lados estão constantemente duelando nessa guerra. *Inferno*.

Calada, sigo em frente com Henry para fora do prédio dos dormitórios.

“Entre, senhorita”, ele ordena, fazendo uma reverência para eu entrar no seu carro.

“Obrigada, senhor.”

Ele sorri e fecha a porta, dá a volta no carro e entra do lado do motorista.

Seguimos o caminho para as ruas e Henry puxa um assunto.

“Então, você já conheceu alguém da irmandade rival à sua? Aquelas patricinhas da Alfa.”

Assunto inusitado. Enfim...

“Já sim, conheço a Alisson e ela é super legal, mas meio que nós nos falamos às escondidas. Acho que a Delta não ia ficar feliz se soubesse que nos falamos, mesmo que eu nem ligue para essa coisa de irmandade, só estou em uma por que Anna me colocou.”

Ele me olha de soslaio, dirigindo. “Tenho certeza que sim.” Volta a prestar atenção no caminho.

Realmente não entendi a pergunta e a forma como perguntou, tão friamente.

Passamos por dois semáforos mudos.

“Você sabe que o Brad é da Alfa, certo?”, ele murmura.

“Sei.” Olho para ele. “Anna namorar ele é como se fosse Romeu e Julieta”, falo, achando graça.

“Eu acho eles dois uns babacas. Com todo respeito, a Annabelle é uma garota nojenta. Você sabe o que eu penso dela e ela faz um par ideal para o esnobe do

Brad. Casal perfeito”, ele fala, com sarcasmo.

AH, SE VOCÊ SOUBESSE QUE ELE GRITOU COM ELA HOJE — Lá vem meu anjo mau infernizar.

EU ACHO QUE VOCÊ TINHA QUE CONTAR PRA ELE — Frydda.

NÃO CHAMEI VOCÊS AQUI!

Estou ficando maluca, só pode. Eu conversando comigo mesma, ou melhor, com meus anjos. Por Deus, Cecillia. Isso está fora de controle.

QUAL É O PROBLEMA? NÓS SOMOS BONZINHOS — Frody.

“Cecillia... Cecillia, está prestando atenção?”

“Ah, desculpe.” Viro-me para Henry. “O que foi?”

Ele está com o corpo inclinado para baixo, olhando para mim pela janela do carro, do lado de fora. Como ele foi parar aí?

“Chegamos, saia do carro.” Ele ri e estende a mão para mim.

“Ah, tá”, balbucio e saio do carro.

Sigo o caminho, como ele para...

Não! Puta merda, aqui não.

É caro demais. Freio meus passos e começo a fazer um nó na ponta do meu casaco com meus nervos agitados.

“Qual o problema?”, ele me pergunta, com a mão na porta do *Che Sapore*.

“Nada, não.” Abaixo a cabeça e entro com ele.

O *Che Sapore* é um dos restaurantes mais sofisticados próximo da faculdade. É lindo, chique e os pratos são um pouco caros. Henry gosta daqui. Como eu sei? Ele sempre diz que aqui é um dos únicos lugares em que ele come fora, é a terceira vez que estou vindo com ele aqui. Mas nas outras vezes eu estava com dinheiro e dividi a conta. Hoje eu não tenho dinheiro e estou morrendo por dentro.

Merda, Henry!

“Olá, Henry Frinsheens. Quanto tempo”, diz a garçonete, cujo nome eu esqueci. “Vi seu irmão com a esposa em Nova York nesse fim de semana, que estive lá.”

Ela é bem simpática, deve ter uns trinta e poucos anos, mais alta do que eu, corpo esbelto — mas não muito magro —, cabelos ondulados castanhos, olhos verdes e pele bronzeada. Ela é bem bonita. Mas não recordo o nome dela de jeito nenhum.

“Ele estava onde?”, Henry pergunta, animado.

“Estava passeando no Central Park com Linda. Seu sobrinho não deve passar do mês que vem. A barriga dela está explodindo...” Ela ri e ele também. “Scott disse que seu pai vai vir semana que vem aqui.”

“Eu sei, ele vai vir junto com Mandy, ela quer se matricular na faculdade, aqui.” Henry fala sem entusiasmo, o que me surpreende. Ele adora a família.

“Que bom! Mandy merece isso. Ela vai ficar na sua casa?”

Henry é louco por suas duas irmãs: Mandy é mais nova dez ou onze anos que ele, e a outra, Rebecca, é dezessete anos mais nova. Ele diz que a caçula veio para dar tranquilidade e novos ares à casa dele. Scott tem trinta e três.

“Claro que sim. Não a quero metida nos dormitórios da faculdade.” Ele me joga um olhar acusatório. “Já me basta ter que aquecer aquele lugar por causa dessa aqui.” Aponta pra mim com o queixo.

Eu rio e falo sorrindo: “Você vai porque quer.”

Ele faz cara feia e me ignora.

“Como está, Cecillia?” A mulher direciona a pergunta para mim.

Porra, e agora? Ela lembra meu nome. Ela lembra meu nome? É apenas a terceira vez que venho aqui e faz quase um mês da última vez. Ela deve ter uma memória boa mesmo. HD de última geração.

“Vou bem, e você?”

“Tirando que meu filho está mais levado que o normal, tudo ótimo.” Ela sorri com simpatia. “Vão querer comer o quê?”

Ah! Merda. *Chão, me engole, por favor!*

Pego o cardápio e leio as opções. Fico namorando-as e acabo descartando quase todas. Nossa, vou pedir água.

Abaixo o cardápio e dou de cara com um Henry curioso e ansioso.

“E?”, ele indaga.

“Hã?”, devolvo.

“Você passou quatro minutos olhando o cardápio e não escolheu nada?”

Abro a boca e desvio os olhos dos dele. “Eu escolhi...” olho para a garçonete, “a salada ceasar com frango grelhado.”

Acho que é a opção menos cara.

“Certo”, ela diz e olha para Henry “e você?”

Ele sorri, olha para mim, e depois volta a olhar para a garçonete. “Vou querer o prato da casa completo, para três pessoas, e esquece o pedido da Cecillia.”

“Não, Henry. Está fazendo o quê?”

“Nada. Eu quero comer bem, estou com fome e para que pedir isso aí que você pediu, se o que vem no prato da casa inclui salada e frango.”

“Pode ser carne também”, a garçonete emenda.

“Não, Ellen”, ele vira o rosto para ela, “eu quero frango.” Entrega os dois cardápios a ela.

Ellen. Isso mesmo. Ellen é o nome dela. Vou tentar gravar desta vez.

A_{TÉ PARECE} — Frody.

V_{AI A MERDA.}

Ellen nos deixa a sós e Henry pega o celular para atender alguém.

“Fala, babaca”, ele saúda a pessoa. “U-hum... Vou pensar... Sexta... Claro que não... Vai procurar um emprego...” Ele solta uma gargalhada, que me faz rir e pisca para mim, e aí eu desvio os olhos. “Tudo bem, seu babacão...”

Quando ele acaba, volto a olhar para ele. Não é educado ficar olhando para alguém que está falando ao telefone. Parece que queremos saber da conversa e, mesmo que eu estivesse interessada em o ver falando ao telefone, eu fui educada, porque isso é feio.

“Desculpe atender o telefone, era importante.”

“Com certeza. Pela quantidade de carinho que trocou com a pessoa”, retruco, baixinho.

Ele dá uma gargalhada. “Ele bem que merece coisa pior.” Levanta os ombros. “Era o Jorge, enfim... Sexta depois da prova podemos festejar sua nota, certo?”

Olho séria para ele. “Nem fiz a prova ainda e você já quer festejar?”

“Não preciso ver ou esperar até amanhã. Eu sei que você vai se sair muito bem, está estudando que nem uma doida desde ontem, já estudou hoje e tem a parte da noite de hoje toda ainda para estudar. Então, quando chegar amanhã, não tenho dúvida de que vai se sair muito bem.”

Abro um grande sorriso para ele. “Muito obrigada mesmo pelo voto de confiança e acho que eu vou me sair bem sim. Eu estou com tudo na ponta da língua, acho que antes me distraí com alguma coisa.”

A_{LGUMA COISA.} R_{Á!} R_{Á!} R_{Á!} Frydda e Frody debocham. — U_{MA COISA DE OLHOS CRISTALINOS E SORRISO LARGO.}
A_{LTO, CHEIROSO E SEU AMIGUINHO.}

P_{ARA,} peço, sentindo as orelhas queimarem. Talvez seja verdade.

“Você vai sim. Confio em você e, da próxima vez, me procure antes.”

ÓTIMA IDEIA. FICAR PERTO DA DISTRAÇÃO RESOLVE TUDO.

ARGH! PAREM.

Uns minutos depois, Ellen chega com nossa comida. *Putá merda.* É coisa demais. Fico olhando petrificada enquanto ela coloca na mesa os potinhos com legumes, arroz ao molho branco, purê de batata e o frango grelhado com molho de alho. Ela também trouxe dois copos com gelo e uma garrafa de um litro e meio de Coca-Cola light.

Henry não perde tempo e começa a se servir. Coloca a comida no seu prato, a bebida no copo e com o garfo praticamente na boca, ele levanta os olhos para mim. Confusão marcada em sua face.

“Não vai comer não?”

“Vou”, balbucio.

“Então coloca a comida no seu prato, Cecillia. Eu não vou te servir, isso é para nós dois. Vai, coma.”

“Eu sei, Henry.”

Ele levanta as sobrancelhas, interrogativo.

“Okay. Já entendi”, digo e ele assente, enfiando o garfo na boca.

NÃO ESTOU TE ENTENDENDO, GAROTA. VOCÊ ESTÁ MORTA DE FOME E FAZENDO GRAÇA. COME, PORRA — Frody.

Respiro fundo e coloco a comida no meu prato. Não exagero nas porções e ponho um pouco de Coca-Cola para mim. Pego um pouco de comida no garfo e enfio na boca.

“Hmm...” cantarolo satisfeita. E não sei se é a fome ou a comida está magnífica.

“Eu sei, a comida daqui é um espetáculo.”

“U-hum”, afirmo com a boca cheia.

Henry sorri e continuamos a comer em paz.



Acabamos de comer, Henry repetiu duas vezes — ele não enche o prato, prefere repetir com educação —, e eu fiquei apenas na primeira rodada. Depois disso, ele pede um pedaço de torta de chocolate e eu, de limão. E aconteceu o que sempre acontece. Eu provo a dele e ele, a minha. Eu amo torta de limão, mas a de chocolate é um sonho. Isso acontece até com nossos milk-shakes. Ele sempre pede de Ovomaltine e eu, de morango.

“Uau. Minha barriga está estourando”, murmuro e rio.

“Também estou satisfeito e olha essa comida ainda na mesa”, diz ele, olhando

para a mesa do lado em que as porções ainda estão separadas e razoavelmente cheias. “Acho que vou pedir para levar.”

“Você que sabe.” Dou de ombros.

“Claro que sim. Vou comer de noite talvez, ou você quer levar?”, ele pergunta, olhando para mim, atento.

Sinto meus olhos se arregalarem. “Oh, não. Você leva. Nã-não... Não quero, não.”

Caramba, como é que eu vou explicar para ele que eu não tenho dinheiro para inteirar e que se ele levar a porção maior, ele “meio” que tem que pagar mais. Puta merda mil vezes. Que horror. Nunca mais vou fazer isso.

Ele sorri de lado, quando volto a olhar pra ele, diz:

“Vou ao banheiro e se a Ellen vier, fala pra embrulhar a comida pra viagem.”

“Tudo bem.” Assinto e ele se levanta.

Fico sozinha com as comidas e parece que todos estão olhando para mim. Paranoica, grau de internação agora. Apoio os cotovelos na mesa e coloco a cabeça entre as mãos. “E agora, Cecillia?”, sussurro para mim.

“Está tudo bem com você?”

Levanto o rosto e vejo Ellen ao lado da minha mesa.

“Sim, hã... Henry pediu para você pedir pra embrulhar o que sobrou.”

“Sim, claro. Tem bastante comida aqui ainda.” Ela sorri e começa a colocar os potes com as comidas na bandeja.

Ellen sai e eu fico olhando para o restaurante, assim não encaro a comida e não tenho pensamentos idiotas. Lugar caro dos infernos de delicioso. Meus olhos vão para o corredor dos toaletes e nada de Henry, mas quando olho para a direção do extenso bar com banquetas de madeiras presos no chão e as taças brilhantes, assim como as garrafas, arrumadas nas prateleiras atrás do balcão, vejo Henry falando com um homem de terno e pegando da mão dele alguma coisa. Acho que era um papel ou cartão.

Henry se vira, me vê e, sorrindo, volta para a nossa mesa.

“Demorei? Estou pior que mulher”, brinca.

“Mais ou menos.” Vejo-o sentar-se e, desconfiada, pergunto: “Quem era aquele homem?” Indico o homem com um olhar rápido para o bar e volto para Henry.

“É o cozinheiro chefe. Ele está de saída e fui agradecer pela comida. Hoje ele se superou. Dimitri cozinha formidavelmente.”

“U-hum. Vocês se conhecem?”

Ele assente.

“Hum... E o que ele te deu?”

Henry me olha, audaz. “Era um cartão dele. Por que tantas perguntas?”

“Por nada”, minha voz sai fina demais. Pega na mentira, mas ele prefere ignorar.

“Se ele fosse uma mulher eu diria que você está com ciúme, mas como não é, eu vou descartar essa ideia.”

“Idiota.” Faço uma careta e ele sorri.

“Aqui, crianças”, diz Ellen entregando uma sacola com os embrulhos de papel dentro, “e é por conta da casa.”

“O quê?”, indago alto demais, espantada demais — surpresa é um eufemismo aqui. “Essa comida toda de graça?”

“Sim, querida”, Ellen responde e rapidamente troca um olhar com Henry. “Nós já íamos trocar de prato, pela hora. Estamos quase fazendo a janta, então é um agrado dá-la para vocês em vez de jogar fora.”

“Bem, obrigado.” Henry levanta. “Aposto que também foi porque eu enchi a bola do Dimitri. Certo?” Ele coloca a mão no ombro da mulher e ela sorri, e depois olha para mim.

“Com certeza. Dimitri adora que o bajulem”, Ellen afirma, sorridente.

“Isso é verdade.” Sinto sinceridade agora, antes, uma dúvida. Henry sorri, de verdade, e tira sua carteira do bolso de trás da calça jeans. “Toma, isso são seus dez por cento.” Ele passa pra ela uma nota de vinte.

“Que é isso, Frinsheens. Você sabe que não precisa.”

“Precisa sim, aceite.” Ele fecha a mão sobre a dela e olha para mim. “Vamos agora?”

Levanto-me, um pouco aturdida, e olho para a garçonete sem saber o que fazer. Sorrio sem graça. “Muito obrigada pelo atendimento, Ellen.”

“Foi um prazer, Cecillia.”

Dando as costas para ela, seguimos para fora do restaurante. Minha cabeça ainda está processando o que acabou de acontecer e eu ainda não acredito. *Eu comi aquilo tudo de graça só porque Henry é um galanteador de primeira?*

Andamos até o carro e ele abre a porta e entra, apoiando as comidas no banco do carona, do outro lado. Liga o carro abaixa os vidros e inclina o corpo para o

lado, abrindo a porta do carona para mim.

“Está esperando o quê?”

“Você não vai trabalhar?”, devolvo.

“Sim, mas primeiro vou te levar.”

“Ah! Okay.” Pego a sacola, sento onde elas estavam e as coloco no meu colo, fecho a porta e Henry anda com o carro.

“Achei que ia direto, seu trabalho é logo ali.” Literalmente *ali*, estamos passando em frente à academia.

“Eu não ia deixar você voltar andando ou pagar uma condução à toa. Ainda está na minha hora, fique tranquila. Você pensa demais.”

Reviro os olhos. “Que seja, e obrigada.”

Alguns minutos, algumas ruas e alguns semáforos depois, nós chegamos ao campus da faculdade. Ele para o carro na frente do prédio do meu dormitório e eu saio.

“Tch ” Quase me despeço, mas ele atente o telefone.

“Alô?”

Vejo-o fechando a porta do carro. Estranho. Não ouvi o telefone dele tocar.

“Sim, estou indo, por quê? Jura? Que merda. Espera aí”, ele diz preocupado.

“O que foi?”

“Um acidente, melhor, incidente na academia. Desculpe, tenho que ir.”

“Tudo bem, Henry.”

Ele passa sai apressado, cantando pneu.

“Tchau, né.” Aceno para o carro a uns três metros de distância já.

Sigo o caminho para as portas do prédio e... caramba. *NÃO*.

Ele esqueceu os embrulhos comigo. Ele queria comer isso no jantar. Bufo e subo para o meu andar. Coloco a sacola na mesa, com meus livros no canto ainda e pego o celular. Envio uma mensagem para ele.

Cecillia - Massachusetts/ Boston 15:08

🙄 Henry, você esqueceu as comidas.

Henry - Massachusetts/ Boston 15:12

Ah, não esquite. Eu como em casa.

Fiz comida ontem mesmo. 😏

Cecillia - Massachusetts/ Boston 15:12

Não. ☹️ Vem buscar ou eu vou levar.

Henry - Massachusetts/ Boston 15:13

Não começa. Se não quiser comer,
dá para a Annabelle. 😊

Sua resposta provocadora me irrita. Eu sei que ele nunca diria isso de verdade. Ele já disse que trancaria Anna em um quarto com duas vasilhas de cachorro. “*Água e ração está de bom tamanho para uma cadela como Annabelle.*” Foram as palavras dele.

“Irritante.” Resmungo. Nem vou me dar ao trabalho de responder a ele de novo.

DEIXA DISSO E COMEMORE. HOJE VOCÊ NÃO VAI FICAR COM FOME À NOITE —Frody.

CONCORDO COM ELE, CECI. FICA DE BOA, GATA —Frydda faz carinha de anjo.

“Ai, que inferno!” Resmungo alto. “CALA A BOCA.” Berro e acabo rindo. “Estou enlouquecendo.”

Eu me jogo na cama, enterro a cabeça nos travesseiros e fecho os olhos. Acho que preciso dormir, não estou me aguentando mais. Respiro fundo e deixo meu cansaço me dominar. Sei que está cedo, mas estou precisando dormir. Estou desde as seis horas da manhã estudando. Amanhã é outro dia. O dia da prova e mais Henry, mais anjos, mais letras, mais matérias e mais tudo.

Chega! Por algumas horas. Chega!



SEXTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2013

“CECILLIA, ACOOORDA!”, ANNABELLE BERRA. “LEVANTA.”
ELA ME sacode. “Sua prova é daqui a trinta minutos. Vai chegar atrasada.”

“Porra.” Pulo da cama desesperada, tirando meu pijama do Bob Esponja e visto um macacão jeans de alças, pego minha mochila e corro para a porta.

“Cecilliaaaa!”, Anna grita, de novo.

“Que?”, exclamo de volta.

“Cadê a blusa? Estou vendo teus peitos, retardada.”

“Ai senhor. Esqueci de pôr a blusa”, reclamo e bato na minha testa.

Abro as fivelas das alças do macacão, pego um sutiã e uma blusa de manga comprida no armário. Coloco-a, fecho o inferno do macacão novamente e pego minha mochila.

“Tchau, Anna”, despeço-me dela, correndo porta afora.

No caminho para o *campus* da faculdade, passo as mãos no rosto, para tentar diminuir as marcas de travesseiro da minha cara, coloco uma bala na boca e tiro com os dedos um pouco a secreção dos olhos. Odeio essas merdas de remelas e mais ainda quando elas ficam brancas e deixam os olhos pesados, parecendo que tem teia de aranha neles. Amarro meus cabelos castanhos em um coque improvisado e ridículo, e olho para baixo, checando o resultado.

“Não acredito!”, penso em voz alta.

Eu estou com as pantufas de ficar em casa do Urso Panda, que, por sinal, foi Henry quem me deu mês passado, porque assistimos ao filme no meu dormitório com meu notebook depois que Anna saiu. Ele só ficou para ver o filme comigo, pois eu estava sozinha, como sempre. Ele sempre diz que não gosta de me ver tão só, quando eu tenho colegas e até mesmo uma colega de quarto, mesmo que

ele não ache legal eu sair com Annabelle, mas eu sempre explico a ele que sou acostumada a ser solitária mesmo.

Depois que meus pais morreram e eu perdi meu chão e os “amigos” que achava que tinha, aprendi a gostar do silêncio, da solidão e mais de mim mesma. Porque quando se passa muito tempo sozinha, você se apega a você mesma — *até demais às vezes* —, também fiquei viciada em gibis e livros. Eu precisava ocupar meus segundos, minutos e minhas horas com alguma coisa, e escolhi ler.

“Que saco”, falo, olhando para os meus pés, “vou ter que voltar e trocar de sapato”, reclamo para mim mesma.

NÃO PRECISA. VOCÊ ESTÁ LINDA — Frody.

EU JURO QUE QUERIA PODER TE BATER.

Eu não sei quando peguei ou comecei essa loucura de falar comigo mesma. Essa coisa de falar comigo é doideira, mas diversas vezes isso me ajuda muito nas decisões que eu devo tomar. Pensar por “três”, por assim dizer, é bom.

Ontem à noite, por exemplo, quando peguei minhas anotações da matéria — que vai cair na prova hoje —, que fiz com Henry, tive um debate interno se eu deveria ou não estudar mais. Eu passei a quarta — depois que o professor deu meu óbito — estudando. Estudei na quarta-feira e ontem o dia todo. Estou acabada, cansada e com o sono atrasado. Henry falou ontem pelo telefone, quando me ligou depois do trabalho, para eu parar. Ele não via necessidade de eu estar tão desesperada assim. Mas não aceitei o conselho e por isso ele me deixou sozinha para acabar de ler e anotar tudo na cabeça. Me afundei nos livros.

Então estou nervosa e agora estou entrando de pantufas na sala de aula como uma louca, e Caleb, meu professor, recebe com um olhar engraçado eu e minhas pantufas e abre um sorrisinho divertido.

Isso, Fesso, pode rir.

ELA ESTÁ LINDA NÉ, CALEB? — Frody.

NÃO FODE, FRODY — eu grito nos meus pensamentos. — VOU O MOTIVO DE EU DAR ESSE NOME A VOCÊ, SEU ANJO MAU.
VOCÊ FODE COM A MINHA PACIÊNCIA. ARGH!

“Turma, sentem-se e guardem tudo, ou melhor, não tirem nada das mochilas”, diz Caleb de pé, atrás da sua mesa, no canto da sala. “Vamos acabar logo com esse suplício.”

Estou tremendo de ansiedade na última cadeira da primeira fileira à esquerda da sala. Quase nunca sento na frente. Respiro fundo e pego apenas minha caneta de dentro do estojo e volto a guardá-lo dentro da mochila e rezo: *Pai nosso que estais no céu, me ajude a passar na prova que eu paro de pensar que Henry é*

um gostoso.

RÁ! RÁ! RÁ!... NÃO CAI NESSA NÃO, DEUS — Frody.

EU DIGO O MESMO. VOCÊ NÃO CONSEGUE SE AGUENTAR PERTO DELE, CECILLIA. PROMETA OUTRA COISA, TIPO: QUE EU PARO DE TOMAR SUCO DE LARANJA
TODO DIA — Frydda.

ESTÁ BEM. VOCÊS TÊM RAZÃO.

É! Eu tenho que concordar com meus “eus” interiores. Fingir que eu não penso em Henry de outra forma que não seja como meu amigo é uma perda de tempo.

Caleb passa as provas para os alunos. Essa aula dele é composta em sua grande maioria por homens. Eu não sou chata com isso, mas os caras são chatinhos *pra caralho*, mesmo que alguns sejam maravilhosos — malhados, sarados, fortes —, mas, para mim, nenhum se compara ao Henry. Quase oitenta por cento deles são do time da universidade como Henry e o resto são nerds, mas também há uns bonitões entre eles. O problema desses caras é que eles não deixam o professor falar por causa de zoeira — os do time — ou porque acham que são mais espertos que o professor com mestrado sentado na frente da sala — os nerds.

Por isso, hoje, agora, eu estou feliz e aliviada. Eles estão quietos porque é dia de prova. Os barulhentos, os dez caras do time e o grupinho das patricinhas da irmandade rival da minha: Alisson, Drill, Ticiane, as burras que só pensam em maquiagem, e eu ainda não entendo por que elas estão na faculdade, todos estão concentrados.

Leio minuciosamente a prova. Palavra por palavra, questão por questão e os pontos que valem cada uma. Estou estarecida com o teste. Caleb caprichou. Só tem dez perguntas e são difíceis, mas enquanto as leio, vejo que eu e Henry falamos umas cem vezes da maioria delas, e eu revisei tudo há quase sete horas. Ontem de madrugada. Está tudo fresco no meu cérebro.

AMÉM. COMEÇA LOGO A FAZER — Frydda e Frody.

BELEZA. VAMOS LÁ!

Eu me ajeito na carteira, deitando a cabeça sobre o meu antebraço em cima da mesa, respiro fundo e começo a responder às perguntas.



Quarenta minutos depois, finalizo minha prova. O teste foi tranquilo e estou revisando minhas respostas pela enésima vez. Está tudo certinho, não tenho dúvida do que eu respondi. Levanto-me, já com minha mochila pendurada de lado por uma das alças e vou até a mesa de Caleb.

“Acabei, professor. Você pode corrigir agora? Senão hoje eu nem durmo.”

Ele ri e responde: “Claro, Cecillia. Eu não entendo seu desespero. Você é uma das minhas melhores alunas. Não fique aflita sem motivos”.

“Poxa, valeu Caleb e eu estou assim porque nunca fiquei tão perto de levar dependência de recuperação na minha vida.”

“Entendo”, diz ele distante com os olhos no meu teste, corrigindo, “mas não precisa”, pausa, que atinge meu estômago, “ficar preocupada demais. Você consegue”.

Eu abro a boca para falar alguma coisa, mas Caleb simplesmente levanta a mão, como forma de pedir silêncio, e continua a corrigir meu teste.

O engraçado não foi ele me pedir para não falar agora, e sim que ele nem estava olhando para o meu rosto. Seus olhos não desgrudaram do que estava fazendo. Eu acho que meu professor tem visão periférica anormal. Tipo um mutante.

Fico vendo enquanto ele corrige meu teste, me remoendo para falar alguma coisa. Estou ansiosa no grau Annabelle. Ele vira a folha, corrige as quatro questões da folha de trás e vira de novo para dar a nota. Quando ele o faz, escreve a nota de um modo tão sutil que eu não consigo ver antes que ele me entregue a prova. Essa sutileza dele está me matando. Pego o teste e olho para ele.

Nome: Cecillia Romanoff. Nota: A –

“Ah, merda!”, exclamo, ao mesmo tempo em que bato em minha boca. “Perdão, Caleb.”

“Não precisa se desculpar, e parabéns.” diz ele, com um sorriso simpático.

“Obrigada!” Estou praticamente pulando na frente dele e dos outros alunos atrás de mim, sentados nas carteiras terminando o teste. “Obrigada mesmo.”

“Não me agradeça. O mérito é todo seu e de Henry.”

Franzo a testa. “Como assim? Henry?”

Ele abre um sorriso sutil. “Fiquei sabendo que ele estudou com você para o meu teste.”

“Hã? É?”

Ele acena que sim.

“Quem te contou?”

“Ele mesmo, quando nos encontramos à noite depois da aula dele. Ele me disse que você estava nervosa e que estudou com você.”

“Mm...”, resmungo, pensativa.

“Disse que ia te ajudar e me perguntou se eu ia pegar muito pesado no teste.” Ele ri. “Eu disse que o de sempre. Minhas provas do primeiro bimestre têm o intuito de ajudar meus alunos, não os ferrar.”

“A-hã”, faço, automática. “Legal e até, então.”

“Até, Cecillia”, diz ele, sorrindo.

Saio da sala de aula um pouco atordoada com as palavras de Caleb. Eu não sei o que pensar sobre isso, sobre Henry ficar preocupado comigo ao ponto de conversar com meu professor. Sei que supostamente ele fez isso só porque é meu amigo, mas isso não deixa de ficar girando e girando na minha cabeça.

Estou confusa com sua preocupação e suas intenções. O que será que ele está querendo? Por que fez isso?

PERGUNTA, GATA! — Frydda.

CONCORDO — Frody.



O teto do meu quarto realmente é lindo. Sorrio com ironia. Branco, sem graça, sem vida como eu, mas é bem melhor do que ficar vendo letras e letras sobre Zoologia. E quero dormir mais. Cheguei no quarto depois de ter ido ao refeitório da faculdade e tomar um café da manhã razoavelmente bom. Como eu não tenho dinheiro, tive que comer o que dava com meus dez dólares — que eu garanti que seria o máximo que levaria comigo. Passei rapidamente por Annabelle, que estava terminando de aprontar a festa da faculdade, e vim correndo para o meu quarto dormir.

Quando me joguei na cama, senti um alívio tão grande que até cheguei a soltar um gemido de contentamento. Minhas pálpebras estavam tão pesadas pelo cansaço e pela falta de sono que se fecharam automaticamente quando suspirei e abracei meu travesseiro.

Dormi por cerca de sete horas e trinta minutos. Agora estou admirando e contemplando o teto do meu quarto, porque, infelizmente, acabei de acordar, roncando de fome.

Olhando rapidamente para o relógio do meu celular, vejo que são quase seis horas da tarde e isso quer dizer que faz mais de oito horas que não como nada. Queria ter continuado dormindo, porque assim eu não teria que gastar a merda do dinheiro. Só me restam agora trinta e dois dólares e quarenta centavos. Vou ter que fazer mágica para aguentar amanhã e domingo.

“Merda”, exclamo em voz alta.

Levanto o corpo, sentando no meio da cama com o celular na mão, e ligo para Anna.

“Alô?”, atende Annabelle, histérica.

“Qual o problema, sua louca?”, falo, sem entender seu estado.

“Eu estou cheia de cola quente em uma mão e com a outra estou segurando um monte de isopores com caras de fantasmas para que Erika os cole na mesa.”

Dou uma gargalhada e escuto-a sorrindo do outro lado da linha. “Ai, nossa, Anna. Cuidado com essas coisas aí hein. Cola quente é foda.”

“Gata, eu sei disso. Na hora achei que meus dedos estavam derretendo.”

“Jesus, que horror.” Rio, mas estou preocupada ao mesmo tempo.

“Estou bem e me esqueça. Fala, o que você quer?”

“Queria que você me trouxesse alguma coisa pra comer.”

“Do buffet que tem aqui?”

Onde Annabelle está tem uma mesa cheia de comida para os ajudantes da festa de Halloween e eu, muito esperta, não vou perder a oportunidade de comer aquelas comidas de graça, mesmo que não sejam tão boas. Anna me deve muito, já fiz muitas loucuras para ajudá-la e agora é sua vez.

“Sim, Anna.”

Ela faz um pequeno suspense com a demora da sua resposta.

“Você está sem dinheiro, não é?” Não respondo, então ela continua: “Vou levar a comida, não se preocupa e da próxima vez me fala as coisas, sua tonta”.

Sorrio, mesmo que ela não possa ver. “Obrigada!”

“Não há de que e até daqui a pouquinho.”

Desligo o telefone e pego minha toalha para tomar meu banho. Não muito feliz, porque uma das coisas mais irritantes em estar na faculdade e dormir em um dormitório é o banheiro comunitário. Nossa, é um saco ter que dividir, esperar e tem até fila às vezes. Sem contar que os caras são muito babacas quando as garotas passam no corredor e eles sabem que nós estamos indo para o banheiro tomar banho. Eles ficam fazendo piadinhas, é muito irritante.

Eu às vezes entendo porque Henry não quer que a irmã dele fique no dormitório. É mesmo deprimente essa coisa de banheiro comunitário. Eu tenho até preguiça de tomar banho, na verdade, tenho é raiva mesmo.

Corro pelo corredor, bato à porta do banheiro com os nós dos dedos.

Toc. Toc. Toc.

Nada.

Giro a maçaneta e abro a porta, comprovando que está vazio, entro e dou graças a deus.



Acabo de tomar banho, um tanto apressado porque sempre, sempre tem que aparecer alguém para infernizar, e fujo para o meu quarto. Agora estou esperando ansiosamente meu lanche, chegar via Annabelle. Olho para o relógio do celular: 18h53min. Porra, já faz mais de uma hora que falei com ela e nada de ela chegar. Pelo amor de Deus, como ela é desinteressada e atrasada. Estou morrendo de fome e a comida não chega!

Levanto-me da cama e começo a andar pra lá e pra cá, para distrair a mim mesma, fazendo uma marca no tapete persa que minha madrinha colocou na frente da minha cama.

O meu dormitório é um tanto quanto engraçado. A minha parte, ou o meu lado, é todo chique, bonitinho e organizado, porque foi minha madrinha que o arrumou comigo, com meu estilo. O abajur lindo e caro da Tiffany, com bordas douradas, a cúpula de vidro com flores delicadas esculpidas. As roupas de cama são brancas, dourado e bege.

Já a parte de Annabelle é um pouco escura, colorida e bagunçada, é isso tudo mesmo. Ao lado da cama dela tem um lindo e enorme tapete de frufu roxo, nada chamativo. As roupas de cama são escuras, com verde limão, azul, abóboras e roxo, uma loucura. E o seu abajur, bem, está quebrado porque ela brigou com Brad em cima dele. Então ela o quebrou na briga, mas ele era bonitinho, preto com as bordas cor de rosa fluorescente.

Assim, logo que entra no dormitório se pensa: aquela parte tem que ser da Anna, não é possível que seja de Cecillia. E a mesma coisa fazem com o meu lado.

Henry fala que não senta na cama dela nem que lhe pague mil dólares. Ele acha ridículo o estilo dela e eu sempre tenho que pedir para que ele engula a língua. Ele não é muito fã de Anna, não mesmo. Nem um pouquinho. Nadinha mesmo.

Toc. Toc. Toc. — Alguém bate à porta e vou apressada atender.

COMIDA. COMIDA. COMIDA — Frody e Frydda falam juntos e parecem o *Taz -Mania*.

ENGRAÇADINHOS.

Abro a porta e dou de cara com tudo, menos minha comida. Meus ombros caem porque eu jurava que teria paz hoje. Quero dormir não ter que enfrentar

isso agora.

Isso é Henry, que está com o sorrisinho arrancador de calcinhas e os olhos derredores de...

“Oi, Barbie-nerd”, ele me corta, antes de eu terminar de pensar besteira.

Nossa, ele está um colírio — meu querido e amado Frody.

Eu sei, e preferiria que ele fosse um pouquinho feio. Só pra quebrar o gelo, debato.

É, talvez assim fosse mais fácil ficar tão próxima dele — Frydda.

Fico pasma olhando para Henry na minha frente. Calça jeans larga, nada de calça skinny masculina — ele diz que aperta as coisas dele demais e eu preferi não entrar em detalhes —, uma camisa de manga longa fina azul-clara, quase branca, que está colada ao seu corpo e envolvendo seu abdome reto e sequinho, seus braços compridos e fortes.

O bíceps dele cresceu? — Frody.

Acho que foi o braço todo — Frydda.

Por que eu tenho que aguentar vocês?

Ué. Nós somos você. Você nos fez e nos escuta, porque o seu eu real é chato e cauteloso. Já nós não temos medo do que sentimos — Frody.

Concordo com Frody, e agora se concentra no Henryzinho — Frydda.

Apenas reviro os olhos internamente e continuo contemplando esse monumento que está à minha frente.

“Vai me deixar entrar?”, ele pergunta sarcasticamente.

“É claro que vou.”

Dou um passo para o lado e o deixo entrar. Henry vai chegando perto da minha cama e eu vou atrás dele. De repente, ele se vira como um furacão, olhando nos meus olhos. Dá dois passos para a frente e chega muito perto de mim. Fico aturdida com essa aproximação e dou um passo para trás. Ele respira fundo. Vejo o músculo do seu maxilar enrijecer-se e seus olhos parecem tremer. Pisco, com o coração acelerado.

“Oi”, murmuro. “Tudo bem?”

Ele assente e coloca a mochila na minha cama, jogando-a ali sem tirar os olhos de mim, mas antes pega alguma coisa de dentro.

“Toma. Anna pediu para te entregar.”

Pego o embrulho da sua mão, abro e vejo vários bolinhos salgados e doces dentro da sacola.

“Por que você está com isso?”

“Estava passando próximo ao pátio, onde ela está, e então ela me pediu que te entregasse porque não ia poder vir tão cedo.”

“Ah, tá.” Aceno com a cabeça, debilmente, e voltando meus olhos do embrulho pra ele, algumas vezes, falo: “Então você veio aqui só para me entregar isso?”

Ele nega com a cabeça. “Não. Eu já estava vindo te ver, porque li sua mensagem, que você tinha conseguido a nota e queria te parabenizar.”

Sorrio. “Henry, você poderia ter feito isso mandando uma mensagem de volta.”

“Prefiro ao vivo.”

“Tudo bem.” Dou de ombros.

Com um sorriso bobo, viro o corpo e vou para mesa, comer. “Me acompanhe”, sugiro, sentando-me.

“Se fosse para te presentear com comida, teria trazido algo mais legal”, resmunga, sentando-se na outra ponta da mesa. “Esses bolinhos parecem horríveis.”

“Melhor do que ficar com fome”, falo, e um silêncio paira no ar. Quando olho para seu rosto, vejo-o franzindo a testa.

“Você está com fome?”, Henry pergunta, sério — ou irado.

Ai, meu Deus, eu e minha boca grande.

“Claro que sim. Sou um ser humano e não uma planta. Não faço fotossíntese”, retruco, na defensiva, para ele não querer saber mais.

Henry não relaxa a expressão, então resolvo ignorá-lo. Como o lanche, satisfeita, apesar de terem um sabor de óleo misturado com manteiga, sal e restos de frango. E os bolinhos doces devem ser feitos de açúcar cristal com leite em pó. No entanto, eu estou com fome e quase passa despercebido o gosto ruim de tudo.

“Então, você vai comemorar sua nota?” A voz de Henry invade meu dormitório e acaba com o silêncio confortável em que estávamos. Não estou reclamando. Adoro a voz dele.

“Vou”, falo, com a mão na frente da boca, porque estou mastigando.

“Vai fazer o quê?”, ele me pergunta, curioso.

“Vou festejar meu alívio na minha cama. Estou tão cansada. Preciso dormir.”

“Você está de brincadeira comigo. Certo?”

“Não mesmo.”

“Cecillia, todo mundo estaria cheio de energia pelo alívio de ter passado nas provas. Mesmo que tenham ficado horas sem dormir para estudar, a felicidade é grande o suficiente para fazê-los querer comemorar depois.”

“Mas eu não sou todo mundo, Henry.”

“Disso eu tenho total certeza. Porém, estamos falando de você viver um pouco.”

Nego com a cabeça, sem paciência.

“Para com isso e vamos nos divertir hoje”, ele insiste.

“Eu não quero e, mesmo assim, isso não sou eu. Eu não sou assim.”

“Porra.” Ele levanta, com as mãos no quadril, cara amarrada e mostrando seu lado mandão. “Eu adoro você desde que nos conhecemos, mas essa sua vida de estudar e se fechar para o mundo me estressa. Eu tenho vontade de te sacudir às vezes, pra ver se você para com essas merdas.”

Meu cérebro simplesmente bugou agora!

Eu adoro você.

Eu adoro você.

Adoro você.

Adoro!

Depois dessa frase, não escutei mais nada. Simplesmente fiquei olhando para ele e, dentro de mim, borboletas, mariposas, pássaros, gatos, periquitos, tudo cantou e mexeu. Nossa! Ele disse que gosta de mim.

QUE TE ADORA — Frody e Frydda corrigem.

É! EU SEI. EU OUVI. — Estou abobalhada. – E AGORA, O QUE EU RESPONDO?

Silêncio.

Porque meus três “eus” estão temerosos sobre o que responder para Henry. Eu sei que ele se preocupa comigo. Tanto que se disponibilizou para estudar comigo, mas até onde vai essa adoração por mim? Será que ele pensa em mim como penso nele? Será que ele sente por mim mais que amizade? Porque não é de hoje que eu o desejo muito mais do que como amigo. Quero experimentar e fazer coisas com ele que amigos não fazem. Será que arrisco? Será que faço isso agora?

Ainda estou olhando para ele. Estou muda e me sentindo quente por dentro.

Nervosa.

“Que foi?”, ele pergunta, intrigado com meu silêncio.

“Nada, é... É que...” Abro e fecho a boca, sem saber ao certo o que dizer. “Você me pegou desprevenida. Não sei o que fazer Henry. Eu sou assim mesmo. Não gosto de sair, e ser solitária é algo comum pra mim.”

“Mas você não precisa ser assim. Você tem seus padrinhos, que agora estão longe, mas aqui você tem amigos e, com certeza, tem a mim.”

“Eu sei e não foi isso que quis dizer”, murmuro.

Henry entorta a cabeça para o lado e olha cético para mim. “De certo modo, foi sim, mas deixa isso pra lá. Você vai hoje comemorar sua nota comigo.”

“Como assim, com você?”

“Assim, comigo mesmo”, ele diz, erguendo os braços de modo convencido e sinalizando para seu corpo. “Você vai sair para se divertir comigo e pronto.”

“E para onde nós vamos?”

Henry não responde, apenas sorri, e eu sinto um frio na barriga.



Quatro horas depois, estou de pé na frente do espelho do banheiro feminino dos dormitórios, me maquiando. Eu estou me maquiando um pouco contrariada e usando as maquiagens de Anna porque eu não tenho maquiagem. É ridículo uma garota, ou melhor, uma mulher de vinte anos não ter maquiagem, mas eu tenho umas boas desculpas para isso. Primeiro: eu não gosto muito de sair. Segundo: eu não sei fazer essas coisas chamativas nos olhos e na boca. Terceiro: eu não vou mesmo me maquiar para ir a aula como a louca da Anna que às oito da manhã está com os olhos pretos e a boca pink.

Eu não vejo essa necessidade de se maquiar só para ir estudar. Acho isso tão idiota e não só Anna, mas noventa e nove por cento das meninas da faculdade usam maquiagem para “estudar”. Entre aspas mesmo porque elas ficam mais de conversa e se oferecendo para os meninos da faculdade do que prestando atenção na aula.

Acabo de passar o gloss na boca e me viro para colocar o salto alto para combinar com minha calça preta skinny e minha blusa de paetê preta de brilho. Viro-me de novo para o espelho, dou uma última olhada e mexida no cabelo.

“Okay, estou parecendo uma dessas líderes de torcida. Deus me defenda.” Reviro os olhos, respiro fundo, pego minha toalha e a roupa suja de cima da tábua da privada do banheiro e abro a porta.

“*Fiu fiu.*” Escuto atrás de mim assim que coloco os pés pra fora. “O que é

isso, delícia?!”

Viro o rosto na direção da pessoa e encontro Max e Felipe encostados no batente da porta do quarto deles, de braços cruzados na frente do peito, o lábio inferior mordido e com cara de cachorros no cio.

VOCÊ CAUSOU UMA BOA IMPRESSÃO CECI — Frody.

Respiro fundo e ignoro tanto o comentário quanto os olhares desses babacas. Sempre olham para mim como se eu fosse um E.T. ambulante e agora estão com graça porque estou de maquiagem e roupa de sair. Eles são legais, só não dão bola para a nerd aqui.

“Imbecis”, sussurro baixinho para mim.

“Ei, Ceci.” Max aparece do meu lado, apressado. “Por que você já está indo?”

“Tem um encontro é? Com quem?”, Felipe pergunta, do meu outro lado.

Fico olhando para os dois ao meu lado e pensando o que se passa na cabeça deles.

Eles são legais porque, mesmo me tratando como uma espécie diferente na universidade, eles sempre falaram e falam comigo. Max é alto, tem cabelos pretos como seus olhos marcantes. É o bobo da corte do grupo de amigos que anda com ele e na sala de aula. Tenho três aulas com ele. Max vai ser médico e é muito inteligente. Já o peguei dando cola. Os inteligentes como eu e ele sempre damos cola.

Felipe também é alto, forte, convencido, pelo menos não é bobo, e é super inteligente também. Tem olhos lindos, são azuis-esverdeados. Ele é totalmente fora dos estudos da Biologia ou Química. Felipe estuda contabilidade financeira. Os dois são amigos de Henry e fazem luta na academia dele. Eles não são melhores amigos, mas se respeitam e, pelo que eu noto e vejo, eles gostam do Henry, não têm uma amizade falsa por *status* e inveja.

“Vou sair sim, e com quem não é assunto de vocês.”

“Poxa, assim me magoa, Ceci”, resmunga Felipe, fingindo estar abatido.

“Meninos, parem de ser crianças”, falo tirando a mão de Max de cima do meu ombro. “Tchauzinho e vão atrás daquelas líderes de torcida.” Fecho a porta do meu quarto.



Arrumo minha cama, onde deitei um pouco, preparando-me mentalmente para sair com Henry. Caminho para a estante de livros, onde deixei meu celular carregando; pego-o, coloco-o na minha bolsa de mão preta, para combinar com a blusa, e retoco o batom. Odeio quando começo a roer unha porque estou nervosa

ou ansiosa. Ainda bem que me controlei hoje e minhas unhas, que Anna fez ontem, quando terminou de fazer as suas, estão intactas.

Toc. Toc. Toc.

Inspiro profundamente e já aviso meu inconsciente maluco que produziu esses anjos doidos: *Hoje não, nesta noite, nada de anjo bom e mal.* Bufo, irritada. *Eu não vou aguentar tantos pensamentos na minha cabeça.*

Caminho para a porta e a abro.

Nossa! Fico mentalmente de boca aberta quando meus olhos passam por Henry.

Ele está usando uma calça jeans escura com aparência de velha e com alguns rasgados, está um pouco colada nas pernas compridas e fortes dele — eu não sou cega e reparo nos músculos —, veste uma camisa social comprida branca e, por cima, um casaco de couro preto. Está lindo de viver.

Nossa. Eu vou sair com isso do meu lado hoje? — Essa foi eu mesma.

Henry passa os olhos no meu look e um sorriso presunçoso vai se abrindo em seu rosto.

“Você até que fica bem vestida assim.”

Levanto as sobrancelhas sorrindo. “Acho que sim e você não está nada mal.”

“Eu nunca estou nada mal.”

Solto uma risada e ele também. Paro quando nossos olhos se encontram. Merda!



Chegamos à calçada e, antes de entrar no carro, vejo Max, Felipe e Pedro vindo na nossa direção.

“Fala, *bro*.” Max cumprimenta Henry e depois todos fazem o mesmo.

“Então foi por ele que você nos trocou?”, Felipe fala, olhando para mim e para Henry, que pergunta:

“Como? Que história é essa?”

“Nada, cara. Só estou brincando com ela”, Felipe responde rindo e acenando, indo para longe da gente.

Henry observa calado e depois se vira para mim com o cenho franzido. Não entendo o que ele quer e resolvo entrar no carro, muda.

Passamos três semáforos e ele até agora não falou nada. Estranho isso.

“Então, nós vamos para onde?”, pergunto.

“O que Max e Felipe quiseram dizer?” Sua voz soa brava.

“Como é que é?” Olho para ele, confusa.

“Você ia sair com eles? E quando?”

Bufo e viro um pouco meu corpo para ele, para olhar melhor seu rosto. “Ele estava zoando comigo, Henry. Eu os encontrei mais cedo quando estava saindo do banhe...”

“O quê?” Henry dá uma fredda brusca, cortando-me, e vejo que pelo menos o sinal fechou. *Ainda bem!*

“O que o quê?”

“Eles te viram no banheiro?” Vejo raiva em seus olhos.

“Aaaah... não. Não me viram no banheiro, me viram sair de lá.”

“Putaquepariu. Que coisa inaceitável você se prestando a compartilhar um banheiro e ainda ter que ser assediada desse jeito.”

“Eles não me assediaram, Henry.” Balanço a cabeça.

“Nossa, Cecillia.” Ele resmunga balançando a cabeça. “Você é inocente demais, ou burra.”

“Como é que é?” *Ele me insultou, é sério?* Estou revoltada.

“Você acha que eles ficam na frente da porta deles, que dá de cara para a porta dos banheiros, por lazer? É claro que não. Eles ficam lá para ver as meninas entrando e saindo, com pensamentos maldosos e até veem vocês de toalha.”

Reviro os olhos para ele. “Eu acho que você está exagerando.”

“Pense o que quiser”, replica mal-humorado, e volta a dirigir, “e nós vamos comer antes de ir para onde eu quero te levar.”

Dou de ombros e me viro de cara feia para a janela. Eu já entendi muito o jeito sério do Henry. Ele é gente boa, engraçado, mas não gosta que as pessoas passem dos limites. Eu entendo isso e concordo com ele, dependendo da situação, e nesse exato momento eu estou tentando entender isso de ele ter ficado zangado com os garotos por terem brincado comigo, se eu mesma já o peguei de azaração com algumas garotas.



Henry nos trouxe para o Burger King, e fico agradecida pela escolha. Entramos, escolhemos uma mesa e ele fala para eu sentar que ele vai comprar os lanches.

“Deixa que eu vou com você”, insisto. Aqui eu posso pagar. Graças a Deus.

“Não teima, Cecillia.”

“Você está chato hoje, que bicho te mordeu?”

“Por enquanto nenhum”, responde friamente.

Como? Fico confusa e mexo a cabeça para clarear os pensamentos. Henry está pior do que nunca com suas insinuações.

“Vai querer o que, afinal de contas?”, ele pergunta de novo e mais emburrado.

“Big King”, digo rápido.

“Nossa, não tem uma opção mais personalizada ou difícil, não?”

Aperto os olhos para ele, deixando clara minha irritação, e ele sorri.

“Não pode brincar agora com você, é?”

“Pode, mas você está demais hoje.”

“Eu sempre sou demais.” Ele dá de ombros e caminha para o balcão, para fazer nossos pedidos.

Vinte e cinco minutos depois, Henry volta com uma bandeja, senta-se após colocá-la no meio da mesa, pega seu refrigerante e hambúrguer, já começando a desfrutar a comida.

“O que foi, vai ficar me olhando?”, interroga, de boca cheia. “Não quer que eu te sirva, né?”

Nego com a cabeça e pego o meu Big King. Preparo o guardanapo em cima da mesa como se fosse um pano, ajeito as batatas fritas em um canto, o refri em outro, abro a caixinha do hambúrguer e a coloco no meio; na outra banda da caixinha do hambúrguer, despejo três pacotes de mostarda e ketchup, três de cada. Depois de preparar minha batalha, eu começo a comer e, se não fosse os olhos confusos e curiosos de Henry, eu acabaria de comer antes dele.

“O que é agora?” Sorrio.

“Para que você faz isso tudo pra comer?” Ele indica com a mão. “Você fez um acampamento de lanche na mesa. Isso é algum tipo de ritual para comer hambúrguer?”

Rio alto e faço uma cara neutra, sorrio amarelo e respondo de mau humor, imitando-o: “Não, engraçadinho, eu só gosto de separar as batatas assim e os molhos para banhá-los quando eu for comer. Muitas pessoas fazem isso.”

“É a primeira vez que eu vejo essa doideira aí.”

Pisco, ignorando-o, e volto a comer. “Você supera fácil.”

Ele ri e volta a comer.

Quando acabamos, vou ao banheiro limpar a boca e usar o toalete.

“Onde você se meteu?”

“Fui lavar minha boca e ir ao banheiro, como você também fez”, respondo, com as mãos na cintura.

“Eu fiz, mas não fui engolido pela privada.”

Assinto e ele agarra minha mão, puxando-me para o carro. “Vamos logo. Tenho que buscar Junior, o irmão dele, Roger e a namorada.”

“Hm... Está bem”, murmuro, sendo praticamente arremessada para dentro do carro. Rio quando me acomodo no assento. Henry está engraçado hoje.



Chegamos no local que ele tinha programado para essa noite meia-noite e meia. O lugar está lotado e é uma boate muito conhecida e movimentada aqui de Somerville. A galera da Harvard University, Hult International University e da minha, Boston University, vem dançar e se pegar por aqui. É quase um point para os alunos de todas as faculdades da redondeza e são *apenas* treze universidades muito próximas umas das outras. Três são unidades da de Boston, Harvard tem cinco unidades e as outras cinco são únicas. A quantidade de patricinhas metidas de irmandade e garotos fortes e sarados dos times das suas universidades são incontáveis.

Chegamos à portaria e Henry fala ao ouvido de um homem que estava no final da gigantesca fila e o cara, dando um tapinha nas costas dele, faz um sinal com a mão para o cara do início da fila. O homem acena com a cabeça, e assim Henry agarra minha mão e me puxa para lá com o resto do pessoal. Após ele falar com o cara grandalhão e assustador da porta — de longe ele não parecia tão *monstrão* —, nós finalmente entramos na boate. Luzes coloridas e fluorescentes, fumaça, música alta e cheiro de cigarro e bebida: esse é o ambiente da “Seven-Sound”.

Uma loira de vestido colado e vermelho curto — *aquilo azul é a calcinha dela?* — nos leva até o camarote, que eu descobri no carro por Jorge que Henry reservou hoje mais cedo. Eles têm bebidas em um balde de aço cheio de cubos de gelo, e eu agradeço que no meio das diversas bebidas tenha pelo menos duas garrafas de água.

Rapidamente nos animamos e estamos dançando, bebendo e conversando, e ainda nem são duas da manhã. Estou me sentindo cansada e sonolenta. Henry me vê cambalear e chega mais perto de mim quando uma ruiva alta e peituda o deixa em paz.

Sorrindo, ele caminha em minha direção com uma lata de energético na mão. Eu já tomei umas cinco e não entendo por que agora estou com sono e sinto minhas pálpebras tão pesadas, fazendo meus olhos ficarem cerrados.

“Eu acho que alguém está um pouco bêbada.” Henry diz, de brincadeira.

“Claro que...” faço uma pausa para engolir o bolo que se formou na minha garganta “que não”.

Ele nega com a cabeça e abre mais ainda sua boca linda, mostrando seus dentes brancos, perfeitos e brilhantes. Falando nessa boca, ela me parece maior e mais gostosa hoje. O que é uma loucura. Está me dando uma vontade louca de beijá-la, por isso eu dou um passo pra trás.

“O que foi?”, ele pergunta alto para que sua voz se destaque no som das batidas eletrônicas.

“Nada”, murmuro.

Henry dá um passo largo para a frente, e assim seu corpo está a apenas um palmo do meu.

“Repete”, ele diz.

Estou com o rosto totalmente inclinado para cima, porque ele é alto pra caralho.

“Nada.” Faço o que ele disse.

“Nada o quê?” Sua voz sai impaciente e ele se inclina para mim.

Muito perto.

Alerta!

Muito perto.

“Eu disse nada antes quando você me perguntou *O quê?*, e agora estou repetindo. Não é nada!”, exclamo, bem alto.

Nós não nos movemos nem falamos nada por alguns segundos, apenas com os olhos fixos um no outro. Eu não sei mesmo o que se passa na cabeça dele, mas na minha eu só penso em beijá-lo, mesmo eu sabendo que não seria muito legal.

Quer dizer, seria maravilhoso, não tenho sombra de dúvida. Henry é um pegador nato. Bom de papo, beija bem — é o que eu escuto por aí — e fode como um verdadeiro leão no cio — também é o que eu escuto por aí. Então o beijo seria muito bom, mas o que não seria bom é o que isso faria com a nossa amizade. Eu gosto demais dele e não gostaria de perdê-lo.

Vejo a mão dele subindo lentamente para o meu rosto. Sinto-me como se estivesse assistindo a um filme e agora estivesse em câmera lenta, e a mão dele repousa na maçã do meu rosto, do lado direito. *Calma, Cecillia. Ele já te tocou antes. Não é nada.* Meu corpo estremece, meu ar fica preso, a boca seca e juro que sinto minhas pupilas se dilatarem. Henry abaixa o rosto mais ainda, e seu

nariz toca o meu. O calor da sua respiração faz contato com minha boca.

Meu coração está batendo tão rápido como as asas de um beija-flor. Automaticamente eu fecho os olhos e me lembro de todos os números atômicos, símbolos, nomes dos elementos e massas atômicas da tabela periódica. Porra, eu não acredito que eu vou beijar essa boca... Eu não acredito que eu vou beijar o Henry... Eu não...

Eu me afasto dele, empurrando-o para longe, devagar. Perco o contato do seu calor e abro os olhos.

“Não, Henry.”

Ele fica olhando para mim, perturbado, respirando fundo, e eu sou obrigada a dizer o que estou sentindo.

“Não podemos. Nós somos amigos.” Mesmo que eu tenha que “gritar”, minha voz tem o tom de um sussurro.

Ele inspira fortemente e, mordendo o maxilar, assente, mas me parece distante.

“É verdade. Me desculpe, eu acho que...” engole em seco, “bebi demais”.

“Não tem problema”, respondo, dando um sorriso falso, que acho que o engana.

“Vou comprar mais bebidas e já estarei de volta.”

Aceno que sim e ele sai. Eu fiz o certo, mas meu coração dói agora. Merda! Abaixo a cabeça e fito meus pés. Sinto meus olhos quentes e o bolo em minha garganta agora tem um gosto salgado, e eu sei o que é.



Faz mais de dez minutos que ele foi comprar as bebidas e se não fosse por insistência de Scar, eu não viria atrás dele. Os corpos dançantes e alegres me atrapalham a andar até o bar, mas eu sou teimosa e continuo. Chego na frente do corredor que leva aos banheiros e ao bar. Continuo andando e então o vejo. Estando meus passos e observo.

Preferia não ter visto, não mesmo. Eu sempre ouvir dizer sobre a fama dele de pegar geral. Henry é famosinho por aqui por ser o cara descompromissado e rei das noites, pegando três ou até mais em uma única noite. Agora ele está se agarrando a uma loira de cabelos compridos e platinados, com um vestido de oncinha e salto agulha roxo. Ele passa suas mãos abertas e famintas por todo o corpo dela e chegando à bunda, aperta com tanta força que os pés da garota sobem, fazendo-a ficar na ponta do pé. Eu me sinto enjoada e a seguinte frase me vem à cabeça: *O que os olhos não veem, o coração não sente*. É apenas uma

frase para mim, pois neste exato momento, o sentimento é o contrário. Meus olhos veem e meu coração sente. Sente tudo e principalmente o arrependimento de minutos atrás.

Girando nos calcanhares, subo para os camarotes rapidamente. Quando entro no meu camarote, Scar me aborda:

“Ora, cadê ele e as bebidas, Ceci?”

Fomos apresentadas hoje e já somos íntimas. Quase melhores amigas. Ela é uma graça. Gosto dela e de seus cabelos castanhos, que têm uma aparência sedosa e ela tem uma boca larga como a de Henry. Se eles me contassem que são parentes, eu acreditaria.

“Eu não o encontrei.” Minto. “E me desculpe. Eu vou embora.”

“Mas por quê? A noite mal começou”, ela diz, sorrindo.

Balanço a cabeça. “Pra mim já acabou e eu estou muito cansada, na verdade estou cansada desde cedo.” Abro um sorriso amarelo. *Falso...*

“Então está bem.” Ela dá dois beijinhos no meu rosto e nos despedimos.

Dou tchau para Jorge e Roger, e vou saindo do local. Meio que eu saio correndo para que Henry não me veja e me impeça de ir embora. Eu não quero mesmo continuar aqui vendo o que não me agrada. Tenho um pouco de parcela de culpa, se eu tivesse deixado que ele me beijasse... Mas eu não quero ser mais uma na lista dele e tenho certeza de que não conseguiria ser *apenas* amiga dele depois. Eu gosto dele há tanto tempo e se eu o beijasse hoje, iria, com toda certeza, querer mais.



Depois que pago o táxi, subo os degraus do prédio correndo e mais rápido ainda quando chego ao quinto andar, onde fica meu quarto. O dormitório está vazio. Todos estão curtindo a sexta e eu de novo estou aqui, sozinha, porque sou uma tola, burra e idiota. Abrindo a porta vejo que está vazio aqui dentro também e respiro fundo. Não quero aturar ninguém agora, muito menos as perguntas intrometidas de Anna.

Tiro os sapatos, soltando um som de alívio, e me jogo na cama.

“Enfim, só.”

Fecho os olhos e tento relaxar. Alguns minutos se passam e eu balanço o pé, inquieta. Pego o celular e vejo as horas: três e pouco da manhã. Também vejo as quatro mensagens, cinco ligações e uma mensagem no correio de voz que Henry mandou, mas ignoro.

Não quero falar com ninguém agora. Muito menos ele.

Deixo o celular no criado-mudo e fecho os olhos de novo. Mal respiro e escuto alguém bater à bosta da porta.

“Não creio, senhor”, resmungo, levantando-me e sem olhar quem é, porque talvez seja Henry atrás de mim ou a tonta da Annabelle que sempre não leva a chave dela ou chega bêbada, abro a porta e...

“Oi, Cecillia.”

“O que você faz aqui, Brad?”, pergunto, e sinto um calafrio percorrer meu corpo. *Por que ele está olhando assim para mim?*

“Vim te desejar boa noite.” Ele mal responde e me ataca.

Tento gritar, mas ele tapa minha boca e me joga na cama. Sua mão livre passa em meu corpo e está quase rasgando minha blusa. A outra aperta com força minha boca. Sacudo a cabeça e me livro do seu aperto. Meus lábios estão doloridos.

“Para com isso, Brad. Me solta.” Eu grito. “Para de brincadeira.”

Ele gargalha e morde minha boca. “Quem disse que estou brincando?” Ele lambe minha boca, fazendo arder onde mordeu. “Para de lutar e me dá o que aquele merdinha tem.”

“O quê?” Debato-me, lutando, mas ele é forte demais.

Meu coração está muito acelerado e meus nervos, confusos. Sinto-me sem forças.

“Me larga. Por favor.” Choramingo.

“Só depois que eu acabar de devolver seus insultos e compartilhar de algo bom, que eu sei que fascina outros marmanjos por aí. Um em especial.”

Brad prende minhas pernas com as suas, dá um jeito e consegue tirar minha blusa com uma única mão. Depois segura com força meus braços para o alto da minha cabeça e lambe o meio do meu peito até o pescoço.

Eu sinto nojo, repulsa, raiva e muito, muito medo. Ah não! Deus me ajude a me tirar daqui.

ANJOS, CADÊ VOCÊS?

Mãe! Pai! Ajudem-me.

Eu choro sem resposta e não acredito que isso esteja acontecendo logo comigo. Meus olhos se embaçam e eu soluço baixo, arranhado. Porque me dói na alma isso.



“OKAY, GATA, MAIS TARDE EU TE PEGO aqui e nós apagamos esse teu fogo.”

Dou um beijo molhado na gostosa em que eu acabei de extravasar meu estresse por causa de Cecillia e saio para pegar as bebidas no bar, finalmente. Já peguei o telefone da loira peituda e óbvio que eu vou deixá-la tonta mais tarde.

Estou precisando mesmo comer uma mulher como ela, para acabar com toda a ansiedade que anda tomando conta de mim desde o jogo de sexta passada, em que Brad veio para cima de mim. Porra, eu não entendo esse babaca, tem uma cisma comigo desde o primeiro dia em que nos vimos e quando o time me escolheu para capitão, aí fodeu mesmo, ele se tornou meu inimigo escancarado.

Não dou a mínima para ele, não me importo com ele em nada, só em ajudar o time a ganhar. Mas agora sou obrigado, às vezes, a conviver com ele além do campo de futebol, tudo por causa da Cecillia e Annabelle, que, por sinal, me irrita tanto. Tem momentos em que ela parece ter a idade da minha irmã mais nova. Garota tosca!

Pensar sobre isso agora me faz ver o quanto eu suporto para ficar perto da *minha* Barbie-nerd. O motivo? Ela simplesmente me faz bem.

Eu não sei o real motivo, o grande motivo, para eu gostar tanto de ficar com Cecillia, mas eu gosto, e muito. Essa semana foi muito divertida e ficamos muito perto. Eu não sinto desejo por ela como sinto por outras garotas. O que eu sinto por ela é mais forte, é como se eu precisasse dela para começar meu dia e eu preciso saber se ela está bem todo dia. Eu sou um cara legal, ajudo meus amigos numa boa e quando eu a vi desesperada por causa da nota baixa, eu tive que a socorrer. Principalmente ela, que se tornou minha melhor amiga.

Desde o começo a vejo como uma garotinha. Pequena, com seus cabelos longos e castanhos, seus olhos castanho-claros, grandes e iluminados. O que eu

mais gosto nela é o sorriso. Ela faz uma covinha quando ri e eu acho aquilo um charme.

Muitos caras caem em cima dela e eu confesso que não gosto disso. Ela merece um homem decente e esses idiotas da faculdade só querem comer as meninas e foda-se o resto. Tipos como eu não servem para ela. Cecillia é moça para namorar, casar, ter uma família e com certeza ela vai curtir essa parte.

Quando ela me falou sobre o acidente em que seus pais morreram, eu senti uma vontade enorme de segurá-la forte em meus braços. Eu gosto muito dela e detesto vê-la triste e sofrendo. Mas eu posso gostar dela assim e tudo o mais, porém não serei mais que amigo. Ela não precisa de um problema na sua vida como eu e, mesmo assim, eu não a vejo com outros olhos. Já vi, hoje não mais.

E por esse grande motivo que eu não entendo o que deu na merda da minha cabeça agora há pouco, quando eu quase a beijei. Sou um completo babaca por quase ter feito isso.

Dou graças a Deus que Cecillia freou meus passos e me lembrou a tempo de qual é o meu lugar ao seu lado: somos amigos, apenas amigos e melhores amigos.

Eu sinto que com ela eu tenho reciprocidade em relação à amizade e é claro que não quero perder isso. Cecillia surgiu na minha frente e eu de repente ganhei uma das amizades mais valiosas da minha vida. Ela é agora minha melhor amiga, e eu só não troco ideias com ela como troco com Junior, Jorge e Roger, porque, pensando nos tópicos das nossas conversas e libertinagem, eles não são para os ouvidos dela. Cecillia é inocente e pura, não vou contaminá-la com meus pensamentos.

Jorge e eu falamos de corpo de mulher, de todas as posições em que eu fiz sexo com a última mulher com que eu saí etc., como eu peguei pesado e nas vezes em que eu pego uma safada, o que eu a deixei fazer. Não posso me esquecer da ruiva, modelo de um metro e oitenta e cinco, que me deixou colocar meu pau em todos os lugares e, no final, me deixou dar umas cintadas nela. Foi uma noite realmente quente e eu tenho o telefone dela guardado no celular até hoje. Então este é o motivo de não conversar *tudo* com Cecillia. Eu causaria uma turbulência emocional em sua mente e ela ficaria com nojo de mim. Definitivamente não são assuntos para ela o que eu faço com outras mulheres. Eu sou um cafajeste assumido e ela é uma virgem na vida. Não virgem no sentido de nunca ter sido fodida, mesmo que eu desconfie que ela seja mesmo virgem nesse sentido também.

Ela nunca fumou — nem para ver o que sentiria —, nunca teve uma ressaca

das brabas, daquelas em que no dia seguinte parece que vai sair o tampão da cabeça. Cecillia nunca pulou de paraquedas, nunca viajou para algum outro estado só com a roupa do corpo e gastou seu dinheiro nos caça-níqueis — como eu sabiamente fiz em Las Vegas, e tive que voltar para casa de carona.

Cecillia é uma menina retraída, assustada, e apesar de querer saber de tudo, o trauma de ter perdido seus pais a deixou com os pés congelados nas opções: sem corte, sem riscos, sem perigo. E eu sou o perigo em forma de gente. Um grande risco.

Sou determinado a quebrar regras, mas dentro dos limites que eu imponho. Crescer com um pai rude que ensinou a mim e a meus irmãos a limpar a bagunça na hora em que o leite foi derramado me fez ser hoje um homem com *TOC* para limpeza da casa.

No meu lugar, no meu apartamento, no carro ou trabalho, tudo tem que estar do jeito que eu quero e se não estiver, eu fico tão transformado que se eu olhar no espelho, juro que posso ver meu pai no reflexo.

Eu odeio esse meu lado, mas nunca vou mudar. Sou assim desde moleque e eu não devo satisfação da minha vida para ninguém hoje. Moro sozinho, eu pago minhas despesas e meus caprichos, estou terminando a faculdade e correndo atrás de uma universidade para dar aula. Meu plano de vida é viver sem ter ninguém para me repreender por nada.

Não quero uma vida como meus pais levam, ela diz uma coisa, ele discorda, eles brigam durante um bom tempo e depois de muitos debates, minha amada mãe ganha e tudo sai do jeito dela. Eu não quero ter ninguém para mandar em mim de novo depois de ter minha carta de alforria.

Pego as bebidas no bar e subo para o camarote. Eles devem estar se perguntando por que demorei tanto. Chego ao camarote, coloco as bebidas no balde com gelo e olho para os cantos e para o sofá de couro, procurando Cecillia. Estranho. *Onde ela se meteu? Será que foi no banheiro?* Hum, vou esperar até ela voltar e dar a água a ela para que se sinta melhor.

Abro uma lata de Red Bull, tomo uma golada e mexo meu corpo, dançando. Quer dizer, eu mexo a cabeça que nem aqueles cachorrinhos de enfeite de carro que ficam com a cabeça pra cima e pra baixo. Minha irmã Rebecca ama esses bichos e eu, toda vez que vou visitar meus pais, coloco um no carro e passeio com ela.

Falando nela, tenho que visitá-la. Estou com saudade e ela está crescendo rápido demais, daqui a pouco vou vê-la com quinze anos e minha tagarela não será mais um bebê.

Acordando dos meus pensamentos, vejo Jorge com uma morena, Scar e Roger conversando no canto, e nada da Cecillia. Olho para o relógio e noto que não a vejo tem uns vinte minutos. Porra, ninguém demora tanto assim no banheiro, a não ser que ela encontrou um cara e eles estejam se pegando.

Foda-se, não vou morrer na dúvida. Chego perto dos outros e pergunto em voz alta por causa da música:

“Cadê a Cecillia?”

Scar sorri, sobe na ponta dos pés e fala no meu ouvido: “Ela foi embora.”

“Como é que é?” *Porra, eu não acredito que ela fez isso.*

“Ela disse que para ela a festa tinha acabado e que estava cansada demais.”

“Merda. Ela foi embora com quem?”

“Ela disse que ia pegar um táxi. Deve ter uns vinte minutos isso.”

“Okay, obrigado.” Assinto e volto para onde eu estava.

Acabo com a lata de Red Bull e tomo uma de cerveja logo em seguida, cheio de raiva por ela ter ido embora. Puta merda, por que ela não me esperou ou pediu para eu levá-la para casa?

Inferno, eu odeio quando alguém faz esse tipo de coisa. Faz merda, se arrisca por capricho. Ela já me conhece e sabe que eu tenho minhas manias. Se eu busco, eu levo de volta. Faço isso até quando ela pede carona para ir ao mercado. Cecillia está brincando com minha paciência.

Fico remoendo isso na minha cabeça durante uns cinco minutos e não me aguento.

“Pessoal, já estou indo, viu. Tenho que resolver uma coisa amanhã de manhã.”

“Tudo bem, cara”, responde Jorge.

“Quer que eu os leve para casa? Vão vir comigo?”

“Não, Henry, pode ir que nós vamos de táxi. Fica de boa.”

“Tranquilo, vou lá.”

Despedi-me deles, vou a passos largos saindo da boate. Quase na saída, a loira peituda entra na minha frente, sorrindo.

“Vamos embora agora?”

“Olha, você é gostosa pra caralho, mas eu tenho que ir. Pintou um problema e eu tenho que resolver.”

“Ah.” Ela faz um som manhoso e alisa meu peitoral. “Podemos marcar para outro dia?”

“Com certeza.”

Nos beijamos, meto a língua na sua boca enquanto aperto sua bunda e ela, safada e cheia de fogo, esfrega com força seu corpo no meu. Está muito bom, mas não a deixo ir mais longe.



Com o pé no acelerador e o telefone na orelha, tento ligar para Cecillia.

“Oi, aqui é Ceci, no momento eu estou fazendo sei lá o quê, então você já sabe. Deixa seu recado. Bmm”

“Cecillia Romanoff, atende essa merda de telefone. Por que você foi embora, sua garota teimosa?”, rosno indignado para o correio de voz.

Que porra essa garota está fazendo para não atender essa merda de telefone?! Eu juro que vou dar uma bronca das boas nela. Ela vai aprender que eu faço as coisas por inteiro e, se eu disse que íamos curtir a noite, nós deveríamos ir e voltar juntos. Merda, merda, merda, estou cheio de raiva e não estou entendendo por que estou tão irado, mas eu estou e foda-se.

Não é a primeira vez que ela me deixa assim. Nunca vou me esquecer do dia em que ela teimou em fazer um teste de aula de boxe e levou uma porrada no rosto. Ela foi teimosa e não me deixou levá-la ao hospital. Naquele dia eu deixei para lá, mas hoje eu vou dar uma bronca nela. Menina teimosa.



Chego ao prédio no seu dormitório e toco a campainha do prédio. Uma, duas, três vezes e nada.

“Merda, Cecillia, cadê você garota teimosa?”

Insisto deixando meu dedo na campainha.

P_EEEEEEEEEEEEEMMM...

Se ela não abrir, alguém vai ficar puto da vida e vai abrir. Vejo um vulto pela janelinha da porta do prédio e aporta se abre com a cara da megera de Annabelle.

“Você está perdendo a noção da hora?”

“Vê se me erra, Annabelle, e cadê a Cecillia?”

Ela fica muda e vejo um brilho esquisito nos olhos dela. *Assustadora, boneca de terror.*

“Eu não sei, eu estou no quarto da Angelita, que fica aqui no primeiro andar. Por que você está perguntando?”

“Ela veio para casa e não me falou e eu quero saber por quê.”

“Hmm... Sei.” Ela dá de ombros. “Ah, vai lá no quarto, ela só pode estar lá,

né?” Ela diz dando de ombros de novo, e sorri.

Aceno com a cabeça e sem mais delongas subo os degraus do prédio. Subo os cinco andares apressado e, chegando perto da porta do dormitório dela eu paro.

A porta está aberta?

“Brad.” Uma voz afogada e agonizante sai de dentro do quarto dela.

Dou um passo para trás, sentindo minhas pernas fraquejarem e o sangue no meu corpo aquecer minhas veias.

Ela está aí dentro com *ele*?

Fecho os olhos, engulo em seco, sentindo o gosto de ferro, e respiro fundo.

Porra, não pode ser. Ela disse que não gosta dele e, de todos os homens do mundo, a *minha* inocente e Barbie-nerd tem que ficar justamente com esse babaca sem respeito? Não entendo, ela mesma disse que odeia o que ele faz com Annabelle.

Sem me segurar, dou um soco na parede.

“Porra, Cecillia!”, exclamo e sem me importar, abro a porta para acabar com a brincadeira deles dois.

“Para, Brad!”

Por milésimos de segundos, meu coração para. Cecillia debaixo do Brad, debatendo-se e ele aprisionando-a com as mãos no alto. A cena me causa nojo. Ele está lambendo a parte de cima do corpo dela — ela está sem blusa — e ele pressiona o corpo nela com força e ela joga as pernas para o alto, tentando se desvencilhar dele.

Sacudo com força a cabeça despertando-me e entro no quarto, de vez.

“Cecillia!”, eu exclamo alto e minha voz reverbera pelo cômodo todo.

“Para, Brad!”, ela grita, e o desgraçado não a larga. “Por favor.” Ela chora.

Vou chegando perto deles e sinto como se estivesse em câmera lenta. Minhas forças foram sugadas para o espaço, meus nervos estão pulando e reverberando no meu corpo. *Eu vou acabar com ele*. Puxo a camisa de Brad, tirando-o de cima dela quase no mesmo momento que ele se vira para mim.

“O qu...”

Não deixo que ele termine a frase e acerto um soco na cara dele com a toda minha força.

“Seu filho da puta”, ele me xinga, e vem para cima de mim.

“Miserável!, devolvo.

“Vou acabar com você.” Ele me empurra e eu o empurro também. Ele tenta acertar um soco no meu rosto, mas eu desvio.

“Isso, pega alguém do seu tamanho, seu idiota!”, berro.

Começamos a duelar. No começo ele me acerta um pouco, mas depois eu consigo deixá-lo tonto e meto a porrada nele. Eu acerto a cara dele, fazendo seu rosto virar com a pancada, e ele já volta o corpo e, com um soco de direita, acerta de raspão meu queixo. Dou-lhe uma cotovela, virando meu corpo de frente para ele de novo. Esse verme não tem como ganhar de mim, eu dou aula de luta. Miro na costela dele e ele circula a barriga com dor. Chego mais perto dele, agarro firme seu ombro e com o braço em arco — fazendo um gancho com meus punhos cerrados —, acerto-o repetidas vezes, disparando socos fortes na cara dele. O ódio e a raiva são tamanhos que eu não vejo nada na minha frente, só vejo Brad e a imagem dele abusando Cecillia.

“Seu verme, desgraçado.” Soco-o repetidas vezes, agora ele todo: rosto, estômago e costelas.

Eu nem sei há quanto tempo eu já estou aqui batendo nele, o ódio está me dominando e nada vai me fazer parar de dar o corretivo nesse filho da puta.

“Henry, cara, pare.” Uma voz masculina entra na minha mente e eu levanto o rosto. “Você já bateu, cara, chega.”

Roger e Max me puxam para o canto, mas eu não largoo o Brad de jeito nenhum.

“Chega? Você viu o ele que estava fazendo?”

“Não interessa, mas você vai matar ele.”

Max força meu braço a parar e de repente Jorge entra na minha frente e consegue pegar o desgraçado do Brad das minhas mãos. Max segura meus braços e Roger fica na minha frente, em posição de defesa.

“Meu Deus, cara, você não pode bater assim nos outros.”

“Não fode, Jorge, e você não viu o que eu vi”, respondo, e puxo meu braço de Max. “Chega. Só tire ele da minha frente antes que eu o pegue de novo.”

Brad olha para mim com ódio e limpa a boca cheia de sangue com as costas da mão.

“Satisfeito que você finalmente me bateu?”

“Para dizer a verdade, não, mas se eu continuar, vou te matar.”

“Cala a boca, Brad”, vocifera Max.

“Ah, não força.” Brad puxa o ombro, tentando se soltar. “E esse babaca me

bateu por causa daquela...”

“Para. Estou te avisando”, falo, entredentes.

“Também acho”, Jorge diz.

“Vamos tirar você daqui e você, Henry, vai ver a garota. Ela está transtornada”, Roger fala, me empurrando, obrigando-me a me afastar.

Merda, eu me esqueci completamente de Cecillia. Giro nos calcanhares e a vejo com Scar e Manuela — que é vizinha de quarto dela — sentadas na cama com ela. Elas cobriram Cecillia com um lençol e ela chora, com o rosto escondido no ombro de Manuela.

“Henry, meu Deus, o que houve?”, Scar pergunta com a cara assustada.

“Nós estamos tentando falar com Cecillia, mas ela não fala. Eu estava chegando no meu quarto e vi você batendo no Brad e a Cecillia chorando e olhando. Então eu chamei o Max”, disse Manuela.

“E Max ligou para Jorge e Roger veio junto comigo. O que aconteceu?”, Scar questiona.

Fico parado, olhando e tentando assimilar tantas perguntas. Mordo o maxilar, lembrando-me da primeira coisa que eu vi ao entrar nesse quarto, e queria poder queimar meus olhos naquela hora. Respiro fundo e respondo a elas:

“Eu vim aqui falar com Cecillia e, quando cheguei, vi a porta meio aberta e ouvi ela pedindo para ele parar e, quando abri a porta, o vi em cima dela, forçando ela a...”

“Ele tentou abusar dela?”, Scar pergunta com raiva na voz.

Engulo em seco e assinto.

“Mas que miserável esse Brad! Eu nunca gostei dele”, Manuela fala e abraça Cecillia, que apenas recebe o carinho. “Ela vai ficar comigo no meu quarto.”

“Não. Eu vou levá-la para o meu apartamento.”

“Eu posso ficar com ela.”

“Não precisa. Eu cuido dela e eu não quero ela aqui perto da Annabelle e do Brad. Eu não confio mais que ela fique aqui e, para ser sincero, eu odeio dormitórios. Minha casa tem dois quartos sobrando e por enquanto, se ela quiser, pode ficar lá.”

“Certo, mas falando na Anna, cadê ela?”

“Está no quarto da Angelina, não sei”, respondo.

“Angelita, oh, meu Deus.” Manuela levanta. “Eu vou chamá-la.”

Seguro seu ombro e ordeno: “Não, você não vai. Eu vou levar Cecillia agora e quando eu voltar para buscar as coisas dela, você chama essa boneca de terror para eu saber ao certo o que é a dela e o que é da Cecillia.”

Seus olhos se arregalam e ela assente. “Tudo bem, só me deixa pegar uma blusa para ela, eu sei qual é o armário dela.”

“Está bem.”

Tiro minha mão dela e volto minha atenção para Scar e Cecillia.

“Ceci, fala alguma coisa. Vamos?”, murmuro.

Ela está com os olhos paralisados e com a respiração um pouco pesada.

“Você sente alguma coisa?”

Ela nega.

“Quer alguma coisa?”

Ela pisca e ergue os olhos para mim.

Eu sei o que ela quer e não pode ter. Seus pais. Nós sempre queremos nossos pais quando estamos com medo e agora ela deve estar se sentindo perdida e sozinha.

Respiro, dou um passo largo para ficar perto dela, abaixo meu corpo e olho para o seu rosto.

“Cecillia?”

Ela engole em seco e abaixa os olhos.

“Ei, por que isso?”

Ela faz que não com a cabeça.

“Acho que ela está com vergonha, Henry”, diz Scar.

Mas por quê? Levanto o corpo confuso e logo sinto uma mão no meu ombro.

“Tudo bem com ela, baby?”, perguntam Roger a Scar.

“Não sabemos, ela está em choque.”

“Hum. Esse Brad é um babaca. Por que você brigou com ele na frente dela?”, ele me repreende.

Eu me viro com fogo nos olhos para ele e respondo rangendo os dentes. “Porque ele estava quase estuprando ela. Bom assim pra você?”

“Putá merda. Eu achei que você estava com ciúme dela, sei lá.”

Ciúme? Ele não sabe mesmo o que fala, é idiota que nem o Jorge. Perco a paciência e me viro para as meninas de novo.



Estou entrando no meu apartamento. Depois de esperar colocarem uma blusa na Cecillia, eu a peguei no colo quando acabaram, porque ela simplesmente não se prontificou a levantar ou ir com mais ninguém. Se bem que os únicos que realmente a conhecem sou eu e Manuela. Os caras: Roger, Max e Jorge conhecem Cecillia mais de vista do que de convívio. Então eu a peguei e a levei para o meu carro.

No carro, Scar foi atrás com ela e Roger, Jorge veio na frente comigo. Chegando ao meu prédio, eu voltei a pegá-la e subimos para o vigésimo andar. Agora Roger abre a porta do meu apartamento e entramos.

“Coloca ela no sofá”, diz Jorge.

“Acho melhor deixá-la logo na cama para ela descansar.”

“Boa ideia, Scar. E enquanto eu vou buscar as coisas dela no dormitório, você tenta acalmá-la.”

Scar assente e entramos no meu quarto, porque é o único que tem cama. Eu estava planejando comprar móveis para os outros quartos por causa da minha irmã que virá morar comigo.

Entrando no quarto, meus passos travam um pouco porque ninguém nunca, a não ser eu e a faxineira, entrou aqui depois de Alana. E como eu tenho problema com organização, isso é complicado. Mas, respirando fundo, penso com o coração, e não com o cérebro insano que eu tenho às vezes.

“Esse é o teu quarto?”, Scar fala.

“É sim, e tenta não mexer em nada. Não tire nada do lugar. O controle da TV está no aparador embaixo dela e perto do DVD, se quiser. A cama, como você está vendo, tem travesseiros e cobertas suficiente.”

“Nossa. Tudo bem, Henry. Não toco em nada”, ela diz, na defensiva. “Agora entendo porque você não namora”, brinca.

Pigarreio e coloco Cecillia na cama depois que Scar levanta o edredom. Essa linguaruda não sabe de nada. Eu namoro, sim, mas tem um bom tempo que eu não faço isso. Namorar é complicado para mim, porque é obvio que um homem como eu, que tem um apartamento, trabalho, carro, as mulheres ficam loucas para compartilhar disso. Eu sou um homem, não um moleque que mora na casa dos pais. E eu gosto de ter a mulher comigo aqui, é claro. Se eu a escolhi pra namorar, eu vou gostar de tê-la comigo, né? Mas ela tem que ser organizada e limpa, pelo menos um pouco. Mulher relaxada é pior que homem. Há de chegar o dia em que eu encontrarei minha garota certa.

Sento ao lado de Cecillia na cama, coloco a coberta em cima dela e reparo que ela está travada. Seguro seus ombros, ela treme um pouco, mas eu insisto e olho para seu rosto.

“Olha, eu vou buscar suas coisas agora e...”

“Não! Fica.” São suas primeiras palavras. Ela agarra meus braços.

“Calma, eu vou voltar. Não se preocupe”, afirmo, olhando seus olhos.

Ela assente e abaixa o rosto.

“Eu estou com medo”, sussurra atordoada.

1 2 3 4 5 6 7 8 9... 100. Conto mentalmente até cem para não correr daqui e acabar com a cara do Brad.

“Não precisa ficar assim”, murmuro, fitando seus olhos tristes. “Scar vai ficar aqui e se você quiser eu deixo o Roger também. Max e Jorge me ajudam.”

Ela afirma com a cabeça, solta meus braços, e eu levanto da cama, um pouco relutante ainda.

“Vou lá buscar as coisas dela e você toma conta de tudo aqui”, digo para Scar, que estava o tempo todo atrás de nós. “Faz um café ou chá, sei lá. Tem tudo na cozinha.”

“E eu posso mexer lá?”, Scar debocha.

“Pode sim, fofinha”, respondo, torcendo a cara, e me viro para Cecillia mais uma vez antes de ir. “Eu estou indo, certo?”

Ela assente vagarosamente.

“Prometo não demorar.”

“Está bem, Henry”, ela diz baixo.

Meu coração aperta um pouco. Chego perto dela, beijo seus cabelos e me surpreendo com seus braços rodeando minha cintura. Fecho os olhos e solto a respiração.

“Obrigada por me ajudar, eu-eu eu não sei o que...”

Eu me solto dela para me abaixar e abraçá-la de verdade. Envolvero seu corpo e beijo o topo da sua cabeça.

“Oh, Barbie, não chore. Não aconteceu nada e vai ficar tudo bem. Nós vamos cuidar de você, eu vou cuidar de você. Quando eu voltar, a gente se fala mais.”

Ela assente e eu beijo de novo seus cabelos. Eu me desvencilho dela e saio do quarto praticamente correndo, antes que eu volte e a abraçe de novo.



Estou com muita pressa de tirar as coisas de Cecillia do dormitório e, se Deus me permitir, encontrar a Annabelle e dar um sermão que está entalado na minha garganta! Eu vou aproveitar essa oportunidade. Amiga é o caralho, ela acha que eu sou cego e nunca a vi zoando da cara da Cecillia com as Deltas. Olha, se eu descobrir que o que aconteceu hoje foi algum trote de irmandade, eu vou acabar com cada um que teve essa ideia estúpida.

Saio do prédio com Jorge e corro para o *campus* da faculdade.

“Por que a pressa?”

“Só estou com uma coisa na minha cabeça e se eu tiver a resposta agora, você vai ter que chamar reforço para me segurar.”

“Caralho, Henry. Do que você está falando?” Sinto Jorge virar o corpo para a minha direção.

“Acho que isso foi uma espécie de um trote de irmandade.”

“Meu caralho de asa, não pode ser, cara. Ele ia estuprar uma mina por causa de uma zuação?”

“Talvez eles só fossem tirar fotos ou fazer alguém da Alfa ver e isso ia dar merda. Você sabe como o Brad é maquiavélico e a Delta e a Alfa levam a sério quando eles apostam alguma coisa. Brad sempre quer atenção, e eu não ficarei surpreso se isso for verdade.”

“Mas porque com a Ceci?”

Essa é fácil responder. Viro-me para ele e sorrio de lado com amargura.

“Annabelle é Delta e Brad, Alfa.”

“Você acha que...?” Ele não termina a frase e eu afirmo com a cabeça.

Sim, eu acho que isso foi plano para aceitarem Annabelle na irmandade do namoradinho idiota dela. Já aconteceram casos assim. Fazem uma aposta, Alfa contra Delta, e aí eles aceitam a troca. Ridículo é pouco em se tratando dessa situação.



A cidade está escura, tudo em um silêncio mortal no *campus*. Saio do carro e logo estou entrando com Jorge no prédio. Assim que entro no dormitório, vejo que Manuela seguiu meu conselho e ainda não chamou a boneca bandida e amaldiçoada da Annabelle.

Estou com um pressentimento de que minhas suspeitas são verdadeiras e, se forem, eu tenho pena de quem planejou isso. Para muitos, ou melhor, para Jorge, isso é cisma minha ou implicância com Annabelle e Brad, mas ele não sabe que há um mês eu ouvi pelos cantos da universidade um tal de plano infalível para

uma pessoa de um grupo ser aceita no outro. Eu fiquei puto da vida e por pouco não me meti no meio da conversa e dei uns bons tapas nos dois integrantes da Alfa.

Naquele dia eu fiquei indignado como as pessoas são tão mesquinhas por pouca merda, mas nunca na minha cabeça eu pensaria que veria Cecillia passar pelo que passou, e agora a minha voz interna diz que eu estou certo.

Eu estou entrando de boa, tranquilo no antigo — *graças a Deus, pela dor ou pelo amor, eu consegui tirá-la daqui* — dormitório de Cecillia. Vou agir normalmente e, se meu alerta apitar, e eu sentir que minha desconfiança é real, eu vou tirar a limpo esse assunto. Como eu pretendo saber disso sem ser óbvio, no caso, perguntando? Bem, eu vou ver a reação de Annabelle, e se ela deixar transparecer nervosismo e cinismo para mim por algum, na verdade, nenhum motivo que seja, eu vou acabar com ela e com Brad. Vou ter que contar até sei lá quanto para não dar uns bons tapas nela. Eu nunca bati em mulher na minha vida, mas Annabelle me tira do sério e sempre me provoca.

Não entendo por que ela gosta tanto de me atizar. Sabe que o namorado de merda que tem já não vai com a minha cara e mesmo assim eu sou amigo da Cecillia, então por que ela gosta de ficar jogando letra ou vindo para cima de mim?

Cecillia nunca presenciou as investidas da sua “amiga”, entre aspas, porque ela está mais para amiga da onça, mas aquela boneca terrorista sempre deu em cima de mim, até depois que me tornei amigo da colega de quarto dela. Na frente de Cecillia, ela se comporta, me trata bem, é educada e se mantém distante, mas por trás, se eu quisesse já a teria comido quando me desse na cabeça e quantas vezes eu quisesse. Só que isso nunca vai acontecer, nem que ela fosse a última boceta do mundo eu a comeria. Deus me defenda.

Balanço a cabeça para espairecer os pensamentos e pego duas malas, que estavam do lado do quarto que era o meu espaço, e com a ajuda de Manuela, Max e Jorge, as coisas de Cecillia estão sendo colocadas nas malas e nas caixas que Max conseguiu com o zelador do prédio. Quis matá-lo por ter acordado o homem às quatro da manhã.

“Isso daqui é dela?”, Max pergunta, erguendo um sutiã com estampa de onça.

Reviro os olhos e ignoro, mas Manuela responde. “É da Anna.”

“E como você sabe?”

Manuela dá um tapa no braço de Max e responde: “Porque eu sei, idiota. Para de ser engraçado. Sua tarefa é pegar as coisas pesadas.” Ela arranca o sutiã da mão dele e o empurra para perto da cama. “Vai pegar as caixas de livros que

estão debaixo da cama.”

“Vocês fazem um casal encantador”, zoa Jorge.

Max levanta o corpo rapidamente e responde, irritado: “Eu e essa chata?” Aponta para Manuela, que está roendo as unhas. “Deus que me livre. Eu gosto de mulher com mais peito.”

“Ah, seu... filho da puta!”, Manuela vocifera.

“Os peitos dela são maneiros, cara”, Jorge diz.

“Cala a boca!”, ela reclama, e coloca os braços sobre o peito, e eu balanço a cabeça.

“Para de palhaçada e junta as coisas, porra”, eu falo. “Deixe a menina em paz.”

“Isso mesmo, seus infantis.” Manuela franze a testa, mas fica com cara de criança birrenta.

“Poxa gata, eu te elogiei.” Jorge fala para Manuela e pisca, mas ela nem dá bola e volta para o armário, tirando as roupas dos cabides e colocando-as em uma mala.



Um tempinho depois, quando já estávamos desarrumando a cama de Cecillia, um certo alguém entra no quarto fazendo escândalo.

“Que merda vocês estão aprontando aqui no meu quarto?”

“Olha como fala comigo”, rosno para a sonsa da Annabelle. “Primeiramente, o quarto não era só seu.”

“Era?”, ela me interrompe.

“Sim, você dividia o quarto com alguém, e pare de gritar. Não estou com saco para seus gritos e agora ajude a separar as coisas de Cecillia.”

“O que você quer dizer com isso? Eu não vou pegar merda nenhuma dela e, a propósito, cadê Cecillia?”

“Está na minha casa”, respondo-a.

Vejo-a andando até Max e dando um tapa no braço dele. “Tire suas mãos imundas da minha calcinha, idiota.” Ela o empurra e se vira para mim. “E você, sai fora daqui com esses babacas. Agora!”

Respiro fundo e peço: *Senhor, dai-me paciência*. Caminho mais para perto dela, aproximando-me, e fito seus olhos castanhos.

“Olha aqui, seu namorado já tomou umas porradas e, se você me estressar, eu vou te dar uns sacodes, está me ouvindo?”

Seus olhos ficam esbugalhados. “Você bateu no Brad por causa de um...” Ela para de falar abruptamente e eu aperto os olhos, com a pressão subindo.

Ah, filha da puta. Então eu estava certo e por pouco ela não fala as palavras: “de um plano”. Meu Deus! Fecho os olhos e dou três passos para trás, abrindo os olhos de novo, que fixo nela, com sangue nos olhos.

“Se você não tem mais nada para fazer aqui, acho melhor arrumar seu rumo. Vai cuidar do seu namoradinho e depois nós conversamos.” Sem resistir, volto dois passos para perto dela e abaixo o tom da minha voz, querendo amedrontá-la, mas sem dar a impressão de que ia bater nela. Nunca faria isso. “Nós precisamos muito conversar. Não é mesmo, Anna?” Cuspo o apelido dela, coisa que eu odeio.

Seus olhos tremem e a raiva que ela emana é palpável. “É sim, capitão”, ela rosna, chamando-me pelo título do time. Está zombando de mim.

Aperto os olhos para ela com raiva, nervoso, e Annabelle respira fundo, gira os calcanhares e pega um casaco das mãos de Manuela. “Isso ainda é MEU!” Atravessa o caminho do dormitório e sai batendo a porta. “Não encostem nas minhas coisas, no caso, fiquem longe do lado esquerdo do quarto, seus idiotas.”

Paft! A porta bate e todos os quatro soltam um suspiro pesado.

“Nojenta, eu nunca fui muito com a cara dessa garota. Patricinha idiota”, Max fala, pegando uma foto dela na cômoda que está do lado dela do quarto.

“É melhor você soltar isso, Max”, Manuela chama a atenção dele.

Ele revira os olhos e faz uma careta. “Mas olha para essa cara.” Max vira o porta-retratos para nós. “Veja a cara de perigo que tem essa garota.” Volta a imagem para ele e diz, pensativo, quando coloca o porta-retratos de volta no lugar: “Eu nunca me engano com ninguém e Anna está na minha lista”.

“Pra você comer?”, Jorge pergunta.

“Não babaca, pra eu manter distância.”

“Tudo bem, meninos. Vamos calar a boca e começar a levar as coisas para o carro”, Manuela fala e eu concordo com ela.

“Isso mesmo. Vamos acabar logo com isso aqui.”

Vamos mesmo, porque preciso ver como Cecillia está, penso comigo mesmo.



Jorge e eu entramos primeiro no meu apartamento, pegamos um carrinho, que serve para ajudar a pegar compras de mercado, mudanças e compras maiores, do edifício, e depois de pegar todas as quatro malas, três caixas médias, um quadro e o tapete de Cecillia, colocamos tudo no carrinho e subimos para o meu andar.

“Merda, Henry. Como eu vou pegar isso tudo aqui? Só eu e você, vai demorar uma eternidade.”

“Eu e você, o quê?”

Ele se vira para mim com a cara confusa. “É. Nós vamos levar as coisas lá pra dentro.”

“Eu vou porra nenhuma”, digo de brincadeira e dou as costas para ele, mordendo os lábios por dentro, para prender o riso.

“Henry, filho da pu...”

“Termina a frase que eu vou deixar você com a turma de iniciantes durante um mês.” Ele odeia os alunos novos, dá muito problema. Abro a porta do apartamento e entro.

“Henry, eu não vou pegar tudo sozinho”, Jorge berra atrás de mim.

Vindo do corredor dos quartos, Scar aparece. “Que escândalo é esse? Parem de gritar. Cecillia dormiu agora há pouco e olha a hora, seu bastardo”, ela fala e dá um tapa no braço de Jorge.

“Desculpe, Scar”, Jorge fala, mas eu escuto no fundo dos meus pensamentos.

Ao que Scar fala o nome de Cecillia, eu sinto meu corpo vibrar de ansiedade e raiva. Ainda não estou satisfeito com a surra que dei em Brad e estou muito preocupado com ela. Não sei o que ela irá fazer, nem sentir assim que acordar e a ficha cair. Balanço a cabeça, voltando meu foco para o que eu vim fazer aqui dentro, e vou para a cozinha.

“Você está indo aonde, Henry? Você vai me ajudar.” Jorge vem atrás de mim com Scar.

“Cala a boca.” Scar dá outro tapa nele, agora na cabeça:

“Meu Deus, Jorge, pare de falar tão alto e se acalme”, falo, e vejo meu alvo.

“Me acalmar?”, ele resmunga. “Porra nenhuma. Não vou pegar aquelas coisas sozinho.”

“Porra, vocês já estão brigando”, Roger brinca enquanto está comendo alguma coisa que pegou da minha geladeira. “Por isso o namoro de vocês nunca vai se firmar.”

“Vai se foder.” Jorge logo se ofende com a brincadeira do irmão e lasca um soco no ombro de Roger.

“Filho da puta, isso dói.”

“Dane-se”, Jorge responde, pega o sanduíche de Roger e abre minha geladeira, pegando uma latinha de refrigerante “e pare de falar mal nossa mãe,

seu babaca”.

“Ah! Vocês me cansam. Tchau”, Scar resmunga e sai da cozinha.

Vejo os irmãos rindo e fechando a porta da geladeira com força — parece que Jorge encontrou algo de valioso dentro e não quis largar a maldita —, empurro Jorge para a frente, e falo:

“Sabe, aqui não é a casa de vocês e, mesmo assim, que fome é essa?”

“Cara, nós não tivemos tempo para nada. Quando Max ligou para Jorge, nós fomos direto ajudar você.”

Cerro o maxilar e Roger continua. “Eu ia levar geral para comer algo depois, mas...”, ele deixa a frase morrer e eu fico cinco minutos em silêncio.

“Que se foda, mas antes de vocês encherem a barriga às minhas custas”, tiro as mãos deles dois e pego ingredientes para fazer os sanduíches, “vamos pegar as coisas de Cecillia que está no corredor antes que alguém chame o síndico para reclamar. Andem logo”.

“Então você ia chamar o Roger para ajudar”, Jorge, lerdo como sempre, fala pensativo. “Agora sim.”

Resmungo, dou as costas para eles e saio da cozinha, mas quando chego ao meio da sala, olho para trás e chamo Roger e Jorge em voz alta, e aparece uma cabeça no corredor, vindo do meu quarto.

“Vou cortar a língua de vocês quando estiverem dormindo”, Scar cochicha, fazendo um gesto de abrir e fechar os dedos como uma tesoura em frente à boca.

Rio e espero os irmãos tartaruga aparecerem na sala.

“Vamos logo, estou morto de fome”, Jorge fala, e esbarra no meu ombro com força, de propósito.

“Você é tão maduro”, reclamo, e finalmente volto a ver o carrinho com as coisas. Com eles, começo a pegar as coisas e levar para dentro.

“Nossa, ela tinha isso tudo no dormitório dela?”, Roger constata assim que entra com o último item de Cecillia, e Jorge desce para a garagem para colocar o carrinho no lugar dele.

“Não”, respondo. “Eu passei na Walmart no caminho e comprei umas coisinhas.”

“Seu humor é insuportável às vezes”, ele reclama.

“E vocês às vezes são tão tontos que eu fico até na dúvida se você é mais retardado do que Jorge.”

Roger faz uma careta, mas logo sua cara fica pensativa e ele me desfere um

olhar entendido, e como mágica rimos como dois babacas. “Com toda certeza é o Jorge.”

“É, eu sei.” Assinto, rindo.

“Por que vocês estão rindo tanto?”, Jorge pergunta, abrindo a porta do apartamento.

Troco um olhar com Roger, que começa a gargalhar mais forte.

“Meu Deus”, Jorge diz, confuso, ou preocupado.

“O que foi, Jorge?”, pergunto, levantando-me do sofá.

“Eu fui ali e não demorei mais de seis minutos e vocês estão chapados.”

“Não ferra.” Bato no ombro dele e vou para o meu quarto. “Agora, podem comer e se quiser podem ir também. Obrigado pela ajuda.”

“Você não quer que ninguém fique aqui para ajudar?”, Jorge pergunta e olho para ele.

Roger e ele perderam o humor e estão sérios agora.

“Não precisa.” Levo minha mão até a cabeça e enterro os dedos nos meus cabelos, para aliviar a tensão um pouco, e confesso: “Eu realmente não sei como ela vai reagir, mas, de todos vocês, eu sou o amigo mais próximo dela e não sei...”

“O que você quer dizer?”, Scar fala, vindo do quarto e parando ao meu lado.

“Eu acho que ela não vai querer um monte de gente aqui quando ela acordar. Pensa. Ela foi vista vulnerável e naquela situação.” Balanço a cabeça. “Você viu como ela ficou com todos lá.”

“Você acha que ela deve estar com vergonha?”, Roger pergunta com sutileza.

“Não, ele acha que ela deve estar com medo ou deprimida”, Jorge explica. “Eu entendo o que ele quer dizer. Eles dois são mais próximos e eu acho que se for para alguém abordá-la amanhã, tem que ser alguém que é amigo dela. Nós a conhecemos há pouco tempo. Henry e ela são amigos já faz um tempo.”

“Mas eu cuidei dela até agora e ela não fez nada”, Scar replica.

“Baby, você cuidou dela, mas ela ainda parece abalada. Amanhã ela vai estar bem sóbria”, Roger murmura, e vira o rosto para mim. “Eu entendi o que você quer dizer e acho que é realmente melhor só ter você aqui.”

“E, mesmo assim, depois de Henry, ela só tinha a Annabelle, e eu tenho certeza que ele explicará para a Cecillia que a ‘amiga’ ajudou a armar isso”, Jorge diz.

“Nós não sabemos se é isso”, Scar chama a atenção dele.

“Gata, você não viu a cara de culpada dela quando chegou no quarto toda bravinha e Henry contou que bateu no Brad?”, Jorge conta para cunhada e o irmão. “Ela é uma suja, eu tenho certeza de que ela está metida nisso.”

“Sério isso, Henry?” Scar vira o rosto para mim.

“É sim. Ela quase deixou escapar mais do que devia e, quando eu disse que ia conversar com ela depois, eu vi a culpa e o medo em seus olhos.”

“Mas que filha de uma puta essa Annabelle”, Roger fala, e Scar completa:

“Eu vou dar uma surra nela, porque eu sei que vocês não batem em mulher.”

Nós rimos e eu falo: “Seria realmente bom dar um corretivo nela, mas primeiro eu tenho que resolver isso tudo que aconteceu e, amanhã, no caso, pois hoje vou levar Cecillia à delegacia para ela prestar queixa”.

“Faz muito bem, cara”, Jorge fala e me dá um aperto encorajador no ombro. “Se precisar de mim, pode me chamar.”

“Pode contar conosco também”, Roger fala, e passa os braços pelo corpo de Scar.

“Com certeza nós vamos ajudar. Isso não vai ficar assim”, a namorada completa, e sorri.

Assinto e respiro fundo. “Obrigado. Cecillia vai precisar muito de vocês mesmo”, resmungo. “Merda, eu não acredito que uma pessoa em quem ela confiava e que chamava de amiga tenha feito isso.”

“Ela vai ficar muito triste”, Scar fala, e todos assentem.

“Uma merda”, Roger comenta, e olha para o relógio no pulso dele. “Nossa, são cinco e pouco da manhã.” Ele estende a mão para mim e aperta a minha mão. “Nós já vamos, cara.”

“E o rango?”, Jorge pergunta, mas toma um olhar mortal de Scar.

“Tem comida em casa.” Rio e aperto a mão de Roger e recebo os dois beijos de Scar. “Pode me ligar, se qualquer coisa...”

“Eu sei, Scar. Valeu.”

Mesmo brincando e sendo uns babacas, na hora em que preciso, eles sempre estão aqui. Gosto muito de Jorge, Roger e Scar. Eles são malucos, mas leais. Levo-os até a porta, despeço-me e eles vão embora.

Assim que fecho a porta, bufo e vou até a cozinha, guardo tudo que está em cima da mesa, na geladeira e no armário e coloco a louça na pia. Lavo as mãos, apago as luzes da cozinha e da sala, só deixando o abajur no canto iluminado, e

vou para o meu quarto.

Vou ter que pegar algumas coisas para colocar no sofá, para eu dormir, porque é claro que eu não vou dormir na minha cama ao lado de Cecillia. Merda, acho que ela ia ter um ataque de pânico. Acabou de quase ser abusada por um cara e agora, se eu aparecesse ao seu lado na cama, ela ia pirar com certeza. Entro no quarto e olho para ela.

Ela está deitada no lado em que eu durmo, um pouco encolhida e virada para o lado vazio da cama de casal king-size. O edredom está cobrindo-a até os ombros e uma das mãos de Cecillia segura com força a ponta da coberta, levando-a para o meio do seu peito. Eu não sei, ela parece estar encolhida e fraca.

Solto uma respiração audível e passo a mão no meu rosto, sentindo a exaustão me abrandar e um pensamento vem em minha cabeça: *Será que ela não vai pirar de qualquer jeito? Será que ela vai querer ficar sozinha? Me pedir para ir embora e, Jesus... E se ela quiser falar com Annabelle e não acreditar no que eu vou dizer? Merda. Deus me ajude. Não sei o fazer.*

Abro a porta do meu armário, pego duas colchas na parte alta, onde Clarinda, minha diarista, coloca as roupas de cama passadas e lavadas. Fecho a porta do armário e me viro para a cama, para pegar um travesseiro. Lentamente tento pegar um dos travesseiros do lado oposto em que Cecillia está deitada, mas a mão do braço debaixo dela está em cima dele e fico com medo de acordá-la.

Fico paralisado, olhando para a mão dela. *Sem travesseiro ou com travesseiro.* Merda, porra, foda, todos os palavrões do mundo. Fecho os olhos, respiro e, colocando as colchas na cama, chego minha mão até o pulso de Cecillia e, como se estivesse cortando um fio que poderia fazer com que uma bomba explodisse ou não, eu levanto seu braço e puxo *va.ga.ro.sa.men.te* o travesseiro. Ela resmunga, mas quando o travesseiro está todo fora do caminho, eu respiro e calmamente volto sua mão para baixo, apoiando-a no colchão. E ela, ainda dormindo, se mexe e coloca o braço que segurei debaixo do travesseiro em que ela está deitada.

Ergo minha postura e respiro, abraçando o travesseiro, e vou para a sala. Ajeito o sofá com as cobertas e o travesseiro. “Pronto”, falo, e meu inconsciente me cobra dar mais uma olhadinha em Cecillia antes de deitar.

Volto para o quarto, olho para ela e verifico as horas: 05h27min. *Nossa, está tarde demais, ou cedo demais.*

Abrindo meu armário, pego uma calça de moletom para dormir e uma blusa de algodão leve e vou até meu banheiro. Não queria, mas depois que tirei a roupa e vi sangue no meu pescoço, que escorreu do meu supercílio, do único

soco que Brad realmente me acertou, resolvo tomar um banho bem rápido. Eu me enxugo, visto a roupa e escovo os dentes. Abro a porta e olho para a minha cama. Ela se mexeu de novo e o edredom escorregou, agora está no meio das costas dela, porque ela está dormindo de barriga para baixo.

Sorrio e vou até ela. Ergo o edredom e ela murmura algo ininteligente. *O quê?* Aproximo-me dela, inclinando o corpo para baixo, e tento escutar de novo. Se é que ela vai dizer algo de novo.

“Cecillia”, murmuro.

“Boa noite”, ela diz baixinho, e fico surpreso e congelado com o resto, “papai, mamãe”.

Meu coração aperta e eu tenho vontade de abraçá-la. *Merda, Deus. Ela deve sentir tanta falta deles ainda.* Que droga. Passo as mãos de novo no rosto e dou a volta na cama e me sento na beirada, sem fazer muito movimento, e coloco meus neurônios para queimar.

Que merda deve ser perder pai e mãe. Imagina perder os dois. Ela pode ter quem quiser ao seu lado: seus padrinhos, amigos, eu, e um dia quando ela ficar mais velha, casar, ter seus filhos. Mas o buraco que seu coração deve ter pela falta dos pais nunca será preenchido. Ela os perdeu muito nova e não os teve para vê-la crescer, se tornar essa mulher que mais parece uma menina ainda, e vê-la entrar na faculdade, e eles não vão estar aqui em sua formatura, nem muito menos vê-la ser bem-sucedida — porque é óbvio que ela será. É muito esperta e inteligente para que não o seja. E eles também não estarão aqui para vê-la ter uma família. Que triste deve ser perder seu mundo, porque eu sinto meus pais como meu mundo, apesar de todas as diferenças com meu pai, eu o amo, e minha mãe é minha fonte de força e alegria.

Nossa, que solidão me dominou por pensar nisso e agora eu tenho um sentimento por Cecillia que nunca passou na merda da minha cabeça oca, eu tenho compaixão, não pena, mas uma necessidade de tentar, de qualquer forma, deixá-la feliz e ajudá-la a pelo menos ter força e alegria para continuar seguindo seus sonhos e para conquistá-los.

Nunca ninguém vai superar seus pais, porém, ela não ficará sozinha por completo. Ela tem seus padrinhos e a mim — mesmo sendo pouco — e tem alguns outros amigos, e com o tempo chegarão mais pessoas para amá-la e deixá-la feliz. Só rezo para o que aconteceu ontem não a deixe desolada demais, senão eu vou ter que chamar minha mãe para me ajudar. Ela é mágica e cuidaria perfeitamente de Cecillia.



SÁBADO, 24 DE OUTUBRO DE 2013

EU ESTOU ACORDADA, EU SEI DISSO. EU despertei com o pesadelo que eu estava tendo, mas não lembro o que era nem sobre o que se tratava. Só sei que era um sonho ruim, pois meu coração está agitado dentro do meu peito.

Mas mesmo desperta, eu estou com uma sensação ruim, uma coisa diferente dentro de mim. Não sei o que é, não ainda. Não estou sonhando mais, já sei disso. Só que me sinto diferente. Com os olhos fechados, meus sentidos estão apurados e eu sinto um aroma diferente, uma fragrância de um lar que não é reconhecível. Não é meu lar. Esta cama não é minha, este cheiro é diferente, mas não todo, existe algo neste aroma que é memorável. Eu sei disso.

Abro as palmas das minhas mãos e aliso suavemente o lençol que envolve a cama. É de algodão, tem cheiro de novo, limpo e fresco. A coberta que me cobre também tem o mesmo cheiro e é macia. Pego a borda da coberta, fechando meus punhos, e levo-a até o meu nariz, e dou uma fungada. Tem um cheiro bom, cheira a jardim florido e primavera, roupa de cama limpa e passada.

Mas por que eu estou aqui? Onde eu estou afinal?

Virando o corpo para o lado e notando que estou em uma cama de casal, abro os olhos lentamente e...

Henry.

Dou de cara com Henry.

Espere aí.

Henry?

Ai meu Deus. Por que eu estou na cama com o Henry? O que ele está fazendo aqui? O que eu estou fazendo aqui? Na realidade, onde estamos e por que estamos juntos? Meu Deus do céu!

Confusa, levo as mãos para o meu rosto e fecho os olhos, para me esconder mais ainda. O que aconteceu ontem? Por que eu estou aqui? Eu estou pirando, senhor. Eu... Eu estava no meu quarto, eu fui pra lá ontem porque eu fiquei brava na boate, depois de ver Henry com a loira peituda e então... eu... eu... Ai, meu Deus.

Ai meu Deus!

“Não”, deixo escapar um sussurro muito baixo.

Brad.

O Brad, ele...

Minha cabeça começa a girar. Deito de barriga para cima e puxo as cobertas para me esconder e faço movimentos com a cabeça repetidas vezes, negando. Não pode ser, não pode ser. Ele não fez isso. Sinto meus nervos, meus músculos se retesarem e se repuxarem como se eu estivesse tendo um ataque de inércia.

Caindo...

Meu Pai eterno, não! Estou entrando em pânico, entrando em colapso. Eu estou enlouquecendo, eu sei disso. Faço Biologia, estudo o corpo e eu sei quando o corpo está entrando em um colapso nervoso e catatônico. *Meu Deus.*

ISSO SÓ PODE SER MENTIRA, ISSO FOI MEU SONHO. NÃO É?

Silêncio.

ANJOS? CADÊ VOCÊS, SEUS IDIOTAS?

Silêncio.

Meu corpo começa a tremer e meus olhos, a arderem pelas lágrimas. Eu estou sozinha. Profundamente sozinha.

ANJOS? Tento de novo.

Nada.

Eles se foram e eu estou por contra própria com meus pensamentos, e agora eu tenho que lidar com essas memórias de Brad me atacando. Foi sonho ou realidade? E se for real, por que eu não me lembro de mais nada depois que ele

veio para cima de mim? Meu coração está doendo. Doendo de verdade, quase a mesma dor que eu senti quando...

Tiro meu rosto do esconderijo das cobertas e o viro, para fitar o rosto de Henry. Por que eu estou nessa cama estranha, nesse quarto estranho, com ele? Quem me trouxe para cá? Será que eu vim para cá depois que o...

NÃO!

Alguém me trouxe. Tem que ser. Tem que ser isso. Puta que pariu, meu coração vai entrar em uma parada cardíaca. Continuo olhando para o meu amigo e... Por que Henry está nesta cama comigo? Tantas perguntas... Por que eu estou nesta cama com ele? E quem me trouxe para cá? Quem me salvou de Brad? E se ninguém me salvou?

“Ai meu Deus, ai meu Deus”, sussurro. Meu coração começa a bater muito, muito forte. Eu estou tendo um ataque cardíaco.

As pálpebras de Henry tremem e ele se mexe vagarosamente, até que seus olhos de um cinza-azulado abrem. Ele pisca, acostumando-se com a claridade, e eu estou esperando ansiosa que eles se foquem em mim e por ouvir sua voz me explicando as coisas. *Ele terá as respostas para as minhas perguntas?*

Henry mexe o corpo estranhamente e vejo que, por fim, ganho foco na sua frente. Ele engole em seco e eu prendo a respiração. Eu não sei por que, mas uma áurea pesada se estabilizou neste quarto, bem em cima da cama em que estamos deitados, um de frente para o outro.

Com um nó na garganta, tomo coragem e falo: “Oi”.

Não reconheço minha voz, ela está quebrada e rouca, muito além da minha voz de sono. Tem um gosto salgado, e meus olhos, eu sinto agora, eles estão pesados e sensíveis. *Eu sei. Eu chorei e muito ontem à noite.*

Respirando fundo, Henry também me cumprimenta: “Oi”.

Tento sorrir, mas não consigo fazer meus lábios se curvarem e, mesmo assim, eu acho que seria o sorriso mais sem graça e fraco da minha vida. Então simplesmente fico olhando para ele, e ele fica olhando para mim. Um silêncio esquisito estala sobre nós. Desvio, em fuga, meus olhos dos seus, e logo sua voz toma o quarto.

“Você está se sentindo bem?”

Dou uma olhadinha para ele e resolvo me levantar. Sentando na cama com as costas na cabeceira, eu reflito em voz alta:

“Não sei, eu estou confusa.” Sinto-o sentando também na cama, imitando minha pose. “Eu não sei se o que está na minha cabeça foi sonho ou realidade.”

Viro-me para ele e olho para seus olhos estreitos e curiosos. “Você sabe me responder isso?”

“O quê?”

“Brad”, faço uma pausa. “Ele fez mesmo aquilo?”

Henry se mexe, meio desconfortável, e eu ergo os joelhos, encostando minhas coxas no peito, abraçando minhas pernas.

“Você não se lembra de nada?”, ele me pergunta, calmamente. Calmo até demais.

Dou de ombros. “Eu me lembro da boate, depois eu vindo para casa e...”

“E...?”, ele diz, e eu olho para ele.

“E o Brad bateu à porta, eu abri e...” Engulo em seco e preciso fechar os olhos, sinto-me... suja.

“Eu sei.”

Viro meu corpo como uma flecha para Henry.

“Você sabe. Como assim? Sabe o quê?”

“Eu cheguei na hora em que ele estava em cima de você.” Meus olhos se arregalam. “Eu não pensei duas vezes quando vi aquilo e o tirei de cima de você.” E ele continua me contando o que aconteceu. Manuela viu a porta aberta, Henry batendo em Brad, eu com a roupa toda rasgada. Então ela chamou Max, que ligou para Jorge, e aí todos foram parar lá. Eu assinto quando ele conta que Scar cuidou de mim e Roger ficou no seu apartamento conosco. Eu lembro, lembro-me disso tudo e...

“Eu me sinto tão miserável.” Minha voz soa como se estive anos-luz de distância de mim mesma.

Meus olhos queimam pelas lágrimas iminentes. Então rapidamente eu saio correndo das cobertas, fugindo da cama, e viro-me de costas para Henry. Chego até a janela do quarto e olho para fora do portal retangular envidraçado que se chama janela, mas não me foco em nada. Apenas sinto... o nada.

Uma lágrima escorre. E meu coração aperta.

Não tenho ninguém. Henry disse que Anna nem ligou para o que o Brad fez. Ela não é minha amiga. Eu acreditei que ela fosse. Meu Deus! Olho para o céu tempestuoso do outono lá fora e sinto-me vazia.

Eu estou sozinha.

“Cecillia?” Henry diz meu nome e eu sinto que ele está atrás de mim, não mais na cama.

Fecho os olhos e deixo minha cabeça pender, esgotada e triste. E as lembranças de quando eu recebi a notícia de que meus pais se foram e me deixaram aqui sozinha vem à minha mente. Foi tão triste, eu consegui sentir todos os pontinhos sensíveis dos meus nervos, senti cada molécula se juntar dentro do meu peito e se alojar no meu coração, como um punhal afiado. Foi a dor mais cruel e forte que eu sofri. Meu mundo estava me deixando. A base, meu alicerce, não apenas quebrou, mas me deixou.

E agora eu sinto todos esses nervos, esses medos, essa dor se inchando no meu peito de novo. Um soluço me escapa e eu tapo a boca, inspirando fundo, e soltando o ar cadenciadamente, e meu pranto me atinge quando os braços de Henry me envolvem.

Meu choro é alto e agonizante. Por que fizeram isso comigo? Por que eu tenho que ser a menina órfã que não tem ninguém para quem correr e pedir ajuda? Choro soluçando e Henry consegue me virar para ele, abraçando-me com força, e eu o abraço também.

Sacudo a cabeça repetidas vezes, querendo dizer que não e, por cima do soluço, tento falar.

“Eu-eu estou tão so-sozinha. Não tenho ninguém.”

“Você não está sozinha”, ele diz, com a voz rouca no meu ouvido.

“Eu estou sim, Henry. Meus padrinhos estão longe, meus pais não existem mais e agora, a menina que eu achava que era minha melhor amiga fez isso comigo.” Eu grito no final e me afasto para olhar para ele em meio à névoa das minhas lágrimas. “Ela não liga pra mim e ainda pode ter ajudado a fazerem isso comigo.” Choro e fungo. “Por quê? Por que eu?”

Vejo a raiva nos olhos de Henry e ele contrai o maxilar. “Eu não sei por que fizeram isso e não dê tanto crédito assim pra Annabelle. Ela foi, apenas foi, uma amiga sua.” Suas palavras me fazem chorar mais e ele limpa minhas lágrimas sem controle, suas mãos estão tremendo. “Não quero fazer você chorar, Cecillia. Mas muitas amizades acabam todos os dias e novas começam. Eu sei que nós queremos ter essa pessoa como nosso amigo para sempre, às vezes. Só que isso não acontece sempre.”

Assinto e digo, respirando: “Eu sei, mas eu gostava dela”.

“Eu sei que sim.” Seu rosto está sério demais e ele segura firme minhas mãos, no meio dos nossos corpos. “Só que agora você vai ter que se contentar com os outros amigos que tem e esquecer Annabelle. Ela não merece sua amizade. Desculpe de verdade dizer isso, Cecillia. Mas é a verdade.”

Assinto de novo e, por força maior, eu o abraço. “Eu queria que isso fosse um pesadelo.”

“Eu também queria.” Ele afaga minhas costas e meus cabelos. Seu corpo está me engolindo, de tão alto que ele é, ou eu que sou baixa demais. Fico chorando nesse muro vivo e quentinho. Me alivia um pouco tê-lo comigo, mas... o que eu sinto dentro do meu coração dói, e dói muito mesmo.

Choro mais um pouco em seus braços, descarregando um pouco a dor que está percorrendo meu corpo.

“O que você quer fazer agora?”, Henry pergunta suavemente, ainda afagando minhas costas.

Inclino a cabeça para cima e o fito. “Por que você me trouxe para cá?”

“Porque eu não ia deixar você naquele dormitório depois do que aconteceu e não vou esconder que não confiava em deixar você lá perto de Annabelle e dando *sopa* para o Brad.”

“Você acha que eles...?”

Henry me corta. “Eu não estou no coração de ninguém, então eu não sei. Preferi te trazer para a minha casa.”

Assinto e fujo dos seus olhos, saindo do seu abraço, um pouco envergonhada. “Você já tinha me salvado, não precisava...”

“Não precisava trazer você?”, ele pergunta, e eu assinto, ainda sem olhar para ele. “Precisava sim, para minha paz de espírito e para sua segurança. Só peço desculpas por ter caído no sono na cama com você.”

Subo os olhos rapidamente para os seus de novo e estou mais confusa. “Você dormiu aqui”, aponto para a cama, “sem querer?”

Henry dá de ombros. “Eu vim te ver mais uma vez antes de me deitar e acabei sentando na cama.” Ele faz uma pausa e parece envergonhado. “E... achei você,” outra pausa, “triste e fiquei pensando em como estaria se sentindo”.

Olho bem no fundo dos seus olhos e um nó se forma na minha garganta. Abro um sorriso de agradecimento, bem breve, e mordo meu lábio inferior, sentindo-me estranha. Abro a boca, tentando dizer alguma coisa, mas eu não quero dizer nada na verdade. Eu queria seus lábios nos meus, isso me faria feliz. Sei lá. Mas não faço nem falo nada. Fito-o e as lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, caindo livres no meu colo.

“Obrigada, Henry”, digo, por cima de uma respiração difícil, que vira soluço quando ele me abraça de novo. “Obrigada mesmo.”

“Não foi nada”, ele responde com sua voz forte, que reverbera dentro de mim por causa da nossa aproximação.

Fecho os olhos com a cabeça encostada no peito dele e escuto seu coração batendo. Bate forte, acelerado. Seu corpo está um pouco trêmulo e quente demais.

“Você está bem?”, pergunto.

Henry pigarreja e murmura um sim com a garganta. “U-hum.” E pergunta: “E você?”

“Agora estou melhor”, sussurro, mas não saio dos seus braços, porque assim não parece que estou caindo livremente na minha tristeza. Não estou escorregando...



Quando consegui me soltar de Henry, fui tomar banho. Estava me sentindo suja pelas mãos nojentas de Brad. Enquanto me banhava, eu pensava no quão longe Brad iria se Henry não tivesse chegado, o pensamento de perder minha virgindade desse jeito horrível, tenebroso toma minha mente. Quantas meninas, até mais novas do que eu, sofreram isso!

Saio do banho quente, no banheiro que fica ao lado do quarto que Henry disse que vai ser o meu, visto-me e vou para o *meu* quarto. Olho para o cômodo branco vazio, apenas com caixas e caixas, com as minhas coisas que Henry, Max, Manuela e Jorge juntaram e trouxeram para cá. Vejo também minhas malas, o quadro em que fica a foto desenhada de meus pais, que eu desenhei no jardim da infância e que eles mandaram emoldurar e ampliar.

Ando até o quadro, atravessando o quarto e pisando no tapete que minha madrinha me deu para enfeitar meu lado do dormitório, e pego a moldura em minhas mãos.

É tão ridícula e malfeita. Eu tinha uns cinco anos quando pintei isso e meus pais acharam lindo. Lindos... três pauzinhos com braços, pernas, cabeças, cabelos e um jardim com uma árvore ao lado e uma casa do outro lado. Eu desenhei mamãe com um vestido azul floral, que ela vivia usando, papai, eu tentei — juro que tentei — fazer um terno para ele e me desenhei um vestido amarelo com os sapatos vermelhos, que eu usei no meu aniversário de cinco anos.

Sorrio para o meu desenho, que foi tão valioso para os meus pais e, suspirando, sorrio por cima das lágrimas que embaçam minha visão.

“Que saudade de vocês”, sussurro, e sento-me no chão. “Queria saber o que

você iam me dizer hoje. Queria sua voz, pai, dizendo que ia tudo ficar bem e que você ia resolver tudo. Queria seus braços e seu carinho, mamãe.”

Solto um soluço forte e limpo meu nariz com a manga do casaco que eu coloquei.

“Foi você quem fez, não foi?”, Henry diz, do nada.

“Ah! Você me assustou”, falo, olhando para ele que está se sentando ao meu lado.

“Desculpe”, ele murmura.

“Não tem problema e sim, fui eu quem fiz.”

Ele assente e olha para o quadro, pensativo. “Eu sinto muito.”

Espremo os lábios, lamentando, e tento não levar para o lado fúnebre esse desenho.

“Eu o fiz quando tinha uns cinco anos”, digo, baixo.

Henry assente e eu continuo:

“Meus pais acharam o máximo o desenho e o emolduraram no Natal. Eu lembro que me achei uma grande pintora. Meus padrinhos pediram um também, sabe? Eles sempre estiveram comigo.”

Ele assente e estica a mão para o quadro. “Posso?”

Acenando, dou o quadro para ele. Henry sorri e eu resolvo falar, senão eu vou chorar até o próximo milênio.

“É meio ridículo esse quadro. Eu me lembro do dia em que o coloquei no dormitório e Anna o zoou.”

Henry cerra o maxilar, de raiva. “Eu nunca faria isso.” Ele vira o rosto para mim, olhando nos meus olhos.

“Ela não sabia do que se tratava, e quando eu contei, ela pediu desculpas.” Olho para minhas mãos e brinco com minhas unhas. “Eu sei que você quer que eu a esqueça.”

“Não é bem isso, ela apenas não merece você.” Sua voz soa tão diferente. Parece zangado, algo que não sei descrever.

“Eu... eu sei, Henry. Mas será mesmo que ela fez isso?” Viro meu rosto para ele. “Será que eu não deveria falar com ela?”

Henry faz um som bravo e fita meus olhos, bem sério. “Se você quer pagar para ver... espere que ela venha falar com você. Se ela fizer isso, ela não tem nada a ver com o que aconteceu, mas se ela te ignorar, você vai ter que decidir se

vai ser tão tola ao ponto de aceitar Annabelle como amiga de novo.” Ele deixa o quadro calmamente no chão e se levanta, saindo do quarto.

Hun? Eu me assusto com sua atitude e me levanto, indo atrás dele.

“Henry, você não pode estar tão certo disso.”

Ele para no meio do caminho, já no corredor, e vira-se para mim. “E você não pode ser tão cega ao ponto de não ver a verdade que está na sua cara, Cecillia.”

Minha boca se abre em espanto e eu dou um passo para trás. “O quê?”

Henry cerra os olhos e diz. “Cecillia, preste bem atenção no que eu vou te dizer: Annabelle e Brad são de irmandades diferentes e muito rigorosas. Eles namorarem é uma merda, e você sabe que não é de hoje a vontade de Annabelle se unir ao namorado na Alfa.”

“Sim, eu sei. Eu me lembro de Anna falando disso.”

“Então você tem que ser astuta e pensar comigo. Você nunca fez caralho nenhum para Brad, na verdade, para ninguém nessa bosta de faculdade, e você é de uma irmandade rival à de Brad. Aquela boneca de terror queria uma chance para entrar na Alfa, então por que não usar você?”

“Eu sou amiga dela”, dou uma desculpa tão... fraca.

Ele dá um sorriso amargo. “Sim, minha querida. Você é amiga dela, melhor, *era*.” Ele enfatiza a palavra. “Mas ela nunca foi tão sua amiga assim. Annabelle é uma interesseira, manipuladora e aproveitadora. Ela só te queria para ajudar nas tarefas de casa e, no finalzinho, agora ela queria você como passagem para ela conseguir o que queria.”

Meu coração começa a doer e meus olhos, a arderem. Nego com a cabeça. “Não, Henry. Ela gosta de mim, ela é minha amiga.”

Henry dá um soco na parede, assustando-me. “Não vou admitir que você chore por ela.” Choro e ele vem pra cima de mim. “Não queria te assustar, me desculpe.” Ele coloca as mãos nos meus ombros e meu corpo salta em espanto. “Me perdoe, Cecillia, mas eu não vou deixar você cair nas garras dela de novo. Você sabe quantas vezes eu tive que aturá-la debochando da sua cara?”

“Como?”, pergunto, atordoada.

“Sim. Ela zoava da sua cara, fazia piadas e eu nunca pude fazer nada. Primeiro que não bato em mulher. Segundo, porque eu respeitava o carinho que você tinha por ela. Eu jamais faria algo para te magoar, então não fiz nada.” Ele sorri amarelo. “E, para ser honesto, eu duvidava que você acreditaria em mim. Como está fazendo agora.”

Fixo meus olhos no colarinho da sua camisa e não consigo acreditar nessas palavras. Annabelle debochava de mim? Ela não era minha amiga? O que eu fiz a ela? Meu Deus, isso dói. Não acredito, não acredito nisso. Sem controle nenhum, eu choro, mais uma vez.

“Por que você não me disse, Henry?” Estou com um pouco de raiva também agora.

“Você não acreditaria em mim.”

Uma raiva vai tomando conta de mim e até me lembro da vez em que ela fez uma piadinha no pátio da faculdade quando todos me chamaram de “a nerd gostosa”. As lágrimas escorrem, mas agora são lágrimas de raiva.

“Merda, Henry.” Dou com os punhos em seu peito e ele nem sai do lugar. “Você tinha que ter me dito. Merda, merda, merda.” Bato nele.

Henry levanta os braços ao lado do corpo em rendição, deixando eu bater nele, e depois que eu desconto um pouco minha raiva no seu corpo, eu deixo meu corpo cair no seu peito, e seus braços me envolvem.

“Eu fui tão boa para aquela filha da puta.” Choro de raiva no seu peito. “*ARG!*” Rosno como um cão raivoso e me desprendo de Henry.

Meu *Deus!* Passo por ele e paro quando chego na sala. Solto a respiração e me dou conta de que nunca estive aqui antes. Giro e olho para a casa de Henry.

As paredes da sala são beges, o chão, marfim com um tapete felpudo no meio da sala, com uma mesa de centro marrom escura. O sofá é cinza-claro comprido, recostado na parede do quarto que será da irmã de Henry, Mandy. A televisão de LCD está acoplada na parede em que fica a porta do apartamento. Do outro lado do mesmo espaço, eu me viro e vejo uma mesa com quatro cadeiras e, ao lado, o portal para a cozinha, que tem uma janela aberta para a sala de jantar. Tudo tão bonito e arrumado. E, em vez de admirar ou achar legal a sua casa, a única coisa que eu consigo realmente sentir agora é a raiva.

O problema é que eu nunca sinto raiva. Eu fico até magoada às vezes, fico triste de forma que nem mesmo se eu me trancasse em uma sorveteria eu me curaria da tristeza. Mas raiva? Nunca. Eu sou controlável, acessível e boa demais. Henry às vezes fala que eu sou idiota, e, *nossa*, como ele estava certo. E também, como ele estava sempre me dando dicas sobre Annabelle.

“Annabelle não fica com você nunca. Annabelle não te ajuda quando você precisa. Annabelle te pede favor toda hora. Annabelle cola de você descaradamente. Annabelle nunca te defende.” Tudo isso foram as frases que Henry me dizia e eu NUNCA dei ouvidos a ele.

“Burra, burra, burra”, esbravejo alto no meio da sala, apertando meus cabelos. “Como eu fui burra.”

Henry dá um suspiro forte e diz. “Infelizmente, tenho que concordar. Mas Annabelle é quase uma biscate profissional, não dê créditos mesmo para ela.”

Olho para ele, irritada. “Merda, Henry. Por que você não me disse logo tudo isso na minha cara antes?”

“Não me acuse de nunca a ter avisado com quem você lidava.”

“Argh!”, rosno. “Eu sei. Você me dizia do jeito mais sutil e eu que não quis enxergar. Mas... eu nunca pensei que ela chegaria tão baixo.” Cerro o maxilar, com raiva. “O miserável do Brad me atacou. Ele rasgou minha blusa, ele até mordeu meu queixo.”

“É sério?”, Henry fica sério e vem para cima de mim. “Deixa eu ver isso?”

“Não dá pra ver direito”, falo, mostrando o queixo onde sinto dolorido.

“Filho da puta”, Henry diz, e se afasta. “Vamos comer alguma coisa e ir para a delegacia prestar queixa”.

“Para quê?”, pergunto esbaforida.

“Para ele, ou eles, pagar pelo que fez. Isso não pode ficar assim, Cecillia.”

“Você sabe como é a lei aqui. Eu vou lá, vão averiguar a coisa e tal. Aí vai a tribunal e como ele não concretizou realmente o abuso, nada vai acontecer.”

“Claro que não. Eles vão pagar de alguma forma e vão ficar com a ficha suja.”

Resmungo e inspiro. “Está bem, eu vou, mas o máximo que vou realmente ganhar é uma liminar de distância.”

“Isso me deixa um pouco em paz. E vai me dizer que a você também não?”

“Sim, porém, eu... Estou pensando no que eu vou fazer agora”, falo, desanimada.

“Sobre o quê?”

“Sobre a faculdade, ir às aulas. Sábado que vem tem a festa de Halloween. Eu não sei se eu consigo ir a essa festa.”

“Você não precisa dessa festa pra viver”, ele responde, do jeito mais Henry de ser.

“Eu sei”, murmuro. “Só que eu estava até um pouco animada para ir, só que agora nem para as aulas eu quero ir. Não sei se consigo pisar lá de novo e quem sabe, cruzar o caminho de Annabelle e Brad.”

Henry fica pensativo e fala. “Bem, isso é realmente um problema em que se

pensar. Talvez com a liminar para Brad e Annabelle, eles peçam que você vá em horários diferentes.”

“Tem matérias que só têm aula em um dia e uma hora na semana, e você sabe disso”, digo baixo.

“Então você quer abandonar seu sonho por causa deles?”

“Henry, eu não posso voltar pra lá.”

“Mas que merda!” Ele dá um giro e fica de costas para mim. Está perdendo a paciência de novo. “Você não vai voltar para lá, Cecillia.” Ele volta o corpo de frente para o meu. “Você só vai ir lá estudar e acabou.”

“E eu vou morar onde?”

Ele me desfere um olhar glacial. “Eu não trouxe suas coisas para minha casa à toa. Você vai ficar aqui.”

“Não.”

“Por que não?”

“Porque não está certo.”

“O certo e o errado aqui na minha casa quem diz sou eu. Você pode ficar aqui, tem quarto de sobra.”

“Mandy está chegando.”

“Sim, ela está chegando e vai ficar neste quarto bem atrás de você.” Ele aponta para a parede atrás de mim. “E você vai ficar no quarto onde já estão suas coisas.”

“Não tenho dinheiro para ficar aqui”, falo, emburrada.

“Não estou te cobrando nada.”

“Muito justo”, zombo.

Henry cerra o maxilar de novo. “Sempre banquei essa merda aqui sem a ajuda de ninguém. Se você quiser ajudar com alguma coisa, compre algo de que você goste: seu xampu, condicionador, sua lâmina de barbear, sabonete, biscoito favorito, cereal ou seu grego. Sei lá. Mas o resto eu pago, eu resolvo.”

Meus olhos se arregalam e eu coloco as mãos na cintura. “Então eu vou gastar: água, luz, energia e gás à sua custa?”

“Pelo menos eu vou ter com quem gastar.”

“Hum?”

“Eu quase não fico em casa o dia todo. Trabalho de dia ou de tarde, e à noite estudo e, quando tenho aula de manhã, trabalho à noite. Essa casa aqui é para os

móveis, praticamente não vivo dentro dela.”

Fito seus olhos. “E vai perder sua liberdade dos sábados e domingos comigo aqui?”

“O que você quer dizer com isso?”

Dou um sorriso de lado, cínico e respondo: “Você me entendeu.”

Henry coça o nariz e me olha subindo seus cílios. “Acho que sim e isso não é um grande problema.”

“É mesmo?”

Não sei porque eu estou querendo saber se ele traz suas mulheres para o seu apartamento. O assunto não me agrada e eu não preciso esconder de mim mesma que só a imagem dele com algumazinha por aí me irrita. E ele fodendo-a na cama dele — em que eu dormi — me dá raiva. Mas, mesmo assim eu estou aqui, perguntando, curiosa e sentindo vontade de arrancar os olhos dele fora.

Henry assente. “É mesmo. E se você está querendo saber se eu faço da minha casa a parada final das minhas noites...” Ele inclina o corpo e olhando fundo nos meus olhos. “Fique sabendo que a resposta curta é: não.”

“E a resposta longa?” Jesus, eu preciso calar a boca.

“Existe motel.”

Suspiro, não gostando nada da resposta. *Que saco, Cecillia. Pare de ser curiosa. Pelo menos de vez em quando, poxa.*

“Que seja”, falo, fingindo nem ligar para onde ele mete o pau dele. “Mas, não posso ficar aqui sem pagar nada, eu pagava na faculdade.”

Ele afirma com a cabeça e me dá as costas indo para cozinha e fala sobre os ombros. “Tudo bem, então. Só me ajude nas... Ele pensa, pensa, pensa e... “compras”.

Dou de ombros e aceito. “Combinado. Eu ajudo nas compras de mês.”

“E não precisa se preocupar. Porque como eu sempre deixo o armário cheio, normalmente eu abasteco a geladeira e os produtos de limpeza da casa. Eu gosto dela limpa.”

Sorrio, depois de quase mil anos — me sinto assim — e digo: “Eu reparei nisso há muito tempo, senhor limpinho”.

Os lábios de Henry se curvam um pouquinho — enquanto ele olha e mexe no macarrão que acabou de colocar na água fervente —, e ele faz um som com a garganta, desdenhando da brincadeira que eu fiz.

“Macarrão?”, pergunto.

“Sim, olha as horas”, ele diz, e eu vejo o relógio na parede da cozinha perto da geladeira que fica perto de uma porta. São 14h20.

“É, está tarde.”

Ele assente. “Espero que goste de macarrão à bolonhesa.”

“Gosto sim”, respondo, passando por ele e indo até a porta no final da cozinha.

“Aonde você está indo?”, ele pergunta atrás de mim.

“Até esta porta”, falo, e abro a porta. “Mmm...” Faço um som de descoberta.

Henry ri e aparece no quartinho vazio em que eu acabei de entrar. Pelo que eu percebi, aqui é tipo o quartinho de bagulhos e trambiques. Tem bola de basquete, uma tábua de passar roupa super chique com um armário acoplado embaixo. Tem também duas vassouras, pá de lixo e um cesto de roupas — e parece que são roupas limpas.

“O cesto de roupas sujas fica ao lado da máquina de lavar no final do corredor da cozinha”, Henry diz, olhando para mim com um sorriso no rosto.

“U-hum”, afirmo.

“Já acabou de inspecionar o local, detetive?”

Sorrio e dou de ombros. “Você sabe que eu sou...”

“Curiosa? Sim, eu sei que você é muito curiosa.”

Abro um sorriso amarelo e ele me empurra porta afora.

“Vamos almoçar, Bones”, ele diz.

“Bones?”, pergunto me apoiando na parede que faz um vão para o fogão.

Henry olha para mim e responde. “Temperance Brennan Bones, do seriado Bones.”

“Ah, sim. Eu adoro esse seriado.”

“Também gosto, me deixou viciado e quase fiz Antropologia por causa disso.”

Rio e fico olhando enquanto ele prepara o macarrão para nós dois, conversando, e minha dor no peito vai sumindo.

Henry é agora que nem meus padrinhos foram quando perdi meus pais: meu bálsamo. Lógico que não estou comparando o que aconteceu com Brad e Annabelle com a perda dos meus pais. E muito menos quero fazer a comparação de Henry sendo o substituto de Annabelle, como meus padrinhos foram dos meus pais. Porque eu acho que Henry, desde o momento em que entrou na minha vida, ganhou um significado maior para mim de uma forma que Annabelle

jamais tivera.

Ele nunca substituiu ninguém, na realidade ele que é a base, e Anna foi um apoio. Então, agora eu estou bem sem o apoio e firme com a base. É a base que nos segura e o apoio nos socorre. *Nossa*. Eu olho para ele e penso: *É! Eu estou bem*.

Ainda me resta ele e espero que não o perca. Só tenho — *de coração* — meus padrinhos e sinto que tenho Henry. Não sei o quão importante sou para ele, mas ele é muito importante para mim. Eu o vejo com muito carinho e zelo. Sinto segurança e lealdade na sua amizade, e além da atração que sinto por ele, eu o quero comigo para sempre.

Por isso não vou e não quero arriscar essa paixãoite por ele à toa. Henry é especial e meu verdadeiro amigo acima de tudo, e isso não tem preço. Coisa que Anna não entendia quando me mandava para cima de Henry no começo da nossa amizade. Aliás, ela nunca soube o verdadeiro significado dessa palavra: amizade.



Henry e eu comemos e fomos para a delegacia. Registro a queixa, faço o exame de corpo de delito, mas não é nada demais, afinal de contas Brad não fez nada, *entre mil aspas*, comigo e no final, a delegada — *muito gente fina e educada* — me dá a garantia na liminar sobre distanciamento de Brad. Ganho cinco metros de proteção, até que é bom. *Eu acho*.

Henry e eu saímos da delegacia e vamos para a casa de Jorge, onde nos encontramos com Roger e Scar também. Pedimos uma pizza e ficamos até tarde conversando e, quando o relógio bate dez horas, decidimos ir embora.

“Qualquer coisa você pode contar comigo também, Ceci”, Scar fala com carinho, apoiada na janela da porta do carro de Henry.

“Eu sei, e muito obrigada por tudo.”

Ela sorri. “Não precisa agradecer.”

Damos até logo e Henry anda com o carro.



“Você não precisa dormir aí”, digo, olhando para Henry, que está deitado no sofá.

“Não se preocupa e vai deitar”, ele me responde, com o braço sobre a cabeça.

Chego mais perto dele e vejo como ele está mal colocado no sofá. O sofá é grande, bem comprido, mas Henry é muito alto e seus pés estão no encosto de braço do sofá, com as pontas para fora; sua cabeça está também no encosto, na

outra ponta do sofá. Ou seja, ele parece uma sardinha muito maior que a latinha.

“Eu não vou deixar você dormir assim. Não é justo.”

Ele tira o braço do rosto e olha para mim com os olhos semicerrados.

“Pode me olhar assim. Eu não vou sair daqui até que você troque de lugar comigo.”

Henry morde a bochecha, tentando não sorrir. “Você já quer roubar o sofá de mim?”

Dou um chute de leve no sofá e falo, parecendo uma menina de cinco anos. “Não estou brincando. Sai logo daí.”

“Por quê? Eu estou confortável, na verdade estava quase pegando no sono antes de você aparecer.”

“Vou fingir que acredito.” Reviro os olhos e puxo a coberta dele. “Vamos, vai para a cama.”

“Só se você for comigo.”

Engulo em seco e lembro ao meu coração que Henry adora fazer frase de duplo sentido.

“Para de ser engraçado e vai logo.”

Henry se levanta e eu o acompanho. Estou parecendo a chapeuzinho vermelho vendo a vovó se levantando da cama, e vendo o quão alta a velhinha era. Porque na verdade era um lobo. No meu caso, é um metro e oitenta e sete de Henry Frinsheens.

“Uau. Às vezes eu esqueço que você é tão alto.”

Ele deixa a cabeça cair para o lado e sorri. “Eu assusto mesmo as pessoas baixinhas como você.”

Solto uma gargalhada e digo: “Não precisa esnobar”.

“Não estou esnobando”, ele fala, sorrindo.

Olho para os seus olhos e de novo me perco nas piscinas azuis tão claras, quase transparentes, que é a cor da sua íris. Franzo o cenho, confusa comigo mesma. Como eu posso pensar em beijá-lo, se eu estou fitando seus olhos? Solto o ar e sorrio, achando graça de mim mesma, e pela cara de Henry, ele me acha uma louca.

“Você está bem, né?”, ele pergunta, desconfiado.

“Estou...”, respondo, sorrindo. “Só... estou pensando.” Pensando sozinha, porque meus anjos me abandonaram. *Mas eu não me sinto só, eu estou com*

você, penso mentalmente.

“Está bem”, ele diz, e puxa o edredom da minha mão.

“O quê?”

Henry foge para o quarto e eu o sigo.

“Só devolvo se você também dormir aqui”, ele diz, deitado na cama.

Faço um movimento reprovando suas atitudes e volto para a sala.

“Cecillia Romanoff!”, ele me chama do quarto.

“Para de gritar, os vizinhos vão reclamar.”

Apagando a luz do quarto e deitando na cam, hoje do outro lado que dormir ontem, eu me acomodo, cobrindo-me com o edredom que ele não está segurando e com o qual eu ia me cobrir no sofá. Eu me viro de frente para Henry e o vejo sorrindo.

“Acho bom que você voltou”, ele murmura.

Dou uma afofada no travesseiro e fecho os olhos. “E eu acho bom que você veio.”

Escuto os lençóis da cama farfalharem quando ele se ajeita e depois um tapa no travesseiro que está no meio da cama, nos dividindo.

“Boa noite”, ele diz.

Abro um olho e vejo-o de frente para mim, com a mão no travesseiro.

“Boa noite”, digo para ele.

“Boa noite”, ele repete, e eu reviro os olhos.

“Cale a boca.” Fecho os olhos e ele resmunga.

“Malcriada.”

Dou uma risada junto com Henry e deixo o silêncio banhar o ambiente ao nosso redor, mas Henry o interrompe.

“Você está bem, Cecillia?”

Isso seria uma pergunta estranha para qualquer um, mas para mim não, né? Eu sei o que ele está querendo saber e a resposta — agora — é:

“Sim. Estou muito bem.”

Henry faz um som afirmativo e deixa o silêncio da noite novamente nos saudar. E sabe... Eu estou bem, muito bem e se melhorar, estraga. Menos uma coisa não estragaria, mas...

Isso...

Cérebro dando pane.

S.O.S

Isso eu vou

deixar só

nos meus

sonhos

e, quem sabe, um dia...

não se realize.

Estou caindo no limbo.

Henry! Meu Henry.

Uau!

Eu estou vendo corações piscando com carneiros...

e

fui...



SEGUNDA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO

Abro os olhos e dou de cara com o rosto tão lindo e marcante que eu me acostumei a admirar em pouco menos de três meses. Na realidade, foram precisas apenas horas para eu ficar encantada com as feições de Henry.

Henry parece ter sido composto por anjos e demônios. Ao mesmo tempo em que seu sorriso provocante me atia, seus cabelos loiros e suavemente encaracolados me fazem lembrar de anjos e me causam paz. Esse é Henry, água e fogo, céu e inferno, amigo e *crush*.

Viro-me para ficar de barriga para cima, e fixo os olhos no teto branco com uma luminária simples, cinza, assim como todo o quarto, com móveis brancos em detalhes barroco claro, e roupas de cama e abajures cinza no criado-mudo cor de tabaco ao lado da cama king-size de Henry. Tudo limpo e arrumado.

Respiro fundo e fecho os olhos. Acordar ao lado de Henry é algo surreal para mim, uma grande novidade. Eu nunca dormi com ninguém na minha vida. Quer dizer, eu cheguei a dormir com meus pais na cama deles quando eu tinha meus doze anos, todas as vezes em que eu tinha pesadelo. Mas nunca dormi com um homem, embora eu não esteja fazendo nada com o homem em questão.

Quando era criança, dormia com meus pais quando estava com medo. Só que... Infelizmente, depois que eles morreram, eu ganhei um quarto só para

mim, na casa dos meus padrinhos. Então eu tive que aprender a controlar meus medos de trovão e a parar meu coração após ter um pesadelo horrível. Foi um sufoco para mim nos primeiros meses da perda deles, pois era eu adormecer que papai e mamãe apareciam nos meus sonhos e, como sumiam no final, o sonho se transformava em pesadelo e eu acordava chorando e gritando os nomes deles. Minha madrinha sempre foi me acudir, mas nunca foi o suficiente. Ainda não é o suficiente e tenho certeza de que nunca acharei algo para ser suficiente em meu coração vazio.

Solto um suspiro novamente e abro os olhos, balanço minha cabeça para limpar meus pensamentos e me levanto da cama. Está na hora de levantar, são oito da manhã e tenho aula. Freio meus pensamentos porque hoje eu vou com Henry à noite por causa da liminar. Henry disse que mesmo que nossas aulas sejam diferentes, se eu for de manhã posso tombrar com Brad e seria desagradável, e, pelo olhar assassino de Henry, eu sei que o encontro seria desastroso. Então vou com ele de guarda. Rio com sarcasmo e entro no banheiro. Faço minha higiene matinal e, quando acabo, saio e olho para Henry, ainda dormindo. Ele está irredutível sobre me deixar sair e, principalmente, ir para a faculdade sozinha, no caso, *sem ele*.

Eu não quero ser ingrata e dizer que ele não precisa se preocupar. Não quero dar mais trabalho para ele do que ter que me deixar viver agora no seu apartamento. Mas ontem, quando nós saímos para encontrar Manuela, Max e Felipe, nós conversamos sobre Brad e Anna, e todos concordaram com Henry sobre ficar preocupado e eu fiquei também. E, por este motivo, eu fui dormir ontem pensando sobre pedir transferência para outra universidade.

Não falei nada para o Henry sobre essa ideia, pois é apenas uma ideia no momento. Contudo, ainda está pairando na minha mente e é até uma ótima ideia, pois eu estou no centro das universidades, ou perto demais da aclamada Cambridge. Da minha atual faculdade, a Boston University, até a Harvard University Information Technology são uns dez minutos de carro e uns quarenta de ônibus. Ou seja, nem é tão longe assim, e é a *Harvard*.

Mas, contando os minutos da casa de Henry, acho que deve dar mais ou menos o mesmo tempo de ir para BU. A casa dele fica em uma vila de apartamentos de cinco andares na Rua Egmont, em Brookline. São seis apartamentos, três em um lado e mais três do outro, e todos lindos. O de Henry é de tijolos vermelhos e cinzas, que conferem detalhes ao pequeno prédio. São dois blocos enormes, lado a lado, ligados por uma passarela com corrimão de ferro negro. É lindo o apartamento, tanto do lado de dentro quanto de fora. E fica em uma das vizinhanças de luxo de Cambridge. As casas do quarteirão paralelo

são de deixar a boca aberta. E dizem que alguns professores de Harvard moram lá. Por isso veio minha ideia para ir cursar Biotecnologia lá.

Eu tenho bastante chances de entrar em Harvard, afinal, minhas notas são boas e sou uma ótima colaboradora nos laboratórios, e meu sonho é lecionar lá, assim como é o sonho de Henry. E, fora minhas notas, meus pais foram excelentes alunos de lá. Por este motivo também, dos meus pais terem feito faculdade em Harvard, foi que eu não quis estudar lá. Sei que tem fotos deles no mural da faculdade. Do meu pai, no mural de Direito, e da minha mãe, em Psicologia. Eu realmente não quis encarar isso e ser reconhecida por alguns amigos dos meus pais, que hoje são professores lá.

Mas aqui estou eu, pensando em ir justamente para o lugar onde meus pais se conheceram, onde eu criei milhares de imagens das lembranças deles e como tão apaixonados eles falavam das aventuras em Harvard. Com isso eu vou para a raiz de tudo. O poema que minha mãe dedicou para mim me vem à mente:

Eu carrego o seu coração comigo.

Eu o carrego no meu coração.

Eu nunca estou sem ele.

Aonde quer que eu vá, você vai, minha querida.

E o que quer que eu faça sozinho, foi você, minha querida.

Eu não temo o destino. Porque você é o meu destino, meu doce.

Eu não quero o mundo, por mais belo que seja.

Porque você é o meu mundo, minha verdade.

Aqui é o maior dos segredos que ninguém sabe.

Aqui é raiz da raiz, é o botão do botão.

E o céu do céu de uma árvore chamada Vida.

Que cresce mais alto do que a alma pode esperar.

Ou a mente pode esconder.

Este é o milagre que distância as estrelas.

Eu carrego o seu coração.

Carrego-o no meu coração.

Mamãe escreveu esse poema para mim em uma carta, quando eu tinha dez anos, e mesmo depois de dez anos eu me lembro perfeitamente de seus olhos

brilhando e sorridentes na hora em que me entregou o colar que ela e papai me deram junto com o poema de E.E. Gumes.

O colar eu uso até hoje, a sete chaves, escondido de todos por debaixo das blusas, e agradeço por ele ser comprido. O pingente de uma estrela do mar de ouro é o do meu pai, e a concha do mar, no mesmo estilo da estrela, é o da minha mãe. Eles ficam guardados bem perto do meu coração.

Quando eles me deram os pingentes, eles falaram o porquê. Meu pai disse que as conchas do mar mais profundas guardam os sonhos e as pérolas mais preciosas. E eu era uma concha sonhadora com um talento precioso para ele. Minha mãe me deu a estrela do mar, porque ela disse que eu era tão especial quanto este animal marinho sensível e mágico; que eu tinha cinco braços e queria abraçar tudo o que me cativava e envolvia: que eu era tão forte quanto uma estrela do mar; tinha paciência, sensibilidade e desejou que eu tivesse a longevidade, percepção e versatilidade que esse animal simboliza.

Minha mãe acertou sobre a paciência, mas no resto acho que estou decepcionando-a. Sou fraca, burra, não tenho percepção sensorial nem de perto. A prova disso é eu ter caído nas garras de Annabelle.

“Merda”, xingo, vendo o café no chão, que derramei por causa dos meus pensamentos dessa traiçoeira.

“Acordou animada hoje, hein? Já está até falando palavrão.” Escuto a voz rouca de sono de Henry e me viro para olhar para ele.

Merda de novo. Henry está apenas com uma calça social azul marinho e os sapatos. Só isso e eu demoro exatos cinco segundos para piscar e voltar meu rosto para o que eu estava fazendo e parar de focar nos gominhos em seu abdome sarado.

Suspiro baixinho e vejo-o chegando até onde estou.

“Qual é o seu problema?”

“Nenhum, eu...”, digo, e levanto o rosto para os seus olhos. *Para os olhos, Cecillia*, “eu fiz café, mas apenas café, porque eu não queria invadir sua geladeira e abrir os armários”.

Henry faz uma careta. “Já disse que você pode ficar à vontade, está morando aqui e não pode continuar a se comportar como visita, Cecillia.”

Abro um sorriso amarelo e ele pisca.

“Agora vai se sentar que eu vou fazer o café da manhã”, ele ordena, de bom humor.

“Vai fazer o café assim?”

“Assim?”, pergunta, sobre os ombros.

“Sem camisa.”

Virando-se de frente para mim, Henry dá seu sorrisinho de lado. “Tem algum problema nisso?”

“Na-não.” Balanço a cabeça, gaguejando. “Não. Eu só acho perigoso. Não sei”, dou de ombros, “vai que alguma coisa cai em você. Sem camisa pode queimar mais e...” Paro de falar quando seu sorriso se abre totalmente. “O quê?”

“Nada, só acho divertido você tagarelando desse jeito, e logo pela manhã.” Henry chega até a geladeira, pega ovos, bacon, depois uma frigideira dentro do armário debaixo da pia, então a põe sobre o fogão. Após acender o fogo, coloca o bacon, ele se vira para mim de novo, sorri e, quebrando os ovos, diz: “Fica tranquila que eu sempre sei o que faço”.

Uma quentura atravessa meu corpo e eu me esforço para permanecer sã. Vou até a geladeira, pego leite para colocar no meu café e congelo com a minha imagem refletida no inox do eletrodoméstico. Estou corada no grau tomate. Minhas bochechas estão mais vermelhas do que o rótulo da garrafa de suco de laranja dentro da geladeira.

“Ai, meu Deus”, sussurro, com a cabeça ainda dentro da geladeira, e uma sombra aparece em cima do meu corpo.

“Qual o problema? Achou algo estragado ou quer comer essa lasanha dormida de ontem?” Henry coloca a mão no meu ombro e me puxa para ver meu rosto. “Você está estranha hoje.”

Levanto os ombros e sorrio sem graça. “Não sei, e-eu eu estou normal.” Minha voz sai cantada no final.

Oh, Deus. Eu estou me transformando em alguma princesa da Disney. Quase canto falando. E isso aconteceu entre acordar e ver Henry, seguido de derramar café nas minhas pantufas e vê-lo sem camisa.

Ele olha desconfiando para mim, com os olhos cerrados, e fazendo um gesto de deixa para lá, mas sorrindo, me dá as costas e volta a cozinhar.

Controle-se, Cecillia. Meu Deus!

Quando consigo vencer minha luta interna, enquanto Henry finge me ignorar, terminando de cozinhar, vou me sentar com ele na mesa acoplada na parede da cozinha e finalmente comemos. Nem reparei que estava com fome, mas o cheirinho que vem do meu prato... nossa senhora, abre meu apetite e eu devoro os ovos mexidos com queijo — que eu nem o vi colocando — e o bacon, mas sem a gordura.

“Quer mais?”

Levanto o rosto e flagro Henry me fitando.

“Por que disse isso?”, indago.

“Você está lambendo os dedos e ainda por cima fazendo sonzinho enquanto come.”

Sinto meus olhos se arregalarem. “Que tipo de sonzinho?”

“Mmm...” Ele me imita, fazendo um som com a garganta. Mas se eu fiz mesmo esse som sexy na frente dele, que mais parece que eu estava fazendo outra coisa... Nossa! *Besta*. Reviro os olhos internamente para mim e vejo Henry sair da cozinha, sem concluir meus pensamentos...

“Olha, enquanto você está estranha, eu vou colocar minha camisa e pegar minhas coisas. Hoje tenho turma de manhã.”

Saio correndo atrás dele. “Calma. Eu vou ficar aqui sem fazer nada? E por que a calça social?”

“Porque eu sou o dono e preciso aparecer às vezes lá assim”, entra no quarto e pega sua camisa, “e o que você estaria fazendo no dormitório a essa hora?”, ele pergunta, se vestindo.

“Eu-estaria-dormindo-para-espantar-a-fome-porque-estou-sem-dinheiro.”

“Você está sem dinheiro?”, Henry pergunta, e eu acabo de perceber que falei em voz alta.

Putá merda.

Por que eu falei meu pensamento em voz alta? Espera, eu sei. Foi por causa das ondas dos músculos das costas dele se flexionando enquanto ele vestia a camisa de linho cinza, bem usada e não sei porque, achei sexy.

Ele se vira para mim, depois de pegar uma mala de feltro da Nike. “Responde? Você está sem dinheiro e com fome?”

Bem, não tem mais volta. “Sim”, afirmo, com um sorriso amarelo.

“Desde quando?”

Abaixo a cabeça, olhando para minhas pantufas e mexo os pés, fazendo os pandas se beijarem e se afastarem.

“Desde a semana passada, mas meu dinheiro sai hoje.” Levanto o rosto. “Falando nisso, você pode me levar ao banco? E como você sabe, hoje tenho uma reunião com o reitor da faculdade para falar da transferência para a noite, fora que eu tenho que dar baixa no dormitório.”

Ele fica olhando para mim, cerrando o maxilar, sem dizer nada. Hum, acho que ele ficou zangado que nem no dia em que eu escondi dele que a praga da Annabelle furtou vinte pratos minha e só fui me dar conta disso quando cheguei na lanchonete da faculdade e paguei o mico de ter que devolver a comida. Mas Henry, o herói, acabou voltando no balcão da lanchonete e pedindo o que eu devolvi e pagou. Ele nem sabe, mas salvou meu estômago de uma gastrite causada por falta de comida e corrosão de bÍlis no estômago.

“O quê?”, questiono.

Ele resmunga e saÍ do quarto. “Você ainda não aprendeu a confiar em mim e o que me irrita é que possivelmente confiava naquela boneca de trem fantasma.”

Não queria rir, mas o *boneca de trem fantasma* foi fantástico. Caio na gargalhada e ele acaba rindo também.

“Você odeia ela.”

“Mais do que odiei o menino que roubou minha primeira garota no colegial”, ele reafirma.

“Mm...” Viro a cabeça para o lado e nem sei o que dizer. Dou de ombros.

“Enfim, vai se arrumar para a gente ir ao banco, e depois te levo na faculdade.”

Assinto e passo por ele. Rapidamente chego ao quarto e me arrumo para ir com ele. Ainda bem que o reitor fica em uma sede diferente da que eu curso. Não quero correr o risco de encontrar ninguém. Acho que a essa altura todos já devem estar sabendo do que aconteceu e, se as suspeitas de Henry estiverem certas, que tudo não passou de um plano para a Alfa atender ao pedido de Anna, noventa e nove por cento da BU está sabendo.

Merda, o que eu vou fazer se todos começarem a apontar o dedo para mim e falar um monte de coisas? E se acharem que eu estava mesmo com Brad e estava traindo minha “amiga”? Nossa, eu prefiro acreditar que se souberem vão ficar apenas de cochicho sem apontar. Não mereço isso.

Cruzo os dedos e pego minha mochila, coloco meu All-Star e sigo o caminho para fora do apartamento com Henry.



“Quer que eu entre com você?”

Estamos parados em frente ao prédio principal da nossa faculdade. Eu não sei bem o que eu estou sentindo. Meu coração está com algum problema, porque não sabe se bate ou para. Acho que preciso de um desfibrilador. Meu corpo está trêmulo e minhas mãos soam tanto que eu tenho que passá-las sobre minha calça

jeans para secá-las.

Olho para Henry, que está sentado à direção do seu Audi, com as mãos no volante, e é incontrollável a força e a segurança que ele passa para mim. Não sei se eu quero sair deste carro sem ele e andar até a sala dos reitores sozinha.

Respiro fundo e solto o ar suavemente. “Eu não sei.”

Ele dá a ré, saindo do espaço para carros na porta, e vai para o estacionamento. Encontra uma vaga e para o carro, desligando-o e tirando o cinto de segurança.

“O que você está fazendo?”

Ele segura a trava da porta, puxa-a e, antes de abrir e sair do carro, diz: “Vamos logo, eu acho que vai ser rápido”.

“E seu trabalho?”, pergunto saindo do carro também às pressas e indo atrás dele.

“Vai dar tempo para dar minha aula e, enquanto isso, Jorge me cobre.”

“Henry, você não pode fazer isso. Vai acabar perdendo o emprego por minha causa.”

Abrindo a porta da universidade, ele me presenteia com seu sorriso de lado.

“Isso é impossível de acontecer e ande logo.” Ele me puxa pela mão. “Você vai me atrasar.”

Rio e entro com ele de uma vez e, com passos largos, seguimos caminho para a diretoria geral.



Enfim, estou entrando na academia. O lugar tem luzes roxas como destaque, assim como o nome da academia no letreiro: *The Arena of Champions*. Tem dois andares e a recepção tem um balcão todo de espelhos e dois atendentes, que se sentam em cadeiras baixas com os monitores em uma mesa longa. Atrás do balcão tem uma parede revestida por madeira carvalho com desenhos triangulares cortados. É lindo.

“Bom dia, Alice, Anne.”

“Bom dia, Frish. Quem é sua amiga?”, a menina de cabelos loiros com tranças tão longas quanto da Rapunzel pergunta a Henry.

“Essa é Cecillia.” Ele vira-se para mim. “Essa loira bocuda é Alice, nova aqui e você não a conheceu naquele dia, e essa é a Anne. Você se lembra dela?”

“Acho que sim, mas quando eu vim aqui acho que o cabelo dela estava púrpura.”

Anne sorri e Alice fala: “É normal. Segunda-feira passada estava laranja.”

“Deixa meu cabelo em paz”, Anne se defende mexendo em suas mechas azul-marinho.

“Calem a boca agora e faça uma ficha para Cecillia de uma vez.”

“Para quê?” Viro meu rosto para ele. “Eu disse que nunca mais ia fazer luta na minha vida depois daquele dia”, resmungo, e Henry me ignora, apoiado com os braços no balcão.

Empurrando-se para sair da posição em que estava, ele olha sério para mim. “Se você soubesse alguma luta, saberia se defender quando preciso.” Ele não diz mais nada, porém entendo a referência. “E não se preocupe quanto às aulas.”

“Como assim? Por quê?”

“Porque quem vai te ensinar sou eu.”

Um calor imenso de novo se instala em meu corpo e viro o rosto para o chão. *Será que estou corando de novo?*

“Okay. Vou lá dar minha aula e vocês fiquem de olho em tudo e façam a ficha da Cecillia”, Henry diz e passa no portãozinho de inox, que fica preso à parede atrás da recepção, por onde os professores entram, porque na outra ponta da parede tem as roletas de passagem para os alunos, que é liberada quando colocam suas digitais.

“Então, amiga do Henry. Me passe seus dados”, Alice pede, já que Anne está atendendo um outro cliente.

Olho bem para ela. *Você está sendo irônica ou é impressão minha?* Tenho vontade de perguntar, mas ignoro meu lado Annabelle e começo a responder as perguntas que ela me faz.



De calça jeans, um body preto com um casaquinho de casimira branco, eu, Cecillia Romanoff, estou no meio da academia mais badalada de Cambridge, sem saber o que fazer.

“Oi, linda.”

Viro-me para essa voz rouca e brincalhona, e dou de cara com Felipe. “Oi, Felipe. Não sabia que malhava aqui.”

“Tem um tempo já, Henry é meu amigo e preferi vir aqui, assim como toda a BU.” Ele ri e continua. “Veio aprender a se defender ou treinar pra dar uns pega-paca-pá no Brad e na Anna?”

Rindo, eu respondo: “Nem uma coisa, nem outra. Apesar de que Henry acha

que se eu soubesse me defender, teria sido menos pior o que aconteceu”.

Felipe parece pensar no assunto. “Ele tem razão, viu! Se você tivesse acertado um cruzado nele, depois de um soco de direita bem dado, ele teria recuado.”

“Está bem, espertão. E se eu tivesse feito isso e ele viesse com mais raiva pra cima de mim?”

Ele sorri, mordendo a boca, e encosta o braço no meu ombro, e murmura como se estivesse me contando um segredo: “Se você fosse treinada ou apenas estivesse fazendo há algum tempinho, saberia que, quando ele recuasse, você teria livre acesso para dar um chute lateral bem na altura do queixo dele e depois para finalizar, você chutaria o saco dele. Só para não perder o clássico chute nas bolas”.

Caio na gargalhada com a explicação dele e vejo Henry chegando perto de nós dois.

“Oi, Felipe”, diz ele, sério.

“Oi, cara.” Felipe dá um tapa nas costas de Henry. “Estou acabado com a sua última aula. Tu é foda.” Ele termina fazendo o corpo estalar, envergando a coluna e colando as mãos na lombar.

“O objetivo é esse”, Henry responde e olhando para mim e para Felipe, de novo, pergunta: “Do que vocês estavam falando para Cecillia rir tanto?”

Sorrio para ele e Felipe fala na minha frente: “Eu estava contando que se ela fosse treinada poderia ter dado uma surra no Brad”.

“E, para finalizar, um chute no saco”, emendo, rindo.

Henry cerra os olhos e faz uma careta. “Com certeza, e eu já tinha falado para ela que treinar seria bom nesse sentido.”

“Eu sei, ela me disse. Só estava dando mais incentivo. Eu mesmo estou pegando mais pesado nos treinos por conta disso.”

Henry deixa a cabeça pender para o lado, olhando para Felipe com uma cara interrogativa. “Por quê?”

“Para dar um corretivo no Brad. Porra, cara. Eu posso ficar zoando as meninas saindo do banheiro e cantando elas, mas jamais faria o que ele fez e estou pilhado para dar uns socos nele.”

Vejo os olhos deles se conectarem com alguma conspiração maligna e engulo em seco. Essa história de violência não é comigo, por mais que eu mesma esteja com desejo de me vingar, tanto de Brad quanto de Annabelle, mas não me vejo batendo neles.

“Cara, já que você está aqui, pensei... Você já acabou de treinar?”, Henry fala.

“Já sim, por quê? Manda.”

“Você pode levar Cecillia ao banco aqui mesmo no quarteirão?”

“Henry, não precisa”, murmuro.

Ele me desfere um olhar mortal e Felipe responde, animado: “Claro que posso e eu sei por que você está me pedindo isso.”

Franzo a testa enquanto Henry fica estático, olhando para Felipe. “Como?”

“Ué, é para não deixá-la andando por aí sozinha. Eu também fico preocupado com isso ainda. Vai que eles querem pregar outra peça nela”, Felipe responde.

Eu e Henry soltamos a respiração e eu não sei por que, mas eu senti que existe algum segredo que nós estamos escondendo e que ninguém sabe ainda. *Nem nós mesmos.*



QUARTA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO DE 2013

ABRO A PORTA DO APARTAMENTO E DEIXO Cecillia entrar primeiro com nossas bolsas: minha mala de esporte de poliéster, minha pasta com as coisas da faculdade e sua mochila, enquanto eu estou com as compras nas mãos. Antes de voltarmos para casa, paramos em um mercado e fizemos uma compra básica. Nada demais, apenas leite, ovos, cereais, frutas e legumes.

Compramos frango também para fazer o almoço de amanhã. Como fizemos ontem e hoje. Ela vem para casa antes de mim e começa a preparar o almoço, e eu chego depois, termino de fazer algo que ela não sabe — por enquanto não mostrou nada — e comemos. Quando termino, volto para o trabalho e ela limpa a bagunça e me encontra depois.

Hoje, no caso, ela fez um treino leve de Crossfit, mas já avisei que a moleza dela vai acabar quando eu começar a treiná-la. Quando deu 18h30, vim buscá-la em casa e fomos para a faculdade juntos, e finalmente estamos chegando em casa agora, onze e quarenta da noite. Estou cansado e ainda por cima tenho que ouvir Cecillia falando.

Desde a hora em que a reencontrei ela está tagarelando na minha cabeça. Não sei por que, mas ela cismou com a turma nova dela, da noite, cuja maioria eu já conheço de vista, e o resto são torcedores convictos do time. A mulherada cai em cima de mim, aliás no time inteiro, e setenta por cento dos caras estudam à noite.

Não sei o que de tão extraordinário ela achou das suas aulas hoje, afinal, meu curso é diferente do dela. No caso, hoje, nenhuma aula sua foi para a minha turma e ela não se encontrou comigo. Deve ter sido algo bem mirabolante, porque ela não parou de falar desde a hora em que nos encontramos no estacionamento da faculdade.

Eu aceno com a cabeça, deixando que ela fale, e tentando assimilar o

entusiasmo. Falo que a turma é isso, aquilo e outras coisas, fingindo escutar. Não faço isso com ela frequentemente, sempre presto atenção, mas... hoje eu estou cansado mesmo e não vejo a hora de me jogar na cama.

“Vou tomar banho”, escuto Cecillia falar da sala, enquanto deixo as compras na mesa da cozinha. “Não vou demorar. Vou te ajudar a preparar algo para comer.”

Saio da cozinha, tirando o casaco, e vejo-a com as bolsas ainda nas mãos. “Por que ainda está com essas coisas na mão?”

Ela olha para as bolsas e para mim de novo. “Ah! Eu estou levando as suas coisas para o seu quarto e as minhas, para o meu.”

“Por que não deixou no sofá?” Chego perto dela e pego minha mala e a pasta. “Estão pesadas e você segurando tudo isso aí com essa cara de sofrimento.”

“Não estou nada”, ela resmunga, e eu rio da cara dela, dando as costas e entrando no corredor.

“Você não aguenta muita coisa, Cecillia, assuma!”

Brinco com ela e escuto-a falar sobre meus ombros. “Nada a ver, e eu não deixei as coisas no sofá porque você é neurótico com arrumação e eu não quero ser expulsa do seu apartamento por ser bagunceira.”

Deixo a mala no chão e a pasta na minha mesa do quarto, ao lado do notebook. “Eu não te expulsaria daqui por causa disso.” Fico de frente para ela. “Eu não sou tão doente assim com organização.”

Ela ergue os ombros e arqueia as sobrancelhas. Fito seu rosto e ela sorri, saindo supostamente para o seu quarto.

Jogando-me na cama, coloco as mãos no rosto. *Porra, será que eu sou tão chato com esse negócio de organização assim? Que merda, eu não quero ser como meu pai.* Odeio aquele jeito dele de que tudo tem que estar como ele quer e oprimindo os outros. Esse foi um dos motivos mais fortes para eu ter saído de casa. Ser oprimido não está nas minhas entranhas, eu sou livre.

Levanto da cama e entro no banheiro. Arranco minhas roupas do corpo, deixando-as no cesto de roupa suja, e entro na água quente. Deixo o jato molhar minha cabeça, massajeio minha nuca com uma mão e apoio a outra na parede à minha frente. Meus olhos estão fechados com força e meus músculos estão tensionados.

Cecillia me deixou desconfortável e um pouco irritado. *Eu não sou igual ao meu pai.* Ela não disse isso, mas se ela o conhecesse, com certeza ouviria sua voz dizer: *Você está igual ao seu pai.*

“Merda.” Dou um soco na parede. “Eu-não-sou-igual-a-ele-em-NADA!”, murmuro entredentes.

Não acredito que ouvi isso. Não pode ser que eu seja tão louco com arrumação e limpeza assim. Só gosto de tudo no lugar e limpo. O que há de mal nisso?

Mandando esses pensamentos para a casa do caralho, pego o sabonete e começo a me limpar, sou obrigado a lavar o cabelo, porque enfiei a cabeça debaixo da água, para resfriar meus pensamentos e vou ficar doente amanhã. Saco.

“Babaca!”, eu me xingo, tirando o xampu do cabelo.

O tempo está frio, obviamente, pois estamos no outono, o inverno está chegando e tem dias em que o clima de Boston não perdoa e o frio congelante do inverno começa a foder com os dias. Detesto o inverno, porque mesmo que fique na academia treinando e dando aula, meu corpo aquece e sua, mas quando recebo um vento gelado de alguma janela, parece que vou congelar. Banho nem se fala, eu demoro o mínimo recomendado. Sou friorento até nos dedos dos pés, minha mãe dizia que eu era um problema quando criança, nem à escola eu queria ir. Eu me enfiava debaixo das cobertas e me tirar delas era um sacrifício, só o brutamontes do meu pai conseguia.

Termino de me ensaboar, deixo a água escorrer mais um pouco no meu corpo. Desligando o chuveiro, abro o box de vidro e puxo a toalha que fica pendurada no gancho preso na parede. Piso no tapete atalhado, mexendo os pés para secá-los enquanto passo a toalha no meu corpo, absorvendo a umidade na minha pele. Termino de me secar e enrolo a toalha na cintura, prendendo sua ponta para dentro, na altura do meu oblíquo.

Saio do banheiro e vou fechar a porta do quarto, que eu esqueci aberta. Quando estou na porta, pegando na maçaneta, Cecillia — que estava passando na hora — para e olha para mim.

“Ah... O-oi”, ela gagueja, congelada no corredor. “Eu-eu estava... indo... comida para cozinha fazer.”

“O quê?”, pergunto, confuso, porque não entendi porra nenhuma do que ela disse.

“O quê?”, ela diz, piscando e torcendo as mãos na bainha da camisola debaixo de um casaco enorme com as iniciais da faculdade. Ele fica sexy assim... Muito mesmo.

“Está tudo bem com você?”

Ela assente, porém não me convence.

“O que você estava dizendo?”

“Sobre o quê?”

“Você estava indo...” Deixo a frase quebrada para ela completar.

“Ah! Tá. Eu disse que estava indo para a cozinha.” Ela suspira com força.
“Fazer comida. Algo para eu comer você.”

“Hm?”

Cecillia revira os olhos, meio tonta. “Para eu comer COM você.”

“Ah, sim.” Rio, achando tudo muito engraçado. “Tudo bem, vou colocar a roupa e já te encontro.”

“U-hum.” Ela balança a cabeça, dando um aceno maluco, e abre a boca. Respira e sorri sem graça, antes de voltar a andar.

Enrugo a testa, fechando a porta e puxo a toalha, deixando-a na cadeira da mesa do laptop. Vou até meu armário e pego uma calça de moletom e visto-a com uma camiseta regata branca. A camiseta é a mais fresca possível e está ficando suja, pois a estou usando desde que Cecillia está aqui. Vou colocá-la para lavar amanhã de manhã.

Eu não contei um detalhe para ela muito importante de como eu durmo. Não quis deixá-la intimidada e achando que está me incomodando, mas o problema é que eu durmo sem camisa. Normalmente meu pijama — de certa forma posso chamar assim —, é apenas minha boxer. Eu me irrita muito com dormir com camisa, casaco, roupa no geral. E provavelmente vou voltar a dormir assim só semana que vem, quando Cecillia pegar dinheiro a mais na conta poupança dela e puder comprar os móveis para o quarto dela.

Não gosto de dormir assim, vestido, mas, estranhamente, dormir ao lado de Cecillia, mesmo que eu tenha que me sacrificar um pouco, é bom. Eu gosto de sentir o corpo dela deitado ao meu lado. É estranho esse sentimento e mais ainda quando eu tenho vontade de puxá-la para os meus braços.

Merda, eu não devia sentir essas vontades. Abraçar. Agarrar. Beijar. Como naquela fatídica noite na boate. E muito menos eu não deveria olhar para a bunda dela com outras intenções. Como se olhar para a bunda dela tivesse outra intenção que não seja conferir o volume e a gostosura. E, modéstia à parte, Cecillia tem um corpo lindo e uma bunda amigável. E, começando a treinar agora, vai crescer e eu vou quebrar a cara de todos da academia e da faculdade.

Henry, qual é seu problema?

Passo as mãos em cheio no rosto, enterrando os dedos nos cabelos para trás e solto os músculos das costas, ombro e braços para tentar relaxar. Não estou conseguindo fechar os olhos e olhar para minha amiga como deveria.

Merda, merda, merda! Essa é a última coisa de que eu preciso agora. Estragar meu relacionamento com Cecillia e, com certeza, isso é a última coisa que ela merece também.



Sinto o colchão afundar quando Cecillia senta na cama, e depois se mexe ao se ajeitar, deitando ao meu lado.

Comemos um sanduíche de presunto com queijo tranquilamente, e depois deixamos a louça suja na pia. Não ia mesmo deixá-la lavar, quando já estava vestida para dormir e eu também não estava afim de lavar. Apagamos as luzes da casa, ela foi para o banheiro escovar os dentes e eu entrei no meu quarto e escovei os dentes no meu banheiro. Acabei primeiro e me deitei, mas logo ela entrou no quarto, apagando as luzes.

Agora escuto ela tirando o casaco e deitando, ficando debaixo das cobertas. O silêncio — *nada* confortável — permanece desde a hora em que eu a vi no corredor antes de ir lanchar com ela.

Não sei se foi porque eu fui grosso com ela na hora em que disse que sou chato com organização, ou se ela reparou que eu a deixei falando sem prestar atenção, mais cedo. Ou... na verdade eu não tenho mais motivos para explicar por que ela está estranha.

“Tudo bem?”, pergunto sobre os ombros, de costas para ela.

Escuto-a respirar fundo e o lençol ser puxado levemente. “U-hum.”

“Certeza?”

“U-hum”, murmura de novo.

Solto o ar com força e me viro para olhar para ela. Cecillia está deitada de bruços, com as mãos segurando as bordas do edredom na altura do queixo. Parece estar se encolhendo.

“Será que eu fui grosso com você mais cedo?”

“Quando?”, diz sem emoção, olhando para o teto e isso me incomoda.

“Quando eu disse que não sou igual ao meu pai.” Merda, não era isso que eu tinha que falar. Como sempre Cecillia arranca as coisas de mim, sem eu ter planejado.

Ela olha para mim e franze a testa. “Você não disse isso.” Vira o corpo de frente para mim, com as mãos segurando o travesseiro debaixo da cabeça. “Do

que você está falando?”

Fujo dos seus olhos e fito as portas do meu armário atrás dela. A pouca luz vinda da fresta da porta do banheiro, que eu deixei acesa, pouco ilumina o quarto. Fico em silêncio, sem falar porque eu nem sei o que dizer, não queria que ela soubesse disso e não quero falar mais sobre isso. Esse assunto de eu ter esse lado do meu pai e às vezes extrapolar que nem ele me incomoda profundamente. Eu sei que passo dos limites de vez em quando.

“Henry?”, ela me chama, e eu olho para ela. “Se não quiser, não precisa me dizer.” Sua voz calma e baixa mostra que ela ficou chateada com meu silêncio.

Quando ela começa a se virar para ficar de costas para mim, eu coloco a mão no seu ombro, segurando-a.

“Calma.”

Cecillia para e olha para mim por cima do ombro.

“Eu vou te explicar o que eu quis dizer.”

Sinto seu corpo relaxar e ela volta a ficar de frente para mim. Ficamos olhando um para o outro por um longo e confortável — por mais estranho que pareça — tempo sem falarmos nada. Gosto dos olhos dela. São de um tom de castanho caramelado e claro, muito chamativos e bonitos. Sempre me chamou a atenção, principalmente pela honestidade que emanam.

Cecillia levanta as sobrancelhas e as curvas dos meus lábios sobem em um sorriso simples. Pigarreio e, tirando meus olhos dos seus, olho para suas mãos perto do seu rosto. *Perto de mim.*

“Meu pai é muito controlador e sistematicamente organizado. Imagina um homem que fez seus filhos com cinco anos limparem a sujeira, e que ensinou a arrumar o quarto civilizadamente”, minha voz sai sarcástica. “Fez todos os filhos terem seus guarda-roupas organizados por cores e ajudarem minha mãe a cuidar da casa e a ele mesmo, a fazer qualquer coisa. Era como um treinamento de exército.” Fito seus olhos, apertando os meus, irritado com as lembranças da minha infância. “Na primeira vez em que caí de bicicleta, quando tinha oito anos, e a corrente soltou no meio do parque, sabe o que ele fez?”

“Não, mas tenho até medo de saber.”

Rio com amargura. “Ele mandou eu ‘arrumar’... — faço aspas com os dedos —, aquela merda. Eu tentei de todos os jeitos consertá-la, mas não sabia por onde começar, e então pedi ajuda. Porém, meu pai é irredutível e disse que no dia em que ele não estivesse mais ao meu lado, eu teria que fazer sozinho. Então me deixou lá me matando com a corrente”.

“E aí? Você conseguiu?”

“Porra nenhuma. No fim eu levei a bicicleta na mão mesmo, com a idiota da corrente arrastando no chão até chegar em casa.”

Eu me lembro desse dia como se fosse ontem, e nunca fiquei tão irritado com meu pai quanto naquele fim de semana. Ele nunca levantou a mão nem para mim nem para os meus irmãos, mas seu jeito general era de deixar os nervos à flor da pele. O pior é que ele fazia essas coisas de ser grosso conosco e no fim sempre resolvia as coisas, mas sem nós sabermos. No caso, minha bicicleta no outro dia já estava consertada e com óleo na corrente.

“Eu nunca entendi esse jeito do meu pai e muito menos ainda porque depois ele acabava fazendo o que ele disse que não ia fazer.”

“Talvez ele estivesse querendo fazer de você e seus irmãos pessoas preparadas para a vida.” Ela dá de ombros. “Não sei.”

“Pode ser. Meu pai não foi malvado conosco, nunca levantou a mão para nenhum de nós e sempre deu tudo para a minha mãe. Agora, emoção e chamego não é com ele. Meu pai chega a ser estressante às vezes.”

“Poxa, é o jeito dele. Tente entender... e você não gosta de organização? Tente ver mais ou menos por esse lado.”

“Você falou com a minha mãe?”, pergunto, e ela sorri.

“Não.”

Um estalo soa na minha cabeça: *Queria que minha mãe a conhecesse*. Ela vai adorar Cecillia, na verdade, todos vão gostar dela. Será que ela topa ir lá em casa algum dia desses?

“É, eu já pensei desse jeito, e quer saber? Eu fui o único dos filhos que depois que cresceu continuou com a Síndrome de Henry.” Sempre falo isso, porque meu pai se chama Henry também. Faz todo sentido.

Cecillia solta uma gargalhada forte, de jogar a cabeça para trás. Sorrio vendo-a sorrindo e um calor extraordinário aquece meu peito, e até chego a afrouxar a gola da blusa para respirar melhor. *Que merda foi essa?*

Ela volta o rosto para mim, fitando meus olhos. Seus olhos estão tão brilhantes, dourados.

“Você é linda.” Meus pensamentos atravessam o limite e saem pela minha boca sem que eu nem possa me travar.

Seu rosto fica pálido, suas pupilas saltam e sua boca se abre. Prendendo a respiração, ela pisca, e lentamente solta o ar. Sinto seu hálito atingir meu ombro

e vejo quando ela engole em seco.

“Obrigada”, ela murmura baixo como estivesse com dificuldade de falar.

Quero beijá-la. *Merda*. Eu quero beijar Cecillia. *Henry, ela é sua amiga, cara*. Minha consciência me cobra isso e eu sei que ela está certa, mas a outra parte de mim não está nem aí para isso.

Eu quero beijá-la.

Eu quero beijá-la.

Beijar Cecillia.

Morder seus lábios.

Enrolar minha língua na sua.

Puxar seus cabelos castanhos. Eles vão se enrolar em minha mão como uma luva, de tão longos e grossos. Eu sei que são macios porque, quando a abraço, sinto. Também sinto seu aroma, mas eu quero puxá-los quando estiver beijando-a como estou morrendo de vontade agora.

Merda. Porra. Puta que pariu.

“Vamos dormir?”, falo apressado, e ela respira, segura o ar, acenando que sim. “Amanhã nós falamos mais.”

“Tudo bem”, sussurra, e suas mãos torcem a fronha do travesseiro.

Chego minha mão até as dela e puxo uma, beijo-a. Precisava beijar qualquer parte dela agora. *Meu Deus. Qual é o seu problema, Henry?*

“Boa noite”, sussurro, e solto sua mão.

Que merda de calor é esse no meu corpo? Eu estou com tesão. Puta que pariu. Meu pau está duro e eu vou estourar.

“Boa noite”, Cecillia fala e vira de costas.

Fito suas costas, que estão um pouco descobertas por causa do movimento. Vejo seus cabelos na cama, chegando até o meu lado. O cheiro de chocolate emana das suas mechas e eu inspiro com força, para senti-los mais ainda. Patético, fecho os olhos. Sou um biólogo e sei que nossos sentidos afloram quando um está impedido. No caso, de olhos fechados, seu aroma fica saturado e posso sentir melhor seu cheiro.

Ela tem cheiro de chocolate, por causa do xampu que ela usa e castanhas, que é o sabonete que eu compro.

Merda, que mistura gostosa com seu cheiro natural. Todo mundo tem sua própria essência e a de Cecillia sempre me cativou. Porém, de uns tempos para

cá, está piorando. Essa coisa de dividir a cama com ela está aumentando meus reflexos de predador e estou começando a desejá-la.

Se já não me bastasse os cabelos estarem perto das minhas mãos, sua nuca está descoberta, porque a infernal da sua camisola é sem mangas. É uma camisola de cetim preta, que chega até a altura dos joelhos e as alças são finas e ajustáveis, iguais às de um sutiã.

Nunca reparei em porra de camisola, na realidade nem ligava para isso quando namorava. E faz um tempo que não namoro, que não divido cama com alguém nem meu apartamento.

Minha última namorada, Alana, chegou a ficar aqui no apartamento. Nós ficamos juntos por quase dois anos. Tínhamos um relacionamento bom, eu gostava dela, cheguei a amá-la, porém, as circunstâncias não foram favoráveis e terminamos. Continuamos amigos e até a levei para o aeroporto, para ir morar de vez na Inglaterra, deixando-me.

Isso faz um ano e meio, mais ou menos. Não vou dizer que não sofri por ela, porque foi doloroso. Por um bom tempo não quis ficar com ninguém, meus amigos falaram que era o pós rompimento e que uma hora eu voltaria ao normal.

Bem, eles acertaram, e depois de quatro meses eu voltei a ficar, transar, passar noites com algumas garotas. E ser capitão do time da faculdade facilita e muito ter várias opções na manga.

Mas desde Alana não namoro e não quis me envolver mais do que um mês com nenhuma mulher. Eu queria ser livre e curtir minha juventude. Curtir ser um universitário adoidado e mulherengo. Minha fama de pegador veio bem antes de Alana. Começou logo no início do meu primeiro bimestre na faculdade e se reforçou quando entrei no time e quando ganhei o posto de vice-capitão.

Portanto, quando comecei a namorar Alana, todos falaram que ela ia ser corna no primeiro instante e que eu não aguentaria ficar com uma mulher só. Engano deles, *total*. Com mais de dois meses, nós estávamos firmes e fortes no nosso relacionamento. Com seis meses, ela veio morar comigo, e eu ainda cheguei a pensar que ela era para sempre.

E dessa vez o engano foi meu. Quando ela me disse que tinha ganho uma bolsa na Universidade de Oxford na Inglaterra, porra, eu senti uma porrada bem forte no peito, como se um trem tivesse me atropelado. Eu gostava daquela garota e ela era perfeita. Doce, meiga, simpática, estudiosa e organizada. Alana era a garota perfeita para mim e ela também gostava de mim, mas o seu sonho de ser uma médica com honras e entrar em Oxford falou mais alto do que qualquer sentimento que houvesse entre nós.

Eu não fiquei com raiva dela, porque eu também faria o mesmo por causa de um sonho. Podíamos ter uma forte ligação, mas a realização de um sonho que nos separaria falou mais alto. Eu pensei que ela não era para sempre mesmo e isso veio dos pensamentos da minha mãe.

Minha mãe é a prova viva de que se o amor é forte o bastante para desistir de um sonho, ele é o suficiente para viver com ela para sempre. Ela largou sua faculdade de Estilista de interiores para ficar com meu pai e, obviamente, ficar com Scott, porque tinha descoberto que estava grávida de dois meses do meu irmão.

Eu tenho um pouco da minha mãe e do meu pai. Isso é notável e eu gosto disso. Apesar de meu pai ser um grosso, ele fez bem para mim, assim como minha mãe. E como ela sempre me ensinou: “Pense mil vezes antes de tomar uma atitude, Henry. Certas coisas que fazemos sem pensar podem mudar nossas vidas para sempre”.

E com esse pensamento e aprendizado, eu me levanto da cama.

“Vai aonde?”, Cecillia murmura da cama.

Olho para ela deitada e sonolenta na minha cama. *Caralho, eu gosto dela ali.* Mas não vou deixar desejos tomarem conta de mim e destruírem algo especial e eu podia responder: *Vou ao banheiro aliviar meu tesão e já volto.* Só que lhe dou um sorriso de lado e respondo o certo:

“Vou beber água, volte a dormir. Já volto.”

“U-hum.” Ela assente, aconchegando-se na cama.

Dou uma última olhada nela e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Muitos não me entenderiam se eu contasse que estou correndo para longe de Cecillia, mas eu sou um predador, pego mulher por diversão, e se eu me deixar levar, posso magoá-la, me machucar também e ficar sendo visto como um aproveitador.

Eu gosto dela de verdade e sei que somos homem e mulher. Gostamos de coisas diferentes, quero dizer. Eu curto mulheres e ela, homens, então somos compatíveis. Muito mais do que isso, gostamos de várias coisas iguais e temos coisas em comum. E dentre todos esses paramentos, temos a amizade, que é importante para nós dois.

Não é só ela que precisa de mim e se sente carente. Eu também sou solitário às vezes, e tê-la aqui é bom, mas não posso deixar que o sangue do meu corpo se direcione para a cabeça debaixo e eu foda — *literalmente* — com tudo.

Entro no banheiro da casa, fecho a porta e passo um tempinho dentro dele.

Nem precisei de muito esforço, estava explodindo. Acho que preocupação, tesão e todos os pensamentos que estão passando na minha cabeça fizeram meu orgasmo ser apressado como de um adolescente idiota.

Então entro no box e jogo uma água no corpo, tomando um banho ligeiro. Fui obrigado a me secar com a toalha de rosto, que eu joguei no cesto de roupa suja, porque a segunda opção era me enxugar com a toalha dela. Puta que pariu, eu me enxugar com a toalha de Cecillia e ficar com o cheiro dela? Apenas o pensamento me deixa duro de novo.

Visto minha roupa de volta e saio do banheiro. Fechando a porta, olho para a porta do meu quarto. Tomo um tempo olhando e respirando fundo. Sem hesitar, giro os pés para o lado oposto. Chego na sala e sento-me no sofá.

Está tudo calmo, silencioso, sereno e escuro. Deslizo o corpo pelo encosto do sofá, coloco os braços em cima da minha cabeça, tampando os olhos com os antebraços. Expiro e inspiro calmamente. Preciso pensar. Preciso resolver esse problema comigo. *Merda*. Tesão passa, daqui a pouco eu volto a vê-la como uma irmãzinha que ela sempre me pareceu. *Ridículo. Eu nunca a vi desse jeito*. Amiga, sim, irmã, nunca! E eu já tinha meio superado o desejo por Cecillia, e agora voltou. Merda!



QUINTA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2013

ESCUTO UM BARULHO ALTO VINDO DO LADO de fora da janela, que deve ser o caminhão do lixo, pois hoje é dia de coleta, para a minha nova rua, do meu novo lar. O pequeno prédio com tijolos vermelhos, que é minha nova casa.

Merda, Cecillia, para com isso. Nota mental: Parar de dizer toda hora que essa casa é nova para si mesma.

Já estou morando aqui tem cinco dias e, sendo bastante honesta, eu estou adorando morar aqui. É tudo tão organizado — e não estou falando apenas de Henry. O bairro é calmo, seguro e limpo. Para uma cidade grande nos EUA — na verdade em qualquer país —, é muito limpa, e os vizinhos são civilizados. Pelo menos foi o que Henry fez questão de ressaltar, tirando a vizinha da porta ao lado, todos são bons vizinhos. Ele disse que ela é uma bisbilhoteira. Eu ri quando ele disse isso, pela careta que fez.

Espreguiçando-me na cama — ainda deitada —, estico os braços para o alto da minha cabeça e as pernas, fazendo meus pés saírem para fora da cama. Abro os olhos e primeiro olho para o teto branco, depois viro o rosto — já preparando o coração para a visão incrível que Henry aparenta acordando, seus cabelos simplesmente chamam minhas mãos como imãs — para olhar para ele e... murcho.

Pelo visto Henry Frinsheens já acordou e eu acordei sozinha. Reviro os olhos, sentando na cama. Desde quando eu vou ficar esquentando com isso? Nós não somos nada além de amigos e dormir na mesma cama é apenas por... coincidência? Ou Consciência? Ou por acaso? Sinceramente, não sei. Eu não tinha parado para analisar isso, nós dois dormindo na mesma cama. Nossa, eu apenas gosto da ideia e curto essa intimidade de dormir com ele.

Eu sei que para Henry dormir ao meu lado não quer dizer nada. Tipo, ele não fica quente como uma lasanha em um forno em brasa. Sendo o queijo meu coração, derretendo-se gradualmente quanto mais próximos ficamos durante a noite e, com toda certeza, minha calcinha é o molho da lasanha. Não nego que minha calcinha fica molhada todas as noites. Essa imagem ficou meio nojenta, mas foi a descrição perfeita.

Levanto e balanço a cabeça, criticando-me pelos meus pensamentos: Isso não são pensamentos legais, Cecillia. Onde ter esse tesão todo por seu amigo é legal? Você tinha que curtir a solidariedade dele em estar te abrigando e não olhando para os músculos dele, suas mãos gigantes e fortes. Nem mesmo querer tocar o torso maravilhosamente esculpido dele, depois pegar nos cabelos clarinhos e puxar. E não, de jeito nenhum querer beijá-lo como se ele fosse a última gota de água e você estivesse desidratando.

Meu deus.

Para!

Dou um tapa na minha testa. “Acorda, garota. Que doideira foi essa?”

Foi apenas seu tesão aflorado pelo gostoso do Henry.

“Frody?”, pergunto, gritando para mim mesma, no meio do quarto. Ainda bem que estou sozinha.

Eu mesmo — Frody responde.

Ai, meu deus. Eu voltei! Eu voltei!!! Digo, pulando. De verdade, não apenas mentalmente.

Meu Deus, eu não achei que ter apenas meus pensamentos seria tão deprimente, ao ponto de eu agora estar comemorando meu inconsciente falante. Mas o que ninguém consegue entender é que meu anjo é praticamente meu outro eu. Eu até consigo materializar uma pequena imagem dele ao lado do meu rosto, sentadinho no meu ombro e, no caso de Frody, seu rabinho de diabinho balançando, os pequenos chifres e o sorriso do Gato da Alice o tempo todo. Ou ele pode ser a imagem do Gato autêntico mesmo.

Louca. Eu sou absolutamente louca! exclamo.

Concordo, e como Frydda desapareceu, você só terá a mim — Frody.

Tô fodida.

É o que eu pretendo, responde, com malícia.

E pela primeira vez, não o corrijo. Eu acho que eu preciso tanto liberar essa descarga hormonal, que está a flor da pele, e eu já tenho mais do que idade para isso. Tenho vinte anos. Meu corpo está pronto e, agora, minha mente está pronta.

MAIS DO QUE ISSO. VOCÊ ESTÁ GRITANDO POR ISSO, Frodynho.

Rio sozinha e vou para o banheiro da casa, saindo do quarto de Henry. Mesmo com o banheiro da suíte do quarto, eu não entraria nele e o usaria. Primeiro, que é do Henry. Segundo, que eu deixei minhas coisas no banheiro da casa. Terceiro, já é abusar muito da boa vontade de Henry. Já durmo na cama dele.

Faço xixi rapidinho, depois lavo as mãos para, em seguida, escovar os dentes. Lavo o rosto com meu sabonete anti-cravos e espinhas. É um saco ainda estar passando pela fase de desenvolvimento do corpo. Infelizmente, as mulheres param de se desenvolver com vinte e dois, vinte e três, por um lado é bom — meus seios vão crescer mais — e por outro é uma merda. Porque ainda tenho que enfrentar minha menstruação oscilando e as espinhas que aparecem de vez em quando no meu rosto.

Depois de lavar o rosto, penteio os cabelos — *acho que vou cortá-los, estão compridos demais* — e os prendo, fazendo uma trança solta. Saio do banheiro e passo no quarto para trocar a camisola por um short jeans e uma blusa de lycra, sem sutiã. Já que eu vou pôr o casaco por cima, não vou precisar colocar sutiã agora.

Finalmente passo pelo corredor e chego até a sala. Está tudo silencioso e calmo demais. Henry não era para estar fazendo barulho na cozinha? Estranho. Entro na cozinha e nada dele.

“Onde ele está?”, murmuro, virando-me, e o acho. Ele está no sofá da sala.

Seu corpo mal cabe no comprimento do sofá de três lugares recostado na parede da sala. Sua cabeça está em um braço do sofá que parece estar servindo como travesseiro e os braços estão para cima, jogados. Um está tampando o rosto dele e o outro está ao lado do rosto com a mão pendurada para fora do sofá. Assim como os pés que atravessam o limite do encosto de braço do sofá. Como daquela vez que ele quase dormiu aqui, mas eu não deixei.

Henry está dormindo tranquilamente na merda do sofá onde eu disse que ele não ia dormir. Ando para a sala e fico perto dele e me inclino, aproximando-me do rosto dele

“Henry?”, chamo-o, e ele pisca levemente, mantendo os olhos ainda fechados. “O que você está fazendo deitado no sofá?” Já dá para sentir a irritação no tom da minha voz.

“Hm?, ele resmunga, passando as mãos no rosto. Quando abre os olhos, ele pisca umas três vezes até eu entrar em foco. “Cecillia?”

“U-hum. Quem mais seria?”

Seus olhos ficam escuros. Resmungando, ele se põe sentando no sofá, obrigando-me a me afastar para não ganhar uma cabeçada. “Merda”, xinga, levando a mão até a nuca, e depois passa as mãos no cabelo, penteando-o para trás.

Ai, esses cabelos. Queria fazer isso. Passar as mãos neles.

Foco, Frody fala comigo.

Certo. Eu me foco na irritação por Henry ter vindo dormir no sofá. Afasto-me mais um pouco para poder olhar para ele melhor.

“Por que você dormiu aqui? No sofá?”

Ele suspira com força e sobe o rosto — sobe lentamente — e se eu não estou viajando, ele olhou para as minhas pernas. De-mo-ra-da-men-te.

“Eu não dormi aqui.” Sua voz rouca de sono me acorda dos meus pensamentos.

Se ele estava ou não olhando para as minhas pernas, não sei. Enfim, pisco, fitando os olhos azuis dele que estão parecendo um céu claro, sem nuvens. Tão intensos, e gradativamente o azul está sumindo e ficando cinza. Um cinza transparente e predador. Nossa, eu estou com sede, calor, frio... tesão.

Entramos em um batalha de quem pisca primeiro, e parece que Henry não resiste por mais tempo e perde. Ele pisca e começa a ficar de pé. O muro que é seu corpo sobe lentamente à minha frente.

Engulo em seco e Henry abaixa o rosto até o meu.

“Nós somos amigos. Não é?”

Assinto.

“Posso ser honesto?”

Dou de ombros e assinto. O que ele quer dizer com isso?

“Responda.”

“Pode.” Não reconheço essa voz que saí de mim.

“Eu gosto muito de você e respeito o que somos um pelo outro.”

“U-hum.” Afirmo. “Eh-eu-eu sei”, gaguejo.

Nossa, eu nunca achei que teria uma conversa desse tipo com alguém, melhor, nunca teria uma conversa com ele sobre “o que somos um para o outro”. O que ele quer dizer, afinal de contas? Fiz alguma coisa errada e ele agora quer que eu vá embora? Ai, Deus, não.

“Então. Eu estou aqui no sofá porque estava...”, ele faz uma pausa e diz

baixo, “assistindo a um filme.”

Franzo a testa. “Ah.” Abro a boca e fico sem entender. “Certo. Mas por que não voltou para a cama depois?”

Henry passa as mãos no rosto, parece estar lutando com alguma coisa. Qual o problema dele?

“Eu... Eu queria ficar mais à vontade.”

Minha testa força mais ainda o vinco da curva das minhas sobrancelhas. Abro a boca, fecho-a e levanto o rosto meio perdida.

“O que você quer dizer com isso?”

Henry resmunga e balança a cabeça. “Nada demais”, ele diz, e passa por mim, esbarrando no meu ombro.

“Henry?” Ando atrás dele, que caminha determinado para o seu quarto. “Henry espere. Me explica o que está acontecendo com você.” Ele entra no quarto e vejo-o puxar a camisa do corpo pela gola. Meus olhos seguem as ondas das costas dele. Os músculos se retesando e flexionando. Puta merda, de novo, não!

A_{GARRA}, CECILLIA.

E_{STÁ LOUCO}, FRODY?

L_{OUCA É VOCÊ QUE SÓ OLHA}.

E_{LE É MEU AMIGO}.

T_{EU AMIGO GOSTOSO}. V_{AI}, FILHA.

N_{ÃO}. E_{SABE POR QUÊ?}

P_{OR QUÊ?}

P_{ORQUE ELE NÃO IRIA FICAR COM UMA CARETA COMO EU, NUNCA}.

Dou um passo para trás. Apesar de eu adorar Henry e respeitar nossa amizade, o maior impedimento de eu beijá-lo, como daquela vez na boate, é o medo de ser rejeitada. Henry é experiente. É um garanhão, pega quantas mulheres ele quer e, com certeza, na lista dele não tem: *pegar Cecillia, a virgem amiga idiota*.

“Não consigo explicar. Eu mesmo não estou entendendo, merda”, Henry diz, e eu nem reparei que ele estava se virando para mim.

“Eu fiz alguma coisa?”, murmuro.

Ele nega com a cabeça, franzindo a testa. “Não sei.”

Meus olhos se arregalam e abro a boca, sem saber o que dizer. “O que você quer dizer com isso?”, questiono.

Henry respira fundo. Seu peito se enche de ar, que ele solta lentamente. Balança a cabeça de novo e, quando eu pisco, sou presa na parede por ele. Seus braços seguram meus punhos ao lado do meu rosto, seu rosto está a centímetros do meu. Os lábios abertos e ele está arfando com força. Seus olhos estão fixos aos meus.

“Você é a merda da minha amiga. Eu não devia querer o que eu quero.”

Engulo em seco. “E o que é?”, minha voz sai em um fio fraco.

Ele desce mais o rosto e sua testa encosta na minha, suavemente. “Eu quero te beijar”, ele sussurra, de olhos fechados. Ele parece perder sua luta interna.

Agora é eu quem respira fundo, encho meus pulmões e seguro o ar. Forço meus punhos a girarem, para que ele solte meus braços. Ele faz isso, mas as mãos continuam ao lado do meu rosto, com as palmas presas na parede. Com toda coragem que eu tenho, levo minhas mãos para o seu rosto e o seguro. Ele é tão lindo. Nossa. Inclino o rosto e meus lábios encostam-se nos dele. E fecho os olhos, com os batimentos do meu coração acelerado.

Raspo meus lábios nos dele, abrindo-os levemente, e meus dedos se separam e se juntam, fazendo carinho nas maçãs do seu rosto. Sinto-o relaxar, seus lábios se separam e sinto sua respiração. Ele movimenta o rosto, fazendo nossos lábios se acariciarem um no outro.

Sua boca faz um biquinho e ele beija meus lábios carinhosamente. Uma. Duas. Três vezes. Sinto uma quentura no meu peito, atingindo meu coração. E ele deixa os lábios se colarem aos meus e, com uma pressão suave, força-me a abrir a boca.

“Me faz parar”, ele sussurra na minha boca.

“Não”, sussurro mais baixo ainda, e minhas mãos vão para os seus cabelos.

“Merda, Cecillia”, ele rosna.

Sinto suas mãos no meu rosto e me puxando para ele. Abro a boca ao mesmo tempo em que ele abre a sua. Os dedos dele se enterram em meus cabelos com uma mão e a outra segura meu rosto, com os dedos pressionando meu pescoço.

A ponta da sua língua passa nos meus lábios, raspa meus dentes e se choca com a minha língua. Solto um gemido quando sinto sua língua na minha. Uma corrente esquisita e elétrica passa pelo meu corpo. Agarro seus cabelos e sinto minhas pernas fraquejarem, mas Henry passa um braço por debaixo do meu, erguendo-me e pressionando meu corpo na parede.

Seu corpo me segura na parede com a ajuda de um braço. A outra mão não sai dos meus cabelos em nenhum momento, e ele aperta os cabelos levemente. Esse

aperto nos meus cabelos me causa uma eletricidade que passa pelo meu corpo todo, chegando até as pontas dos dedos dos meus pés, voltando para a raiz dos meus cabelos.

Ele gira o rosto para um lado, eu, para o outro. Nossas línguas se enroscam, raspam e se grudam. Ele suga meus lábios, minha língua, e não consigo controlar meus gemidos. Meu Deus, eu fui para o céu.

Ele mordisca minha boca, minha língua, e minhas mãos deixam seus cabelos, descendo até seu peitoral. Por que ele tinha que estar sem camisa? Por que ele tirou a merda da camisa? Seus músculos ficam rígidos quando deslizo minhas mãos. Ele está quente.

Henry resmunga na minha boca e, como fosse um reflexo de fúria, morde um pouco mais forte meu lábio.

“Ai”, reclamo.

“Desculpe”, ele murmura na minha boca. “Você é gostosa demais, Cecillia.”

Oh, Deus.

Arfo com força e envolvo seu pescoço com meus braços, puxando-o para mim. Ele aceita e abre a boca na minha. A mão que estava embaixo das minhas costelas sobe pelo meu corpo e agora está no meu pescoço. Ele marca minha pele e aperta meus cabelos.

Que loucura.

Que loucura.

Que loucura!

Sinto seu gosto na minha boca e eu deveria achar nojento beijá-lo após acordar, porque ele não escovou os dentes. Mas e o foda-se?! Estou pouco ligando para isso e ouvir dele: “Você é gostosa demais?!”. POR DEUS PAI TODO PODEROSO. Eu vou colocar isso na minha lápide se eu morrer daqui a cinco minutos, se um anjo vier até a Terra e disser: “Cecillia, você agora pode ir para o céu”.

Ah!

Anjinho do céu.

Eu já estou no céu.

No céu dos lábios,

Da boca, dos sons e nas mãos de Henry.

E o céu é gostoso demais. Demais mesmo. Ai, eu tô sonhando. *Por favor, não acorda, Cecillia. Cecillia, não se atreva a abrir os olhos.*

Perco o calor da sua boca e escuto sua voz, afogada por causa do nosso beijo.

“Por que você está espremendo os olhos?”

E eu acho que acabo de espremer mais ainda.

“Não quero acordar.”

Henry ri e beija meu nariz. “Se você está sonhando...”, ele leva a boca para o lado do meu rosto, perto da minha orelha, “então eu estou no seu sonho?”, murmura.

Sua voz causa um arrepio no meu corpo e eu aperto meus braços em volta dele.

“Acho que sim.”

Ele ri de novo e me pega no colo. Levando um susto, abro os olhos. *O quê?* Ele gira o corpo e, com medo de cair, abraço seu pescoço e envolvo sua cintura com minhas pernas. Ele anda para a sua cama, derruba-me e cai em cima de mim.

Minhas pernas soltam seu corpo, escorrendo para os lados, e meus braços afrouxam-se em seu pescoço. Ele apoia os braços ao lado do meu rosto e fica com os joelhos dobrados. Seu corpo não está tocando o meu. Tem uma distância de dois palmos. Henry sorri e passa a mão no meu rosto. Ele está fazendo carinho em mim. Henry está fazendo carinho em mim. Vou repetir isso mil vezes até eu acordar.

“Me explica essa coisa”, diz ele.

“Que coisa?”, pergunto confusa.

“De você me beijar e estar sonhando.”

“Mas eu estou sonhando! Por que você está falando isso pra mim?” Franzo a testa.

Ele sorri de lado e suspira asperamente. “Não. Você não está sonhando.”

“Você não me beijaria”, murmuro

Ele franze a testa, muito confuso. “Por que não?”

Abro a boca e fecho. Vou responder o quê? Porque eu sou sua amiga e você não me veria com outros olhos. Ou, eu sou sua amiga nerd, virgem, careta e chata. Quando é que ele ficaria comigo? Nem em sonhos. Ops. Nos meus sonhos, sim.

LAMENTO TE INFORMAR, GATA. VOCÊ ESTÁ ACORDADA —Frody.

NÃO ESTOU. NÃO PODE SER.

Q_{UER} APOSTAR?

V_{AI FAZER O QUÊ?} Pergunto irritada.

G_{RITA!} G_{RITA BEM ALTO.}

P_{OR QUÊ?}

S_{E VOCÊ ESTIVER SONHANDO, O} H_{ENRY VAI DESAPARECER.}

Q_{UE SEJA.}

Pigarreio, preparo minha voz e abro a boca:

“A_{AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA...}”

“Você está louca?” Henry tapa minha boca, olhando para mim de cara feia. “A dona Clode vai achar que eu estou matando alguém.”

Ele se senta na cama, tirando a mão da minha boca e passando as mãos nos cabelos. Eu me sento também, com as pernas dobradas ao lado das pernas dele. Olho para ele com um misto de sentimentos: confusão e vergonha.

“Por que você gritou?”

“É real?”

Ele balança a cabeça confuso. “O quê?”

“Você está sem camisa na minha frente, depois de me jogar na cama e antes ter me beijado. Isso foi real?”, pergunto, sussurrando.

Ele assente e franze a testa. “Foi sim.”

Meu corpo cai para trás e eu jogo os braços na frente do meu rosto.

Eu beije o Henry.

Eu beije o Henry.

E_{U BEIJEI O HENRY.}

Oh, meu Deus do céu. Podem me levar, anjos. Eu estou pronta. Brincadeira, não estou, não. Eu quero mais, porém agora eu estou com vergonha. De amiga nerd, careta, virgem, sou agora a louca, nerd, virgem e careta. Parabéns, anta, subiu no conceito dele.

“Você está me preocupando”, Henry diz, e eu sinto o colchão balançar.

Tiro os braços do rosto e ergo meu corpo, apoiando-me nos cotovelos. Ele está de pé, na minha frente, com as mãos na cintura.

“Não achei que te beijar fosse te deixar louca.”

“N_{ÃO!}” Eu me levanto, ficando de joelhos na cama. “Eu não estou louca.”

“Então o que você tem? Eu apenas te beije e você está...”, ele gesticula com

as mãos para o meu corpo, “sei lá. Desse jeito... confuso. Apenas quero que saiba que nada mudou. Eu ainda sou seu amigo. Te beijei porque você me atrai, sempre me atraiu. Mas aí nós viramos amigos e eu não queria cruzar a linha da amizade. Desculpe se...”

“NÃO!” Eu o freio. Não posso deixá-lo pedir desculpas por um dos momentos mais maravilhosos da minha vida de merda. “Eu te entendo.” Franzo a testa, procurando as palavras certas. “Te entendo mesmo e talvez seja por isso que eu fiquei meio... confusa. Você e eu. Nós somos amigos e eu também queria te beijar. Mas aí, você é... Você é você. Por que ficaria comigo? Então eu estou pensando nisso”, falo e dou de ombros, sem graça.

Henry parece estar pensando em alguma coisa e coça a cabeça. Meus olhos vão como ímã para os músculos do seu braço que se flexiona com o movimento. *Para, Cecillia!*

Ele pisca e olha para algum ponto atrás de mim.

“O que você quer dizer com: você é você?”

E, de novo, eu perco o fim da meada. Não sei o que responder.

“Você é o Henry Frinsheens: Capitão do time, lindo, forte, popular, pegador e alguém em um patamar que nunca ficaria comigo.” Eu não quis, mas minha voz sai cortada.

E um nó está preso na minha garganta. Abaixo a cabeça e respiro fundo. Eu nunca o tinha visto por esse ângulo também. Quem era ele:

O cara que todas as mulheres querem.

O cara que todos os homens querem ser.

O capitão do time da faculdade.

O professor de artes marciais.

O universitário popular.

Aquele tipo de cara que você vê em filmes de adolescente. E eles nunca ficam com a nerd. A não ser quando é por uma aposta idiota. Odeio apostas.

Eu não tinha percebido isso. Mas esse cara é meu amigo. Esse mesmo cara é meu *crush* e, se eu o perder por causa dessa bobagem, por causa de um desejo, eu vou ficar sozinha de novo. Na verdade, eu sempre fui sozinha e eu deixei um pouco de ser quando ele sorriu para mim.

Sinto uma lágrima escorrer no canto do meu rosto e fungo. Merda. Corro com a mão até meu rosto.

“Ei!” Ele chega perto de mim e segura meu rosto. Olha para onde eu passei a

mão e fixa os olhos nos meus. “Por que você está chorando?”

Jogo meu corpo para ele, abraçando-o forte, como se eu pudesse prendê-lo em mim.

“Porque você é meu amigo.”

Seus braços um pouco relutantes me abraçam também. “É, eu sou”, ele sussurra, perto do meu ouvido.

Meu corpo treme por causa do choro idiota que eu estou tendo.

“Por que, Cecillia?”, ele pergunta, baixo. Ele parece preocupado.

“Por que você é meu amigo? Por que você me ajuda tanto?”

Meus olhos estão embaçados, cheios d’água. Ele nos afasta para segurar meu rosto e olha profundamente meus olhos, inclinando o rosto para baixo.

“Por que eu não seria? Por que eu não te ajudaria?”

“Porque... eu...” Solução e passo as costas da mão nos olhos, e Henry limpa meus olhos também. “Porque eu não sou nada. Ninguém liga pra mim. Você é o garoto popular, o capit...”

“Já ouvi esse discurso. Mas não estou entendendo. E é mentira que ninguém liga pra você”, ele diz, com a voz grossa. “Outra coisa. Eu apenas jogo no time, e eu sou apenas um homem livre e apenas um homem, Cecillia. Eu posso ser o Henry Frinsheens, mas com você eu nunca fui.” Seus olhos brilham e ele engole em seco. “Eu sempre fui o Henry com você. Apenas o Henry, e eu achei que você me via assim.”

“E eu vejo. Sempre vi.” Fungo e mais lágrimas fogem dos meus olhos.

“Então por que você está falando isso agora?”

Balanço a cabeça. “Eu não sei. Isso apenas passou pela minha cabeça e eu vi como... nós somos diferentes.” Abaixo o rosto de novo. “Mas eu gosto de você e se você acabasse com a nossa amizade por causa do que aconteceu agora há pouco, eu-eu ficaria...” Meus soluços não me deixam terminar, e me agarro a ele de novo.

Seus braços me apertam, mas me soltam rápido. Vejo-o se sentar na cama, as costas encostadas à cabeceira da cama e, depois de se acomodar, ele me puxa para ele. Eu vou de bom grado. Ele é tudo o que eu tenho. Eu tenho meus padrinhos, eu os amo do fundo do meu coração, mas eles estão tão longe agora e Henry me dá uma coisa que não sei explicar. Só sei dizer que me sinto completa com ele.

Henry acaricia meu corpo e seu carinho me dá conforto, e eu quero que ele

saiba que está tudo bem. E eu quero saber se está tudo bem com ele.

“Você está melhor?”, ele pergunta, como se tivesse se infiltrado na minha cabeça.

Isso me assusta, e não é a primeira vez.

“Estou, e você ainda é meu amigo?”

Seu corpo balança com sua risada. “Sou. Claro.”

“Mesmo eu sendo louca?” Inclino a cabeça para o seu rosto, com ela deitada em seu peito.

“Sim. Lembra que eu disse que minha mãe fala que os opostos se atraem?”

Meus olhos queimam com novas lágrimas, mas são de felicidade. Sorrio e trago sua mão para beijá-la. “Obrigada por tudo.”

Ele suspira. “Não há de quê. Só não quero mais vê-la chorar. Eu não gosto disso.”

Assinto e sorrio de leve. “Acho que é porque você beija mal.”

Ele sorri de lado, seus olhos brilham perversamente e brincalhões. “Não seja por isso. Eu te beijo de novo e te mostro quem beija mal aqui.”

Ergo as sobrancelhas.

“Está duvidando?”, ele diz.

“Não. Não mesmo”, digo, sorrindo.

Henry abaixa o rosto, ficando perto do meu de novo. Levanto um pouco mais o corpo e ficamos cara a cara. Ele segura meu rosto e eu seguro o dele, mas antes de ele me beijar pra valer, eu paro.

“Se nós formos fazer isso de novo, me prometa uma coisa...”

Henry pisca e cerra os olhos. “Okay.”

“Nós ainda seremos amigos, depois.”

“E amanhã.” E ele me dá um beijinho.

Sorrio, assentindo. “E depois.” E outro beijinho.

“E sempre”, ele sussurra, e seus lábios juntam-se aos meus de vez.



Henry e eu, finalmente, paramos de nos beijar, não porque nos cansamos, e sim porque ele atende ao telefone de casa. É Scott, seu irmão, que reclama porque ele deixou o celular sem bateria e não ouviu a ligação que ele tinha feito ontem à noite e a de hoje de manhã mais cedo.

Henry pede desculpas ao irmão e faz um sinal com a mão, pedindo licença

para mim, e sai do seu quarto, virando para a sala. Vejo-o sumir pelo corredor e não me sinto incomodada por ele querer licença para falar com o irmão. Acho que nem tudo eu tenho o direito de saber.

Levanto da cama, passando as mãos nos cabelos, ajeitando os fios que se soltaram quando me atraquei com Henry na parede e um pouco na cama. Eu acho que ele gosta dos meus cabelos.

Minha nossa senhora! Eu ainda não acredito que eu beijei Henry e não faz nem dez minutos que eu estava nos braços deles, na cama dele, com os lábios dele colados nos meus. É tudo tão irreal!

Preciso de alguma coisa para saber que não foi um sonho. Eu não posso acreditar que eu chorei na frente dele. Merda. Como eu me deixei levar pelos meus sentimentos por ele? Que droga. Eu não deveria ter chorado, não deveria ter deixado tão evidente o quanto eu preciso dele.

“Cecillia, eu vou ter que tomar um banho rápido e depois sair voando.” Henry entra no quarto, coloca o celular para carregar e volta a olhar para mim. “Não sei a que horas volto. Vou para o trabalho direto de onde eu preciso ir agora, e você me liga para te pegar, ou vai para a academia, para eu te levar de lá.”

“Por quê?”

Ele franze a testa. “Porque eu preciso resolver um...”

“Não foi isso que eu quis dizer.” Corto-o. “Eu quero saber por que eu tenho que te encontrar ou você me pegar mais tarde?”

“Para eu te levar para a faculdade”, explica, como se eu tivesse feito uma pergunta idiota.

“Ah, Henry.” Sorrio para ele. “Não precisa disso. Eu vou de ônibus.”

“Eu não me importo, Cecillia.”

“Eu sei que não, mas você não tem obrigação de me levar. Entendeu?” É bom mesmo eu deixar isso claro. Para mim e para ele.

Ele respira e coça a testa. “Tudo bem, então. Faz como você quiser, mas me liga. Está bem?”

“Certo.” Aceno que sim e saio do seu quarto, fechando a porta para ele poder tomar banho.



Estalo os ovos na frigideira e viro as fatias de bacon. Estou fazendo um café da manhã para mim e Henry. Espero que dê tempo de ele comer antes de sair.

Olho para os ovos e suspiro. Estou com a lembrança de Henry há dois minutos

quando passou correndo por trás de mim, chegando ao quarto onde fica a tábua de passar roupa e, uns segundos depois saiu de lá com uma camisa de linho bem passada no corpo. Ele fica tão bem vestido desse jeito.

“Cecillia, você viu onde eu coloquei meu sapato social? Caralho, eu não o estou achando em lugar nenhum.”

Chego até o portal da cozinha e me inclino para fora, vendo-o caminhar pela casa, passando as mãos nos cabelos, nervoso.

“Eu acho que está no banheiro de visita. Vi esses sapatos lá. Acho que está dentro do armário de toalhas.”

“Ah, é verdade. Merda! Vou matar aquela diarista.”

Dou risada e o vejo entrando no banheiro. Volto pra dentro da cozinha, retornando para a frente do fogão, e tiro tudo da frigideira colocando em um prato. Volto com a frigideira para o fogão. Quebro mais dois ovos, e sem bacon para mim. Eu não sou muito fã de bacon. Todo dia não dá para comer isso, não.

Vejo Henry entrando na cozinha, abrindo a geladeira e pegando uma maçã verde dali, e dando uma boa mordida nela.

“Eu fiz café e ovos com bacon para você”, digo, e aponto para o prato que está na mesa.

“Poxa, que legal da sua parte.” Ele anda até onde eu estou e sorri. “Eu fico muito agradecido, mas não tenho tempo para comer, só vim pegar uma maçã para não sair com o estômago vazio.”

“E ela vai te alimentar?”

Ele levanta os ombros e gira o corpo, dando-me as costas. “Não mesmo. Quando eu tiver tempo, depois de resolver o problema, eu como algo melhor”, ele fala, pegando uma garrafa de água na geladeira, e sai da cozinha.

“O que você vai fazer? É algum problema sério?”, grito da cozinha, porque não posso ir atrás dele, os ovos vão queimar.

“Não se preocupe”, Henry responde, mas eu posso jurar que ele está mentindo. “É coisa boba. Viu?”

Viro o rosto e ele está de paletó na porta da cozinha. Está com uma pasta na mão, a mala da Nike no ombro, e a maçã na outra mão. Dou de ombros e olho para ele, que está chegando perto de mim.

“Se você não quiser mesmo que eu te leve hoje, me liga dizendo que está indo de ônibus.”

Aceno com a cabeça, afirmando.

“E na hora da saída, me espera.”

“Não vai hoje?”

Ele nega. “Não tenho aula hoje. Esqueceu?”

“É verdade.” Levanto as sobrancelhas, surpresa. “Então, até mais.”

Ele inclina o rosto e faz um biquinho, mas para no caminho. Seu celular está tocando. Ele abandona a maçã na pia, olha para baixo, pegando o celular, e aperta um botão. “Merda, tenho que ir”, resmunga. Ele levanta o rosto, chega os lábios mais perto dos meus, e beija minha boca suavemente, gira o corpo, dando-me as costas e sai.

Plaft... Escuto a porta bater... Mas meu cérebro está centralizado nos segundos anteriores. Ele me beijou, se despedindo de mim, e eu escutei a porta bater, enquanto meu coração *parou de bater*.

Um pouco chocada, tiro os ovos da frigideira, colocando-os no prato que fiz para Henry. Volto a colocar a frigideira no fogão e a deixo ali.

“Ah. Ops”, digo apagando o fogo.

Passo as mãos no rosto, suspiro e sento-me à mesa. Não antes de pegar a maçã que ele abandonou na pia. As marcas dos seus dentes estão pregadas na maçã, seu DNA está nessa fruta. Igualmente em minha boca.

Os mesmos lábios que me beijaram passaram por ela enquanto arrancavam um pedaço.

Eu sou uma maçã.

Sou uma maçã também.

Sinto-me como uma maçã.

Henry me beijou e arrancou um pedacinho de mim também. Eu sei disso. E estou apavorada.

Pego a xícara que deveria ter café, mas eu coloquei suco de laranja nela, e a entorno na boca. Eu estou imaginando esse suco sendo um uísque bem seco e antigo, descendo pela minha garganta e me queimando. Eu preciso de uma bebida. Ou duas.

Respiro fundo e pego os talheres. Vou comer essa comida porque eu não gosto de desperdiçar e eu acho que essa ansiedade toda de ser beijada por Henry me deu fome. Limpo o prato, não deixando nenhuma migalha, e meu estômago está dilatado de tanto que comi.

“Nossa, vou ficar sem comer até amanhã.”

Sinto-me mais do que satisfeita e até o bacon que eu tanto detesto, eu comi.

Levanto da mesa e rapidamente lavo a louça. Seco a louça e as guardo no armário e saio da cozinha.

Dou uma boa olhada na casa e vejo que permanece limpa, do jeitinho que Henry gosta. Sorrio porque ainda acho cômico esse lado “limpo” dele. Ando pelo corredor e chego até ao banheiro da casa, e começo a tirar a roupa.

Será que ele trancou a porta? Esse pensamento vem na minha cabeça e, antes que eu tire o short, corro para a porta de casa. Quando vou puxar a maçaneta, a porta é aberta.

“Oi?”, diz ele, perdido, olhando para mim dos pés à cabeça.

“Já voltou?”

Ele assente, confuso. “Esqueci o celular.”

Assinto e o vejo entrando e caminhando para o quarto. Fico no mesmo lugar, perto da porta, e rapidamente ele volta, guardando o celular no bolso.

“Agora tenho que ir”, ele fala, e seus olhos novamente passam por meu corpo, mas ele não se demora. Ele sorri, beija meu rosto e sai.

Respiro fundo e tranco a porta de casa. Balanço a cabeça e, suspirando, volto correndo para o banheiro. Nele me fito da cabeça aos pés e congelo. Entendi porque ele ficou olhando para o meu corpo. Minha blusa sem sutiã é totalmente transparente.

“Ai, caramba. Que dia.” Engulo em seco e volto para a sala. Preciso espairar os pensamentos. “Quero música.”

Ligo o home theater moderno que tem na sala, cujas caixinhas de som se espalham pela sala de estar, sala de jantar e até na cozinha. Nossa! Deve ser o máximo ver filme aqui. Pego um estojo de CDs e DVDs de Henry, procurando algo para eu ouvir.

U2

Emarosa.

SuchShill.

Underoath.

French Montana.

Eminem.

Usher.

Não gosto de nada disso. Quem é Emarosa?

“Meu Deus, *Henry*. Você tem que ter algo perto de Selena Gomez, ou Jennifer

Lopez”, falo ainda passando os CDs e DVDs no estojo. “Hmm... Até que enfim algo que eu gosto.”

Pego o CD do Drake e o coloco. Eu não sei se é estranho eu gostar desse maluco do Drake, mas as músicas dele me dão ânimo e eu estou precisando disso. Aumento o volume do home theater para 26, sendo que o 33 é o máximo. Está alto o som. Não vou pensar nisso, hoje é quinta e já são dez e meia da manhã.

Volto dançando para o banheiro e tiro as roupas: a blusa vai para o alto; o short para o alto e a calcinha para dentro do box. Minha madrinha sempre falou para eu lavar a calcinha primeiro no banheiro, depois na máquina e sempre passar o ferro nelas. A parte do ferro, às vezes eu não faço não.

Abro a porta do box e tomo banho, deixando a porta aberta.

“Ah, eu adoro essa música”, grito, escutando a nova música do Drake: Hotline Bling. “You used to call me on my cell phone...” Canto imitando os passos do Drake no clipe.

Mexo os pés, remexo o quadril e faço aquela jogada de cabeça dele. Parecendo aqueles cachorrinhos com cabeça de mola que as pessoas têm no para-brisa dos carros. Termino meu banho feliz, cantando e dançando as músicas do Drake. Cinco músicas e saio do box. Não lavei os cabelos, porque senão nem o CD repetindo duas vezes eu acabaria. Ele está grande demais.

MAS O HENRY GOSTA DELES — Frody aparece.

HUM! NÃO SEI QUEM TE FALOU ISSO.

ORAS, FOI O JEITO COMO ELE SEGUROU SEUS CABELOS QUANDO TE BEIJOU.

Aperto os meus cabelos, fitando-me no espelho e, passando as mãos nos cabelos, aliso-os. *Será que ele gosta deles?* Balanço a cabeça, deixando esse assunto para lá. E termino de me secar. Não quero pensar nas coisas que Henry gosta em mim ou não. Ainda nem me recuperei do nosso beijo. Com a toalha no corpo, chego até meu quarto e, por milagre, escuto o celular tocar. Pego e olho o visor:

Minha madrinha está chamando.

“Oi, tia”, atendo o telefone toda feliz.

“Filha, você está onde? Não consigo te ouvir direito.”

Hm... a música está alta.

“Calma”, grito para ela no outro lado da linha. Vou às pressas para a sala e diminuo o som. “Pronto. Está me ouvindo agora?”

“Oh, sim, meu amor. Como você está?”

“Eu estou bem. Como está você e o padrinho?”

Escuto-a sorrindo e depois, resmungando. “Nós estamos bem, apenas Richard está trabalhando mais do que o normal. Em breve talvez teremos novidades para você.”

“Eba! Vou ficar ansiosa agora. É sobre o quê?”

Minha madrinha solta uma risadinha. “Não perde nunca seu instinto curioso. Não é?”

“Com certeza. O que é?”

“Deixa isso mais para a frente, quando eu tiver respostas certas, okay?”

“Está bom”, falo, resmungando e revirando os olhos.

“Então, me diz... como você está aí?”

“Eu já não disse?”, pergunto, sem entender.

“Cecillia eu quis dizer na casa do Henry. Como você está lidando com a Anna. Você sabe que eu não esqueci o que ela e o Brad fizeram a você.”

“Tia, esquece isso.”

“Não mesmo. E só para você saber. Seu padrinho está tentando fazer Brad pagar de outra forma pelo que ele te fez.”

“Não vai dar em nada. Vão alegar que foi uma brincadeira e que não teve abuso nenhum.”

“Mas teve sim. Ele te desmoralizou na frente de pelo menos duas pessoas. Então Richard pode fazê-lo pagar pelo menos umas dez mil bolsas alimentares, ou fazer com que ele faça serviço comunitário. Acho pouco, por mim ele merecia uma surra bem dada.”

Caio na gargalhada e balanço a cabeça, divertindo-me. Minha tia é uma louca. “Sim senhora, dona Monica.”

Ela ri. “Isso, ache que eu sou louca mesmo.”

Dou risada de novo. Ela sempre adivinha o que eu estou pensando.

“Mas então... Como anda sua relação com Henry?”

“Oi?” Sinto o coração saltar dentro do peito. “Como assim? O que você quer dizer com isso?”

“Ah, Cecillia minha querida, eu sei que você gosta dele.”

“Sim, eu gosto. Ele é meu melhor amigo.”

Ela resmunga. “Não estou falando neste sentido.”

“Em que sentido?”

“No sentindo carnal, meu doce.”

“Tia!”, exclamo, exasperada.

“Ah, querida. Você pode tentar se enganar, ou me enganar. Mas aquela foto de vocês dois no Instagram disse tudo. Vocês sentem atração um pelo outro.”

Suspiro, pensando na foto. Eu sei muito bem que foto é. Nós dois estávamos indo ao cinema com um pessoal da faculdade e antes paramos na pizzaria no shopping. Então Manuela bateu uma foto de todo mundo. Mas, na mesma hora em que ela bateu a foto, eu e Henry estávamos distraídos conversando. E, como sempre, eu deixei transparecer meu afeto por ele. Eu sorria na foto como uma boba porque ele estava contando alguma coisa para mim. Como sempre, eu achei o máximo e a expressão “Meus olhos brilharam” é um eufemismo na foto.

Aperto a toalha no meu corpo com força e arfo. Não quero que isso fique assim tão evidente. Henry vai achar que eu sou apaixonada por ele e vai me enxotar daqui.

“Cecillia? Ainda está aí?”

“Nós nos beijamos”, solto, sem freio, sem pensar. Quero que alguém saiba. “Mas agora eu estou com medo disso. E se isso acabar com nossa amizade? Eu gosto realmente dele e não apenas no sentido de eu achar ele lindo e gostoso. Gosto da amizade dele, do amigo incrível que ele é.” Solto a respiração e deixo os ombros caírem. “Eu vou estragar tudo, tia.”

“Cecillia”, ela diz meu nome, exalando preocupação. “Pare de pensar demais. Seu problema é esse. Você sempre pensa demais. Deixa as coisas acontecerem e se ele te beijou também...”

“Você nem imagina. Mais de uma vez, e ele quis sim.”

“Então. Se ele também quis, é porque ele queria”, ela afirma cada palavra. “Aproveita que ele é seu amigo e se abra.”

“Me abrir? Como assim?”

“Seja livre. Aproveita essa proximidade, essa intimidade e explore. Beije-o, namore-o, se amasse no sofá e se rolar, se vocês quiserem, transem, sei lá.”

“Meu Deus. Você não disse isso”, digo, prendendo o riso. Estou pasma.

“Ah, querida. Henry já tem vinte e nove anos. É bem grandinho e você mesma disse que ele é um pegador. Qual o problema de você se aproveitar disso? Ele é lindo, você é linda, vocês se gostam e nem vem me dizer que estou viajando. Vocês sentem atração um pelo outro.”

Esfrego minhas sobrancelhas, sentindo meu coração parar e o suor escorrer pela minha testa.

“Mas, e se isso der errado? E se depois que nós ficarmos, ele ficar estranho comigo? E se ele não conseguir mais me ver como amiga? Mesmo que eu queira, eu tenho receio.”

“Temer isso é normal. Quando os amigos sentem atração um pelo outro, é complicado. Mas se o desejo for muito intenso e grande, eles jogam o medo para o lado e se entregam à paixão de experimentar o que o corpo e o cérebro querem.”

“Ai, tia. Eu estou tão confusa.”

“Está assim porque sabe que eu estou certíssima. Você o quer tanto quanto, eu tenho certeza. Toda vez que você fala dele, posso ver seus olhos brilharem pelo Skype e até sua voz muda. Por favor, não jogue isso fora. Aproveita que ele te beijou e veja até onde ele vai.”

“E se ele não quiser passar dos beijos? E se ele apenas me beijou porque estava confuso na hora?”

“Ai, Cecillia”, ela exala com força e faz uma pausa — uma pausa muito longa.

“Tia?”

“Estou aqui. Apenas pensando em como te ajudar.”

“Como assim?”, pergunto, mas ela fica muda. Passam-se dois minutos e ela fala:

“Eu tive uma ideia, mas você tem que ter coragem. Seja uma mulher, não uma menina. Coloque esse seu lado curioso em ação para outras coisas, Cecillia.”

Com os olhos arregalados, espero que ela me diga qual é seu plano. “Certo.”

“Okay, então. Aí na sua faculdade aposto que tem um monte de meninos e eles são bonitos. Você, por favor, tem contato com algum deles?”

“Sim. Max e Felipe são meus amigos e são bem bonitos. Por quê?”

“Porque você vai dizer para um deles — para quem você achar melhor — que quer ir ao cinema ver um filme, mas não tem ninguém para ir com você.”

Sorrio com a voz triste que ela fez. “E?” Meu rosto está doendo por causa do sorriso que prendo.

“E... que nós vamos ver qual vai ser a atitude do Henry se você sair com alguém.”

“Aonde você quer chegar com isso?” Estou desconfiada de uma hipótese, mas

prefiro que ela fale.

“Talvez o Henry não tenha tomado uma atitude até agora”, ela explica seu pensamento, certa de tudo. “Porque ele nunca te viu com ninguém. Talvez ele te queira, mas não se vê correndo o perigo de você ser pega por outro.”

“Não acredito nisso. Primeiro que eu recebo cantadas sempre e segundo que ele sai com quem quiser quando quer também.”

“Sim, mas aí ele fica só na moita vendo você dando sopa. Se alguém entrar no jogo para valer e você mostrar interesse, ele vai — com toda certeza — tomar uma atitude. Confie em mim.”

“Okay. Deixe-me ver se entendi. Você quer que eu saia com o Felipe ou o Max para colocar ciúme no Henry?”

“É”, ela fala, e posso vê-la balançando a cabeça para lá e para cá. “É isso mesmo que eu quero dizer. Você vai colocar uma pulguinha atrás da orelha do Henry. Vamos ver se ele mata a pulga ou simplesmente não liga para ela.”

Minha barriga está doendo de tanto que rio. “Está bem. Então eu vou fazer isso. Mas, e se não der certo?”

Ela resmunga. “Se não der certo... Esse Felipe, ou Max são bonitos?”

Penso neles e digo a verdade: “São sim.”

“Então... Se o Henry não quiser ter a chance de ficar com você. Você fica com um desses meninos, ou com os dois. Você que sabe. Se divirta, Cecillia”, exclama. “Você é jovem, livre, bonita, novinha. Nossa. Quem me dera ter vinte anos, meu doce.”

“Ah, tia, você ainda é linda. Quando eu tiver a sua idade, rezo para ficar como você.”

Ela ri. “Então vai ter que malhar muito e comer salada com frango.”



Chego à academia depois de ter enfrentado uma corrida contra a chuva iminente que está se aprontando no céu. As nuvens estão escuras e o céu chega a relampejar. Então saí correndo no caminho de casa para cá. Meus livros e minha roupa, que vou trocar para ir para a faculdade, estão na mochila e na malinha da Nike rosa e abóbora que eu comprei há quatro meses. Achei que nunca a usaria, nem o tênis rosa que eu comprei junto.

Bato os pés na recepção, no tapete antiaderente que fica na portaria, e passo a mão na bolsa, espalhando e tentando jogar para longe as gotinhas de água que caíram da chuva.

“Pegou a chuva, Ceci?”

Escuto uma voz grossa e, levantando o rosto, olho para ver quem é.

“Oi, Max.”

“Oi, Ceci. Veio malhar?”, ele me pergunta, chegando perto de mim e beijando meu rosto.

“Vim, e depois vou sair correndo para a faculdade”, entorto a boca, fazendo cara de cansada.

“Ah, não seja por isso.” Ele pisca e passa o braço por cima dos meus ombros, levando-me para dentro da academia. “Eu te dou uma carona. Tenho aula hoje à noite no laboratório de química.”

Olho nos olhos dele, e o plano da minha madrinha vem na minha cabeça. Colocar pulga atrás da orelha do Henry. *Você é jovem, livre, bonita, novinha.*

ESTÁ PENSANDO MUITO — Frody diz, girando a ponta do rabinho, PERGUNTA LOGO.

Cerrando os olhos — mentalmente —, respiro fundo e sorrio para Max.

“Vou aceitar sua carona sim e, sabe?! Você me faria um favor depois?”

“Claro. O que é?”

“Pode me levar ao shopping amanhã? Tenho que comprar minhas luvas de boxe e estou louca para ver um filme que está em cartaz.”

Max abre seu sorriso — já o vi jogar esse sorriso para a metade da faculdade.

“Claro que te levo, e que filme é esse?” Ele pergunta.

Max coloca a mão nas minhas costas, passando pela roleta da recepção comigo. Ele me deixa passar primeiro e depois volta a ficar ao meu lado. Com seu sorriso do Tom quando está quase conseguindo pegar o Jerry.

“É de terror. Eu quero ver, mas tenho medo de ver sozinha”, dou um sorriso amarelo.

“Ah, Cecillia. Quem precisa ir ver filme sozinha quando tem amigos para ir junto?” Ele pisca. “Pode ficar tranquila.”

“Por quê?”

“Eu vou com você e, qualquer coisa, você agarra a minha mão.”

Sobe uma quentura, um nervosismo pela minha barriga, e vejo por um dos espelhos da academia, que estou corando. *Ah, minha nossa!*



MEU DEUS, QUE TRÂNSITO DE MERDA. VOU acabar chegando em casa dez da noite. Resmungo, soltando uma lufada de ar pela milionésima vez, contemplando os carros à minha frente.

“Scott, por que eu tinha que vir para Nova York, mesmo?”, questiono, virando o rosto para o meu irmão, que está tentando — tentando é a palavra certa — dirigir pela ponte Robert Kennedy, atravessando Manhattan para me levar até ao aeroporto JFK.

“Oras, porque foi preciso e nós já estamos chegando”, ele murmura, parecendo irritado.

“Chegando? Sério que você disse isso?” Fito o perfil dele. “Onde falta mais vinte e cinco minutos, talvez, depois de passarmos da ponte, é estar”, faço aspas no ar, “chegando?”

Ele resmunga alguma coisa e simplesmente relaxa o braço, oposto ao meu banco do carro, na janela do carro. “Não posso fazer nada. Meu carro não voa. Meu carro não navega, eu não sou o Magneto e não posso fazer nada com essa fila de carros na minha frente.” Ele faz uma explosão com a mão, juntando os dedos e depois os separando com um estouro feito pela boca. “Pow! Abre passagem para nós.”

Reviro os olhos e coço as sobrancelhas com as pontas dos dedos. Eu estou suando, com fome e cansado. Tudo bem que estou com fome porque fui teimoso e não comi o café da manhã dentro do avião no voo vindo para cá, mas fiz um lanche no escritório. O relógio já marca quatro e dez. Perdi as duas turmas de manhã, e Jorge me cobriu quando liguei para ele do terminal do aeroporto Logan, em Boston. E, pelos meus cálculos, vou chegar em casa umas cinco e meia.

Passo as mãos com raiva pelo meu rosto — de novo — e tento achar um jeito

de não esganar Scott. Eu entendo que ele teve que ter minha assinatura no maldito papel, em que eu nem quero pensar agora. Eu quero muito esquecer o que estava escrito nele. Mas por que ele não levou o papel até a mim, em vez de me levar até o papel, foi o que mais me irritou. Franzo a testa e olho para ele.

“Por que você não levou o documento até Boston? Em vez de me fazer passar por esse transtorno de vir para cá — às pressas — e ter que voltar correndo para casa?”

Ele exala o ar com força e vira o rosto para mim. “Eu queria que você visse a empresa e tinha esperança de você passar em casa, rapidinho, antes de voltar”, ele enrugando a testa, mostrando decepção, “mas me enganei de novo com você”.

“Talvez se eu tivesse sido avisado, teria me programado e teria tempo para passar em casa”, falo com raiva, e ele vira o rosto.

“Estou cansando do seu “deixa para depois”, ou, ainda não estou pronto.”

“Mas eu não estou mesmo”, grito, estressado com tudo.

Ele coça a garganta e passa a marcha do carro. “E eu, lógico”, ele ironiza, “que estou super pronto”, e se vira para mim rapidamente, dando-me um olhar resignado. “Mas eu não tive escolha. Ou eu começava a fazer o certo, ou ninguém ia, nem mesmo papai.”

Pisco, sentindo meus olhos arderem e queimarem, e viro o rosto, olhando para o East River. Estamos passando bem em cima do parque Wards Island, quase acabando a ponte, e eu respiro fundo por isso. Não aguento mais ficar aqui com Scott e não é porque eu não gosto do meu irmão, mas porque eu não gosto do clima que se instalou no carro. Denso e frio.

Eu nunca briguei sério com meus irmãos, nem mesmo com Scott, porque com as meninas eu sempre fui — e sou — um babaca, e agora eu acabei de ter uma discussão com ele. Uma discussão que está durando desde que pisei no escritório dele, no Harlem, hoje mais cedo.

Não posso mentir para mim mesmo que ainda esteja surpreso com o pedido dele para me trazer de Boston para cá, assim do nada. Eu não me programei, não preparei o pessoal do trabalho, e se Cecillia não tivesse me falado que não tinha problema ir para a faculdade de ônibus, eu estaria saindo correndo do carro agora e entrando no aeroporto LaGuardia, pelo qual Scott acabou de passar.

“Sabe de uma coisa?!”, falo, quebrando o silêncio e chamando a atenção dele. “Por que você não comprou as passagens no LaGuardia? É pelo menos vinte minutos mais perto do escritório.”

Ele resmunga e torce a cara. “Porque não tinha mais passagens para Boston

quando saí daqui às oito da manhã. Então, minha segunda opção era o JFK. Então, com medo de não ter mais passagens, comprei minha ida e volta, e a sua vinda e volta”, ele me responde e me dá um breve olhar. “Satisfeito agora?”

“U-hum.” Assinto de cara amarela também. Scott sempre acha que apenas ele pode ficar nervosinho, principalmente comigo, porque é mais velho. E eu nunca liguei para ele.

Sempre falam que eu sou meu pai em tudo, mas estão enganados. Scott lembra muito mais o humor chato do papai do que eu. Ele sempre é sério demais e apenas não herdou os genes de limpeza excessiva do nosso pai.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Cecillia:

Henry - Nova York | Ny 16:23

Oi. Está onde?

Cecillia - Massachusetts | Boston 16:26

Na academia, e você?

Jorge me disse que você não vai dar aula. Pq?

Henry - Nova York | Ny 16:28

Estou a caminho, mas devo chegar até às 6 horas.

Cecillia - Massachusetts | Boston 16:29

Nossa! Pq? Você foi pra onde?

Henry - Nova York | Ny 16:31

Não se preocupe. Você vai para a faculdade de ônibus mesmo? Tudo tranquilo sobre isso?

Fico olhando para a tela esperando pela resposta dela. Dez minutos, e nada. Quinze, e enfim:

Cecillia - Massachusetts | Boston 16:45

Na verdade, vou pegar carona com Max.

Franzo a testa, olhando para a resposta dela. Calma aí. Vou ler de novo. Max? Acho que estou com problema de vista. Ela vai para a faculdade com Max. Por quê?

“Henry, chegamos”, meu irmão fala.

“Calma.” Peço para ele parar e o empurro para o lado.

Henry – Nova York | Ny 16:46

Por que você vai com ele? Só porque eu não estou aí?

Cecillia – Massachusetts | Boston 16:47

Henry?! O que te deu? Por que eu não posso pegar uma carona com ele? E que história é essa de só porque você não está aqui? Você está louco? Não tem nada a ver. Ele vai me levar porque tem aula hoje de noite também e não tem problema. Ele é meu amigo também.

Henry – Nova York | Ny 16:48

Okay. Certo. Até daqui á pouco.

Respondo, segurando meu dedo para não escrever: *Sai com seu amigo e foda-se.* Pego a pasta e a minha mala no banco de trás do carro. Não vou dar satisfação da minha vida para ela. Se ela quer sair com quem quiser, que saia. Nem entendo também o motivo de eu estar me estressando com isso. Tenho tantas outras coisas na minha cabeça agora para me esquentar, de modo que pensar nela agora só vai me levar a loucura.

“Você ainda está puto comigo por que eu te trouxe?”, Scott pergunta colocando a mão no meu ombro.

“Não, é meu outro problema.”

“Alana?” Olho para ele quando ele diz o nome da minha ex e o vejo fazendo uma carranca. “Você ainda não se recuperou dela?”

“Alana já é passado há muito tempo. Você sabe disso.”

“Sei, mas por um tempo você ficou horrível. Nem vem me falar que é mentira ou que estou exagerando.”

“Scott”, falo o nome dele, sentindo-me cansado, “tem tanta coisa na minha cabeça agora. Hoje meu dia começou me levando a loucura. Estou confuso, cansado, com dor no corpo, porque dormi mal, e com fome. Então apenas finge que está tudo bem”.

“Mas não está, Henry”, ele diz, balançando a cabeça. “Eu não sou você que gosta de adiar as coisas. Hoje eu te trouxe obrigado para Nova York, porque você não está querendo encarar o problema da nossa família.”

“Eu não me sinto pronto para encarar isso.” Abaixo a cabeça e fecho meu punho na alça da mala.

“Eu também não estava e não estou ainda, mas eu tinha que fazer alguma

coisa. Você tinha que estar me ajudando, mas, em vez disso, está fugindo do problema. Por um tempo eu te dei espaço, principalmente porque você tinha acabado de romper com a Alana e ficou mal.”

Balanço a cabeça. “Por favor, não”, peço, quase implorando.

“Não, eu vou falar. Você precisa encarar isso, Henry. Esse problema não vai desaparecer como aconteceu com seus sentimentos por essa mulher.”

Suspiro com força, escutando-o.

“Nós sentimos sua falta. Você costumava vir sempre nos ver. Enquanto você estava se recuperando do lance de terminar o namoro, eu aguentei calado. Então se passaram quatro meses e eu vejo você vadiando por Boston e não indo ver sua família.”

“Eu sei”, murmuro de cabeça baixa.

“Eu juro, eu quis te dar tempo, mas agora acabou. Sua família sente sua falta, eu sinto sua falta. Nós temos que nos unir agora, por ela. Nossos pais não podem lidar com isso. Mamãe não pode e papai...”, ele faz uma pausa. “Bem, eu não o reconheço, aquele não é nosso pai. Definitivamente não é o *meu* pai”, Scott diz com a voz triste.

Pensar em como meu pai deve estar encarando isso tudo me dá um aperto no peito. Uma queimação seguida de uma pancada, como se meu coração estivesse realmente sangrando. Eu não consigo nem encarar estar perto dessa situação como meu pai está. Eu não sei se eu consigo voltar para casa. Contudo, sinto que eu estou falhando e deixando de orgulhar minha mãe por não estar sendo um homem de verdade. O homem que ela me ensinou a ser.

“Então você tem que voltar. Você não vai para casa há quase um ano e meio, e eu fico me perguntando se você vai ver Linda na maternidade.”

Subo meus olhos para ele, surpreso. “Claro que sim.”

“Linda quer que você seja o padrinho do Henrique. Viu?”, ele indaga, e eu fico sem entender. “Até o nome é em sua homenagem. Nós te amamos e você nem aparece mais. Nós realmente sentimos sua falta e sempre falamos de você.”

“Eu sei, irmão.” Desvio os olhos e olho para a entrada do aeroporto. “E prometo ir visitar vocês.”

“Nesse Halloween!”, ele diz com firmeza, “Rebecca vai fazer a festinha de Halloween dela esse ano, como sempre.”

“Neste final de semana?” Sinto gosto de ferro quando pergunto isso e meu irmão me fita curioso.

“Por quê? Você vai continuar fugin...”

“Não”, corto. “Eu não posso ir neste final de semana.”

“Qual é o problema agora, Henry?”

Balanço a cabeça nervoso e passo a mão no rosto, exasperado. “Eu tenho uma pessoa que...”

“Você já está de rolo novo? Meu Deus, Henry.”

“Não é nada disso. Cecillia e eu somos amigos e eu estou ajudando ela...”

“Como exatamente? Comendo-a?”

“Porra, Scott, não. Eu não transo com ela”, eu falo alto.

Ele trinca os dentes. “E por que você não pode deixar ela? Ela por acaso é uma menor desabrigada ou uma criança? Me diz logo tudo.”

“Ela não tem ninguém. Lembra-se da garota que eu disse que fizeram um trote de irmandade, fingindo que iam estuprar ela?” Ele assente e continuo: “Foi com ela, Cecillia. Ela é minha amiga.”

“Amiga?”, ele fala, cheio de desconfiança.

“Sim, minha amiga, e ela agora está na minha casa e eu não quero que ela fique sozinha.”

“Calma, calma, calma. Ela está vivendo no seu apartamento com você. Sozinha? Você e ela?”

“É”, afirmo, assentindo.

“E você disse que ela não tem ninguém.”

“É”, eu falo, sem paciência. “Os pais dela morreram quando ela era menor e seus padrinhos moram longe. E a amiga que ela achava que tinha foi a causadora do trote. Eu meio que estou cuidando dela.”

“E você não quer transar com ela?”

“Ah... O quê?” Meus olhos se arregalam. “Você está louco? Ela... ela... ela é minha amiga e eu... e ela, não que...”

“Para. Está feio para você.”

Fito meu irmão, sentindo meu coração ficando acelerado. Odeio que ele consiga me tirar do sério assim e odeio que Cecillia me tire do sério *assim*.

“Você quer ela, mas ela agora é sua amiga e você não quer ultrapassar o limite da amizade. Entendi tudo.”

“Nada a ver.”

“Você é mais articulado que isso e o seu nada a ver não me convenceu. Tente

mais tarde e, só para você saber, esse problema pode ser resolvido rápido — ou não, problema seu —, e eu quero você nesse sábado em casa. Senão eu vou parar no seu apartamento e te amarrar, colocar você no avião e te trazer para cá.”

“Scott, por favor, cara.”

“Está me implorando por que, especificamente?”

“Para não forçar a barra.”

“Forçar a barra?” Ele berra e eu dou uma olhada para fora do carro. “Quase quinze dias sem ver a mamãe e o resto da sua família. Eu estou te pedindo para ir vê-los. Te dei tempo o suficiente. Ou você vai por bem ou por mal nessa festa de Halloween da Rebecca.”

“E o que eu vou fazer...?”

“Não quero saber dos seus rolos e não quero saber de você estar fodido por essa garota. Dá teu jeito, você já é bem crescidinho. Apenas não parta seu coração de novo dessa vez.” Scott atravessa a mão pela frente do meu corpo e puxa a trava do carro, fazendo a porta se abrir. “Agora, cai fora desse carro. Você vai perder o voo desse jeito.”

Inspiro fundo e saio do carro. Abaixando-me para olhar para ele sobre a janela do carona, vejo-o de cara azeda. “Você não está brincando, não é?”

“Quando se trata dos meus pais, das minhas irmãs e até de você, eu não brinco. E eu te ligo amanhã de manhã. Vai tomar uma bebida para espairecer um pouco.”

“Ok, Scott. Vai ser do seu jeito.” Dou uma batida na beira da janela da porta, digo “Tchau”, e me despeço dele.

Eu me levanto — escutando-o resmungar — e caminho para dentro do aeroporto. Meu Deus! Esse final de semana vai ser meu inferno. Isso não pode estar acontecendo na minha vida.



Finalmente sorrio — internamente —, estou de volta. Saio do terminal do aeroporto Logan, no centro de Boston, e chego às ruas. Fecho os olhos e respiro fundo. Uma coisa nem um pouco comum, nada meu feitio, é ser emotivo demais. *Caralho, eu estou me sentindo emotivo.*

Balanço a cabeça, limpando meus pensamentos, e faço sinal para o táxi. Passa um, passam dois, três e o quarto ameaça parar, mas passa fugindo.

“Filho da puta”, grito para ele. Volto a levantar a mão e um táxi para. “Obrigado, os táxis hoje estão correndo de mim”, falo, entrando no carro.

“Que nada, meu jovem, e para onde?” O senhor que dirige o táxi pergunta

bem-humorado. Pelo menos alguém está de bom humor.

“Egmont, 73, é no centro da rua, e vai pela Storrow. É mais rápido.”

“Certo e eu ia por essa mesma, senhor”, ele assente e liga o taxímetro.

O carro começa a andar e eu fecho os olhos cansados. Meu voo da volta só teve uma coisa de bom: a comida, porque a passageira ao meu lado, eu quis matá-la junto com o filhinho dela de cinco anos. Eu me perguntei o tempo todo no avião: *Por que todo mundo hoje quer me irritar? Minha nossa, eu estou insuportavelmente irritado hoje.*

Preciso de algo para me distrair, sei lá, qualquer coisa. Não vou para a academia porque vão me obrigar a dar as últimas aulas do dia. São 18h40, ainda tenho tempo para dar duas aulas, porém, eu também estou dolorido por ter dormido no sofá. Minhas costas estão destruídas.

Putá merda, eu não acredito. Eu fui para Nova York e voltei de lá hoje em um piscar de olhos. Nunca fiz uma loucura dessas e pretendo não fazer mais. Se Scott aprontar mais uma dessas, eu é que vou amarrá-lo e escondê-lo no quartinho da cozinha, junto com a vassoura, pá de lixo e as outras bagunças que estão lá.

Levo a mão até a nuca e massagueio a região, para tentar aliviar minha tensão, e tenho uma ideia. Vou ligar para Milla — uma loira safada que eu pego de vez em quando, quando realmente preciso — e pedir para encontrá-la na casa dela. Eu acho que estou estressado demais e não transo tem quase um mês. Uma coisa difícil de acreditar para mim mesmo.

Viro o rosto quando o taxista está passando em frente à minha universidade e isso me faz lembrar de Cecillia. Será que ela já está aqui? Será que ela tem alguma coisa com Max? Ela nunca me disse nada sobre eles dois.

Merda. É engraçado eu ser amigo dela e o tema sexo nunca ter sido abordado nos nossos assuntos. Eu sinto uma coisa maluca de trocar ideias com ela sobre sexo. Parece que eu criei um bloqueio para não ficar atizado perto dela, mais ainda. *Inferno*. Talvez Scott tenha razão e eu esteja *fodido* por Cecillia, e isso deve ser o grande motivo pelo qual eu e ela não falamos de sexo.

Nós conversamos sobre qualquer coisa: estudo, sentimentos, planos para o futuro, dos pais dela — raramente, porque eu não gosto de ver como os olhos dela ficam tristes — e falamos sobre coisas idiotas. Mas sexo, minha família — não muito profundamente — e amor, nós não tocamos nesses assuntos. Esses contextos têm limites que não ultrapasso. E, desde hoje de manhã, eu estou ficando meio maluco.

Eu queria beijar Cecillia desde a primeira vez em que eu a vi. Isso não é uma grande novidade e o fato de ter acontecido está me aterrorizando. Eu sou um homem que vem dormindo ao lado da garota que é amiga dele e ela é simples e encantadoramente inocente e gostosa. Cecillia não tem a mínima noção de como os caras se jogam para cima dela. Se ela fosse uma líder — idiota e vagabunda — de torcida, com certeza seria a mais famosa da faculdade.

Ela é linda demais. Quando a vi pela primeira vez, fiquei maluco por ela. Ela não parecia estar no lugar certo, e eu tinha que descobrir quem era a moreninha com cara de menina levada. Eu acertei, ela realmente é levada e curiosa. Nos primeiros dias da nossa amizade, eu fiz questão de ficar — entre aspas — seguindo-a. Eu torcia para encontrá-la em toda aula que eu tinha que assistir pela manhã, e se não a encontrasse na aula, eu a procurava no *campus* da faculdade, na lanchonete e no banquinho de madeira que fica no pátio, onde eu percebi que ela passava bastante tempo, e sozinha.

Eu sabia que ela não era para mim. *Uma virgem*. Eu adivinhei isso no primeiro minuto em que eu brinquei com ela sobre ser uma “virgem de vida” e seus olhos saltaram, denunciando que ela realmente era virgem. Naquele dia me bateu uma curiosidade sobre quantos anos ela tinha. E fui saber depois de umas cinco conversas, no dia em que eu a encontrei comendo no Subway perto da faculdade — *sozinha novamente*.

Confesso: eu queria agarrá-la e nunca mais a soltar. Eu gostei dela de graça, eu quis ser pelo menos amigo dela e ajudá-la. Por cima dos sorrisos, das brincadeiras e do excesso de estudos, eu vi desde o primeiro mês de amizade a solidão em seus olhos. Isso sempre me abalou, sempre doeu e dói em meu coração. Como alguém tão precioso pode ficar só? Ela é única. Meiga, prestativa, gosta de dar e nunca receber, e, quando precisa, ela esconde das pessoas e só grita quando realmente não consegue se levantar.

Já uma mulher como Milla é apenas distração, uma fuga e uma foda rápida. Sem emoção, preocupação nem sentimentos. Uma coisa casual e com hora para acabar. Mas com Cecillia seria diferente, mesmo que nós não fôssemos amigos. Com ela eu iria querer ficar por um tempo, assim como eu ficava com Alana. Porque quando eu vi Cecillia, senti a mesma coisa que senti por Alana. Só que a diferença é que antes de Alana eu não tinha uma cicatriz no peito e não tinha tantos problemas acontecendo na minha vida.

“Ali, perto daquele carro vermelho”, falo para o taxista.

Enquanto viajava pelos meus pensamentos caóticos, esqueço do homem e por pouco ele não passa da minha casa. Assim que ele para o táxi, saio do carro,

pegando minhas coisas e chegando à janela da frente, abaixo. Olho para o valor no taxímetro e entrego o dinheiro ao homem.

“Obrigado.”

“De nada, senhor, e tenha uma boa-noite”, o homem fala.

“Vou tentar”, resmungo, vendo o carro saindo da rua.

E, olhando para a minha rua, noto como ela está bonita hoje. As folhas das árvores, secas e caídas no chão da rua, espalhadas, marcando a alta temporada da estação mais bonita de todas, o outono, e o friozinho ao entardecer é muito a característica da estação. A cidade está toda assim, linda e com a estampa de folhas no chão, que em breve — mais ou menos no final de novembro —, estará coberta de neve, dando as boas-vindas ao inverno.

Eu não sou de ficar namorando paisagem ou admirando montanhas e o mar, por exemplo. Mas uma vez eu conheci uma menina, quando eu tinha 25 anos, na praia de Hampton Main. Ela devia de ter uns quinze anos. Seus cabelos loiros clarinhos e a pele branca como neve me remeteram a um anjo. Ela era linda, uma das meninas mais lindas que já vi até hoje...

Ela estava admirando o mar. Parada, com os braços cruzados na frente do corpo e os pés na borda da praia, recebendo a água conforme as pequenas ondas quebravam e deslizavam até ela. Eu fiquei intrigado com a cena. Ela simplesmente ficou daquele jeito durante uns trinta minutos, pelo menos foi o tempo que eu vi, conforme corria pela areia da praia.

Quando eu finalmente tive coragem e parei minha corrida, cheguei perto dela para ver se ela estava bem ou se tinha algum problema, sei lá. Simplesmente não achei normal. Dei passos lentos e fiquei ao lado dela. A menina logo virou o rosto para mim e eu achei que tinha morrido e um anjo estava me vendo. Ela estava de branco com os cabelos loiros voando pelo Sul do Oeste e pelas ondas do mar, e, quando olhou para mim, vi duas bolas verde-acinzentadas fixarem-se em meus olhos. Porra. Parecia coisa de filme de anjo. Eu não senti nada por ela a não ser vontade de abraçá-la. Ela me deu paz e eu tinha acabado de brigar com meu pai naquele dia.

Com os olhos ainda fixos nos meus, ela sorriu e eu tive que falar alguma coisa. Senão eu era que pareceria maluco. Então eu disse:

“Olá”, cumprimentando-a.

“Oi”, ela disse, sorrindo.

“Você está bem?”

As sobrancelhas dela subiram e então ela deitou a cabeça de lado, olhando

para mim com divertimento no rosto. “Estou sim, e você?”

“Bem também e...”, eu travei porque não sabia bem como ia explicar que eu achei que ela era louca.

Ela balançou a cabeça e me deu um sorriso bobo. “E...?”

“Por que você está aqui?”

Ela franziu o cenho. “Aqui? Na praia ou em Hampton?”

“Na praia.”

“Eu gosto”, ela me respondeu, mantendo o sorrisinho no rosto, “do mar. Ele me acalma e aqui é um lugar em que eu posso ficar melhor,” ela deu de ombros, “olhando para ele.”

“Como assim? Você não tinha visto o mar antes?”, perguntei, surpreso, e ela deu uma gargalhada.

“Não. Eu vejo o mar sempre. Eu moro em Los Angeles, mas eu não posso ficar muito tempo assim e faço isso sempre que posso.”

“Assim?”

“Assim, sozinha. Sabe... apenas olhando para o mar e me esquecendo de tudo, de quem sou. Até mesmo me imaginando ser um peixe livre e nadar nesse oceano maravilhoso”, ela disse, com uma voz doce e meiga, cantarolando, provando sua imaturidade.

Olhando para ela eu vi que no fundo dos seus olhos sorridentes havia alguma coisa triste dentro. Ela era daquele tipo de pessoa que tem metade do coração sorrindo e a outra metade chorando. Naquele dia eu não a entendi, hoje eu a entendo. E eu me perguntei o que uma menina de uns quinze anos teria no coração para estar daquele jeito.

“Seus pais não deixam você ficar assim? Qual foi a de você morar em uma cidade incrível como Los Angeles e não poder ficar perto do mar? Dinheiro, eu sei que você tem. Ninguém aqui em Hampton tem menos do que milhões no banco.”

Ela sorriu e baixou o rosto. “Dinheiro...” disse com a voz distante, “ele realmente não é o meu problema. Talvez o excesso dele, mas... eu não posso ficar assim na praia porque... tem uns probleminhas em fazer isso”, respondeu, fazendo um biquinho no final.

“Como assim?”

“Você é perigoso?”

Foi a minha vez de gargalhar e, quando consegui falar, perguntei:

“Por que disse isso? Eu pareço ser perigoso?”

Ela sorriu sem graça de lado e chutou uma ondinha que chegara aos seus pés. “Foi mal e, não, você não parece perigoso. Mas meu irmão fala para eu não sair conversando com estranhos e para não confiar em ninguém.”

“Uau. Eu entendo que você deva ter uns quinze anos. Certo?” Ela sorriu, assentindo, então continuei: “Mas você não precisa temer todo mundo e ficar fugindo de todos”.

“É...”, ela balançou a cabeça. “Mas é complicado. Tipo: Olha para trás de mim, no canto daquela casa branca com a varanda envidraçada e cercas vivas enormes.”

“A casa de três andares?”

“É.”

“É sua casa?”

“U-hum”, ela confirmou.

Eu sabia de quem era aquela casa. Eles eram famosos, ricos, e um amigo do meu pai trabalhava na empresa deles. Olhei para a casa e vi homens com roupas escuras. Vestiam calça jeans e jaquetas de couro preto e estavam de óculos escuros. Poderiam ser pessoas normais — ou loucas por estarem daquele jeito na beira da praia —, mas eu sabia que só poderiam ser guarda-costas. Fiquei intrigado e surpreso. Com certeza a família estava de férias ou curtindo o feriado de quatro de julho, Hampton é tranquila e não tinha perigo algum. Então eu me perguntei por que eles estariam ali. Tinha tanta necessidade assim?

Voltei os olhos para a menina loirinha e a peguei — novamente — olhando para o mar.

“Por que eles tiveram que vir?”

“Por mim. Só estamos eu, mamãe e minha madrinha. Meu pai e meu irmão estão chegando hoje à tarde.”

“Você é fujona? É isso?”, perguntei sorrindo, mas ela não sorriu.

“Não. É complicado.”

“Tudo bem, não vou perguntar de novo. Só me explica por que você gosta tanto de olhar para o mar?”

“Para me sentir livre, e eu o acho lindo. Você nunca ficou admirando alguma coisa por muito tempo e acabou fazendo parte dela? Eu sempre faço isso. Eu amo olhar para as coisas, amo olhar para o céu, o mar e as ruas. É maneiro fazer isso.” Ela se virou para mim e sorriu, dizendo: “Tente. É bom”.

“Okay”, concordei e me sentei com ela na areia — distante da água.

Fiquei olhando para a praia e o mar com ela por um bom tempo. Nós conversamos sobre coisas do universo e do planeta. Ela era tão inocente e doce. Uma criança adorável.

E ela tinha razão, ficar vendo o mar foi incrível, olhar para a praia foi incrível, e depois descobri que olhar por muito tempo para a minha cidade do alto de um prédio que eu gosto aqui em Boston é incrível. Realmente me esqueço de tudo. Os problemas parecem pequenos e eu noto o quão minúsculo eu sou nesta grandeza de mundo que vivo.

Aquela pequena menina me ensinou a admirar, e espero que ela ainda admire tudo com o mesmo entusiasmo de quando era pequena. E mais ainda: que admire sua cidade como se deve. Los Angeles é perfeita e viver lá sem ver a cidade é um erro.

Eu nunca mais a vi depois daquele feriado em Hampton. Voltei lá mais umas duas vezes naquele ano, mas ela não estava. Eu não perguntei seu nome, mas sabia. Além das revistas estamparem seu rosto às vezes, meu pai conhecia a família dela.

Victoria Colton, a menininha com carinha de anjo era ela. Hoje ela não é mais uma menina e o maior motivo de eu me lembrar dela — justamente hoje —, foi porque eu vi seu rosto na revista no voo de Nova York para cá. Fiquei surpreso de vê-la tão linda na foto. Foi alguma comemoração para a empresa da família: Colton & Brown, uma das maiores e mais conhecidas empresas de publicidade dos EUA. Pelo que eu li, ela está namorando o filho do outro dono da empresa. Eles ficam bem na foto e, embaixo, na matéria, havia um assunto que me chamou atenção. Foi alguma coisa sobre ela ser a imaculada da família e ser cercada de seguranças por já ter sofrido dois sequestros. Eu fiquei surpreso com isso. Apesar de eu ficar em choque com a notícia, ela me respondeu o porquê de tanta preocupação quando ela era mais nova. Victoria vivia sendo seguida e, por isso, também vivia cercada de seguranças. Uma pena. O dinheiro é uma alegria e uma desgraça às vezes, ela sabe disso e desde cedo.

E, no entanto, me ensinou uma lição com a vida dela. Mesmo na tristeza de ter uma falsa liberdade, Victoria achou um meio de ser alegre. Ela admira e namora as paisagens, procurando formas de entender o mundo e de sorrir com isso. Pelo menos ela foi mais esperta do que eu. Enquanto ela admira as coisas lindas do mundo, eu procuro me distrair fugindo dos meus problemas, arranjando mulheres tão perdidas quanto eu.

Balanço a cabeça, esparecendo meus pensamentos, e giro meus calcanhares

na calçada. Ando com passos largos para a porta do pequeno prédio onde moro e entro ali, já virando para a esquerda e subindo as escadas. Eu estou precisando gastar um pouco de testosterona e colocar a ansiedade para fora. Então a escada vai ser útil agora, mas cinco andares não serão suficientes para gastar toda a energia que eu preciso.

Abro a porta de casa, entro, fechando-a com o pé atrás de mim, e deixo minha mala e minha pasta no meio do chão da sala. Às vezes é bom fazer isso, ser livre, normal e despreocupado. Minha casa está tão limpa que quase tenho vontade de fazer uma festa para enchê-la de copos de plásticos, poeira, bagunçar os móveis e tudo o mais que uma festa de caras babacas e mulheres sem noção podem fazer com um lar.

Entro na cozinha e abro a geladeira procurando uma cerveja.

“Merda”, reclamo, batendo a porta porque não tem.

Viro para o armário e procuro na última prateleira uma garrafa de uísque que meu pai me deu quando eu comprei os cinquenta por cento da academia do Erik. Pego a garrafa e tenho vontade de tacá-la na parede. Só dá para um copo, que eu encho, cheio de raiva.

“Ah!”, arfo com raiva, jogando o bafo de uísque para fora e batendo o copo com raiva na pia. “Caralho.” Puxo minha mão com pressa porque o copo quebrou e machucou minha mão. “Inferno de vida. Hoje não é meu dia”, praguejo, e chuto o armário debaixo da pia.

Saio da cozinha correndo para o banheiro da casa e, chegando nele, abro a porta com uma mão só e pego o kit de primeiros-socorros no pequeno armário debaixo da pia. Enfio minha mão debaixo d’água, limpando-a, e depois passo rapidamente um remédio — que arde para caralho — e a enfaixo com uma atadura, mas nada muito chamativo. Que grande merda é esse corte.

Sento-me no vaso e nem precisei abaixar a tampa, já estava abaixada. Cecillia é mulher, e mulher sempre abaixa a tampa. Deixo minha cabeça cair nas mãos, apoiando meus cotovelos nos joelhos. A expressão “Estou de cabeça cheia” é um grandessíssimo filha da puta de eufemismo. Eu estou cansado demais hoje.

Saio do banheiro batendo a porta de raiva e, pegando as chaves do meu carro, saio de casa como um rebelde. Meu Deus, me sinto como quando eu tinha dezesseis anos e corria de casa para lutar na academia que ficava na Broadway com a Madison. Eu sempre corri para uma luta, que na verdade era um treino, para esporear e esquecer de tudo. Mas hoje eu corro para um bar para encher a cara.

Estaciono o carro em frente ao Sunset, um lugar onde eu levei Cecillia para

comer uma vez. É bem perto de casa e eu gosto muito de vir aqui, tenho uma amizade com os funcionários e com o dono. Sempre venho, apesar de não ser um lugar muito movimentado pelo pessoal, mas eu venho para ficar sozinho mesmo. É um pulo de casa para cá, e só vim de carro porque estou com raiva de andar até aqui. Saio do carro, jogando o paletó no banco.



“Acho que ninguém ficaria orgulhoso de mim agora”, falo, sentindo a cabeça pesada. “Na verdade, a única que eu quero deixar orgulhoso não li...” Um soluço me interrompe. “Não liga mais.”

“Henry, eu acho que você está bêbado demais”, Robert diz, tirando o copo da minha frente.

“E o engraçado é que aqui nem é um bar de verdade e ele está bêbado de Amarula.”

“Fato, Yla”, digo para a garçonete. “E eu tomei Amarula e eu não estou bêbado.”

“Mas está felizinho além da conta”, brinca Yla, e bate com o ombro no meu. “Por que você está aqui?”

“Adivinha?”, pergunto com ironia, virando-me na banquetta do balcão do bar para ficar de frente a ela na outra banquetta.

O bar-restaurant, que serve uma comida muito boa e tem como especialidade comidas mexicanas, agora está fechando, só me restou Yla, Robert — o dono — e um senhor no canto do bar, que está bebendo também. Para um lugar que é conhecido por sua iguaria latina e a tequila original do México, o pequeno restaurante recebe pessoas demais querendo encher a cara de bebida e principalmente tequila. Pena que eu não gosto de tequila e sempre peço Amarula para acompanhar minhas refeições.

Eu não estou bêbado nem querendo ficar bêbado, apenas quero me distrair e me sentir um pouco fora de mim. Qual é o problema com isso? Nenhum. Eu estou bebendo em plena quinta-feira, depois de sofrer um sequestro relâmpago de Scott e suas ideias de que eu quero Cecillia.

Essa merda não some dos meus pensamentos. Porque, eu sei, é verdade. Eu a quero, mas não posso. E por que ela me quereria? Ninguém está me querendo. Nunca me querem. Todas as minhas namoradas fugiram de mim. Alana se mandou para a Inglaterra. Meus avós morreram — tudo bem que não foi escolha deles —, meu pai acho que nem liga para mim, e a minha mãe...

“Ninguém me quer!” Soco a mesa com raiva.

“Que é isso, Henry? Claro que querem. Por que está falando isso?”

“É uma longa história. Só quero chegar na merda da minha casa e dormir. E se possível até o ano de 2100.”

Yla gargalha, jogando a cabeça para trás e, quando volta a olhar para mim, coloca as mãos nos meus ombros. “Você está com o coração partido ainda, é?”

“Por que todo mundo acha isso?”

“São os sintomas”, fala Robert, e me viro para ele.

“Quê?”

“Robert quis dizer que o seu comportamento parece de quem está sofrendo por amor”, explica Yla.

“Não. Eu não estou com o coração partido por mulher alguma.”

“E apaixonado?”, indaga Robert.

“Também não, e eu prometi a mim mesmo que eu não ia mais cair nessa.”

Yla dá um sorrisinho e se levanta do banco. “Nem sempre querer é poder, meu caro.” Ela pisca e começa a andar. “Vou ao banheiro, meus lindos, já volto.”

“Certo, garoto”, fala Robert, e se vira para mim, “e você, mais uma rodada?”.

“Por favor”, aceito, dando um simples aceno com cabeça.

“Mas vai ser o último e veja se atende seu celular.”

“O quê?”

“Seu celular, garoto. Está tocando tem uns dez minutos.”

“Hmm...” Assinto e o vejo me dando as costas. Pego meu celular e atendo, sem ver quem é: “Alo?”

“Henry? Onde você está?”

É a voz de Cecillia. Ela parece preocupada. *Por quê será?*

“Oi, Cecillia. Estou perto de casa.”

“Onde?”

“Por que quer saber? Fica onde está. Eu estou bem aqui.”

“Por que você está de mau humor? Não te fiz nada, poxa.”

“Eu não estou de mau humor”, reclamo.

“Imagina”, ela ironiza, falando alto. “E por que essa voz grogue? Você está bebendo?”

“Você é minha mãe? Por que se fosse nem ia ligar mesmo. Então, não.” Pauso para respirar. “Não. Você não é minha mãe definitivamente.”

“Me fala onde está, seu idiota!”, Cecillia berra.

“Já estou indo, e vai dormir.”

“Não sou criança.”

“Eu já percebi”, grito com ela e desligo o telefone.

“Não sabia que estava namorando de novo”, Yla diz voltando do banheiro e se sentando ao meu lado.

“Ela não é minha namorada”, resmungo, com má vontade.

“Jura? Essa discussão foi muito real para mim. Um verdadeiro relacionamento.”

Reviro os olhos, bufando para ela, e me viro para o bar. Leio os rótulos das garrafas, das diversas bebidas e tequilas — que tem cinco opções — e olho para as taças bonitas. Fico catalogando todas elas. As luzes reluzentes giram no meio do restaurante em uma bola de luzes giratórias que fica na pista de dança no canto. As daqui são luzes brancas, não coloridas, e elas fazem as cores das garrafas brilharem e se sobressaírem. É legal de ver e eu acho que isso está me deixando tonto.

“Cara, você está bem?”

Viro meu rosto para Yla e Robert e olho para eles, confuso. “Sim. Por quê?”

“Nada...”, Yla fala cantando. “Você apenas ficou uns vinte minutos olhando para as bebidas como um doido, sem falar nem se mexer.”

Sorrio, olhando para Yla, e suas palavras me fazem me lembrar de Victoria. As pessoas que não admiram e nunca entendem os namoradeiros de paisagens, ou as coisas em que ninguém consegue prestar atenção. Porém, basta fazer isso uma vez que você começará a fazer isso sempre.

“Eu apenas estava olhando para as bebidas e com o pensamento longe. Nada demais.”

“Certo, mas, meu camarada, eu vou fechar, são vinte para a meia-noite.”

“Okay Robert. Fecha a minha conta e anota.”

“Com certeza, e esse dia vou até gravar no bloquinho: dia em que Henry bebeu dez doses de Amarula e três tequilas pela primeira vez.”

“Pode anotar”, digo, piscando, e ele se vira para entrar no pequeno cubículo onde fica o caixa, feito de um balcão revestido de madeira. É até legal esse caixa dele.

“Não entendo o seu fascínio por Amarula. É horrível.”

“Horrível merda nenhuma, é uma delícia. Eu sou viciado em Amarula, gelo, canela e uma pitada de cacau. É a melhor combinação, e meu vício por canela foi culpa da minha...”, freio meu discurso. Eu tenho que tentar tirar um pouco isso da minha cabeça.

“Da sua o quê?”, Yla pergunta, curiosa.

“Esquece, Yla”, eu falo, passando a mão no rosto e me levantando.

“Você está bem para ir para casa?”

“Perfeito. Quer que eu faça um quatro para você?”, pergunto, com humor.

“Faz”, Yla e Robert pedem.

Levanto minha mão e coloco quatro dedos para o alto, sorrindo da cara deles. “Satisfeitos?”

“Vai à merda, Henry.” Yla bate no meu peito.

“Frac”, zombo do soco fraco. “Agora, já chega. Fui.” Eu me despeço deles e pego minhas chaves, meu celular e minha carteira no balcão. “Até, pessoal, e obrigado pela companhia. E, por favor, não esquece aquele senhor ali no canto.”

“Porra, seu Linch ainda está ali!”, Yla fala rindo e indo até ele. “Ah. Espere!” Ela volta para perto de mim e beija meu rosto, ficando na ponta dos pés. “Espero que você perceba que as pessoas se importam com você e te querem, seu lindo maluco”, diz ela, e volta a andar em direção ao senhor Linch.

Vejo-a falar com o senhor no canto e sorrio. Yla tem a idade da minha tia Martha, irmã do meu pai. É uma ótima senhora e muito “pra frente”. Quem a vê tranquilamente pensa que ela tem apenas uns 35 anos, no máximo, mas eu sei que ela tem 45.

Viro-me para Robert, que está observando Yla com um olhar de pura zoação. Eles dois se merecem e, se eu não soubesse que eles têm seus casamentos, acharia que são casados. Sorrio para ele e bato no balcão. E, saindo do bar, fico pensando que existem amigos que são mais fortes apenas sendo amizade do que algo a mais. Mas eu não sei realmente se o que eu tenho ou sinto por Cecillia seja apenas vontade de ser amigo dela. Amigos não beijam amigos, amigos não sentem ciúme, amigos não querem transar com o outro. Principalmente amigos como nós somos.

Ela disse que sentiu medo de que o nosso beijo pudesse estragar nossa amizade, e eu dei certeza de que não estragará nada. Só que eu não tenho tanta certeza assim. Beijá-la uma vez foi como abrir um portal para uma descarga da necessidade e eu quero fazer muito mais. Eu quero fazer isso de novo e de novo. Quero sentir seus lábios nos meus novamente. Eu me privei ao máximo de

chegar muito perto dela e, quando ela me proporcionou abrir a centelha para poder senti-la, agora estou viciado e querendo de novo. Nosso beijo foi maravilhoso e eu fui um idiota por tê-la levado para a cama. Foi um erro. Porque foi como colocar uma lebre bem perto de uma armadilha para capturá-la, e se eu não tivesse recebido a ligação de Scott, não sei como sairia dali. Não sei de fato como conseguiria parar.

Olho para o meu carro parado na frente do Sunset e fito-o.

“Acho que vou te deixar aqui.” Bato no capô e ando, dando as costas para ele e virando a esquina.

A rua está deserta, não passa ninguém, na Avenida Commonwealth, onde fica o bar, até vi carros, mas na rua transversal à minha — por onde estou passando — não tem nada, não tem ninguém. Se eu fosse uma mulher, correria, e se eu fosse o Peter Parker antes de ganhar poderes do Spiderman, com certeza estaria me borrando. Ele tem um grande número de fãs, mas eu nunca senti nada a não ser que ele é um grande idiota. Super-heróis de verdade são Batman, Superman, Lanterna Verde e todos da DC. Óbvio que eu acho foder os super-heróis da Marvel. O que eu sempre mais gostei foi do Hulk — o mais poderoso de todos —, Capitão América e do Homem de Ferro, e por isso quase queimei meu gíbi quando teve a Guerra Civil. Palhaçada da Marvel, querendo ganhar mais dinheiro e colocando-os para lutar.

“Porra, filho da puta.” Chuto as folhas embaixo de uma árvore pela qual passei agora — o caminho do lado da minha rua tem umas oito árvores — e um filho da puta de um gato me assustou. Enfim, entro na minha rua e escuto meu celular de novo.

“Alô?”, atendo.

“Oi, Henry é a Milla. Recebi seu recado mais cedo, mas eu estava ocupada. Desculpe”, ela fala com uma voz dengosa.

“Sem problema.” Coloco minha outra mão no bolso da calça e procuro minhas chaves, chegando à minha porta.

“Então, vai querer me encontrar agora? Ainda me quer? Estou sozinha em casa.”

Paro na porta do prédio — no terceiro degrau da pequena escada de tijolos de fogo — e estou confuso. Antes, quando eu escutava a voz de Milla me instigando a ir me encontrar com ela, eu não pensava duas vezes para aceitar e já ficava meio duro. Agora, estou com vontade de mandar que ela pare de fazer essa voz de sedutora barata e ir dormir. São meia-noite e vinte, demorei quase quinze minutos até chegar em casa, e é um caminho que normalmente eu

percorro em apenas cinco minutos.

Milla está no último período de Medicina em Harvard, e às vezes me pergunto como ela consegue tanto tempo para sair e transar que nem uma desmiolada comigo e com uns outros caras aí. Lógico que um de cada vez. Nunca fiquei com uma mulher e outro homem junto. Por favor, se eu vou comer uma mulher, não vou querer tomar umas sobrinhas do cara dentro dela depois. Jamais lamberia uma mulher depois de ser fodida por outro. Nojento demais isso.

“Milla, gata. Eu gosto de você e sei que fui eu que mandei o recado, mas eu não estou muito de boa agora. Lamento. Deixa para a próxima”, falo, enquanto abro a porta do prédio.

“Poxa, Henry. Tudo bem, e essa foi a segunda recusa que você me faz, mesmo que desta vez tenha sido você que falou comigo.”

“Eu sei, gata. Só não dá hoje.”

Dispensei Milla há umas três semanas atrás. Por quê? Cecillia. Ela estava sozinha no dormitório e ligou para mim. Ela apenas queria saber o que eu estava fazendo. Bem, eu estava me aprontando para me encontrar com Milla. Mas quando eu perguntei o que ela estava fazendo, ela me disse com a voz baixa e um pouco triste — mesmo que ela estivesse tentando disfarçar —, que estava na cama indo dormir. Se fosse uma simples tarde de quarta-feira às dez da noite, eu não faria nada. Mas era uma agitada e mais uma louca sexta-feira em Boston, rodeada de jovens universitários querendo extravasar pela semana. E lá estava ela: sozinha, indo dormir às onze da noite. Eu não pude deixá-la; dispensei Milla e fiquei com Cecillia. Assistimos a um filme, comendo pipoca de micro-ondas com chocolate derretido — sem lactose, que ela adora — e Coca zero.

Respiro fundo com essas lembranças. Merda. Já fiz tanta coisa para ela e já ultrapassei tanto dos meus limites. Não sei mais como me convencer e convencer Cecillia de que isso é *apenas* amizade.

Eu não abro mão de tantas coisas assim na minha vida por ninguém. Ultimamente nem para minha família eu estou abrindo mão. Não sei o que é essa loucura e espero que não seja nada catastrófico demais quando despertar e tiver um término. Tudo sempre tem fim e principalmente na minha vida. E, pelo meu histórico, é sempre um fim horrível de merda.

Encerro a ligação com Milla e subo para o meu apartamento. Abro a porta de casa lentamente, não querendo fazer barulho e acordar Cecillia, viro-me para a porta de novo, fechando-a no silêncio. Quando começo a andar e passo pela sala, vejo-a deitada no sofá. Meu coração parece ter recebido um soco e eu inspiro com força.

Caminho para o sofá. Ela está dormindo tranquilamente, abraçada ao controle remoto da TV, que está ligada e no mudo. Eu me abaixo um pouco e balanço-a vagarosamente, despertando-a.

“Henry!” Ela salta do sofá e fica em pé na minha frente. “Você chegou. Aonde você foi?”, ela me pergunta baixinho, e não é apenas por causa da sonolência, ela está receosa e a culpa é minha.

“No Sunset.”

“No restaurante de tacos mexicanos ao qual você me levou?”

“Isso”, assinto com a cabeça, respondendo baixo também.

“Ah...”, ela franze a testa e respira com força “Fiquei preocupada.”

“Você não tem que se preocupar comigo”, murmuro, um pouco áspero.

Ela pisca em sobressalto. “Por quê?”

“Porque eu sou grandinho já. Eu sei me defender muito bem.”

“Não duvido disso, só que eu fiquei...”, ela sussurra, e abaixa a cabeça, dando de ombros cabisbaixa.

“Não é você quem tem que se preocupar aqui, sou eu.”

“Oi? Não entendi”, ela diz, balançando a cabeça, olhando de novo para mim.

“Eu que tenho que me preocupar, não você.”

“Por quê? Do que você está falando e por que está falando assim?” Ela balança a cabeça, confusa.

“Porque você é pequeninha, frágil, e inocente.” Dou dois passos, chegando mais perto dela. “Eu tenho que ficar de olho em você. Não existe maldade dentro de você, e isso é perigoso.”

“Já te disse que não sou criança e você deixou a casa uma bagunça. Tinha um copo quebrado na cozinha com sangue e alguns cacos caídos no chão. A pia do banheiro tinha sangue também e a porta estava destrancada. Como eu não posso me preocupar com você? Por que não?”, ela fala um pouco mais alto e se afasta, indo para o corredor.

Seguro seu braço pelo cotovelo e a faço girar para mim.

“Porque ninguém dá a mínima!”, berro, assustando-a. “Você falou que ninguém liga para você, mas não sabe nada. Não sabe de nada.”

“Do quê?” Ela puxa o braço e se vira, olhando-me zangada. “Qual é o seu problema Henry?”

“Muita coisa”, digo, passando a mão nos cabelos, penteando-os para trás. “Eu

estou passando por um monte de coisas.” Eu me sinto tonto e me apoio na parede do corredor. “Minha vida está uma merda e ela era boa. Ela era boa, Cecillia.” Seguro os ombros dela. “Como você disse: eu tenho tudo o que um monte de babaca quer”, pauso, sorrindo com ironia, “mas eles não sabem o que realmente eu tenho e sofro. Eu apenas mostro o que é para todo mundo ver”.

“Pra mim também?”, ela sussurra baixo.

Balanço a cabeça e fecho os olhos. Eu não quero fazê-la se sentir mais uma excluída da minha vida. A vida que apenas eu sei e sinto, ou a dor que só eu conheço.

“E o que você está escondendo? O que é que você tem?”, ela insiste.

“Não”, nego com a cabeça. “Não é eu que tenha problemas e a...” Balanço a cabeça, mais confuso ainda. “Nada, esquece.” Viro as costas para ela e ando para o meu quarto.

“Por que você não pode me contar? Eu te conto tudo.”

“Porque você é boa, Cecillia”, digo, parando e me virando para ela em um movimento rápido.

“Hm?”, ela faz, e quando começa a se afastar de mim, chego até ela e seguro-a, fitando seus olhos.

“Você é inocente e acredita demais nas pessoas, mas não deve ser. Você não deveria falar tudo para todo mundo.”

“Mas você não é todo mundo e-e... e eu só conto para você.”

“Mentira. Você contou para a Annabelle e olha o que aquela cobra te fez. Eu ainda quero matar o Brad de porrada e prender a Annabelle em uma coleira sem água e ração.”

“Não, você está enganado”, Cecillia diz baixinho, e eu chego mais perto dela. “Tem coisa que só falo para você.”

“Como o quê?”, pergunto, e a encurralo na parede.

“Dos meus pais, do colar que você viu antes de ontem na academia e que eu me sinto só”, ela diz, balançando a cabeça. “Eu nunca disse essas coisas para ninguém.”

“Tem certeza?”, questiono-a, ficando com o rosto mais perto do dela.

“Você bebeu”, ela sussurra.

“Não o suficiente para esquecer.”

“Esquecer o quê?”, ela indaga, com os olhos arregalados em um sussurro tremido.

“Esquecer você.”

“Por quê? Esquecer o nosso beijo?” Vejo seus olhos piscarem, marejados.

“Não”, balanço a cabeça e encosto a testa na dela, suspirando. “Esquecer que eu te quero.”

Cecillia exala com força e segura meus braços, como se fosse cair. Sinto o arrepio do seu corpo.

“Eu vou me arrepender”, sussurro tão baixo que nem eu consigo ouvir direito.

“De quê?”

Acho que não foi tão baixo. Ela ouviu e agora eu não resisto e seguro seu rosto, trazendo sua boca para mim. Beijo carinhosamente os lábios dela e dou uma leve mordida, fazendo-a gemer baixinho.

“Disso”, murmuro, com os lábios colados aos seus.

“Por quê? Você não quer?”

Seus olhos estão mostrando a mesma ansiedade que eu sinto, a mesma vontade e um pouco de medo também. Expiro e inspiro com força e fecho os olhos.

“Não. Eu quero, é porque eu sei que você...”

“Eu? O quê? O que eu tenho de errado?” Sua voz tem um tom magoado.

“Nada.” Afirmo, balançando a cabeça e abro os olhos para ver o seu rosto. “Você não tem nada de errado.”

“Então o que é?”

“Não quero te machucar.”

“Você não vai me machucar. Você não faria isso. Eu confio em você”, ela murmura e traz a mão até um dos lados do meu rosto. “Eu te conheço, Henry.”

“Você quer que seja eu?”

Sua boca se abre, assim como seus olhos. Surpresos e amedrontados.

“Como você sabe? Então é por isso?” Ela tenta se afastar, mas eu a prendo na parede de novo.

“Sabia, e não é por isso que eu fujo.”

“É por que então?” Ela está levemente trêmula e quente. Está nervosa.

“Eu quero que você tenha certeza. Quero que não tome a decisão de cabeça cheia e sem pensar.”

Ela fica olhando por alguns segundos no fundo dos meus olhos e suspirando, fecha os olhos e encosta a testa no meu peito, fechando os punhos na minha

camisa.

“Tenho certeza, eu já pensei muito”, ela fala e levanta o rosto, deslizando as mãos para minha nuca. “Eu quero você.”

Assinto, engolindo em seco, e ela faz o mesmo, fitando meus lábios.

“Não se arrependa”, eu digo, levando meus lábios até os dela.

“Nunca”, ela sussurra, antes de os meus lábios baterem nos seus.

Ela suspira e eu enfio minha língua na sua boca, tomando seu gosto e seus sons para mim. Como mais cedo, eu prendo seu corpo na parede com o meu, e agora minhas mãos descem por seu corpo, e enfio minha mão debaixo de sua camisola, enquanto com a outra mão pego sua perna e a enlaço na minha cintura. Cecillia abraça meu pescoço e eu, seu corpo, tirando seus pés do chão, e a levo para o quarto. Tomara que *eu* não me arrependa e que Deus me ajude a fazer a coisa certa. Pelo menos dessa vez.



MINHA AMIZADE COM HENRY SEMPRE PARECEU INTENSA e perigosa demais desde o início. Acho que nós sempre estivemos brincando muito perto do sol e uma hora nossos voos nos levariam para essa imensa bola de fogo quente, que nos queimaria.

Eu nunca consegui apenas vê-lo com um carinho esperado, da forma como se espera que amigos olhem um para o outro. Ele sempre me atraiu demais e suas frases de duplo sentido sempre acabavam comigo. Henry é como se fosse Ícaro, e eu, o sol. Acho que uma hora nós dois sabíamos que, ou eu ia acabar puxando-o para mim, ou ele ia se deixar levar.

Porém, o resumo disso tudo é que estamos nos queimando agora, neste exato momento, e espero que isso seja apenas uma grande e louca aventura. Talvez isso seja somente desejo. Não quero que isso estrague tudo, seja lá o que for essa nossa amizade louca e intensa demais.

Sinto meus pés saírem do chão e agarro Henry com força, envolvendo meus braços no pescoço dele, e ele caminha para o quarto. Meu coração nunca bateu tanto quanto está batendo agora. Consigo senti-lo perfeitamente no meio do meu peito, batendo na minha caixa torácica e parecendo que vai pular para fora de mim.

Estou sendo carregada para o quarto e a ansiedade é enorme. Não sei como vai ser, mas desejo tudo: Sentir meu corpo debaixo do dele, ele caindo na cama e me levando junto com ele. Contudo, não é isso que acontece, nós não estamos indo para a cama, não *ainda*.

Henry para na soleira da porta do quarto e de repente meu corpo é novamente pressionado na parede. Ele encosta os joelhos na parede — fazendo uma espécie de cadeira para me sustentar — e afasta o tronco para passar as mãos pelo meu corpo livremente.

“Você é tão linda.”

Fecho os olhos e minha respiração começa a ficar instável quando sinto os lábios dele no meu pescoço. Aperto seus cabelos e ele lambe minha pele, dando beijos no meu pescoço, no queixo, e depois morde de leve a curva do ombro. Não consigo me manter em silêncio. Solto um gemido, minhas mãos voam para sua camisa e fecho meus punhos nela, amarrotando-a.

Estou gemendo baixinho e um tanto nervosa. Meu corpo está se dissolvendo e começo a tremer quando ele enfia as mãos por debaixo da minha camisola novamente. Suas mãos gigantes parecem queimar meu corpo a cada centímetro em que ele as desliza pela minha pele. Quando para com as mãos em minha cintura, aperta-as nos meus ilíacos, mas ele não as deixa paradas por muito tempo e volta a acariciar meu corpo. Enquanto suas mãos passam pelos meus peitos, cintura, bunda e coxas, Henry me beija, nem um pouco delicado.

Ele passa os dedos indicadores embaixo da curva dos meus seios e geme na minha boca. E de repente suas mãos chegam até a bainha da minha camisola e puxa-a para cima, tirando-a do meu corpo. Abro os olhos a tempo de vê-lo jogar a peça para trás dos seus ombros, e seus olhos se focarem no meu rosto.

Engolindo em seco, com os olhos fixos nos dele, que não me abandonam, vejo que o tom azulado de que tanto gosto está totalmente cinza, cristalinos, quase transparentes. A forma como ele olha para mim, com um desejo selvagem cru e intenso, faz eu sentir um frio na barriga.

Com as mãos tremendo, toco seu rosto. Acariciando as maçãs do seu rosto, passando meu indicador na pontinha do seu nariz, enterro meus dedos em seus cabelos. Eu sempre quis fazer isso e nunca, nunca fiquei tão perto dele assim antes. Nós nos abraçamos e coisa e tal, mas poder tocar seu rosto desse jeito, nunca pude.

Suas pálpebras parecem estar cansadas e seus olhos estão cerrados e selvagens. Então ele aproxima o rosto do meu e toca sutilmente seus lábios nos meus, beijando-me suavemente e, abraçando meu corpo, descola-me da parede.

Sinto o frio dos botões e do tecido da sua camisa na minha pele nua. Minhas pernas se apertam na cintura dele e sinto sua ereção em mim, raspando meu sexo por cima da minha calcinha e todo o meu corpo se arrepia, se incendeia e, de novo, deixo escapar um gemido que abafou, pressionando minha boca no pescoço dele.

Henry nos gira e finalmente nos leva para a cama. Abraçando minha cintura apenas com um braço, ele se apoia com o outro e vagarosamente começa a pousar meu corpo na cama, com o seu me cobrindo logo em seguida. Estou

olhando profundamente em seus olhos e me sinto tão plena. Sinto o frio das cobertas chocar-se com as minhas costas, pois ficou muito tempo sem ninguém aquecendo a cama e o clima está bastante frio hoje. Não tão frio para mim com Henry me abraçando.

Ele me beija suavemente com tanto carinho, e eu suspiro. Ele deixa de me beijar e começa a passar os lábios em mim. Ele me beija no meu queixo, no meu rosto, ele puxa a ponta do lóbulo da minha orelha e desce para o meu pescoço. Lambe minha jugular e deixa um caminho suave de beijos de um ombro ao outro, até que sua boca desce mais e chega aos meus seios descobertos.

Ai, meu Deus.

Meu coração.

Meu coração chega a doer de tão rápido que bate. Será que ele consegue ouvi-lo? Ou consegue ver meu peito pular com as batidas frenéticas do meu coração frenético?

Não tenho muito tempo para pensar sobre isso porque jogo meu rosto para trás e agarro as colchas da cama com força quando ele abocanha meu seio direito e segura a pontinha com os dentes. Fazendo um som animalesco, Henry morde meu mamilo de novo. Ai, merda. A língua dele faz círculos onde seus dentes deixaram um rastro ardido e isso é demais para mim.

Aperto os olhos fechados com a sensação boa e maravilhosa que está crescendo por meu corpo. É tão gostoso, tão delicioso, e solto um gemido quando ele muda de seio, mordendo-o e lambendo-o, como fez no outro. Eu sinto meus seios inchados, pesados e sensíveis.

Sinto uma onda crescente vindo do meio do meu ventre, instalando-se entre minhas coxas. Merda. Eu nunca fiquei tão excitada em toda a minha vida. Mesmo que eu nunca tenha feito sexo, eu não sou intocada ou totalmente pura. Eu já me toquei várias vezes, principalmente depois que Henry apareceu na minha frente.

Meu tesão reprimido e as frases engraçadinhas de Henry sempre me causaram reboiços e, algumas — muitas — vezes, eu tive que me esconder debaixo das cobertas. Nessas horas eu nunca fiquei tão feliz por Anna sempre estar perambulando por não sei onde com Brad, ou sei lá com quem, e me deixava sozinha no dormitório. Eu praticamente pedia para ela sair.

Porém, com todas as minhas aventuras solitárias debaixo das cobertas, brincando com meus dedos e dando prazer a mim mesma, nada é comparável ao que eu estou sentindo agora. E ele apenas — repito: apenas — está mordendo e lambendo e sugando meus seios.

Henry levanta o rosto, sobe o corpo, e olha para mim. Suspiro, ainda não posso acreditar que ele está ajoelhado no meio das minhas pernas abertas com as mãos acariciando meu corpo até pousarem em meus joelhos. Seus olhos passam lentamente por meu corpo e então sobem novamente, encontrando os meus olhos. Engolindo em seco, tomo coragem, não sei de onde, e sento na cama. Ele acompanha meus movimentos e parece esperar pelo que eu tenho em mente.

Com os dedos trêmulos, chego minhas mãos até sua camisa e, hesitando um pouco, abro os botões. Um por um. Sinto os olhos dele em meus movimentos e isso está me deixando mais nervosa ainda. FRANZO o cenho e espero que ele não consiga ver a veia no meu pescoço saltando por causa da minha pulsação descontrolada. PISCO e chego ao último botão, finalmente.

Meu Deus. Para de olhar para mim, Henry, peço mentalmente, e levanto o rosto. Ele está sorrindo.

“Você está nervosa”, ele murmura com sua voz tranquila.

Assinto e rapidamente balanço a cabeça, negando. Merda. Ele está me deixando inquieta e confusa.

“Não”, minto, falando baixinho.

“Está sim. Eu te conheço.” Ele coloca as mãos no meu ombro e me puxa para ele. “Você tem certeza de que quer fazer isso?”

“Tenho, e-e eu...”, gaguejo e abaixo o rosto. “Eu só não sei o que fazer.”

“Cecillia”, ele me chama, mas como eu não respondo nem olho para ele de novo, ele repete: “Cecillia, olha pra mim e diz a verdade.”

“Eu estou dizendo. Eu não estou nervosa, só não sei o que fazer.”

Ele segura meu queixo e levanta meu rosto. Seus olhos fitam meu rosto e se apertam, interrogativos, tentando me ler. Ele sempre faz isso: tenta ler minha mente.

“Não estou com medo, juro”, falo, sentindo meu coração saltar. *Para de olhar para mim assim*, peço mentalmente, e consigo sentir o vinco que está formado na minha testa, de tão apertado que franzo as sobrancelhas.

Henry cerra o maxilar e me puxa para ele. Agora eu estou cara a cara com ele, que me abraça de um jeito bom. Bom é pouco, de um jeito maravilhoso, e eu me pergunto por que isso não parece estranho ou constrangedor. Nós parecemos sempre ter feito isso. Ficado colados um no outro. Sua pele colada à minha, seu calor me aquecendo e suas mãos em minhas costas de um jeito possessivo.

“Você tem sorte de ser eu aqui”, diz olhando para os meus olhos. “Porque se fosse outro cara da faculdade — provavelmente algum babaca —, você se

sentiria bem pior. Relaxe e aproveita. Prometo que não vai doer.”

“Como assim?”, pergunto, nervosa.

“Normalmente esses babacas metem nas garotas e foda-se se elas estão sentindo dor. Eles não estão ligando para nada a não ser para os paus deles.”

“A-hã, entendi”, murmuro. “Deve ser assim mesmo.”

“Mas fique tranquila e relaxe.” Henry fala passando as mãos no meu corpo. “Eu não quero que você sinta tanta dor assim. Você vai sentir um pouco, é inevitável, mas se você relaxar, vai ajudar. Entendeu? Confia em mim.”

“Não vai ser ruim pra você?”

Ele franze as sobrancelhas. “Como assim?”

“Ficar com uma...”

“Virgem?”, ele indaga, sorrindo, e beija meu nariz.

“É”, assinto, e dou de ombros.

Ele balança a cabeça sorrindo e pisca preguiçosamente. “Não é como você fala, que eu sei de tudo, sou experiente e blábláblá”, revira os olhos e eu sorrio. “Eu sei o que fazer e não tem como ser ruim”, ele diz com a voz grossa, com um misto de segredo e tensão.

Parece que eu estou perdendo alguma coisa. Como se eu tivesse saído e deixado o forno ligado sem perceber. O que ele quer dizer com: *Não tem como ser ruim. Por quê?*

Sorrindo, Henry abaixa o rosto e beija meus lábios superficialmente antes de murmurar: “Termina de tirar minha camisa.”

Engulo com dificuldade e ele aperta minha cintura. “Vai. Tenha coragem.”

Assinto e seguro sua camisa perto do colarinho e começo a puxá-la para trás, passando por seus ombros largos e delineados de músculos. A camisa para no meio do caminho, nos antebraços — até onde eu alcanço — e ele termina de tirá-la, puxando-a com as mãos e, de um jeito sexy, ele a joga para longe da cama, ao mesmo tempo em que seus lábios encontram os meus.

Ainda com as mãos tremendo, seguro seu rosto e beijo-o com a coragem que ele acabou de me pedir. Está bem, Henry, eu vou ser corajosa. É o que eu quero deixar passar com minha língua encontrando a dele e soltando gemidos baixinhos, que não consigo controlar. Eu quero tanto isso, mas não entendo meu nervosismo.

O lado animalesco parece surgir dentro dele e quando vou ver, estou debaixo do seu corpo, que me cobre. Abro as pernas o suficiente para acomodá-lo no

meio e sinto novamente sua ereção raspar em mim. E o calor volta a queimar minhas veias.

É inacreditável como eu me dissolvo em milésimos de segundos quando o sinto estimular nós dois, passando seu pau por cima da minha boceta, sobre a fina cama do tecido da minha calcinha e sua calça. Ele está tão duro, gemo, abraçando-o pelo pescoço.

Henry estoca para a frente, pressionando com força seu pau em mim, e eu passo as pernas por cima do corpo dele, abraçando sua cintura e forçando minha pélvis, esfregando-me sem muito jeito nele.

Sua língua dança com a minha e passa em cada pedacinho da minha boca. Ele lambe meus lábios, mordisca, suga minha língua de novo e sinto gosto de caramelo com canela. É um gosto incrível, maravilhoso. Não quero nunca mais parar de beijá-lo. É viciante o gosto de Henry com seja lá o que ele bebeu no Sunset.

Nossos lábios se separam, fazendo um estalo, e eu sinto minha cabeça se erguer, hipnotizada, seguindo e procurando sua boca de novo. Ele me dá um beijinho e eu deixo minha cabeça cair na cama, abrindo os olhos.

“Sua boca está com um gosto incrível”, murmuro, e meus olhos se arregalam. Não posso acreditar que disse isso. Pelo menos ele ri.

“É Amarula”, ele diz, e me dá um beijo rápido.

Assinto e ele salta da cama. Ergo o corpo, apoiando os cotovelos na cama e fico vendo Henry abrir a calça e tirá-la. Ele sorri para mim e chega até a gaveta da mesa de cabeceira ao lado da cama — do lado onde ele dorme — e pega uma caixa retangular de papelão prateado dali. Reparo que ele tira o lacre dela e vira a caixa em cima da mesinha e um monte de envelopinhos de camisinhas se espalham.

Expiro e inspiro com força, e fecho os olhos, deitando na cama de novo. Controle-se, Cecillia. Aperto os olhos e tento acalmar minha respiração, meu coração, minha ansiedade. *Ai-meu-Deus*. A cama se mexe. *Ai-meu-Deus*. E se mexe de novo e eu sinto o hálito dele na minha barriga, seguido de um beijinho no meio do meu peito. *Ai-meu-Deus*.

“Isso não é um sonho”, ele sussurra no meu ouvido. “Eu bebi um pouco, mas não estou nem perto de estar bêbado, e você está acordada. Agora, abra os olhos e olhe para mim.”

Faço o que ele pede e assinto. E estou petrificada embaixo dele. “Eu sei.”

“Então qual é o problema? Está com medo?”

“Não, já disse que não.”

“Então me explica”, ele engrossa a voz. “Não tenho bola de cristal.”

Respiro fundo e solto o ar. “Eu estou... Eu não sei direito o que fazer. Estou encabulada”, falo, com os olhos fechados.

“Espera!” Ele se afasta do meu rosto e então abro os olhos para fitar a confusão passar em sua face. “Você está com vergonha de mim?”

Dou de ombros e sorrio sem graça.

“Mas, oras. Por que você está com vergonha de mim? Porra.”

Engulo a saliva, que mais parece uma bola de pelo, e pisco.

“É porque você é meu melhor amigo e-e e isso é... Nós vamos...”

“Nós vamos transar, Cecillia”, ele fala pausadamente, como se eu fosse retardada e precisasse ter que explicar o que é.

“Eu sei”, murmuro.

“Você quer isso. Eu quero isso. Então por que agora você está se sentindo envergonhada com isso? Me explica, estou ficando confuso e não quero fazer nada de que a gente se arrependa depois.”

Fecho os olhos de novo e falo: “Eu me sinto patética aqui com você. Você é... tão experiente e lindo e meu melhor amigo, e agora você está praticamente nu na minha frente e eu estou nua na sua frente.” Abro os olhos e curvo o canto da minha boca em um sorriso besta. “Não me odeie, eu apenas estou tentando não fazer nada de errado.”

Henry assente e faz um bico, cerrando o maxilar. Respira fundo e olha direto dentro dos meus olhos. “Bem, para começar vou te pedir uma coisa.”

“Está bem.”

“Para de falar que eu sou uma espécie de Deus fodedor”, ele fala sério, mas eu mordo meu lábio para não rir. “Não ria. Você tem que parar de dar ouvidos para os corredores da faculdade. Eu posso ter experiência, mas sou apenas um homem e aqui, essa experiência é apenas um bônus. Não é a sentença toda. Então para, eu apenas sou um homem que sabe o que fazer com uma mulher, saiba que aprendi na prática. Acredite, eu já fui virgem e beijava muito mal.”

“Inacreditável isso”, falo com humor.

Ele beija minha boca. “Pode acreditar”, ele murmura, ainda com os lábios nos meus, e desce o corpo para se moldar ao meu, “e eu quero que você aproveite. Quero que sinta prazer e esqueça tudo isso que está passando por essa sua cabecinha de vento. Você às vezes pensa demais, Cecillia. Se permita. Se solte

hoje, *minha Barbie-nerd*”, ele diz, sorrindo, e eu sorrio também.

As mãos dele acariciam minhas coxas, puxando-as para cima e instigando minhas pernas a abraçarem seu corpo. Meus braços estão entre a gente, mas de bom grado jogo-os para cima dele. Faço carinho em seu pescoço e repouso em seus ombros e coloco as mãos no topo das suas costas, enquanto ele passa sua mãozona no meu corpo.

“E aproveita a minha experiência e amizade e peça o que você quiser. Faça o que quiser. Eu não vou achar você patética e quem sabe você vira uma deusa do sexo que nem eu um dia.”

Dou uma gargalhada forte, de doer a barriga, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos. Aperto meu abraço e Henry beija meu rosto até o pescoço. Eu gosto dele beijoqueiro. Eu gosto dele me beijando assim.

QUEM NÃO? — Frody.

PORRA! SAIA DAQUI, FRODY. É PARA MAIORES DE 18.

ESTRAGA PRAZERES — ele revira os olhos na minha imaginação e *PLOOF*, some.

Abro os olhos e fito os olhos cinza mais lindo do mundo. Cometo algum tipo de crime em pensar isso, mas eu acho os olhos dele incríveis. Tanto quando estão azuis como quando estão cor de cinza. São divinos. Ele todo é. Não interessa se é para achar esse lance entre nós — agora, a transa — casual. Eu não consigo ser fria a este ponto.

“Você vai me ensinar?”

“Vou”, ele afirma, olhando dentro dos meus olhos, e eu me arrepio toda. Henry enfia as mãos embaixo de mim, esmagando meus seios no peito dele. “Vou te ensinar todas as formas de ter prazer que eu sei, mas agora precisamos estrear você.”

Faço um misto de careta sorridente e dou um tapa no ombro dele. “E lá vem você sendo tão sujo.”

“Hm...” Ele geme e dá uma mordida dolorida no meu ombro esquerdo. “Eu quero ser muito sujo com você”, ele diz, beijando a marca dos seus dentes.

Ele ergue os braços e desce o corpo. Minhas pernas soltam seu corpo e meus braços caem para os lados. Olho para baixo e vejo os cabelos rebeldes e bagunçados dele um pouco abaixo das minhas costelas e descendo cada vez mais, até que para e sua cabeça está no meio das minhas pernas.

Putá merda, mil vezes. *Jesus, Maria e José*. Ai, não, Cecillia, isso é blasfêmia. Perdão, pai, foi força do hábito. Desculpe, mas caramba.

Fecho os olhos — procurando forças para não pitar — e sinto as mãos dele segurarem o elástico da minha calcinha e... puxá-la para baixo... para baixo até não estar mais no meu corpo. Henry volta a se posicionar no meio das minhas pernas, fazendo um caminho de beijos dos meus tornozelos até o interior das minhas coxas, e seu rosto fica perfeitamente na frente da minha... *Mãe do céu...* O rosto dele está...

“Ah”!, solto um gritinho capaz de quebrar uma taça de cristal, porque... porque ele está — *Beijando? Conhecendo? Verificando?* — a minha parte íntima? Sua boca está na minha boceta e ele agora está lambendo-a.

Arqueio as costas e sinto suas mãos gigantes segurarem minhas coxas, não me permitindo fechar as pernas, com leves apertos às vezes. Ele geme, dando beijinhos e lambendo minha boceta. Eu estou tão quente, meu corpo está fervendo e sinto minha excitação parecer ser expelida de mim. Estou incrivelmente molhada e com Henry fazendo círculos com a língua no meu clitóris, eu fico mais quente ainda, mais molhada ainda e não vou aguentar mais.

Meu coração bate descompassadamente e a febre cresce e cresce dentro de mim. Parece que uma brasa quente foi jogada no meio do meu corpo e o calor enraíza do meio das minhas pernas e chega aos meus pulmões, incinerando tudo.

E

C_AIO!

Acabo de ter meu primeiro orgasmo por um homem e esse homem está beijando minha barriga, meu peito, meu pescoço. Subindo e acariciando minhas pernas.

“Sabia que você não ia me decepcionar”, Henry murmura no meu ouvido, e sua mão atrevida espalma na minha boceta.

Ainda me sentindo queimar e com a respiração — se é que eu posso chamar o que meus pulmões estão fazendo de respirar — instável, agarro os cabelos dele. Puxo seu rosto para mim e beijo-o, agarrando-o, e sua boca tem meu gosto. Meu gosto. Fico orgulhosa de saber que *sou eu* na boca dele. Eu, Cecillia, não qualquer outra mulher.

Os dedos de Henry acariciam meu clitóris lentamente e beliscam a pontinha. Minhas pernas caem mais abertas e grito na sua boca.

“Hm...”, ele geme. “Achei seu ponto sensível”, ele fala, em um murmuro sedutor. “Vamos ver o que posso fazer com isso.”

Logo que ele diz isso, um som parecido com um rosnado brota em seu peito e ele morde meu lábio inferior. Gemo e cerro os olhos, querendo olhar para ele,

que passa o nariz no meu rosto, fazendo um carinho na minha face, colo sua testa na minha e sua boca encosta na minha, mas não nos beijamos. Apenas nos provocamos e respiramos o mesmo ar.

Os dedos dele continuam me provocando, excitando-me novamente, e agora sua mão está aberta. O dedão faz círculos cálidos no meu clitóris e dois dos seus dedos, o indicador e o médio, provocam minha entrada. Eu não resisto, relaxo, relaxo e relaxo o máximo que consigo até que sinto seus dedos dentro de mim, penetrando-me calmamente. Isso me faz gemer.

“Dói?”

“Não. Só arde um pouco”, respondo, concentrando-me na sensação de alargamento e me acostumando com a invasão no meu corpo.

Henry assente e mantém os lábios perto dos meus com a ponta do seu nariz juntinho ao meu. Minhas mãos massageiam seus cabelos. Eu sempre achei que eles eram macios, mas não tanto quanto são realmente. Ele circula o dedo dentro de mim e eu sinto meu canal sugá-lo com força. Ele solta a respiração como um rosnado e deixa o rosto pousar no meu, parecendo esgotado e, ao mesmo tempo, determinado.

Eu sei o que os dedos dele estão sofrendo agora, porque eu já fiz isso e é alucinante. A primeira vez em que me toquei e tive coragem de colocar um dedo dentro de mim — quase dois anos depois de ficar apenas me tocando superficialmente, curiosa como sempre, eu tive medo de puxá-lo para fora. É tão forte o apertão e eu sou tão *pequena*. Acho que por eu saber, mais ou menos, o que tenho no meio das minhas pernas, estou tremendo agora. Tenho pavor que doa, que ele me rasgue, como já ouvi algumas meninas dizendo, que na primeira vez delas, elas tiveram a sensação de estarem sendo — literalmente — abertas. Mas, tudo bem, que eu ouvi isso de meninas sem miolos na cabeça que com certeza não se prepararam.

Sexo está ligado ao nosso cérebro quase cem por cento. Se a mulher não — como Henry disse umas cinco vezes — relaxar, não estiver com alguém bom e não estiver no clima, com certeza a experiência de perder a virgindade ou praticar o sexo em si será um terror. Minha madrinha sempre tirou esse medo da minha cabeça e eu, curiosa do jeito que sou, pesquisei sobre isso e tive a ousadia de me tocar.

Sexo é para ser bom e prazeroso, tem que querer e fazer com quem está a fim. Eu demorei porque nunca me senti à vontade de corpo, mente e alma para chegar até o quarto com algum cara. Eu sei que vai doer quando ele enfiar seu pau em mim. Não vi o tamanho do seu pênis ainda, mas com certeza meu dedo não é

comparável. Mas eu quero tanto senti-lo, que quase não me sinto virgem com ele. Por isso estou relaxando a parede do meu núcleo.

Quero muito Henry e é estranha a sensação de que nós já fizemos sexo, mas é como me sinto. *Eu juro*. Por baixo da vergonha e do nervosismo, sinto uma névoa de conhecimento com os toques de Henry no meu corpo. É ridículo. Parece que eu sempre fui dele, que eu estava esperando por seu toque, e me dissolver de novo na sua mão — *agora* — é perfeito. Ideal.

Por favor, que isso não seja o mais perfeito, incrível, delicioso sonho da minha vida. Suspiro e sinto seus lábios no meu pescoço. Ser dele — nem que seja só por hoje — é irreal. Maravilhosamente perfeito e ele vai ser para sempre *meu* primeiro.

Meus lábios se curvam com um sorriso bobo. Sei que ele pode ver meu semblante: lábios levemente curvados, bochechas vermelhas e inchadas, olhos fechados e sorrindo também. Eu não achei que estaria tão feliz.

“Isso é um sorriso pós-orgasmo mais lindo que já vi”, ele murmura e beija a pontinha do meu nariz.

“Hmm...” Suspiro e abro um olho. “Não era para eu estar assim? Satisfeita?”

Ele ri. “Claro que sim”, ele fala, assentindo “mas não com tão pouco. Ainda tem muito mais.”

Suspiro de novo, fecho o olho e depois abro os dois e foco no pomo de Adão dele, onde eu passo meus dedos e os outros dedos, espalhando-os por sua mandíbula e pescoço.

“É porque eu gostei”, sussurro muito baixo, “e... minha vergonha está...”, balanço a cabeça, procurando palavras, “relaxando”, termino, e subo os olhos para os dele.

Henry engole e assente. “Tudo bem”, ele diz, baixo como um segredo, e sorri um sorriso sacana. “Agora fecha os olhos, quero que continue... relaxando, coringa.”

Dou risada e ele me beija profundamente antes de se levantar. Olho para o volume — nem um pouco modesto — na sua cueca branca, pisco e desvio o olhar. *Calma, vai dar tudo certo*, deixo esse pensamento fixar-se na minha mente e volto para a exaustão deliciosa em que eu estava há alguns segundos.

Fecho os olhos. Minha inteligência me cobra para eu me deitar na cama direito, então me movimento para deitar no meio da cama com a cabeça nos travesseiros. Espio Henry, que está olhando para mim, meio que me analisando. Só não sei se é meu corpo, se foi eu ter me mexido ou... não sei. Só sei que

agora ele está ficando em cima de mim de novo e nuzinho, do jeitinho que veio ao mundo.

Congela.

Meu Deus, congela isso.

Essa imagem é linda.

Eu estou apavorada?

Mais ou menos.

Eu estou ansiosa?

Cem por cento.

Eu estou feliz?

Acho que sentir meu peito inflar-se e explodir quando ele se encaixa no meio das minhas pernas é um jeito de descrever melhor o meu *sim*. Eu estou feliz, porque a probabilidade de alguém não ficar com seu *crush* é de noventa e nove contra um. Não são muitas pessoas que têm a sorte que eu estou tendo. Ficar com o cara que deseja — tem um tempinho — e ele ser seu amigo. Caramba, eu estou enfartando de felicidade, se é que isso é possível.

“Seu estado de felicidade está muito perto do de uma pessoa bêbada ou drogada. Você fumou craque com a dona Clode?”

Eu rio, uma risada que vem do fundo do meu ser, e seguro seu rosto. “Não”, nego, ficando séria, e o puxo para mim. “Eu estou assim porque é meio louco estar aqui com você assim.”

Ele range os dentes, confuso, mas sério como eu e franze o cenho. “Como assim?”

Enrugo meu nariz e respondo desviando o olhar: “É, você aqui, nu. Ainda me sinto estranha. Mas é bom.”

“Estranha?”

“Mas é um estranho bom, eu juro.” Passo meu indicador no seu rosto. “Você pode esquecer o que eu disse isso e continuar?”

Ele assente e ri. “A cada dia que passa, eu...” ele engole em seco e sorri. “Eu acho você mais louca e desculpe não fazer desse dia uma coisa muito grande. Você merecia luzes de vela e um jantar, não um nervosinho — parcialmente bêbado — em cima de você agora.”

Balanço a cabeça e dou de ombros. “Daria no mesmo e você sabe o que está fazendo. Não é?”

Uma sombra de dúvida cruza suas feições e depois ele arfa com força, e assente. “Sim, eu sei o que estou fazendo cem por cento. Eu não estou bêbado, acho que apenas com coragem líquida na veia.”

Assinto e não digo mais nada. Não quero mais falar, a cada coisa que escapa da minha boca, eu me afundo mais em uma zona desconhecida. Henry me conhece tão bem que lê meu rosto e tapa minha boca com a sua. Sua língua acaricia meus lábios e, passando de um canto para o outro, invade minha boca vagorosamente. Suas mãos afagam meus braços e se enfiam debaixo do meu corpo em um carinho que me leva mais ainda para o seu corpo. Nós nos abraçamos enquanto nos acariciamos e é tão bom sentir seu corpo no meu.

Mas, deixando de me beijar um pouco, seus braços se posicionam ao lado do meu corpo — sem eu soltar seus ombros —, ajeito-me debaixo dele quando ele ergue os joelhos, encostando as coxas nas minhas. Os pelos das suas coxas roçam na minha bunda, fazendo uma leve cosquinha enquanto ele se encaixa em mim e me beija de leve, mais uma vez.

Afasta um pouco seu peito, um braço se estica ao lado do meu corpo e a mão livre do outro braço faz um caminho até meu umbigo. Suspiro e meus batimentos se aceleram. Ele pega seu pau, fecha os olhos gemendo, e sinto o toque aveludado da cabeça do seu pau roçar na minha entrada. Uma eletricidade percorre meu corpo e me sinto histérica. Henry pincela a cabeça no meu clitóris uma, duas, três vezes. Estou tão molhada e impaciente para ele fazer mais que isso.

Henry puxa o ar com força e então, calmamente, posiciona sua ereção na minha entrada. Prendo a respiração, esperando que ele me penetre. Sua mão vai para a minha entrada e, sem aviso, ele enfia dois dedos em mim com força. Mesmo esperando seu pênis, grito com apenas essa invasão, mas não de dor, e sim de surpresa.

“Você sente o quão molhada você está?”, ele fala, rosnando, e faz pressão dentro de mim. “Porra, Cecillia. Sua boceta está sedenta por mim, minha pequena.”

Mordo o lábio inferior e fecho os olhos, dominada por sua voz.

Ele enfia os dedos com vontade — de novo, após tirá-los suavemente —, forçando meu corpo a se acostumar. Arde um pouco, mas é gostoso. Por instinto elevo asperamente meu quadril, procurando e pedindo mais. Seus dedos entram e saem, circulam e se afastam, abrindo-me. E agora eu quero mais. Arfo com força e procuro algo em que me agarrar, mas ele está de joelhos no meio das minhas pernas, e não o alcanço.

Merda, por que ele se afastou? Eu quero apertar algo, alguma coisa, e não alcanço seus ombros. Então acabo agarrando com força os travesseiros embaixo da minha cabeça, sentindo de novo a brasa me queimar. Estou sentindo meu orgasmo crescer e crescer e... seus dedos me abandonam e eu abro os olhos, enfurecida. Eu sei que estou com cara de sofrida e frustrada, mas não ligo. Eu estava quase lá...

Henry olha nos meus olhos e abro a boca para perguntar por que parou, mas sou interrompida quando ele enfia seu pau grosso e duro como pedra dentro de mim.

“Ai, meu... Deus”, grito, “do céu!”

Henry deixa o corpo cair para cima do meu. Sinto suas mãos agora ao lado do meu rosto e ele está parado. Sua respiração está perto demais do meu rosto e isso me obriga a abri-los. Ele está com os olhos cor cinza, transparentes, e fitando meus olhos.

Pisco e tento sorrir. Ele faz um gesto com a cabeça, parecendo exausto, como se tivesse corrido uma maratona. Minha pulsação lateja em meus ouvidos e meu peito sobe e desce com a minha respiração pesada. Não sinto dor, sinto-me invadida. Seu corpo vem mais para a frente e o sinto entrando mais em mim, mas ele congela de novo quando deixo escapar um gemido.

“Está doendo?”, ele me pergunta, e vejo a preocupação no seu rosto.

“Não.”

Ele puxa para fora e rosna. “Você é tão apertada, caralho.”

Gemo e solto o ar, agora podendo agarrar seus braços, sentindo seus músculos tensionados.

Então ele mete de novo. “Putaquepariu, eu tô tentando”, pausa para respirar, “não perder o controle.”

Seus olhos estão mais selvagens do que quando ele me agarrou no corredor e me pressionou na parede. Estão brilhando, e noto que seu punho está fechado ao lado do meu rosto, agarrando com força as colchas, e creio que o colchão também. Henry parece um animal selvagem e é sexy pra caralho a visão dele assim.

Ele cerra os olhos e morde a mandíbula e tira o pau de dentro de mim, quase me abandonando, mas mete com força e joga meu corpo para cima.

“Minha nossa!”, ofego, e sinto o suor surgir em minha pele e brilhar no peito dele.

Seu corpo volta a se aproximar de mim e eu tento abraçá-lo, mas ele tem um

objetivo e são meus seios. Ele beija meus peitos e suga um dos meus mamilos, fazendo círculos neles e mordiscando-os. Eu gemo e puxo seus cabelos, gemendo seu nome, enquanto sua boca saboreia meus seios, ele continua metendo fundo dentro de mim.

Minhas mãos correm para a cabeceira da cama, tentando me manter parada e não acabar me fazendo entrar na parede. Ele tira seu pênis e volta a socar, nem um pouco controlado. Ele está me fodendo e a cabeceira da cama bate na parede, fazendo barulho. Dentro e fora. Dentro e fora. Para a frente e para trás, em um compasso lento quando tira, e forte quando mete. Henry está tão selvagem como seus dedos foram. Ele se mexe de um jeito que seu pau massageia meu núcleo e a brasa está instalada na fricção dos nossos corpos.

Minhas mãos voltam para o seu corpo, e alisam seus ombros, sentindo os músculos quando ele movimenta o corpo. Os músculos estão tensionados, a pele está molhada e quente, e o bafo morno da sua respiração agora está no meu ombro e no meu pescoço. Sua respiração está alta, assim como a minha. As mãos não parem, ora estão ao lado do meu rosto, ora estão tocando meu corpo.

Seu corpo parece uma máquina em movimento e é tão gostoso senti-lo dentro de mim! É alucinante estar transando com ele desse jeito tão selvagem. Eu sempre ouvi dizer que ele era incrível, mas não imaginava que fosse assim. Assim gostoso, me fodendo maravilhosamente, e ele tinha razão. Relaxar é a chave para aproveitar ao máximo e mergulhar nesse imenso e intenso prazer.

Acho que mesmo que hoje não fosse minha primeira vez, eu ia guardar na minha memória como um dos melhores momentos da minha vida. Não posso dizer dia, porque o dia de hoje foi uma merda. Começou perfeito com nosso beijo. Depois ele sumiu e foi muito estranho. Minha madrinha me ligou e me deu uma ideia maluca. Acho que Max está pensando que quero algo com ele, e eu estou ferrada agora, em todos os sentidos. Eu tenho um encontro com ele — querendo ou não, é um encontro — e eu não quero ir. Nunca quis ir me encontrar com ele, ou com qualquer um seja. É apenas parte do plano de ativar Henry, e agora eu estou com ele, na cama dele, sendo *maravilhosamente* fodida por ele. Então eu vou ter que dar meu jeito amanhã.

Não posso sair com Max dando falsas esperanças a ele, apesar de que... Eu e Henry não somos nada. Só estamos transando casualmente.

Cérebro, por que é tão difícil para você pensar as coisas? Por que é tão errado eu gostar do Henry assim? Por que é errado querê-lo só para mim?

Ah, Cecillia, para com isso.

Respiro com força e abraço Henry também com força. Ele sempre vai ser meu

amigo, pelo menos é alguma coisa. Imaginá-lo sendo um estranho, um cara do outro lado da rua, ou da sala de aula, e não saber quem eu sou, que eu existo, seria bem pior. Mas isso não é verdade, e agora ele é um pouquinho mais meu, mesmo que um monte já tenha tido isso que estou experimentando. Eu ligo e não ligo para isso. Eu quero aproveitar esse contato íntimo entre nós dois. Talvez fazer de novo, se ele quiser.

Uma luz acende na minha cabeça. Se ele quer me ensinar a ser uma *deusa do sexo*, isso quer dizer que ele vai querer de novo. Claro que sim. Pode ser curtição, porém... é algo. Vou tê-lo assim. Seu peito colocado junto ao meu, seus lábios beijando meus ombros, gemendo meu nome, seu pau incrível dentro de mim, nos unindo como um só. É divino.

Henry me arranca dos pensamentos, rosnando e tirando seu pênis centímetros para fora.

“Está viajando ou é impressão minha?”, ele murmura, e me beija.

Balanço a cabeça, negando, mentindo.

“Acho que você está muito dispersa”, ele diz, e soca para dentro de mim.

“Ah! Henry!” Arfo, jogando a cabeça para trás.

“Isso!”, ele rosna. “Se concentra no que está acontecendo”, ele diz, e mete a fundo de volta, e faz esse processo repetidas vezes. A cada fala, ele tira e coloca dentro de mim: “Eu” — *Tira* — “Estou” — *Bota* — “Te” — *Tira* — “Fo” — *Bota* — “den” — *Tira* — “do!” e bota uma última vez e com muito mais força.

Grito e arqueio as costas. “Henry. Meu Deus!”

“Isso!” Ele arfa e acelera seus movimentos em um vaivém, de um jeito animalesco.

Henry prende minha cintura na cama e, sem piedade, me invade. Estoca uma, duas, três, quatro... Perco as contas e a onda começa a crescer. Crescer. Crescer... Ah, minha nossa! Porra. Nunca senti o que estou sentindo agora.

A onda de calor é muito maior, parece uma avalanche chegando e pronta para derrubar e levar tudo à sua frente. É bom. Incrível. A cada investida dele, eu fico mais perto do abismo e parece que seu pau está maior e mais duro.

“Nossa, Cecillia. Você está me matando.”

“Eu?” Arregalo os olhos para ele, confusa, porque é ele que está acabando comigo.

“Sim”, ele diz, sem fôlego. “Você. Merda. Você é tão deliciosa. Apertadinha.”

Gemo com suas palavras e abraço seu pescoço, trazendo-o para mim e

precisando beijar sua boca. Enfio a língua na sua boca e sugo a dele com a mesma euforia com que ele me fode. Balanço o corpo, notando meu canal apertar seu pau. Não tenho capacidade intelectual para formar uma frase agora ou pensar em nada mais além dele me comendo assim... Estou em modo: orgasmo tirando minha alma.

Ótimo nome, afinal depois dessa transa, estou definitivamente não virgem. Sem sombra de dúvidas. Tem relatos que dizem que o que tira a virgindade mesmo da maioria das mulheres é ter filho de parto normal. Pode até ser, mas eu *definitivamente* não me encaixo nessa categoria.

Henry está arrancando até a minha alma. Ele é sobre-humano, um humano fodão que fode bem e gostoso. Nossa. Estou terrível. Dou uma gargalhada e agarro os antebraços dele, que estão ao lado do meu corpo. Minha risada é interrompida quando o prazer toma conta do meu corpo e meu coração bombeia meu sangue com mais força e eu...

C_{AIO}

N_O

A_{BISMO}

D_E

N_{OVO}.

“Ai, caralho”, solto, no meio do meu orgasmo.

Minha avalanche vem explosiva. Arrebentando tudo no caminho.

Falo coisas ininteligíveis embaixo do corpo dele. Gritando e arfando, agarrando, arranhando e tateando seu corpo como se eu pudesse colar seu corpo mais ao meu. Ele continua e continua socando enquanto eu gozo e, de repente, ele para. Seu corpo treme e Henry solta alguns palavrões no meu ouvido, que eu acho que nem existem, e eu sinto-o gozar, despejando um líquido quente na camisinha.

O prazer preenche o quarto. Nós nos abraçamos forte e nossos sons calmamente vão silenciando. Henry deixa o corpo cair mais para junto do meu, beija meu rosto e então rola para o lado, deitando-se ao meu lado. Ficamos um pouco em silêncio, mas quando escuto a cama ranger, abro os olhos e me deparo com ele tirando a camisinha, amarrando e tirando um lenço de papel da gaveta, enrola a camisinha e deixa no chão. Com certeza o senhor limpinho vai jogar isso fora logo que levantar, ou daqui a pouco.

Enchendo os pulmões e esvaziando-os, procurando se acalmar, ele volta a se deitar. Fito seu rosto e então deixo de admirá-lo e olho para o teto.

Não sinto bem meus músculos, o meio das minhas pernas está suado e quente, de uma forma ardida. É uma sensação indescritível e diferente. Porém, estou com frio e, sem perceber, deixo um tremor atravessar meu corpo e Henry, sentindo isso, vejo pela visão periférica, vira o rosto para mim.

Ele parece ler meus pensamentos e senta na cama, levanta meus pés, tira o edredom — com que eu estava me cobrindo antes e não entendo como foi parar quase fora da cama — e nos cobre. Com a respiração normal, viro o rosto para ele, que está com os braços cruzados debaixo da cabeça, olhando para mim. Um olhar fixo.

Franzo o cenho e ele murmura:

“Oi.”

“Oi”, replico, sorrindo para o sorriso dele.

“Exagerei?”

Dou de ombros. “Não sei, acho que não.” Franzo a testa de novo. “Como eu vou saber?”

Ele dá risada e gira o corpo para mim, deitando de lado. “É verdade, mas pra mim foi uma foda memorável.”

Rio. “Com certeza pra mim também.”

Henry balança a cabeça e fita meus olhos, ficando sério, mas fala com humor: “Engraçadinha.”

Ficamos olhando um para o outro, sem dizermos nada. Viro-me também e deito meu corpo de lado, colocando as mãos debaixo da minha cabeça, e olho para ele através das sobancelhas. Eu acho que ele quer falar algo.

“Você quer ir a um lugar comigo?”, ele me pergunta de mansinho.

“Onde?”

“Nova York”, ele revira os olhos, “Manhattan, na casa dos meus pais.”

“Uau. Quando?”

“Neste fim de semana.”

“Depois de amanhã?”

“Hoje, melhor dizendo. Devem ser duas da manhã.”

Sorrio e assinto. “Tá, eu vou.”

Ele parece aliviado e sorri de lado. “Eu sei que vai ter a festa de Halloween da faculdade...”

“De jeito nenhum eu ia nessa festa. Annabelle ajudou a organizá-la e ela vai

estar lá com certeza”, falo, interrompendo-o. “Eu aceitaria ir com você até para o Iraque, se isso me levasse pra bem longe daqui.” Dou de ombros. “Eu ia ficar trancada aqui, vendo algum filme de terror para criança — que eu consiga assistir — e comendo pipoca.”

“Ia ficar sozinha?” Ele parece incomodado com isso.

“É”, respondo baixo.

“Acha que eu ia deixar você sozinha?”

“Não sei. Achei que você ia à festa.”

“Eu ia por sua causa, antes e depois. Mas ainda bem que você não vai, e nem eu agora.” Ele sorri.

“Ainda bem”, eu falo, e bocejo. “Desculpe.”

Ele resmunga e balança a cabeça. “Não precisa se desculpar. Eu também estou quebrado e não sei se vou tomar banho. Está frio pra caralho e eu estou cansado demais.”

“Então toma banho quando acordar.”

Ele olha estanho para mim. “Você não vai tomar banho também?”

“Por quê? Estou fedendo?”, pergunto, e cheiro meu sovaco.

Henry dá uma gargalhada e fala, brincado: “Não é isso, sua tonta. Nós acabamos de transar, e você perdeu a virgindade, e geralmente...”, ele para quando olho para ele com o cenho franzido.

“E daí que transamos?! Não me sinto suja nem nada. Acho que se você tivesse feito que nem aqueles homens de filme pornô que goza em cima da mulher, eu teria que tomar banho com toda certeza, mas você...”

“Você assiste a filme pornô?”, ele pergunta, espantado, me interrompendo.

“Já assisti a alguns. Por que o espanto?”

“E-e”, ele balbucia. “Por nada, só não consigo imaginar você vendo essas merdas.”

Dou de ombros. “Você esqueceu que eu sempre quero saber de tudo?”

Ele suspira e sorri. “Não, não mesmo”, ele diz com sua voz aveludada.

“Você que é bobo às vezes e já que você falou... Vou tomar banho sim.”

Ele assente e, quando saio da cama, seus olhos me acompanham, passando por todo o meu corpo nu. Tento não ficar vermelha e envergonhada, mas falho miseravelmente. Respiro fundo e caminho para fora do quarto, mas antes de sair totalmente, Henry fala:

“Por que não toma banho aqui?”

Sorrio e me viro para ele. “Está bem, só vou pegar uma calcinha limpa e uma blusa. E, claro, minha toalha.”

“Certo”, ele murmura.

Piscando para ele, saio e vou até o outro quarto, pego a calcinha, a blusa e um short limpo, vou ao banheiro da casa, pego minha toalha, e volto para o quarto de Henry, que estava me esperando, olhando para a porta concentrado e, ao me ver, sorri e novamente passa os olhos por meu corpo.

Nossa. Nem me toquei que desfilei nua pela casa. Dou de ombros mentalmente, reprimindo o pudor. Ele acabou de transar comigo, me ver pelada não é nada. Sorrio para o seu sorriso e entro no seu banheiro.

Não fecho a porta e tomo um banho quente e delicioso bem rápido, e claro que não lavo os cabelos. Não sou doida a este ponto. Termino, me seco, coloco um pouco de pasta de dente na boca e faço um bochecho. Então me visto e, deixando a luz do espelho acesa, como Henry costuma deixar, volto para o quanto.

Ele sorri e reparo que ajeitou os travesseiros e a cama para nós dormirmos. Levanto as cobertas — notando também que ele vestiu uma cueca —, deito-me ao seu lado na cama e me acomodo. Girando o corpo, ele puxa a cordinha do abajur e o breu toma conta do quarto. Ele volta a se virar para mim e se aconchega, e seu corpo fica mais perto do meu.

“Boa noite, Barbie.”

“Boa noite, Deus.”

Fico com os olhos abertos sem ver nada e então sinto minha mão debaixo do meu travesseiro sendo puxada. Ele repousa minha mão perto do seu rosto, em cima do seu travesseiro, e sinto sua respiração nela. Sorrio e chego meu corpo mais para perto dele.

Estou muito cansada. Meu corpo parece gelatina e minhas pálpebras estão pesadas demais. Fecho os olhos e suspiro. E, quando estou caindo no limbo, sinto um beijo suave deixado na minha mão.



SEXTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 2013

ABRO OS OLHOS E NOTO NOS PRIMEIROS minutos do dia, enquanto ainda estou despertando dos sintomas de músculos retesados que meu corpo tem. Parece que malhei pesado ontem, incansavelmente, e os reflexos dos exercícios estão saturados agora. Respiro fundo e olho para a causadora disso, que está abraçada ao meu corpo, deitada ao meu lado com a cabeça no meu braço. A culpada do meu esgotamento. Minha pequena nerd.

Viro o rosto para baixo e a fito. Mesmo tendo bebido ontem, eu não estava nem perto de estar bêbado realmente. Aquilo se transformou na coragem líquida para fazer o que eu queria desde que a vi pela primeira vez. Estive mentindo para mim mesmo ao dizer que queria apenas sua amizade. Uma grande mentira, isso sim.

Porém, eu não bebi para ter coragem de dar esse passo, de transar com ela, nem para fazer merda alguma. Bebi para esquecer meus problemas e um pouco Cecillia, mas quando ela me ligou, vi que nada a tiraria da minha cabeça e, mesmo assim, ninguém fica bêbado com Amarula, principalmente eu que tenho o metabolismo acelerado e nem com um barril de chope fico bêbado.

Mas, além do que aconteceu ontem, eu quero mesmo a amizade dela, só que também quero seu corpo, sua boca, seus sons. E, ao pensar nisso, vejo o que a junção dessas coisas a transforma para mim e eu não sei se acho uma boa que essa transformação aconteça.

Talvez nós apenas devêssemos continuar a ser o que somos e não estragar nossa boa relação que, mesmo em apenas três meses, é a melhor relação em muito tempo na minha vida. Na real mesmo, é a melhor de todas e fim de papo.

Adoro passar meu tempo com Cecillia, gosto dela e criei uma obrigação de cuidar dela. Quero-a feliz e odeio a ideia de deixá-la sozinha. É lógico que às

vezes as pessoas precisam de um tempo a sós, mas é diferente ficar sozinha e ser solitária.

Não quero que ela volte a ser solitária, quero que saia e tenha novos amigos, ou colegas. Gosto de saber que meus amigos gostam dela e assim ela repare que é especial para todos. Que tire da cabeça que ninguém se importa com ela. Só não gosto nem um pouco mesmo é da ideia dela saindo com outros caras. O que soa idiota da minha parte, quando não quero que nossa relação mude.

Não quero aquela merda que um namoro faz com as pessoas e principalmente quando envolve sexo, mas querendo ou não, meu cérebro já leva para esse lado. Porque pensando direito, nós somos amigos e definitivamente eu quero transar com ela de novo. Então vamos ser amigos que transam, ou em outros termos, namorados — o que todo mundo vai deduzir.

É aí que meu fígado se torce. Eu não acho mesmo que estou pronto para namorar de novo. Não estou socialmente bom para namorar ninguém no momento. Não estou com o meu emocional pronto para isso agora.

Mas me preocupa que Cecillia pense que eu apenas quero comê-la como eu faço com as outras mulheres com que saio. Merda, é diferente com ela. Eu gosto dela de verdade e apenas não quero ser namorado de ninguém agora. Ainda tenho alguns estilhaços da bala que Alana deu no meu coração, que me impedem de pensar em ter um relacionamento sério com alguém de novo. É como se eu — sem querer — esperasse que de novo outra pessoa fosse entrar na minha vida — dessa maneira — e me provasse que sempre acaba do mesmo jeito. Eu nunca sendo a primeira opção. Eu nunca sendo o suficiente.

E sem contar que ainda tem o problema de Nova York que eu estou ignorando há muito tempo e, se eu não tomar uma atitude, tenho certeza de que Scott vai arrumar um jeito de me forçar a tomar.

Tiro meu braço vagarosamente debaixo de Cecillia, sem querer acordá-la, e me levanto da cama. Ela resmunga e se aconchega. Giro o corpo e dou uma olhada nela deitada. Está linda, deitada de bruços, com os braços servindo como travesseiro debaixo da sua cabeça e a bunda levemente empinada. Ela tem um corpo muito bonito, mas com a academia vai ficar um verdadeiro avião e em breve vou quebrar a cara do Junior. Já consigo imaginá-lo jogando piadinhas para cima dela.

Volto os olhos para cima e vejo seu rosto. Ela está tão serena, as feições estão meigas e ela parece tão jovem assim. *Nossa, ela é jovem.* Balanço a cabeça, me recriminando. Eu me sinto um atrevido por tê-la comido. Cecillia é tão menina ainda, tão jovem, e eu, um filho da mãe dez anos mais velho do que ela — não

ainda, mas mês que vem vou ser.

Pego o edredom que está cobrindo apenas até sua bunda e o subo, para cobrir suas costas. Sinto o frio do lado de fora, hoje vai ser uma noite fria. Todo ano, na véspera do Halloween e no dia mesmo, o clima já começa a apresentar o inverno — para o qual falta um mês ainda —, e é um inferno.

Entro no banheiro, levanto a tampa da privada e urino. Arfo aliviado, quase sinto meus olhos rolares de felicidade. Sempre que transo acordo no dia seguinte com uma ereção enorme com dois propósitos: Primeiro, querendo mais; segundo, minha bexiga estourando, pois como eu caí no sono ontem logo que transei, meu pau agora ficou extraordinariamente duro.

Dou uma sacodida e giro o corpo, abro o box e ligo o chuveiro. Espero a água ficar com uma temperatura morna e entro, fechando o blindex. Molho os pés primeiro e depois me enterro debaixo do jato d'água. Se eu pensar muito, perco a coragem. Banho nessa época do ano é um verdadeiro caos.

Termino o banho, me seco e enrolo uma toalha no corpo, saindo do banheiro, e vejo Cecillia de olhos abertos, fitando a porta do quarto. Quando repara em mim, ela pisca e foca os olhos em mim.

Sorrio e caminho para a cama.

“Oi.”

“Oi”, ela sussurra, com as bochechas vermelhas.

Dou risada e me sento na cama. Ela se encolhe e puxa o edredom quase até o queixo. Cerro os olhos.

“Qual o problema? Está arrependida?”

Ela suspira e balança a cabeça. “Não.” Dá de ombros. “Só é estranho, sei lá.”

Ergo uma sobrancelha e mordo o lábio.

“Não é estranho. Nós transamos e continuamos amigos.” Assinto, afirmando minhas palavras. “Assim eu espero, claro.”

“É-é”, gagueja ela, “é claro que sim.” Pigarreia e abaixa os olhos de novo. “Só não sei como me comportar. Nunca transei com ninguém antes.”

Dou uma risada, sem me controlar. Adoro o jeito atrapalhado dela.

Eu me arrasto mais para o meio da cama, ficando mais perto dela, e abaixo, deixando meu rosto perto do seu.

“Obviamente você nunca fez, mas deixa eu te contar um segredo.” Ela levanta os olhos e me fita. “Não precisa ficar estranho. Tudo fica estranho e confuso se nós fizermos assim. Não se sinta assim, eu não estou me sentindo assim. Foi

bom ontem e... Por favor.” Curvo levemente o canto da minha boca. “Não pense tanto, Cecillia. O seu problema é esse, sua nerd”, sussurro.

Ela gargalha e sinto-a relaxar. Ela fica tão linda quando ri desse jeito, e acabo rindo com ela.

“E já que estamos falando nisso. Você se sente bem?”, indago.

Ela franze a testa. “Hum?”

“Você está dolorida?”

O vinco da testa fica mais enrugado conforme ela aperta mais as sobrancelhas, pensando, e quando algo clareia na sua mente, ela relaxa o rosto e suas bochechas ganham um tom de rosa, que eu acho fofo.

“Hm...”, ela murmura. “Minhas pernas estão pesadas. Sei lá. Por quê?”

“Por nada, isso é normal”, *eu também estou com os músculos retraídos*, penso, mas guardo isso para mim.

Dou um beijo na sua testa e me levanto da cama.

“Agora me deixa vestir minhas roupas, tenho que correr.”

“Já vai sair?”, ela pergunta em voz baixa. “O sol nem nasceu, Henry.”

Com certeza ela está achando estranho. Pegando uma cueca, deixo a toalha cair e visto a peça, e com o canto do olho flagro Cecillia olhando para mim — especificamente para a minha bunda. Reprimo um riso e me ergo. Pego uma calça jeans e, vestindo-a, respondo:

“Vou pra faculdade agora.”

“Por quê?”

Pegando uma camisa no cabide, passo-a pela minha cabeça e enfiando os braços, viro-me para a cama de novo.

“Vou agora porque Erik disse que eu preciso ir à academia hoje de noite. Vou dar as aulas de oito e nove horas de boxe e das dez de Krav Maga.” Dou-lhe as costas mais uma vez para pegar um casaco no armário e continuo: “E sem contar que vamos pegar o voo para Nova York assim que eu sair do trabalho.”

Visto o casaco, fecho o armário e me viro para ela, que está com as sobrancelhas levantadas, surpresa e curiosa.

“Nós vamos hoje mesmo para Nova York?”

“U-hum”, faço, assentindo, pego meus tênis e me sento na cama para calçá-los. “Vamos chegar lá umas duas da manhã, se dermos sorte de conseguirmos passagens assim que chegarmos ao Logan.”

Escuto-a suspirar atrás de mim e dizer: “Tudo bem.”

Termino de calçar os tênis e me levanto da cama.

“Você pode fazer o favor de comprar as passagens pra gente? Vou te dar meu cartão de crédito e você vai lá enquanto eu estou na academia, ou agora.” Ela aperta os olhos e pergunto: “Vai fazer o que pela manhã hoje? Sei que não tem aula e seria bom se você fosse pra academia hoje à noite comigo.”

Ela assente. “Tudo bem e eu ia no shopping com o Max comp...”

“Ia o quê?” Corto-a. “Com quem?”

Ela ergue as costas, franzindo o cenho. “Ao shopping com o Max.”

“Por quê?”

“Porque eu tenho que comprar minhas luvas de boxe e...” murmura.

“Não quero saber o que você vai comprar ou fazer no shopping. Quero saber por que ia sair com o Max? Vocês estão saindo?”

Juro que tentei soar calmo e sem me descontrolar. Não soar como um babaca nervosinho porque a mina que eu comi vai sair com outro cara, ou já estava saindo. Mas, número um: eu não consegui ficar calmo e não esboçar reação ao saber que Cecillia está saindo com outro homem. E dois: eu normalmente não ligo pra isso. Canso de sair com alguma mulher com quem alguém está saindo, até mesmo um amigo meu. *Merda*. Era para eu agir normal, não perder a cabeça.

Put a que o pariu quinze vezes.

Ela pisca e solta o ar lentamente, abrindo a boca.

“Não. Ele só ia me dar uma carona.”

“U-hum”, resmungo e passo as mãos nos cabelos, penteando-os com os dedos. “Certo. Agora me deixe ir.”

“Não vai nem tomar café antes de sair?”

Balanço a cabeça. “Não dá tempo. São 6h40, e vou ter que assistir a quatro aulas, se eu comer não vou conseguir pegar a primeira.”

Ando para a mesa em frente à cama, pego os livros das aulas de hoje, enfio-os na mochila, tiro os que não vou usar também, coloco meu notebook ali dentro, fecho a mochila e passo a alça pelo braço, deixando-a caída pelo meu ombro nas costas.

“Tchau, mais tarde a gente se vê.” Saio do quarto.

“Tchau”, ela replica, com a voz distante.

Grito do corredor: “Coloque um casaco de frio na mala. Nova York já está

com a temperatura baixa.”

“Tudo bem”, ela grita de volta, e chego à porta de casa, e saio batendo-a atrás de mim.



Eu já tinha ouvido falar de carma, essas merdas de que quanto mais nós fazemos para alguém algo que não é legal, um dia a merda bate no ventilador e volta para nós. E, no meu caso, bem no meio da minha cara. Acordei pensando, feliz da vida, que ia dar para levar uma relação normal com Cecillia: amigos que transam casualmente. E aí ela me solta que vai sair com Max, ou ia. Que se foda, se vai ou ia. O que importa é que aquele filho da mãe está dando em cima dela. É lógico, ela é linda e tem ficha limpa.

Para namorar, Cecillia é ideal, para comer e descartar, nem pensar. Está riscada em todas as listas dos comedores da universidade, e isso quer dizer que está riscada em noventa por cento das listas. E, por mais que os caras gostem de zoar com as garotas, quando o assunto é sério eles querem garotas como Cecillia.

Tem alguns caras que estão na faculdade e chegando na idade de arranjar uma parceira fixa, uma namorada séria para sossegar, mesmo que às vezes eles tentem fugir disso, existem garotas que nos fazem pensar em tê-la mais de uma vez e no quão bom é isso.

A solidão do confinamento do dormitório, a pressão das matérias e provas relâmpagos, saudade de casa, tudo isso é aliviado pelas garotas, que têm algo mágico nelas. Porque, mesmo com saudade de casa e sofrendo o mesmo que os caras, elas ainda arrumam tempo para se preocupar conosco. E eu, no meu segundo período de faculdade, já logo arrumei uma para me prender.

E Max, mesmo que esteja um pouco atrasado para arrumar essa parceira, acho que deve estar querendo isso agora, ele é até um bom partido. Nos quatro anos que o conheço, ele nunca teve uma namorada fixa, não por mais de dois meses. Está com 26 anos e também no último período de Medicina e, pelo comportamento dele, deve estar querendo sossegar. Muitos caras fazem isso. Acabam a faculdade, namorando e começam a testar a vida a dois.

Acho isso bom, eu tinha esses planos antes — *e como tinha* — e eu deveria estar fazendo isso agora.

Saio do carro e entro na lanchonete perto da academia. Saí da faculdade morto de fome e, antes de ir para a academia ver o que Erik quer, vim comer.

Na fila, escuto uma voz familiar brincar com a caixa do estabelecimento.

“Oh linda. Você sabe como eu gosto.”

“Max, não torra minha paciência”, a garota do caixa fala.

Eu a reconheço, mas não me lembro de onde. Ela está falando com Max e visivelmente jogando charme para ele. Com certeza já está doida para dar para ele. Não me canso de ver gente assim. Um querendo comer o outro, mas precisa da caçada, senão, não tem graça.

“Cam, passa logo seu número e eu te deixo em paz.”

“Não enche o saco e toma seu troco.” Ela bate na mão dele, colocando o dinheiro ali.

Max pega o dinheiro, enfia-o na carteira de qualquer jeito e desliza para o lado, deixando a próxima pessoa ser atendida, mas não deixando de paquerar a caixa.

“Não sei por que você não quer sair comigo. Nós já saímos uma vez. Qual o problema em repetir?”

“Ai, meu Deus”, ela resmunga baixo “amanhã nós conversamos”. Ela se vira para a mulher na fila e diz: “Desculpe, senhora.”

“Sem problemas”, a moça fala sorrindo e Max fala por cima:

“Tudo bem, se você não me atender. Vão acabar te expulsando de Harvard por mau comportamento do seu suposto”, ele faz aspas no ar, “namorado.”

Hm... Ela estuda em Harvard.

“Eu te mato e meu pai também, agora se manda.”

Max sorri e pega o saco de papelão com seu lanche. Virando-se para a saída, ele caminha e dá de cara comigo.

Ótimo.

“Fala, Henry. Que cara é essa?”

“Cara de fome e por que você estava azarando a garota ali?”, falo baixo.

“Cam é uma gostosa e”, ele sussurra se aproximando de mim, “chupa um pau que uma maravilha.”

Sinto o sangue saturar nas minhas veias e a pulsação nos meus ouvidos.

“E a Cecillia?”, pergunto, torcendo os punhos de raiva.

Ele franze a testa e coça a cabeça. Parece um mané de primeira.

“Não entendi. Como assim *e a Cecillia?*”

Tento respirar normal, mesmo que o ar esteja condensando nos meus pulmões. Eu vou quebrar a cara dele se ele acha que vai usar a Cecillia da forma tão suja

como faz com as outras. Ai dele se eu ouvir algo do tipo: *Que Cecillia chupa...*

“Vocês não estão saindo?”

“Não”, diz ele, balançando a cabeça e algo passa no seu rosto, uma confusão seguida de esclarecimento. “Ela disse isso para você?”, ele indaga, com a cara séria.

“Não.”

“Ah tá, porque nós só íamos ao shopping. Na verdade, eu ia dar uma carona a ela hoje. Ela disse que ia ao cinema também e eu perguntei se podia lhe fazer companhia. Nada demais, mas ela desmarcou, mandando uma mensagem mais cedo, quando eu estava na aula hoje.” Ele franze a testa. “Por quê? Você está pegando ela?”

De novo, vou quebrar a cara dele.

“Não, só queria entender. Ela disse que ia sair com você e eu acabei de ver você azarando a garota do caixa.”

Ele gargalha. “Porra, Henry. Qual foi? Até você faz isso. Sai com uma enquanto está pegando outras, fora quando está saindo abertamente com três ao mesmo tempo. A da quinta, sexta e sábado. Então não vem bancar meu pai e achar que o que eu fiz foi anormal.”

“Você me ouviu falar algo do tipo?”

“Não, mas sua cara diz tudo e, sua voz de durão.” Ele bate no meu ombro. “Fica tranquilo, que por mais que Cecillia seja uma gracinha...”, ele pisca, “nós somos apenas amigos.”

Cerro o maxilar e ele sorri.

“Agora deixa eu ir, vou comprar minha fantasia para a festa do Halloween amanhã. Estava pensando em mafioso ou gigolô. O que acha?”

Rio, sem conseguir frear meus instintos, e balanço a cabeça.

“Acho que gigolô é o melhor.”

Ele pisca. “Foi o que eu disse a Felipe.”

Bate no meu ombro de novo e, quando a fila anda e sou eu o próximo, ele se despede e dou três passos para o caixa e faço meu pedido.

Max acabou de mostrar que eu hoje estou apostando em todas as fichas erradas, porque com certeza ele não está preparado para sossegar, ou ele está caidinho por essa caixa e está correndo atrás dela. Inferno. É melhor eu parar de supor as coisas por hoje.



Levanto-me da cama para pegar meu celular em cima da mesa. Dei uma passada em casa rapidinho antes de ir para o trabalho arrumar minha mala. Não vou levar muita coisa, porque no meu loft em Manhattan tem algumas roupas que deixei lá e, até o ano passado — quando ainda passava por lá —, elas me serviam. Espero não estarem todas comidas por traças, porém duvido muito. Scott deve ter mandado alguém ir lá, ou minha mãe, ou até meu pai.

“Fala, Scott”, eu digo, atendendo a ligação.

“Espero que sua passagem esteja comprada.”

Resmungo, meu irmão parece estar querendo me tirar a paciência. “Não, ainda não a comprei.”

“Henry”, escuto-o respirar fundo, “se você não vier, todos vão ficar tristes”.

“Caralho, Scott. Você já falou que eu vou?”

“Claro que sim e todos estão ansiosos para te ver. E, se você não vier, vai deixar não só Rebecca triste.”

“Está bem, e eu vou comprar a passagem na hora do intervalo do trabalho”, asseguro a ele. “Por sua causa. Enfim, eu tenho que trabalhar até tarde hoje, e se prepare. Vai me ver só amanhã de manhã aí.”

“Contanto que você esteja aqui para o almoço. Ótimo!”

“Certo, agora me deixe terminar de arrumar minha mala, a propósito”, falo, com sarcasmo.

“Te vejo amanhã”, murmura ele sem humor e encerra a ligação.

Estou ficando cansado dessa pressão toda que meu irmão está botando em mim. Eu não deveria ter dado as costas para esse problema por tanto tempo, para minha família.



Às duas e meia, estou entrando na academia e tenho uma surpresa muito inesperada, inesperada mesmo. Nunca imaginaria Cecillia... trabalhando aqui. Sigo o caminho, indo em direção a ela, que está conversando com a menina da loja de roupas de malhar e acessórios, que fica dentro da academia. Se ela apenas estivesse conversando, eu não estaria achando estranho, mas ela está ajudando a pendurar algumas roupas na arara que fica dentro do meio da loja. E vejo tudo pela vitrine.

“O que você está aprontando aqui?”, pergunto, entrando na loja.

Ela leva um susto e pula. “Quer me matar?”, ela resmunga, com a mão no coração.

É engraçado esse jeito de Cecillia. Ela normalmente está tão distraída das outras pessoas à sua volta, concentrando-se no seu mundinho, que é muito fácil assustá-la. Eu já perdi as contas de quantas vezes isso acontece conosco.

“Não”, sorrio de lado, “mas o que você está fazendo? Vai trabalhar aqui?”

“Bem que ela poderia mesmo”, diz Molly, sorridente.

Ela suspira e nega com a cabeça. “Não, apenas estou ajudando a Molly porque a menina que trabalha aqui não chegou ainda.”

“Hmm... Okay. Quando terminar pode ir comprar as passagens?”

“U-hum, sem problemas.”

“Certo”, digo para ela, e me dirijo para Molly. “Boa tarde.”

“Boa tarde, Henry.”

Faço um aceno com a cabeça e saio fechando a porta pesada de vidro.

Passando em frente à loja, escuto Cecillia soltar um gritinho, dizendo que não. Dou uma olhada e ela está com o rosto para baixo e as bochechas vermelhas. Rio e caminho para o vestiário dos professores. Entro ali e dou de cara com Jorge.

“Você vai me cobrir hoje. Sabe disso né?”, ele logo fala.

“Sei, Jorge, deixa de me amolar e vai para casa.”

Abro meu armário e coloco minha mala esportiva e tiro o casaco para ficar apenas com o uniforme do trabalho. Calça de tãtãl e blusa de malha antiaderente, mesmo que por mim eu daria aula sem camisa, mas se eu fizesse isso, minhas alunas se tornariam umas malucas taradas. Aqui está cheio de senhoras assanhadas e universitárias mais assanhadas ainda. Seria com toda certeza uma merda.

“Amolar merda nenhuma. Fiquei o dia todo aqui ontem e Junior cobriu duas aulas suas também.”

Maravilha. Agora ele vai me cobrar o favor com juros e o cacete.

“Tá, Jorge.” Assinto, sem paciência para prolongar a conversa. Estou irritado hoje, o que não deveria estar acontecendo. Depois de uma noite como a de ontem, era para eu estar feliz.

Fecho o armário, tranco-o e giro os pés, saindo do vestiário com Jorge falando atrás de mim que está com vontade de chamar uma garota para sair, mas ele acha a garota muita areia para o caminhão dele. Ao meu ver, acho que se ele acha isso, ela é uma garota para namorar ou muito especial, e ele não está a fim disso agora, é melhor não apostar nisso. Vai ficar com a cabeça uma merda, como a minha está, depois de transar com Cecillia.

Estou me sentindo e me comportando como um garoto de dezesseis anos. Isso me tira dos eixos, só que ainda a quero de novo. Ela é tão gostosinha e só de pensar do que fizemos ontem me deixa duro. Sacudo a cabeça para clarear meus pensamentos, despeço-me de Jorge nas escadas.

Subo de dois em dois degraus, já me aquecendo para o treino, e entro na sala de boxe.

“Boa tarde, lutadores. Por que não estão se aquecendo?”, indago, com a voz séria, apenas para fazer efeito, pois eu não sou tão filho da puta assim. “Vão! Corrida, corda e flexão. Cinco de cinquenta, revezando.”

“É para dar cinquenta voltas na sala?”, a aluna novata pergunta.

“Não, segundos”, respondo, e ligo o som no volume baixo. “No total serão quase quinze minutos de aquecimento. Melhorou agora?”

Ela abaixa a cabeça e anda para o canto da sala para pegar uma corda.



Termino minha garrafa d’água quando os alunos da minha penúltima aula saem da sala de boxe e troco de blusa. Faltam dez minutos ainda para os alunos do Krav Maga entrarem, então está de boa tirar a blusa e colocar outra, bem rápido. Troco a blusa suada, pegando na mala esportista — que trouxe comigo para a última aula, para sair direto daqui para a minha casa, tomar banho ligeiro e correr para o aeroporto — a limpa e guardando a suja no saquinho.

Cecillia comprou as passagens enquanto eu estava dando a aula de boxe. O voo está marcado para uma da manhã. Então pretendo sair daqui às 23h20, assim que trancar a academia. Hoje vou fechar apenas com o segurança, o pessoal com certeza vai sair apressado para alguma festa pré-Halloween.

Alongo o corpo, para não parecer um velho à beira da cadeira de rodas, e meus alunos não ficarem de zoação com a minha cara. Hoje, na segunda aula de boxe, sacanearam-me porque tomei um soco de um aluno antigo. *Motivo? Pós Cecillia vs. Querer Cecillia.* Estou um cuzão sem saber o que fazer. Quero muito transar com ela de novo e, se eu continuar assim, vou acabar agarrando-a de repente. Só espero que eu não apanhe dela também.

Escuto alguém bater à porta e me viro, com um pensamento corriqueiro: *Por que estão batendo à porta? Deve ser algum aluno idiota envergonhado.*

“Entra”, falo, parado de braços cruzados perto do som.

Com um sorriso acanhado e os cabelos presos no alto em um rabo de cavalo, Cecillia adentra a sala. “Oi, Jorge pediu para te dar um recado.”

Encosto na mesa e aceno com a cabeça para ela continuar. Ela está tão linda e

sexy com a calça de ginástica colada no corpo e uma blusa de lycra também, juntando seus pequenos seios. Por falta de um esconderijo, apenas mando um recado para o meu pau: *acalme-se, amigo*.

“Parece que ninguém vai participar dessa aula. Ninguém se inscreveu para ela, então não vai ter.” Ela dá de ombros e sorri sem graça. “A academia está vazia, na realidade.”

“U-hum”, faço, acenando com a cabeça, e é ridículo ter esse pensamento infantil. Uma luz acende em cima da minha cabeça. “Entre. Hoje a aula é particular para você.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Que você vai ter aula comigo agora.” Ando, aproximando-me dela, e coloco a mão na parede, fazendo meu corpo se inclinar, e com a outra mão na cintura. “Estou livre, como você sabe.”

Ela fica com os olhos alarmados e dá um passo para trás, tentando pegar a maçaneta da porta às cegas. Sou mais rápido e seguro o pulso acelerado dela.

“Qual o problema?” Estou com a impressão de que ela não quer ficar perto de mim...

“Eu não sei lutar”, ela murmura, e olha para a sala com o chão e a metade das paredes acolchoados, com os olhos arregalados como se houvesse espinhos nas paredes e no chão.

“Ei, calma. Eu vou te ensinar, não duelar com você”, digo, puxando seu rosto pelo queixo para mim.

“Mesmo assim.” Ela balança a cabeça. “Eu vi uma menina ontem sair da aula de Krav Maga dizendo que quando fica pelada parece um dálmata.”

“Um dálmata?”, pergunto, tentando não rir.

“É, cheia de manchas roxas.”

Dou risada e não acredito no que ela disse. “Isso é horrível, e nem sempre acontece. Tem meninas que são incríveis nas aulas de luta, só para você saber.”

Ela suspira e seguro a maçaneta por cima da minha mão. A palma de sua mão está levemente suada e, lentamente tiro a minha da maçaneta, e viro a palma para cima, entrelaçando nossos dedos. Puxo-a para mim e passo um braço pelos seus ombros.

“Não seja medrosa, pequeninha e fraca.” Falo isso porque sei que ela detesta.

Ela cerra os olhos e sorri levemente. “Eu não sou medrosa.”

“Está parecendo”, zombo.

“Não, e eu não sou pequena também. Tenho um metro e setenta e dois de altura”, ela diz, batendo com a ponta do dedo no meio do meu peito com mão livre.

Rio levemente e, como se ela não pesasse nada, tiro seus pés do chão e giro nossos corpos. Dou dois passos e, quando vejo, estou com o corpo dela preso em minhas mãos, na parede. Cecillia arfa com força e seus olhos focam na minha boca e os meus também vão para a dela. Lentamente ela se coloca nas pontas dos pés e eu inclino meu rosto para baixo.

De repente ela desce o corpo e dá um giro, saindo dos meus braços, chega para o lado e dá um pulo para trás de mim, seguidos de pulinhos. Está me desafiando. Franzo a testa, surpreso.

“Quem te ensinou isso?”

Ela sorri e desvia de mim de novo, lógico que estou me fazendo de idiota. “Vi em um filme e sempre quis fazer, e aprendi na aula de Muay Thai ontem.”

“Que filme, sua pequena sorrateira?”

Dá risada, jogando a cabeça para trás. “No filme da Sandra Bullock. *Miss Simpatia*.”

“Hmm... Acho que já ouvi falar, mas vem aqui.” Vou chegando perto e ela tenta fugir de novo, mas seguro-a pelos antebraços e faço o corpo dela girar, fazendo um X com braços em cima do peito e com suas costas colada ao meu peito. Inclino o rosto para baixo, e minha boca fica perto do seu ouvido.

“Consegue sair desse agora?”, murmuro.

Ela resmunga, forçando os braços para baixo, puxando com força, o que faz com que o meu aperto fique mais firme e ela, mais presa a mim.

“Péssima decisão.”

“Então me ensina, professor. Como saio daqui?”

“É fácil, seja uma nerd e pense.”

“*Argh*, Henry. Você que é o professor de lutas e defesa pessoal. Me ensina e cala a boca.”

Dou gargalhada e giro os pés, levando-a comigo e mantendo um pouco de espaço entre nossos corpos, possivelmente minha ereção crescente pode ser sentida se eu encostar nela mais alguns centímetros.

“Me solta”, ela reclama, puxando de novo os braços.

Abro as mãos e jogo-a para a frente. Ela cambaleia e rapidamente seguro sua

cintura, desço meus joelhos e impulsiono nossos corpos para o chão. Rolamos e eu paio sob ela, no canto da sala onde ficam as luvas, bandagens e os aparadores de chutes.

“Ai, meu Deus”, ela murmura ofegante.

“Calma, presta atenção. Fecha os punhos na gola da minha camisa, puxa como se fosse fechar, me enforcando, e levanta os joelhos. Sempre metodicamente, estamos treinando.”

“Tem certeza?”, ela pergunta, respirando rápido.

“Sim, estou te ensinando a se defender. Presta atenção.”

Ela fecha minha gola e levanta os joelhos, como mandei.

“Agora, empurra seu corpo pra cima um pouco, escorregando”, ela faz e continuo: “Levante o cotovelo do braço esquerdo na direção do meu ombro direito e acerte — empurrando — o meu esternocleidomastoideo.”

“O que você disse?”, questiona piscando os olhos com velocidade.

Rio do seu espanto. “Você não sabe o que é o esternocleidomastoideo?”

Ela franze a testa e os olhos fazem um movimento de rotação e depois ela pisca uma única vez. Seu olhar de cientista curiosa. *Tão linda.*

“É esse aqui?” Ela passa o dedo delicadamente no músculo grosso do meu pescoço.

“É esse aí mesmo. O músculo inervado pelo nervo espinhal. Sabia que você ia acertar”, respondo a ela, e engulo em seco porque seu dedo continua no mesmo lugar, se mexendo, acariciando meu pescoço.

Ela abre um leve sorriso e engole em seco também com os olhos focados onde seu dedo está passando para cima e para baixo lentamente.

“Lembre-se sempre de acertar esse músculo ou o osso temporal. Ninguém aguenta a dor, fica tonto ou desmaia.”

Ela assente e sua língua molha os lábios que ficaram secos de repente. Passo meus braços por baixo dos seus, dobro os punhos em seu ombro, fazendo-a ficar embaixo de mim, perfeitamente em um abraço. Suas pernas deslizam, alongando-se nas minhas. Nossos corpos ficam muito perto, colados. Cecillia deixa escapar um gemido e fecha os olhos.

Que se foda.

Abaixo o rosto e beijo sua boca, faminto por mais um pouco dela. Primeiro acaricio seus lábios, lambendo-os e beijando-os, depois meto minha língua na sua boca. Suas mãos sobem para os meus cabelos, puxando-os sem muita força,

e ela abre mais a boca, escorregando sua língua sob a minha. Ela suga minha língua docemente. Seu gosto me deixa maluco e faminto por mais. Quero chupá-la em todos os lugares, sua boca, seu pescoço, seus mamilos e a parte sensível das suas coxas, antes de realmente chupar sua boceta apertadinha.

“Você realmente fechou a porta?”, pergunto, ofegante.

Ela assente, ainda de olhos fechados.

“Quem está na academia?”

“Jorge e Junior já estavam indo embora quando eu subi, e as duas professoras da piscina estavam tomando banho. Acho que agora não deve ter mais ninguém. Por quê?”

“Porque eu quero muito foder você agora e não quero que ninguém chegue aqui e me interrompa” *e veja você nua*, completo mentalmente.

Ela engole seco, auditivo. *Merda. Acho que peguei pesado.*

“Lógico, se você quiser. Certo?”

Seu peito sobe conforme ela pega uma respiração forte e profunda, e seus olhos brilham. Ela também quer, mas de novo está pensando muito.

“Será que hoje você poderia aproveitar o momento e parar de pensar? Relaxe e sinta o prazer de ter prazer Cecillia. Se solte, vamos.” Incentivo-a, beijando sua boca rapidamente.

Esfrego minha ereção no seu meio. Ela suspira e as mãos correm dos meus cabelos e braços para baixo, entre nossos corpos, e ela passa as mãos no meu torso, quando me afasto para beijar seu queixo, sua garganta, seus ombros e os seios por cima da blusa.

Sentando nos calcanhares, trago-a comigo e arranco a blusa de lycra do seu corpo, junto com o top esportivo, levemente úmido por seu suor. Seu aroma está apurado pelo suor, um misto do cheiro da sua colônia — o 212 Sexy feminino que ela ganhou da madrinha, e do qual vive falando — com seu próprio cheiro. Minha boca foge para seus mamilos duros e sensíveis. Ela arqueia as costas, retesa os músculos, se agarra aos meus braços para não cair, e as pontas dos dedos apertam meus braços, as unhas perfuram levemente minha carne.

“Ah! Henry.” Ela geme, mordendo os lábios.

Passo a língua do seu mamilo até a clavícula e impulsiono seu corpo para se deitar de novo. É irreal essa cena. Nós dois aqui prestes a transar na minha sala de aula de autodefesa. Nunca tive isso como sonho erótico, mesmo tendo umas alunas realmente gostosas, mas agora eu pareço ter sonhado com a cena de comer Cecillia aqui há muito tempo. Graças a essa aula e ao Halloween, minha

bolsa está comigo e isso quer dizer que minhas camisinhas estão comigo.

“Merda, estou faminto”, sussurro com a boca perto do seu ouvido.

Ela geme dolorosamente e suas pernas sobem, enlaçando minha cintura. Ela retesa as coxas, apertando as pernas em volta de mim, pedindo-me sem palavras para eu chegar aonde ela está sentindo um vazio. Minha mão percorre seu corpo e vai para dentro da sua calça de lycra. Gemo ao descobrir que ela está sem calcinha e muito molhada.

“Hmm... Sem calcinha?”, murmuro sorrindo para ela.

Cecillia sorri com um canto só da boca. “Incomoda quando estou correndo. Não gosto de usar calcinha com legging.”

Aperto os olhos, excitado com essa ideia dela sem calcinha.

“Então você está sempre sem calcinha por aqui?”

Ela assente e dá um sorrisinho. “Geralmente sim, só quando venho de calça de moletom que uso.”

“Oh cacete, Cecillia”, rosno e dedilho seu calor molhado.

Minha boca encosta-se novamente na dela e beijo-a com furor. Merda. Sempre que ela estiver aqui — sem calcinha — será uma luta. Puta que o pariu. Minha nerd vai me levar à loucura. Como alguém não muito sexualmente ativa pode ser tão sexy assim? E por que estou tão excitado? Meu pau está latejando.

Com pressa, ergo o corpo e saio da minha blusa. Peço para ela me soltar e, levantando-me, puxo-a comigo. Rapidamente tiramos nossas roupas. Jogamos nossos tênis para os ares, tiramos as calças, eu, a cueca e ela, sua legging. Vendo-a nua na minha frente, agarro-a e dou beijos no seu corpo. Acaricio sua pele sedosa e macia.

Eu me ajoelho, deslizando as mãos por suas curvas, na sua frente. Depois levanto o rosto, olhando para ela de baixo. Seus olhos brilham maliciosamente e os lábios estão sendo mastigados. Ela está ansiosa, e suas mãos estão em meus ombros, trêmulas.

Afago suas panturrilhas, suas coxas, aperto sua bundinha e afasto um pouco suas pernas. Ela respira profundamente quando aproximo meu rosto das suas coxas e arfa quando beijo a parte interna dessas coxas macias, que eu descobri ser meu ponto favorito no seu corpo. Faço desenhos com meu nariz na sua pele, chegando na sua boceta.

As pernas dela tremem e passo a língua nos seus lábios vaginais. Ela é incrivelmente doce e suave. Cheio de tesão, rapidamente e na velocidade certa, empurro seu corpo para trás e ela se recosta na parede e suas pernas se abrem

mais, para o meu deleite, e abocanho sua boceta.

“Caralho”, ela murmura, e agarra meus cabelos com força. “Henry!”

Faço círculos lentos e rápidos no seu clitóris. Meus dedos abrem seus lábios e sugo-os com mais força. Ela dá um berro abafado e eu passo dois dedos na sua entrada. Faço isso com os dedos e a língua até ela gozar, caindo de joelhos e arfando.

Eu a abraço e giro nossos corpos, deitando-a no tatame debaixo de mim.

“Quer mais, está pronta?”

“O quê? Co-como assim?”, ela balbucia, confusa.

“Você não está mesmo dolorida de ontem?”

Ela sacode a cabeça, negando, e as mãos não param de acariciar e massagear meu corpo. Eu gosto das suas mãos em mim, são calorosas e macias.

Dou um beijo na sua boca, ficando razoavelmente sem fôlego, e engatinho até minha bolsa no chão, que está perto de nós. Pego o pacotinho de preservativo e tiro uma camisinha dali de dentro. Infelizmente só vai dar para uma rodada. Volto para ela que, puta merda, abriu as pernas para eu ficar no meio.

Caralho, vou meter tão fundo que o grito que você vai dar vai até acordar os fantasmas de Salém nesse Halloween.

Seus olhos de repente se arregalam quando estou quase terminando de pôr a camisinha. Não é possível que ela esteja espantada com isso, transamos ontem.

“O que houve?”, pergunto, me abaixando.

Ela suspira com força e balança a cabeça.

“Fala. Você está com medo? Nós já transamos e te juro que da segunda vez não dói como na primeira. Ainda é um pouco desconfortável, mas não é do mesmo jeito. Bem, é isso que todas as meninas falam, inclusive a idiota da minha irmã que me deu essa informação gratuita.”

Ela ri e olha para minha garganta, em vez de olhar nos meus olhos. “Não é isso, não estou com medo de transar de novo. Só me espantou o que você disse.”

“O que eu disse?”, franzo a testa.

Ainda mais desconsertada, ela responde baixinho: “Sobre ir tão fundo, que os fantasmas vão acordar.”

Merda.

Puta que o pariu.

“Eu disse isso em voz alta?”

Cecillia assente, sorrindo e olha para os meus olhos. “Foi engraçado, mas um pouco assustador.” Cerra os olhos, cínica. “E não era para eu ouvir?”

Resmungo um palavrão e inspiro com força. “Na realidade, não. Eu achei que estava pensando.”

Ela levanta os ombros rindo, como dissesse: *Lamento idiota, você falou essa frase ridícula em voz alta para mim.*

Rosno e pego as coxas dela com força e me encaixo nela.

“Vou arrancar esse seu sorrisinho besta da cara e te foder de jeito. E os fantasmas vão acordar mesmo, até as bruxas do filme que minha irmã gosta.”

Ela geme e morde a boca. “Que filme?”, curiosa, ela pergunta no meu ouvindo, quando estou com a boca no seu pescoço.

“Um tal da Disney que passa todo Halloween. Um que tem uma música hipnotizante que ficamos cantando depois que o filme acaba. Aquela merda me irrita.”

“Abracadabra? Eu pus um feitiço em você?”, ela indaga, e ao mesmo tempo ela geme, me querendo.

“Essa merda mesmo”, falo, voltando a olhá-la nos olhos.

Ela abre um sorriso enquanto gargalha. “Eu amo esse filme.”

“Foda-se e agora vou fazer um abracadabra”, digo, pincelando sua entrada e espalhando sua excitação com meu pau.

“Ai, Henry”, ela geme. “Eu não conhecia esse seu lado idiota”, ela diz, murmurando.

Enfio um pouco na sua entrada. “Nem meu lado grosso.”

Ela tenta rir, mas eu meto fundo dentro dela e um grunhido de prazer toma lugar do riso. Sussurro como ela está apertada e molhada, tiro e enfio de novo. Puta merda, estou mergulhando meu pau em um pote de mel. Tão molhada e macia. Meto de novo e o apertão delicioso que seu canal faz no meu pau me faz acelerar os movimentos.

Merda.

Put a merda.

Cacete.

Eu preciso desacelerar, não quero gozar agora. Agarro sua cintura para ficar no lugar, no chão, e impulsiono meu corpo para cima e para baixo, circulando minha pélvis, fazendo-a gemer. Ela tenta se mexer, mas ainda não sabe o que faz.

“Cecillia, se mexa comigo. Se abre.”

Ela abre a boca em um grito mudo quando ergue a pélvis e vou mais fundo. Abraço mais seu corpo e mordo seu pescoço, minhas mãos deslizam para sua bunda, puxando seu corpo ao encontro do meu. Tão bom.

“Assim, continue.”

“Ah! Henry. Meu Deus.”

“Sinta, mexa comigo.” Beijo seu rosto. “Tão bom, minha pequena.”

As mãos dela apertam meus bíceps fortemente, as unhas cravam na minha carne. Fico feroz e embalo com força, socando sem parar, bem fundo. Cecillia geme e puxa meus cabelos. Por onde minhas mãos passam, minha boca segue o caminho, acariciando sua pele com meus lábios. Ela fecha os olhos e geme de novo e de novo.

Minha nossa! Meu Deus, que delícia. Beijo sua garganta e o som dos nossos corpos, de eu fodendo-a, está me deixando animalesco, ainda mais aceso. Mais excitado.

“Você sente o quão molhada você está?” Tiro meu pau todo e volto a penetrá-la devagar. “Caralho, eu vou gozar. Você está perto?”

“U-hum”, ela geme.

Ganho um ritmo frenético e bombo, para dentro e mais a fundo, até sentir minhas entranhas se comprimirem e eu cair no abismo. Um precipício prazeroso em que fico com Cecillia por segundos, sem fôlego.

É delicioso para caralho. Foda. O apertão no meu pau é sinistro e as unhas dela estão no meu pescoço, com os polegares na minha garganta, fazendo um carinho distraído. Antes que o som do seu grito saia, abaixo o rosto e beijo-a, enquanto gozamos juntos.

Meu braço está tremendo, estou suado demais e ela está debaixo de mim como uma estrela do mar, toda espalhada. Braços e pernas jogados de todos os lados e a cabeça entre minhas mãos, dos meus braços cansados dobrados em arco ao lado do seu rosto. Vou diminuindo o beijo e separando nossas bocas, saindo de cima dela e caio para o lado.

“Minha nossa, essa foi foda.”

Cecillia solta uma respiração misturada com um gemido cansado, sem se mexer. Acho que ela está tão fraca quanto eu. Minhas pernas estão mortas.

“Se eu não estivesse aqui e não precisasse ir para Nova York, eu dormiria agora, com certeza. Essa foi realmente uma foda.”

Ela faz um som de repreensão com a garganta e, olhando para o seu rosto, vejo-a balançando a cabeça em negativa e rindo.

“Que foi? Você ainda não aprendeu a gozar da vida?”

Ela dá risada e olha para mim. “Você é ridículo. Achei que fosse menos babaca que os outros caras da faculdade.”

Não gostei muito da comparação, mas vou continuar a levar na brincadeira.

“Hum,” resmungo, “lamento te decepcionar”.

“Não esquentar. Até que é engraçado e eu não me sinto uma tonta por transar com meu amigo.”

Abro um sorriso e giro o corpo de lado. Tiro uma mecha de cabelo do rosto dela e beijo de leve sua boca.

“Também gosto de transar com você, *amiga*, e com o tempo você esquece esse lance de eu ser um Deus do sexo.”

“Mas eu nunca disse isso, Henry”, fala franzindo a testa.

“Quase isso.”

Ela cerra os olhos, brincando, e se senta. “Fica quieto.”

“Tudo bem”, digo, e quando ela resolve se levantar, fico olhando para sua bela bundinha.

Levanto do chão também, tiro a camisinha e coloco-a no lixo da sala de aula. Visto minha roupa junto com Cecillia vestindo a dela e verifico se algo está evidenciando nossa brincadeira suja aqui. Tudo limpo, pego minha bolsa e o saco de lixo — é claro que eu não vou deixar esse lixo aqui — e saio da sala, apagando as luzes.

A academia está vazia. Dou uma olhadinha pelos salões enquanto desço e também no andar principal e nos vestiários, pedindo para Cecillia me esperar na portaria. Minutos depois, eu a encontro tagarelando com o segurança.

“Henry, meu jovem. Está tudo em ordem, pode ir.”

“Obrigado, Carlos. Tenha uma boa noite.”

“Pra vocês também”, disse, dando uma piscadela de mim para Cecillia.

“Boa noite também, Carlos, e feliz Halloween”, ela diz, sem perceber nada.

Faço um aceno com a cabeça e ando para o meu carro, estacionado em frente à academia.

Ah, *merda*. Agora vou ter que aturar as suposições dele. Que se foda, ninguém tem nada a ver com a minha vida. Com quem eu transo.



“Não, henry. Tira, tira, tira!”, Cecillia esperneia.

“Ah, por que isso? Só mais um pouquinho.”

“Não consigo mais.”

“Por mim.”

Ela fecha a cara, olhando para mim cerrando os olhos e fazendo bico. “Não! Nem por você e por nada. Por que você está fazendo isso comigo?”

“Eu não estou fazendo nada com você”, dou um beijinho nos seus lábios, ainda com um bico fofo. “Só quero assistir ao filme.”

“De terror”, ela resmunga, e cruza os braços. “Você sabe que eu vou ficar nervosa e não vou dormir. Por mais que não tenha paredes e um lugar debaixo da cama, porque ela é box, para um monstro se esconder. Eu tenho medo.”

Enrugo o nariz, brincando com ela.

“Que exagero.” Sorrio, derrubando-a no sofá, deitando-a debaixo de mim. “Você já enfrentou essa boneca e passou muito bem”, beijo-a, e um sorriso denuncia-se em sua face, “e afinal, você está comigo. Qualquer coisa eu arrebento essa boneca.”

“Deus me livre. Nem de brincadeira quero isso. Para!” Ela me empurra. “Muda de filme. Não quero assistir Annabelle, é horrível esse filme.”

Estamos no meu loft em Manhattan, chegamos em Nova York há uns vinte minutos e estamos sem sono às 3h30. Compramos comida chinesa na esquina da avenida Columbus com a 85 e andamos depressa para o meu prédio, na 86, uma quadra depois do pequeno restaurante, e entramos correndo nele.

Graças à minha mãe — eu acho — encontrei tudo no lugar e limpo. Notei que vieram aqui hoje mesmo. Lavaram as louças — tirando o pó delas —, trocaram as roupas de cama e limparam a casa. Ainda abasteceram a geladeira com leite, ovos, bacon, refrigerantes, água engarrafada, suco de laranja, frango e frutas; há também bananas, morangos e laranjas no cesto de frutas.

Reviro os olhos e pego o controle da TV — ligando a TV a cabo —, ainda deitado sob Cecillia. Começo a zapear pelos canais e ela resmunga em cada um. As escolhas são limitadas hoje, madrugada do fim de semana do feriado de Halloween e Dia dos Mortos. Então só tem filme de terror ou...

“Você está de brincadeira?”, diz ela, batendo no meu peito.

Dou risada e viro meu rosto para ela. “Olha, ou você assiste a algum filme de Halloween ou Sexy Hot.”

“Henry!”

Abaixo a cabeça para morder seu lábio inferior. Ela geme e sinto-a ficar rígida.

“Nós podemos assistir a um pouco de filme de sacanagem para você aprender um pouquinho. Que tal?”

“Eca! Que nojo, e eu fui tão ruim assim?” Sua voz sai dois tons mais alto, mostrando vulnerabilidade.

“Não, e mesmo que fosse o caso, você não tem culpa, você está aprendendo.” Pisco.

Ela sorri envergonhada e desvia o olhar. “Eu sei”, sussurra.

Abandonando o controle remoto no chão, chego minhas mãos para cima e pegando o rosto dela em minhas mãos.

“Você está arrependida?”

“Não, eu já disse que não. Só um pouco...”, ela deixa a frase morrer. “Deixa pra lá.”

“Um pouco insegura?”

“Não”, ela diz, balançando a cabeça.

Fito-a, concentrado, e não acredito no que eu vejo. “Você está envergonhada?”

Ela faz uma cara de culpada e entorta a boca.

“Não acredito nisso. Você está com vergonha de mim, porque nós transamos”, falo, voltando a me sentar no sofá.

“E daí?”, ela me pergunta, virando o rosto para mim e sentando ao meu lado.

“E daí?! Porra, Cecillia. Nós já transamos duas vezes e você ainda está envergonhada por isso. Não deveria.”

“Acho que você não está entendendo o motivo.”

Viro para ela e cerro os olhos. “Então me explique.”

Ela exala com força e junta as mãos e puxa as pernas para cima, abraçando-as com os dedos entrelaçados na frente. “É porque eu sou... uma... Como você disse, estou aprendendo, e você é todo fodão, experiente e...” Ela levanta os ombros. “É isso. Você é incrível na cama e eu já ouvi muitas histórias de você pela faculdade e ficar com alguém como eu... deve ser um tédio para você.”

Enquanto sou obrigado a ouvir esse discurso ridículo, quase arranquei todos os cabelos da minha cabeça.

“Que ridículo isso, Cecillia.” Giro o corpo, ficando de frente para ela, e coloco

as mãos nos seus joelhos. “Não é porque eu sou experiente e bom de cama e seja lá o que for que eu não posso ficar com você. E, se eu não quisesse, não teria ficado com você e não teria repetido. Para de palhaçada. Experiência se adquire.”

Ela abaixa o rosto e sacode a cabeça. Respiro fundo e, com o mínimo de esforço, consigo pegá-la e coloco-a no meu colo. Soltando um risinho, ela abraça meu pescoço, mas ainda com o rosto para baixo.

“Hum”, resmungo, “olha para mim.” Ela faz isso e eu olho no fundo dos seus olhos dourados. “Não fica pensando isso e me aproveite.”

“Como assim?”, ela me pergunta, franzido a testa.

“Já que eu sou tão bom de cama”, levanto do sofá com ela nos braços, “você pode aprender”, chego na cama, “comigo e ficar tão boa quanto eu. Já te disse isso”, falo, deitando-a e ficando em cima dela.

Cecillia levanta os ombros levemente e morde as bochechas para não abrir o sorriso que é óbvio nos seus olhos.

“Isso é um sim?” Beijo seu pescoço. “Hmm?”

“É, pode ser”, ela diz, e suas mãos escorregam pelas minhas costas, por cima da camisa de manga longa. Acho que ela adora essa parte do meu corpo. Já eu, adoro todas as partes do seu pequeno e macio corpo.



SÁBADO, 31 DE OUTUBRO DE 2013

OLHO PARA TODOS OS CANTINHOS DA CAFETEIRA com muita atenção, tentando achar onde fica o botão de ligar. Estou com fome — na realidade, faminta — e vim fazer um café e comer alguma coisa.

Estou acordada há um tempinho, enquanto Henry está todo esticado na cama. Mal tinha levantado e corri para o banheiro para fazer xixi, minha bexiga estava estourando, após fazer minha higiene matinal: escovei os dentes, lavei o rosto e fui catar as roupas do chão de ontem à noite que ficaram espalhadas no loft, na parte do quarto.

Depois que dobrei todas elas, tomei banho e coloquei uma calça de moletom e uma blusinha leve, que não me esquentou, e eu fui obrigada a pegar o casaco gigante do Henry, que me engole. Eu tinha amanhecido hoje apenas com a camiseta dele, porque não aguentei o frio de madrugada e, pelo visto ele também não, pois colocou uma outra blusa, mas da cintura para baixo, apenas a cueca.

Nós transamos ontem pela terceira vez, agora aqui em Nova York. Eu não sei se isso acontece para todas as meninas, mas depois da segunda vez, começa a realmente ficar melhor. Na realidade, fica muito, muito bom mesmo. Desde a segunda vez eu comecei a curtir ter relação sexual e amei. Realmente foi maravilhoso e Henry me levou à loucura na academia. Doeou um pouco e não foi porque era apenas minha segunda vez, mas, sim, porque ele foi muito fundo dentro de mim, um lugar incandescente. Acho que era o lugar que chamam de ponto G.

Já da terceira vez, ontem aqui, foi incrível, maravilhoso e selvagem. Ele me comeu de um jeito diferente e louco, ainda em cima de mim, mas puxou minhas pernas para o alto, deixando meus calcanhares nos ombros dele. Fiquei incrivelmente exposta e molhada, eu sentia minha excitação e meu desejo no

auge. Henry foi incansável nas suas metidas. Deus! Eu achei que fosse desmaiar de tanto prazer e gozei sentindo as estrelas no meio das minhas pernas. Patética demais essa comparação, mas foi gostoso e eu estou gostando disso.

Acordei sorrindo e com os braços dele em cima de mim, prendendo-me. Foi a primeira vez em que acordamos realmente juntos e eu gostei disso. Adorei os braços dele me prendendo no colchão e no seu peito, e adorei sua respiração quente no meu pescoço. Com a lentidão de uma lesma, consegui tirar os braços dele de cima de mim e saí da cama, relutante, porque estou com fome. Pelo amor de Deus. Por que estou com essa fome? Será que a Annabelle — peste, megera, filha de uma p...

JÁ ENTENDI, PROSSIGA — Frody.

Enfim, ela tinha razão sobre ficarmos com fome quando transamos muito. Acho que essa teoria é um fato...

COMPROVADO.

CALLA A BOCA, FRODY.

Recosto meu quadril no mármore da bancada da pia e contemplo o lugar de Henry. O bom do loft é que ele é amplo e não preciso ficar abrindo portas e procurando onde ficam os cômodos, como fiz na casa do Henry lá em Boston. Aqui não tem como eu entrar em um quarto errado, ou no banheiro pensando que é o quarto. É fácil, tudo está à vista, quarto, sala — onde fica a TV — e a mesa de madeira com quatro cadeiras próximas e bem perto da cozinha planejada. E o espaço da cozinha é enorme, e fica bem depois do pequeno hall de entrada, com um aparador no canto e com porta-retratos. A única porta da casa é o banheiro: fácil, amistoso e limpo.

O loft foi decorado com os móveis mais modernos e sem muita sofisticação. É um lugar que grita masculinidade. Janelas grandes com molduras de um cinza prateado, igual à porta do apartamento. O prédio tem aspectos industriais. Tem canos — pintados de cinza-prateado também — pelo teto que se misturam aos lustres artesanais feito de latinha de refrigerante. O lustre é uma obra de arte e fica quase no meio do loft. As paredes variam de tijolos vermelhos — nas janelas — e pintadas de branco rústico, que parece paredes sujas, as quatro pilastras que ajudam a sustentar o prédio são pintadas de preto, e o chão é de madeira escura.

Todo o design e a pintura do ambiente completam a decoração da casa com móveis de madeira escura, sofá branco de couro e poltronas de veludo preto, os aparelhos de TV, DVD e o home theater são pretos e de última geração. As cortinas cor de cinza-escuro e grossas nas longas janelas de um metro e meio de

altura — ou mais — são lindas. O espaço é muito grande e alto, deve ter mais de três metros de altura.

Eu gostei daqui, é bonito e a cara de Henry, muito mais que o apartamento dele em Massachusetts. É lindo e arejado, exageradamente limpo, e aposto que alguém veio aqui limpá-lo ontem. Essa fixação por limpeza não mede esforços. Não perguntei se vieram limpar ao Henry logo que chegamos, não quero que ele pense que eu acho sua família e ele neuróticos com limpeza. Não que eles não sejam.

Depois de muita insistência, acho o *diabinho* do botão preto de ligar e apertar. *STRUMB-STRUMB*, é o barulho que faz a cafeteira, ligando. *Amém*.

Enquanto espero o café passar — por sinal, descafeinado e de uma marca cara —, abro a grande geladeira de porta dupla de aço inox, assim como o micro-ondas e o fogão, ao lado da bancada da cozinha com armários, para pegar uma baguete, ovos, queijo e manteiga. Pego os pratos no armário de cima da pia, a faca, no armário debaixo, na gaveta, e começo a fazer os sanduíches para nós.

Uns minutos depois, escuto um barulho e levanto o rosto. Vejo Henry caminhar, vindo da cama, que fica a vinte passos da cozinha. Ele deve ter ido ao banheiro, bem silenciosamente, e colocou uma calça de flanela cinza. Ele está lindo demais. Os cabelos desgrehados, que eu adoro, e a barba por fazer e os pés descalços.

“Não está com frio nos pés?”, indago, indicando com o queixo seus pés.

Ele continua caminhando até mim e, enquanto isso, repouso os pratos com os sanduíches e um café fumegante no balcão da cozinha, para comermos sentados nas banquetas com pés de aço e cadeira acolchoada e um encosto alto. Tudo muito planejado para ser confortável.

Ele sorri e coça a cabeça, fazendo os músculos de seu peitoral flexionarem-se. Sorrio e tento não ficar cobiçando — descaradamente — seus braços descobertos.

“Não”, responde ele com a voz rouca, e dá um giro no balcão da cozinha, ficando na minha frente e bem perto de mim. “Bom dia. Você dormiu bem?”

“Bom dia, e dormi, sim.” Sinto minhas bochechas corarem quando ele põe as mãos na minha cintura. “Fiz café e sanduíches para nós”, murmuro, quase sem voz.

Henry assente e me puxa para ele. “Percebi, mas tenho uma notícia chata pra te dar.”

“O quê?”

“Meu irmão está nos esperando para o café da manhã na casa dele”, Henry fala, e enfia as mãos dentro do meu casaco, espalmando as mãos na minha lombar.

Ai, que é isso?!

Meu corpo se arrepia todo, mas finjo não perceber isso.

“Hum... poxa vida.” Dou de ombros pateticamente.

“É”, ele brinca e aproxima o rosto mais perto do meu, “poxa vida”.

Fico sem ar quando ele desliza as mãos pelas minhas costas e sei que ele sente como me arrepio com seu toque na minha pele. Ele dá um beijinho no meu nariz, nas maçãs do meu rosto, nas minhas bochechas e, finalmente, na minha boca. Fecho os olhos e suspiro.

Primeiro apenas os lábios tocam os meus, lenta e suavemente, e depois sua língua lambe minha boca. Minhas mãos deslizam pelos braços dele. Sinto seus músculos se flexionando enquanto ele acaricia a lateral do meu corpo. Abro levemente os lábios, deixando-o correr com sua língua no meio.

Henry puxa meu lábio inferior, sugando-o e mordendo-o, e enfia a língua, então eu abro a boca e sinto sua língua se enroscar na minha. Minhas mãos sobem até seus ombros e passo as pontas dos meus dedos pelo seu pescoço até estar segurando os cabelos da sua nuca.

Ele geme na minha boca quando gemo também e o beijo suave acelera-se, tornando-se feroz. Ele suga minha língua, fazendo um barulho, e morde meus lábios, e sua língua volta a estar dentro da minha boca de novo. Eu gosto do beijo dele. Ele parece não saber se quer ser suave ou selvagem. Doce ou dominante. E eu não sei se quero submissão ou poder. Quero os dois, por isso abraço seu pescoço, trazendo-o mais para junto de mim.

Ele resmunga e aperta meu corpo ao encontro do dele, abraçando-me, e as pontas dos seus dedos, com os braços cruzados em minhas costas, ficam perto da curva dos meus seios. Isso faz com que eu gema na boca dele. E isso faz com que ele deixe de me abraçar para correr as mãos ao longo do meu abdome e apertar meus seios.

Ai, meu Deus. Quero gritar, mas não quero parar de beijá-lo. É tão bom. Ele também parece não querer largar minha boca. Ele me beija com fome e eu sinto o meu desejo, querendo mais, fico maluca com ele, perco-me nele e me derreto toda.

Minha mãe santíssima, salva-me.

Henry agarra minha cintura, puxando-me para ele, e dou um pulo quando ele

me força a sentar no balcão da cozinha. Suas mãos puxam meu casaco e ele o tira, puxa minha blusa e a tira também. Fico nua da cintura para cima e faço o mesmo com ele, jogando sua camisa para fora do nosso alcance. Ele sorri e volta a me beijar, e suas mãos nunca deixam de acariciar meu corpo.

Enrosco minhas pernas nele e meus dedos dos pés pinçam o elástico da calça, puxando-a e empurrando-a para baixo. Ele fala um palavrão na minha boca e enfia uma das mãos na minha calça.

“Caralho, como você está molhada”, ele diz, me beijando ainda.

Seus dedos dedilham meu clitóris e beliscam a pontinha. Solto um grito na sua boca e, curiosa, enfio as mãos dentro da calça dele e encontro seu membro duro. Arfo de desejo e acho que fico mais molhada quando sinto seu pau em minhas mãos.

Afasto meu corpo, esquivando-me para trás, e olho para baixo, com as mãos em volta dele. É grande, grosso, tem veias grossas, a cabeça é um pouco maior e pode parecer estranho, mas acho bonito. E ele faz a higiene nessa região, eu já tinha percebido que ele não era um homem peludo aqui como alguns homens que eu vi quando assisti filme pornô e isso facilita que eu veja ele *todo*.

“Você olhando para o meu pau assim é um sonho erótico pra mim. Vou gozar só por causa disso”, ele murmura no meu ouvido e morde a pontinha da minha orelha.

Afasto-o de mim, empurrando o seu peito delicadamente.

“Me deixe ver.”

“Okay”, ele diz com humor, e eu o ignoro, fascinada com seu pênis na minha mão.

Passo a ponta do meu dedo em toda a sua extensão, fazendo-o estremecer, e espalho o líquido que escorre da cabeça do seu pau em volta de toda a cabeça. Henry aperta a minha coxa direita com uma mão e ele enfia dois dedos em mim, surpreendendo-me. Aperto seu pau por reflexo e ele aperta meu clitóris com a ponta do seu dedão.

“Eu não tenho mais camisinha, acabaram ontem.” Seu sussurro arfante, sai cortado.

“Então temos que parar?”, pergunto, morrendo só de pensar nele tirando sua mão de mim agora.

Por favor, não. Por favor, não.

“Não, não mesmo”, ele respira com a boca no meu peito. “Vamos ter que nos contentar com nossas mãos e eu, com certeza, quero chupar essa bocetinha

doce.”

“Ai, caramba.”

Essas coisas safadas que ele fala enquanto está excitado e transando comigo me deixam *doente*. Quero-o me chupando, fodendo-me com os dedos, com a língua ou com seu pau maravilhoso. E até penso nele na minha boca. Será que ele gosta disso?

“Você pensa na minha boca em você?”

“Oh, cacete, Cecillia.” Ele tira os dedos e os enfia de novo, no mesmo momento em que suga meu mamilo e me puxa mais para a frente. *Vejo estrelas*.

“Hmm... Henry!” Gemo e puxo o cabelo dele com a outra mão. “Vo-você... você pensa nisso?”

“Com toda certeza que sim.”

Ele tão logo responde e eu aperto seu membro, deslizando minha mão ao longo dele. Henry mordisca meu peito, circulando com a língua na aréola e aperta o outro com a mão livre.

“Aperta meu pau para a frente e para trás”, ele fala, com a voz entrecortada. “Isso, pequena. Ai, caralho, eu vou gozar.”

“Vai gozar só porque minha mão está fazendo isso?”, pergunto, sem ar, sentindo minhas entranhas doerem de desejo com os dedos longos e habilidosos dele.

“Vou, eu vou gozar na sua mão... nas suas coxas”, ele fala, e começa a movimentar o corpo para a frente e para trás, fodendo minha mão cerrada em punho. “Deixa a mão firme e parada... Isso, assim, desse jeito.”

Ele está fodendo a minha mão e isso é incrível. É incrível como eu o estou dominando e ele retribui com sua mão na minha boceta. Os dedos massageiam meu núcleo — que aperta seus dedos de vez em quando — e fazem círculos no meu clitóris. A boca lambe, suga e morde meus seios. Sua pélvis vai para a frente e para trás e seu pau desliza no meu punho fechado.

Começamos a arfar mais depressa, a gemer mais alto, e sua boca sobe — beijando meu pescoço — até encontrar a minha. Sua mão se acelera, levando-me ao orgasmo iminente, e a outra aperta meus cabelos assim como eu também aperto os dele. Eu sei que estou batendo minha primeira punheta em um homem e isso é delirante para mim.

Surreal.

Seus movimentos aceleram-se, os músculos do seu abdome se retêm e ele

abandona minha boca para aperta minha coxa com força. Ele está chegando lá... está perto do orgasmo e eu sinto o meu segundo tão logo, de novo. *Como isso?! Mas ele volta a me beijar e seu beijo fica mais apressado, e enfim seu gozo atinge minhas coxas. Ai, caramba, que coisa mais sexy.* Ele também gozou na minha mão e não sei se era para eu achar isso excitante e sexy, mas eu acho.

Ele chama meu nome e suas mãos agarram meu corpo pela cintura. Ele empurra as coisas atrás de mim e...

Choramingo porque ele deixou de me tocar, mas grito quando ele mal me coloca deita no balcão e sua boca está em mim.

“Merda... que delícia.” Solto um grito abafado e agarro os cabelos dele com a cabeça no meio das minhas pernas.

Sua língua está dentro de mim, fazendo pressão nas minhas entranhas e os dedos brincam com meu clitóris, girando, girando e girando. Abraço seu pescoço com minhas pernas, minhas coxas se contraem na tentativa de não o apertar e o sufocar. Levanto minha pélvis, estimulando-a a colocar mais força e... e...

“Henry!”

Meu segundo orgasmo me atinge como um suspiro profundo e ele tem que segurar minhas pernas em cima sob seus ombros. Meus pulmões ardem com a força que faço para respirar e como o clima de Nova York é frio, isso está queimando meu peito. Minha boca está seca e meus pontos sensíveis estão mais sensíveis. Estou mole.

Puxo o ar com força, arfando. Sinto-o passar a língua no meu abdome até meus seios e sou puxada para cima, ficando sentada. Ele ergue meu corpo e me abraça.

“Vamos. Scott está esperando.”

“U-hum”, resmungo, e ele ri.

Envolvo minhas pernas no corpo dele e ele caminha pelo loft e entra no banheiro comigo.

“Tome um banho rápido e aí sairemos mais rápido ainda.”

Assinto quando ele me coloca sentada na bancada da pia do banheiro. Olho para ele e vejo que sua calça está no lugar. Ele liga o chuveiro e volta para mim.

“Vou limpar a bagunça na cozinha”, ele fala, com humor e com os olhos brilhando, “e já volto para tomar banho também. Não enrole muito se arrumando.”

“U-hum.”

Ele beija meu nariz e sai.

Sacudo a cabeça, refrescando meus pensamentos, e pulo da bancada. Entro no box, fecho o blindex e vou para debaixo do jato d'água quente. Suspiro por causa da água e por causa dos orgasmos. Hmm... Eu gosto muito mais do Henry homem do que o Henry amigo. É bom receber esse prazer todo dele. Estou ficando viciada nisso: em nós.



O irmão do Henry mora no Central Park East, ou seja, com certeza ele tem dinheiro. Morar em frente ao Central Park não é para qualquer um. Enfim, Henry preferiu vir andando, o apartamento do irmão é apenas na virada da rua dele, uns dez minutos de caminhada e, conversando com ele mal percebi a distância, e estamos agora na porta do prédio.

Tudo grita luxo, o porteiro tem aqueles uniformes de porteiro de filme. Estou me sentindo no filme da Julia Roberts, “Uma Linda Mulher”. Caramba, eu acho que meus jeans, casaco de couro preto, cachecol de lã bege e as botas de cano alto não estão no nível desse lugar. Quero me enterrar viva.

“Por que você está parada aí?”, Henry diz, pegando minha mão e me puxando para dentro do prédio.

“Bom dia, senhor Frinsheens.”

Henry faz um gesto com a cabeça, cumprimentando o porteiro, e caminha com passos largos para o elevador com portas douradas. Reviro os olhos pelo luxo todo. Ele digita um código no painel digital e começamos a subir para... para a cobertura.

Caramba, é sério isso?!

Viro o rosto para Henry e o vejo cerrando o maxilar. Parece estar remoendo alguma coisa, bate o pé e aperta meus dedos, porque não soltou minha mão ainda.

“Está tudo bem?”

“Está”, ele responde.

“Okay.” Assinto, atônita.

O elevador para e as lindas portas, que por sinal, por dentro são feitas de espelho, se abrem. Respiro fundo e sou levada para dentro do hall de entrada da casa. Logo que entramos, uma senhora rechonchuda e com feições carinhosas — dá vontade de abraçá-la — aparece. Ela está vestindo um terninho azul marinho e sapatos sociais.

“Meu Deus, como você está bonito”, ela diz, com reverência, e Henry abre um

sorriso afetuoso e me solta para ir abraçar a senhora.

“Senti muito sua falta, querido. Como você está?”, ela pergunta quando se afastam.

“Estou bem, Robie”, ele responde, e dá um passo para trás, colocando a mão no meu ombro. “Robie, esta é Cecillia, minha amiga”, e vira o rosto para mim quando termina, e diz: “Cecillia, esta é a mulher que cuidou de mim desde pequeno. Minha mãe precisava de ajuda para aturar a mim e ao Scott.”

“Eu coisa nenhuma. Fui um santo quando moleque”, diz um homem alto, sorridente e com os olhos azuis piscina.

Ele é muito bonito, a barba levemente grossa, os cabelos são encorpados, não são cortados baixos como os de Henry. O corpo é largo e pela camisa social dá para notar os músculos. Ele é uma versão da genética de Henry, só que parece sorrir bastante. As marcas dos olhos são expressivas, mas não o deixam com a aparência velha. Pelo que lembro, Scott é apenas três anos mais velho que o irmão.

“Não é agora, imagina quando pequeno. Hum, de jeito nenhum”, completa, entrando na brincadeira, uma mulher que vem andando atrás dele. Ela é linda. Todos são lindos e loiros, de olhos claros. *Minha Virgem*.

Robie e Henry riem e ele fala:

“Viu, Linda está ao meu favor.”

“E você tem razão.” Robie coloca a mão no braço de Henry. “Você era muito calmo quando pequeno, mas seu irmão...” Ela deixa a frase morrer e todos riem novamente.

“Ah, deixe disso e deixa eu abraçar meu cunhado.” A mulher loira com uma barriga enorme — ela vai dar à luz a qualquer momento — fala sorrindo.

“Me abraçar?” Henry brinca, abaixando o corpo e retribuindo o abraço como consegue. “Você quis dizer, tentar me abraçar.”

Ela ri nos seus braços e quando se afasta, seus olhos estão marejados.

“Senti sua falta”, ela balbucia, chorosa.

“Linda.” Henry murmura o nome dela com carinho e beija seu rosto.

“Me ignore, estou muito emotiva e é culpa do seu sobrinho.” Ela limpa os olhos e acaricia a barriga.

“Você vai dar à luz quando? Amanhã?”, Henry brinca.

“Estou só esperando o momento. Não é, amor?!”, Linda fala, virando-se para o marido, que abraça os ombros da esposa e aperta rapidamente a mão de Henry,

e vira o rosto para mim. “Não vai apresentar sua amiga?”

“Com licença, vou terminar o que estava fazendo”, Robie comunica rapidamente, afagando o braço de Henry, “Estou muito feliz com você aqui.” E nos deixa.

Ele suspira e vira o rosto para o irmão e a cunhada. Ele está parecendo tão estressado. Nunca o vi assim.

“Scott, Linda, esta é Cecillia, minha amiga, fazemos faculdade na mesma universidade. Cecillia, este é meu irmão — sobre o qual você já sabe um pouco — e minha cunhada — que tem que o aturar. Ou seja, ela é uma sofredora.”

Scott ri, assentindo, e quando olha nos meus olhos, percebo que ele tem os olhos mais azuis do que cinza, como os do irmão. Os ombros são largos, os braços, fortes, e ele tem a altura de Henry. Está vestido com roupas sociais, calça, camisa branca e sapatos sociais. Sua esposa — Linda — está com um vestido leve longo, cor salmão, que flutuou quando ela caminhou para o hall. Ela tem olhos azuis claros, um rosto angelical, cabelos loiros claros e um sorriso encantador. Ela me lembra uma das minhas Barbie.

“Engraçado”, Linda diz, e vira o rosto para mim. “É um prazer conhecê-la, finalmente.” Sua voz é tão doce. “Fico feliz de que esteja aqui e você vai adorar a festa de Halloween da Rebecca.”

“Obrigada, estou ansiosa.” Agradeço, mas não deixei de perceber o que ela falou. *Finalmente me conhecer*. Como assim?

“Diz isso agora”, Henry resmunga, e Scott fala em cima:

“Então, o que ele andou falando de mim?”, ele pergunta, e cerra os olhos curiosos e brincalhões.

“Ah, o de sempre. Que tem uma família grande e que você é o mais velho dos irmãos.” Dou de ombros, ainda me sentindo sem graça.

“E que me perturba e gosta de mandar em mim.”

“Isso também”, murmuro, e sorrio.

“Hum”, Scott resmunga. “Mando porque você é cabeça dura às vezes e alguém precisa colocar um pouco de pressão nas suas costas pra você ceder alguma hora.”

Henry assente, concordando, e cruza os braços em cima do peito.

“Ótimo ponto de vista.”

“Claro que sim. Ele é advogado”, diz Linda com humor, e enlaça o braço do marido. “Mas agora vamos parar de conversar e vamos comer. Estou morrendo

de fome.”

Caminhando para dentro da casa, Scott murmura alto para todos ouvirem, mas fingindo ser um segredo para a esposa:

“Querida, você vive com fome.”

Ela ri e o belisca. “Só nos últimos nove meses.”



O café da manhã foi muito bom, e eu adorei Scott e Linda. Eles me deixaram à vontade. Conversamos sobre várias coisas bobas. Como eu conheci Henry etc., e apesar de Henry estar meio distante, foi bom. Agora estou saindo do banheiro quando escuto a voz de Henry vindo de dentro do escritório do Scott — eles fizeram o tour comigo pela casa, para conhecer tudo e não errar as portas —, e a voz dele não parece muito satisfeita ou feliz.

“Nós vamos agora para o seu apartamento, pegar suas malas”, Scott fala, frio.

“Primeiro, eu não trouxe mais do que minha mochila de viagem, e segundo, eu não vou ficar na casa deles.”

“Henry, mas que merda. Eu não quero ter essa mesma conversa com você de novo.”

“Eu fico grato por isso”, Henry diz, com ironia.

“Não comece com suas palhaçadas e você não vai conseguir fugir dela por muito tempo. Mesmo que não durma lá, você vai vê-la de qualquer forma. Você vai ver.”

Vê-la? Quem? Ela quem?

“Eu sei disso e não estou pronto.”

“Não me importo, só cumpra com...”

“*Cecillia.*” Linda chama meu nome e fujo de perto da porta do escritório, para não me pegarem atrás da porta ouvindo.

“Oi.”

“Ah, querida, me ajude com essa caixa aqui”, ela me pede, tentando pegar uma caixa de papelão que está em cima do sofá. “Minha barriga não me deixa fazer nada. Não vejo a hora desse garotinho nascer”, ela fala, e alisa a barriga.

“Hmm...”, dou de ombros. “Deve ser cansativo mesmo, e pode deixar que eu pegue a caixa.”

“Obrigada, e vamos logo para o elevador.” Ela pega um saco plástico enorme, que parece ter algodão de tão leve, pega sua bolsa também — que é mais cara do que meu iPhone 5 — e seguimos para o hall. “Scott, querido, venha logo.

Rebecca está me esperando.”

“Amor, você não vai ajudá-la, como todo ano”, ele diz, vindo do escritório, e tirando as coisas da mão dela — na verdade, tentando tirar, pois ela não as solta.

“Oras, por que não?”

“Você não vai poder ajudá-la com essa barriga enorme e eu não posso deixar você fazer muito esforço. A médica disse que você deveria repousar agora. Está quase chegando a hora.”

Sigo-os, entrando no elevador. Cadê Henry?

Linda resmunga e afaga a barba do marido. Viro o rosto para não ver essa cena tão íntima de marido e mulher. Eles são fofos juntos.

“Não se preocupe e se os esforços para ajudar Becca a preparar a festa hoje fizerem minha bolsa estourar e esse menino nascer... agradeça”, diz ela. E ri.

“Hum. Eu não acho isso uma boa ideia, mas... com você, ou é do seu jeito, ou é do seu jeito.”

“Ainda bem que você sabe. Agora, vai resgatar seu irmão do... Ele está no banheiro?”

Scott engole em seco e assente. “É, é, no banheiro. Vamos descer logo, ele nos encontra lá embaixo.” Vira o rosto para mim e diz: “Tudo bem com você ir conosco, ou quer esperar Henry?”

“Ah... Hmm... Não sei. Acho que tudo bem eu ir. Não?”

“Claro que sim”, Linda fala, alegre. “Vamos.”

Ela aperta o botão e logo o elevador desce, nos levando para a garagem. Franzo a testa quando saímos e Scott olha curioso para mim.

“Por que essa cara?”

“Ah... Eu apenas estou pensando onde é o portão da garagem. Na frente do prédio não tem nada.”

Ele ri caminhando, para um Escalade preto luxuoso.

“As garagens dos prédios aqui em Nova York ficam ao lado dos prédios, como ruas estreitas e com portão.”

“Ah...”

“É, eu sei. Nova York é cheia de surpresas.”

Ele abre a mala para colocar os sacos dentro, eu ponho a caixa. Fechando a mala, ele vai para o lado do motorista e eu abro a porta traseira ao lado do passageiro. Não se passam nem cinco minutos e Henry entra também no carro,

sentando-se ao meu lado.

“Vai para o meu apartamento logo, antes que eu perca a paciência”, ele diz para o irmão, sem o mínimo de entusiasmo.

“Tudo bem.” Scott fala sério também.

Saímos da garagem pela 84 e pegamos rapidamente a Central Park East, passamos uma rua e voltamos para a rua do prédio do Henry, que é a 86. O carro faz uma manobra — porque o prédio fica na outra calçada — e para. Henry pergunta se tudo meu está na minha mala e eu respondo que sim, ele sai, dizendo que não vai demorar. Quinze minutos depois ele volta com as nossas coisas. Scott liga o carro e seguimos o percurso da rua até que entramos na 85 Transverse, que corta o Central Park para a Quinta Avenida.

Nossa, eu nunca tinha passado de carro por dentro do Central Park, na verdade, há muito tempo eu não vejo esse lugar. É tão bonito, verde e natural. No meio da maior potência global e urbana, fica esse pedacinho da natureza. É magnífico.

Acabamos de cortar o Central Park, atravessamos a Quinta Avenida e entramos na 84. Scott entra na Madison e andamos um longo pedaço, passamos por várias ruas, até ele entrar em uma e parar na frente de um portão de ferro — como da garagem do seu prédio. Um cubículo. Entramos, ele estaciona o carro, e enfim saímos.

“Vamos com isso rapazes.” Linda bate as mãos, incentivando-nos a acompanhá-la.

Entramos no elevador e eu sinto algo embaraçado no clima, não sei o que houve com Henry e o irmão, mas desde que os ouvi no escritório, sinto que Scott está tenso e Henry, travado. Rapidamente o elevador nos leva para a cobertura — novamente é tudo ultraluxuoso, como o do prédio de Scott — e, ao se abrir, dou de cara com um hall excepcional.

Enquanto Scott e Linda invadem a casa, eu caminho lentamente, admirando o ambiente. Tudo é lindo, o lindo lustre de cristal no hall brilha com os reflexos da luz do sol vinda das três grandes portas francesas da varanda ao longe e os pontinhos de luzes no teto, acesos. As portas estão abertas e fazendo leves ondas nas cortinas de seda, que lembram o tecido de um vestido de noiva. O aparador de madeira rústica no cantinho direito do hall contém fotos de todos os membros da família. Do outro lado, há um quadro com uma pintura abstrata plana e branca, por sinal muito bonita, e a moldura de madeira envernizada.

O chão é de porcelana com um grande tapete persa de estampa clássica e simples. O chão brilha muito. As paredes são creme e os rodapés, as colunas e os

acabamentos das bordas das portas são de cor branca. Indo para a sala de entrada se encontra as duas poltronas estilo Imperial acolchoadas nos braços, nas bordas e com pés dourados de madeira. E um sofá maior, com o mesmo toque Imperial e dourado. A mesa de centro tem os pés dourados e o tampo de marfim.

Na parede — adjacente às portas francesas da varanda —, o espelho que cobre boa parte dela, sem moldura, chama minha atenção. Em baixo dele tem outro aparador com mais porta-retratos e um vaso com flores copo-de-leite originais, não daquelas artificiais.

Depois dessa sala incrível vem uma outra salinha com uma mesa de tabuleiro estilo antigo, com peças de tabuleiro de granito, e mais um sofá branco de três lugares em forma de C na parede, onde tem um bar emoldurado com vidro e... ouro?

Meu Deus! Onde eu vim parar?!

Ao longo das salas, uma parede corta o ambiente e duas colunas fazem a entrada da área da sala de jantar com uma mesa escandalosamente perfeita e obviamente caríssima. Tudo tem detalhes em branco, marfim, mármore, dourado, e um chão em que dá pena de pisar. As dez cadeiras têm encostos altos, são forradas em branco e têm pés de madeira escura. O tampo da mesa é de vidro espelhado nas bordas e os pés são do mesmo material das cadeiras. Na parede final do ambiente tem um buffet com portas envidraças, que permitem ver as louças caras e os copos de cristal. Tudo é impecavelmente lindo, caríssimo e limpo.

“Olá.” Uma menina com cabelos ruivos e olhos tão azuis quanto o céu de verão, me cumprimenta quando paro de babar pela casa.

“Sou Rebecca”, ela diz, sorridente.

Fico olhando para ela, toda arrumadinha com um vestido de princesa e cabelos tão bem tratados que parecem falsos. Escuto Henry rir ao meu lado, abaixando-se para pegar a menina nos braços e suspendendo-a.

“Que saudade de você, sua pentelha”, ele fala, com ela nos braços.

“Eu também estava com muita, muita saudade de você.” Ela dá um beijo no rosto do irmão, ao que ele retribui, antes de colocar a menina de volta no chão, mas continua abraçando-a. Ele se afasta levemente dela e se vira para mim.

“Cecillia, está é minha irmã mais nova, Rebecca.”

“Oi, Rebecca, é um prazer lhe conhecer. Ouvi falar muito de você”, digo, sorridente, pois seu sorriso é contagiante e, quando suas bochechas ficam coradas, eu me desmancho por ela. *Que fofa.*

“Hmm... O prazer é meu, mas eu não ouvi nada sobre você, na verdade sobre nada.” E olha para o irmão, zangada. “Henry não liga mais pra mim.”

Ele geme, brincando, e bagunça os cabelos dela. Ela bate em suas mãos e se afasta dele.

“Não seja rude, e eu ligo sim para você.”

“Mentira”, a menina fala acanhada, e olha para mim de novo. “Você é a nova namorada do meu irmão?”

“Ah... e-e e...”, gaguejo pateticamente. “Não.”

Ai, caramba, criança é uma merda. Eu tinha esquecido que ela só tem onze anos, está com a língua afiada.

“Não, ela não é, senhorita repórter”, Henry brinca.

Assinto enquanto ele fala, mas não sei por que eu não gostei de ouvir isso. É verdade, eu não sou namorada dele. Sou amiga, apenas a melhor amiga dele com quem ele faz sexo às vezes. Eu não era para ligar para isso. Mas algo dentro do meu peito se contorce dolorosamente.

“Rebecca!” Uma garota com cabelo rosa-claro e a boca e olhos de Henry vem na nossa direção. “Sua pestinha. Vai ajudar Linda com os fantasminhas pra sua festa.”

“Tá bom.” Rebecca sai sorrindo, com o humor recuperado. Crianças.

“Oi, irmão.” A outra irmã de Henry fala, olhando para ele com tanto amor e saudade que dá para sentir. Ela se joga nos braços dele, que a acolhe de pronto, e chora baixinho, sussurrando: “Saudade de te abraçar. Muita mesmo.”

“Eu também, Mandy” Henry murmura, e viro o rosto para não parecer uma bisbilhoteira.

Mandy é linda como Henry, os olhos e a boca, mas tem o nariz do irmão mais velho. Já a pequena não se parece com nenhum deles dois, apenas com Scott, e quero dizer, os olhos e um pouco a feição do rosto. Os cabelos são ruivos bem claros. Lindos.

Eles se soltam depois de um tempinho e Mandy limpa os olhos, virando-se para mim, e sorri.

“Muito prazer em conhecê-la, Cecillia, e desculpe a minha irmã. Ela não tem filtro.”

Rio e balanço a cabeça. “Não tem problema.”

“Okay, agora me deixe levar você para o quarto de hóspedes.”

“Você mandou preparar um quarto pra ela?”, Henry pergunta, curioso,

seguindo a irmã junto comigo.

Novamente estou de boca aberta e não presto atenção no que eles falam. O corredor por onde caminhamos é iluminado e, a cada etapa do ambiente, ao passar pela casa, se tem um arco de madeira em branco contrastando com as paredes cor de areia, e luminárias lindas com formato de cálices. Nas paredes há poucos quadros com retratos da família, janelas longas e lindas cortinas de seda. Eu me sinto em um castelo.

“Linda mandou mensagem hoje de manhã”, escuto Mandy falar, “na verdade, ela me acordou e falou que você veio acompanhado. Então preparei um quarto para ela e o seu é o seu, né?” Ela dá de ombros e para, abrindo uma porta depois que passamos por um canapé sem encosto, recostado à parede.

Sigo Mandy para dentro do cômodo e acho que estou em um filme de gente rica. O quarto é lindo e a cama é de dossel branco. As roupas de cama são convidativas e cor de pérola. Cortinas grossas de seda — sempre —, do mesmo estilo de todas as outras da casa. Na cama há uns oito travesseiros, no chão, um tapete marrom de algodão, e eu vou levar um dos abajures da mesa de cabeceira para mim. São perfeitos.

“Nossa, que lindo”, falo, com a voz boba. “Muito obrigada.”

Ela sorri com ternura e Henry coloca minha mala no pequeno sofá nos pés da cama.

“Não foi nada.” Mandy passa por mim e caminha até a porta e, antes de sair, dá uma olhada em Henry, e diz: “Lá em cima em dez minutos.”

“Está bem”, ele murmura, e ela fecha a porta, nos deixando a sós.

Fico olhando para o seu rosto — ainda virado para a porta fechada —, com o maxilar rígido, e as mãos, em punhos cerrados. Ele está tão estranho. Será que a pessoa que ele não quer encarar já está aqui?

“Qual é o problema?”, indago, com a voz baixa.

Ele dá de ombros e anda até a cama, sentando-se na ponta, mas logo joga o corpo, deitando-se.

“Nenhum, só estou exausto apenas por estar aqui.”

“Por quê? Você não adora sua família? Eu achei que sim, e eles com certeza te adoram.” Vou me aproximando dele.

“Sim. Eu os amo, não me entenda mal”, ele fala sem olhar para mim, “só que tem uns problemas que eu deixei aqui, que agora eu irei encarar, e isso não é uma coisa que eu desejo.”

Suas palavras e o jeito como ele falou isso me fazem chegar mais perto dele e me sentar ao seu lado. Giro o corpo para poder olhar para seu rosto e ele abre os olhos, fitando-me.

“Tente não ficar muito apreensivo como você está, Henry, sua família vai perceber. Encare isso que você tem que resolver de uma vez só.”

Ele balança a cabeça e respira fundo.

“O que eu tenho que resolver é apenas isso: encarar este problema e não poder fazer nada. Não tem nada que eu possa fazer para consertar esse problema, Cecillia.” Sua voz está tão melancólica.

“Então você vai continuar fugindo?”

Ele faz um som descrente e ergue o corpo, sentando-se do meu lado e virando o corpo para o meu. Fica olhando para o meu rosto — inúmeros segundos — e logo suas mãos estão acariciando minhas bochechas, segurando meu rosto. Fico tocada com o como seu gesto me deixa mole e quente. Sem contar como seus olhos pedem socorro, mas eu não sei o que fazer e nem sei do que se trata para tentar ajudá-lo.

“Eu queria poder ter sua jovialidade e o seu espírito. Você sempre está pensando que tudo vai ficar bem no final, mesmo que você tenha sofrido tanto, você consegue ainda ter fé.” Ele contrai o maxilar. “Como você consegue?”

As batidas do meu coração aceleram-se para conseguirem bombear o sangue pelas minhas veias e eu não ter um AVC com vinte anos. Minha respiração está tão acelerada quanto no nosso primeiro beijo. Pisco e puxo o ar...

Porque

Estou

Sufocando.

“Não sei”, sussurro tão baixo, que não sei se ele entendeu.

Ele sorri de lado e suavemente aproxima o rosto do meu e começa a beijar meus lábios. Sua mão direita vai para trás da minha cabeça e pega um tufo do meu cabelo, guiando minha boca para junto da dele. Suspiro e ele enfia sua língua dentro da minha boca. Solto um gemido baixo e enrosco minha língua na dele.

E

Estou

Entregue...

Calmamente ele me puxa para os seus braços e, quando dou por mim, estou

em cima dele, deitada na cama. As pontas dos meus dedos correm pelos seus braços e os fecho, abraçando seu pescoço. Seu rosto está erguido para poder me beijar. Sua língua faz movimentos lentos, carinhosos, e suas mãos afagam meu corpo.

“Eu tenho que ir”, ele murmura enquanto me beija, como se não quisesse ir.

Sorrio enquanto nos beijamos e tento ajeitar seu cabelo, passando as mãos neles. Henry gira nossos corpos, ficando por cima de mim, mas ainda não me solta. Ele me beija de novo, seus lábios acariciam meu pescoço, meu rosto e param na minha orelha, e ele murmura:

“Eu vou agora.”

Assinto e sorrio, acariciando seu rosto. “Está bem, vai lá.”

Dando um beijo estalado em mim, ele se afasta, saindo de cima de mim. Ele me puxa, para ficar de pé também. Faz um último carinho no meu rosto e, ao respirar fundo, volta a ficar tenso. Volto para ele um olhar de expectativa e incentivo, fazendo-o sorrir, e me dando um beijo leve na testa, ele caminha para a porta, abre-a e, antes de fechá-la, pisca.

“Ah...” Suspiro e solto uma risada.

Eu me jogo na cama, porque me sinto estranha. Não sei o que é de tão complicado para ele fugir dessa maneira. Não reconheço esse homem que saiu da casa do irmão, não é definitivamente o mesmo que me deu dois orgasmos na cozinha e que me beijou quando pegamos o caminho para a casa do Scott, abraçando-me pelos ombros. Queria poder ajudá-lo, mas não sei o que fazer. Se ao menos ele conversasse comigo sobre o problema.

Escuto batidas à porta e pulo da cama para ver quem é. Com certeza não é o Henry, ele não iria bater. Não precisa, né?

“Oi, Rebecca!”, exclamo, surpresa.

“Oi, você poderia me ajudar? Linda e eu estamos quase terminando a decoração, mas ela não me deixa subir na escada e ela também não pode, e Mandy, Scott, Henry e papai não estão pela casa. Então pensei que...”

“Ah claro que sim”, interrompo-a. *Ela fala mais do que eu. Minha nossa.*

“Então venha”, ela pega minha mão e me puxa. “Temos que acabar antes do almoço. Rachel vai fazer meu prato favorito hoje: macarrão com almôndegas de frango.”

Muitas informações ao mesmo tempo. Pisco e quase tropeço quando a sigo para o terraço da casa. *Minha nossa! Que lindo.* O terraço — ou seria uma varanda? — dá de frente para a linda vista do Central Park, e mesmo que o clima

esteja frio, o céu de outono em Manhattan é estonteante. O lugar é metade coberto por um telhado de madeira de trepadeiras de dente-de-leão e um vidro por cima, para realmente não deixar chover ali, e nesta parte há um deque de madeira clara, onde fica um lindo pequeno jardim de paisagismo.

Aqui é enorme e, para a festa, eles têm algumas mesas com cadeiras decoradas para o Halloween, como todo o lugar. Está cheio de caveiras, abóboras, bruxas, teias de aranha. E a mesa mais decorada, que está no meio do ambiente, é assustadoramente linda. Mas me concentro na vista, quando chego no beiral da varanda. Estamos a dezessete andares de altura e a vista daqui é maravilhosa.

“Que vista linda”, falo, admirada.

“É lindo mesmo, e se o parque não fosse tão grande, conseguiríamos ver a escola da Rebecca do outro lado”, Linda comenta e termina de vestir uma boneca, do tamanho de Rebecca, de bruxa.

Olho para a irmã mais nova de Henry quando ela começa a falar.

“Ah, é sim. Minha escola fica do outro lado e Linda sempre vai me buscar. Mandy não pode, porque está na faculdade. Todo mundo está sempre ocupado por aqui. Então Linda vai com o motorista me buscar, às vezes.”

A menina pula contente, sentando em uma cadeira laranja com o encosto de cara de abóbora. Fico perdida com elas falando e pego um fantasma de caveira para vestir na cadeira.

“Isso parece ser legal. Vocês se dão bem, não é?!” , eu falo, olhando para elas.

“Ah sim, eu me dou muito bem com Rebecca, mas não é só por isso que a busco na escola. Essa mocinha faladeira não gosta do ônibus escolar.”

Faço um som de concordância e sorrio. Elas são tão legais e me tratam como se já me conhecem há muito tempo.

“Cecillia, pode pegar aquela abóbora?”, Linda pede.

Assinto e vou até a abóbora gigante com uma careta engraçada.

“Agora, por favor, coloque-a em baixo daquela mesa. A do bolo.”

“Certo.”

Levo a abóbora para a mesa de madeira preta com rachaduras temáticas de Halloween, teias de aranha com pequenas aranhas falsas e várias caveiras e bruxas em cima da mesa. Ergo meu corpo e volto para elas. Logo Linda pede para eu ajudá-la a pendurar a bruxa que ela vestiu na entrada da varanda. E quando estou na escada, um homem de terno a segura para mim.

“Obrigada”, digo, limpando as mãos na minha calça.

“De nada, senhorita.” Ele faz um aceno com a cabeça e passa por mim, para ajudar Rebecca.

Linda, sorrindo, vem de dentro da casa com uma caixinha na mão.

“Espero que Rebecca goste dessa surpresa.”

“Que surpresa?”, pergunto, seguindo-a até a mesa do bolo, onde é coberto.

“É a vela do bolo”, ela diz, como se fosse um grande mistério, e abre a caixa, mostrando-me uma bruxa com cara de caveira de cera parecida com as bonecas da Monster High.

Franzo a testa e ela perde o sorriso.

“Qual é o problema? Você não achou legal a vela?”

“Não, eu achei incrível e muito assustadora. Mas pra que vela para bolo? Vocês levam mesmo a sério essa coisa de Halloween?”

Linda fica confusa.

“Levamos quando é aniversário de alguém, né?” Ela dá de ombros.

“Aniversário?!”, exclamo, espantada.

“É. Ontem foi aniversário da Rebecca e, por incrível que pareça, amanhã é do Adam, meu irmão mais velho. Então sempre fazemos a festa deles juntos no dia trinta e um. Nossas famílias são muito unidas.”

“Oh!” Fico de boca aberta, sem reação. “Eu não sabia que era aniversário dela ontem.”

Linda sorri e faz um gesto com a mão. “Não ligue para isso. O importante é que o Henry está aqui com você. Sério mesmo, nós estávamos com muita saudade.”

“Hmm. Há quanto tempo vocês não se viam?”

“Eu o vi há uns quatro meses, porque Scott levou Mandy, eu e Rebecca para visitá-lo em Boston, mas ele não vem aqui tem *muito* tempo.”

Nossa, eu não sabia que ele estava há tanto tempo sem ver a família. Para mim ele era muito ligado a eles. Realmente, o que está o atormentando é grave. Ele não ficaria tanto tempo assim longe de casa.

Nós duas voltamos para onde Rebecca está com o homem gentil e terminamos de organizar a decoração. E assim, eu descubro que o homem é um serviçal da casa, tipo um mordomo. *Serviçal? Mordomo?* Nossa, isso é muito chique para mim. Eles têm até cozinheira. Meu Deus, Henry é rico e não me disse nada.

“Crianças, o almoço está pronto, venham. Todos já estão à mesa.” Uma senhora encantadora — tanto quanto a da casa de Scott — aparece, comunicando.

“Já estamos indo, Brenda”, Linda fala, e assim que acabamos de colocar o último fantasma na parede, nós duas seguimos com Rebecca, aos pulinhos, para dentro da casa. “Vamos lavar as mãos e aí sim, sentaremos à mesa”, Linda diz, pegando Rebecca pela mão.

Ao terminarmos de lavar as mãos, vamos para a grande mesa de vidro na sala de jantar. Todos se levantam quando chegamos. Mandy está na ponta da mesa e ao seu lado está Henry, no outro lado tem uma mulher — que eu não sei quem é, ainda — e Scott. Meus olhos se focam no homem na cabeceira da mesa.

Ele tem idade para ser meu pai, é alto, tem cabelos castanhos com muitos reflexos grisalhos, um sorriso modesto, que marca suas linhas de expressão e olhos incrivelmente idênticos aos de Henry. É claro, esse é o pai dele. Uma versão de Henry daqui a vinte anos. É um senhor muito lindo.

“Olá”, ele estende a mão quando me aproximo mais dele, porque fui empurrada por Rebecca, “você deve ser Cecillia, sou Henry...”

“Pai”, completa Mandy, e todos riem.

“Sim, sou o Henry mais velho. Prazer em conhecê-la.”

Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas e, sorrindo, aperto sua mão. “O prazer é meu, senhor.”

“Não precisa dessa formalidade”, ele diz, com simpatia.

Aceno com a cabeça e viro o rosto para a senhora com cabelos acobreados, de um vinho muito vivo como os de Rebecca. Ela olha estranho para mim, como se eu fosse pular em cima dela ou... *O quê?*

Scott pigarreia e coloca a mão no ombro da mulher, pois está ao lado dela na mesa e Linda está sentada na cadeira do outro lado dele.

“Está é nossa mãe, Julia.” Ele chega o rosto perto da mulher e murmura gentilmente, enquanto o pai pega a mão dela: “Mãe, está é uma amiga, diga olá para ela.”

Ela respira e pisca.

“Você se parece com uma amiga minha do colégio.” Franze a testa e deita a cabeça, pensativa. “Carla?”

Congelo porque não estou entendendo e meu coração disparou estranhamente dentro de mim. Qual o problema dela e porque a família de repente está tão

compenetrada?

F_{OGE}.

Q_{UIETO} — F_{RODY}.

“Julia, ela não é a Carla. É Cecillia, amiga do Henry”, o marido fala com ela.

“Sua amiga?”

“Não, é-é...”, ele gagueja. “Ela é amiga do nosso filho, querida.”

Ela continua perdida e quando ele tenta falar de novo...

“Chega, pai. Vamos comer”, Henry — *meu Henry* — resmunga sem paciência, cortando o pai.

O pai dele cerra o maxilar e faz um aceno com a cabeça. Todos abrem sorrisos forçados e sentam-se à mesa. Com as pernas bambas, vou me sentar entre o meu amigo e sua irmã mais nova.

O que eu posso dizer do almoço? Tudo é maravilhoso. O macarrão com almôndega de frango e molho — não sei do que — é delicioso, porém, o clima na mesa é pesado. Muito pesado. Acabamos de almoçar, comemos um maravilhoso suflê de maracujá e, por iniciativa de Linda, cada uma vai para os seus aposentos para se preparar para a festa.

Os pais de Henry e ele vão para o segundo andar da casa, assim como Mandy e Rebecca — que me puxam com elas — vão para seus quartos no andar de cima. Scott e a esposa vão para casa.



“Não precisa me emprestar esse vestido, Mandy”, digo pela milésima vez.

“Mas eu quero que você o use. Você está linda e essa maquiagem está ótima.”

“Tudo bem, Mandy. Então, eu vou ficar com ele e você pode terminar de ajeitar seu look. Certo?”

“Certo”, diz ela, sorrindo, e volta para o closet dela.

O quarto de Mandy é muito alegre, mesmo que a roupa de cama seja branca e os móveis, de um feitio antigo e branco, todo o resto é um contraste. As almofadas, o forro do sofá do pé da cama, tapete de frufu, abajur e até o computador são coloridos. Verde, rosa, azul e roxo compõem o cômodo. É muito grande sua suíte, e o closet é ligado ao banheiro, que fica ao lado.

Durante o tempo que passamos no quarto, ela me mostrou dezenas de vestidos pretos e roxos para eu vestir com minhas botas pretas e o chapéu de bruxa reserva que ela me emprestou. Depois que escolhi um vestido preto com a saia rodada, ela entrou no banho, deixando-me no quarto para eu me maquiar.

Agora eu estou vendo-a sair com um vestido de Halloween, longo até os pés, com as mangas brilhantes de teia de aranha. Os cabelos cor-de-rosa estão frisados e a maquiagem está quase pronta.

Tudo o que falamos ou fizemos teve a ver com roupa e maquiagem, ela nem sequer tocou no assunto do que aconteceu na mesa do almoço. E eu, claro, fingi que nada aconteceu também.

“Vou lá embaixo, no meu quarto, para trocar de roupa. Okay?”

“O-k-a-y”, ela me responde, enquanto passa o batom.

Rio e aceno para ela, saindo do quarto com o vestido nas mãos. Passando pelo corredor deslumbrante, desço as escadas compridas com o corrimão de ferro e com os quadros gigantescos na parede. As escadas dão para os fundos da casa, em uma antessala que tem um piano branco perto das janelas com cortinas em marfim. A sala tem dois sofás bege de dois lugares e uma mesa de centro de madeira, e, na parede, uma lareira antiga com um espelho acima dela. É lindo e o lustre é de velas.

“Nossa. Que casa!”, murmuro embasbacada.

Passo pela sala e chego ao corredor que dá para o meu quarto, que no final tem um espelho de moldura de vidro, que se parece muito com o espelho da Branca de Neve. Essa casa é um absurdo de chique.



Rebeca está muito eufórica e suas amigas da escola são tão falantes quanto ela. A festa começou faz um tempinho e a própria dona da festa me raptou do meu quarto. Ainda bem que eu já tinha terminado de falar com minha madrinha.

No terraço da casa só estão as amigas dela, eu, Linda e Mandy. Os homens e a mãe estão lá dentro com os convidados mais velhos. Conheci o irmão de Linda, e o cara parece um astro de cinema, é lindo demais.

Todos são muito gentis e amigáveis, e o senhor Henry não parece ser tão chato quanto eu esperava. Na realidade, eu só o vejo se preocupando com a esposa. Falando nela, eu quero entender o que ela tem.

“Cecillia, pode ir à cozinha e pedir a Rachel para fazer mais ponche?” Mandy pede e murmura: “Essas pirralhas estão achando que esse ponche tem álcool. Bobinhas.”

Dou risada e assinto, saindo da varanda.

Vou até a cozinha e, assim que peço para a cozinheira fazer mais o ponche de maçã, saio rapidamente. Ela não gosta que fiquem na cozinha dela. Uma pena, porque uma cozinha como a da casa dos pais de Henry dá vontade de aprender a

ser um chef de cozinha.

Passando pelo corredor, para voltar para a sala, dou de cara com a senhora Frinsheens. Seus olhos de cor cinza me fitam e minhas mãos começam a suar de nervosismo.

“Oi?”

“Carla, amiga”, ela vem e me abraça forte. “Quanto tempo.”

Congelo como fiz na mesa do almoço e espero que alguém apareça e me ajude. *Senhor, o que ela tem? Ela tem problemas de cabeça? Como é isso?* Henry nunca me disse nada sobre a mãe ser doente mental, na verdade, ele sempre a elogiou. Meu coração está batendo muito rápido, estou com medo de fazer algo errado. Tenho medo até de respirar.

Ela se solta de mim e deita a cabeça, olhando-me confusa.

“Qual o problema, Carla? Você está estranha.”

EU ESTOU ESTRANHA?

IRONIA. RELAXA, CECI.

Consigo sentir meus olhos se arregalarem.

“Julia!”, Scott a chama e chega para me salvar. “Mãe, qual é o problema?” Ele está visivelmente nervoso.

“Mãe?”, ela pergunta, ambígua, para ele.

Ele arfa com força e abre um sorriso forçado.

“Vamos para a sala conversar.”

“Mas por quê? Eu estou conversando com minha amiga.”

Ele fecha os olhos, parecendo conter uma explosão de estresse e morde o lábio.

“Por favor.”

Ela olha para mim, olha para ele, e assente. Com um aceno de cabeça, lamentando — não sei o quê —, ele leva a mãe para longe de mim. Fico como uma estátua no mesmo lugar.

Qual é o problema dela?

“Viu por que eu não queria vir?” A voz de Henry corta o ar, atrás de mim.

Giro o corpo e encaro-o. Seu rosto está marcado pela preocupação e ele nem está de fantasia como o resto da família, está apenas todo de preto.

“Do que você está falando?”, sussurro, procurando seus olhos, porque ele não me encara.

“Meu problema, que eu não queria encarar, era esse, Cecillia.” Ele parece muito abalado com isso. “Minha mãe.”

Mas por quê?



SORRINDO SEM VONTADE, PEÇO LICENÇA PARA OS irmãos de Linda, meu pai e Scott, e vou pegar mais bebida. No caminho da cozinha dou de cara com Cecillia e minha mãe. Essa cena, toda essa situação, tudo isso é um pesadelo para mim. Minha mãe simplesmente não consegue colocar na cabeça que Cecillia é minha amiga, não amiga dela, e que ela não tem mais dezesseis anos. E ela nem tem como.

Eu não estou conseguindo aguentar essa merda.

Vejo Scott vir ao encontro delas e, com seu jeito calmo, leva nossa mãe para longe. Cecillia está congelada, olhando para eles. *O que ela deve estar pensando? Que minha mãe é maluca, ou uma coitada?* O que muitas pessoas pensam quando se deparam com as crises dela.

Mas Cecillia e essas pessoas não sabem de nada. De merda nenhuma. A mulher que estava falando com ela, como se ela fosse sua amiga de anos, é a mesma mãe que me ninava nos braços e me levava para a escola sorrindo ao volante do carro. Uma mulher carinhosa e gentil, mas a verdadeira Julia Frinsheens de cinquenta e três anos é uma senhora doente, com Alzheimer.

Ainda dói demais pensar na doença da minha mãe. Eu achei que ficar longe me manteria são, que eu não sofreria tanto, mas eu apenas me enganei e adiei o inevitável choque da realidade.

Isso sempre ficou martelando na minha cabeça, principalmente quando eu ligava para casa. Todas as ligações feitas e recebidas, eu sentia falta dela falando comigo. O que acontecia uma vez ou outra nas ligações, nos dias em que ela estava normal.

Normal? É assim agora que diagnosticam o estado de espírito da minha mãe. Eu não aceito isso. Não consigo aceitar que ela esqueça de tudo, que perca suas memórias. Esquecer que esperou nove meses cada um dos meus irmãos e eu.

Que nos ensinou algumas lições de vida e nos levava para a escola. Que nos amamentou, alimentou, vestiu, ninou e protegeu dos monstros debaixo da cama.

Dói muito isso.

Eu me sinto um inútil e por isso estou bebendo desde a hora em que essa festinha começou — lógico que estou bebendo escondido, pois a festa é para crianças.

E falando em crianças, não posso me esquecer da minha irmã mais nova no meio disso tudo.

Rebecca ainda é uma menina e parece que encara a doença da mamãe como algo passageiro, mas mal ela sabe que não vai ter uma mãe quando entrar na faculdade. Merda, meus futuros sobrinhos e filhos vão ter uma avó fantasma.

Viro o copo, terminando o líquido que queima a minha garganta, e sei que preciso falar alguma coisa para tirar Cecillia do seu estado letárgico.

“Viu porque eu não queria vir?” Cuspo as palavras que vêm na minha cabeça.

Sinto que Cecillia leva um leve susto com minhas palavras. Então ela se vira para mim e seu rosto está confuso, quando nos encaramos.

“Do que você está falando?”

“Meu problema que eu não queria encarar era esse, Cecillia. Minha mãe.”

“O que você quer dizer com isso?”

Suspiro e faço um movimento com a cabeça para ela me acompanhar até o bar de casa. Dou a volta no balcão e encho de novo meu copo. Bebo um grande gole e repouso o copo no tampo de vidro do bar.

“Você viu como minha mãe está. Não se faça de boba.”

“Nossa, Henry.” Ela pisca para mim. “Eu não estou me fazendo de boba, só quero entender o que você quis dizer.”

Enterro os dedos nos meus cabelos, tentando amenizar a pressão na minha cabeça, que está latejando, e digo:

“Minha mãe está doente. Ela tem Alzheimer.”

“Ah!” Os olhos dela se arregalam e depois as sobrancelhas franzem. “E por que isso é um problema para você? Sei que é uma doença que deixa as famílias desestabilizadas, mas não é motivo de você achar que é um problema para você.”

Balanço a cabeça e desvio os olhos dos dela.

Ninguém consegue entender realmente meu motivo de ter me afastado de casa. Ninguém está no meu coração, ou estava, quando tudo pareceu

desmoronar.

Quando minha mãe descobriu sua doença com a primeira crise e justamente quando saiu sozinha, eu estava longe e me senti horrível, e isso foi a primeira bomba que jogaram nos meus braços. E se isso não me bastasse, Alana, logo em seguida, me deu a notícia de que estava indo para Inglaterra.

Tudo isso aconteceu de uma vez só, como um band-aid sendo arrancado do meu coração, sem dó nem piedade, deixando uma ferida sangrenta e exposta a mais dores.

Eu fiquei sem minha mãe, a quem eu pediria ajuda para saber lidar com a situação de Alana.

E perdi a segunda pessoa de quem precisava na época. Alana, a quem eu correria para pegá-la nos meus braços, fazer amor e acalmar o turbilhão de emoções e o problema da minha mãe, com a eletrizante sensação do meu corpo junto ao dela. Sempre me acalmou tê-la nos meus braços.

Ou seja, eu me senti totalmente perdido, sem saída, sem um rumo para aplacar minhas *dores*.

Eu tinha perdido meus dois portos seguros e, mesmo que Scott sempre estivesse — e está — preocupado e querendo meu bem, ele não conseguiu aliviar a dor no meu peito.

Eu me senti tão esgotado, e por isso me afastei. Eu me foquei nos estudos, no trabalho, e me afoguei em mulheres, para deixar minha cabeça mais cheia do que meu peito. Talvez por isso também assumi tão facilmente Cecillia como mais uma responsabilidade.

Eu tinha que fugir dos meus problemas, e umas das piores merdas disso tudo era que minha mãe adorava Alana. Ela a queria como nora e eu gostava que ela gostasse da minha namorada. Fiquei contente quando elas se conheceram e se deram tão bem. E ter meu relacionamento acabado foi um peso a mais para mim.

Falhei mais uma vez com a pessoa que eu pensara — mais do que tudo e todos — em orgulhar: minha mãe.

Mas eu nunca pensei em falar sobre isso tudo com ninguém. Guardei minhas dores e meus sentimentos conturbados dentro de mim, mas com Cecillia eu sinto uma liberdade para desabafar. Falar como me sinto em saber que a cada dia minha mãe morre mais um pouco, e como isso está me matando também.

Sempre senti uma coisa em Cecillia que deveria ser de mim para ela. Ela me dá força para trabalhar e ser o cara que todos almejam ser, mas com certeza nenhum desses babacas sabem como é ter essa porrada de problemas na cabeça.

Tudo bem que terminar um namoro é uma coisa fácil de se lidar, mas uma mãe com Alzheimer, um pai que era durão e está entrando em depressão e apenas se dedicando à esposa — que parece estar virando um bebê novamente — e largando todas as responsabilidades nas costas do filho mais velho é demais.

Scott é como o nosso novo pai. Tem que cuidar da casa, da empresa, das minhas irmãs e ter a mim como dor de cabeça para se preocupar se eu estou bem também. Ele parece tão esgotado, mas não quer que nós percebamos.

Tudo está nas suas costas agora, e ele em breve terá sua própria família com que se preocupar, e eu sei que mesmo assim continuará sendo o que é, e Linda sempre está ao seu lado ajudando. Se não fossem eles, eu não sei como tudo estaria hoje.

Eu me sinto saturado e forçado a ter que tomar medidas para apoiar e cuidar da minha família junto com Scott. Não é justo que minha cunhada seja a nova mãe para Rebecca, e não é justo que Mandy desista da sua faculdade em Harvard para ficar perto de casa e ajudando. Tudo bem que ela vai para a Columbia, uma Universidade desejada por muitos, mas não é o que ela queria.

Balançando a cabeça, volto os olhos para Cecillia e seus olhos inocentes e curiosos.

“Talvez você não vá entender, como ninguém da minha família entende.”

“Como você sabe disso se nem me falou ainda?” Ela dá de ombros.

Quando penso em falar, vejo Mandy entrando na sala de estar.

“Cecillia, você mandou fazer o ponche?”

“Sim”, ela responde para minha irmã.

“Que estranho, ainda não levaram.”

Cecillia vira o rosto novamente para mim, dando um pedido de desculpas com os olhos, e diz:

“Depois nós conversamos. Eu não vou desistir de saber qual é o seu problema, Henry.”

Assinto sem ânimo e vejo-a seguir o caminho da cozinha com Mandy, que me desferiu um olhar de quem sabe das coisas. Ela, assim como Scott, está preocupada com meu estado: *ignorante*.



Estou no meu antigo quarto, vim deitar um pouco e relaxar, mesmo com a música tocando no andar de baixo.

Olhar para o meu quarto de moleque me traz várias recordações e sentimentos. O quadro do Chicago Bears, que meu avô me deu quando eu tinha dez anos, me causa nostalgia. Foi quando eu, minha mãe, meu pai e Scott, fomos para Chicago, na casa dos meus avós, contar a boa nova. Mais um bebê a caminho, que era Amanda, ou Mandy. Quase nunca a chamamos pelo nome.

Dormir aqui massacra meu coração, porque o quarto dos meus pais fica ao lado, e quando eu olho para toda a minha casa, decorada com o gosto da minha mãe, me dá uma vontade louca de quebrar tudo. Para que tanto dinheiro e luxo se ela nem liga mais para nada?

Ela ainda se lembra como se cuidar, mas se esquece de coisas simples como o nome do meu pai. De todos, na realidade. Sinceramente não sei como meu pai consegue ficar ao lado dela nos dias ruins... a vida dela se resume a três dias bons e quatro ruins durante a semana. E essa merda é progressiva.

Levanto da cama, irritado por estar parado e trancafiado no quarto. Abro a porta e vejo meu pai caminhando no corredor dos quartos. Ele para e olha para mim, inexpressivo.

“Por que está aqui em cima, filho?”

Puxo o ar com força e solto-o lentamente, enquanto sacudo a cabeça. Ele acena com a cabeça e se aproxima mais.

“Eu queria falar com você a sós ontem, mas já que você está aqui e eu também... Estou esgotado demais para curtir a festa...”, ele deixa a frase morrer.

“Tudo bem.”

“Então vamos para o terraço.”

Assinto e sigo-o para o pequeno terraço que fica no terceiro piso da casa. Nós caminhamos até a mesa de ferro e sentamos. Meu pai não perde a pose e cruza as pernas, colocando o tornozelo em cima do joelho.

“Lembra que você gostava de vir aqui quando chovia? Para ver as árvores do Central Park ao vento e escutar o movimento da cidade?” Ele fala como se pudesse ver a cena na sua cabeça.

“Lembro sim, e mamãe também gostava de fazer isso.”

Ele assente. “Ainda gosta”, ele murmura, triste.

Franzo a testa. “Ela se lembra disso?” Algo aperta em meu coração por mencionar isso.

Ele deixa a cabeça pender para o lado, e olha estranho para mim.

“Sim, ela lembra.” Seu quase meio sorriso é muito distante de algo alegre. É

amargo. “Na verdade, ela se lembra de muitas coisas, só às vezes que esquece até quem é.”

“O que você faz quando isso acontece? Quando ela esquece quem é?”

Ele suspira e olha ao longe para a vista. As estrelas e o céu azulado do horizonte.

“Fico tão perdido quanto ela, mas procuro dentro de mim forças para não abandoná-la na inércia. Você sabe...”, ele volta a olhar para mim, “eu durmo todas as noites com medo de ela acordar pior que no dia anterior e começar a ter os relâmpagos que o médico disse que acontecem”. Ele passa a mão nos cabelos. “Isso é o que mais me apavora.”

“O que acontece?”

Meu pai faz uma careta, cansado. “Acontece que ela acorda como naquele filme em que a mulher todos os dias repete o dia anterior, antes de saber da verdade e ter um vídeo para lhe explicar tudo e ela poder viver normalmente. Como se isso fosse normal. Ela não se lembra de nada.”

“Então minha mãe pode acordar sem saber quem você é e ela é, e...”

“E assim ela enlouquece. Acha que sou um estranho que está ao lado dela.” Ele balança a cabeça. “Como você se sentiria se acordasse ao lado de quem você não tem a mínima ideia de quem é?”

“Que merda.”

“Sim, e eu morro de medo dessa fase chegar.”

Fecho os olhos e respiro. Os minutos se passam sem nenhum de nós falarmos nada. Momento de compartilhar o desespero, ou oramos internamente, sem nem uma palavra sobre estar realmente fazendo isso.

“O que faremos quando isso acontecer?”, eu me pronuncio, quebrando o silêncio.

“Quando o que acontecer?”

Deixo os ombros caírem e apoio os cotovelos nos joelhos.

“Quando ela realmente começar a acordar assim.”

Meu pai respira fundo e diz:

“O médico dela e todos os especialistas sobre Alzheimer recomendam que ela vá para uma clínica de pessoas em tratamento como ela.” Ele dá de ombros, parecendo tão exausto. “É o melhor para ela, e é inevitável.”

Engulo em seco algumas vezes, para tentar formular as palavras, e respiro.

“Quanto tempo mais ela tem?”

“Como assim?”

“Quanto tempo mais até ela ficar totalmente sem memória por tempo demais? Eu sei que agora ela está com relâmpagos, mas uma hora ela vai ficar totalmente esquecida.”

Meu pai respira fundo. “Ela está no estágio dois e não tem meio que um tempo certo para prevermos o dia fatal.” Ele coloca a mão em cima da minha e lamenta. “E não estou nem um pouco ansioso para isso, filho.”

Balanço a cabeça e aperto a mão dele.

“Eu não consigo aceitar ainda.”

“Eu vejo isso.”

Levanto a cabeça e olho para ele sem entender.

“O que você quer dizer com isso, pai?”

Meu pai arfa e responde:

“Eu sei que é duro para você que sua mãe esteja doente, mas eu pensei que por você ser o filho mais apegado a ela e o mais querido dela, você estaria ao lado dela agora.”

Balanço a cabeça e levanto, porque não aguento ficar sentado. Uma inquietação me atingiu com as palavras dele.

“Você sabe que eu estou certo.”

Não. Não. Não. Eu não posso aceitar o que ele está querendo dizer. Ele está dizendo que eu virei as costas para minha mãe.

“Eu amo minha mãe”, digo, olhando para o parque.

“Não foi isso que eu quis dizer, Henry, só falei que você preferiu ignorar a encarar essa situação com ela, mas ela entende.”

“Entende?” Viro-me para ele e o vejo de pé atrás de mim.

“Sim, sua mãe, quando está nos dias bons, sabe de tudo, filho, ela não está tão perdida assim.”

Sinto o gosto do ferro e engulo em dificuldade.

“Ela me odeia?”

Ele acena que não. “Claro que não, ela sabe que deve ser difícil para você.”

Volto a me sentar na cadeira de ferro, deixo meu corpo cair e enterro os dedos nos cabelos, puxando-os com força.

Eu sou um desgraçado, penso, e escuto meu pai arfar. Talvez eu tenha falado

em voz alta.

“Você não é um desgraçado, Henry. Você apenas não cresceu e isso...”

“Não cresci?” Olho para ele. “O que você quer dizer com isso agora? Vai começar com suas merdas de novo.”

Sua expressão fica dura e ele cerra o maxilar.

“Você precisa ouvir isso de alguém, já que você não gosta de dar ouvidos a ninguém. Você precisa assumir suas responsabilidades.”

“Que para você é apenas a merda da empresa.”

“Que é sua também, e de seus irmãos.”

Levanto nervoso.

“Já disse que não quero saber de ficar enfurnado dentro de um escritório seis horas por dia, cinco dias da semana. A vida é muito mais do que isso para mim.”

“Henry”, ele se levanta. “Será que você não enxerga que na sua idade eu já tinha muitas responsabilidades assumidas? Eu já era um homem, você se comporta como um garoto ainda.”

“Pai, talvez ser pai de família fosse responsabilidade para você. Pra mim, não é”, falo alto.

“Mas que merda de teimosia! Eu não estou apenas falando de você e seu irmão assumirem a empresa, mas também de você assumir uma família — sim — e uma casa. Tudo isso eu adquiri antes dos trinta. Você vai fazer trinta anos mês que vem e que futuro você deseja para si? Ser professor em uma faculdade incrível e vincular com as aulas de luta? Eu queria mais para você e tudo de que você precisa para ser um homem bem-sucedido está te esperando de bandeja aqui.”

“Mas talvez não seja o que eu desejo.”

“Eu disse que poderia te colocar na Columbia, poderia fazer a melhor academia de artes marciais de Manhattan para você, e ainda sim você estaria perto de casa e trabalhando com seu irmão na empresa, que é seu lugar de direito. E o que você escolheu? Fugir. Foi morar sozinho e depois foi para Boston, deixando todos aqui destruídos com isso. Ser rebelde e teimoso não vai levar você a lugar nenhum.”

Puxo a respiração com força e viro-lhe as costas. Não aguento tanta pressão em cima de mim assim. Sempre foi assim... *Sempre* querendo me fazer ser um novo Henry.

“Eu não sou você”, murmuro.

“Eu sei, e não quero que você seja eu.”

Viro-me para ele e volto-lhe um olhar cético.

“Certo. Talvez antes eu quisesse fazer com que você fosse como eu, mas agora a única coisa que quero é você de volta em casa e ajudando seu irmão. Eu estou ficando velho e agora, mais do que nunca, não posso dar tudo de mim na empresa. Nós precisamos de você.”

“Eu sei, nós todos já tivemos essa conversa quinta-feira”, murmuro.

Ele assente. “E você disse que ia me dar sua resposta para isso antes da sua formatura.”

Prumo minha postura e falo decidido:

“Pois bem, minha formatura é em junho, se o senhor não reparou estamos em...”, olho para o relógio, “novembro faz quinze minutos, e para mim essa conversa acabou.”

“Henry...”, ele me chama quando passo por ele.

“Chega, pai, dá um tempo, por favor.”

Sem lhe dar mais nenhuma oportunidade de me azucrinar, saio do terraço, desço para o primeiro andar e aperto o botão do elevador. Preciso de ar fresco. Um ar que não seja do decimo sétimo andar de um prédio na Quinta Avenida.

As portas de aço do elevador mal se abrem e eu entro.

“Henry?”, Cecillia chama. “Aonde você vai?”

“Tomar um ar no Central Park”, respondo, e vejo-a sumir pela fresta das portas que estão se fechando.

A viagem para o hall do prédio é em uma velocidade equivalente para eu me recostar na parede de espelho do elevador e fechar os olhos, repassando mentalmente tudo que meu pai falou e retalhando os prós e contras de tudo.

Eu sei que ele tem razão em muitas coisas, mas eu não consigo sentir o impulso natural para assumir o posto de vice-presidente da empresa. E os papéis que assinei na quinta, onde eu concordei que, assim que papai se aposentar, eu serei o presidente e meu irmão o CEO da empresa, estão martelando meu cérebro.

Por reflexo, dou um soco na parede ao meu lado. Eu não deveria prometer nada. Não deveria ter concordado com merda nenhuma, por mais apertada que a corda estivesse no meu pescoço.

As portas se abrem e eu caminho pelo hall com passadas firmes. Passo pelas portas giratórias do prédio e respiro fundo o ar do outono de Manhattan. Essa

noite nem está muito fria, mas é uma típica noite de outono no Halloween.

Venta o suficiente para as folhas das árvores no Central Park se movimentarem e os pais contarem histórias de terror sobre o parque. A lua está cheia e o céu com poucas estrelas para contar, mesmo que em Manhattan seja — realmente — complicado olhar para o céu e conseguir enxergar as estrelas se você está andando pelas ruas. Talvez em um prédio muito alto aqui mesmo no Upper East Side se consiga fazer isso, mas no centro da cidade, é impossível enxergar o céu direito, quem dirá ver estrelas.

Atravesso a rua e adentro o parque, parando perto de um bosque que tem uma árvore que minha mãe adora. Coloco a mão aberta no tronco e sinto meu coração acelerar-se com a culpa.

Talvez eu realmente não tenha feito certo em lhe dar as costas. Talvez Alana não deva tomar todo o crédito por eu ter me sentido destruído com um tiro de bazuca no meio do peito. Talvez tudo o que meu pai sempre me forçou a fazer fosse o certo e eu agora estou velho demais para continuar ignorando tudo. Talvez eu realmente tenha que ceder um pouco.

“Henry!”

Viro-me e vejo Cecillia vindo em minha direção, correndo. Ela para na minha frente e respira fundo. Parece que ela toma todo o ar do local, roubando-o de mim. Não estou conseguindo respirar. Meu peito parece estar aberto e sangrento.

“O que houve?”, ela me pergunta, preocupada.

Sacudo a cabeça. “Nada de mais.”

“Como assim, Henry? Você não está vendo a sua cara de... preocupado, ou... nervoso. Aconteceu algo, sim.”

Suspiro, buscando ar. Minha nossa, nem fui eu que vim correndo para o outro lado da rua. Desvio os olhos e encosto-me na árvore, agachando levemente.

“Conversa comigo. Fala o que você tem. Talvez falar sobre isso alivie o que você está sentindo.”

“Meu pai disse umas coisas pra mim, que eu não quero aceitar como verdade, mas eu sei que são. Estou me sentindo muito culpado por ter ignorando o problema da minha mãe.”

Cecillia deixa o rosto pender para o lado e se aproxima mais de mim.

“Não deve ser fácil mesmo, e eu não entendo por que você preferiu ignorar.”

Engulo em seco. “Porque eu não gosto de pensar na minha mãe se esquecendo de mim. Talvez meu pai tenha razão e eu fui um filho muito mimado por ela.”

Vejo o movimento dos ombros dela, quando ela os levanta, e me foco na grama.

“Eu só acho que mesmo que isso seja difícil pra você, se fosse comigo, eu não teria me afastado.”

Solto uma risada sarcástica que não sei de onde veio.

“Como você vai saber? O que você sabe da minha dor, Cecillia?”

Ela dá um passo para trás e vejo suas pupilas dilatarem-se. Ela ficou assustada.

“Eu-eu...”, ela gagueja e balança a cabeça. “Realmente eu não sei o que você está sentindo Henry, mas se eu pudesse ter minha mãe, ou meu pai, mesmo sem memória, seria melhor do que nada.” Ela me dá as costas e sai andando.

Merda.

“Espere.” Seguro seu cotovelo. “Me perdoe.”

Ela para de lutar comigo e relaxa o corpo. “Você não deveria ter dito aquilo.”

Giro seu corpo, ficando de frente para ela, levanto seu rosto com a ponta dos dedos e fito seus olhos.

“Eu sei, me desculpe. Eu estou tão irritado e nervoso. Com uma raiva dentro de mim que está queimando meu peito.”

Ela pisca e ergue as sobrancelhas. “Raiva de quem, especificamente? Você não pode culpar ninguém por isso, Henry. Tem que no máximo aceitar e apoiá-los, principalmente sua mãe. Sei que nossas dores são diferentes, mas o que eu disse é verdade. Se eu tivesse meus pais aqui...”, ela suspira e os olhos ficam marejados, “com ou sem memória, seria melhor do que...”, ela dá de ombros, “a realidade em que vivo. Não os tendo aqui.”

Por impulso e solidão, puxo-a para o meu peito e abraço-a com força, precisando de algo em que me ancorar.

“Obrigado.”

“Pelo quê?”, sussurra ela.

“Por saber dizer a coisa certa, sempre, nas horas certas.” Afasto-me dela, e suavemente seguro seu rosto. “Mesmo sendo mais nova, você é mais esperta que eu.”

Um sorriso suave brinda seus lábios. “São apenas dez anos e você já sabia que eu era mais inteligente do que você.”

Rio e assinto, mas fico sério de novo.

“Eu tenho medo de ter decepcionado minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, e quando eu tinha que estar ao lado dela, eu falhei.”

Cecillia segura meu rosto, enquanto ainda tenho o seu nas mãos, e diz:

“Não pensa nas coisas que você já fez e sim nas que pode fazer. Passado é passado, e o presente é agora, e é ele que vai decidir o futuro. Ainda dá tempo de dar seu apoio a ela.” Ela acena com a cabeça. “Tenho certeza disso.”

Faço uma careta e concordo com ela.

Se eu ficar remoendo o que eu deixei de fazer ou fiz, isso não vai mudar nada, mas se eu começar a partir de agora a tomar as rédeas e o rumo da minha vida — do meu presente —, vou poder tornar meu futuro melhor.

Eu e Cecillia ficamos olhando um para o outro por uma infinidade de tempo. Vou abaixando o rosto e ela ergue o corpo o quanto consegue, até ficar na ponta dos pés. Encosto minha boca suavemente na dela e fecho os olhos quando ela fecha os dela.

Seus lábios tão cheios e macios estão levemente frios. Passo minha língua por eles e lambo-os, até que ela abre a boca e enfio a língua. Sinto o gosto de maçã do ponche sem álcool da festa e um leve toque da pizza de margarita que Rebecca adora e sempre tem na festa dela.

Minhas mãos descem para o seu corpo e, sem esforço algum, tiro seus pés do chão e a guio até a árvore e a recosto ali, para ter mais apoio e poder beijá-la melhor. Cecillia passa os braços em volta do meu pescoço e aperta seu corpo no meu. Encosto meus joelhos no tronco da árvore e grudo nossos corpos.

Suas mãos puxam meus cabelos enquanto as minhas passam por seu corpo. Minha língua se enrola à dela, puxo seus lábios com os dentes, sugo sua língua e sinto minha ereção crescer. O desejo de tê-la é automático dentro de mim.

“Vamos para o loft”, murmuro, entre os beijos, e aperto um dos seus seios.

“Está bem.”

Eu me afasto dela, e ajeito a alça de seu vestido, que eu puxei.

Olho para o seu rosto e noto suas bochechas vermelhas. Minha pequena nerd está excitada. Dou um beijinho nos seus lábios e caminho com ela para a rua, para pegarmos um táxi.



Fecho a porta atrás de mim com um chute, porque minhas mãos estão muito ocupadas segurando Cecillia, para ela não desgrudar seu corpo do meu.

As mãos dela estão nos meus cabelos e sua boca procura a minha, sedenta. Eu adoro sentir que ela está tão tomada de desejo que não tem tempo nem espaço na

sua cabecinha para pensar no que fazer e no que não fazer. E isso é o que quero. Quero que ela apenas se entregue aos impulsos do seu corpo, do que ele está querendo e precisando. Agora ela quer minha boca.

Seguro-a por debaixo dos braços e faço-a pular e passar as pernas em volta de mim, inclinando meu rosto para ela enquanto seguro seu corpo pelas coxas — levando-a para cama — e ofereço-lhe minha boca.

Com as mãos no meu rosto, seus lábios se movem em um ritmo lento e singelo. Isso é novidade. É mais doce, mais sincero, em vez de ser o habitual beijo selvagem que sempre trocamos. E eu não sabia que queria esse carinho, mas sinto que preciso dessa aproximação dela agora.

Como uma cura. Meu bálsamo.

Abro os olhos para enxergar aonde estou nos levando. Paro em frente à cama e desço-a do meu colo. Aliso seus braços, sua barriga, suas pernas, até chegar à bainha do vestido — nos tornozelos — e junto o tecido, puxando-o para cima. Tiro o vestido dela, expondo sua pele, seu corpo seminu apenas com a lingerie.

Cecillia arfa e volta a fechar os olhos quando a seguro pela cintura e faço-a sentar no meio da cama.

“Vamos tirar esse chapéu, agora”, falo brincando.

Ela dá uma risadinha e remove o chapéu da sua cabeça junto comigo e aproveito para beijar sua boca suavemente, provocando um gemido nela.

Jogo o chapéu de bruxa longe, levanto e arranco meu casaco, minha camisa e minha calça, ficando apenas de cueca. Tiro os sapatos com ajuda dos próprios pés e tiro as meias com pressa. Estou muito duro e louco para fodê-la.

Faço isso tudo com os olhos de Cecillia grudados em mim.

Sorrio e vou para cima dela, que deita na cama.

“Você já está pronta para mim?”, pergunto, com a boca no seu pescoço.

“Hmm...”, ela solta um gemido quando chupo sua pele na altura dos ombros e pescoço.

Meus dedos passam pelas curvas do seu corpo, arranhando-o de leve com minhas unhas curtas, e se enfiam dentro da calcinha fina de algodão dela.

Adoro que ela não ligue para essas merdas de ficar usando lingerie para homem e sim para o conforto dela. Acho inocente e sexy ao mesmo tempo sua calcinha de algodão cor-de-rosa clara, que quase não dá para notar sobre sua pele também clara. As pontas dos meus dedos acariciam a pontinha do seu clitóris e ela força a pélvis para cima, pedindo mais.

“Shh...”, acalmo-a, deixo um beijo no seu pescoço e subo até meus lábios encontrarem os seus.

Dou acesso apenas à ponta da minha língua para ela molhar a boca. Ela lambe meus lábios e segura meu rosto com fervor, mordendo e pedindo para eu beijá-la de verdade, mais uma vez.

Mordo seu lábio inferior e finalmente enfio minha língua dentro da sua boca. Meus cabelos são puxados e ela abre mais as pernas. Meus dedos descem e os enfio nela.

Caralho!

“Como você está molhada.” Mordo sua boca e ela arfa sem fôlego. “Veja como você está encharcada!”

E está mesmo. Tanto que faz um suave barulho. *Porra. Vou me fartar dela hoje.*

“Hmm... Henry.”

Cecillia desliza as mãos para baixo do meu corpo, pelo meu tronco, e arranha levemente minha pele. As mãos estão quentes e os músculos do meu abdome ficam tensos sob seus dedos curiosos, até que ela enfia as mãos dentro da minha cueca.

Putá merda!

Eu estou tão duro por essa garota, tão duro quanto não fico há anos, na verdade, acho que nunca fiquei tão excitado e faminto quanto estou agora por ela.

Ainda sinto o seu gosto na minha boca da manhã de ontem. Tão doce e tão deliciosa. Seus barulhinhos eróticos estão me deixando cada vez mais perto de gozar e só de pensar no meu orgasmo, eu me lembro da minha *porra* nas pernas dela.

Senti o animal dentro de mim gritar. Eu queria gozar em cima dela.

Na barriga.

Na boca.

E dentro dela.

Esses pensamentos explodem dentro da minha cabeça agora e rapidamente saio de cima dela. Não quero passar vergonha e gozar sem ao menos estar dentro dela. Gozar assim tão rápido como um adolescente virgem.

“Deixa eu pegar uma camisinha.”

Ela meneia a cabeça, atordoada. “Você comprou?”, sussurra na escuridão do

loft, com a única luz vinda do lado de fora do meu prédio pela janela do meio, onde fica o sofá e a TV.

“Claro que sim. Não ia me torturar agora à toa.”

Beijo sua boca e me afasto, para pegar a camisinha no bolso de trás da minha calça. Não gosto de admitir, mas eu estava esperando ansiosamente por uma oportunidade de ficar sozinho com ela para terminar o que começamos de manhã na cozinha. Cheguei até a pensar em pegá-la debaixo das escadas, no pequeno armário que guarda um monte de entulho na casa dos meus pais.

“Tira o sutiã”, peço.

Ela faz isso com calma, me seduzindo sem muito esforço e sem desviar os olhos os meus.

Sorrio e falo: “Agora, suba mais.”

E ela faz novamente o que peço.

Tiro a cueca e visto a camisinha, porque quando eu tiver em cima dela, não vou conseguir ficar por muito tempo antes de querer estar dentro dela.

Eu quero muito sentir — preciso muito sentir — sua quentura no meu pau, o apertão gostoso da sua bocetinha doce.

Engatinhando na cama,airo meu rosto acima de sua barriga lisinha e clarinha — ela quase parece de cristal — e tiro sua calcinha. Cecillia me ajuda, levantando a bunda para eu passar a peça, e eu termino levantando suas pernas para o alto, mas depois que a calcinha voa para algum canto, eu deixo as pernas dela do mesmo jeito. Com os tornozelos nos meus ombros.

Pressiono beijos lentos e carinhosos nas suas panturrilhas. Deslizo minhas mãos pelas suas pernas e calmamente as abro, e deixo cada tornozelo em um ombro meu. Acariciando-a, sinto seu corpo se arrepiar e suas coxas se retesarem. Ergo mais meu corpo, ficando de joelhos no meio da cama, e vou inclinando meu corpo para conseguir segurar sua cintura e suas pernas cada vez mais abertas.

Ela geme e faz um som parecendo ser de reclamação.

“Está desconfortável? Não consegue ficar assim?”

“Assim?”, pergunta confusa.

Rio e beijo sua perna. “De pernas para o ar.”

“Ah... eu-eu acho que sim.”

Com um olhar perverso, eu me inclino mais, fazendo suas pernas ficarem bem abertas e posso ver sua pele brilhar no meio das pernas. Sua excitação clara.

Passo um dedo no meio, espalhando sua lubrificação, e ela geme, agarrando os lençóis da cama.

“Então vamos testar sua flexibilidade.”

Troco meu dedo para a ponta do meu pau e massageio-a no mesmo lugar de antes.

“Ah... Henry!”, ela geme, e fecha os olhos.

Faço círculos com a cabeça do meu pau no seu clitóris e me delicio com a visão do pescoço dela vermelho por causa do tesão, seus mamilos duros — onde passo a ponta dos dedos — e sua boca aberta enquanto ela joga a cabeça para trás. Vê-la delirar de desejo me deixa mais maluco ainda e, se possível, mais duro.

“Caralho, eu preciso... Preciso entrar em você, agora”, murmuro.

Enfio três dedos nela e sinto como ela está pronta. Resmungo alguma coisa e guio meu pau para dentro do seu calor. Com as pernas dela ainda para o alto e os tornozelos nos meus ombros, soco dentro dela e urro de desejo.

Put a que o pariu, ela é tão gostosa!

Deslizo meu pênis para fora e para dentro lentamente, e Cecillia crava as unhas nos meus braços, ao lado do seu corpo.

Ondulo minha pélvis repetidas vezes, fazendo-a gemer e gritar. Meus sons também saem e se misturam com os dela. Cecillia solta um palavrão e aperto seus seios com as mãos dela em cima da minha, forçando meus punhos a se fecharem mais.

Seus olhos se abrem e voltam-se para mim, e vejo-os arregalados. Soltando seus peitos, ergo meu tronco e fico de joelhos de novo. Seguro firme suas coxas — com as mãos na frente — e vou mais fundo, socando lentamente. Ela engasga e mesmo assim balança os quadris, acompanhando-me.

“Ai meu Deus.” Ela arqueia o corpo e joga os braços para o alto da sua cabeça, apertando a dobra do colchão da cama box. “Henry. Minha nossa.”

“Eu sei, eu sei”, murmuro. “Só mais um pouco.”

“Não, eu não con-si-go”, ela grita, enquanto goza no meu pau, e o apertão do seu núcleo me leva ao ápice.

Levanto e abro mais as pernas e me forço mais para dentro dela, mais a fundo. Estoco mais forte e minhas pernas estão trêmulas, o suor está molhando minha nuca e escorrendo em minhas costas. Cecillia também está suando, o rastro de suor no meio dos seus seios me deixa com água na boca. Abro as pernas dela,

pousando seus pés atrás do meu corpo, um de cada lado, e puxo seu corpo para mim, com a mão espalmada na sua lombar.

Sento nas minhas pernas e estamos muito juntos, arreganhados e conectados.

Movo minha pélvis para cima, estocando dentro dela, e suas pernas circulam minha cintura, com as coxas tremendo. A parte de cima do seu corpo está jogada para trás. Ela parece uma boneca de pano em minhas mãos, mas — por Deus — nem de longe é uma boneca.

Chego seu corpo mais para cima e minha boca encontra o suor no meio dos seus peitos.

“Ai... por favor...”, ela choraminga e abraça meu pescoço.

“Então vem comigo de novo.”

“Não”, ela fala, em meio a um gemido no meu ouvido. “Não consigo.”

“Claro que consegue”, murmuro, e mordo seu ombro.

Percorro suas costas com as mãos e deixo-as irem até abaixo da sua bunda. Meus dedos encontram a fricção do meu pau na sua boceta. Fecho os olhos para controlar meu orgasmo e levo uma das mãos para cima — fazendo uma linha no alto da sua coxa —, e meus dedos chegam até seu clitóris, pressionando e circulando, até que sinto novamente o apertão no meu pau, quando seu orgasmo começa a crescer de novo. Isso é o suficiente para eu dar mais três estocadas e despejar meu gozo, encharcando a camisinha. E gozamos juntos.

Abraço seu corpo com força e pego sua cabeça por trás. Junto meus lábios aos dela e beijo-a com a respiração falhando.

Quando consigo me mexer, giro-nos e deito seu corpo na cama. Com os olhos dela em mim, tiro a camisinha, dou um nó nela, e deixo-a cair ao lado da cama — depois eu a pego —, e deito ao lado dela. Puxando as cobertas para cima de nós, eu relaxo meu corpo, ficando com nossos corpos juntos, eu em cima, no meio das pernas dela, deitando minha cabeça no meio dos seus peitos.

Sinto as pontas dos seus dedos fazendo desenhos nas minhas costas e subindo até meus cabelos. Suas carícias me deixam sonolento e solto um suspiro, exausto. Sua barriga treme quando ela sorri, e isso me faz sorrir também.

“Estou fazendo você dormir?”

“U-hum. Não pare”, murmuro, e aperto seus ombros com delicadeza.

“Tudo bem”, sussurra. “Você deve estar cansado mesmo.”

Não queria ter esse assunto agora, mas...

“Mais emocional do que físico.”

Uma longa pausa depois, e ela fala:

“É, mas está tudo bem, sabe? Você pode fazer diferente.”

“Eu sei.” Solto o ar com força e penso, antes de falar: “O que eu quero é apenas a oportunidade de conversar com minha mãe. Talvez pedir desculpas.”

“U-hum. Então vamos torcer para que amanhã ela esteja bem e você possa falar com ela.”

Fico tocado com suas palavras e sinto um aperto no peito. Ergo meu corpo e rolo para o lado com ela nos meus braços.

Ficamos abraçados, meus braços na sua cintura e os dela no meu pescoço, e nossas pernas estão entrelaçadas. Beijo sua boca por um tempo, acariciando seus lábios com minha língua, e depois deslizo a língua na dela, chupando-a delicadamente.

“Obrigado por não me recriminar e desculpe por ter sido um babaca hoje à noite”, murmuro, com a boca na sua.

Ela assente e faz carinho nos meus cabelos. “Tudo bem. Eu te desculpo”, ela diz, com um pequeno sorriso.

Vejo seus olhos piscando lentamente, sonolentos.

Sorrio para como ela é tão linda e meiga. Quero nunca a machucar, nem deixar alguém feri-la. Já não basta o que o Brad fez. O ódio por ele ainda ferve dentro de mim.

“O que houve agora?”, ela pergunta, e passa os dedos nas minhas sobrancelhas. “Por que está franzindo a testa?”

“Por nada.” Pego a mão dela e a aperto no meio de nós, no meu peito. “Só estava me lembrando daquele dia da boate.”

“Hm...” Seus olhos fogem dos meus e fixam-se em nossas mãos juntas. “Eu não gosto de me lembrar desse dia. Claro que nunca vou esquecer, mas... eu dou tanta sorte de não ser uma pessoa que tem sonhos traumáticos.”

Assinto, e ela continua:

“Na verdade, eu quase não sonho com nada, mas não sonhar com ele me agarrando é muito bom. É reconfortante.”

Beijo sua testa. “Fico grato por seu cérebro ser inteligente ao ponto de não criar essas lembranças quando você descansa a mente. Isso me deixaria mais culpado ainda.”

Ela ri e balança a cabeça. “Isso foi um pouco nerd. Você quase explicou a lógica dos sonhos, Henry.” Ri de novo e acaricia meu rosto com a outra mão. “E

você não teve culpa. Eu que... talvez não tivesse que ter saído da boate sozinha.” Seus olhos fogem de novo.

“É, mas eu sei que ele de certa forma queria me atingir pegando você.” Coço a cabeça, distraído. “Eu não sei por que, mas ele me odeia.”

Ela suspira e se aconchega em mim. “Ele é um idiota e louco. E eu não quero falar dele. Por favor, vamos parar de falar dele agora. Senão eu vou acabar sonhando com isso.”

“Está certo.”

Dou um beijo nos seus lábios, no início suave, e no final um pouco mais selvagem, como sempre.

“Boa noite”, ela murmura.

“Boa noite.”

Ajeitamos o edredom juntos e nos aconchegamos um nos braços do outro. Fecho os olhos e fico grato por tê-la aqui e agora. É estranho não querer estar enfrentando minha família sozinho e Cecillia está sendo minha âncora para eu não me afogar no desespero e na tristeza. Quem diria que ela seria a mais forte de nós? Aperto meus braços nela e desligo meu cérebro.



DOMINGO, 1º DE NOVEMBRO

ACORDO QUANDO MEU TRAVESSEIRO É PUXADO E recebo uma mão voadora no meu peito. Abro os olhos e olho para o lado. Cecillia está com os braços e as pernas abertas, espalhadas na cama, e um dos braços — e uma das pernas — em cima do meu corpo. O edredom que nos cobre está na altura da sua cintura e quase fora do meu corpo também, deixando suas costas nuas para os meus olhos, porque os cabelos estão caídos para o lado oposto do seu rosto, que está virado para mim.

Viro meu corpo de lado, lentamente, para não acordar, e fico olhando para o seu rosto, que está todo no meu travesseiro. Sua mão escorrega do meu tronco e pego-a entrelaçando nossos dedos. Suas feições estão tão calmas e serenas. Dormindo ela parece ter menos idade do que realmente tem. Às vezes me sinto um pouco velho demais para ela. São dez anos de diferença e eu confesso que não curto isso.

Ela resmunga durante o sono e chego minha mão para junto do corpo dela, acariciando suas costas. Ela se remexe e seus olhos se abrem lentamente. Quando me vê, um sorriso se abre na sua face, o que me deixa feliz.

“Bom dia, ladra de travesseiro.”

Ela se encolhe e puxa o travesseiro para os seus braços.

“Desculpe.”

“Não tem pro...”, — o interfone toca na hora —, “...blema. Quem será?”

Sei que foi uma pergunta retórica e ela faz um beicinho e dá de ombros. Dou um selinho nela e levanto. Ando para a cozinha logo atendendo o interfone.

“Oi?!”

“Henry”, a voz de Mandy atravessa o aparelho, me deixando meio surdo. “Viemos buscar você para almoçar conosco.”

“Almoçar?”, pergunto ao mesmo tempo que Rebecca diz:

“É... nós viemos te buscar. Desce logo, irmão.”

Olho para o vulto de Cecillia vindo do quarto com o lençol em volta dela, sorrindo e levantando as sobrancelhas. Com certeza ela está adorando a alegria de Rebecca.

“Tudo bem, vamos descer, já, já.” Coloco o fone no lugar. “Parece que temos um almoço para ir”, falo, enquanto caminho até ela, circulando seu corpo com meus braços. Não sei o que deu em mim, não consigo parar de tocá-la.

Ela assente. “Vamos nos arrumar então.”

Voltamos para o quarto e, enquanto dou um jeito na cama, ela toma uma ducha e coloca a roupa, que infelizmente para ela, vai ser o vestido de ontem. Vou ao banheiro e tomo uma ducha rápida, e assim que estamos calçados e vestidos, saímos e eu fecho a porta.

“Não sei para que você passou maquiagem.”

“Não passei maquiagem, só foi base e rímel. Nada de mais, e tudo que eu tinha na minha bolsinha”, ela resmunga, e guarda o gloss na bolsinha cruzada no peito dela.

“Que seja, não é necessário”, implico, e ela ri.

“Não acredito que acordamos tão tarde”, ela muda de assunto, e aceno, concordando.

Abro a porta do elevador para ela entrar e vou atrás.

Eu também estou surpreso por termos acordado às onze da manhã. E tudo porque perdemos a hora transando, e foi muito bom.

Chegamos ao andar da entrada do prédio e saímos do elevador. Na porta, minhas irmãs estão acenando e sorrindo.

“Vocês demoraram”, Rebecca fala.

“Nós acabamos de acordar e precisávamos de um banho e nos arrumar.”

“Está bem, certo. Vamos logo”, Mandy fala, e nós entramos no carro dela.

O caminho não é muito longo até o restaurante, que por sinal fica no Central Park. O magnífico restaurante no The Lake: The Loeb Boathouse. O histórico restaurante e bar que minha mãe adora, e claro que ela está nele hoje. Está tão linda com um vestido azul-escuro e jovial. Parece-me bem e feliz.

Nós quatro chegamos à mesa em que meus pais, Linda e Scott estão, bem na varanda do restaurante com a vista para o lago.

“Desculpe a demora, mas o Henry estava dormindo ainda.”

Cerro o maxilar e volto um olhar irritado para Mandy.

“Não tem importância. Sentem-se”, mamãe fala, sorrindo, e chega até Cecillia e eu. “Olá, sou Julia, mãe do Henry. Sei que provavelmente você sabe disso, que provavelmente eu ontem não estava sendo eu mesma, mas é um prazer conhecer você.”

Cecillia sorri e aceita a mão da minha mãe, que vira dois beijinhos no rosto e logo um abraço caloroso. Afastando-se de mamãe, Cecillia diz:

“É um prazer conhecer você também. Henry falou muito de você para mim. É como se eu já a conhecesse.”

Minha mãe sorri, realmente feliz, e Cecillia chega para o lado, deixando-me ficar na frente da minha mãe. Linda chama Cecillia e ela vai se sentar, deixando-me a sós com minha mãe, um pouco distante da mesa.

Fico olhando para minha mãe e vejo que estou com a Julia mãe: feliz e gentil. Um aperto em meu coração faz minhas mãos tremerem, e abaixo a cabeça com remorso.

“O que foi, querido? Está tudo bem com você?”, ela pergunta, colocando sua mão em meu rosto.

Dou de ombros.

Seus braços passam por meus ombros e me abraçam como consegue, pois sou muito alto, e ela, não. “Está tudo bem, pode acreditar querido. Fique tranquilo”, ela murmura no meu ouvido, para que só eu possa ouvi-la.

Engulo em seco e abraço-a forte também.

“Me desculpe por ter me afastado. Eu amo você mãe, mas eu...”

“Shh... Tudo bem, tudo bem, meu amor.” Ela afasta o rosto e olha para os meus olhos. “Eu sei, e eu entendo. Não se preocupe.”

Assinto e beijo sua testa. “Eu prometo não me afastar mais. Vou ficar perto de

você agora. Do que precisar, pode me chamar, pode me pedir. Eu vou estar com você.”

Ela sorri com os olhos brilhando, emocionados. “Eu sei que sim e a única coisa que quero é ter você aqui, meu pequeno Henry. Quero isso enquanto sou eu e quando não for mais, apenas continue. Seja meu amigo sempre, filho.”

Limpo a lágrima que escorre no seu rosto e aperto meus braços em volta dela de novo. “Sempre, para sempre vou ser seu amigo. Não importa nada, mãe.”

“Sempre, sempre e sempre.” Ela beija meu rosto e, sorrindo, abana o rosto com a mão e diz: “Por favor, chega disso agora. Hoje quero ter um dia feliz. Todos os meus filhos e meu marido estão aqui. Minha família está aqui, e estou muito feliz.”

“Okay, mãe. Você que manda.”

Ela passa as mãos no meu peito, afagando-o, e sorri.

Beijo seu rosto e vamos nos juntar aos outros, que realmente nos deram um momento de privacidade, não nos espiando, e agradeço com os olhos a cada um deles. Sem clima estranho agora. Somos uma família reunida para um típico almoço de domingo no Central Park.



SEGUNDA-FEIRA, 02 DE NOVEMBRO DE 2013

SENTANDO NA PONTA DA CAMA, COLOCO OS pés no chão e estico os braços para o alto, espreguiçando-me bem. Bocejo e levanto, dando uma olhada para trás de mim, vendo que Henry ainda está dormindo na cama e de frente para mim. Sorrio e ainda não acredito que ele agora me abraça dormindo. Que eu o abraço dormindo.

ISSO FOI UM SUSPIRO? — Frody.

Dou uma risadinha e caminho para o banheiro.

SIM, FOI UM SUSPIRO APAIXONADO. CECILLIA ESTÁ AMANDO. CECILLIA ESTÁ AMANDO. E ele continua cantando e cantando, e quase posso vê-lo correndo, dando pulinhos.

QUIETO, SEU PERTURBADOR.

PUFF, ele resmunga, e eu ignoro.

Levanto o rosto e dou de cara com uma garota com olhos brilhantes, cabelos desgrehados e um sorriso desprezioso, emanando intensidade. Estou com cara de uma mulher que teve uma noite de sexo selvagem, a cara que Annabelle costumava chamar de “pós-foda”, quando via alguma garota sair do vestiário masculino no campus da faculdade. Anna era um tanto ridícula às vezes.

Passo as mãos no meu cabelo e relembro a noite anterior. Henry e eu chegamos de Nova York um pouco cansados, depois de uma tarde de almoço agradável com a família dele, e após a refeição todos ficamos no restaurante mesmo, no lago que tinha pedalinho em que todos andamos um pouco. Henry estava com o humor bem melhor do que quando chegou em Nova York. Ele estava sorrindo de novo, sendo brincalhão, e foi muito atencioso com a mãe dele.

Falando na mãe dele. Nossa, que mulher incrível, não é de se surpreender que todos os filhos a adorem e Henry falava muito bem dela. Foi muito legal e

emocionante vê-la bem ontem. Ela me tratou com muito carinho e às vezes abria um sorriso para mim, como estivesse guardando um segredo. Ela foi formidável e, na despedida, abraçou Henry muito forte, com os olhos marejados. Quando se despediu de mim, pediu para eu voltar lá em breve.

Então eu e Henry entramos no avião e ele, por um longo momento, ficou olhando para a janelinha, olhando para o céu escuro com alguns pontinhos brilhantes das estrelas. Depois, com um suspiro, virou o rosto para mim, sorriu, e pegou minha mão.

Não nego que o gesto me deu um frio na barriga e meu coração até parou de bater por milésimos de segundos. Lembro que dei um sorriso para ele de volta e logo virei o rosto para a frente, fitando as costas da cadeira diante de mim. Eu queria fugir da sensação que estava crescendo no meu peito quando eu estava perto dele desde que transamos.

Eu sabia que me envolver com ele sexualmente me traria problemas, pois eu já tinha sentimentos muito fortes por ele; beijar, transar e afins aumentou meus sentimentos.

E eu não quero, não posso admitir que estou me apaixonando por ele. Primeiro que eu nem sei direito se eu estou mesmo. Nunca gostei de ninguém de verdade. Tipo, nunca fui apaixonada por ninguém, nem o meu primeiro e único namorado quando era pré-adolescente.

Então, como eu vou saber, de verdade, se gosto do Henry assim?

SABENDO, NÉ?

Mas, enfim, o pior que pode acontecer em eu me apaixonar é ele não retribuir o sentimento. Tenho pavor disso acontecer, porque pode acabar com nossa amizade e eu quero levar Henry para sempre em minha vida.

Mas, Deus, o que foi ele ontem? Seria hoje, pois foi de madrugada. Transando comigo e, em um certo momento, com nossos corpos muito perto e unidos, ele parou e ficou olhando para dentro dos meus olhos. O aperto no meu coração, do avião, voltou com força total, e eu fiz o que tive vontade no avião, mas não achei que seria legal. Agarrei o rosto dele, encostei nossas bocas e iniciei um beijo selvagem com nossos corpos se mexendo e exigindo de cada um a liberação que explodiu. Eu gritei e Henry urrou com força quando gozamos juntos. Cheguei a sentir a camisinha encher de tanto que ele gozou.

Depois só me lembro de ele ter saído de dentro de mim, ido rápido ao banheiro, para se limpar e jogar fora a camisinha, e logo ele voltou para a cama, juntando-se a mim debaixo das cobertas e me abraçando.

Essa foi a última lembrança antes de eu pegar no sono. E o sorriso besta que eu plantei na minha cara, de tanta alegria que eu estava sentindo. *Algo* mudou.

Sacudo a cabeça para o meu reflexo no espelho, para o meu sorriso — *constante* — sair da minha face e entro no chuveiro, para tomar um banho quente e ir correndo para a faculdade.



Estou quase acabando de comer, em pé mesmo, no meio da cozinha, com os quadris apoiados de lado na bancada da pia, quando sou agarrada por trás, por braços compridos e mãos grandes e fortes.

“Por que você não me acordou?” Henry me vira para ele. “E por que está arrumada a essa hora?”

Às vezes penso que Henry tem problema de memória, sempre esquece quando falo alguma coisa para ele, mas depois de saber da doença da mãe dele, jamais brincarei com ele sobre isso de novo. Nossa, acho que ele ficaria perturbado.

Pisco e deixo a cabeça pender para o lado, sorrindo para os seus olhos, que fitam os meus.

“Porque eu hoje tenho que terminar um trabalho no laboratório, e como meu grupo tem que vigiar umas células, que estão crescendo feito tartarugas velhas, eu devo passar o dia todo lá. Então tenho que chegar agora lá.” Dou de ombros e passo a vasilha de cereal por cima do braço dele, que está na minha cintura, e coloco-a na bancada da pia.

“U-hum. Eu sei como é”, ele faz uma cara que eu não sei decifrar. “Mas você está tranquila em ir para faculdade de manhã?”

Respiro fundo e me afasto dele para pegar a garrafa de água na geladeira.

“Eu não tinha parado para pensar sobre isso e agora você me deixou nervosa.”

Encho um copo com água e bebo um gole gigante.

De repente fiquei preocupada em encontrar Anna ou Brad lá hoje, mesmo que ela nunca tenha gostado de ficar nos laboratórios da universidade. Porém, chega uma hora que mesmo quem odeia passar um grande tempo no laboratório tem que o enfrentar. Só espero que não seja justamente hoje o dia em que Anna decidiu-se comparecer na aula prática.

Henry apoia o corpo na bancada como eu estou, com a bunda, e fica ao meu lado com seu ombro na altura da minha cabeça. Ele é tão alto e, assim, do meu lado, sinto-me pequena demais.

Fito o copo em minhas mãos, que seguro com tanta firmeza que nem a água está se movendo. Sinto Henry se inclinar para mim, e então ele sussurra:

“Não precisa ficar nervosa, sabe? Agora você sabe se defender.”

“Não quero bater nela”, eu me afasto da pia e dele. Olho para o seu rosto e digo em voz baixa: “Não quero bater em ninguém na verdade. Quero ser deixada em paz, por isso vou sair de Boston.”

Ele pisca, parecendo surpreso, desprende o corpo da bancada e recua um passo, ficando longe de mim. Passa a mão nos cabelos com força, penteando-os para trás, mas a franja logo reaparece no topo da sua cabeça e a luz do sol deixa algumas mechas luminosas em seu cabelo loiro escuro. Eu adoro a cor dos cabelos dele.

“Você quer ir embora de Boston?” Ele tenta não parecer mexido com a pergunta, mas sua voz deixa claro que ele está sim, eu acho. Será preocupado?

“Eu quis dizer da faculdade, Henry”, explico. “Entrei com um pedido de transferência para Harvard ou Massachusetts.”

“Quando foi isso?”

Cruzo os braços, inconscientemente me protegendo.

“Foi na quinta-feira, naquele dia em que você foi para Nova York e não pôde me levar para a faculdade, nem me buscar.”

“Sim, sim eu lembro que dia foi esse. Só quero entender por que não me falou? Se passaram três dias já.”

Dou de ombros. “Eu não disse porque não tenho certeza se vou conseguir a transferência agora. Talvez só em junho, no final desse semestre.”

Depois de uma longa pausa, ele pergunta:

“A transferência é apenas para essas duas?”

Assinto. “É claro que sim. Por quê?”

“Só perguntando.” Ele se vira e abre a geladeira. “Tem muitas faculdades pelo país, e muito boas.”

“É, eu sei, mas quero ficar por aqui mesmo.”

Ele respira, assentindo.

Chego perto dele e me apoio na porta da geladeira, enquanto ele está catando alguma coisa para comer de dentro, só que parece estar procurando por algum tesouro perdido.

“Sabe, eu estava mesmo pensando que você ia acabar querendo isso”, ele diz, de cabeça baixa, ainda. “Depois do que aconteceu com você, nada mais do que esperado você querer distância da Universidade de Boston.”

Espero ele erguer o corpo para responder.

“Por mais que você vá comigo para a faculdade agora, me protegendo e coisa e tal, daqui a pouco — muito em breve — você não estará mais junto comigo. Você vai terminar o seu curso e, para mim, falta muito ainda.” Dou de ombros. “Então... eu preciso resolver esse problema o quanto antes.”

Ele assente de novo e sai de trás da geladeira. Coloca a caixa de ovos e o bacon na bancada, e depois apoia as mãos na mesma.

“Eu sei disso, Cecillia. Só estou surpreso de você não ter tocado no assunto antes, mesmo que você não tenha certeza”, ele diz e se vira para mim.

Levanto as sobrancelhas e sorrio de lado, sem jeito.

“Eu sei, mas sei lá. Você me conhece e sabe que eu não fico alimentando coisas que eu não tenho certeza.”

Que nem eu *não* alimento a ideia de que nosso relacionamento vai ter um futuro. Talvez Henry e Cecillia amigos tenha, mas o casal Henry e Cecillia, não. Na verdade, nem sei se somos um casal.

“É, eu sei.” Ele sorri e cruza os braços na frente do corpo. “Então, quando souber da resposta, me conta. Certo?”

Afirmo e sorrio. “Combinado.”

Ele mexe os pés, mas continua no mesmo lugar. Então quebro os três passos que nos afastam. Seu corpo se inclina e nossos rostos ficam perto um do outro. Inclino mais o meu rosto e procuro seus lábios ao mesmo tempo em que ele segura meu rosto.

Sua boca roça a minha e fecho os olhos. Sua língua lambe minha boca até estar invadindo-a. Agarro-o com meus braços no seu pescoço, ficando na ponta dos pés, e seus braços fortes me circundam, puxando-me mais para ele.

Nós nos beijamos por um bom tempo, até o ar dos nossos pulmões faltar e precisarmos respirar. Desprendemos nossas bocas e solto um suspiro.

“Até mais”, sorrio, despedindo-me dele para ir à aula.

“Certo, pequena.”

Com seu sorriso contido, pego minhas coisas e saio.



Chego à universidade vinte minutos depois da hora que eu marquei com meu grupo, mas foram minutos gastos com muito prazer, afinal, ficar beijando Henry se tornou a coisa mais prazerosa e feliz da minha vida. Uma coisa que ele nunca vai saber. Não pela minha boca.

Pelo caminho todo até aqui eu fiquei pensando nele e em como tudo está ficando confuso dentro de mim.

Eu antes só queria que ele fosse meu amigo, depois, internamente, eu desejava ser notada por ele, e agora eu quero mais que isso. Eu quero que ele me deseje tanto quanto eu o desejo. Que ele precise de mim como eu sei que preciso dele. Não queria, mas a verdade é que isso aconteceu.

“Oi, Ceci. O que está fazendo aí olhando para esses tubos de ensaio sem fazer nada?”, diz Manuela.

Ergo meu corpo e coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

“Nada, só fiquei decepcionada por não ter explodido a mistura que eu fiz”, falo, e sorrio no final.

“Está certo. Então me deixe ficar um pouco aqui e vai comer alguma coisa. Já são três horas da tarde.”

Assinto e pego minha mochila. Realmente estou precisando de uma pausa e estou com fome. Saindo da sala, vou ao banheiro rapidinho esvaziar minha bexiga que está explodindo. Lavo as mãos, ajeito os cabelos e volto para os corredores da universidade, andando determinada até a lanchonete daqui de dentro mesmo.

“Boa tarde, Jud”, cumprimento a atendente que sempre está sorrindo.

“Oi, Cecillia. O que vai querer hoje? E você já sabe. Se não tiver dinheiro, eu posso anotar no bloquinho e depois você paga. Sem problema.”

Faça um gesto de agradecimento com o rosto e sorrio.

“Isso é muito legal da sua parte, mas olha”, mostro minha carteira para ela, que tirei rápido do bolso da frente da mochila, “hoje eu trouxe dinheiro.”

“Maravilha”, ela diz, sorrindo. “E então, vai querer o quê?”

Olho para as opções na vitrine. Tem joelho fresquinho, croissants de queijo, queijo com presunto e frango com catupiry. Solto um gemido baixinho. São um delírio esses croissants. São tão crocantes.

“Vou querer dois desses aqui.”

Ela sorri e diz:

“Frango e queijo. Certo?”

“Isso. Um de frango e um de queijo puro.”

Ela acena e pega o prato para colocar os croissants. Ela me pergunta o que eu quero beber e eu já peço meu suco de laranja. É vício, não vontade de beber suco de laranja. Ela me passa o prato, dou o dinheiro, recebo o troco e vou me sentar

na mesa do canto, onde eu sempre sento — perto da janelinha que dá para a cozinha da lanchonete. Ninguém gosta de ficar aqui. Por isso, eu gosto.

Mordo o croissant de queijo e tenho uma epifania de céu na minha boca. É tão gostoso e quentinho. Amo queijo, massa fresca, leve e tudo com esse suco de laranja. Termino o de queijo e pego o de frango.

Estou com fome. Ficar em pé olhando para aquelas células crescendo e fazendo testes com tubos de ensaio sempre me deixa com fome. Tinha me desacostumado a ficar no laboratório de plantão.

Na terceira mordida do segundo croissant, meu celular toca. Pego-o e vejo quem é.

“Oi, tia. Como está?”

“Bem, minha flor, e você?”

“Ótima. Estou lanchando. Hoje é um daqueles dias em que eu fico no laboratório.”

Ela ri do outro lado da linha. “Mas você adora isso, mesmo que te deixe exausta. Sempre gostou dessas coisas de ciências malucas.”

“Não somos malucos. Somos gênios.” Solto uma gargalhada.

“Sua modéstia está em falta, querida.”

Rio de novo. “Você sabe que é brincadeira.” Tomo meu suco. “Mas o que você tem de novo pra contar? Parece feliz demais para uma ligação casual da semana.”

Monica resmunga, brincando. “Você me conhece mesmo.”

“Sabe que sim.”

“Então, o que eu tenho para te contar é que seu padrinho foi promovido no laboratório.”

“Uau, que legal.”

“É sim. Ele agora é chefe geral do setor de DNA da ICEE. Muita responsabilidade e uma grande mudança.”

Franzo a testa. “Mudança? Como assim? Ele sempre, sem querer, colocou muita responsabilidade nas costas. Agora ele apenas deve estar com mais trabalho. Certo?”

“U-hum. É, querida, mas tem outra novidade.” Ela faz uma pausa. “Ele está sendo transferido. Na verdade, nós dois, porque é claro que eu vou com ele.”

Meu coração salta dentro do peito e pareço ter contado até cem em frações de

segundos.

“Para onde? Outro estado?”

“Sidney, Austrália.”

Meus olhos se enchem de água imediatamente e abaixo a cabeça, para esconder meu rosto. Fungo baixinho e respiro fundo antes de falar, forçando minha voz para sair normal.

“É muito longe.” Não adiantou respirar fundo, minha voz está fraca.

“Querida, não chore. Vamos dar um jeito. Eu sei que provavelmente você não vai querer nos acompanhar e você não precisa. Está me ouvindo? Você é maior de idade e já sabe se cuidar. Nós ainda vamos cuidar de você, mesmo estando longe. Não fique preocupada.”

Limpo os olhos e forço ao máximo para um soluço não sair. Meu Deus. Austrália é do outro lado do mundo e deve ser umas vinte e poucas horas de viagem de avião.

“Quando aqui for dia, lá vai ser noite”, falo choramingando e minha madrinha ri.

“É, provavelmente sim. São vinte e uma horas de viagem. E são catorze horas a mais.”

Assinto, mesmo que ela não esteja me vendo. “É, eu sei. O seu Ano-Novo vai chegar primeiro que o meu.”

Ela solta uma gargalhada.

“Só você para me fazer rir, querida. E o ruim: eu vou ser mais velha também catorze horas.”

Fugo no meio de um riso. “É.”

“Cecillia, você não precisa ficar assim. Nós vamos nos ver sempre que der e a saudade bater. Não será o fim. Só vamos morar em países diferentes e distantes, mas vou continuar a te amar e te proteger de lá, ou em qualquer outro lugar que eu esteja. E pense bem. Você está se saindo muito bem nesse tempo que está na faculdade e longe de nós.”

“Mas eu sinto muita saudade de vocês e sempre sei que em apenas poucas horas posso ir de carro até vocês. Agora vou ter que ir de avião ou navio.”

“É”, ela diz, com um tom de lamento. “Eu sei minha flor.”

Posso sentir e até ouvir que ela está triste e deve estar chorando também do outro lado, mas está fazendo um esforço enorme para eu não conseguir perceber.

Monica é uma mulher muito forte e sempre quer passar para os outros que tem

tudo sob controle e que ela sempre está de boa para qualquer coisa que aconteça na vida dela e na dos outros que vá influenciar a dela. Por isso a amo tanto.

“Querida, vou precisar desligar agora”, ela fala, com a voz fraca. “Estou com uma coisa no forno e preciso tirá-la.”

Sorrio com a imagem dela cozinhando que passa na minha mente. Adorava vê-la cozinhar e comer a comida dela. É uma delícia.

“Tudo bem, tia. Pode ir, eu também tenho que voltar para o laboratório.”

“Então depois a gente se fala mais. Beijinhos, minha flor. Eu te amo muito, viu.”

“Também amo você.”

Encerro a ligação e fico um bom tempo fitando o meu celular no meio das minhas mãos. Fecho os olhos e respiro fundo.

Eu não sei o que devo pensar e fazer agora. Eu amo meus padrinhos, amo como eles se transformaram na única família que eu tenho. Eles são meus pais há muito tempo. Não posso negar isso e virar as costas. Mas o que minha madrinha disse é verdade. Eu sou maior de idade e não preciso segui-los mais. Só que eu não estou pensando com lógica, e sim com o coração.

Sei que vou morrer de saudade deles e não vou poder em um fim de semana ir visitá-los rapidinho, dando um pulo no estado vizinho. Eu vou ter que atravessar o oceano e, só de pensar nisso, fico com o coração apertado.

Só que pensar em deixar os Estados Unidos, meus poucos amigos que moram aqui em Boston — que continuarão sendo meus amigos mesmo que eu vá para outra universidade, que fica no mesmo raio de distância — e pensar em ficar longe *dele*, me mata também.

Meu coração acabou de ficar dividido entre continuar meu sonho de ser uma bioquímica, ter meus amigos aqui e ficar com Henry, contra seguir quem me amparou quando eu estava perdida e solitária no mundo.

Estou me sentindo tão exausta de um minuto para o outro e não tem nada a ver com meu dia de guarda-molecular no laboratório. Essa notícia acabou com meu ânimo.



Espreguço-me e levanto da cadeira em que passei quatro horas me revezando com Manuela e Sean — nosso amigo de laboratório. No total foram nove horas. Não aguento mais ficar aqui e pularia de alegria, se minhas pernas conseguissem, por já termos encerrado por hoje.

Dou tchau para todos e saio correndo pela universidade. São sete horas da

noite e internamente quero fugir daqui. Está na hora do treino dos meninos do futebol americano. Isso quer dizer que Brad deve estar por aqui e Anna também, mas quer dizer que Henry também está.

Eu recebi uma mensagem dele deve ter umas duas horas, dizendo que ele teria que vir para o treino, e então me disse para eu o encontrar no campo.

Eu não estou com muita vontade de ir, principalmente se eu tiver o azar de encontrar aqueles dois filhos da puta. Mas aí, eu não posso não ir, Henry está me esperando.

Cruzo os dedos e apresso minhas passadas pelo chão molhado do pátio. Hoje choveu um pouco enquanto eu estava no laboratório.

Passo pelos portões de ferro da entrada de visitas para os jogos na universidade e mesmo de longe eu o reconheço. Impossível eu não reconhecê-lo.

Alto do jeito que é, o terceiro jogador mais alto do time. Os braços longos, fortes e as mãos sempre na cintura com sua postura exuberante.

Dou um tchauzinho e ele me vê. Fala alguma coisa para os garotos com quem estava conversando e vem até a mim, que o estou esperando no ferro que divide o campo da pista de corrida e, atrás de mim a arquibancada, onde eu irei sentar para esperar que ele acabe o treino.

Henry abre um sorriso e noto que a camisa do time está levemente úmida e tem uma mancha de suor no meio dela, sob o peito dele.

Minha nossa, como ele é gostoso.

Eu o acho todo lindo. O nariz, o desenho dos olhos — a cor dos olhos —, a boca, o sorriso e as marcas de expressão que aparecem no seu rosto quando ele abre um sorriso. E não posso me esquecer de quando ele sorri de lado. Eu me derreto toda, porque é um sorriso muito lascivo e é impossível de não ficar achando-o mais lindo e gostoso do que é. Acho lindo seu riso. Todos eles e as orelhas também. Uma é até tortinha por causa de fazer artes marciais. Os cabelos me dão vontade de apertar e puxar, e depois afagar com carinho e sentir o quão sedosos são.

Eu queria poder ficar olhando para ele por horas e horas sem piscar e sem ele achar estranho eu fazer isso. Porque é estranho querer ficar olhando para uma pessoa por uma infinidade de segundos, minutos e até horas. Mas ele é tão lindo que eu perco o juízo.

Respiro fundo e termino minha epifania de garota de oitava série.

“Que cara é essa, sua nerd?”, ele fala, e cruza os braços que estão suados, parando na minha frente.

Não consigo não notar como ele está gostoso com esse uniforme ridículo que o deixa com ombros disformes para os humanos e levemente suado.

“Nada. Só estou muito feliz de estar aqui para assistir a um bando de selvagens se machucando de propósito.”

Ele solta sua gargalhada forte, jogando os ombros para trás, e depois inclina o corpo para a frente e murmura para mim:

“E se eu prometer te recompensar?”

Aperto o cenho, tentando fazer uma cara zangada, mas por dentro me sinto quente com a promessa dele. Mesmo eu nem sabendo o que ele pretende fazer para me recompensar.

“Vou continuar odiando isso aqui”, murmuro.

Ele assente rindo e as sobrancelhas levantam-se muito rápido. Seus olhos se focam atrás de mim e eu, curiosa, viro-me.

Brad, que também veste o uniforme do time, está passando por trás de mim e conversando com uma ruiva sorridente e oferecida. Ela fala alto e infantil demais. Está querendo chamar a atenção dele.

Idiota, é mais fácil levantar a saia. Aproveita que é curta, penso e roo a unha do meu indicador.

Escuto um risinho e me viro de volta para Henry.

“O que foi?”

Henry fica com o olhar enigmático e, quando aperto os olhos, fazendo minha cara séria, ele diz:

“É a segunda ou terceira vez que escuto seus diálogos internos.” O canto da sua boca fica um pouco repuxado para o lado. “Acho que você tem que rever os seus pensamentos, Cecillia. Alguém que você não queira um dia vai ouvi-los e não vai ser legal.”

Meus ombros caem em lamento.

“Eu sei, às vezes isso acontece.” Assinto vagarosamente.

Ele sorri gentilmente. “Não esquente. Se todas às vezes quem ouvir for eu, não haverá problema.” Ele pisca e termina: “Só continue falando essas coisas doidas que você fala, sussurrando. Aí nós sempre vamos escapar de um grande problema na rua.”

Dou risada e balanço a cabeça. Alguém o chama e Henry olha para o time e acena com a mão. Ele se vira para mim de novo e diz:

“Deixa eu lá terminar logo. Sou o capitão e eles precisam de ordem.”

Assinto e rio.

“Está bem e...”, olho para o seu peito e subo os olhos, rápido. “Por que você está molhado?”

“Isso é suor. Eu cheguei vinte minutos depois daquela mensagem que te mandei e, para sua alegria”, ele aproxima o rosto do meu, “já estamos quase acabando.”

Solto o ar como um resmungo e faço um bico de criança malcriada.

“Deixa de ser chata e espera ali na arquibancada.”

Assinto e meus olhos vão para o peito dele de novo e depois para os seus braços, até chegarem ao rosto a tempo de ver uma gota de suor escorrer no canto da sua face.

Ele dá um sorrisinho besta de lado. *Acho que percebeu que o estou cobiçando.*

“Não vai demorar muito. Vai para lá.” Ele me empurra de brincadeira e corre de costas de volta para os outros jogadores. “Se quiser, treina também.”

“O quê?”, grito de volta.

“A torcida.” Ele levanta a mão direita como se estivesse torcendo e grita: “Lions G! Lions G!”

Torço a cara de desgosto e ele balança a cabeça antes de me dar as costas e correr pelos metros que faltam até se juntar aos outros caras do time.



Virando a página do livro — que estou quase terminando de ler, para matar o tempo enquanto Henry se digladiava com os outros idiotas no campo —, uma gota atinge entre as folhas, molhando e manchando a folha que rapidamente fica meio amarelada e enrugada.

“Que saco. Não acredito nisso.” Olho para o céu. “Chuva infeliz, eu adoro esse livro.”

Esfrego com o meu casaco o cantinho onde a gotinha molhou, tentando em vão secar. Fecho o livro e guardo-o na mochila, e outra gota me atinge na perna e molha meu joelho. O jeans claro da minha calça fica azul escuro.

Franzo a testa e olho para cima.

PING. A gota cai no meu olho.

“Ai!”, reclamo, e limpo rápido a vista.

Passo a alça da minha mochila pelo ombro e levanto. Olho para o campo, que está vazio, porque todos já foram tomar banho no vestiário. Não gostei de ficar aqui sozinha esperando Henry, mas também não aceitei a oferta do Bernardo —

amigo dele — para eu acompanhá-los.

Desço a arquibancada e nos fundos vejo alguns meninos saindo do vestiário já com roupas normais. Ando até onde fica o corredor que leva aos vestiários e à escadinha no início. Não me atrevo a descer um degrau, mas aperto os olhos para tentar ver algo.

De repente alguma coisa puxa meu casaco para baixo e eu me viro rápido.

“Quê...?”

“Sempre curiosa”, Max me corta.

Ele está vestido com uma roupa de treino. Calça de moletom, blusa da universidade e o casaco também, e levemente suado. Ele faz parte da natação da BU. Deve estar vindo da academia da universidade. Ele corre para ganhar fôlego nas competições de natação, que faz maravilhas com seu corpo. Seus ombros são largos como de qualquer nadador.

“Idiota”, resmungo. “Você me deu um susto.”

“Calma, Ceci. Estou brincando. Está procurando quem?”

“Henry. Ele não voltou ainda do banho e eu não gosto de ficar sozinha por aqui onde Brad e Anna *vagueiam*.”

Max solta uma gargalhada, colocando até a mão na barriga.

“Você é muito louca. Vem cá.” Ele me puxa para fora do corredor do vestiário e ficamos recostados na parede. “Não fica dando mole ali. Os caras são babacas e vão zoar com você se te pegarem aqui. Espera aí que vou lá ver ele.”

“Obrigada mesmo. Não aguento mais isso aqui. São nove horas e eu quero muito chegar em casa.”

Ele assente e beija meu rosto antes de sair correndo.

Fico petrificada, sem reação, e espero, como ele pediu. Max é sempre tão fofo comigo, mas não posso esquecer que é galinha. *Esses beijinhos... Hum!*

Vejo uns dez pingos de chuva caírem e recuo até quase entrar na parede.

Que merda, estou cansada e daqui a pouco, se Henry não chegar logo, vou ficar encharcada.

“O que você está fazendo? Quer virar mural?”, Henry brinca, vindo na minha direção com a mala da Nike pendurada no ombro. De repente ele para e olha para o braço que está com as mangas do casaco dobradas até quase os cotovelos. “Isso foi um pingo?”, e pergunta meio para ele mesmo, mas respondo:

“Foi sim e eu estou sentindo isso há uns vinte minutos e, se você demorar mais, vamos ficar alagados daqui a pouco quando a chuva começar de verdade.”

“Nossa, você está nervosinha hoje, hein? O que deu em você?”

Ele para na minha frente e fico olhando para o rosto dele limpinho, os cabelos molhados — onde uma mecha solta da franja está no canto da testa — e o cheiro de sabonete está misturado com a colônia que ele usa do Giorgio Armani.

Respiro fundo, mal disfarçando minha vontade de sorver seu aroma, e digo:

“Estou com fome, cansada e levemente com sono. Por isso estou de mau humor.”

Ele ri e tosse com a mão na boca.

“Desculpe”, murmura envergonhado, e termina. “E você fica muito hilária irritada.”

Mordo o lábio inferior para não sorrir e dou de ombros. Ele meneia a cabeça e coloca a mão no meu ombro.

“Vamos logo, sua mal-humorada.”

Finjo fazer uma cara feia e sigo-o para fora do campo. Andamos um bom pedaço até o portal de visitantes e chegamos na quadra do estacionamento. Ele diz que o carro está no canto afastado porque não tinha mais vaga. Internamente quero matá-lo, porque sinto mais pingos caindo em mim.

No meio do caminho, os pingos se tornam uma garoa, e de repente começa a chover de verdade.

Henry dá uma paradinha e olha para o céu. Automaticamente paro também e olho para ele. A chuva vai nos molhando e molhando até eu acabar copiando-o. Levanto o rosto e sinto a água no meu rosto.

Respiro lentamente para não me afogar e sinto o cheiro da terra molhada e da grama que divide as vagas dos carros no estacionamento. A sensação da chuva banhando meu corpo é boa. O clima não está frio no nível “Alasca”, e é bom sentir o frescor da chuva.

Com um poema, um pensamento, passa pela minha cabeça:

Quero que a chuva lave tudo.

Quero que limpe toda a bagunça da minha vida.

Quero acreditar que tenho tudo que desejo.

Quero que tudo que amo esteja ao toque das minhas mãos.

Quero estar aqui e lá.

Quero amar e ser amada.

Uma força de dentro de mim abraça meu coração e engulo o caroço que se

forma na minha garganta. Mesmo que eu chore, não vai dar para notar, está chovendo muito e as lágrimas se juntarão à água da chuva.

A sensação de choro passa e logo sinto mãos nas minhas bochechas. Lábios delicados e doces beijam minha boca. Continuo com o rosto virado para cima. Minhas mãos se agarram ao pano do casaco dele.

Sua língua quente acaricia a minha, e o contraste dos lábios levemente frios me causa calafrios. Suas mãos descem para trás da minha cabeça, entrelaçando-se nos cabelos da minha nuca. Aperto mais seu casaco.

A chuva está torrencial e estou quase sem conseguir respirar, mas não quero parar de beijá-lo.

Porque é tão bom.

Tão perfeito.

É uma das coisas que eu mais gosto de fazer depois que comecei a fazer.

Gosto mais que suco de laranja.

Muito mais que suco de laranja.

“Vamos para o carro”, ele sussurra, me beijando.

Assinto e, ganhando mais um beijo rápido nos lábios, sou puxada para o carro. Corremos pelo estacionamento, Henry aperta o alarme, e entramos juntos no carro. Eu, no banco do passageiro, e ele, no do motorista.

Jogo minha mochila no banco de trás e ele, sua mala. Aperto meus cabelos, tirando o excesso de água, deixando cair no chão do carro. Com o canto do olho, vejo-o puxar o casaco e ficar sem camisa. Arfo com força e não foi do esforço que fiz para chegar aqui, nem a falta de ar que fiquei com o beijo na chuva.

Henry olha para mim e sorri. Abaixo os olhos.

Vejo sua mão ir até a alguns botões no painel do carro e um ar quentinho atinge minha pele. Os vidros do carro ficam embaçados e, sem esperar, sou puxada.

Fico no colo dele sem entender nem saber o que fazer. Com os olhos astutos, ele abaixa o encosto do carro até onde pode e me ajeita no seu colo, passando minhas pernas por cima das dele, e fico montada nele. Suas mãos não param. Elas passam pelo meu corpo e se enfiam dentro do meu casaco.

Não faço nada. Vou deixando que ele me leve, me pegue e me possua. Eu não tenho forças para protestar, nem quero fazer isso.

Gosto das mãos dele tirando o laço do meu cabelo, puxando o zíper do meu casaco e tirando-o de mim.

Gosto da sua boca beijando meu corpo, fazendo uma trilha de beijos do meu peito — por cima da blusa — até meu pescoço.

Gosto ainda mais quando ele me puxa para cima e eu consigo agarrá-lo também.

“Adoro seu gosto com chuva”, ele diz, com a voz rouca na minha pele, enquanto lambe meu pescoço. “Vou adorar te comer apertadinha no carro.”

Solto um gemido sem forças para esconder dele como suas palavras me afetam. Aperto seus cabelos e mordo seu ombro.

“Você também tem um gosto bom.”

“Gosto de você selvagem”, ele fala, e solta um riso rouco.

Suas mãos chegam para a frente do meu corpo. Ele abre o botão da minha calça e logo desce o zíper. Afasto meu rosto do dele e franzo a testa.

“Você está falando sério?”

“Sobre te querer aqui?”

Assinto, e ele ri.

“Claro que sim. Estou muito duro para você.”

Fico quente e seguro os punhos dele.

“Mas nós estamos no estacionamento da faculdade.”

O canto da sua boca sobe em um sorriso irônico.

“Você ficaria surpresa de quantos casais já transaram por aqui.” Ele enfia a mão na minha calcinha. “Até fora do carro, pequena”, ele murmura baixo, sedutoramente.

Pisco e gemo quando ele consegue, com uma mão, baixar minha calça enquanto, com a outra, os dedos fazem círculos no meu clitóris. Fecho os olhos e jogo a cabeça para cima. Ele deixa o dedão no clitóris e os dedos longos chegam na minha fenda.

“Olha como você está molhada e tão louca por mim quanto eu por você.”

Abro — rapidamente — os olhos e consigo flagrá-lo mordendo os lábios antes de murmurar algo que não entendo.

Ele pega minhas mãos e as coloca em cima dos seus ombros, e entendo que ele quer que eu me apoie. Ele levanta sua pélvis e ele abre a calça, para descer até onde seu pau duro e com a ponta molhada de pré-goço praticamente salta para fora.

Não quero admitir, mas me deixou com água na boca. Que merda foi essa?

Por que isso?

Com o rosto ainda abaixado para o seu pau, ele pede para eu pegar uma camisinha no bolso da frente da mala de esportes dele. Pegó-a e rapidamente a entrego a ele. Ele beija minha boca e veste o pau devidamente.

“Tira sua calça para ficar melhor.”

“Como eu vou tirar?”

Henry solta uma risada e fala para eu pular para o meu banco. Faço o que ele disse e tiro a peça, com a calcinha e tudo.

“Agora volta aqui.”

Mordo o lábio para não sorrir e volto a ficar no colo dele.

Bem devagar, ele me senta em cima dele e se enfia em mim. Tento ao máximo não gemer, mas falho miseravelmente. Arfamos os dois juntos, ao mesmo tempo, e o calor que vem do seu corpo me puxa pra ele.

Deixo meu corpo descer, sentindo-o todo dentro de mim. *Que merda, assim é tão fundo!*

As mãos dele abrem meu sutiã e ele tira a peça, jogando-a para trás do carro. Queria protestar e dizer que vou ter que ficar sem sutiã depois, mas não quero falar nada. Eu quero a boca dele.

Puxo seu rosto para mim e encosto sua boca na minha. Meus seios estão apertados no seu peito forte e nu. Nossos corpos estão começando a suar. Água e suor se misturando.

Suas mãos afagam minhas costas e depois uma fica no meio das minhas costas e a outra vai para a minha bunda, me incentivando a subir e descer por seu comprimento.

“Ai, caralho. Você é tão gostosa. Tão apertada e quentinha”, ele geme na minha boca e eu mordo seus lábios antes de voltar a beijá-lo, e ele geme.

Pulo no seu colo e jogo a cabeça para trás. Arquejamos ao mesmo tempo e sinto a brasa fervendo no meio do meu ventre. Ele empurra para cima e estoca dentro de mim. Fecho os olhos e aperto as mãos dele, que circulam meus mamilos duros.

“Merda, mais rápido”, peço, sem controle, e ele me atende. “Mais forte. Assim! Henry! Meu Deus.”

Ele ergue o corpo, impulsionando o meu para o alto. Sua boca vai para o meu seio e ele aperta os dentes no meu mamilo.

Deliro e cavalgo-o sem vergonha.

Eu não acredito que eu estou transando no carro, no meio de um estacionamento. O estacionamento da minha faculdade. Estou totalmente nua e ele está ainda com a calça jeans presa nos tornozelos. Mas é tão bom. Tão pecaminoso e sexy.

“Isso é bom demais”, digo, jogando a cabeça para o alto e agarrando a cabeça dele entre meus seios.

“Eu sei, minha pequena.” Sua voz rouca surge um pouco depois da minha.

Seu corpo volta a se deitar no banco. Com o braço esticado, sua mão na minha lombar sobe e chega até minha nuca. Ele pega um punhado dos meus cabelos e os puxa, para expor meu pescoço, e me inclina para a frente. Logo sua boca suga minha pele e eu solto um som desesperado.

“Estou quase... Eu vou gozar, Henry. Eu vou gozar.” Meu gemido é tão carente. Não reconheço minha própria voz.

Uma espécie de rosnado sai de dentro dele. Sua outra mão vai parar na minha boceta e ele aperta onde eu estou muito sensível.

“Então goza”, diz. “Goza pra mim, pequena.”

Mexo mais um pouco meu corpo até sentir minhas entranhas se apertarem no seu pau e o fogo queimar e derreter a brasa dentro de mim. O calor do orgasmo queima todo o meu corpo e arde no meio do meu peito.

Sinto Henry estocar mais dentro de mim e então suas mãos agarram minha cintura, me parando com ele todo dentro de mim. Seu pau incha, cresce, e sinto a quentura do seu gozo enchendo a camisinha.

“Cecillia...”, ele deixa escapar entre uma respiração e outra.

Deixo meu corpo cair em cima dele, mole feito uma boneca de pano. Seus dedos perambulam, acariciam e desenham formas involuntárias em minhas costas, enquanto recuperamos nossos fôlegos.

Seu nariz passa pelo lado do meu rosto, que está ao lado do dele, e ele me dá um cheiro, antes de beijar meu rosto.

“Está menos estressada agora?”, murmura.

Solto uma gargalhada alta e me afasto para olhar em seus olhos. Estão extremamente cinzas e poderosos.

“E se eu disser que não?” Ergo as sobrancelhas.

Ele aperta meu corpo, na altura das minhas costelas, e fica com os dedões protegidos e escondidos embaixo da volta dos meus pequenos seios.

“Aí... eu terei que continuar isso aqui em casa.”

Faço uma cara séria, mas, sorrindo, digo:

“Estou muito zangada ainda por esperar você no treino e ainda fiquei molhada da chuva.”

Seu peito treme quando ele ri. Ganho um selinho rápido e um sussurro no ouvido, ao que ele me abraça:

“Então me deixe resolver isso em casa. Vai para o seu banco, sua rabugenta.”



QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 2013

ENTRO COM CECILLIA EM CASA E FECHO a porta rápido. Ela corre para o banheiro, quase fazendo xixi nas calças. Rio e deixo nossas coisas em cima da mesa do jantar.

“Ai, merda.”

Franzo a testa e paro na porta do banheiro, e bato.

“O que houve?”

“Nada”, Cecillia responde, com a voz sofrida.

“Fala logo.”

Escuto-a resmungar e então fala:

“Molhei seu casaco lavando as mãos.”

“Não tem problema. Tome um banho que eu vou preparar a janta para nós.”

“Okay.”

Ando para a cozinha e penso no que vou preparar. Acabamos de chegar da faculdade e Cecillia não levou casaco, então tirei o meu para emprestá-lo a ela para eu não a ver congelar.

Essa semana toda, o tempo está frio por aqui, mas hoje — especialmente — está um frio do caralho em Boston. Uma ótima quinta-feira para ficar debaixo das cobertas com Cecillia, com certeza, mas primeiro vamos nos alimentar. Hoje nosso treino na academia, antes da faculdade é claro, foi pesado. Ela está me surpreendendo.

Coloco a água do macarrão para ferver e pego o frango desfiado com molho de manjeriço, que comprei pronto ontem no caminho para casa, no restaurante que eu gosto, e do qual às vezes Cecillia reclama do preço, o *Che Sapore*.

Gosto de comer e levá-la lá. Sempre vou me lembrar da vez em que a chamei para almoçar comigo e ela estava sem dinheiro — eu sempre percebia quando ela estava com pouco dinheiro — e claro que paguei tudo, como sempre. Não importa se ela não tem dinheiro, eu vou pagar as coisas para ela, principalmente se eu a convidar quando saímos. Ela não gosta, porém eu não ligo.

Eu jamais faria algo do tipo com ela, deixá-la com fome ou deixá-la pagar a conta quando estivermos juntos. Cuidar de Cecillia e protegê-la é quase como um instinto, mais do que uma obrigação. Eu gosto de vê-la feliz. Todas as coisas que estão ao meu alcance para isso acontecer, eu faço e irei fazer.

Quando estou tirando o macarrão do fogo para escorrer a água, ela aparece na porta da cozinha. Engulo em seco e aperto as alças da panela.

“Peguei emprestado. Tudo bem?”, ela pergunta, com seus olhos inocentes.

“Tudo”, respondo baixo.

Ela sorri, mas franze a testa. “Quer ajuda?”

Balanço a cabeça e chego até a pia, jogando o macarrão no escurridor.

“Não”, murmuro, lavando o macarrão.

“Então vou preparar a mesa para nós.”

“Está bem.”

Ela acena com a cabeça e sai da cozinha. Sei que ela falou alguma coisa chegando na sala de jantar, mas eu estou concentrado demais para não ficar de pau duro. *Que merda.*

Desse jeito ela vai pensar que eu só a quero para isso, mas é difícil não pensar em sexo com Cecillia vestindo shorts jeans curto, meias até os joelhos com as pantufas que eu dei a ela e uma camiseta larga que cobre o shortinho, parecendo que ela está sem nada por baixo. E o foda é que a camiseta é minha. Algo animalesco borbulha dentro de mim com a visão dela vestida assim.

Depois de alguns minutos, termino de misturar o molho ao macarrão e levo a travessa para a mesa da sala de jantar, onde Cecillia arrumou do seu jeitinho.

Da onde vieram essas flores?

“Gostou? Peguei essas flores bonitinhas do canteiro morto, perto da porta da vizinha de baixo. Acho que ela não gostou do presente e jogou ali mesmo.” Ela acaricia as flores coloridas de um jeito delicado. “Poxa, que pena, eu achei ela tão bonita. Quem jogaria flores fora?”

“Alguém cujo namorado a estava traindo há muito tempo e ficou de saco cheio”, digo, já me servindo de macarrão.

“Minha nossa, o cara do andar de baixo estava traindo aquela loira peituda?”

Aceno que sim com a boca cheia, engulo rápido porque ela quer me ouvir falar.

“Sim. Ele estava traindo a Patrícia tem um tempinho, mas acho que ela descobriu, já que você achou essas flores jogadas de qualquer jeito e o carro dele não aparece por aqui tem uns três dias.”

Ela levanta as sobrancelhas. “Que merda. Você conhece ela ou ele?”

“Claro que sim. Eles são meus vizinhos, mas não é por isso. Eles malham lá na academia e sempre estavam juntos, até que John começou a se envolver com a moça da padaria.”

“Você sabe?”

“Todo mundo estava percebendo tem um tempo, mas Patrícia é aeromoça e vive fora de casa.” Dou de ombros. “É difícil flagrar alguma coisa quando você não está em casa, e John é um cínico desgraçado.”

“Que merda.”

“Merda dupla. A garota da padaria está grávida.”

“Porra. E por que você não falou com a sua vizinha? Eu falaria.”

Rio e assinto. “Com certeza você falaria, porém eu prefiro não me envolver nos assuntos dos outros. Vai que eu abro a boca, compro briga com John — faixa preta de Krav Maga — e depois eles reatam e eu que fico mal na história.” Dou um olhar de aviso e lamento para ela. “Vai por mim. Eu já vi casos assim e ficar na ignorância é a melhor opção. Finjo que não vejo e nem ouço nada.”

“É, talvez você tenha razão mesmo. Existe até a frase: em briga de marido e mulher não se mete a colher.”

“Fato, e agora cala a boca. Estou com fome, você fala muito.”

Ela solta uma gargalhada adorável e bebe um pouco da sua bebida.

Com o silêncio comemos nossas refeições em paz e eu não consigo não olhar para ela o tempo todo. Tem algo estranho comigo hoje. Não que eu não tivesse a mania de olhar para ela antes, mas tem um tempo — mais agora — que eu não consigo parar de olhar.

Cecillia percebe meu olhar e olha para mim de rabo de olho. Ergo a sobrancelha e desvio o olhar para minha comida. Ela dá uma risadinha e eu levanto os olhos para ela de novo. Rio da careta que ela faz e recebo um chute na perna. Faço cara de mau e a chuto de volta — de brincadeira. Com um olhar de desafio, ela enfia a última garfada na boca e se levanta.

“Quem cozinha lava a louça”, ela canta e corre para o banheiro.

Não consigo ficar zangado com ela. Apenas rio e pego as coisas da mesa e vou levando-as para a sala de jantar.

Quando termino de lavar e limpar tudo, apago as luzes da casa e vou para o meu quarto. A televisão está ligada e uma Cecillia concentrada assiste ao Discovery Channel.

“Não tinha nada melhor na programação para você assistir?”, pergunto, entrando no banheiro, e a escuto responder com a voz alta.

“Eu gosto de saber das coisas.”

Que grande novidade. Ela gosta de saber de tudo mesmo. Chega até a ser preocupante ela com sua mania de querer aprender e saber de tudo. Mas enquanto eu puder tomar conta dela, não haverá problema. Porém, sei que um dia não estarei ao seu lado. Não que eu queira, mas não posso ficar vinte e quatro horas ao lado dela.

Fecho os olhos com o cansaço da semana e com o pensamento de um dia eu não a ter ao meu lado. Não quero que este dia chegue, algo amargo aperta minhas entranhas com esse pensamento.

Eu acho que estou pensando demais nela. Em todos os momentos do meu dia. Seja eu tentando me concentrar no trabalho, na sala de aula, tudo sempre acaba me remetendo a ela.

Eu sempre pensei que quando começamos a desejar muito uma pessoa — não apenas no sentido carnal e sim a companhia dela — é porque estamos fodidos. Infelizmente eu estou pensando muito em Cecillia e desejando-a assim. Estou insaciável.

Quando a vejo, fico eufórico e com vontade de beijá-la, agarrá-la.

É como se eu estivesse com sede e ela fosse a última gota d’água no mundo. Como se eu estivesse com fome e ela fosse minha última refeição.

O tempo inteiro perto dela é preparado para ouvi-la. Seu riso, sua voz, suas piadas bobas, e amo ouvir e senti-la gozando para mim.

Mas esses pensamentos todos me apavoram, porque enquanto eu apenas a tiver como vontade, quando eu tiver que ficar sem ela por perto, eu vou ficar bem. Só que... se ela se tornar indispensável, uma necessidade, eu sei que não vou ficar bem.

Eu já senti isso. Eu já amei alguém de forma inestimável e ela me deixou. Com Cecillia pode até ser pior, pois eu sei o quanto que ela se adaptou a ficar comigo.

Merda.

Eu também me adaptei a ficar com ela e vou morrer de saudade dela quando as minhas aulas acabarem, e faltam apenas cinco meses para isso. Apenas cinco meses ao lado dela e aí eu vou para Nova York, pois é o certo a se fazer.

Mas por que dentro de mim eu não acho isso?

Dou um muro na parede do banheiro com raiva de tudo.

“Henry?”

“Estou bem, só bati com o cotovelo na parede.”

“Okay. Cuidado aí, Incrível Hulk.”

Faço um som de risada, mas não estou conseguindo rir de nada no momento. Algo que eu não estou muito a fim de admitir está sendo torcido dentro do meu peito.

Termino de escovar os dentes, ou poderia ser meu monólogo interativo comigo mesmo, e entro no box, tomando um banho rápido, sem muitos pensamentos e reflexões. Quero muito o calor da minha cama e — infelizmente que penso junto — o calor de Cecillia.

Saio do banho, seco meu corpo rapidamente, e enrolo a toalha na cintura.

Entrando no quarto escuto de forma bem audível, Cecillia engole em seco. Meu lado idiota gosta que ela fique assim perto de mim e sinta tanto desejo por mim quanto eu sinto por ela.

Nossa transa no carro na segunda passada foi muito boa. Na verdade, bom não é o suficiente para descrever o sexo quente que tivemos. Foi a primeira vez em que eu a comi por cima e foi sensacional sentir seus movimentos.

Ela está me tirando do sério, não consigo me segurar com ela e fico muito agradecido por ela ter um fogo bem quente, e ela está se saindo uma amante perfeita.

Aquele dia foi muito bom mesmo, todo ele, exceto apenas por duas coisas: o problema na academia, que eu ainda não estou conseguindo acreditar no balancete do fechamento dos últimos quatro meses, e Cecillia com a história de sair de Boston. Eu acreditei que o que ela quis dizer era sair da BU, mas, mesmo assim, senti que tem algo a mais.

“Henry?”

Respiro fundo e pisco, acordando. *Meu Deus, o que está dando em mim? Porra.*

“Está tudo bem? Tem algo no seu armário?”

“Não, eu... eu...” Enterro os dedos no cabelo e sacudo a cabeça. *Merda.* “Estou indo.”

Ela de novo dá a risadinha dela e eu não penso duas vezes antes de pular na cama, puxo as pernas dela, fico em cima dela e faço cócegas em seus braços e na sua barriga, porque sei que ela é sensível nessas partes do corpo.

“Ah não, merda. Pare com isso, Henry.”

“Não mesmo, sua debochada.”

“Meu Deus!”, ela grita. “Vou acabar com você depois.”

“Ah é?” Aperto a cintura dela e ela empurra as pernas para cima. “Sua pestinha.”

“Argh! Vou te matar é agora.”

De alguma forma ela consegue me jogar para o lado e monta em mim. A força do meu aperto no seu corpo diminui e eu começo a fazer carinho no seu corpo, nas coxas até a cintura, enfiando as mãos por baixo da camisa e descubro que ela tirou o shortinho.

“Achei você uma gostosa com essa camisola nova.”

Cecillia sorri sem graça e abaixa os olhos para o meu peitoral.

“Eu acho que vou ficar com ela pra mim.”

“Pode ficar, já é sua.”

Ela assente sorrindo e fica sentada em cima de mim. E me ajuda a tirar a camiseta do seu corpo, ficando apenas de calcinha. Tenho total noção de que estou pelado debaixo dela com minha ereção embaixo da sua bunda.

“Mas prefiro você assim”, eu falo, provocando-a.

Seu sorriso vai esmorecendo lentamente e seus olhos se focam nos meus. Os olhos piscam em câmera lenta e então, com um suspiro — quase teatral —, ela engole em seco.

Franzo a testa e aperto o corpo dela, mas não esperava que a reação dela fosse me abraçar.

Fecho os olhos e depois que sinto minhas mãos pararem de tremer — e eu não sei por que —, abraço-a também com a mesma força.

“Está tudo bem?”, questiono-a, baixo.

Ela funga baixinho e fico preocupado.

“O que houve?”

Seu corpo treme levemente quando ela começa a ter soluços. Ela está

chorando. Afago os cabelos dela, acariciando suas costas também.

Fico em silêncio esperando que ela fale. Eu sei que ela vai falar, porque diferente de mim, ela me conta tudo que se passa na sua cabecinha. E eu não poderia gostar mais dela por isso.

Com um soluço, ela beija meu rosto suavemente e enfim murmura:

“Amanhã...”, ela faz uma pausa e levanta o rosto, dá uma olhada no relógio e voltar a dizer, olhando para mim; “Hoje, faz treze anos que... que eles morreram.”

Ah, merda. Fico paralisado, olhando para os olhos castanhos que eu acostumei a ver sorrindo e brilhando de curiosidade, fitarem-me com tamanha tristeza. Por instinto e impulso, seguro o rosto dela e o trago para mim. Nossas testas se encostam.

“Eu sinto muito, Cecillia.”

“Eu sei que parece bobagem. Eu já deveria ter superado, mas...”

“Ah, merda, é claro que não.” Afasto seu rosto e olho em seus olhos. “Eles são seus pais. Nada pode substituí-los, e chorar por eles é normal. Pode chorar.” Pisco para que eu também não chore. A tristeza dela chega a me contagiar. “Eu também choraria.”

“Me sinto uma fraca. Eu não consi...”

“Pare com isso. Você é uma garota muito forte. Você vê?! Minha mãe ficou doente e eu virei as costas para ela. Já você perdeu os pais e é tão forte para acordar todos os dias e viver. Correr atrás do seus sonhos. Eu admiro você de verdade, Cecillia. Nunca diga que você é fraca.”

Ela assente.

Suas mãos passam pelo meu peito, fazendo um carinho lento até que param no meu pescoço e ela o contorna. Sinto seu indicador passar na minha artéria. Engulo em seco e trago seu rosto até o meu de novo.

Seu corpo relaxa em cima de mim, os braços no alto da minha cabeça, com as mãos nos meus cabelos, fazendo carinho. Minhas mãos não param de passar pelo seu corpo, por seus cabelos longos que vão até a beira da calcinha, e quando chego no final deles, aproveito e acaricio os lados da sua bunda.

Quando ela realmente se acalma e eu consigo sentir isso, ela me dá um beijo. Fito seus olhos e ela me dá um sorriso tristonho. Subo minhas mãos — agora acariciando-a de cima abaixo — e as enfio por trás da sua cabeça, segurando sua nuca e seu pescoço.

Meus lábios encontram os dela novamente, mas agora meu beijo está mais guloso. Quero tentar achar alguma forma para ela ficar calma. Talvez eu esteja fazendo merda lhe oferecendo isso agora, mas é uma distração da dor dela e quando estamos juntos assim, pelo menos para mim funciona. Eu não penso em mais nada, só nela.

“Se você não quiser, eu vou entender”, sussurro, olhando em seus olhos.

Ela abre a boca, mas não sai nada por um longo tempo, então ela pisca e assente.

“Tudo bem. Eu acho que... isso vai... me distrair.” Seus olhos fogem dos meus.

“Tem certeza?”

“Tenho.” Sua voz sai muito baixa, quase não a ouço.

Com muita lentidão trago seu rosto para mim, beijando sua boca, e ela fecha os olhos.

Meus lábios passam nos dela calmamente, provocando e lhe fazendo um carinho. Lambo seu lábio inferior e o sugo. Cecillia arfa e eu enfio minha língua na sua boca, fechando os olhos como os dela. Beijando-a com delicadeza, rolo nossos corpos para ela ficar embaixo de mim.

Se o que ela precisa é de atenção e carinho, eu vou lhe proporcionar isso, e fico por cima. Mesmo que eu adore o livre acesso que eu tenho ao seu corpo quando ela está em cima de mim.

Suas mãos se enterram em meus cabelos e a boca se abre mais, dando-me mais acesso para dar prazer a ela. Chupo, mordo e sugo sua boca, mas ainda com a mesma delicadeza. Quero que ela fique pronta para mim sem eu ter que fazer mais nada a não ser beijá-la.

Solto-me de sua boca e beijo seu pescoço, seu ombro, e por fim seu colo, com as mãos nos seus braços, acariciando-os. Vou descendo e beijando seu corpo. Fico de joelhos e tiro sua calcinha, que estava começando a ficar encharcada.

Subo meu corpo e reparo em como o seu está mudando. Os treinos estão fazendo maravilhas às suas antigas *pequenas* curvas, e suas pernas estão ficando torneadas. Passo as mãos por elas e olho para Cecillia com os olhos vidrados em mim agora

“Pega a camisinha na gaveta.”

Ela vira o corpo brevemente e, abrindo a gaveta, pega o envelope prateado na caixinha, e volta a ficar deitada na cama, erguendo a mão com a camisinha para mim.

“Não vai colocar?”

Ela franze a testa. “Eu... eu...” balança a cabeça. “Eu não sei colocar.”

“Ah, vamos lá. Não tem mistério. Vem cá.”

Puxo seus braços para ela ficar sentada. Coloco suas mãos no meu abdome e faço um sinal de incentivo.

“Henry?!”

“Vai, é só desenrolar no meu pau. Simples. Você é uma nerd, sabe fazer tudo.”

Ela sorri e morde a boca. Seus olhos descem para o meu pau e ficam um bom tempo assim. Algo passa pela sua mente, percebo o jeito como seus ombros se enrijecem e sua boca se abre, mas ela engole em seco e faz o que eu mandei, e com muita eficiência.

“Não disse? É simples”, murmuro.

Ela olha para mim com os olhos semicerrados e se deita de novo comigo, empurrando seu corpo. Dou um beijo em sua boca e digo:

“Você quer colocar a boca em mim?”

Ela fica paralisada e isso é minha resposta. Seguro seus peitos e beijo seu nariz.

“Hoje não. Hoje é você que importa.”

Ela pisca e desvia os olhos.

“Você não quer que eu faça isso com você? Eu sei que sou inexperien...”

“Shh... Isso não tem nada a ver, certo?” Corto-a. “Eu quero e muito você fazendo isso comigo, mas hoje não se trata de foder como dois animais.” Respiro. “Hoje tem a ver comigo fazendo você se sentir bem.”

“E você?”

“E eu?”, pergunto confuso.

“É. Você não terá nada?”

Merda. Ela não entende. Tê-la é mais do que eu preciso. Quantas vezes eu lutei para ter meu tesão tão forte quanto agora!?

Ter meu pau tão duro e foder a noite toda e esquecer tudo, mas isso nunca aconteceu. As lembranças e dores amargas sempre chegavam e eu só gozava porque todas as outras garotas queriam me agradar de qualquer jeito e impulsionavam meu orgasmo. Com Cecillia é diferente.

Só em estar com ela me basta para sentir meu sangue bombear mais forte, mais rápido. O que nós temos é quase como o que eu já tive uma vez. Só não sei

se eu não tenho porque não é igual, ou porque eu luto para não ser igual. Melhor.

“Só me basta ter você aqui. Isso já é ter mais que o suficiente.”

Uma sombra de sorriso aparece em sua face, mas só fica evidente em seus olhos. Dou um sorriso fraco.

Arrastando-me em cima dela, sentindo o peso do meu pau passar em suas coxas, fico no meio de suas pernas e pego suas coxas para me envolver enquanto as pontas dos seus dedos vagueiam pelos braços, pescoço, peito e rosto.

Respiro fundo e vou me encaixando nela. Resmungo quando sinto o seu calor na cabeça do meu pau e ela fecha os olhos, mordendo os lábios. Que visão linda! Ela se preparando para eu penetrá-la e, se ela não precisasse de carinho agora, eu a foderia até a cabeceira da cama bater na parede.

Antes de me enfiar nela, observo seu corpo iluminado pela pouca luz que vem da rua pelas frestas de passagem das venezianas na minha janela. Sua pele tão clarinha e os mamilos rosados enrijecidos me dão água na boca.

Desce meu corpo, sentindo-os se apertarem contra o meu peitoral. Os mamilos duros fazem meu corpo se arrepiar.

Com minhas mãos na sua cabeça e as dela nos meus braços, apertando meus bíceps, enfio meu pau em sua boceta apertadinha e molhada. Suas unhas raspam minha pele, causando uma ardência que me deixa mais louco por ela.

“Ah!”, ela exclama, quando estoco com força, indo fundo.

“Merda. Por que você tem que ser tão boa, minha pequena nerd?”

“Ah! Henry.”

Suas coxas tremem e apertam meu corpo com força. Mexo minha pélvis em um movimento lento, querendo dar tanto prazer a ela quanto ela me oferece. Enterro o rosto no seu pescoço e, com a boca semiaberta, beijo seu ombro.

Deslizo meus braços para debaixo dela e deixo nossos corpos tão juntos que nem uma linha passaria por nós. O ritmo fácil que comecei continua e agora ela acompanha, levantando a pélvis para me deixar ir mais fundo. Ela solta o ar com um grito abafado, chamando minha atenção para olhar para seu rosto.

Sua boca aberta, os olhos fechados serenamente enquanto eu a penetro vagorosamente, tudo isso traz à tona em minha cabeça que estamos fazendo amor, não fodendo.

Essa lentidão boa que me faz querer prolongar o nosso tempo juntos assim e a delicadeza com que eu a seguro e ela me segura fazem meu coração capotar em uma montanha imaginária.

Abaixo meu rosto para o dela e a beijo, chupando sua língua, roubando seus gemidos baixinhos e seu ar para mim. As mãos dela sobem para os meus cabelos e ficam neles, fazendo um carinho tão lento que me dá sonolência. Seguro seu rosto também, beijando e beijando sua boca, que está ficando inchada.

Os apertos do seu núcleo me fazem acelerar o movimento dentro dela. Querendo, procurando seu orgasmo como também quero o meu. Quero gozar com ela. Quero sentir seu aperto me levar à loucura.

Ergo meu rosto para ver o dela e estoco com força, fazendo-a soltar um gemido alto. Cecillia arqueia as costas, arranhando meu pescoço, e as pernas se soltando ao lado do meu corpo quando seu orgasmo chega. Empurro mais uma vez, indo bem fundo, e também gozo frações de segundos depois dela.

Arfo uma lufada de ar fria, com a boca seca no pescoço dela, quando deixo o peso do orgasmo me levar para cima dela, caindo e pressionando meu peito no dela.

Seus braços me abraçam e retribuo, abraçando-a com força. Beijo seu rosto e fecho os olhos, querendo ficar com ela assim por mais tempo.



SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2013

Acordo com meu despertador tilintando na minha cabeça e acabando com o silêncio confortável do quarto. Viro o rosto para a mesa de cabeceira e o desligo. Respiro fundo e volto à minha posição de antes. Aperto meus braços em volta de Cecillia, que resmunga e se vira nos meus braços, ficando na minha frente e me abraçando também.

Eu não sei bem a hora em que pegamos no sono ontem, só lembro que depois que transamos eu passei um bom tempo do mesmo jeito, eu em cima do corpo dela, dentro dela. Mas quando o cansaço me venceu, eu tive que me mexer para tirar a camisinha. Então joguei o preservativo na lixeira ao lado da cama e movi meu corpo para o lado dela de novo, puxando o edredom embaixo do qual estamos agora.

Ela está tão quentinha e macia nos meus braços que já estou com raiva da sexta-feira antes de ter realmente começado.

“Nós temos que levantar”, falo, e tiro o cabelo do rosto dela.

Ela resmunga e esfrega o rosto no meu pescoço e no meu peito.

“Por favor, não! E é você que tem que levantar, não eu.”

Rio e dou um apertão com os braços nela.

“Sua preguiçosa. Você disse que ia hoje cedo para a academia e depois para a

faculdade para podermos sair com Jorge e Roger e, claro, as garotas.”

Se bem que ela disse isso quando não tinha me falado que hoje seria o dia da morte dos pais, será que mudou de ideia?

“Eu sei, Henry. Só quero ficar mais um pouco aqui.”

Suspiro e assinto.

“Então vamos ficar.”

“E o trabalho?”, ela inclina suavemente o rosto para me olhar.

“Aquela merda é minha também, chego quando quiser e eu não tenho aula de manhã, só de tarde.”

“Sim, patrão”, ela sussurra, com a voz sonolenta.

Coloco o corpo dela debaixo do meu e fico em cima dela em nanosegundos, prendendo-a. “Você está ficando muito engraçada. Vai me pagar.”

Ela joga os braços para o lado e levanta os ombros.

“Não ligo.”

“Tem certeza?”

Ela assente, com as sobrancelhas erguidas. Rio e levo meus lábios para junto dos dela, beijando-a com vontade. Seus braços passam pelo meu pescoço e sua boca quer tanto a minha quanto a minha quer a dela. Apesar de ser cedo e ainda estar odiando a sexta-feira, meu dia acabou de melhorar. Ela sempre melhora meu dia e não precisa de muito para isso.



SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 2013

ABRO OS OLHOS, SE POSSÍVEL ACORDANDO PELA segunda vez no mesmo dia, e vejo a cama vazia. Faço um biquinho, solto um muxoxo, e suspiro. Henry foi para o trabalho e agora eu estou aqui só. Sento-me na cama, segurando o lençol sob meus seios.

Sorrio para o nada, mas com um porquê. Sinto-me tão bem pela noite de ontem. Foi inacreditável e é mais inacreditável que nós não ficamos cansados de repetir — parece que nunca.

Agora eu entendo realmente todo o fascínio que as mulheres têm por Henry por aqui. Ele sabe comer uma mulher e de qualquer jeito. Mesmo eu sendo leiga sobre o assunto — ou não, considerando as últimas semanas —, sei que ele é uma *coisa* na cama, portanto aqui estou eu com as pernas meio trêmulas pela última sessão de foda com ele.

Não foi antes de ele sair e eu cochilar, porque nós apenas ficamos de beijos e carinho na cama. Uma coisa bem única e diferente das nossas transas trêmulas e quentes. Nada a ver com as outras noites que tivemos.

Ele usou do seu... posso dizer... dom para me distrair do luto pelos meus pais. Fui surpreendida com ele me beijando com tanto carinho e transando comigo tão lentamente. Nossa, foi tão gostoso sentir seu corpo junto ao meu daquela forma! Estávamos tão juntinhos e sincronizados.

Eu me sinto orgulhosa de dizer que quando minhas mãos estão nele, Henry se rende a mim. Eu fico emocionada com como ele ferve ao sentir meu toque. Fico muito feliz de saber que temos uma troca quando nos tocamos.

Receber seu carinho no dia de hoje foi fundamental para minha sanidade. Hoje definidamente é um dia triste para mim. Parece que foi ontem que eu perdi meus pais, a ferida da cicatriz sempre fica mais dolorida e sangrenta nesse dia.

Eu sei que muitos ficam sem entender essa dor toda no meu coração, mas eu não me importo. Há anos eu apenas me tranco no meu quarto e choro até as lágrimas acabarem e o cansaço me fazer dormir.

No entanto, hoje eu ganhei uma passagem para uma festa na casa de não sei quem, que Jorge conhece. Não estou me importando com a casa nem com a festa, só vou para tentar um novo jeito de aliviar minha saudade e a dor.



“Achei que você não viria mais”, Henry diz para mim quando entro na sala de aula de boxe.

“Eu me enrolei fazendo o almoço.”

“U-hum. Se aqueça logo para começar o treino”, ele fala indo até as luvas que ficam em uma caixa para os alunos extras ou que estão fazendo uma aula experimental. Foi ideia do Jorge fazer isso. Ele disse que as academias de lutas têm luvas extras, então achou que Henry deveria fazer isso aqui.

Franzo a testa e chego perto dele. “Não acredito que vai ser só nós dois hoje de novo.”

Ele se vira e abre a boca, mas os alunos entram na sala falando. Henry pisca para mim e pede todos para começarem a correr na sala.

Balanço a cabeça e me afasto dele. Como todos fazem, corro em cima do tatame em círculos.

Após o aquecimento, todos fazem duplas, escolhidos pelo Henry. Eu fico com uma garota que já é treinada há muito tempo, tempo o bastante para me instruir a fazer as coisas direito. Henry dá as coordenadas para os socos, jabs, chutes e todos os outros golpes de Muay Thai. No começo me dou bem, acerto e desvio os socos — luva com luva. Mas então eu ganho um soco no rosto porque não me protegi bem.

“Ai.”

Escorro pela parede com a mão, “luva”, no local onde recebi o soco.

“Você está bem?”, a garota pergunta.

Quando penso em responder e levanto o rosto, Henry vem para perto de nós.

“Cecillia?”, ele exclama, e se agacha na minha frente.

“Nossa, você é forte”, murmuro para a garota, enquanto ele tira minha luva e aí eu posso passar a mão no rosto.

“Desculpe, Cecillia”, ela diz, sem graça.

“Sem problema, Jodi, vai treinar com a menina novata”, Henry fala com ela e

me afasta da parede.

Ele me leva para o banco comprido de alvenaria que fica perto dos ganchos para pendurar as mochilas ou bolsas que os alunos usam para levar as luvas e guardar seus pertences. Na aula não pode usar nenhuma joia, relógio e claro que o tênis fica praticamente no tapete, na porta da sala.

“Sente-se um pouco. Você está com dor?”

“Não, não. Acho que só foi um susto.” Na verdade, doeu mesmo, mas agora não, e por isso ele não vai saber.

“Você ainda vai apanhar bastante nos treinos.”

Assinto, dando de ombros. Eu sei disso e não gosto *disso*.

“Agora, pega suas coisas e desce. Te encontro para o lanche daqui a pouco.”

“Está bem”, digo, assentindo, e me levanto do banco.

Vou até o gancho onde está minha bolsa, pego e me viro para Henry, despedindo-me. Ele veio atrás de mim até aqui.

“Te vejo depois e, enquanto isso, vou terminar um trabalho de Biologia na lanchonete.”

Ele ri e assente com a cabeça.

Saio da sala a tempo de vê-lo voltar a dar novas coordenadas para os alunos. Quando fecho a porta, dou um tchauzinho e ando pelo corredor das salas de aulas coletivas no segundo andar.

Desço as escadas e vou até o banheiro fazer xixi rápido. Termino, lavo as mãos, jogo um pouco de água no rosto e saio caminhando para fora da academia, cumprimentando as meninas da recepção com um “até logo”.

Entro na lanchonete, que fica ao lado da livraria, e conseqüentemente ao lado da academia, e vou me sentar em uma das cinco mesas redondas de aço com quatro cadeiras também de aço em frente ao balcão de pedidos.

Às vezes eu sento às mesas que têm os bancos feito sofás presos na parede, mas hoje eu vou ficar perto do balcão, para não perder tempo na hora de fazer o pedido quando Henry chegar.

Quando viemos comer aqui, depois que eu passei a morar com ele e saindo sempre, ele vem até a lanchonete, me vê sentada, fala que vai pedir algo para comer e me pergunta o que quero. Eu apenas digo meu pedido e às vezes posso pagar. Ele é um chato com isso, não me deixa pagar nada. Então ele vai e compra e pega nossos lanches.

Eu poderia reclamar desse jeito dele de me agradar e proteger, mas eu não

posso. Eu gosto de me sentir importante para ele, mesmo que talvez, no fundo, eu seja só a amiga dele, eu gosto de saber que sou importante e que ele gosta de mim de qualquer forma.

Essa semana faz um mês que estou morando na casa dele e que praticamente estamos *saindo* juntos e sendo muito mais que amigos, porque amigos não transam.

E bem, não é bem sair.

Ele e eu nunca tivemos um encontro nem nada romântico, mas claro que eu não vou pedir ou cobrar isso dele. Nossa relação começou de um jeito diferente do normal.

Nossa atração — eu acho — existe desde o primeiro dia, mas ele talvez deva ter me achado uma boba e preferiu desistir de mim. E eu preferi fingir que ignorava como ele mexia comigo e como eu sempre morri de vontade de beijá-lo e passar as mãos no seu corpo todo.

Por isso que eu não posso exigir nada dele. Algo assim muito romântico ou tipo coisas de namorados, porque, ao meu ver, Henry não me vê como uma namorada ou talvez nem queira uma namorada. Talvez namorar não seja o tipo dele, ele só gosta de curtir.

Quando estou no final da última frase do texto sobre células disformes de macrobióticos em desenvolvimento, escuto o sininho que tem na porta da lanchonete, parece até coisa clichê de filme. E eu não gosto desse sininho, nem Henry. Por isso, toda vez que ele entra aqui, ele segura o sininho e o som sai abafado. A esfera que bate dentro do sino fica com um som parecido com o de um martelo em madeira, fica *menos* chato. Não dói o ouvido.

Levanto o rosto e vejo-o caminhando até a mesa onde estou.

“Trocou sua mesa?”, ele brinca.

Dou de ombros. “Hoje eu quis ficar perto do balcão e, toma”, ergo a mão com dez dólares para ele. “Eu quero um queijo quente com muito queijo *mesmo* e um copo de chá mate gelado com um toque de gengibre.”

Ele resmunga, mas pega o dinheiro depois de eu balançar a nota para o alto.

Observo Henry andar até o balcão e a garota sorridente o atende. Ela é nova, foi contratada essa semana, e ela sorri demais para o meu gosto. Ele termina de fazer os pedidos, paga, e depois de alguns segundos, pega a bandeja com nossos pedidos.

“Espero que tenha queijo suficiente”, ele diz, colocando a bandeja em cima da mesa.

Dou um sorriso torto para ele e mordo um pedaço grande do queijo quente.

“Hmm...” Cantarolo feliz com o sabor do queijo derretido na minha boca.

Eu adoro queijo e pão de forma e um mate gelado, igual a este que eu acabo de tomar um gole. Mate é a minha segunda bebida favorita no mundo.

“Esse sanduiche está perfeito”, falo, dando outra mordida.

Henry sorri com meu entusiasmo e continua mastigando seu hambúrguer completo. Ele pediu de frango com queijo e um monte de coisa no estilo do Subway, mas da Nolla Lanches: o point de Boston não é um Subway. É melhor.

“Vamos logo com isso. Eu tenho que assistir às duas primeiras aulas de Bioquímica e aí sim eu chego em casa para trocar de roupa e te pegar.” Ele dá uma mordida, mastiga e engole rápido. “Espero que esteja pronta quando eu chegar em casa.”

Dou risada e termino de engolir o último pedaço do sanduíche para conseguir falar com ele.

“Pode deixar que estarei pronta.”

“U-hum”, afirma ele.

Acabamos de comer, levantamos da mesa e então eu volto para casa, de táxi. E como já são cinco horas da tarde, ele vai para a faculdade.

Já chego tomando banho e fico um tempo debaixo d’água me limpando e esvaziando minha alma, chorando de saudade dos meus pais.

Debaixo d’água o alívio é maior e, mesmo que eu esteja sozinha, sinto como se ninguém pudesse ver minha dor e minhas lágrimas, ou até eu mesma não sinto tanto a perda deles. É tão complicado tentar explicar o que se passa dentro de mim nesse dia.



“Que festa lotada.” Tento cochichar no ouvido de Henry, mas além de ele ser alto demais, o som da música da Fifth Harmony, *Work from Home*, está alto demais e minha voz não passa pelo som.

“O que você disse?”, ele pergunta no meu ouvido.

Um arrepio passa pelo meu corpo e eu contenho minhas mãos, que estão com vontade própria, querendo agarrar a camisa de manga longa branca e leve dele, com gola canoa. Ele está lindo com ela e a calça jeans escura e as botas de couro até a canela que eu acho muito sexy.

“Eu disse que a festa está muito cheia”, repito no ouvido dele, e estamos muito perto um do outro. Colados, eu diria.

“É uma festa de república. É claro que está cheia e talvez teremos que fugir da polícia por causa do barulho. Sempre acaba assim.”

Rio e falo alto o bastante para ele ouvir: “Que nem no filme *Vizinhos?*”

Henry dá uma gargalhada e, assentindo, abraça meus ombros com um braço e me leva para dentro da festa.

Parecendo até cena de filme mesmo, caminhamos por dentro da casa cheia de jovens bêbados e se agarrando e beijando e... Meu Deus. *Vão para um quarto.*

Agora a música trocou para *Stronger*, do Kaney West. Eu sou apaixonada por essa música e é uma pena que um cara tão babaca seja o cantor dela. Apesar de eu ter amado quando ele falou que a Beyoncé era melhor que a Taylor na MTV. Porém, ele foi muito indelicado e gosto é gosto. Eu amo mais a Bey, no entanto, tem músicas da Taylor que também curto. Naquela noite ele foi meu herói entre aspas. Mas eu ainda daria um *fora* nele se fosse a Taylor.

Chegamos no quintal da casa e está uma zona total. A piscina está com um monte de boias feito rosquinhas e patinhos coloridos. Tem um bar no canto, um pouco longe da piscina, mas perto o bastante para uns caírem na piscina com o copo na mão.

E, falando em copos, há vários pontinhos vermelhos flutuando na piscina, que deve ter sido o que eu falei mesmo. Alguns já caíram nela bêbados. Ou eles são uns bandos de porcos.

O que eu estou pensando? Eles são um bando de malucos universitários curtindo a vida em uma sexta-feira, o primeiro dia de zoeira que dura até às três da manhã de segunda. Todo mundo vai para a aula um pouco bêbado ainda.

E VOCÊ DEVERIA FAZER O MESMO HOJE. — Frody.

AI, NÃO. FRODY, VOLTA PARA A TOCA.

“Ali, o Jorge”, Henry fala quando estamos atravessando a piscina. “Fala, cara.” Ele cumprimenta Jorge, Max e as meninas. Fico surpresa ao ver Manuela com Jorge, e Max está com uma loira aguada estranha.

“Achei que você não viria mais”, Max fala, abraçando-me e depois Jorge, que tira meus pés do chão.

“Ah! Pare com isso”, reclamo com Jorge, e empurro o ombro dele, fazendo-o rir. “Eu não demorei, foi o Henry.”

“Oh, que fofo. Agora ele é um marica”, Jorge diz, olhando para trás, enquanto Henry vai até o bar. Ele foi pegar bebidas para nós.

“Você só fala isso porque ele está longe de você agora”, Max fala, dando um

soco de brincadeira no braço de Jorge.

“Cara, não seja babaca. Eu não tenho medo do Henry”, Jorge fala, todo cheio de si.

Todos riem, até a garota loira aguada, que depois de mais algumas conversas, se apresentou para mim. Cléo estuda engenharia civil em Harvard e está saindo com Max há duas semanas, mas não desgruda dele para nada, e ele também não desgruda dela.

Eles vão dançar com os outros loucos, no cantinho de luzes no quintal, e ficamos só eu, Henry, Manuela e Jorge.

Um tempo depois, quase uma da manhã, Roger chega com a escandalosa da Scar. Eu a adoro e as festas e boates só ganham vida quando ela está nelas.

“Ceci!”, ela exclama, sorridente.

E então sou puxada para a pista de dança, ou o cantinho de luzes. Isso nunca vai ser uma pista de dança se o chão é grama molhada, que naturalmente virará lama em breve.

As músicas, na maioria, são eletrônicas, além de loucas e tocando muito alto. Com certeza vai rolar polícia aqui hoje. Henry tem razão.

Estamos em um bairro popular em Boston, onde há muitas casas grandes alugadas para irmandades ou para estudantes livres que não querem se juntar a uma irmandade. E há também casas de famílias, e as duas casas do lado onde estamos são de pessoas “normais”, famílias. E, olhando para o ritmo de todos aqui, a festa não vai acabar tão cedo e o som vai virar a madrugada. Tenho pena dessas pessoas.

Henry é puxado pelo time de futebol americano da faculdade e ri. Ele pisca para mim e eu sorrio para ele. Jorge e Roger vão com ele e as meninas ficam comigo.

“Então”, Scar cochicha no meu ouvido. “Você e Henry estão juntos desde quando?”

“Ah.” Abro a boca e me afasto para fitar seus olhos. “Nó-nós...”, gaguejo.

“Não tente negar. Está na cara que vocês estão juntos.”

Respiro fundo e sinto minhas bochechas queimarem, devem estar vermelhas.

“Por que está falando isso?”

Scar dá um sorrisinho de lado, sarcástico, e diz:

“Porque se ele não estivesse com você, estaria por aí procurando alguém em quem se esfregar e para beijar na boca. Henry é viril demais para estar em uma

festinha como essa sem pegar mulher nenhuma.”

Engulo o bolo de raiva que se forma na minha garganta, aperto os punhos ao lado do meu corpo e cruzo os braços para não demonstrar minha repulsa de imaginar Henry com outra garota.

“Talvez ele tenha ido pegar uma agora.”

“Ah, que é isso, Cecillia!? Não faz isso que não é seu estilo. Assume logo que vocês estão juntos.”

Dou de ombros e faço um gesto de impaciência com a cabeça.

“Espera aí”, Scar coloca a mão na frente do meu rosto, e de repente sou puxada por ela para o cantinho. “Vamos conversar sério, agora, e no lugar sem bisbilhoteiros.”

“Não tinha ninguém prestando atenção em nós.”

“Você que acha, mas deixa pra lá. Me conta o que está acontecendo com vocês dois.”

“Nada.”

“Vai à merda com esse *nada*.”

Reviro os olhos e meus ombros caem resolutamente. Se eu não contar, ela não vai me deixar em paz.

“Sabe que eu estou na casa dele e que eu não tinha cama para dormir.”

Ela assente e faz com a mão um movimento para eu continuar.

“Então Henry estava dormindo mal no sofá e eu disse que ele poderia dormir na cama dele e eu no sofá...”

“E ele não aceitou mesmo”, ela termina a frase por mim.

“Isso. Então ele acabou dormindo comigo na cama, mas o problema não foi esse.”

“Imagina”, ela zomba. “Dormir perto do cara por quem você é louca e ele é todo lindo como Henry. Realmente, esse não foi um problema.”

“Para de falar e deixa eu terminar.”

Ela ri e faz com a mão nos lábios um gesto como se tivesse zíper na boca e o estivesse fechando.

“Aí um dia, eu não sei por que, eu o encontrei no sofá. Fiquei chateada e nós *meio* que brigamos por isso. Ele falou umas coisas loucas sobre mim e correu para o quarto dele, me deixando sozinha na sala. Eu fui atrás dele e continuei reclamando de ele dormir na sala, e então ele tirou a camisa...”

Scar arregala os olhos.

“Ele ia tomar banho para ir para o trabalho e eu perdi a cabeça com ele daquele jeito.”

“Imagino, né.”

Rio e continuo. “Nós falamos mais algumas coisas e então, quando eu fui ver estávamos nos beijando.”

“Ui, que delícia.”

“Eu não acreditei que estávamos nos beijando. Jurava que ele não me via com esses olhos.”

“Não sei por quê. Você é muito bonita. Ele teria que ser cego para não te desejar, Cecillia.”

“Obrigada, Scar.”

“Conta mais”, ela diz, entusiasmada.

“Enfim, no mesmo dia ele recebeu um telefonema e foi para Nova York com o irmão Scott. No dia em que ele não apareceu para trabalhar na academia.”

“Ah, eu me lembro desse dia. Jorge ficou puto por cobrir Henry em todas as aulas.”

“Isso mesmo. Eu fui saber que ele tinha ido para Nova York bem depois. Só que naquela noite ele não voltou pra casa.”

Scar franze a testa.

“Na verdade, ele foi sim”, explico. “Ele deixou as coisas em casa, se cortou com um copo, e foi beber no bar perto de casa.”

“Sério?” Ela está totalmente surpresa. “Isso não é do feitio dele.”

“Ele estava nervoso e preocupado com umas coisas.” Não me aprofundo no assunto. Não vou contar sobre a vida dele para ninguém. “Quando ele voltou para casa, eu questionei por que ele estava daquele jeito. Então só sei que ele me agarrou. Que nós nos agarramos e nos beijamos loucamente de novo e então...”

Ela assente, encorajando-me, e murmura, só vejo os lábios se movimentarem:

“E?”

“E que nós transamos.”

“Uau, quanto drama. E agora?”

“Agora o quê?”

“Como vocês estão?”

“Bem, eu acho... Desde aquele dia nós dois estamos transando e nos beijando

quase sempre. Acho que só mudou isso.”

“Isso o quê? Não entendi.”

“Nós sempre fomos muito unidos e próximos, mas agora a gente se beija e faz sexo. Nada mudou.”

Scar faz uma cara que eu não sei decifrar e bate com o indicador vagarosamente no rosto, pensativa.

“Roger me disse que Jorge disse a ele que Henry contou que levou você para conhecer a família dele em Nova York no Halloween e que, por sinal — Jorge disse —, foi aniversário de uma das irmãs de Henry.”

Assinto, afirmando. Tive vontade de rir com a frase dela, mas estou muito curiosa para saber o que ela está pensando. Seu olhar diz que tem algo em mente.

“Meu Deus, menina. Isso não quer dizer nada pra você?”

“Como assim?”

Scar abre a boca para falar, mas mãos firmes agarram minha cintura e me giram para braços compridos e mais ou menos musculosos, me abraçarem.

“Nem acredito que te vejo por aqui. Você não é de festa nem bagunça, nerd gostosa.”

“Felipe, pare com isso e me coloca no chão.”

Sua risada forte sai e ele me põe no chão novamente. Scar estende a mão e diz alto para sua voz corta a música de Ariana Grande em remix, *Let Me Love You*. Amo essa música e estou tão perdida nela que demoro a perceber que Scar olha para Felipe com... *raiva*?

“Prazer, Scarlet.”

“De Johansson?”, Felipe brinca, e ela torce a cara.

“Quem me dera ser tão linda quanto ela e ter o dinheiro dela, mas não. É Collin mesmo.”

“Prazer então Scarlet Collin, sou Felipe Taylor.”

Ela faz um aceno com a cabeça. “Legal, vou pegar bebida pra mim e te vejo depois, Ceci.”

“Está bem”, digo sorrindo e ela sai andando e empurrando as pessoas.

“Quer dizer que agora você é da farra também?”, Felipe fala quando estamos a sós.

“Não. Só vim me divertir um pouco...” *E me distrair das lembranças ruins do*

dia de hoje, completo mentalmente.

“Sei”, ele fala, com um sorriso presunçoso, e dá mais uns dois passos ficando mais perto de mim. “Você está bonita hoje.”

“O-o-obrigada”, agradeço, recuando, e encosto no muro de dentes de leão presos na parede.

“Você faz falta no dormitório, mas eu sei que onde você está é melhor.”

“É sim, Felipe.” Balanço a cabeça, assentindo freneticamente.

Ele tira uma mecha de cabelo do meu rosto e passa-a para trás da minha orelha. Aperto os olhos para ele e seguro seu pulso.

“O que você está fazendo?”

“Nada, só tirei o cabelo do seu rosto.”

“Por quê?”, pergunto com a voz grave. “Você está perto demais, Felipe”, digo e ele cobre minha voz, falando junto.

“Porque impede de eu ver seu lindo rosto. Você é linda demais para ser uma nerd.”

Empurro seus ombros, afastando-o um pouco. “Você é um babaca por pensar assim. Só as vadias podem ser bonitas?”

“Não foi isso que eu quis dizer.”

“Mas pensou.”

Ele me dá seu sorriso debochado e eu fico com vontade de socar a cara dele.

“Você não perde a mania de ser idiota.”

“Calma, Ceci. Eu estou brincando com você e sou seu amigo.” Ele dá um passo para trás, se afastando mais. “Você pode ser nerd e linda, não tem problema nisso.”

Rio e balanço a cabeça. “Idiota com A+.”

“Nunca neguei isso”, fala soberbo.

Reviro os olhos.

“Você veio com alguém?”, ele pergunta, e quando penso em falar, algo me chama a atenção atrás dele.

Aperto os olhos e vejo uma loira alta, deve ter um metro e oitenta, cabelos loiros naturais com reflexo que os iluminam, mesmo com as luzes coloridas dá para notar. Tem um belo corpo e rosto. Um sorriso bonito e olhos que estão acesos e felizes.

Engulo em seco com a imagem que vejo: ela está falando com Henry e eles

parecem se conhecer. Ela fala com ele do mesmo jeito como Jorge e Roger e outros alunos da universidade que estudam com Henry desde o primeiro período. Com intimidade e proximidade.

Ele está olhando para o rosto dela, falando e mexendo muito a boca — eu acho que para ela o escutar — e está com as mãos nos bolsos. Às vezes eles ficam mais perto e falam um no ouvido do outro.

“Algum problema, Ceci?”, Felipe pergunta, colocando a mão no meu ombro, atrás de mim. Nem percebi que andei mais para perto de Henry.

“Não”, respondo, e balanço a cabeça porque talvez eu tenha falado baixo.

“Você está olhando para o Henry e...”

“Cecillia, vem cá!”, Scar grita na pista de dança, roubando minha atenção.

“Vem dançar com a gente!”, Manuela pede também, jogando os braços para cima.

“Vamos lá!” Sou empurrada por Felipe para as garotas e perco de vista Henry e a loira reluzente.



Um pouco depois das duas da manhã, eu estou dançando como uma louca. As músicas são ótimas, uma melhor que a outra, e novamente sinto mãos no meu corpo, e essas são familiares.

Estou no meio de todos, dançando, pulando e sinto as mãos na minha cintura, subindo por cima da minha blusa preta de algodão, levemente folgada. Henry aperta meus seios — movendo as taças do meu sutiã — e eu solto um gemido que ninguém ouve. Graças a Deus.

Ele esfrega o corpo no meu e resolvo virar meu rosto para trás, deixando meu pescoço exposto para as mãos dele, e Henry me segura com a mão cheia no meu pescoço e os dedos no meu queixo. Sua língua lambe minha boca e então se enfia na minha boca. Ele mordisca meus lábios e eu envolvo seus braços em mim.

O poder que ele tem sobre mim me deixa fraca e entregue a ele. Finalmente me viro em seus braços e nos agarramos no meio de todos, nos beijando e passando as mãos um no corpo do outro. Isso é tão bom!

Ele continua dançando e me beijando, parecendo que não está nem aí para ninguém aqui. Eu vou na onda dele e minhas mãos alisam seus braços, sentindo seus músculos tensionarem-se quando ele faz o mesmo com as mãos no meu corpo, só que na minha cintura e na bunda.

Minha nossa, eu nunca fiz isso com ninguém. Nunca dancei assim, nem fui

beijada assim e no meio de tantas pessoas.

“O-Que Você-Está-Fazendo, Henry?”, pergunto sendo beijada loucamente.

“Estou-Te-Beijando-E-Louco-Pra-Me-Enterrar-Em-Você-Bem-Fundo, Minha Pequena.”

“Henry”, gemo, e seguro com força sua camisa. Ele parece ler meus pensamentos, que agora estão gritando para ele nos levar para um lugar mais reservado.

Vamos para a parede onde Felipe me prensou e eu vi uma garota com Henry. Eu quero muito, *demais*, saber quem ela é, mas não posso e não tem como frear o desejo por ele agora.

“Eu quero você agora”, murmuro no ouvido dele, puxando seus cabelos e ele beijando meu pescoço.

“Também quero você. Sente como meu pau está duro? É por sua causa. Da sua bundinha gostosa. Da sua bocetinha apertadinha que meu pau adora.” Ele pressiona sua ereção dura em mim e suga a ponta da minha orelha. “Preciso sentir você.”

“Ah!”, gemo quando ele leva a mão para dentro da minha calça e vai indo até o lábios do meu sexo e os abrem para que seus dedos passem na minha parte que está ficando úmida, e a palma da sua mão esfrega meu clitóris. “Ai, Henry. Por Favor!”

“Isso. Fica pronta pra mim, pequena. Assim. Desse jeito. Só pra mim.”

“Mas Henry... aqui não.”

“Shiuu... Eu vou te levar para um lugar bom, onde você pode gritar e me cavalgar à vontade.”

Puxo a manga da sua camisa para cima. Quero sentir o calor da sua pele e seus músculos e o gosto salgado do seu suor.

“Por favor, Henry.”

“Certo.” Ele me beija rápido, com brutalidade. “Vamos.”

Ele tira a mão da minha calça, lambe os dedos, me fazendo quase explodir, e sorri. Balanço a cabeça sorrindo e o vejo virar as costas para mim.

“O que está fazendo?”

“Suba nas minhas costas. Vamos cair fora daqui.”

Rio e pulo nas costas dele.



MINHAS MÃOS ESCORREGAM NAS COSTAS DELA E chegam na volta da sua bunda. Aperto-a com força, fazendo-a gemer e erguer o corpo, ficando na ponta do pé. Puxo-a para cima e ela logo envolve minha cintura com suas pernas e abraça meus ombros. Nossas bocas só se desgrudam por breves segundos e eu realmente não quero parar.

Ando às cegas, tentando nos guiar para o quarto.

Abro um olho e vejo que errei de direção, pois estamos na sala. *Que se foda, vai ser aqui mesmo.* Estou duro demais para escolher lugar. Quero logo enfiar meu pau bem fundo em Cecillia e fazê-la gemer gostoso no meu ouvido. Gritando *meu nome*.

Calmamente inclino meu corpo para baixo, para deitar no sofá por cima dela. Cecillia solta a boca da minha e, afastando o rosto do meu também, abre os olhos confusos para mim.

“Na sala?”

Dou de ombros e falo: “Vamos experimentar outro lugar hoje.”

Ela dá uma risadinha e dá de ombros também. “Que seja. Depois daquele dia no carro, espero tudo de você.”

“De mim?”, pergunto, bem humorado, apoiado no sofá apenas com um joelho e a outra perna do lado de fora do sofá. Levo minhas mãos para os botões da calça jeans dela, que esconde o zíper. “Você que fica me tentando e eu que sou perverso.”

Cecillia ri alto e balança a cabeça. Olho para seus olhos castanho-claros e os fito. Estão negros de luxúria e tesão. Nunca na vida achei que ia desejar tanto uma pessoa como sempre a desejo. Sempre parece que é a primeira vez que transo com ela. Sempre é único e o prazer que sinto vai muito além da carne.

Ela morde o cantinho da boca e um som animalesco escapa de dentro de mim.

Abro sua calça e a puxo para baixo com a calcinha e tudo. Não quero perder tempo. Cecillia geme baixinho, com os olhos fixos em tudo que eu estou fazendo. Ela adora ver o que eu faço.

“Por que você gosta tanto de olhar para mim?”

Seu rosto fica vermelho e ela morde com mais força o lábio. “Não sei. É porque você sabe o que está fazendo. Eu, não.”

Sorrio de lado e passo minhas mãos por suas pernas, coxas e tronco, sentindo a curva suave da sua cintura, enfiando as mãos por baixo da sua blusa. Ela fecha os olhos, entregando-se ao prazer, e arqueia o corpo para cima, e minhas mãos alisam suas costas. Fico no meio das suas pernas e puxo seu corpo para mim. Tiro sua blusa, jogo-a em algum canto e trago Cecillia para o calor do meu peito.

Suas mãos passeiam pelos meus braços, contornando meus músculos, desenhando linhas imaginárias até meus ombros e pescoço. Seus lábios acariciam minha pele, beijando suavemente meu pescoço e meu queixo enquanto eu abro seu sutiã sem alça e ele cai livremente.

Ela suspira quando nossas peles estão juntas. Confesso que o prazer é todo meu em sentir sua pele na minha.

Eu adoro dormir com ela sem roupa, sentindo meu peito em suas costas macias, ou os seios dela nas minhas costas quando ela que me abraça durante a noite. Gosto de ficar por cima dela e sentir seus seios sob o meu peito. O raspar dos seus mamilos nos meus. Sua barriga lisinha colada com a minha. Tudo com ela é tão bom.

Deito-a no sofá de novo com os olhos fechados e meus lábios se afastando da sua boca conforme a distância nos afasta. Ela abre os olhos quando levanto do sofá e tiro a calça e, claro, com seus olhos atentos a todos os meus movimentos.

Ela engole em seco quando olha para o meu pau e lambe os lábios descaradamente. *Ah, merda. Hoje eu não resisto.* Chuto minha calça com uma perna para a longe e meu pau dá uma sacudida.

Um sorrisinho escapa dela e eu a pego desprevenida, fazendo cócegas em cima das suas costelas.

“Ah! Por favor, não faz isso comigo. De novo, não”, ela reclama, e eu vou parando até meus dedos estarem acariciando sua pele e fazendo círculos nos seus mamilos, que ficam duros de imediato.

“Assim pode?”

“Hmm...”, ela geme e assente com a cabeça. “U-hum.”

“Acho que isso foi um sim, então vou continuar.” Meus dedos desenhavam

círculos nas pontas dos seus mamilos e Cecillia geme em minhas mãos. Eu *amo* quando ela fica assim, por isso abaixo a cabeça e mordo os bicos dos seus seios e os sugo com vontade.

“Ah, Henry!”, ela grita, e arqueia as costas, dando para mim seus peitos e pedindo mais. E eu dou.

Sugo seus mamilos até deixá-los totalmente duros, e puxo seu corpo para mim. Suas coxas raspam na ponta do meu pau quando ficamos de pé.

Com ela nos meus braços, continuo a sugar sua carne. Fico mais duro e, se eu não me segurar, vou acabar fazendo a merda de transar sem camisinha. Prendo-a em meus braços e a carrego para o braço do sofá.

“Fica de joelhos aqui e coloca as mãos no assento do sofá.” Ela solta um gemido incrédulo e vira o rosto para o lado. Fico mais perto dela e olho em seus olhos. “É isso aí. Fica de bundinha para o alto.”

Suas bochechas ficam vermelhas e ela abaixa os olhos, envergonhada. “Henry”, sussurra.

“Sim, Cecillia?”

“Eu e-e-eu não sei não.”

Vou para o lado do sofá e seguro seu rosto, que está na altura do meu porque seus joelhos estão nos braços do sofá, deixando-a alta.

“Não fique envergonhada”, murmuro, e deixo um beijinho em seus lábios. “Você um dia me disse que queria experimentar várias formas de ter prazer. Então...”, deixo a frase no ar e volto a falar com confiança para ela confiar em mim. “Eu não vou te fazer nada que você não queira. Só vou te dar prazer, enquanto você faz o mesmo por mim.”

Ela suspira e assente lentamente. Rio com seu preconceito sobre o que vamos fazer antes de termos feito. Enfio meus dedos nos seus cabelos e puxo sua boca para mim.

Ela vem mole e abre a boca, deixando-me enfiar minha língua. Sugando, lambendo, sentindo seu gosto — aquela merda de ponche de manga com champanhe — e mordendo levemente seu lábio inferior. Beijo-a até relaxar de novo.

Com minha boca na sua, falo manso, para ela ficar mais disposta ainda:

“Isso”, beijo-a, “continua de olhos fechados e deixa comigo. Eu sei o que estou fazendo.”

“U-hum”, ela concorda com um som, e eu sorrio beijando sua boca de leve, de

novo e de novo.

“Assim, minha Barbie-nerd. Continua de olhinhos fechados que eu vou te levar à loucura.”

Ela geme e agarra meus cabelos.

Dou uma última lambida na sua boca, deixando seus lábios inchados e calmamente vou deixando suas mãos no sofá. Ergo meu corpo e vejo como ela está.

Sua bunda redondinha e fofa está para cima, as mãos no assento do sofá e os seios à mostra para eu massagear e apertar enquanto meto fundo nela. Sempre quis foder uma mulher assim. Com a bunda dela para o alto, depois de levá-la à loucura com minha língua e enfim enterrar meu pau bem fundo.

Passo a mão nas costas dela e Cecillia solta um suspiro excitado. Minha mão vai deslizando para a curva da sua bunda e vou para trás do corpo dela. Antes de os meus dedos passarem na sua boceta, vejo-a brilhar, de tão excitada que Cecillia está. Meu orgulho masculino ruge por deixá-la assim sem nem ter feito nada ainda.

Minha boca marca sua pele. Beijando as maçãs da sua bunda, eu as aperto, juntando-as e dando-lhes uma mordida.

“Ah!”, ela solta um gemido, arfando, e meu pau chega a balançar de tão duro. Não tem nada melhor para um homem que uma mulher gemer desse jeito. Áspero e rouco.

Dou outra mordida na outra maçã da sua bunda e ela faz de novo o som. Solto as bandas da sua bunda e vou beijando-as até que minha boca está quase nas suas coxas. Escuto as unhas dela se agarrarem no sofá. Ela arranha o estofado.

Louco de tesão por deixá-la assim, sopro sua pele molhada.

“Merda.”

“Shiuu...”, faço e sopro de novo.

Com os gemidos contínuos, levo minha boca para mais perto do seu sexo exposto e incrivelmente molhado.

Ela está succulenta e eu vou me fartar dela hoje. Seu cheiro me deixa maluco e sem delongas passo meu indicador em cima do seu clitóris. Ela empina mais a bunda na direção do meu dedo e geme. Faço um barulho estalado com a boca e depois de soprar sua pele quente mais uma vez, finalmente minha boca chega em sua boceta doce e envolvo seu clitóris com meus lábios.

Seu gemido me faz gemer na sua pele. Ela está como eu gosto. Doce e

molhada como mel. Tenho vontade de chupar e sugar sua carne até o sol nascer e, quando ele resolver se pôr, eu então fodo essa coisinha miúda em minhas mãos até ele aparecer de novo. Cecillia me deixa doente por ela.

Eu não quero admitir ainda que eu estou começando a sentir coisas por ela que não deveriam acontecer. Não estava nos meus planos, mas aí meu cérebro fode com tudo com a união ao meu coração idiota.

Eu desejo Cecillia o tempo todo e é até estranho sentir saudades dela quando ela vive ao meu lado. Estou ficando maluco com isso e, para acabar com minha frustração, eu sempre perco as forças e transo com ela para que, de alguma forma, eu tenha algo dela.

Dou lambidas por cima do seu clitóris repetidas vezes até que ele incha deliciosamente. Cecillia agarra a borda do sofá e grita quando meto minha língua dentro dela. Faço círculos e círculos no seu núcleo. Ela começa a gemer e mexer o corpo, empinando a bunda para a minha boca e eu agarro seus quadris para colocar mais pressão.

“Henry!” Ela chama meu nome com abandono. “Por favor, Henry!”

Fico maluco com isso.

Dou uma última sugada no seu clitóris e lambidas lentas são distribuídas na sua carne quente, e ela goza para mim. Sorvo todo o seu gosto, tomando seu prazer. Ela para de ser contrair e eu levanto meu corpo e corro para o quarto.

“O quê?”, diz ela meio gritando, mas sem fôlego. “Henry!”, ela fala, ofegante e perdida. “Henry? Onde você...?”

Antes que ela tenha chance de terminar a frase, estou atrás dela de novo e passo a mão por cima da sua boceta, dando um tapinha que ela nunca mais vai esquecer. Disso eu tenho certeza.

“Aaaah... Ai!”, ela grita em uma respiração.

Abro um sorriso perverso e visto o preservativo que eu acabei de pegar na gaveta do quarto. Acho que tinha um na carteira, que está dentro da calça, mas ir até o quarto foi mais fácil que catar minha calça por algum canto da sala e procurar a camisinha.

Sinto-me irônico em gostar da casa bagunçada assim, quando eu sou cheio de merda com limpeza. Mas quando a bagunça tem a ver comigo e com Cecillia, eu mesmo faço a zona.

Passo as mãos pela sua bunda de novo e acaricio sua pele. Testo dar uma palmadinha de novo, agora na sua bunda, e ela apenas geme e arqueia mais ainda o corpo na direção das minhas mãos.

Hmm... Eu gosto disso. Essa foi feita pra mim. Meu pensamento me pega desprevenido e eu engulo em seco por ele. Não posso pensar assim. Ela é... minha... amiga. *Acho que não.* Minha consciência exclama na minha cabeça.

Paro, olhando para a frente, sem me focar em nada, e balanço a cabeça.

Que merda eu estou fazendo? Eu não era para ter pensamentos de posse com Cecillia. Na verdade, muito antes de levá-la para a cama, eu não deveria ter feito isso. Eu tinha que cuidar dela, pois isso eu nunca consegui frear, mas pensar que ela é *minha*... Não. Eu não deveria querer isso. *Porra. Mas eu a quero muito.*

Rosno como um louco e deslizo meu pau pelos lábios do seu sexo. Ela geme baixinho. Tiro tudo e faço de novo e ela procura o toque de novo, chegando a bunda para trás. Pego meu pau e faço círculos na entrada do seu núcleo apertado, ansioso para sentir a suave maciez da sua quentura.

Eu quero foder, ouvi-la chamar meu nome quando chegar ao orgasmo. Quero gozar perdido nela. E não só por necessidades carnavais, mas porque eu estou *desesperado*.

Final de semana que vem é Ação de Graças e eu vou ver minha família e meu pai quer falar comigo. Eu sei o que ele quer. Quer falar da minha volta para Nova York e eu não sei. Eu queria ir. Tenho que ir. Meio até que fazia parte dos planos, mas agora não.

Não tem nada a ver com quem vai cuidar dela e que ela vai ficar sozinha. É que eu não quero ficar sem Cecillia. *Mas que merda. Como vou resolver isso?*

Com esse turbilhão de emoções dentro de mim, meus nervos ganham forças e eu puxo o corpo dela para cima, para ela ficar de joelhos, e encosto meu peito em suas costas. Meu braço a segura por cima dos seios e a outra mão segura seu rosto pelo queixo e giro-o para mim.

Enfio minha língua em sua boca, precisando tomá-la para mim. Cecillia segura meu braço que está sob seu peito e ergue o rosto para o meu, dando-me sua boca. Beijo-a, desabafando minhas frustrações e meus sentimentos tortuosos.

A mão que está no seu queixo vai descendo, seguro que ela está se agarrando ao meu outro braço. Passo lentamente meus dedos por seu pescoço, por cima dos seios, nas costelas, e ela dá uma risadinha na minha boca, fazendo-me rir.

“Nem assim passa a cosquinha?”, falo, beijando-a.

Eu me sinto tão feliz de apenas ouvi-la sorrir.

Ela sorri e aperta o punho no meu braço que abraça seu corpo.

“Mais ou menos.”

Assinto e engulo em seco antes de voltar a beijar sua boca. Minha mão continua descendo e mergulho os dedos no seu sexo. Afasto suavemente os lábios da sua boceta. Sinto meu pau dentro dela, saindo e entrando. Ela geme e contorce o corpo, ficando agitada quando pressiono seu clitóris.

Meus dedos, impiedosos, vão para o seu clitóris, fazendo círculos e pressionando. Sinto como está molhada com o calor do seu núcleo me apertando. Forço para dentro dela com uma certa urgência enlouquecida. Urgência de sentir seu calor sem nada.

“Volta como você estava”, falo, segurando sua cintura.

“Por quê? Você não quer me ver?”

Nossa. Ela só pode estar bêbada?

“Não, Cecillia, mas eu quero te foder assim.”

Ela continua tensa e eu chego minha boca no seu ouvido.

“Você não vai se arrepender. Vou bem fundo assim, pequena”, murmuro.

Ela morde o lábio e sutilmente dá de ombros antes de voltar para a posição anterior. Com ela de quatro, faço voltas com as mãos no seu traseiro empinado. Tiro meu pau e o pego, passando-o lentamente no seu clitóris e na sua entrada, espalhando sua lubrificação. *E como ela está molhada. Porra.*

Com a mesma lentidão, meto cada centímetro, escutando seus gemidos eróticos e seu núcleo me apertar, ou melhor, massacrar, meu pau.

Minha nossa, como ela é gostosa e apertada.

Que merda.

Tiro tudo *lentamente* e não me aguento e meto com força, estocando e fazendo minhas coxas baterem nas dela. O estalo do barulho que nossos corpos fizeram deixa-a sem ar e ela solta um grito. Meu pau fica mais duro. Eu jurava que não conseguiria ficar mais duro, mas com ela, eu posso dizer que não conheço o meu limite, pois sempre o ultrapasso.

Um som primitivo sai de mim e começo a bater meu corpo no dela, querendo ouvir nós dois.

Saio só um pouco e, devagar, entro nela com força.

Ela geme e joga a bunda para trás, na direção do meu corpo, fazendo com que eu a foda selvagemmente. Minhas bolas doem para gozar, mas eu ainda não quero.

Começo a tomar um ritmo rápido, entrando e saindo. Minhas mãos estão nas suas costas, alisando-a toda, dos ombros até a volta da sua bunda.

Olho para onde estou entrando e, mesmo com pouca luz, vejo minha ereção

brilhando. Ela está encharcada e a forma como seu núcleo me aperta...

“Goza de novo. Goza pra mim”, ordeno. Exijo. Imploro.

“Ah...” Seu gemido estremece entre a respiração. Sua cabeça cai para a frente, fazendo seus cabelos — que eu tanto adoro puxar — voarem.

“Merda, como você está molhada. Linda! Puta que pariu, minha pequena.”

“Henry!”, ela geme, gritando.

Tiro e meto com força mais duas vezes e levo minha mão para o seu clitóris. Cecillia respira com dificuldade e meu pau é apertado deliciosamente quando ela goza de novo.

Continuo me mexendo, mas devagar eu ergo o corpo, puxando o dela comigo, de joelhos. Vou diminuindo mais ainda o ritmo até que saio de dentro dela. Seu corpo está mole nas minhas mãos, pego-a e vou sentar no sofá com ela em cima de mim.

Coloco-a sentada nas minhas pernas, acaricio seu corpo, e seguro sua cintura. “Me cavalga agora.”

Ela abre a boca, soltando e puxando o ar, arfando.

Levo as mãos até seu rosto e o pego. Enfio a língua na sua boca, beijando-a carinhosamente. Devagar ela aproxima o corpo mais do meu e pega meu pau.

Puta que pariu.

Ela passa a cabeça dele no seu clitóris. Geme na minha boca e me coloca pra dentro, descendo o corpo vagarosamente. Rosno e agarro seus cabelos. Estoco para cima e ela grita.

“Você está muito sensível?”, pergunto, parando de beijá-la, mas com a boca colada na sua ainda.

“Mais ou menos”, ela responde, sem ar, encostando a testa na minha.

“Tá bom. Vai devagar, pequena.”

Ela assente, subindo e descendo no meu pau, em uma lentidão erótica. Meus olhos se fecham por vontade própria, revirando-se. Delirando-se, deixo uma mão em seus cabelos e com a outra, afago suas costas. Estamos suando e quentes.

“Henry?” Ela fala meu nome, mas foi em um tom interrogativo.

“Oi?”, murmuro.

“Por que você nunca diz meu nome?”, ela sussurra.

Franzo a testa e afasto meu rosto para olhar para ela. Seus olhos estão negros de pura excitação e algo mais.

“Não digo?”

Ela balança a cabeça lentamente, negando, e continua a subir e descer o corpo suavemente. Isso me deixa na beira do abismo para gozar.

“Quando transamos... é difícil. Quase nunca.” Ela nega suavemente com a cabeça.

Ergo as sobrancelhas e tiro o cabelo do seu rosto para vê-la melhor.

“Desculpe, nunca pensei que te incomodaria chamar como chamo.”

“Não incomoda. Só...” Ela dá de ombros. “Sei lá.”

Sorrio e beijo sua boca com carinho. Chupo seu lábio inferior e dou uma estocada para cima, metendo fundo nela, e ela geme. Enfio a língua em sua boca e enrosc-o-a na dela, ainda segurando seu rosto, e ela, o meu. Estamos tão sincronizados e lentos. *Eu adoro isso*. Mexemos nossos corpos em um ritmo alucinante.

“Um pouquinho mais rápido...”, eu falo, cortando o beijo, mas logo volto para a sua boca.

Ela mexe o corpo mais rápido, dando pequenos pulinhos no meu colo, e pega uma das minhas mãos para apertar seu seio. Meus dedos vão para trás da sua cabeça e agarro seus cabelos com a mesma pressão com que minha outra mão aperta seu peito esquerdo. Ela aumenta o ritmo e minhas bolas começam a se apertar mais.

“Ah... Cecillia. Assim... Caralho. Assim!”

Ela grita na minha boca, selvagem, e as mãos correm para os meus ombros e então as unhas arranham minhas costas. *Merda*.

Pego seu ritmo, socando para cima e forçando-a pra baixo. O ar começa a me faltar e ofegamos juntos. Minhas mãos pegam em cheio as maçãs da sua bunda e forço meu pau mais uma vez para dentro dela, bem fundo, e gozo. Despejo meu esperma quente na camisinha e sinto-a gozar novamente, gritando meu nome.

Respiro entredentes, esgotado, sem fôlego. Saciado. Separo nossas bocas e levo a minha a seu pescoço. Lambo seu suor e deixo meu rosto ali, com minha testa no seu queixo. Ela faz carinho na minha cabeça, passando os dedos como pentes nos meus cabelos.

Fecho os olhos e meus braços a agarram. Não sei por que, mas eu preciso disso agora. Ela me agarra também e sinto sua cabeça cair para a frente, e sua bochecha no meu pescoço.

Eu quero tanto você, penso, sentindo meu coração apertar.



QUARTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 2013

Abro os olhos lentamente e me viro para o lado. Sorrio e deixo um beijo na testa de Cecillia, que está dormindo colada a mim, e com a cabeça no meu braço, com as mãos dela embaixo. Mexo meu corpo, girando-o para o outro lado. Pego meu celular, que está tocando, e foi ele que me acordou.

SCOTT IRMÃO — LIGAÇÃO.

Pigarreio, tomo conta de manter o barulho baixo, e deslizo o dedo na tela para atender.

“Scott, são cinco horas da...”

“Henry! Meu-Filho-Está-Nascendo!”, Scott diz, eufórico e me cortando.

Rio, feliz com a notícia. Meu sobrinho está chegando neste mundo de *cão*.

“Que bom. Está no hospital?”

“Sim. Linda está em trabalho de parto. A bolsa estourou e ele deve chegar a qualquer momento. Você tem que vir.”

“Scott...”

“Não, irmão. Você é padrinho dele e eu quero você aqui quando ele nascer.”

“Eu estou indo aí amanhã, Scott.”

“Não vou esperar até quinta. Ele vai chegar hoje”, ele fala, teimoso. “Quero você aqui.”

Cecillia se mexe e eu olho para ela. Seus olhos se abrem e ela os esfrega.

“O que houve?”, ela me pergunta, com voz de sono.

“Scott. Linda está no hospital”, respondo a ela.

“É Cecillia? Ela dorme com você?”, meu irmão fala, e ela, junto:

“Ela está bem?” Ela senta na cama depressa e curiosa. “Ah, o bebê. Ele nasceu?”

“Sim, Scott”, respondo ao meu irmão, e aperto os olhos para Cecillia, e respondo a ela também. “Sim, Cecillia, e não, ela só está em trabalho de parto.”

“Ah que legal”, diz animada e pulando na cama. “Você vai pra lá agora?”

“Vem hoje e traz a garota com você.” De novo eles falam junto e eu fico maluco. “Linda gosta dela.”

Reviro os olhos por sua insistência, mas gosto de saber que minha cunhada gosta de Cecillia.

“Eu estou indo amanhã, não tem motivo para ir mais cedo. Não sou eu o pai.”

Cecillia faz um bico, discordando de mim e balançando a cabeça em negativa, com os braços cruzados. Dou um beliscão de brincadeira na coxa dela e ela bate no meu peito.

“Você é um insensível. Linda quer você aqui e eu também. Isso é um grande motivo.”

Com Cecillia ainda olhando para mim com uma careta e Scott insistindo, fica difícil eu dizer não agora.

“Está bem, eu vou.”

“Aleluia. Agora vou desligar, só vim falar mesmo com você. Ela precisa de mim. Amo você, irmão. Até daqui a pouco”, ele fala e desliga.

Abro um sorriso e, depois de deixar o celular em cima da mesa de cabeceira, pego Cecillia pela cintura e a derrubo na cama. Ela dá um gritinho e bate as pernas, fazendo a cama balançar.

“Para com isso. Dona Clode vai pensar besteira.”

“Ah!”, ela me empurra, mas seguro suas mãos no alto da sua cabeça. “Eu acho que você é gamadinho nessa vizinha. Vive falando dela.”

“*Argh!*”, rosno de brincadeira, e caio em cima dela.

“Meu Deus! Você é pesado. Sai!”

“Não. Você me paga por falar que gosto da Clode.”

“Mas você gosta mesmo”, ela fala, rolo nossos corpos e a seguro pela cintura.

“Sua peste.”

“Não!”, ela grita.

Rolo de novo e a prendo aos berros, faço cócegas e beijo seu pescoço. Como vou ter que ficar sem ela antes do tempo e por mais tempo, tenho que aproveitar mais um pouco.



“Promete que você vai me ligar quando estiver indo pra faculdade e depois...”

“...voltando pra casa”, ela completa, de braços cruzados.

“Não seja criança e faça o que eu mando.”

Ela ri, jogando a cabeça pra trás. “Mas você está se comportando como se fosse meu pai.”

Pigarreio e balanço a cabeça, dando um olhar que ela sabe que o que eu sou dela não é definitivamente nada paternal.

“Não sou seu pai mesmo.”

Ela revira os olhos, resmungando. “Tarado.”

Rio e puxo-a para mim, beijo sua boca, enfiando minha língua nela e mordendo seus lábios. Com as mãos nos meus cabelos, ela me agarra e fica na ponta dos pés.

Estamos em um aeroporto lotado, porque eu não vou poder ir de carro como iria amanhã.

Scott está com pressa e me esperar três horas dirigindo é tempo demais para ele. Então eu vou de avião, que só levará uma hora e vinte, mais o caminho do hospital, que irei em primeiro lugar e correndo. Então eu vou levar cerca de uma hora e quarenta até Linda, Scott, minha família e meu sobrinho.

Paro de beijar Cecillia e ela ajeita o cabelo. “Você sempre faz isso no meu cabelo”, ela reclama.

Realmente eu soltei seus cabelos quando puxei o laço. Sempre faço isso quando a beijo. “Não resisti.”

“Hum...”

Eu estou preocupado com isso de deixar Cecillia aqui sozinha. Não consigo confiar na Annabelle e no Brad. Por isso, as regras para Cecillia são: não ficar sozinha na universidade — muito menos, nas ruas. Quero que ela entre e saia rapidamente dos lugares, ou acompanhada. Jorge já está avisado. *De olho nela.*

“Agora eu preciso ir e você não deixe de me ligar.”

Ela assente e limpa minha boca do seu brilho labial e dou um selinho nela, só para ela limpar de novo.

“Para, Henry.”

Rio e seguro sua mão. “Me liga!”

“Está bem. Eu ligo e você também, quando chegar.”

“Okay”, falo, e dou um último beijo nela.

Ela ri e, segurando sua mão, vamos até a entrada de embarque.

Ela respira fundo quando mostro minha passagem para a mulher do Aeroporto Logan.

“Seu voo sai em cinco minutos, senhor.”

“Certo”, falo, e viro-me para Cecillia. “Fica bem, tá?”

Ela assente e, de novo, passa a mão no meu rosto, mas agora faz um carinho. “Liga para mim”, ela murmura.

Rio e a beijo. “Vou ligar, sim.” E a beijo de novo.

“Okay.”

Damos mais um beijo e, relutante, separo minha mão da dela. Passo pelas faixas que não deixam as pessoas sem passagem ultrapassarem, no caso a primeira recepcionista de voo. Viro-me quando estou chegando na segunda escada rolante. Cecillia acena com a mão, meio abatida, e faço o mesmo.

Ela está nervosa. Com medo? Franzo a testa com isso.

“Você está bem?”, gesticulo com a boca, parando diante na escada, tento até descer, mas não dá. Sou levado para cima.

Ela assente e balança a mão, para eu não ligar.

“Certeza?”

“Estou bem. Não é nada. Só me liga”, ela diz, fazendo um gesto com a mão ao lado do rosto, como um telefone.

“Claro”, falo, e jogo um beijo.

Ela sorri e pega o beijo no ar, me mandando um também.

Coloco os pés na escada e ela começa a me levar para o terminal. Cecillia vai sumindo, mas ela procura até onde pode me ver. E vai sumindo... sumindo, e antes de eu realmente não poder mais vê-la, ela morde a boca, com os olhos apreensivos.

Que merda.

Paro em frente às escadas quando chego ao terminal, e envio uma mensagem para ela.

Henry - Boston / Massachusetts - 07:12

Me fala logo qual é o problema. Vou ter que voltar aí?

Cecillia - Boston/ Massachusetts - 07:13

O quê?

Henry - Boston / Massachusetts - 07:13

Você está nervosa com alguma coisa. Fala!

Cecillia - Boston/ Massachusetts - 07:14

Ah, Henry. Não é nada.

Eu só não gosto de avião e você sabe o porquê.

Merda. Os pais dela.

Henry - Boston / Massachusetts - 07:15

Tira isso da cabeça. Vou ficar bem. Quando chegar, mando uma mensagem pra você. Fique bem.

Cecillia - Boston/ Massachusetts - 07:15

Okay. Beijos e boa viagem.

Henry - Boston / Massachusetts - 07:15

Beijo!



COLOCO MEU CELULAR NO BOLSO COM O coração apertado. Tenho vontade de continuar aqui no aeroporto até ele me ligar dizendo que chegou em casa. Eu odeio avião e vê-lo entrar em um — entre aspas — me causa calafrio e agonia.

Merda!

Da outra vez que ele foi para Nova York, e eu não estava sabendo, foi até bom. Eu ia ficar como estou agora, ou até pior, porque da outra vez não tive a oportunidade de trazê-lo ao aeroporto.

Poxa. Pode parecer ridículo da minha parte achar que se eu vir e o trazer aqui tudo vai acontecer perfeitamente, mas eu acho que isso é algum mecanismo cerebral que nós temos. De querer proteger as pessoas que amamos e, mesmo que não possamos fazer muita coisa, só o simples fato de acompanhá-las traz alívio.

Eu não vi meus pais quando entraram no avião. Um dos meus maiores arrependimentos.

Quando eu estava no avião com ele indo para sua casa mês passado, apesar do medo, eu estava ao seu lado e tudo estava perfeito no feriado do Halloween. Então tudo ia ficar bem. Agora eu estou aqui e me corroendo de ansiedade.

NÃO ESQUENTE, CECILLIA. VAI TUDO FICAR BEM MESMO. — Frody.

EU SEI, FRODY, MAS MEU CORAÇÃO NÃO SE CONVINCE.

FECHA OS OLHOS E VAMOS PARA CASA.

QUERO NÃO.

GAROTA! — Meu anjo mau revira os olhos. — VOCÊ VAI FICAR PLANTADA AQUI?

Ignoro-o.

VOCÊ ACHA QUE VAI RESOLVER EM ALGUMA COISA FICAR AQUI?

TALVEZ, respondo, e dou ombros.

VOCÊ É DOIDA MESMO.

PORRA, NEM ME FALE. EU FALO COM MINHA CONSCIÊNCIA E SÓ PARA VOCÊ FICAR SABENDO... — Fecho os olhos e me imagino olhando para um gato como o de “Alice no País das Maravilhas”, e ele está sorrindo para mim daquele jeito esquisito — VOCÊ É A MINHA CONSCIÊNCIA.

ISSO MAGOA.

CALA A BOCA. PORQUE VOCÊ NÃO ESTÁ AJUDANDO.

COMO NÃO? EU QUERO TRANQUILIZAR VOCÊ.

ARGH... — grito internamente e, por fora, bato o pé. *Sou a louca no Logan.* — SOME.

Respiro fundo e cato Frody na minha mente. *Silêncio.* Maravilha, eu não quero ouvir minha consciência me encher o saco, dizendo que eu não devo me preocupar com Henry. Isso é um caso perdido. Meu coração não vai bater direito até ele ligar para mim.

Sento em uma das cadeiras das longas fileiras de cadeiras de espera no aeroporto, e enterro os dedos nos cabelos, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Puxo o ar e solto-o lentamente. *Que inferno.*

Eu já estava me preparando para amanhã, que seria o dia certo de ele ir para casa, ficar o feriado de Ação de Graças com a família, e eu com a minha. Eu ia de avião e ele, de carro.

Já estava preparada. Mais ou menos. Ficar três dias sem ele e em uma distância nem um pouco legal e pegar avião também. *Já estava preparada.* De Manhattan até minha cidade, Elmira, são seis horas de carro. É longe e eu ou ele não poderíamos ir até o outro tão fácil assim.

Quando minha madrinha me ligou falando que estava ansiosa para o feriado, porque ia me ver, eu fiquei tão triste. Fiquei destroçada e me sentindo culpada. Como eu poderia ficar triste por ver meus padrinhos que são praticamente meus pais, minha única família? Mas eu estava, e ainda estou, só porque isso me leva a ficar sem o Henry.

Eu não poderia pedir que ele ficasse comigo lá com a mãe dele com os dias contados de memória. Isso é injusto com ela e com ele. Além disso, tem a pior — ou melhor — parte. Domingo é aniversário dele e eu não sei o que vou fazer.

VAI PARA MANHATTAN.

Reviro os olhos e sorrio ao mesmo tempo. TALVEZ EU FAÇA ISSO.

CLARO QUE TEM QUE FAZER, SUA BOBA.

Assinto, de verdade.

Isso já era uma ideia na minha cabeça. Ir para a casa dele no dia do seu aniversário. Mesmo que ele diga que não liga para esse dia tão especial, eu quero estar ao seu lado. *Como eu não estaria?*

Eu não consigo mais negar que estou apaixonada por Henry. Eu acho que quando o coração não consegue imaginar a vida sem a outra pessoa, isso quer dizer algo.

Algo forte e único.

Só tenho medo de que ele não sinta o mesmo por mim e, quando ele fica longe de mim, fico pensando um monte de besteira, como: *Será que ele continua se sentindo bem longe de mim? Será que eu faço falta para ele? Será que ele pensa em mim?*

Eu gosto de acreditar que as respostas para essas perguntas são positivas. Porque eu não fico feliz sem ele e sinto muito sua falta, e penso nele o tempo todo.

Mas aí eu me lembro de que tem a parte em que nós estamos ficando como um casal, porém ele nunca falou nada sobre me querer muito mais do que como sua *amiga de foda*. E eu quero tanto que ele me namore... Quero demais chamá-lo de namorado. Minhas bochechas chegam a ficar vermelhas só de pensar nisso.

Ridículo, eu sei. Às vezes eu fico pensando que ele não vai querer ficar comigo porque é da natureza dele ser um namorador, um galinha. E sem contar que eu sou muito mais nova que ele e, com certeza, em breve a vida dele vai tomar outro rumo. Rumo que o levará a ficar longe de mim, em Manhattan.

Henry pensa que eu não sei da proposta do seu pai, mas a Mandy tinha comentado sobre o pai querer Henry em casa *para ontem* e que, depois da formatura, ele espera isso do filho, todos esperam isso dele.

Meu coração ficou pequenininho com isso. Como eu vou ficar sem ele? Já não basta meus padrinhos estarem indo para Sydney? Eles acham que seria uma boa me levar. E quando o assunto de Henry ir para Nova York explode na minha cabeça, eu acho uma boa ir mesmo para a Austrália.

Mas eu não quero ir. Eu quero que Henry me escolha, mesmo sabendo que isso é muito injusto com a mãe e com toda sua família. Quem me dera ter uma família como a dele e ainda uma mãe lutando para continuar a me amar. *E viva.*

Então a razão luta com o coração e a emoção. Não posso pedir para ele me escolher, mas internamente não deixo de rezar para que isso aconteça.

Um homem que estava limpando o chão do saguão do aeroporto vem

sorridente até mim.

“Está tudo bem com você, minha jovem?”

Ergo meu corpo e olho para ele. Seus olhos castanhos são amigáveis e gentis. Ele deve ter idade para ser meu avô. Sorrio para ele e levanto.

“Está sim. Obrigada.”

“Não foi nada.” Ele sorri também. “Você perdeu o voo?”

“Não. Eu só estava pensando.”

“Aeroporto é sempre um bom lugar pra pensar. Afinal, é meio um portal de partida. Nós temos que tomar a decisão certa e qual outro lugar mais perfeito pra pensar nisso do que o lugar de onde vamos partir?”

Fico olhando estática para ele. *Da onde veio isso?* Pareceu aquele tipo de discurso que escutamos de um mago em um filme dramático ou romance. O tal recado do destino. *Será que é o universo falando comigo?*

“Ah! É verdade mesmo”, digo, sem graça.

Ele pisca e, voltando a limpar o chão, diz: “Não se preocupe. O que tem que ser nosso não nos escapa.”

IHI PINTOU UM CLIMA ESQUISITO AQUI, HEIN.

MELHOR VOCÊ CORRER LOGO.

JÁ FUL.

Sorrio com educação e me despeço do Mago.

Ando decidida pelo aeroporto e, chegando no estacionamento, pego o carro de Henry. Eu ainda não acredito que ele deixou o carro comigo.

Tudo bem, eu passei com nota máxima no teste de direção na escola, e em Elmira vivia dirigindo o carro dos meus padrinhos. Mas aqui em Boston nunca peguei em um carro. Ou eu vou andando, ou de metrô ou de carona. Agora eu estou desfilando com o Audi conversível e perfeito — impecavelmente limpo — do Henry.



Entro na academia, depois de ter deixado o carro estacionado em frente à lanchonete do lado. Eu com certeza vou passar lá hoje para comer algo. Sem Henry, sem comida boa. Ele cozinha tão bem que estou mal acostumada.

“Olha quem chegou”, fala Alice, sorridente, com seus cabelos coloridos. Esse mês seu cabelo está cor-de-rosa com as pontas azuis. Até que está legal.

“Oi, Alice. Como está?”

“Bem e você? Cadê Henry?”

“Foi para Nova York.”

“Ué, ele não ia amanhã?”, Anne fala, se metendo na conversa.

“Oi, Anne, e ele foi hoje porque Scott ligou falando que Linda entrou em trabalho de parto.”

“Ah, que legal. O bebê vai nascer.” Alice pula atrás do balcão da recepção toda feliz e Anne permanece com sua cara de quem comeu e não gostou. Não entendo essa garota.

“Por que você não foi com ele?”, Anne indaga.

“Porque eu tenho uma coisa pra fazer hoje na faculdade e minha passagem já estava comprada pra amanhã.”

“U-hum”, ela faz, e olha para suas unhas.

VOCÊ JÁ FOI SE FODER HOJE? — Frody.

FRODY VOLTA PARA A TOCA.

ANNE TOSCA.

Ele se revira na sua poltroninha cor-de-rosa choque e fecha os olhos, sendo malcriado. Eu sei que Anne é insuportável às vezes — quase sempre —, mas eu não posso maltratá-la. Depois de Annabelle, eu aprendi que o melhor jeito de lidar com esse tipo de pessoa é se fingir de ignorante. Perto dos amigos, mais perto ainda dos inimigos, mas com os dois pés atrás.

“Você sabe se já nasceu?”, Alice pergunta, ansiosa.

“Henry me ligou e disse que ainda não. Ela está há quase quatro horas em trabalho de parto. Ele chegou lá umas 20h30 e nada, ainda.”

“Scott deve estar todo nervoso e ansioso. Aquele homem, além de lindo, é um marido babão. Linda é uma sortuda.”

Rio e balanço a cabeça. “Scott está mesmo nervoso. Henry disse que ele grita toda hora chamando as enfermeiras quando a esposa dá um simples gemido.”

“Ah... Eu queria um como ele, viu?”, diz Anne.

Franzo a testa. “Você o conhece assim tão bem?”

“Ele vinha aqui antes, muitas vezes, mas agora...”

“Ele mantém distância por causa de um problema que teve aqui”, diz Alice, interrompendo Anne, que olha para ela de cara feia. “Cala a boca, sua enxerida. A verdade é que o Scott tinha — acho — que brigado com o Henry e parou de vir aqui com frequência”, Alice explica.

Hmm... Deve ter sido porque Henry parou de ir ver a mãe. Pensando nisso, eu lembro que o irmão dele disse algo sobre ele superar as coisas, mas não tinha a ver com a mãe deles. Não sei, não. Acho que tem algo que eu ainda não sei.

“Está bem, pessoal”, falo, animada, para elas pararem de falar da vida do patrão.

Henry não acha muito legal elas ficarem fofocando sobre ele ou outros funcionários da academia. Mas mal ele sabe que elas fazem isso o dia inteiro quando não passa ninguém na recepção ou quando alguém passa e puxa assunto. O problema é que Alice fala de coisas boas, e Anne joga os podres das pessoas. Ela é uma ridícula.

“Vamos trabalhar e eu vou malhar rapidinho. Tenho que chegar cedo à faculdade e depois terminar de ajeitar minha bolsa para viajar.”

“Só porque você está de caso com o chefe, isso não quer dizer que pode nos dar ordens.”

“Não te dei ordens, Anne”, falo sem titubear.

MANDA LOGO ELA À MERDA.

“*Argh*, garota. Para de ser nojenta”, diz Alice para ela, e lhe dá um esbarrão.

“E eu não lhe dou confiança pra falar essas coisas de mim”, completo, olhando séria pra ela.

“Qual foi?”, ela debocha. “Acha que ninguém sabe que Henry está te comendo?”

Abro a boca, incrédula. Meu sangue começa a bombear mais rápido nas minhas veias, minha respiração fica acelerada e minhas mãos suam. *Qual é a dessa garota?* Nunca fiz nada para ela e vivo recebendo farpas.

Alice manda que ela cale a boca e, como mágica, Jorge aparece todo sorridente, mas seu sorriso morre quando vê a cara de nós três.

“Aconteceu algum problema?”, ele pergunta, sério. Tão sério que — infelizmente — dá vontade de rir. Jorge é o típico bonito bobão e fica complicado manter a compostura quando ele age todo maduro.

“Nada não, Jorge. Só a Anne de sempre.”

Ele morde o lábio e respira fundo. “Já te avisei pra cortar sua língua, sua peste ruiva. De que adianta ser bonita se só sai veneno da tua boca? Vai trabalhar e deixe os outros em paz.” Ele pega meu braço e me puxa. “Vem.”

Alice me dá um tchauzinho e vejo Anne soltando fumaça pela boca.

“O que ela falou para você?”, ele pergunta.

Olho para ele — ainda meio nervosa — e aceno para Molly. Ainda bem que a assistente dela está na loja. Infelizmente não tenho tempo para muita coisa hoje.

“Cecillia?”

Pisco e olho para Jorge. Olho para cima. O que há com esses homens daqui? Henry, Scott, Jorge, Roger e Felipe são tudo *monstrão*. Altos que nem uma porta. Mas isso é tipo uma prova de caráter. Brad é baixo e sem vergonha. Rio internamente e percebo o olhar interrogativo de Jorge.

“O que foi?”

“Você está no mundo da lua, garota? Eu perguntei o que a Anne te falou.”

“Hm... Ah, tá. Não foi nada de mais, esquece.”

Jorge contrai o maxilar. “Ela falou algo ofensivo?”

Reviro os olhos e apresso meus passos, para entrar logo no banheiro.

“Você é insistente que nem o Henry”, falo, virando a esquina do guarda-volumes e o banheiro.

Jorge, ainda me seguindo, fala: “E falando no próprio... ele mandou eu tomar conta de você.”

Balanço a cabeça, fazendo careta. “Sem necessidade. Eu não sou criança.”

Ele dá de ombros e mexe no crachá dele da academia, girando a argolinha pelo indicador com o cordão de cetim preso ao pescoço.

“Ele se preocupa com você e, como eu não quero ser demitido, vou ficar de olho em você.”

“Eu também me preocupo com ele, mas não precisa bancar a babá pro meu lado e para de me seguir. Vai entrar no banheiro feminino também?”

“Nossa, não. Acho que Henry arrancaria meus olhos se eu fizesse isso.”

Aperto os olhos. “Como assim?”, pergunto curiosa.

Jorge sorri de lado e diz: “Ele não gosta que fiquem te olhando muito. Porra. Não pode nem brincar com isso. Acho que ele gosta mesmo de você e morre de ciúme.”

Meus olhos parecem ter congelado. Meu coração palpita e, engolindo em seco, desvio o olhar. Henry tem ciúme de mim?

“Cecillia, eu vou te deixar em paz agora, mas antes de sair pra faculdade, fala comigo. Ele quer que eu te leve.”

Assinto, automática, e vejo o melhor amigo do Henry me deixar a sós com meus pensamentos e um coração descompassado. *Ele tem ciúme de mim? Dá*

pra acreditar? Minha nossa.

Respiro fundo, com um sorriso bobo no rosto, e empurro a porta do banheiro. Acho que vou precisar de um banho antes de malhar. Preciso me acalmar.



Estou no meio da aula de zumba quando meu celular treme na calça leggings preta. Eu comprei com muito prazer essa calça porque ela tem um bolsinho com zíper e tudo. Ela é uma maravilha porque eu não fico sem o celular.

“Cecillia!” A professora olha para mim com uma bronca visível no olhar.

Não pode usar telefone na aula. Aqui eles levam a sério essa coisa de *foco no treino*.

“Desculpe, mas é importante.”

Ela assente e sorri. Saio da sala e atendo o telefone:

“Oi, Henry.”

“Nasceu, Cecillia, e ele é todo bonitão. Grande e branquelo.”

Abro um sorriso feliz. “Ah, é claro que ele seria enorme e branquelo e lindo. Todos da sua família são assim.”

Sua risada rouca me faz ter a imagem direitinho dele sorrindo. Eu adoro quando ele abre sua boca perfeita no sorriso mais lindo do mundo. Um lado da boca sempre fica mais puxadinho que o outro.

“Scott está muito feliz e Linda quer que você venha conhecer Henrique.”

“Ela quer?”

“Claro que sim. Todos nós queremos você aqui. Rebecca está mandando um beijo e disse que, se você não vier, ela vai te raptar, e você sabe que eles fazem isso mesmo.”

Respiro fundo e engulo em seco, emocionada pela família dele me considerar tanto assim.

“Pode deixar que eu vou, avise a eles.”

“Tudo bem. O que você está fazendo?”

“Estava na aula de zumba e, neste momento estou descendo para o vestiário, para tomar banho para ir para a faculdade.”

“Cuidado, lá. Eu não estou gostando de você indo a essa hora para a universidade.”

“Henry”, falo com a voz firme, “a boneca do filme de terror, como você a chama, vai mais cedo. É meio-dia e vou chegar lá às 13h. Fique tranquilo.”

“Vou tentar e, mesmo assim, Jorge está de olho em você.”

“Estou sabendo. Neurótico”, zombo.

“Não é neurótico coisa nenhuma. Annabelle não vale nem uma nota furada.”

Solto uma gargalhada e entro no banheiro. “Tudo bem. Agora vou tomar banho e depois a gente se fala de novo.”

“Está certo.”

“Beijo.”

Ele ri e devolve: “Para você também.”



Estaciono o carro perto dos portões de entrada da universidade e já puxo minha mochila, saindo dele. Bato a porta e tranco o carro, apertando o alarme. Ando depressa para dentro da faculdade. Dou boa tarde a um dos inspetores e subo as escadas para as grandes portas da sede principal da BU.

Eu praticamente quase dei uma surra em Jorge para ele me deixar vir sozinha e, depois de uma discussão na frente da lanchonete onde eu comi meu almoço — um sanduíche gigante —, ele entrou em acordo comigo. Só vai vir me buscar. Balanço a cabeça porque ele está me tratando que nem criança. Estou parecendo aqueles filhos que, quando os pais viajam, alguém fica tomando conta deles. Bobagem, eu sei me virar muito bem.

“Ceci”, uma voz grita atrás de mim e, quando olho, vejo Manuela correndo. “Sua linda, você disse que ia me ligar pra marcar aquele cinema das garotas”, ela diz, alcançando-me e sorrindo.

Seus olhos castanhos e desenhados são muito marcantes. Como ela é uma mistura americana com mexicana, tem uma beleza diferente da minha. Seus cabelos têm quase o mesmo comprimento que os meus e a cor até é parecida, mas ela fez californiana nas pontas.

Ela é mais baixa que eu, mas não sei por que vive de salto. Até o tênis dela tem um saltinho. Manu é linda e sorridente e dos meus novos — verdadeiros — amigos, ela e Scar são as únicas meninas. E está de bom tamanho. Antes ter cinco amigos de verdade do que mil falsos.

“Ah, Manu, eu esqueci mesmo, mas nós vamos sim. Que tal semana que vem?”

“Ótimo. Você sabe”, ela entrelaçou o braço livre no meu enquanto o outro carrega seu fichário, “agora que eu estou namorando o Jorge, temos que ser melhores amigas duas vezes.”

Rio e aceno que sim. “É verdade, e eu não sei como você atura ele.”

“Jorge, além de ser lindo, é um amor. Você não sabe mesmo de nada.”

“Hmm...”, faço um som brincando.

“Onde está seu cavalheiro?” Ela sempre brinca comigo, falando que Henry é meu herói. Pior que é mesmo.

“Foi para Nova York, a esposa do irmão deu à luz.”

“Que tudo! Ele deve estar todo babão. Já falava do sobrinho e afilhado”, ela faz uma voz engraçada, “com tanto entusiasmo, agora deve estar um bobo com ele.”

“E está mesmo.”

Ela sorri, mexendo as sobrancelhas. “Mas, mudando de assunto. Será que aquele trabalho nos rendeu uma boa nota?”

Dou de ombros e seguimos caminho para o laboratório, falando sobre células e não pessoas. Mas é tudo a mesma coisa.

Manuela e Jorge estavam saindo juntos tem um tempo, mas nem eu nem Henry sabíamos disso. Então um belo dia Jorge vem e conta que eles estão namorando. Eu fiquei muito surpresa. Não por ele namorá-la, mas, sim, por ela *acabar* com ele.

Depois do episódio do Brad, nós duas acabamos nos aproximando muito. Nós nos víamos quase sempre, e não só na faculdade e no dormitório como antes. E todas as vezes em que ela ia até a academia, eu reparei como Junior ficava perto dela. *E fica*, porque ele não mudou seu olhar, nem mesmo depois de ela estar namorando o melhor amigo dele.

Não sei se é só tesão masculino que ele sente por ela, mas se não for, eu não vejo como isso vai acabar bem. Jorge é palhaço e divertido, mas quando o assunto são seus amigos, ele é um búfalo. Detona tudo para o amigo ficar bem. Mas o que ele faria se soubesse que seu amigo quer a garota dele? Nossa, prefiro nem começar a pensar nisso.



Após quatro horas de aula, o dia por aqui se dá por encerrado e eu posso chegar em casa bem. Já mandei mensagem para Henry, falando que estou saindo da faculdade, e ele disse para eu esperar Jorge. Ele está mesmo preocupado. E exagerando.

Desço as escadas do prédio e depois desço mais escadas que ficam na frente da sede. Esse prédio parece mais uma igreja do que faculdade. O estilo contemporâneo é uniforme nas antigas e grandes universidades dos Estados Unidos.

Meu celular toca de novo e, pegando-o, sem prestar atenção em nada, esbarro com força em alguém, tão forte que minha mochila cai e algumas folhas minhas escapam, voando pelo pátio. Levanto com meu celular na mão e ajeitando a mochila no meu ombro.

“Você é uma tapada mesmo, né? Olha por onde anda, sua nerd.”

Fico de boca aberta, olhando para nada mais, nada menos do que a boneca de terror, satã do trem fantasma, diaba, boneca maldita e tudo de ruim: Annabelle Novak.

Seus cabelos estão mais claros e ela está de óculos escuros. Não sei por que, já que o sol já se pôs há muito tempo.

Olhar para ela na minha frente e me irritando faz minha pressão aumentar e minhas mãos estão transpirando. Ela tem sempre que ser tão megera?

“O que foi? Está com medinho? Cadê seu príncipe herói comedor de nerds frígidas?”

Sangue. É sangue nos olhos que eu tenho agora. E é sangue quente que corre nas minhas veias com toda força. Annabelle está pensando que eu sou a mesma idiota de antes? RÁ! Ela está completamente enganada.

Ela levanta as sobrancelhas, desafiando-me, e eu reviro os olhos. Eu não sei o que faço. Henry disse para eu não chegar perto dela nem do Brad porque não confia neles. *Mas e agora?* Eu estou aqui e ela está aqui...

E AINDA POR CIMA TE MALTRATANDO. — Frody.

FRODY!

FRODY, NADA. SE ELA ATRAVESSAR A LINHA PESSOAL, EU PEGO ELA NA PORRADA.

“Vai continuar me olhando, idiota?”, ela exclama, cuspidando veneno.

Ai, caralho. Respiro fundo e falo com a voz baixa, mas irritada:

“Faz o favor e pare de falar assim comigo.”

“Por quê?”

“O quê?”, digo, apertando os olhos para ela. Estou ficando sem paciência.

A MINHA JÁ FOI PARA O BREJO. DÁ NELA!

“Não posso falar com você assim?!”, ela ironiza. “Eu falo do jeito que eu quiser”, ela diz, e tira os cabelos da frente, jogando-os, e eles passam na frente do meu rosto.

Solto a respiração bem lentamente e engulo em seco, com raiva.

“O que eu te fiz para você ser tão má comigo?”

Annabelle bate os cílios cinicamente e finge limpar uma sujeira do ombro. “Nada. Eu que fui idiota e me misturei com você.”

Balanço a cabeça, incrédula.

“E você só foi um meio para justificar os fins”, diz séria.

“O que você quer dizer com isso?”

“Que você não representava nada pra mim. Eu tinha pena de você. Uma nerd, solitária, idiota e virgem”, ela fala, com nojo, “que eu adotei como um bicho de estimação.”

Solto uma risada. Risada de raiva e no fundo sinto a punhalada no coração. Eu não deveria dar tanto crédito para ela, como Henry fala, mas machuca ouvir essas coisas. Como machuca. Minha madrinha diz que as palavras às vezes deixam marcas mais profundas e dolorosas do que um tapa.

E agora, o que mais me dói e me revolta é que eu nunca fiz nada para ela. Sempre fui uma trouxa para ela e uma amiga muito leal e boa, mas por trás ela ajudava a metade dos babacas da universidade que gostam de fazer bullying com meio mundo a me zoar. Eu realmente não entendo o que se passa na cabeça dela.

“Você que é doente e sou eu que tenho pena de você”, eu falo, calma.

Ela ri com soberba e eu mantenho minha cara neutra, mas louca para...

QUEBRAR A CARA DELA. ENTÃO, VAI LOGO.

“Você agora está se achando porque o Henry te dá atenção?” Ela ri de novo e balança a cabeça. “Você é só mais uma na cama dele, garota. Acorde. Ele não está nem aí pra você.”

Faço uma cara azeda para o que ela falou e sacudo a cabeça. Ela quer apertar meus botões, aqueles que pessoas calmas — como eu — deixam trancados, porque nunca usam. Mas se ela continuar, vai ficar difícil.

“O que você quer, Annabelle?”

“De você?” Ela aponta o dedo para mim e solta uma gargalhada. “Nada mesmo. Você é uma *nada* que pensa que é alguém. Ninguém está nem aí mesmo pra você e não pense que é especial para aquele babaca. Se fosse, ele te levaria a sério, mas não é. Agora ele te comeu e só. Você não é nada pra ele. Não é como a *outra*, ele a amava, você, não. Ninguém te quer e nem mesmo seus pais quiseram.”

Eu fico paralisada com as palavras dela. Acho que até o momento em que ela apenas cuspiu seu veneno contra mim e falando do Henry — e eu não entendi nada do que ela falou da *outra* —, eu estava levando na boa. Levando na boa é

forma de dizer, mas ela enfiou meus pais no meio disso. *Ah, não. Não mesmo que eu vou deixar que ela fale deles.*

Com forças que eu não sei de onde vêm, minha mão, como que por vontade própria, voa na cara dela com força. Seu rosto se vira com o tapa e seus cabelos vão parar na frente dele. Annabelle coloca a mão onde bati e, voltando a olhar para mim, seus olhos castanhos estão vermelhos e furiosos.

“Vou te matar, sua filha da puta.”

“*Argh!*” Rosno de raiva porque ela me chamou assim. *Minha mãe ninguém chama assim, não.* “Sua cadela”, digo para ela.

Quando ela avança contra mim, deixo minha pasta e a mochila caírem, e as coisas dela também vão parar no chão. Ela tenta me acertar, mas pego os braços dela e dou um nó na frente do seu corpo. A perna direita dela tenta me acertar, mas eu sei me defender agora e me afasto, como aprendi na aula de Muay Thai. Seus olhos ficam arregalados e surpresos.

Dou uma cabeçada com toda força nela e sua cabeça é jogada para trás. Com ela tonta, consigo empurrá-la e ela cambaleia para trás, feito uma bêbada.

Se for pra bater, vou mesmo.

“Você é um monstro”, ela fala, limpando a boca, que eu nem percebi que acertei e que está sangrando no canto.

“Tem muito mais de onde eu aprendi isso, se quiser te mostro tudo que sei fazer.”

Sua ira ainda é palpável e, como um puma atacando, ela pula em cima de mim. Não consigo me manter em pé e rolamos as duas no chão.

Que merda degradante.

“Vaca”, ela me xinga, e acerta de jeito minha boca. Sinto o gosto do sangue e uma dor horrível. Ela aproveita que fico tonta por alguns segundos e me acerta de novo no rosto, bem em cima do meu olho esquerdo.

“Ai, miserável.”

“É pra você aprender a não mexer com gente grande, sua fedelha, nerd babaca.”

Ela está em cima de mim e lembro-me do dia em que Henry me ensinou a sair dessa posição. Levanto meus braços, deixando as mãos ao lado da minha cabeça e com um movimento rápido, encaixo meus cotovelos ao lado da cabeça dela. Empurro-a e dou um golpe certo na têmpora dela.

“Humm...”, ela geme, resmungando, e perde as forças. Jogo-a para o lado,

livrando-me dela.

“Você é um lixo, Annabelle Novak”, eu falo, já de pé. “Você gosta de usar os outros e acha que sua *faminha* de popular da escola, vinda na aba dos outros, é algo importante. Eu tenho pena de você. Está cavando seu próprio buraco e eu vou de camarote levar as flores para colocar nele.”

Ela se levanta com dificuldade e tenta me acertar de novo, mas como em um passe de mágica, Felipe aparece e a segura.

“Calma aí, sua maluca.”

“Me deixa em paz. Tire essas mãos sujas de mim.”

“Com prazer, porque a suja e nojenta aqui é você. Bruxa do vale.”

Ela pega a bolsa dela do chão e vira as costas para nós dois. Respiro fundo, olhando para Felipe, que está visivelmente preocupado, demonstrando isso nas feições de seu rosto.

“Ai!”, grito com uma dor horrível na costela, sem esperar o golpe.

“Achou que não ia ganhar mais nada?”, ela berra no meu ouvido enquanto estou agachada e meus braços estão apertando meu corpo. “Sou lixo, e você é um verme solitário. Pelo menos minha fama vale algo, pior você que se juntou com um cara que não está nem aí pra você. Ninguém te ama ou te quer Cecillia”, ela cospe as palavras em alto e bom som.

Vejo os tênis com saltos de Manuela chegando e parando perto dos meus pés e logo escuto um estalo forte.

“Rala daqui, boneca do terror!”, Manuela grita depois de ter acertado Annabelle em algum lugar, mas não sei onde. Estou encolhida.

“Você me paga, Selenia Gomez fake.”

“Vou te dar outro tapa na cara. Foge”, Manu diz, e dá um passo ameaçador, e escuto os saltos de Annabelle tilintando quando ela realmente corre.

“Cecillia!” Escuto um grito vindo na minha direção e as mãos fortes de Jorge me pegam. “Putá que pariu. Olha para você!”

Resmungo nos braços dele e olho para o pátio da universidade, que está cheio de gente. Enterro a cabeça no ombro dele e no meu braço. Felipe grita para o pessoal:

“Vão procurar o que fazer, seus idiotas! Agora!”

“Você está com dor, Ceci?”, a voz meiga de Manuela murmura, e ela coloca meu cabelo atrás da orelha.

“Só um pouco onde ela me acertou agora.”

“Que merda. Henry vai me comer vivo.”

Levanto a cabeça e me sacudo no colo de Jorge, que estava me levando para o estacionamento.

“Para, deixa eu andar.”

Ele para e me coloca no chão. Fico de pé e me apoio, nele ainda com dor, mesmo me irritando com tudo isso que aconteceu e ele falando isso de que Henry não vai gostar. Fico grata a ele e sei que preciso dele agora.

“Não é para falar nada pra ele. Ele não tem que saber”, murmuro, com os olhos fechados.

“Como não?”, Jorge pergunta, incrédulo e zangado.

“Não, e ponto.” Agora falo olhando em seus olhos azul-claros.

“Seu rosto está horrível e sua boca está sangrando. Ele vai perceber depois.”

“Não tenho nada. Só está *ardendo...*”, ...*tudo*, completo para mim.

“Ele vai perceber, ele vai notar isso e fodeu pra mim”, ele diz, e Manu me entrega um copo d’água.

“Bocheche e depois beba um pouco.” Ela olha para Jorge — seu namorado — e diz: “Eu acho que não precisa ligar pra ele e contar. Deixa que depois ela fala, não perturbe ele.”

“Ele disse para eu tomar conta dela.”

“Certo, Jorge, mas não fale nada.”

“Também acho que não precisa contar. Só vai deixá-lo irritado e com raiva, sem poder fazer nada”, Felipe fala, e assinto com Manu. Jorge cruza os braços.

Dou o copo descartável a Manu, que o joga na lixeira. Pego minhas coisas com Felipe e falo para Jorge, muito séria:

“Eu vou comer alguma coisa agora e descansar. Já tive muito estresse por hoje, Jorge. Não perturbe Henry, depois nós conversamos.”

“Então deixa que te leve pra casa.”

“Não quero ir agora para casa. Deixa-me em paz um pouco.”

Estou me sentindo massacrada e destruída, mas não é por causa da briga e sim por causa de todas as coisas que ela falou. As palavras doem mais que as ações.

“Deixa comigo, Jorge, eu fico com ela”, Felipe se oferece, e eu aceito, ficando perto dele.

“Se é assim... mas, qualquer coisa, me liga. Vou pra academia agora e amanhã eu te levo no aeroporto. Esse foi o combinado.”

“Eu sei disso, e toma...”, dou a chave do carro para ele. “Leva.”

“E você?”

“Estou de carro e a deixo em casa”, Felipe diz.

“Tudo bem.” Jorge me dá um beijo na testa e faz um carinho singelo em meu rosto. “Eu deveria ter chegado mais cedo. Sinto muito mesmo, Ceci.”

Tento abrir um sorriso amigável e balanço a cabeça, achando-o fofo. “Não es quente mais com isso. Já foi.”

Ele dá de ombros e me beija de novo. Manuela também me dá um beijinho no rosto e um abraço fraco para não me machucar, e vai com ele pegar o carro, que eu disse onde estacionei. Felipe e eu vamos na direção do carro dele e, sentando no banco do carro, fecho os olhos, sentindo-me tão zangada e triste comigo mesma.



“Eu nunca bati em ninguém. Não acho isso legal, não acho que isso resolva nada. É isso que estou sentindo: que sou uma completa idiota e tão baixa quanto Annabelle”, eu falo para Felipe, sentada em uma mesa no canto do Subway que fica perto da universidade.

Eu estava com fome antes de encontrar aquela desgraçada, mas agora eu só pedi um chá gelado, o que é ótimo, porque minha gengiva está doendo. Felipe pediu um sanduíche enorme e me oferece a cada mordida. Ele é um fofo também.

“Eu também não sou a favor de briga.”

“Como é?”, pergunto, irônica, interrompendo-o.

“É sério, Cecillia. Quando eu fico de zoação falando de cair na porrada com os outros, é brincadeira. Bater não resolve nada mesmo, mas no seu caso — você tem que concordar —, Annabelle mais do que mereceu.”

“Se você não se tocou, ela saiu na melhor.”

“A boca arrebitada e a sobrancelha dela não concordam com sua análise.”

Um sorriso singelo é arrancado de mim, mas logo fico séria de novo.

“Eu nunca pensei em bater em ninguém na minha vida.”

Felipe pega minha mão e a aperta. “Esquece isso, Cecillia. Ela só queria te irritar e conseguiu. Você falou que ela saiu ganhando, mas lá na frente pessoas como ela vão colher o que plantam. Pode apostar, a vida é assim.”

Assinto e, como um estopim, sinto vontade de chorar. “O que eu fiz para merecer isso, Felipe?”

“Não derrube uma lágrima para ela. Você é forte e querida, tudo aquilo que ela falou é uma grande mentira. Delete as palavras dela da sua mente e fique de cabeça erguida. Não vou deixar você — não mesmo — se rebaixar e derramar lágrimas por Annabelle.”

Assinto de novo e fungo, limpando o rosto. “Você tem razão, sabe. Ela só quis me ferir, mas sabe...”, olho para o guardanapo que estou destruindo. “Eu não entendi o que ela quis dizer sobre o Henry.”

Um silêncio se instala e sou obrigada a levantar o rosto. Felipe olha estranho para mim, daquele modo como um médico faz quando informa que o parente de alguém faleceu. O que será que Henry tem que eu ainda não sei?

“Por que você está olhando assim para mim?”

Felipe larga o sanduíche na bandeja e limpa a boca. Está tomando tempo e me deixando com os nervos dando nó. Porra!

“Olha, não era para eu ter que te falar isso, mas Annabelle estava se referindo à primeira namorada do Henry, aqui.”

Franzo a testa. “Namorada?”

Como assim? Ele nunca me falou de namorada. Certo, ele não tinha que falar disso, mas o fato é que eu nunca soube que ele era um cara de namorar.

A fama dele é de um cara que pega todas sem compromisso e toda a merda de um relacionamento. Talvez por isso eu não estava esperando dele algo oficial entre nós dois. Agora... tudo... mudou.

“Ele a conheceu logo que chegou aqui. Henry sempre foi do mesmo jeito que é agora, pega geral, mas antes, não tanto. Ele chegava a ser seletivo. Então ele conheceu Alana e, com um mês saindo, eles começaram a namorar sério.”

“Alana?” Eu já ouvi esse nome. Eu lembro.

“Isso, Alana. Ela estudava Medicina no mesmo horário que nós e tinha três aulas juntas conosco. Eu até gostava dela.”

Alana. Isso! A mãe do Henry me chamou de Alana um dia ao telefone quando ela ligou querendo falar com ele. Eu a corriji e ela deu uma risadinha sem graça. Naquele dia eu achei que ela estava em crise e não liguei, mas agora... me sinto tão estranha.

Já que eu estou aqui, vou perguntar o que eu posso e o que Felipe pode me dizer.

TU GOSTA DE MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA.

“O que aconteceu com ela?”

Felipe bebe um pouco do refrigerante e fala:

“Ela era muito estudiosa e seu sonho era conseguir uma bolsa em uma faculdade mais famosa e com a Medicina como base, e conceituada, então ela ganhou uma bolsa de estudos. Para Oxford.”

Fico surpresa e pergunto: “Então eles...”

“Ela terminou com ele e foi embora”, ele completa. “Não vou mentir pra você e dizer que ele não ficou abalado com isso, porque ficou. Por um tempo ele nem saía com os caras da faculdade e nem ligava para nada, acho que só ia para a aula porque senão ia repetir.”

“Então ele a amava?”

O rosto de Felipe fica vazio e ele dá de ombros. “Acho que sim, eles às vezes brigavam — e muito —, mas Henry sempre contornava Alana, e me lembro de uma ou duas vezes deles brigando e no final dizendo que se amavam. Era um namoro esperado de colegial. Universitários. Irritante, brigas e depois amasso na frente dos outros.”

Assinto e fujo dos olhos dele. Tem algo apertando meu coração.

“Ele não falou dela para você?”

Nego com a cabeça.

“É, foi o que eu pensei naquele dia.”

Olho para ele e deito a cabeça, confusa. “Do que você está falando? Que dia?”

“Naquele dia da festa na casa perto da academia, no sábado passado.”

“O que tem essa festa?” Lembro-me dela e do que aconteceu depois dela, mas não estou entendendo aonde Felipe quer chegar.

“Ela estava lá.”

“Alana voltou?”, indago, baixo.

Ele assente. “Ela veio para o feriado de Ação de Graças e porque é aniversário dela.”

Aperto os olhos e, depois de engolir em seco, consigo falar: “Quando?”

“Domingo.”

Meus olhos saltam e ele logo completa: “É isso mesmo, eles fazem aniversário no mesmo dia.”

“Que coincidência”, murmuro cabisbaixa.

Felipe pega minha mão e aperta. “Não fica com essa cara, não. Ela é passado.”

“Talvez não seja.”

“Vocês estão juntos?”

Dou de ombros. “Às vezes.” Faço uma careta. “Sabe, rola de vez em quando, mas nunca conversamos sobre namorar ou algo do tipo. E, sabe, eu não ficava muito zangada ou triste com isso porque pensei que não era a praia dele, mas agora eu... talvez...”

“Talvez pra ele já seja assim e ele não falou nada. Vocês são amigos e rolou o lance e vocês ficaram. Eu não posso falar por ele, mas no meu caso acho que falaria. Não fique pensando coisas antes de falar com ele. Aproveita que ele é seu amigo e fala.”

“Vou falar o quê?”

“Joga a real, Cecillia. Pergunta o que você é pra ele, o que ele sente por você, se isso é só uma pegação passageira, ou se ele te leva a sério.”

“E se for passageiro?”

Felipe balança a cabeça e faz uma cara de lamento. “Aí você precisa saber o que quer. Se também quer ficar um tempo com ele, mesmo sendo passageiro, ou se para você ele é especial demais e não dá para levar uma relação assim. Se você quer realmente ficar com ele.”

Assinto, concordando com o que ele falou, e também afirmando que sim, eu quero ficar de verdade com ele. Eu quero *tanto* isso!



Entro no apartamento e respiro fundo, fechando os olhos. Ando, paro na sala e fito o nada. Deixo minhas coisas escorrem das minhas mãos e... Com força, a tristeza me pega e eu fungo, sentindo as lágrimas chegando quentinhas e enchendo as bolsinhas dos meus olhos. Pisco e uma lágrima esquentando um lado da minha face.

Felipe disse para eu não ficar colocando merdas na minha cabeça. Alana está voltando para Londres na segunda e ela não tem mais nada com Henry, mas será mesmo que não tem nada? Pelo menos será que dentro dele ainda não sobrou nada do que sentia por ela?

O que eu entendi é que eles se adoravam e se amavam intensamente. Brigavam e faziam as pazes na mesma hora. Henry foi pego de surpresa com a ida dela e ficou arrasado. Então, como agora eu tenho que não pensar que talvez ele ainda não sinta nada? Talvez sinta.

TALVEZ NÃO. — Frody.

EU NÃO SEI, FRODY. ELE NUNCA FALOU DE TER NAMORADO ANTES, E O PIOR, ELES MORAVAM JUNTOS ATÉ. AQUI!

Abro os braços, dialogando sozinha, como uma doida:

“Eles moravam juntinhos e apaixonados aqui. E o que eu tenho? Um amigo que transa comigo!”, exclamo para os móveis.

Soluço forte e respiro com a voz tremida. Estou me sentindo tão... *abandonada*, essa é a palavra certa. Sinto-me tão pouco para todos. As palavras de Annabelle queimam meu cérebro. Eu não sou especial para ele. Talvez seja isso. Ele só gosta de mim e de transar comigo. Não me ama.

“E agora?” Eu choro e sento-me no chão, no meio da casa, entre a porta, o corredor que dá para os quartos, a sala de estar à minha frente e a de jantar atrás de mim. Enterro as mãos nos meus cabelos e os aperto.

“E agora...”, soluço, “agora eu não sei ficar... sem-sem ele.” Gaguejo e tento puxar o ar para não me afogar em lágrimas.

Agora minha alegria depende de ele estar comigo. Ele não sabe quantas vezes eu me senti sozinha em todos esses anos que passei sem ter meus pais. A saudade e a dor. E com ele, tudo passou. Ele me acalma, me conforta, e só me abraçar que eu me sinto amada, mesmo que ele nem sinta isso por mim, ou que me ame, mas não tanto quanto eu e como já amou Alana.

Confesso que ele sempre foi algo que não pude explicar. Desde o começo me deu algo que eu nem sabia que estava faltando, ou sabia, mas só sentia. Aquele primeiro beijo foi realmente um sonho para mim. Nossa primeira vez e todas as demais, ele é meu sonho e eu realmente não sabia que queria algo desse tipo.

Às vezes, quando ficamos conversando na cama, comigo em seus braços, e nós contamos nossos planos e alguns segredos, todas essas vezes eu quis — como quis — dizer o quanto ele é importante para mim. O quanto eu preciso dizer que o amo, mas algo sempre me impede, e agora eu não sei se devo falar.

Meu coração está sendo partido, e eu sei que por antecipação, mas mesmo assim meu cérebro tem as coordenadas que todas as pessoas em perigo ficam: *Alertas*.

Ele está contra-atacando o inimigo, e o inimigo é a dor de perder mais alguém que eu amo, mas dessa vez não será a morte que o levará de mim. Será a minha falta de sorte, ou exagero de azar. E eu não sei se vou aguentar ficar com ele só como meu amigo.

Eu não estou confundindo as coisas. Eu o amo e preciso saber se ele também sente algo por mim, pelo menos um pouquinho. Entrego-me às migalhas, porque eu prefiro assim a não ter nada.

As palavras dele quando nos beijamos pela primeira vez são a promessa de que — talvez — eu o tenha para sempre na minha vida. Amigos hoje, amanhã e

para sempre.

Mas e se o amanhã chegar e nada de ele sentir?

E se o para sempre for ele longe de mim?

Em breve as aulas dele acabam e eu vou ficar aqui, ou...

Meus padrinhos falaram que eu posso escolher ficar, mas se o Henry não disser nada... Eu prefiro ficar a quilômetros de distância, do outro lado do mundo, do que ficar próxima — mas longe — e sem ele.

Ai, meus anjinhos, ajudem-me a pensar. Meu coração está tão apertado e estou morrendo de medo.



QUINTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 2013

Acordo com o despertador soando alto, às seis da manhã. Tenho que levantar e me arrumar para Jorge me levar. Abro os olhos e sinto como estão sensíveis e inchados. Fui dormir chorando depois de tomar um banho, passar Merthiolate e tomar um Advil para a dor que eu estava sentindo muito na cabeça.

Sento na cama e passo a mão nos olhos. Pego meu celular, desligando o alarme, e vejo cinco chamadas perdidas de Henry.

Eu realmente não consegui falar com ele ontem. Eu já estava abalada e chorando feito criança sem o ter perto de mim nem ouvir a voz dele. Então preferi não o atender, só mandei uma mensagem dizendo que estava em casa e indo dormir e assim ele pararia de ligar.

Saio da cama e vou até o banheiro. “Que bosta”, reclamo, fitando-me no espelho. Minha boca está inchada e dolorida. Eu morri de medo de ela ter quebrado meus dentes. Porra, nem gosto de pensar nisso.

Entro no box, tomo um banho rápido e logo me seco. Vou até meu quarto de toalha e correndo porque hoje está frio pra caralho, muito frio mesmo em Boston. Eu me visto, passo perfume, desodorante e calço minhas botas. Vou para a cozinha, tomo café com leite e lavo o copo. Deixo tudo limpo e apago as luzes.

Din-dom. A campainha toca, e abro a porta.

“Bom dia. Está melhor?”, Jorge pergunta, com cara de sono ainda.

“Bom dia, e sim.”

“Certo. Vamos logo para não perder o voo”, ele diz, pegando minha mala. Fiz uma pequena mala para três dias, não está pesada, mas Jorge é um cavalheiro. Quase irreal.

“Obrigada.”

“Não há de quê.”

Sáimos e fecho a porta. Sigo-o até o elevador, descemos rápido e entramos no carro. Pegando o caminho para o aeroporto, ele murmura:

“Ele me ligou ontem umas dez vezes dizendo que você não queria falar com ele. Qual é o problema?”

Suspiro. “Nenhum.”

“Então por que não o atendeu?”

“Não estava com vontade de falar com ninguém quando cheguei em casa. Queria só dormir.”

“Tá bem. Apenas estou falando porque ele estava preocupado.”

Assinto e olho para a janela. “Eu falei por mensagem com ele e fui dormir.”

“Henry só está querendo seu bem, viu? Não desconte nele o que está sentindo por Annabelle.”

“Não fiz isso”, viro-me para ele. “Só não queria falar com ele. Queria pensar. Nada de mais, Jorge.”

“Okay. Calei.”

Depois disso ele fica mudo e chegamos ao aeroporto bem rápido. Saio do carro e entro sozinha no Logan. Passo por todas as etapas e enfim me sento no avião.

“Que Deus vá comigo, amém.” Completo minha prece e faço sinal da cruz.



Caminho pela multidão que sai junto comigo do avião e me sinto feliz por estar em terra. São 10h30, meus padrinhos devem estar chegando. *Ah, lá estão eles.* Vejo Richard acenando e minha madrinha, Monica, abrindo os braços para mim. Meus olhos se enchem d’água imediatamente.

“Minha boneca linda. Que saudades de você”, minha madrinha diz, me abraçando forte, e meu padrinho sorri para mim, e logo franze o rosto. Monica me afasta, olhando para mim preocupada. “Querida, o que houve com seu rosto?”

Balanço a cabeça e respondo com a voz baixa: “Não é nada de mais.”

“Você brigou com alguém, Cecillia?”, meu padrinho pergunta.

As lágrimas de emoção me impedem de explicar, então minha madrinha intervém. “Deixa pra contar isso depois.” Ela limpa meu rosto bem devagar. “Ah, meu amorzinho, não chore mais.”

Fungo e limpo os olhos, mas ainda chorando. “É só saudade.”

“Então vamos pra casa. Vamos matar a saudade e comer peru hoje.”

Solto uma risada em meio às lágrimas e vou com os braços dela em mim. Meu padrinho beija meu rosto e juntos vamos procurar minha mala, que ele carrega até o carro.

Estou menos agoniada aqui, mas sinto falta de algo. Algo que é maior que o vazio dos meus pais que eu sentia antes. Ver minha cidade e chamá-la de casa agora é tão estranho. Parece que eu não me encaixo mais aqui, onde eu nasci e fui criada. Não sinto mais como se fosse meu lar.



SENTO NA CADEIRA DE ESPERA DO HOSPITAL e enterro os dedos em meus cabelos. Merda. Aconteceu alguma coisa e não querem me falar. Jorge deu uma desculpa esfarrapada ontem, dizendo que estava tudo bem mesmo por lá, mas aí eu tenho como contra-resposta Cecillia me ignorando.

Ela não quis falar comigo, liguei várias vezes, e nada. Até que, mais à noite, ela me enviou uma mensagem. Eu não aprovei isso. Detestei a frieza dela de apenas me mandar um recado.

Se ela entendesse que estar aqui com minha família é um martírio para mim, pois eu estou com a cabeça onde ela está, talvez tivesse mais consideração.

Ergo meu corpo quando escuto passos e vejo meu pai vindo na minha direção. Seu rosto está abatido, mas feliz. Todos nós estamos muito contentes com a chegada de Henrique.

O garoto nasceu enorme, branco como todos da minha família e de Linda, os olhos de um azul bem claro, e escandaloso. Ele chora frequentemente e alto. Então tomamos a política de não aborrecer meu sobrinho, ou não acordá-lo.

“Vou para casa. Você vai continuar aqui?”, meu pai pergunta, parando na minha frente.

“Eu já estou indo”, respondo baixo a ele.

“Você me parece estressado. Aconteceu alguma coisa, filho?”

Nego com a cabeça e ele enfia as mãos no bolso da calça social que faz conjunto com a camisa de linho.

Meu pai está meio formal para um avô, mas ele sempre se vestiu assim. Inclusive nos dias de folga, como são seus dias atuais, apesar de que ele tem muito trabalho em cuidar da minha mãe vinte e quatro horas por dia.

Teve um tempo, mais ou menos três anos, em que eu achei que meus pais não

se amavam mais, pelo menos o meu pai. Mas quando minha mãe ficou doente, ele provou que a amava como se ainda tivesse seus vinte anos. Não tem um dia — agora — em que eu duvide do amor dele por ela e dela por ele. Até mesmo quando ela se esquece dele.

“Tem certeza? Você ainda está nervoso com a doença da sua mãe?” Ele senta ao meu lado. “Eu já lhe expliquei que ela está bem e ainda tem um tempo bom para ser ela mesma.”

Com as costas na parede, viro meu rosto para ele e meu pai é obrigado a virar um pouco o corpo na cadeira para me ver.

“Eu sei disso, o senhor me explicou tudo. Não é isso que está me atormentando agora.”

Ele cerra os olhos e sacode o chaveiro em sua mão, com as chaves do carro e de casa.

“É o que, então?”

Desencosto-me da parede e apoio os cotovelos nos joelhos. “Não é nada importante, mas já que o senhor falou da mamãe, eu queria lhe fazer uma pergunta.”

Ele assente, atento a mim.

“O senhor está com medo de quando ela começar a piorar?”

Seus olhos se arregalam. Meu pai imita minha posição, e fita o chão.

“Ninguém me perguntou o que eu acho sobre isso até agora”, ele faz uma pausa, “e eu também não quis falar com ninguém sobre como me sinto a respeito da minha esposa estar sumindo, mas...”

Ele olha para mim e assinto, encorajando-o a falar.

“Confesso que não estou feliz, que me apavora a ideia de que ela vá acordar um dia e enfim deixar de ser a Julia.” Seus olhos instantaneamente ficam marejados. “Que ela me esqueça para sempre. Que tenha medo de mim, pois eu serei um estranho.” Volta a olhar para o chão. “Eu não me sinto preparado para isso, nem um pouco mesmo. Eu nunca, nunca mesmo pensei que esse seria o fim. Que a garota linda da faculdade viraria pó antes mesmo de me deixar de verdade. Não estou dizendo que preferia que ela morresse, mas eu achei que só a morte a levaria de mim, mas não vai ser assim. Porque essa doença maldita está levando minha Julia.”

Deixo uma lágrima escorrer e não me preocupo em limpá-la. Pego a mão do meu pai e a aperto. Ele aperta de volta a minha e limpa o rosto com as costas de sua outra mão.

“Eu preciso ser forte para você e seus irmãos. Preciso ser o pai e a mãe de vez daqui a pouco. Julia me pediu isso, mas quando vou dormir, fico arrasado de mentir pra vocês.”

“Mas pai...”

“Eu minto porque não estou levando isso bem”, ele me interrompe. “Ninguém que ama alguém como eu e sua mãe nos amamos levaria numa boa essa situação. Eu não preferia nada, como ela morta ou viva. Só queria a merda de um remédio para curá-la e trazê-la de volta.”

“Eu também queria”, murmuro.

Ele assente e olha para mim. “É muito ruim ouvir isso logo de você que estudou para achar curas para doenças como essa.”

“Na verdade, isso está mais para Bioquímica e Biotecnologia.”

Meu pai dá um meio sorriso e diz:

“Filho, não abuse da minha inteligência. Eu fiz Direito porque nunca gostei de ciências, então, por favor.”

Rio do humor negro dele.

“Mas enfim, o que importa é que as estimativas de curas para o Alzheimer, Parkinson e alguns tipos de câncer ainda são teorias. O que me deixa muito feliz hoje”, ele esclarece.

“Infelizmente é isso mesmo”, murmuro.

Ele dá de ombros e se levanta. “O jeito é viver um dia de cada vez e agradecer por todos os dias bons que vierem e, da minha parte, nunca esquecer todos os outros que vivemos.”

Assinto e levanto também. “O senhor sabe que não precisa carregar isso nas costas.”

Ele coloca a mão no meu ombro e o aperta. “Tenho sim. Ela é minha esposa e quando assumimos alguém assim, é valioso e para sempre, pelo menos da minha parte. Então eu tenho que cuidar dela e carregar a maior tristeza sozinho. Ver o amor da minha vida desaparecendo. Só vivendo o que eu passo hoje para entender de fato o que eu estou lhe dizendo. Assistir a quem nós amamos deixar de existir chega a ser mais doloroso do que a morte.”



Depois que meu pai convenceu minhas irmãs a irem para casa, eu me despedi delas e fui comer algo na cantina do hospital. Acabo de comer e pego os descartáveis e jogo-os na lixeira.

Estou indo me despedir de Linda e Scott para ir para casa também. Estou cansado de ficar aqui, mas a empolgação do meu irmão me fez ficar até agora e eu também sou o padrinho do barulhento.

Abro a porta do quarto e dou de cara com uma cena íntima e engraçada de família. Meu irmão está cochichando para o filho enquanto ele está no colo da mãe. Linda sorri de orelha a orelha, com um braço no filho e o outro nas costas do homem.

Entro e fecho a porta bem devagar e eles não percebem minha presença, mas não por muito tempo. Minha cunhada olha para mim e sorri, convidativa. Sorrio também, mas não saio do lugar. Fico admirando meu irmão brincando com o filho.

No fundo eu sempre soube que Scott seria um pai incrível. Mesmo que nossa diferença de idade não seja muita, ele sempre teve o costume de cuidar de mim, e quando Mandy nasceu, ele virou um lunático atrás dela, cuidando dela e, quando ela cresceu, ele ia atrás dos garotos que ficavam em cima dela.

Aí, logo em cima da preocupação dele com nossa irmã do meio, nasceu Rebecca e ele pirou de vez. Cuidando de todos nós o tempo todo.

Eu admiro e amo meu irmão por ser esse cara tão família e, mesmo que seja brincalhão na maior parte do tempo, quando ele fica sério é de colocar para correr. Sei que meu sobrinho não teria um pai melhor do que ele.

Ver a cena dele agora com sua família me deixa feliz. Ele merece isso, e vê-lo com sua esposa e filho me dá um sentimento estranho. Uma sensação desconfortável de vazio. Desejo de ter o mesmo que ele tem agora.

Scott ergue o corpo e, quando vai pegar um urso de pelúcia no pé da cama de Linda, me vê e sorri.

“Você está aqui ainda?”

“Não, é miragem.”

“Babaca”, ele fala, rindo, e passa o braço em meu ombro, empurrando-me para perto da cama. “Chega mais perto. Ele é escandaloso, mas é inofensivo.”

“Não fala assim dele”, Linda reclama, e joga a fralda de pano no meu irmão.

Rio e roubo o urso da mão do meu irmão. Vou para perto da minha cunhada e fico de frente para Henrique.

“Oi, garoto.” Ele abre os olhos — suas íris azuis brilhando — e eu sorrio. “Não liga pro seu pai não. Ele é um idiota. Você é o máximo. Acordou quase a ala toda da pediatria do hospital. Acho que você tem superpoderes.”

Linda ri e faz um carinho no rosto do filho. “Acho que o titio tem razão e você é um super-herói.”

“Qual super-herói grita?”, Scott pergunta, interessado, ao meu lado, fazendo careta para o filho.

“Ah, tem um monte. Na DC tem dois, eu acho, e na Marvel também”, respondo, e Linda completa.

“O que isso importa, Scott? Estamos brincando, seu bobo.”

Ele resmunga e senta na beirada da cama. “Estou brincando e curioso também, mas não nego que preferia meu filho com um superpoder.”

Levanto meu corpo e olho para o meu irmão. “Ele pode ser o Batman ou o Homem de Ferro. Afinal de contas, eles têm poderes por causa de tanto dinheiro. Então basta você soltar o dinheiro e Henrique vira um.”

“Ah, meu Deus, não.” Ganho um tapa de Linda no braço. “Tire essa ideia dele. Scott já não funciona direito.”

“Eu jamais faria isso, amor”, ele diz para a esposa, e depois murmura baixinho: “Mas não seria uma má ideia.”

“Cala a boca”, ela fala, e parecendo atento à conversa, Henrique desperta e começa a chorar.

Nós ficamos brincando com ele e Linda dá de mamar. Sou obrigado a sentar no sofá de dois lugares no canto do quarto para não ver os seios da minha cunhada.

Olhar para ela agora, tão gentil, calma, carinhosa e serena com meu sobrinho, me deixa emocionado. Linda sempre foi afetuosa, mas agora está mais. A sensação de querer alguém assim cuidado de uma parte minha passa novamente pela minha cabeça.

Eu sempre quis ter uma família, me casar com alguém que eu verdadeiramente ame e que me ame, construir uma família como aquela em que eu cresci, e ter minha casa cheia de falatórios de crianças e pais nervosos.

Mas essa vontade nunca foi tão grande quanto agora, vendo a cena do meu irmão afagando os cabelos da esposa enquanto ela alimenta seu filho.

Nunca sonhei demais com isso, mas já tinha planejado anos atrás ter esse sonho com Alana, mas ela provou que não era a certa. Pensar nisso me faz pensar na sua visita aos pais esse fim de semana.

Quando eu a vi no fim de semana passado na casa do Claus, em uma festa de república, fiquei surpreso demais. Um, que não era para ela estar ali. Dois, que

ela nunca gostou muito de festas em casa. Apenas em boates e raves. Então meu choque foi muito grande.

Ela veio falar comigo como se não tivesse me feito passar um inferno com sua ida para Londres. Ela foi cruel em não ter me contado dos seus planos, só pensou nela.

Por um tempo me martirizei pra caralho, agora eu tenho raiva do tempo que perdi com uma garota que, depois de quase dois anos sem olhar para a minha cara, me abraçou e disse que estava com saudade de mim, que queria passar a noite comigo para relembrar os velhos tempos.

Porra, ela realmente não tem noção nenhuma da vida! E não deixei de aceitar ficar com ela porque estou com Cecillia, e sim porque senti nojo do projeto de ex-namorada que Alana se mostrou para mim.

Eu conversei com ela e desabafei tudo que precisava. O alívio foi instantâneo e no final eu me despedi como se ela fosse uma amiga de anos atrás e dei-lhe as costas. Praticamente saí correndo pela festa, caçando Cecillia depois disso. Não sei o que deu em mim, só sei que eu precisava com urgência abraçá-la, beijá-la e tê-la para mim naquela hora.

Por isso cheguei em casa com tanta fome dela. Não quis saber de parar na sala e transar com ela ali mesmo. Apenas queria tê-la para mim e rápido.

Aquela noite foi uma das mais eróticas da minha vida, uma das mais quentes, e cheguei a ser um pouco demais com ela, eu sei disso, mas eu precisava abafar o pânico que se instalou no meu peito: o medo de perdê-la também.

No início eu apenas queria comê-la, confesso. Mas então nós nos tornamos amigos e o desejo por ela se transformou em muito mais que uma quedinha, mais do que um sentimento passageiro.

Eu me segurei o quanto pude, resisti ao máximo, mas quando o dia do estopim chegou, que foi meu pai mandando eu voltar para casa, precisei jogar tudo para o alto.

O primeiro beijo que trocamos foi fundamental para que eu soubesse que estávamos prontos para arriscar nossa amizade, que ela queria ficar comigo tanto quanto eu queria ficar com ela. E ser o primeiro homem dela me fez pensar que eu a possuí.

Desde então ela virou minha obsessão, nada conseguiu tirá-la da minha cabeça, e eu também não queria mais lutar contra isso. Alana chegar foi bom, porque eu precisava ver e sentir o que eu não tinha enxergado antes.

Tudo antes de Cecillia foi um desperdício de tempo. Ninguém realmente foi

tão importante para mim quanto ela é, e eu nunca senti por ninguém o que eu sinto por ela. O que eu quero dizer por ninguém, é Alana. Eu nunca fiquei tão ligado a ela quanto sou ligado em Cecillia.

E agora, vendo a nova família do meu irmão crescer, isso alimenta dentro de mim a vontade de querer isso com a minha pequena nerd. Eu só preciso ter coragem para pedir a ela que venha comigo para Nova York.

Preciso deixar claro que eu não posso ficar sem sua presença nos meus dias. Que eu me apaixonei por ela perdidamente e sempre vou estar com ela para tudo, como sempre estive. Dar a ela a segurança de que eu nunca vou deixá-la.

Levanto do sofá e me despeço de Scott, Linda e Henrique.

“Vocês vão estar no jantar de Ação de Graças?”

“Sim, Linda vai ter alta hoje à tarde.”

“Ainda bem, preciso da minha cama. Da minha casa”, ela diz.

Rio e dou um beijo na cabeça minúscula do meu sobrinho. Beijo o rosto de Linda e abraço meu irmão. Saio do quarto e rapidamente deixo o hospital para pegar um táxi.



Coloco minhas coisas em cima da mesa da cozinha, porque nem cheguei a vir em casa para deixar minha mala, deixei-a no quarto do hospital. Abro a geladeira e pego um pouco de água. Logo que acabo de bebê-la, escuto meu celular. Pegando-o do bolso da calça, leio a mensagem de Cecillia.

Cecillia - Elmira | New York - 08:35

Acabei de chegar.

Na verdade, estou entrando na minha casa agora.

Por um tempo fico olhando para a mensagem, lendo-a novamente, e não gosto da parte em que ela diz que está *em casa*. Se ela considera Elmira a casa dela, o que a minha casa é para ela? Não gosto disso. E se ela quiser voltar para lá?

Henry - Manhattan | New York - 08:38

Certo, acabei de chegar do hospital.

Como você está?

Queria ouvir a voz dela, mas parece que ela está se recusando a isso desde ontem. Tem alguma coisa estranha. Eu sei que tem.

Cecillia - Elmira | New York - 08:39

Estou bem, e você?

Fria. Hmm... Isso está me irritando.

Henry – Manhattan | New York - 08:40

Mais ou menos.

Cecillia – Elmira | New York - 08:45

Por quê?

Henry – Manhattan | New York - 08:46

Porque você está estranha.

Cecillia – Elmira | New York - 08:50

Impressão sua, Henry. Estou bem.

Faço uma cara feia para a resposta dela.

“Isso”, aponto para o celular, falando, “não é uma resposta de quem está bem. Não é resposta da Cecillia educada e doce que eu conheço.”

Henry – Manhattan | New York - 08:52

Pode tentar, mas você não me engana.

Quando estivermos juntos de novo, eu vou saber.

Ela não me responde e isso me deixa mais puto ainda.

Henry – Manhattan | New York - 09:00

Se isso é estar bem, não quero saber de quando você não estiver. Beijos e até mais.

Deixo meu celular no balcão da cozinha, com raiva, e caminho para o quarto, tirando a roupa e jogando para os cantos do loft. Entro no banho e levo um tempo debaixo do chuveiro.

O que será que aconteceu com ela nesse curto espaço de tempo em que estamos distantes? Jorge me afirmou que tudo estava bem, mas isso não pode ser verdade. A não ser que ele não tenha visto nada e Cecillia por sua vez não abriu a merda da boca. Sempre com a mania de guardar as coisas dentro dela e se corroendo.

Termino o banho, pego a toalha no armário do banheiro e me seco, deixando-a enrolada na minha cintura. Vou para onde fica minha cama, fecho as cortinas e me jogo nela.

Caio de costas e fito o teto cinza que parece estar descascando, mas é o efeito dele mesmo.

Viro-me na cama e aperto o travesseiro com meu braço embaixo dele, e tiro a toalha, jogando-a no chão. *Merda* — lamento olhando —, *quase acertei o cesto de roupa*.

Fecho os olhos.

Meu pé direito começa a balançar e meu corpo sente falta de algo. Bufo e abro os olhos de novo.

Viro-me de barriga para baixo na cama e abraço o travesseiro. Sempre dormi assim quando moleque, mas agora que sou adulto, costumo dormir como um defunto de barriga para cima, apenas meus braços ficam sobre minha cabeça e às vezes o antebraço em cima das minhas vistas. Eu gosto de escuro.

E meu quarto agora está escuro, mesmo sendo de manhã, mas não consigo relaxar. Não estou conseguindo pegar no sono que quase me derrubou no hospital no sofá e na cadeira de espera.

“Merda”, reclamo aos ventos. “Cadê você, cansaço?”

Viro de novo e sento na cama. Passo as mãos na cabeça, apertando meus cabelos e os músculos do meu ombro e da minha nuca também.

“O que está me faltando?”

Olho para o meu loft, de que sempre tive orgulho, e algo essencial está faltando nele. Algo cheiroso, pequeno e quentinho. Algo que me faz dormir melhor agora. Sinto um nervosismo nos braços, uma espécie de fúria e inquietação.

“Sinto falta dela”, lamento, com as mãos escondendo meu rosto. Bufo derrotado e irado comigo por ter sido um pouco grosso com ela na última mensagem.

“Ah, Cecillia, o que você fez com a merda da minha vida? O que fez comigo?”, murmuro, fitando o lençol da cama, que alguém veio trocar porque eu estava chegando, e que estão macios e limpos, mas não me confortam.

Eu preciso de algo de carne e osso para isso. Dos cabelos longos que fazem cócegas no meu rosto de manhã. Das mãos pequenas que de madrugada fazem cafuné nos meus cabelos, porque ela pensa que estou dormindo. Do cheiro, do som e do calor dela ao meu lado na cama.

Eu só preciso dela.

Eu posso odiar Alana por muitas coisas, mas foi sua volta que me fez perceber isso. Que antes com ela eu não precisava de aprovação e da escolha dela tanto assim, se eu realmente a amasse teria ido atrás dela. Mas com Cecillia eu tenho coragem de fazer a escolha certa e segui-la para qualquer lugar.

Enterro os dedos nos cabelos de novo e aperto. Eu não posso perdê-la, não posso ficar sem ela. Até posso um dia ter Alzheimer e me esquecer de tudo, mas não posso passar minha vida a partir de agora sem a ter.

Minha garganta se aperta e o lençol da cama fica turvo.

“Eu preciso que ela fique comigo. Que me escolha. Que se arrisque comigo”, falo com a voz rouca, e me deito na cama de novo. “Que me ame.”



NO MESMO DIA...

Acordo um pouco tarde demais da minha soneca. Espreguiço-me e percebo algo no ar. *Brim... Brim... Brim...* O barulho que realmente me acordou.

Isso é o meu celular?

O som continua e escuto um estouro, algo caindo no chão.

“Caralho”, xingo, pulando da cama. Corro para a cozinha e pego meu celular — ainda vivo — do chão, perto do tapete que fica entre a porta de entrada e a cozinha.

“Alô? Alô? Alô?”

“Para de gritar, Henry. Eu não sou surda, porra.” Minha irmã mais velha reclama.

“Desculpa Mandy, mas meu celular acabou de cair no chão. Só estava verificando se está funcionando.”

“Está sim, e muito bem.”

“Certo.” Bufo irritado. “O que você quer?”

“Você em casa em uma hora. São cinco da tarde e o jantar é às seis e meia.”

“Porra é mesmo. Dormi muito.”

“Henry, você está bem, irmão?”

“Estou. Claro!”, respiro fundo, e digo com a voz cansada que eu tento esconder. “Chego aí em vinte minutos. Não, vou tomar banho e... okay. Certo. Trinta minutos e estou aí.”

“Tudo bem.”

Encerro a ligação e rapidamente mando uma mensagem para Cecillia, para saber como ela está. Fico esperando, mas não tenho resposta. Bem, provavelmente deve estar ajudando na ceia e o celular deve estar esquecido em algum canto da casa. O normal dela.

Arfo com força e resolvo me arrumar e ir para a casa dos meus pais.



A casa está limpa e organizada como todas as vezes, mas hoje tem barulho e um choro. Henrique chegou à família para causar tumulto. O garoto não gosta de silêncio *mesmo*.

“Pega ele pra mim um pouco”, Linda me pede, estendendo-me o embrulho que é a manta no meu sobrinho.

“Claro.”

“Ah, obrigada. Vou ao banheiro”, ela diz, em um tom gentil. Ao se levantar com dificuldade e por estar um pouco distante de nós, ela grita: “Scott!”

“Querida?” Meu irmão aparece na sala de estar apressado.

“Me ajude a ir ao banheiro, por favor.”

“Claro.”

Scott chega até a esposa e passa o braço por trás dela, e ela se apoia nele, segurando sua mão livre. Os dois saem e eu fico a sós com meu sobrinho.

“Fala, garoto!”

Ele pisca os grandes olhos azuis e se mantém calmo.

“Sabia que para um recém-nascido você grita demais?”

Eu juro que ele está franzindo a testa, mas como ele tem só umas dez horas de nascido, vou desconsiderar meu delírio.

“Oh, que fofo. Posso pegar ele?” Rebecca aparece ao meu lado como mágica.

“Acho que ele ainda é muito pequeno para você pegar”, falo, olhando para ela com receio. Sei que minha caçulinha é muito briguenta.

“Ah, poxa, Henry. Eu não sou burra. Deixa eu pegar. Não vou deixar ele cair. Prometo.”

“Claro que você não vai deixá-lo cair, mas prefiro não arriscar.”

Ela fecha a cara e sai batendo os pés, zangada. Rio e volto para Henrique.

“Viu aquilo? É sua *mega* tia. O poder dela é como da Mulher-Maravilha. Uma guerreira, marrenta e às vezes briguenta.”

Fico admirando o menino e me convenço de que sou um tio babão. Rique, como Linda o chama, é um recém-nascido grande e muito bonito. Tem uns aí que parecem cotovelos, todos enrugados e encolhidos. Meu — super — sobrinho não é assim. É mal de família, só pode, ser tão bonito.

“Você vai arrasar os corações das garotas.”

Escuto um riso e vejo minha mãe vindo em nossa direção. Ela senta-se ao meu lado e diz:

“Todos os homens dessa família fizeram isso.” Acaricia a bochecha dele. “Gostam de fazer as meninas sofrerem.”

Sorrio e olho para ela. Amo quando está assim, a Julia de sempre, minha amada mãe.

“Quer ele?”

Ela assente com seu sorriso. Minha mãe tem o maior sorriso que já vi. Fica linda, e quando o bebê está em seus braços, o sorriso se alarga.

“Ele me lembra de você bebê. Juro que não estou sendo lunática em dizer isso, apesar da doença.”

“Que é isso, mãe?”, lamento por seu comentário.

“É sério. Às vezes, quando digo que me lembro de algo, as pessoas olham para mim como se eu fosse doida, mas juro que de vez em quando eu lembro sim”, ela diz, com a voz melancólica, olhando para Rique. “Lembro-me de todos os meus filhos pequeninhos, do meu casamento. E até da minha formatura com meu vestido rosa-bebê e a coroa que ganhei sendo a rainha do baile.”

Assinto, escutando-a, e passo o braço por cima dos seus ombros.

“Eu acredito na senhora.”

Ela olha para mim, sorrindo, com os olhos marejados. “Eu sei que sim, meu querido. E entendo quando não acreditam nas minhas memórias. Afinal, tem dias em que nem sou *eu* mesma.”

“A senhora sempre será a mesma pra mim. Sabe, na minha memória vou guardá-la como você sempre foi: uma mulher linda, feliz e amada. A melhor mãe que eu poderia ter.”

“Oh, meu lindo.” Ela estica o pescoço e beija meu rosto. “Muito obrigada por isso. Sei que você, seus irmãos e seu pai vão fazer isso.”

“Vamos mesmo”, diz meu pai, sentando-se do outro lado da mamãe. “Sempre lembraremos de você como a mulher incrível que é.”

Ela assente e beija o rosto dele, cujas mãos chegam em seu rosto e com certeza limpam as lágrimas dela.

“Te amo”, ela diz em um sussurro baixinho para o meu pai, e ele assente. “Ele não lembra o Henry bebê?”, ela pergunta, quando recupera o fôlego.

“Pior que é mesmo.”

“Pior, pai? É assim que fala de mim?”, falo brincando.

Rimos e Henrique, atento, se mexe no colo da minha mãe.

“Você entendeu, mas definitivamente ele é escandaloso como outro membro da família.”

“Quem?”, indago.

“Mandy.”

“O que tem eu?” A mesma pergunta, chegando na sala, e nós três caímos na gargalhada.



Estou feliz de estar com minha família hoje. No ano passado passei esse dia longe deles porque estava sendo um covarde e egoísta. Esse ano eu sou um novo homem e me sinto *crescido*. Mas não estou completo.

Sei que Cecillia só esteve uma vez nessa casa e em particular na mesa à qual estou sentado com minha família, mas parece tanto que ela esteve aqui por muito tempo. Como se estivesse ao meu lado sempre. E agora é isso que faz eu me sentir — novamente — vazio.

“Esse ano quero que quem dê as graças seja Henry”, minha mãe fala, sorrindo para mim.

“Mãe eu não acho que...”

“Vai. É simples”, ela diz, cortando-me.

Todos os meus irmãos assentem e eu fico sem saída. Cada um estica as mãos e Linda dá um jeito de chegar o corpo um pouco mais para perto de Rebecca, que gentilmente pega a mão de Henrique para podermos dar graças.

“Bem, por pura vontade vou fazer isso”, digo de olhos fechados, e escuto-os rindo, principalmente Scott. “Então vamos ser breves.”

“Delicado”, Mandy cochicha.

“Quieta, deixe seu irmão”, meu pai ralha com ela.

“Certo, então vamos. Fale, meu querido.” Isso, claro que foi minha mãe.

Respiro fundo e dou um aperto nas mãos de meus pais.

“Hoje quero principalmente dar graças pelo Henrique que chegou bem e saudável.” Escuto suspiros e continuo. “Também dou graças pela família maravilhosa que eu tenho, porque não importa o tempo que passarmos longe, vamos sempre nos amar incondicionalmente. Obrigado a todos.” Mamãe aperta minha mão. “E agradeço pela mãe que temos e quero que ela saiba que vou sempre tê-la em meu coração, assim, *desse jeito*. Como todos nós aqui.”

Alguns fungam, chorando, e abro um olho para espiar e todos estão assim também, olhando para minha mãe, que está de cabeça baixa, assentindo

enquanto chora baixinho.

Faço um sinal e todos voltam a fechar os olhos, dando um tempo a ela.

“Agora”, engulo o bolo em minha garganta, “vamos orar.”

Papai conduz a oração e, enquanto isso, agradeço por algo em particular em minha vida. Algo que aconteceu comigo este ano: *Cecillia*.

Obrigado ao destino por me presentear com sua amizade, com sua lealdade e por simplesmente a ter colocado no meu caminho. *Cara*, obrigado mesmo por ter feito eu ir naquela aula de manhã e tê-la conhecido. Agora, me ajuda a ficar com ela.

“Amém”, todos dizem, em uníssono.

E, soltando as mãos, ganho um abraço da minha mãe. “Obrigada, meu filho. Eu amo muito você.”

“Também amo a senhora, mãe.”

Após as orações, o jantar é... como posso dizer... liberado? É sempre assim aqui. Ação de Graças, Natal, Ano-Novo. Primeiro tem os protocolos, depois — finalmente — a ceia é aberta e podemos comer à vontade.

“Amor, você está comendo muito.”

“Acabei de dar à luz, não começa.”

Rimos com a discussão de Linda e Scott. Amor é isso. Uma constante infernal entre amor e ódio.



“Filho, vem aqui no escritório rapidinho. Quero lhe dar algo.”

“Pai, hoje é Ação de Graças, não Natal.”

Ele faz aquela cara de que não está muito a fim de papo, mas não fecha a cara. Isso é novidade.

“Certo”, afirmo, e o sigo até seu escritório.

Sento na cadeira acolchoada que fica ao lado de mais uma e em frente à mesa de trabalho dele. Ele fica atrás e senta na cadeira giratória. Abre uma gaveta e me entrega uma pasta.

“O que é isso?”

“Bem, isso é a escritura daquela academia que você frequentava na Broadway.”

Abro a pasta e leio. Realmente é a escritura. E está no meu nome. Volto a olhar para ele.

“Por que isso?”

“Eu quero que você volte para casa e seja feliz. E eu sei que trabalhar na empresa não é o que você pretende. Você nunca gostou de ficar sentado e trancado por oito horas, direto. Então quero você aqui e satisfeito.”

“Eu não vou voltar agora”, falo, com a voz decidida.

“Eu sei, o acordo é que você acabe a faculdade e venha.”

Respiro fundo e assinto.

“É, eu sei.” Abaixo a cabeça e finjo estar lendo novamente a papelada, mas estou pensando em outra coisa.

“E não é só isso”, meu pai fala, despertando-me.

Levanto a cabeça e pego outra pasta. Abro e vejo a escritura de um... apartamento com o endereço deles, mas não a cobertura, então sei que não é a cobertura em que estou neste momento, e mesmo assim isso seria o testamento.

“Para que isso?”

“Comprei o apartamento do andar de baixo. Na verdade, comprei os dois do andar de baixo há muito tempo, mas pretendia dar um deles para Mandy, que sempre se apresentou sendo a mais exigente das meninas, mas com a doença da sua mãe, quero você mais perto de casa. Não para ajudar e sim por querer você mais perto de nós.”

“Meu prédio é perto.”

“Quinze minutos até lá não é muito perto e quero seu conforto.”

“Pai. Meu lugar é confortável. Para de tratá-lo como se fosse um lixo.”

“Não começa a se exaltar”, ele pede com cautela e sem se alterar. “E eu não disse que seu loft é um lixo, apenas desejo algo melhor e mais confortável para os meus filhos. Pensando assim, comprei e mandei mobiliar do jeito mais jovial possível. Na realidade, foi sua mãe que fez a decoração.”

Meus ombros caem para a frente quando escuto que minha mãe sabe da ideia dele e colaborou. *Merda, agora não posso recusar.* Isso foi a mesma coisa quando comprei o loft e ela quis ajudar a decorar. Não pude recusar.

“Tudo bem. Vou ver e pensar no caso.”

“Henry, você tem que ceder um pouco, filho.”

Olho para ele sob as sobrancelhas. Sei que pareço um garoto mimado, mas, às vezes, essa coisa de ele querer o bem é se meter demais. Por bem ou por mal. Filhos não gostam muito desse lado dos pais de se intrometerem em tudo.

“Um dia quero que você seja pai e seja idêntico a mim”, ele fala, como se estivesse lendo meus pensamentos. “Vai fazer o mesmo. Se meter e receber a rebeldia deles como recebo. E não se gabe. Todos os seus irmãos são assim, só que você demora a ceder.”

Sorrio de lado, ironicamente.

“Eu sei, pai, desculpe. O problema agora não é esse.”

“O que é?”, ele pergunta, e emenda: “Estou lhe dando o que você quer. Um trabalho de que você gosta e você pode mudar o nome e fazer da academia igual à que tem em Boston. O apartamento, você pode fazer o que quiser com ele, se não quiser, não fique todos os dias nele, mas acho um desperdício de dinheiro. Pode muito bem alugar o loft, e a empresa, tenho o prazer de lhe informar que agora estamos fechando uma associação com um laboratório de Biotecnologia.”

Um sorriso automático aparece no meu rosto com sua última palavra.

“Sério?”

“É sim. Agora você vê como estou fazendo de tudo para você trabalhar e ser feliz?”

Respiro e assinto. “Eu sei, pai, e desculpe meu jeito.” Abaixo a cabeça novamente. “Sabe aquilo que você disse... que eu tenho idade de um adulto que se comporta como um adolescente? Isso é a pura verdade. Eu preciso crescer.”

“Não queria lhe ferir com essas palavras. Estava com a cabeça cheia.”

“Mas é verdade. Eu preciso crescer e agora vejo que o senhor quer me ajudar nisso.” Olho para ele. “Minha volta para casa não precisa ser meio que comprada...”

“Não foi essa a intenção”, ele me interrompe, afirmando sério.

“Sei que não foi, mas estou vendo seus esforços e tenho que parecer grato. E sou. Obrigado por tudo, e a volta é inevitável. Também sinto falta de vocês e da minha mãe. Então não se preocupe.”

Ele acena com a cabeça e mantém o olhar fixo em mim.

“Você parece conformado, não feliz.”

Dou de ombros. “É mais ou menos isso.”

Papai aperta os olhos. Olhar de missão ao combate. Lá vem.

“O que eu posso fazer para resolver esse problema em questão que está fazendo você parecer ter o mundo nas costas?”

Levanto as sobrancelhas e dou de ombros. “Não muito, mas...”

“O quê? Peça logo.”

“Me empresta o carro?” Eu me sinto com dezesseis anos, pedindo o carro dele agora. Acanhado e nervoso.

“Oras, e precisa pedir?”, ele diz, sorrindo. Joga a chave para mim e sorri novamente. “Faça o que tem que fazer, mas nunca deixe pra depois. Sua mãe me ensina todos os dias o quão valioso é se arriscar na vida.”

“Alguém me ensinou algo muito mais que isso.”

“Então está esperando o quê?”, ele diz, bem humorado.

Sorrio e levanto da cadeira. Meu coração se agita. Agradeço a ele de novo e, quando estou abrindo a porta, ele diz:

“Eu gosto dela.”

Faço uma cara feia e corro pela casa. Dou um beijo em mamãe. Chego na garagem e entro no carro. Quase não estou sentindo nada, nem meu coração acelerado. Respiro profundamente e aperto o volante.



“QUERIDA, PEGA AQUELA ESPÁTULA DE CORTAR O peru para mim.”

Assinto, pegando-a e entregando-a a minha madrinha.

“Obrigada, florzinha, agora continua falando o que estava dizendo.”

Debruço meus cotovelos na mesa da cozinha e repouso minha cabeça entre as mãos. Não quero continuar o assunto que eu puxei sem ao menos nem pensar nele antes. Sou uma idiota por ter aberto a boca.

ELA NÃO VAI DESISTIR.

EU SEI.

Monica vira o rosto para mim e seus olhos estão impacientes.

“Está certo”, digo sem vontade. “Ele tinha essa tal namorada e ficou um bom tempo com ela.”

“Quanto tempo?”

“Por que isso importa?”

Ela ergue o corpo e vira-se para mim.

“Porque se for pouco tempo, tipo três meses, não é grande coisa.”

“Dois anos.” Minha voz sai tão feliz quanto a de uma criança entrando em um dentista.

Minha madrinha deixa os ombros caírem, definitivamente, desmotivada para dar continuidade ao discurso de me animar.

Talvez eu não devesse ficar pensando muito sobre Henry não ter contado sobre Alana, sua ex-namorada de quase dois anos, mas isso me deu a impressão de que ele não confia tanto em mim assim, e também — possivelmente — que eu não sou alguém especial ao ponto dele querer o mesmo que teve com ela.

Eu sei que posso estar fazendo uma grande tempestade em copo d'água, mas são complicados esses sentimentos que tenho por ele.

Já tem um tempo que sinto por ele muito mais que carinho e amizade, porém com muita força, não quero aprofundar isso. Não queria confundir as coisas.

Cansei de assistir a filmes em que as amigas ficam com os amigos e um deles confunde as coisas e tudo acaba de um jeito nada feliz para nenhum dos lados. E com certeza não quero que isso aconteça conosco. Mesmo que eu o tenha apenas como está, é melhor do que não ter nada.

“Ele não contou isso a você?”

Nego com a cabeça.

“Nem deu a entender que já teve um alguém assim?”

Penso sobre isso e até vem na minha cabeça o dia em que ele disse que eu não era a primeira mulher a ficar naquele apartamento e morar com ele, mas eu jurava que ele estava se referindo à irmã.

“Mais ou menos.”

Ela contorna o balcão e pega minhas mãos.

“Com certeza ele não falou por algum motivo, mas não acredito que tenha sido por falta de consideração por você. Ele só... não quis trazer isso para o relacionamento de vocês.”

“Que relacionamento?”, fui muito sarcástica agora.

“Cecillia!” Ela me repreende. “Querendo ou não você tem um relacionamento com ele. Tudo bem que ele não está dizendo o que vocês realmente se tornaram depois de...” Ela pisca e eu reviro os olhos. “Mas também não está saindo com mais de uma garota, só com você. Então vocês têm um relacionamento. Nada ainda rotulado, mas têm sim.”

Assinto e olho para a janela, mas não estou me focando em nada na verdade. “Você tem razão e talvez eu... nem devesse ficar me sentindo assim.”

Ela aperta as minhas mãos. “Claro que sim. Você gosta dele e está confusa com isso, mas não tem que ser assim.”

Tento sorrir. “É.”

“Minha florzinha, você só precisa falar com ele.” Ela me abraça. “Tenho certeza de que tudo vai ficar bem, e ele não será um tolo a ponto de perder a garota maravilhosa que você é.”

Solto uma risada e aperto meus braços nela. “Espero que você esteja certa.”

“Com certeza, estou”, ela diz, penteando meus cabelos com os dedos.



Eu, minha madrinha e meu padrinho nos sentamos à mesa para comermos e darmos as graças desse ano.

Fiquei confusa no momento de agradecer. Minha vida não mudou muito, eu continuo do mesmo jeito. Nerd, estudiosa, com meus padrinhos, e cursando minha faculdade. A diferença desse ano foram meus novos amigos e, entre eles, Henry. Isso sim foi *a maior* coisa na minha vida esse ano.

Ele foi o ponto alto do meu ano. Sua amizade, sua proteção e seu carinho. Mesmo que seja mais que isso, o que ele tem feito para mim, porque meus sentimentos por ele são maiores que apenas carinho, eu sou muito grata — grata mesmo — a tudo. A ele.

No entanto, não posso deixar que minha insegurança e a falta de uma informação que ele não me disse façam com que eu me afaste dele.

Uma mão passa por baixo dos meus olhos, em meu rosto, suavemente.

Abro os olhos para ver minha madrinha limpando meu rosto. “Por que está chorando, minha florzinha?”

Dou de ombros e percebo que meu padrinho também está olhando para mim. “Não é nada.”

Minha madrinha olha para mim e termina a oração.



Depois do jantar de Ação de Graças, meus padrinhos e eu vamos para o jardim nos fundos da casa. Moro em uma casa modesta, que tem um quintal grande nos fundos, e tem até uma piscina. Nada muito exuberante. Apenas dá para fazer nado cachorrinho.

Todo ano, no dia de Ação de Graças, temos o costume de jogar cartas que fizemos sobre as graças conquistadas no ano.

O primeiro a queimar sua carta é meu padrinho. Ele a joga na fogueira e me abraça forte, e depois se junta à minha madrinha, que vai logo em seguida. Ela faz o mesmo processo e me abraça também. Acho que isso é porque eles vão ter que se mudar para outro país.

Paro em frente à fogueira e fico olhando para as chamas que dançam na minha frente. O tronco de árvore velho está em brasa e quase sumindo. Nós fizemos uma fogueira meramente simbólica, nada que vá destruir mais ainda a camada de ozônio.

Respiro fundo e jogo minha carta em que eu agradeço por Henry, por ter me saído bem nas dificuldades por quis passei esse ano, pela promoção do meu

padrinho — mesmo que isso irá levá-los para longe —, e até agradeço por ter me livrado de Anna e ter me vingado. Agradeço pelos novos amigos, por ter conhecido a família de Henry e pelo sobrinho dele ter nascido bem.

Fiquei comovida quando ele me enviou uma foto da família toda jantando agora há pouco, e do bebê na mesa ao lado de Linda. *Como uma mulher que acabou de dar à luz consegue ficar tão linda?*, foi meu pensamento para a foto, depois que consegui me desligar do sorriso lindo do Henry com Henrique nos braços.

Abro os olhos quando meus padrinhos se aproximam de mim e me abraçam. “Nós sempre estaremos com você.”

“Mesmo do outro lado do oceano”, completa Richard.

Sorrio para eles. “Eu sei que estarão.”

“Agora, vamos entrar”, minha madrinha fala, e joga um balde com areia em cima do fogo, apagando a fogueira.

“Por favor, vamos mesmo. Preciso muito comer aquela sobremesa”, diz meu padrinho.

Dou risada e acompanho-os para dentro de casa.



Já deve passar das sete e meia. Estou me revirando na cama. Não consigo dormir de jeito nenhum. Minha cama está fria demais, grande demais, vazia demais, e o pior é que nunca dormi com ninguém aqui. Acho que me acostumei demais a dormir com Henry.

Ontem à noite não foi tão ruim porque eu tinha o cheiro dos travesseiros e da roupa de cama que têm o cheiro dele, mas hoje, não. Tudo está com cheiro de roupa de cama lavada. Sabão em pó e amaciante.

Levanto da cama resmungando e abro minha mala. Procuro por alguns minutos e...

“Achei. Sabia que tinha te colocado aqui dentro”, falo para a camisa que tenho nas mãos.

Quando arrumei minhas roupas dentro da pequena mala, eu não pude deixar de pegar uma camisa de Henry, que ele tinha usado na última noite, antes de vir para Nova York, e a coloquei na mala. Ele nunca vai saber que eu a trouxe comigo e que estou vestindo-a para conseguir dormir.

Volto para minha cama, jogando-me nela como se estivesse desmaiando, e fico espalhada no meio dela. Faço movimentos com os braços, abrindo e fechando — para cima e para baixo, como se estivesse deitada na neve, fazendo

anjinhos nela. Sempre brinquei assim no inverno com meus pais e até com meus padrinhos.

A saudade explode dentro do meu peito e, como uma torneira sendo aberta, sinto o arrepio passar pela minha espinha, e meus olhos ficam quentes, marejados, nublados, até as lágrimas se juntarem e escorrerem.

Volto a fechar os olhos e deixo meu pranto sair calma e moderadamente silencioso. Meus padrinhos foram até uma reunião de amigos, em uma casa aqui perto, mas eu estou antissocial e não quis ir. Então eu posso chorar alto.

Meu corpo sacode a cama conforme eu choro. É apenas saudade dos meus pais. Todas essas datas comemorativas de final de ano são uma droga. Todos os anos eu penso o mesmo quando o outono vai acabando e o inverno, chegando.

Eu odeio essa estação do ano. Todas elas me levam a chorar. Ação de Graças, Natal, Ano-Novo, Aniversário da minha mãe — que é dia 20 de janeiro — e depois vem o dia dos namorados — para completar esse ano vou chorar por esse dia, e então vem a Páscoa. Meu Deus, eu não sei se consigo aguentar mais isso.

NÃO PRECISA FICAR ASSIM, CECIL. EU ESTOU AQUI.

Respiro fundo e tenho que me contentar comigo mesma. Sabe, se não fosse meu anjo, eu estaria tão solitária quanto possível. Mesmo que eu agora tenha Henry.

Continuo fazendo o anjo na cama, mexendo os braços e agora as pernas. Fito o teto do meu quarto e vejo as estrelas de neon que minha madrinha colocou ali, e elas ficam acesas quando pegam a energia da luz do quarto.

Já me senti uma estrela dessas. Só me acendia com o brilho de outra, e isso foi quando Anna — de uma forma horrível — deixava eu me sentir seu plano de fundo. Eu fui uma idiota mesmo.

Fecho os olhos quando suspiro e escuto a porta se abrir e fechar, e logo as vozes dos meus padrinhos ganham vida dentro de casa, ecoando na sala, levando os sons pelo corredor e chegando ao meu quarto.

Sorrio ao ouvir Monica dar gargalhada. Escuto passos e a porta do meu quarto é aberta.

Sento na cama e encontro os olhos castanhos da minha madrinha, sorridente e surpresos.

“Ainda acordada?”

Assinto.

“Achei que não queria ir para ficar dormindo e descansando.”

“Não consegui dormir.” Faço um nó com a ponta da colcha. “Não estou conseguindo dormir.”

Ela faz um som que reconheço como o som de preocupação e chega mais perto de mim. Senta na cama, perto dos meus pés, e estende as mãos. Pego-as e as aperto.

“Isso é só por causa da Harlow e do Matt?”

Meus olhos se enchem de lágrima. Ela me puxa para ela e me abraça forte.

“Desculpe, minha florzinha.”

Solto um soluço e meu rosto está totalmente banhado de lágrimas. Dói tanto ouvir o nome deles, que não escuto tem tanto tempo, que não gosto de ouvir. Parece que fica mais real que não os tenho mais.

Fico chorando e soluçando nos braços dela por longos minutos. A dor no meu peito se mistura com todas as minhas preocupações.

Eu queria tanto que tudo se resolvesse.

“Então me fala, como posso ajudar?”

Ai! Falei em voz alta. *Idiota* — me xingo.

“Eu não sei como, tia.” Minha garganta está com o gosto salgado das lágrimas.

Ela me afasta e segura meus ombros. “Eu e Richard nunca vamos poder eliminar a dor que você sente pela falta dos seus pais, mas podemos lhe dar todo o nosso amor. Você sabe disso.”

“Claro que eu sei!”, afirmo, como se ela tivesse acabado de falar um absurdo. “Eu amo vocês como se fossem meus pais. Vocês são... meus pais.”

Seus olhos ficam marejados. “Sim. Nós somos, mas não como seria tê-los aqui. Eu os amava como se fossem minha família. Sinto muita falta da sua mãe, o tempo todo, e prometi cuidar de você com todo o meu amor”, ela fala, com sua voz doce e emocionada. “E agora eu estou tentando, Cecillia. Então, minha florzinha, me diga o que mais lhe aflige. Eu posso arrumar um jeito.”

“Eu não sei como resolver.”

Ela faz carinho no meu rosto. “Saber, você até sabe, mas está com medo. Então deixa pra lá e me conte. Prometo que vai ser nosso segredo.”

Abro um sorriso e beijo seu rosto, antes de dizer: “Você sabe quando se está apaixonada?”

“Oh... minha flor, é claro. Eu ainda sou apaixonada pelo seu padrinho, e estar apaixonada é um pouco patético e idiota. Não pensamos direito e precisamos

muito da outra pessoa. Uma coisa... Como disse. *Patética.*”

Gargalhamos e eu engulo seco.

“E o que se faz para saber se a outra pessoa também está?”

“Você fala com ele”, disse meu padrinho, respondendo enquanto entrava no quarto. Ele passa o braço sobre os ombros de Monica e olha para mim, atento. “Você apenas precisa falar. Não fique pensando muito.”

Minha madrinha completa: “Às vezes você tem que ser um cão que morde, não que late. Seja valente.”

“Siga o argumento científico de uma veterinária”, diz Richard, brincando com a esposa.

“Não me amole e é sim”, ela vira o rosto para mim, sorridente. “Tenha coragem e fale com ele. Já te disse mais cedo. Ele ou qualquer outro será um tolo em deixar você escapar.”

Assinto e sorrio.

“Mas em primeiro lugar, se dê valor.”

“Concordo”, afirma meu padrinho.

Fico de joelhos em cima da cama, e minha madrinha se levanta, e nós três damos um abraço coletivo. “Amo vocês.”

“Também amamos você, bonequinha”, meu padrinho diz.

“Agora pode ir.”

“Para onde, tia?”

“Atrás do Henry, oras.”

“Mas...”

“Mas, nada.” Ela coloca as mãos na cintura enquanto eu estou ainda de joelhos no meio da cama. “Você já passou o jantar de Ação de Graças conosco, não precisa...”

“Mas você me chamou para o feriado”, interrompo-a.

“Eu sei, mas isso foi antes de você me falar que domingo é aniversário dele.”

“É aniversário do seu namorado no domingo?”

“Ele não é meu namorado, tio.”

“Ainda”, minha madrinha completa, e volta a falar: “Então você está liberada para ir até Manhattan e passar esse dia especial com ele. Aproveite e seja corajosa e fale com ele sobre o relacionamento de vocês.”

“Não acho uma boa ideia”, murmuro.

“Eu tenho que concordar com sua madrinha. Você poderia ir para lá e conversar com ele. Os homens são um pouco moles...”

“Um pouco?”, minha madrinha o corta e ele tapa sua boca com a mão.

Rio, e ele continua:

“Nós somos moles sobre esses assuntos, então converse com ele e resolva as coisas. Sei que tudo vai ficar bem.”

“E se não ficar?”

“Aí você seja esperta e, como Monica disse, se dê o devido valor. Se ame em primeiro lugar.” Ele bate no meu nariz, brincando comigo, e sorrio. “Mas sei que ele não é um cego e vai perceber que você é uma garota que vale a pena”, ele diz, como fosse um segredo.

Eu me jogo nos braços deles. “Tudo bem, eu vou.” Eles sorriem e, depois que a alegria passa, vem na minha cabeça uma coisa importante: “Como vou para lá?”

“Oras, eu levo”, meu padrinho fala.

“Então, vamos logo com isso.”

“Ei, calma, por que a pressa?”, ele pergunta.

“Ela quer vê-lo agora. Tadinha, nem consegue dormir”, Monica fala, e ele fica estático, olhando para nós.

“Tudo bem, mas não gostei disso não. Preciso conhecer esse garoto, hein?”

Dou uma gargalhada e pulo da cama.



“Tem certeza de que quer ficar aqui?”, meu padrinho pergunta, quando saio do carro em frente ao loft de Henry.

“Tenho sim. Ele deve estar em casa a essa hora.”

“É. É quase meia-noite. Por favor, toque o interfone para ver se ele está aí.”

Reviro os olhos e assinto.

Ando até as portas do prédio e aperto o número do andar do loft, que no caso é o último. Toca, toca, toca e nada. Ninguém atende. Acho estranho, mas não vou contar isso ao meu padrinho. Se ele cismar, não vai sair daqui até me ver entrar no prédio, ou bem pior, só sai depois de falar com Henry. Eu não quero que ele fale com Henry antes de eu falar.

Volto até o carro e me agacho na janela. “Ele está abrindo. Estava tomando banho.”

Ele aperta os olhos, desconfiado. “Tudo bem. Vou esperar.”

“Tio, por favor.”

“Não vou te deixar aqui na rua sozinha em pleno feriado no meio de Manhattan. Só vou embora quando te vir entrar no prédio.”

“Tudo bem. Calma aí.”

Volto para as portas de ferro do prédio, aperto o interfone de uma vizinha do Henry, do andar de baixo, e por sorte ela atende.

“Olá?”

“Oi, Chris. Eu sou a amiga do Henry e estou aqui fora tocando no andar dele, mas ninguém atende. Você poderia pelo menos me deixar entrar para não ser assaltada ou estuprada?”

“Ah, é claro. Se quiser, pode esperar aqui. Eu o vi hoje mais cedo, deve ter ido a algum lugar e está voltando.” Ela aperta o dispositivo e o portão abre. “Entre.”

“Muito obrigada mesmo.”

“De nada. Cecillia, certo?”

“Isso mesmo.”

“Vou esperar você subir.”

“Não precisa, vou esperá-lo no andar dele. Obrigada novamente.”

“De nada. Qualquer coisa, é só chamar.”

Desligo a chamada, deixo minha mala no caminho do portão, para ele não fechar novamente, e corro para o carro.

“Tio, eu tenho que entrar. O portão não pode ficar muito tempo aberto.”

“Certo. Tudo bem. Se cuide e ligue para nós amanhã, ou pode ser mais tarde.”

“Mais tarde? Sério?”

Ele assente, fazendo um bico, e depois sorri. “Pode ser amanhã de manhã.”

Dou risada e dou um beijo no seu rosto.

Corro de volta para a porta do prédio e vejo meu padrinho partindo enquanto dou até logo. Quando ele some de vista, finalmente entro no prédio.

Subo os oito andares praticamente correndo e chego ao andar de Henry ofegante. Jogo a mala na porta do loft e sento em cima dela. Pego meu celular e mando uma mensagem.

Cecillia - Manhattan/ Nova York - 23:55

Oi, Henry. Onde você está?

A mensagem vai e fico — pateticamente — olhando para a tela do meu celular, esperando sua mensagem de volta. Olho para o pontinho azul mostrando que ele não está on-line. Bato o pé de leve no chão, ficando inquieta, e puxo a bainha do meu casaco para direcionar minha atenção para outra coisa. Não adianta muito. Meus olhos correm da hora para o pontinho, que teima em estar azul.

Passam-se vinte minutos e nada de resposta. Será que ele está dormindo na casa dos pais dele? E se for sim a resposta, vou ter que esperar até ele acordar para dizer que estou aqui.

TALVEZ SERIA UMA BOA IR PARA A CASA DA VIZINHA — Frody.

TALVEZ SERIA BOM VOCÊ PERMANECER AQUI.

QUEM DISSE ISSO?

ORAS. QUEM? EU, FRYDDA.

Sorrio e praticamente pulo mentalmente. Minha anjinha boa voltou.

POR QUE DEMOROU TANTO?

PORQUE VOCÊ TINHA QUE TER UM POUCO DE CORAGEM E REBELDIA DENTRO DE VOCÊ PARA TOMAR AS DECISÕES CORRETAS. E EU ÀS VEZES SÓ ATRAPALHAVA.
— Frydda.

NÃO ENTENDO. SE VOCÊ SABIA O CERTO A SE FAZER, POR QUE NÃO DISSE?

Ela sorri e pega o rabo, balançando-o como fosse um cinto. PORQUE SOU O ANJO BOM E ELES SEMPRE ACONSELHAM A PENSAR ANTES.

JÁ EU MANDO FAZER ANTES DE PENSAR — Frody.

E VOCÊ TINHA QUE TOMAR ALGUNS PASSOS SEM PENSAR, CECILLIA, Frydda diz. VOCÊ TINHA QUE FICAR COM HENRY, IR PARA A CASA DELE, BEIJÁ-LO E BATER NA ANNABELLE SEM PENSAR DUAS VEZES. ISSO SÃO COISAS QUE VOCÊ SEMPRE LUTA PARA FAZER PORQUE TEM MEDO.

MAS ESTAVA DENTRO DE VOCÊ. E GRAÇAS À CORAGEM E VALENTIA, VOCÊ SE RENDEU — Frody.

ENTÃO, ESPERA AÍ, digo, EU FICAR COM ELE FOI O PASSO ERRADO QUE UM ANJO BOM NÃO APROVA.

Não! — Os dois falam, eles gritam.

FICAR COM ELE FOI CERTO, MAS DENTRO DE VOCÊ, DESTRUIR A AMIZADE ERA A PRIMEIRA COISA EM QUE VOCÊ PENSAVA. ENTÃO, TINHA MAIS MEDO DE PERDÊ-LO DE VEZ DO QUE NUNCA SE RENDER AO DESEJO QUE BROTAVA DENTRO DE VOCÊ.

E, NA VIDA, OS RISCOS DEVEM SER TOMADOS PARA ALGUNS ATOS SEREM REALIZADOS. NINGUÉM QUE PENSA DEMAIS ACABA CHEGANDO A ALGUM LUGAR.
NA VERDADE, GRANDES OPORTUNIDADES SÃO DEIXADAS PARA TRÁS POR CAUSA DISSO.

Fico estática, olhando para o final do corredor, onde dá para ver os últimos degraus da escada.

Meus pensamentos estão martelando meus miolos. Frydda e Frody estão certos em tudo e sei que é louco eu debater comigo mesma, mas todos nós temos dois lados. O racional, que pensa antes de agir, e o irracional, que age pela

emoção.

Acho que no meu coração eu sempre fui Frody, por isso sempre me entrego muito fácil a tudo de que gosto, e por esse motivo confiei em Annabelle e gostei tanto dela.

Meu coração se encantou com a amizade falsa dela e duelou constantemente com o sentimento pelo Henry, mas a verdade é que eu sempre fui muito Frydda nas horas de agir.

Sempre penso muito. Sempre tenho que ver os prós e os contras antes de tomar certas decisões, e a verdade é que naquela noite em que Henry chegou em casa um pouco bêbado e disse aquelas coisas para mim e pediu que eu parasse com o que estava fazendo, eu agi com o coração e o beijei. *Fui Frody.*

Dentro de mim eu sentia que não era errado, meu cérebro foi desligado naquele momento — se bem que na hora em que estávamos transando eu pensei demais, mas não foi ruim. O caso é que eu sempre me senti como Frody perto dele.

Não tinha muita vergonha para afirmar para mim mesma que precisava e preciso dele. E Frydda, mesmo sumida dos meus pensamentos, vinha e voltava. A famosa voz da consciência.

E a verdade é que eu não queria era dar ouvidos a ela. Frody aparecia — no caso, meu coração —, e eu fazia o que meus sentimentos mandavam.

Como estou fazendo agora. Plantada na porta do loft de Henry, esperando sua mensagem para saber o meu próximo passo e eu só sei dizer que não importa onde ele esteja agora. Eu vou agir com meu coração, porque meu cérebro e ele estão de acordo. Henry é um risco que eu tenho que pagar para ver. Não vou deixá-lo escapar de mim.

NÓS NÃO VAMOS DEIXAR VOCÊ FAZER ISSO.

Rio e escuto meu celular apitar, depois de quarenta minutos da minha mensagem.

HENRY - MANHATTAN / NOVA YORK - 00:37
ESTOU VOLTANDO PARA CASA. FIQUE ONDE ESTÁ.



Sinto uma cosquinha no meu rosto e, assim que abro os olhos e coço o local, escuto passos nas escadas.

Alguém está subindo, e rápido, porque os passos são pesados e fortes. Os passos vão ficando mais rápidos e de repente a imagem alta e larga de roupas

escuras e uma camisa de manga longa azul, surge.

Henry parece estar levemente sem fôlego e tem um pingo de suor escorrendo na testa, e saindo da sombra dos seus cabelos caídos na frente do rosto. Seus olhos estão um pouco cansados. *Que horas são?*

“Ah, você está aí”, ele diz, depois de respirar fundo. Ele se aproxima de mim, ajoelhando-se na minha frente, pega meu rosto e olha dentro dos meus olhos. “Você está bem?”

Assinto, confusa. “Acho que sim”, murmuro. “Se nenhuma formiga entrou no meu ouvido ou uma barata na minha mala, está tudo bem.”

Um sorriso se denuncia na sua face, mas ele não deixa se abrir de vez.

“Certo, engraçadinha. Agora, levanta do chão.”

“Com certeza”, falo, levantando-me com ele me puxando pela mão.

Puxo a alça da minha mala e a passo em meu ombro. Limpo a frente do meu corpo e volto a encarar Henry.

“Onde você estava?”, pergunto.

“Acho que onde você deveria estar.”

“Como assim? O que você quer dizer com isso?”

Ele respira fundo e, de mãos dadas comigo, passa por mim e chega até a porta do seu loft e a abre.

Entramos e fechamos a porta. Ele pega minha mala e deixa em cima da mesa da cozinha. Volta a pegar minha mão e me puxa para a sala. Sentamos no sofá e ele fica muito perto, seu joelho — que está sobre o sofá, espelhando minha posição, com o joelho dobrado em cima do assento — está encostado ao meu.

“Eu fui te ver”, ele fala.

Franzo e arregalo os olhos — se é que isso é possível —, olhando para ele confusa. “A... Como assim?”

“Eu estava em Elmira.”

Como uma luz imaginária, sua resposta se liga em minha cabeça.

“Você estava na minha casa?”

“Eu fui lá e adivinha? Você não estava”, ele diz, parecendo decepcionado, e faz um gesto com os braços, abrindo-os e levantando os ombros.

“Foi porque eu vim pra cá”, digo, baixo e envergonhada.

“Percebi.” Ele assente e — quase — sorri.

Ficamos em um silêncio angustiante, nos encarando. Ele está sem expressão,

mas acho que alguma coisa está passando por sua cabeça. O jeito como ele olha para mim é feroz e intenso. Henry só olhou para mim assim na nossa primeira vez, no corredor, antes de me levar para o quarto.

“O que você foi fazer lá?”, pergunto, já que ele não fala nada.

“Te ver e...”, ele faz uma pausa e balança a cabeça. “Por que você veio pra cá?”

Respiro fundo e começo a sentir coceira. Estou nervosa e isso não é bom.

“Queria te ver também”, respondo baixo.

“Você ia me ver na segunda.”

“Seu aniversário é domingo e eu queria passá-lo com você.”

Ele sorri e se move, chegando mais perto de mim. De repente me pega pela cintura e me coloca no seu colo.

“Eu também queria você no meu aniversário. Não ia ser a mesma coisa sem você.” Sua voz sai arranhada.

Assinto e noto que meu rosto não está apenas assentindo. Eu estou tremendo. Olho minhas mãos apoiadas no seu peito e estou tremendo mesmo. Pisco e volto meus olhos para os dele.

Henry está sério e eu sinto os músculos do meu rosto congelarem, mas ao mesmo tempo se repuxarem, na forma de uma careta de sofrimento. Não sei por que, mas eu quero chorar. Ele engole em seco e pega meu rosto, encostando nossas testas. Fecho os olhos e permito que meu corpo amoleça com seu toque.

“Eu fui lá porque precisava de você”, ele declara, e meu corpo todo se arrepia.

“Dirigiu durante quatro horas para ir e mais quatro para voltar, só para isso?” Eu me afasto para olhar novamente para ele.

Henry cerra o maxilar e assente. “Eu dirigiria muito mais por você.”

Franzo o rosto e meus olhos ardem com as lágrimas. Não consigo formar palavras, apenas afirmar com a cabeça.

“Cecillia”, meu nome sai dolorosamente da sua boca.

Acaricio seu rosto e fico comovida com o quão os olhos dele estão marejados. Faço um aceno para ele continuar. Sei que tem algo a me dizer, seus olhos estão falando por ele.

“Não sei por onde começar.” Pausa.

Meu coração se aperta com isso.

“Falta muito pouco para minha vida mudar.” Ele fecha os olhos e continua:

“Acabando a faculdade, eu vou ter que tomar decisões e algumas delas vão ser grandes.”

Meu queixo treme, conforme eu prendo o choro.

“E uma dessas mudanças é que eu vou ter que vir para cá.”

Assinto e uma lágrima escorre, justamente quando ele abre os olhos e me vê limpando meu rosto. Ele tira minha mão dali e limpa meu rosto. Depois pega as minhas mãos e as segura com força perto do seu peito. O coração dele está batendo tão forte...

“Eu já tive alguém que eu pensei que seria... aquela pessoa que passaria o resto da vida comigo. Eu a amei de verdade”, ele diz, e isso me mata por dentro. “Mas quando ela resolveu tomar uma decisão que nos separaria, não pensou duas vezes. No início eu me culpei, mas agora eu vejo que ela não era para sempre.”

Ele balança a cabeça com um sorriso amargo, e aperta mais minhas mãos.

Estou olhando profundamente em seus olhos e algo toca no fundo do meu coração. A forma como ele olha para mim.

Depois de umas respirações, ele fala:

“E sabe por que eu sei disso?”, ele indaga, baixinho.

Nego com a cabeça, mas nem sei do que ele está falando. “Do quê?”

Ele sorri de lado, emocionado. “Que ela não era para sempre.”

Dou de ombros. “Não”, balbucio.

“Por causa de você.”

Um calafrio atravessa minha coluna e explode na minha nuca. Meus olhos ficam embaçados e solto um soluço fraco.

“Porque eu estava esperando uma nerd pequenininha aparecer na minha vida”, ele diz, emocionado, e tenta limpar meu rosto, mas não adianta. “Ela é perfeita pra mim. É linda, inteligente e boa.” Meu corpo treme enquanto choro. “E eu quero tanto que ela fique comigo.”

Puxo o ar com força e sufoco um soluço. Ele me puxa mais para os seus braços e me esconde, abraçando-me como se estivesse me protegendo de algo.

“Eu preciso que você fique comigo.” Sua voz falha e ele arfa. “Quero que venha para cá comigo e mesmo que um dia eu me esqueça de tudo”, ele me afasta e olha nos meus olhos. “Eu nunca vou esquecer você.”

Eu me agarro a ele, chorando, com força e baixinho no seu pescoço. Henry afaga minhas costas com certa brutalidade.

“Eu quis há muito tempo puxar você para os meus braços.” Sacode a cabeça e murmura: “Te abraçar forte, e não como o seu amigo.”

Eu queria conseguir parar de chorar, mas não dá. Na tentativa de falar algo, meu soluço sai alto e Henry tenta me acalmar. Levanto o rosto e fixo meus olhos nos dele. Quero que meus olhos falem o que eu preciso, assim como ele. Ganho um sorriso e um beijo meigo nos lábios.

“Eu nunca senti isso”, digo com a voz fraca, em um sussurro trêmulo, e soluçando.

Ele assente e faz carinho no meu rosto. “Mas está tudo bem, Cecillia. Eu estou aqui e eu nunca vou deixar você. Também nunca senti algo assim tão forte por ninguém. Antes de você, todas foram uma perda de tempo... Demorei pra entender o que você significa pra mim, mas agora a única coisa que eu quero é que você nunca mais saia da minha vida.”

“Também não quero isso.”

Ele sorri e engole em seco. “Então, você vem pra cá comigo? Você pode estudar em uma das faculdades daqui. A Columbia é uma das melhores do nosso país e você passa pra ela fácil.”

“U-hum”, assinto freneticamente. Aceitaria tudo agora. Só quero ficar com ele.

“E...”, ele respira e segura meu rosto “você mora comigo? Aqui?”

“Hmm”, resmungo e tento de novo. “Si-sim”, gaguejo, enquanto assinto. Estou parecendo um cachorrinho de cabeça de mola. Só assinto.

Lentamente Henry junta nossos lábios. Não estamos nos beijando, nossas bocas passam uma na outra em uma carícia. Minhas lágrimas escorrem no meu rosto e sinto o gosto salgado, mas também sinto o rosto dele molhado quando o seguro.

“Você sabe o que isso é, não sabe?”, ele fala, com a testa na minha e os olhos fechados. “Isso que você nunca sentiu por ninguém e eu *definitivamente*, não tão forte. Forte o bastante para arriscar tudo e ir atrás de você em qualquer lugar do mundo.”

“Sei”, sussurro baixinho.

E, depois de uma longa pausa, ele diz:

“É amor.” Ele me abraça forte. “Eu te amo, minha pequena, e nunca mais vou ficar sem você. Pode confiar em mim. Nunca vou te deixar.”

Soluço e envolvo seu pescoço.

“Você nunca mais vai ficar sozinha. Eu prometo.”

Eu me afasto para olhar para ele e fazer carinho no seu rosto. “Eu também te-te amo.”

“Ah, Cecillia...” Seus lábios macios batem no meu, com fúria e pressa.

Sua língua se enrola na minha, e as mãos se enterram em meus cabelos. De repente, sinto meu corpo sendo suspenso e ele levanta do sofá. E então caio de costas na cama e seu corpo cobre o meu.

Sua língua lambe meus lábios e ora entra na minha boca e passa na minha língua. Seus dentes deixam mordidinhas e marcas na minha boca. E tudo isso enquanto suas mãos tateiam meu corpo, abrem meu casaco e puxam minha blusa para fora do meu corpo. Seus dedos hábeis deslizam o zíper da minha calça jeans e logo sinto a peça sair pelas minhas pernas.

Henry volta para cima da cama e eu não perco tempo e o ajudo a tirar a roupa também. Em alguns minutos estamos pelados e grudados um no outro, como unha e carne.

Ele rola na cama e fico em cima dele. Suas mãos passam pelo meu corpo, apalpando e arranhando com as pontas dos dedos: minha bunda, minhas costas, meus braços, até que ele pega meus cabelos — fazendo um tufo — e os puxa, para expor meu pescoço, que ele beija, morde, e lambe minha pele.

Gemo em cima dele, sem vergonha.

“Eu amo muito você.”

Ao ouvir isso, me desespero e puxo seus cabelos. Ofego e Henry prende minhas pernas com as dele sobre minhas coxas. Sinto sua ereção dura na minha barriga e sei que estou molhada. Preciso dele dentro de mim, estou com uma fome animal.

Finalmente ele me beija e sentir sua língua deslizar na minha é demais.

Deixo gemidos urgentes escaparem enquanto ele me beija. Rolamos na cama de novo e não perco tempo e enlaço sua cintura com minhas pernas. Sua boca abandona a minha e, pegando meu seio, ele o abocanha com vontade.

“Henry!”, grito seu nome.

Sua língua descreve círculos no meu mamilo e, quando minha pele fica molhada, ele troca para o outro seio. Eu afundo os pés na cama e arqueio as costas, dando a ele mais acesso aos meus peitos. Sua boca continua a me sugar e morder. Suas mãos descem até minha boceta e seus dedos começam a fazer círculos em mim, até que ele enfia dois. Ergo minha pélvis, pedindo para ele, mas sem palavras.

Fecho os olhos com as mãos nos seus cabelos e vou sentindo-o descer, dando beijinhos pelo meu corpo. Seus dedos me castigam, entrando e saindo de mim.

Sinto o nó no meu ventre se apertar com força. Sua língua chega no meu clitóris e é o fim. Gozo, gritando e sedenta, pedindo mais. Sou um caso perdido quando se trata dele. Tudo em mim pede por ele e precisa dele.

Sinto o colchão afundar e escuto quando a gaveta é aberta. “Sorte a sua que ainda sobrou daquele fim de semana.”

Abro os olhos e o encontro sorrindo e acabo abrindo um sorriso também.

Ele rasga o pacotinho e coloca o preservativo. Volta lentamente para mim e passo meus braços pelo seu pescoço. Ele beija suavemente meus lábios e se afasta. Ofego quando a ponta da sua ereção fica na minha parte molhada e, vagarosamente, ele vai me penetrando, com os olhos presos aos meus.

Mas quando ele entra todo em mim, a dor e o prazer se juntam, causando uma explosão dentro de mim, e fecho os olhos por um simples momento. Quando volto a abri-los, corro minhas mãos por seu peitoral e as deixo na sua nuca.

O jeito como ele olha para mim me faz sentir como milhões de átomos desintegrando. É tão grande e poderoso.

Ele é tudo de que eu sempre precisei e eu não sabia que poderia sentir e compartilhar um sentimento desses com alguém. Mas eu posso e vou tê-lo para sempre comigo. Não estou mais só. Eu me sinto inteira, feliz, e dele.

“Sou sua”, murmuro, gemendo.

Seus olhos cor de cinza se iluminam e quando ele força para dentro de mim com uma estocada forte, minhas unhas cravam-se na sua pele, e isso o faz urrar alto.

“Sim. Você é minha. Minha pequena.”

Seu pau sai e se enfia novamente, forçando e empurrando meu corpo para cima. Sua cabeça pende para a frente, e ele enterra o rosto no meu pescoço.

Sinto seu hálito quente na minha pele e me permito fechar os olhos e sentir a plenitude do prazer de me entregar a ele.

“Ah, meu Deus”, arfo, gemendo. “Henry!”

Ele força de novo para dentro de mim e sussurra no meu ouvido:

“Você sente isso também?”

Apenas balanço a cabeça.

“Isso é fazer amor, Cecillia. Estou amando você.” Ele desliza para fora e de novo me preenche. “Eu sempre te amei, só demorei para ver isso. Mas sempre te

amei. Te protegi e sempre vou.”

“Ah, Henry”, gemi de novo.

“Minha pequena.”

Puxo seu rosto e beijo sua boca, sedenta por ele, que se enterra com tudo e tira de novo. Seus movimentos estão ficando mais rápidos e isso quer dizer que está perto. Também estou. Mexo meu corpo junto com o dele, sentindo seu pau forçando e massageando meu núcleo deliciosamente.

É tão intenso.

Nunca foi tão bom.

Bom o suficiente para querer ficar aqui com ele até precisarmos respirar normalmente, ou comer.

Eu o quero mais a cada momento em que recebo mais. Nós nos mexemos na mesma velocidade e falamos o quanto precisamos um do outro, e ele me pede desculpas por ter demorado tanto.

Eu o abraço forte. “Não quero que se desculpe”, digo, sem fôlego.

Ele não precisa fazer isso. Ele foi um bobo, e eu também. Não adianta nada combater uma coisa inevitável. A vida sempre acha o caminho para concretizar as promessas de cada indivíduo. O destino ninguém muda.

“É tão intenso”, ele disse. “Quero que dure muito, mas não aguento mais.”

Aperto minhas pernas em volta dele — retesando os músculos das minhas coxas — e ficando de joelhos, e me levando. Henry acelera, forçando e metendo.

Deixo meu pescoço pender para trás. Sinto meu núcleo sugar e apertar seu pênis. Ele mete doloroso, soltando um palavrão enquanto geme também. E então grito enquanto meu orgasmo me atravessa e me parte ao meio.

Não se demorando muito, ele goza também, sinto a camisinha encher-se, com o calor dentro de mim. Suas mãos afagam minhas costas e ele me beija, deslizando a língua na minha sedutoramente, e caímos na cama de novo.

Ficando unidos e nos acariciando.

Então ele sai de dentro de mim, joga a camisinha fora e volta para a cama, abraçando-me por trás. Ele dá beijos leves no meu pescoço e aperta os braços em volta de mim.

“Eu a amo tanto, pequena.”

Viro-me para ele. “Eu também te amo muito, meu gigante.”

Ele sorri e beija meu nariz com carinho. “Agora vamos descansar.”

“U-hum.”

Ele me beija de novo, e murmura:

“E quando acordar, vamos conversar sobre umas coisinhas.”

Inclino meu rosto para olhar para ele. “O quê?”

“Isso aqui”, ele diz, passando a mão no meu olho, e me lembro do roxo causado pela briga com a Annabelle, “e sobre nossa mudança para cá.”

“Estava falando sério?”

Henry franze a testa e assente. “Por mim você não escapa nunca mais”, ele diz, e me beija. E automaticamente perco a linha do pensamento com seus lábios me devorando. Pegamos no sono agarradinhos e nos amando.



SEXTA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO DE 2013

ACORDO E VEJO PELA JANELA DO LOFT o sol com todo o seu esplendor iluminar e aquecer o céu de Manhattan. E, pensando na hora em que cheguei ontem e que realmente fui dormir depois de fazer as pazes e transar com Cecillia, provavelmente já passou da manhã e deve ser quase umas duas da tarde. Eu acho.

Flexiono o braço e a trago mais para junto de mim, minha pequena.

Ela está dormindo profundamente. Meu ego masculino fica inchado pelo fato de eu ser a causa do seu esgotamento. Ontem à noite foi incrível e teria sido muito melhor se nada estivesse entre nós. Mas, como eu sei que ela ainda não toma pílula, não vou forçá-la, mas espero que este momento não demore muito, pois eu preciso ter essa sensação, e como agora somos namorados “oficialmente”, e ela vai ficar comigo em Nova York, estamos realmente mais ligados. Acho que poderia quebrar essa regra.

Como todo homem que está com a mulher que realmente deseja, quero estar dentro dela e marcá-la como minha. Assim como ela também irá fazer e já fez comigo.

Todos os homens gostam disso e, mesmo que eu já tenha gozado nas suas mãos, eu quero gozar dentro dela e quero que ela ande por aí, e que secretamente eu ainda esteja quente dentro dela, com olhares de cobiça. *Minha mulher*. O animal dentro de mim se torna ganancioso perto dela.

Cecillia se mexe e seu braço, que está em cima do meu peito, aperta-me em um abraço, com seus seios quentes encostando-se à lateral do meu peitoral.

Amo essa sensação. Sua pele sobre a minha. Por isso, giro meu corpo em um movimento lento e fico em cima dela. Ela geme baixinho. Beijo seus lábios, segurando seu rosto, e deixo meu corpo encostar-se no dela, mas não coloco meu

peso, para não a esmagar.

“Bom dia, minha pequena.”

Ela sorri de olhos fechados. “Bom dia”, devolve, com a voz rouca de sono.

Acaricio seu rosto e gentilmente beijo seus lábios de novo. Minha boca passa na sua como uma carícia, enquanto minhas mãos sentem o corte suave da sua cintura, e as pernas dela sobem e descem, acariciando as laterais das minhas.

Sinto meu desejo por ela arder.

Levanto meu rosto e a flagro me fitando fixamente.

“Tudo bem?”

Ela assente, com as mãos paradas em meus ombros.

“Eu ainda te amo”, murmuro.

Seus olhos brilham e seu lábio inferior some, quando ela o morde, escondendo o sorriso.

“Também”, ela diz, com as bochechas vermelhas que eu acaricio.

“Você dormiu bem?”

Ela assente, sorrindo. “Dormi sim.”

“Bom...”

Beijo sua boca e giro nossos corpos para ficarmos de lado, abraçados. Tiro a mecha de cabelo da frente do seu rosto e passo gentilmente meu indicador em cima do seu olho machucado. Apesar de eu querer saber o porquê de ela ter me ignorando antes — as minhas ligações —, quero saber muito mais sobre seu olho roxo.

“Me conte o que foi isso. Como você conseguiu esse olho roxo?”

Ela respira fundo e balança a cabeça. “Antes de eu contar, tente não se irritar. A culpa não foi minha.”

“Brad?”, pergunto, apertando os olhos e fazendo careta.

“Não.”

“Annabelle”, afirmo.

Ela assente. “Sim.”

“Quando?”

“No dia em que você veio para cá. Eu fui para a faculdade logo que você saiu e, quando saí, esbarrei nela. Ou ela esbarrou em mim. Mas o que importa é que Anna ficou irritada feito uma louca, me ofendeu, e então acabamos brigando.”

“Onde o imbecil do Jorge estava?”

“Acho que chegando.”

“Porra, eu disse para ele cuidar de você, e além de ele ter deixado isso acontecer, não me contou.”

Ela senta na cama, olhando para mim e franze a testa. “Henry!”

“Henry, nada. Isso não deveria acontecer, merda!”, eu digo, sentando-me também.

“Não me trate como uma criança!”

“Como você não quer que eu te trate assim?”, pergunto, irritado e encarando-a. “Se na última vez em que você realmente esteve sozinha, eu te peguei quase sendo abusada pelo filho da puta do Brad. Então me desculpe se eu fico com a cabeça cheia e estou muito irritado agora.”

Seus olhos se arregalam. “Está zangado comigo?” Ela fala isso como se fosse inacreditável.

“Na verdade, não. Eu estou puto com o Jorge, pois eu falei para ele cuidar de você enquanto eu estivesse longe e aí...”, seguro o rosto dela com uma mão e a outra deslizo delicadamente em cima do olho roxo, “você me aparece machucada. Puta que pariu.”

“Mas eu a machuquei também”, murmura. “Eu me defendi.”

“Menos mal, não é?”, eu digo, e dou de ombros.

“Sabe, é por isso que ele não queria te contar e eu não quis atender os seus telefonemas. Você ia insistir em querer saber de tudo, através de Jorge, e por mim. Eu não sei mentir direito, então...”

“Ah! Então foi por isso que você estava me ignorando.”

“Como?”

“Você não queria atender meus telefonemas e falou comigo por mensagem friamente. Eu tentei imaginar que era porque você estava ajudando sua madrinha na cozinha e seu celular ficou esquecido em algum canto, como você sempre faz. Mas agora que você falou, fez mais sentindo.”

Ela abaixa o rosto e puxa a barra do edredom, nervosa.

“Era mais alguma coisa?”, indago.

Ela balança a cabeça, negando.

“É sim, e você acabou de dizer que não sabe mentir. Qual é o problema, Cecillia? O que você ainda não me disse?”

“Na hora da briga, Anna disse um monte de coisas pra mim que me feriram internamente. Ficou falando que eu era uma nerd idiota, frígida, que ninguém queria e que você só queria...”

Pego o rosto dela, para me olhar nos olhos. “O quê? Fale.”

“Queria me comer e nada mais. Que eu não era importante pra você e que nunca seria como *a outra*. E também disse uma coisa horrível sobre meus pais, e por isso eu fui para cima dela.” Dá de ombros. “Mais ou menos.”

Aquela filha da puta. Me sobe um ódio tão grande dela agora.

“Que merda”, reclamo, e ela continua:

“Eu bati nela com vontade. Tudo que você me ensinou e os outros professores.”

“E?”

“Nada. Manuela e Felipe chegaram, nos separaram, e depois Jorge chegou. Ficou muito preocupado comigo e com você de brigar com ele.”

“Ele tem motivos.”

“Não faça isso com ele. Não foi culpa nenhuma do Jorge, nem de ninguém. Annabelle pediu.”

“E depois disso?”

“Eu fui lancha com Felipe. E lá eu fiquei me lamentando. Limpei meu olho com a água que eu comprei. Então...”

“O quê?” Odeio essas pausas longas. Principalmente quando estou nervoso.

“Felipe me contou sobre a sua ex.”

Mas que merda. Por que ninguém pode tomar conta da própria vida?

“Ele me contou porque eu queria entender o que a Anna queria dizer sobre *a outra*. Ele me contou do seu namoro com ela, do tempo em que ficaram juntos até ela ir para longe. Alana.” Ela abaixa o rosto — de novo. “E contou também que ela está de volta.”

“Só por causa do aniversário dela”, completo.

“Eu sei, e sei também que é no mesmo dia do seu. Que coincidência.” Ela sorri com amargura.

Não gosto disso.

“Realmente uma coincidência e acabou”, afirmo, sucinto.

“Ela falou com você naquela festa a que fomos”, Cecillia murmura, olhando para mim sobre os cílios.

“Falou.” E eu preferia que não tivesse falado.

“O que ela queria?”

“Pedi desculpas.”

“Só isso?” Ela ergue sutilmente as sobrancelhas. “Eu vi você rindo com ela.”

Faço carinho no seu rosto. “Ela tentou agir normalmente, como se ainda fossemos amigos. Mas não dá.”

Cecillia faz uma cara triste, e eu completo rápido:

“Não é por causa do que tivemos. É porque ela não me escolheu e foi muito egoísta. Sem contar que depois que foi, nunca nem ligou pra mim, nem sequer respondeu meus e-mails. Eu morri para ela, e agora não teria como eu voltar a ser amigo dela, como nada tivesse acontecido. E eu estou com você.” Forço ela a me olhar. “O que é mais importante.”

“Você disse para ela que estava com alguém?”

“Sim, e por isso naquela noite fiquei um pouco fora de mim quando transamos. Queria apagá-la de uma vez da minha cabeça. Tudo. E mesmo que a visita dela tenha sido desagradável, foi bem-vinda. Me fez abrir os olhos para o que eu sinto por você.”

“Acho que eu devo lhe agradecer”, Cecillia zomba.

“Nada disso, engraçadinha. Eu só quero dizer que Alana me fez enxergar meu amor por você.” Puxo-a para o meu colo e beijo seu rosto. “Às vezes eu posso ser um lerdo idiota e burro.”

Cecillia abraça meu pescoço e murmura: “Eu não acho isso.”

Assinto e fico olhando intensamente nos olhos dela. Coloco meus lábios nos dela e acaricio-os até minha língua se enfiar dentro da sua boca. Deslizo minha língua suavemente na sua. Sinto seu gosto.

Minhas mãos alisam seu corpo e meu pau começa a endurecer novamente, embaixo do seu corpo nu, sob meu corpo nu também. Pego seus cabelos e afasto nossas bocas. Preciso perguntar algo.

“Calma.”

“O que foi agora?”

“Quando você brigou com a boneca de terror?” Ela ri e eu a beijo para ela parar. “Ela que começou a briga? A discutir.”

“Sim, foi ela, mas na verdade quem bateu primeiro fui eu.” Ela se distrai, fazendo círculos no meu peito. “Ela falou que nem meus pais me queriam, por isso me deixaram.”

“Isso não é verdade.”

“Eu sei”, murmura.

“Aquela boneca diabólica. Vou acabar com ela.”

“Não”, ela diz, decidida, olhando nos meus olhos. “Nós em breve vamos nos mudar e eu não quero mais saber da Anna.”

Respiro fundo e tenho que concordar. “Eu sei, e você tem razão. Afinal nós já demos uma surra nos dois.”

Minha pequena assente e enterra os dedos nos meus cabelos.

“Agora, depois dessa conversa, nós estamos bem não é?”, pergunto. “Você acredita que eu te amo mais. Muito mais. Né? Que é importante pra mim?”

Ela sorri e consegue me derrubar na cama. Fica em cima de mim. Nós nos beijamos e passo as mãos no seu corpo, na sua bundinha gostosa.

“Claro que sim.”

Giro-nos na cama e fico em cima dela. “Então, vamos comemorar. Transar o dia todo.”

“Eu topo.”

Rio e beijo seu nariz. “Quer devagar ou com força?”, murmuro no seu pescoço.

“Do seu jeito”, ela fala, com as mãos afagando meus braços.

“Hmm...” Dou um gemido no seu ouvido. “Do meu jeito ainda não dá.”

“Por quê?”

Levanto o rosto e olho seus olhos dourados.

“No dia em que eu fizer como eu quero, você vai saber”, respondo, e volto a beijá-la, porém com mais vontade e abrindo suas pernas ainda mais com a ajuda das minhas. Ela me abraça com as pernas e deixo meu corpo cair junto do seu. Melhor coisa do mundo.



DOMINGO, 29 DE NOVEMBRO DE 2013

Eu me viro na cama e a encontro vazia. Abro os olhos e minhas retinas quase queimam. Já amanheceu e o sol está fodido. Porra!

Sento na cama e rapidamente levanto de uma vez. Vou ao banheiro, faço xixi e entro no banho. Enquanto tomo banho, escuto um barulho e viro meu corpo para a porta do box. Minha nerd linda e sexy está com a minha camisa com a qual eu vim para o meu apartamento novo, e os cabelos presos em um coque

desengonçado. Linda demais.

Eu a trouxe para conhecer sua nova casa, nossa casa nova. Eu mesmo ainda não tinha vindo aqui. Depois que meu pai conversou comigo ante ontem, a primeira coisa que eu quis foi ter a garantia de que ela estaria comigo aqui. Então, depois que eu a encontrei e conversamos, passamos a sexta no loft, transando e planejando algumas coisas, ontem viemos para cá de manhã.

“O que é isso aí?”, pergunto para ela, que está com as mãos para trás.

“É uma coisinha para você.”

“O quê?”

Ela tira as mãos de trás do corpo e um embrulho de presente — azul — é deixado na pia do banheiro. Ela anda para perto do box e tira minha camisa, ficando nua.

Sorrio e abro a porta do blindex, e quando ela coloca um pé para dentro, a puxo para mim.

“É um presente para você”, ela murmura.

Assinto e a coloco debaixo d’água.

Seu gritinho de surpresa me faz rir alto. Suspendo-a no meu colo, com suas pernas circulando minha cintura, e a segurando apertado, com meus braços em volta dela.

Cecillia lambe os lábios e encosto os meus nos dela, passando a língua num toque suave, sabendo que isso a deixa mais entregue a mim. Minha língua passa pela sua, sentindo seu gosto, e tomo seus sons para mim. Suas coxas na minha cintura me apertam mais forte e suas mãos voam para os meus cabelos, puxando-os, direcionando minha boca para a sua, e eu dou o que ela quer.

Enrosco minha língua na sua e meu corpo ferve. Bato as costas dela na parede e esfrego meu pau nela, que está febril e ficando molhada.

Suas mãos puxam mais meus cabelos e sua boca exige mais a minha. Estou duro demais e preciso sair daqui agora.

“Porra. Vamos para o quarto.”

“U-hum”, ela faz, me beijando.

Como dois selvagens loucos, saímos do banho, ainda nos beijando. Pego-a no colo novamente e carrego-a para o quarto, derrubo-a na cama e cubro seu corpo, beijando seu pescoço, seus ombros, seu peito e sua boca. Estamos molhados do banho e seu corpo está tão escorregadio. É uma delícia.

“Isso é meu presente?”, indago.

Ela dá risada e me abraça com as pernas e os braços. “Não. Ele está no banheiro.”

“Depois eu abro aquele, esse aqui já está desembrulhado e pronto pra mim.”

“Engraçadinho.” Ela me beija com carinho. “Feliz aniversário, meu professor galinha.”

“Agora eu sou um galinha reformado, e só de uma mulher.”

“Hmm...” Ela sorri sem mostrar os dentes, envergonhada, e fica vermelha.

“E agora que ela é minha, não quero parar de estar dentro dela.”

Ela suspira e fecha os olhos. Sorrio e encosto meus lábios nos seus, beijando-a no início com carinho, e depois mais carnal. Eu já era insaciável por ela, agora me tornei um maníaco. Pulo da cama e tão rápido chego até minha mala, pego uma camisinha e visto meu pau.

“Vem!”, ela me chama.

Volto a ficar no meio das suas pernas abertas, com ela deitada na *nossa* cama. Posicionando nossos corpos de modo a se unirem, penetro minha pequena, meu amor, *minha melhor amiga*, lentamente.

“Eu te amo”, murmuro na sua boca.

Cecillia sorri e abraça meu pescoço. “Eu também te amo tanto.”



Mais tarde subimos para a casa dos meus pais, onde minha mãe fez bolo, um jantar delicioso. Meus irmãos e meus pais comemoram meu trigésimo aniversário.

Minha pequena está sentada ao meu lado, conversando com todos, e eu poderia dizer que a alegria de tê-la aqui é maior do que eu posso explicar. Ela estando no meio deles todos. Minha família. Todas as pessoas que amo, e que vão amá-la por ser um novo membro da família, mas sei que ela está até desacreditando.

Ela olha para o meu rosto e sorri secretamente com os olhos.

“Eu disse que você nunca mais estará só.” Sacudo a cabeça, afirmando. “É verdade. Você tem a mim e a todos eles.”

“Eu sei”, ela sussurra, e volta a dar atenção aos outros.

Olho para a minha família e flagro papai olhando para mim e sorrindo.

Ergo uma sobrancelha.

Ele pisca o olho levantando a taça. “Você fez uma ótima escolha.” Gesticula com a boca e lembro que minha mãe, que hoje está nos seus dias bons, disse

quase a mesma coisa.

Eu tenho que concordar. Tudo que eu fiz em minha vida foi uma ótima escolha e todas levaram para onde estou agora: ter descoberto a mulher da minha vida.

“Agora vamos cortar o bolo”, minha irmã Mandy fala, levantando-se com todos a acompanhando.

Vamos para a mesa da sala e a governanta deixa o bolo no meio da mesa. Meu irmão acende as velas e cantamos parabéns. Na hora de apagar as velas e fazer o pedido, eu só peço que eu tenha mais momentos felizes com todos eles perto de mim. Dou um beijo em minha mãe, que está ao meu lado, e em Cecillia, do outro.

Cortamos e comemos o bolo, sorrindo.



Depois da reunião entre nossas famílias e do bolo, minha irmã, Cecillia, uns amigos meus e de Mandy vamos para uma boate comemorar meus trinta anos.

Ficamos em um camarote cinco estrelas com as melhores bebidas e os melhores petiscos. Estou agarrado à minha namorada sexy, que está com um vestido da minha irmã, e eu quero matar Mandy por isso. O vestido é colado no corpo e vermelho. As curvas de Cecillia estão em exibição demais e sou realmente obrigado a ficar grudado nela.

“Você não vai dançar?”, ela pergunta no meu ouvido, passando uma das mãos no relógio que ela me deu de presente hoje, depois da nossa foda de comemoração.

Ela tirou dinheiro da poupança para comprá-lo, e eu ainda quero devolver ele, mas ela disse que já estava pretendendo resolver esse problema com o dinheiro dela. Porque ela não precisa ficar no sufoco às vezes como ficava.

Ela tem muito dinheiro na poupança, mas não usa porque não se sente confortável com esse dinheiro. Ela só usa o que os seus padrinhos lhe dão, e a pensão que recebe do trabalho dos seus pais. O que é pouco pelo fato de fazer uma faculdade cara e em uma universidade cara também, ainda mais agora a Columbia — aqui em Nova York —, em que em breve minha pequena passará a estudar.

“Não. Estou tomando conta da sua bunda.”

Ela ri e passa a mão no meu peito. “Agora que sou sua namorada, você está perdendo o juízo?”

“Não. Você é que deve estar perdendo o juízo para usar um vestido desses,

mas...”, cochicho no ouvido dela, sob a música alta que abafava a voz de qualquer um, “em casa eu te ensino o que se faz com um vestido desses.”

“Você está excitado por causa dele?”

“Claro que sim. Então se comporte, que em casa nós vamos brincar com ele, e depois eu tacho fogo nessa merda.”

Ela ri de jogar a cabeça para trás. “Eu amo a sua nova versão.”

“Se acostume, porque agora é para sempre, minha Barbie-nerd gostosa.”

EPÍLOGO

CECILLIA

QUINTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 2013

ESCUTO A PORTA DE CASA ABRIR E logo em seguida fechar. Sorrio e deixo o pano de prato que estava na minha mão em cima do balcão da cozinha. Estava terminando de preparar o prato que eu vou levar para a festa de Natal na casa dos pais da Linda, que no caso são parentes de Henry. Hoje é dia vinte e quatro de dezembro, então vamos passar a noite lá, e amanhã passaremos o dia na casa dos pais dele. Esse ano vou desejar Feliz Natal para os meus padrinhos via Skype. Isso me deixa um pouco triste, mas eles não puderam vir, e eu “meio” que escolhi não ir para lá.

Caminho pelo apartamento novo, guiada pela penumbra das luzes do pisca-pisca da árvore de Natal.

Eu ainda não me acostumei totalmente com a casa nova. É chique e moderna demais. Os móveis foram escolhidos e a decoração toda, na verdade, foi feita com a ajuda de Julia, mãe do Henry.

Ela é uma mulher de muito bom gosto e com dinheiro suficiente para comprar coisas que eram inacessíveis para mim. Eram porque eu decidi esse mês — o último do ano — movimentar de verdade o dinheiro que foi deixado como herança para mim. Resolvi parar de me negar esse dinheiro, porque precisei dele tantas vezes e o ignorei, e agora eu vou precisar mais ainda.

Em breve estarei me mudando para Manhattan com Henry e não quero deixar tudo nas costas dele. Já pedi transferência para a Columbia, depois de fazer uma prova — um pouco difícil — e ter a mãozinha — uma pequena ajuda do pai dele para conseguir entrar.

O senhor Frinsheens me ofereceu um estágio na empresa dele também, onde Henry irá trabalhar em breve. Então está tudo certo para em junho nós nos mudarmos para cá e eu trabalhar. Estou muito ansiosa.

Nossa mudança, ou melhor dizendo, as malas, virá conosco na “última”

viagem para cá. No geral só vamos trazer o resto de nossas roupas — algumas já estão aqui, porque sempre estamos por aqui agora, e porque o apartamento já está mobiliado e a casa de Henry em Boston ele manterá, para não perder contato com os amigos, e por causa da academia que é só dele agora. Parece que o sócio dele o estava roubando e com isso ele comprou a outra parte e agora é o único dono.

Estamos muito bem e me sinto ansiosa para morar em Nova York, para começar minha nova vida ao lado de Henry. Nós agora somos realmente um casal e assumimos um compromisso quando decidimos morar juntos aqui. Antes ele estava me ajudando e eu nunca me senti sendo a outra pessoa da casa, sentia-me como visita. Agora sou a outra dona da casa — sem pretensão.

Chego ao lobby do apartamento — tão parecido com a cobertura dos pais dele —, e na porta do apartamento encontro Henry colocando uma sacola de plástico enorme perto do aparador chique com que a mãe dele fez questão de decorar o apartamento muito, similar à casa dela com toques joviais.

O nosso quarto — que seria apenas de Henry — é bem neutro, mas com móveis escuros, e ele trocou as roupas de cama para um tom branco e bege, antes era azul e cinza — masculino demais. E, para me agradar, ele falou para eu mexer onde queria e fazer da casa minha também. Uma casa de homem e de mulher. Eu o amei mais ainda por essa preocupação. Ele é um fofo às vezes.

“O que é isso?”, pergunto, quando ele levanta o corpo e me olha.

Sorrindo, ele vem na minha direção. “É o presente da Rebecca.” Ele me beija e faz um carinho no meu rosto. “E também o presente do Henrique. Os outros presentes já estão na árvore e embrulhados. Esse aqui tenho que fazer isso ainda, só os deles que consegui hoje.” Ele faz uma cara de desgosto e acabo rindo. “As ruas estão um inferno, como sempre, e só eles para me fazerem passar por esse sacrifício hoje.”

“Você fala assim, como se não gostasse de mimar sua irmã e seu sobrinho.”

Ele assente e me pega nos braços. Meus pés deixam o chão e ele me leva para a varanda. Fico feliz de estar de casaco porque hoje está muito frio em Nova York, uma típica noite de Natal com neve e chão escorregadio.

Henry para perto da janela, ao lado da porta da varanda onde está a árvore de Natal. Dos vidros, ficamos vendo a neve cair.

“E você também.”

Rio e empurro seu peito. “Você me mima?”

“Só um pouquinho”, ele diz, descendo o rosto, e seus lábios encontram os

meus em um beijo doce e suave. “Agora vamos logo para a festa de Natal.”

“Vai levar os presentes hoje?”

Ele nega com a cabeça, caminhando comigo até nosso quarto, mas quando ele me agarra e pressiona meu corpo na parede, sou obrigada a fugir. Não que eu não o queira — sempre quero —, só que prometi levar a torta de framboesa — receita da minha madrinha Monica. Vou sentir falta dela esse fim de ano.

Chego no quarto e entro no closet para trocar de roupa.

“Mais tarde resolvemos isso”. Ele beija meu ombro, fechando meu vestido e murmura: “E eu tenho algo para te dar muito importante também.”

Viro-me para ele dentro do closet perfeito e enorme dentro do nosso quarto. “O que é?”

“Só mais tarde”, ele fala, terminando de vestir o paletó.

Ele está lindo com uma calça jeans escura, blusa de linho azul clara, sapatos sociais e o paletó. Parece um homem muito diferente e todas as vezes em que o vejo vestido assim, me apaixono mais ainda, ou melhor dize, me derreto.

Henry fica muito charmoso e adulto, totalmente o oposto de quando está na academia ou na faculdade, vestido de terno. Sem contar que há dois meses, o tempo que estamos juntos como casal, ele fica relaxado em casa como gosta. Não como tinha que parecer para não espantar a visita — eu. E é uma visão maravilhosa vê-lo caminhar pela casa — às vezes — só de cueca.



Durante a festa, sou apresentada para os outros parentes do Henry, que são as pessoas da família de Linda. Realmente, os Colber são unidos com os Frinsheens. Eles brincam uns com os outros, trocam presentes, e agora vejo-os fazendo amigo secreto. Não quis participar porque ainda me sinto nova no meio deles. Henry não gostou disso, mas aceitou minha escolha.

Rio da cara fofa que Rebecca faz quando Henry começa a falar quem é o seu amigo e é óbvio que é ela. E a irmã — que mais idolatra ele — fica toda contente com isso.

“A minha amiga secreta é a Rebecca.”

“Yep!”, ela exclama alto, e pula da cadeira, chegando até o centro da roda de cadeiras que eles fizeram no salão enorme da casa dos pais de Linda. Ela pega seu presente e eles se abraçam forte.

Depois deles, toda a família também faz isso, e quem tira o Henry é a mãe dele.

Nossa, é emocionante ver os dois juntos, e eu a amo de verdade. Como ele

tinha me dito no aniversário dele, eles se tornaram minha família. E eu os amo de todo coração. A mãe do Henry cuida de mim como cuida das filhas.

No começo achei estranho, mas agora, um mês — praticamente — depois, eu me acostumei e choro escondido quando ela não está nos dias bons. Semana passada, na terça, nós estávamos em Boston por causa da faculdade etc., e foi um dos piores dias dela. O Sr. Henry ligou para mim e conversou comigo.

Não contei para Henry sobre isso. Ele está se esforçando para não ficar surtado todas as vezes em que a crise da mãe fica ruim mesmo, então, quando dá, ele prefere não saber de tudo. E como agora sou parte da família, como meu lindo e fofo namorado fez questão de exclamar para a família toda no aniversário dele, o pai dele e os irmãos contam para mim sobre o estado da Julia, e, sempre que dá, eu não conto para ele. É uma forma de não o fazer sofrer e cuidar dele.

Agora estamos comendo à mesa gigante com vinte pessoas. Linda tem cinco irmãos e dois deles são casados e têm dois filhos. É muita gente em um Natal de família. Depois que comemos e conversamos, as crianças brincam. Saímos da mesa e vamos para a varanda ver a neve cair.

O senhor Frinsheens está falando comigo junto com o pai de Linda e um dos filhos. Conversamos sobre coisas aleatórias. Alguns minutos depois, Christian pede licença e sai com o filho, então fico com o Henry — *pai*. Até eu o chamo assim para não confundir.

“Você está se sentindo bem, Cecillia?”

Tiro os olhos das crianças e olho para ele. “Sim, como assim?”

“Estando longe da sua família.”

“Ah... bem, eu amo meus padrinhos, eles são — eram — tudo que eu tinha, mas eu estou adorando estar aqui com vocês.”

“Fico muito feliz.” Ele coloca a mão no meu ombro. “De verdade, e espero tê-la para sempre. Você faz bem ao meu filho, e ele precisa disso. Todos nós precisamos ter um alguém que nos compreenda e que faça coisas que ninguém consegue fazer. É algo além da física.”

“É verdade.”

Ele sorri para mim, afastando-se. Sou abraçada por trás e descubro porque ele me deixou. Meu Henry estava vindo até mim. Ele me vira de frente para olhar nos meus olhos e parece tentar me ler através dos meus olhos.

“Por que essa cara?”, indaga.

Dou de ombros e jogo os braços nos seus ombros. *Obrigada ao meu salto de quinze centímetros que permite isso.*

“Não é nada.”

“Meu pai disse algo, ou é saudade da Monica e do Richard?” Agora ele os chama pelos nomes, pelo que ele me contou teve um papo muito agradável com eles e são muito amigos agora. “Você sabe que podemos passar o Ano-Novo lá.”

Ele me ofereceu essa ideia há três semanas, mas eu não quis. Pensei que meus padrinhos também merecem um tempo para eles como um casal sem filhos para perturbar a cabeça deles. Sei que minha madrinha não aceita isso, mas eles cuidam de mim há tempos e agora quero deixá-los curtir essa vida nova em Sydney.

“Eu sei, e ainda que tivéssemos tempo agora...”

“Podemos ir”, ele fala por cima de mim.

“...ainda assim seria não. Não quero ir”, termino, e digo também: “Sei que você poderia dar um jeito de nos levar, mas já está em cima da hora e eu não quero mesmo.”

“Se mudar de ideia, até dia vinte e nove tem como.”

“Eu sei, e amo sua preocupação.”

Ele dá um meio sorriso e me abraça, nos deixando mais perto, e ainda bem que estamos longe dos outros.

“Apenas quero te deixar feliz”, Henry murmura.

“Você me faz feliz.”

Ele me dá um beijinho e me leva para ficar com os outros.



Chegamos em casa tarde da noite, na verdade, de madrugada. Nós nos despedimos dos pais dele no elevador e entramos em casa rindo e nos beijando. Eu já perdi as contas de quantas vezes chegamos em casa — aqui, no loft, ou em Boston — nos beijando e morrendo de vontade de rasgar as roupas e transar na sala mesmo — o que só aconteceu uma vez. Por enquanto e contando.

“É pecado transar no Natal?”, ele me pergunta, com humor, beijando-me.

Dou risada nos braços dele, que me apertam e tiram meus pés do chão. Circundo sua cintura com minhas pernas e suas mãos me seguram por trás, uma nas costas, e uma na minha coxa.

Ai! Eu amo quando ele me pega assim.

Eu sei que normalmente os homens têm mãos grandes, e uma altura como de Henry é mais provável ainda, só que ele ter essas mãos gigantes me deixa doida.

“Porque, se for pecado, não estou nem aí.” Ele beija minha garganta e me leva

para o quarto. “E, além do mais, com você eu não vou fazer isso.”

Sendo deitada na cama, minhas mãos continuam nos seus ombros, porque ele está sobre o meu corpo, apoiado pelos antebraços, e os joelhos dobrados no meio das minhas pernas abertas.

“Ah, é? E o que você vai fazer então?”

Henry dá seu sorriso de lado e chega o rosto para perto do meu, com os olhos suaves.

“Com a mulher que eu amo demais, eu faço amor”, ele murmura, e fico emocionada. “Mesmo quando sou selvagem, faço amor com ela.”

Pisco e o puxo para os meus braços.

Se já não me bastasse o pai dele ficar falando aquelas coisas para mim, ele vem me falar uma coisa dessas. Assim eu não aguento. Também não quero nunca ficar sem eles e jamais sem meu gigante. Meu Henry.

DIZ LOGO ISSO PARA ELE — Frody.

O QUÊ? — Frydda.

QUE QUER FICAR COM ELE PARA SEMPRE.

AH, EU NÃO SEI, resmungo.

Frody lixa as unhas de gato em um lixador de unha no chão e revira os olhos.

Não tenho tempo para pensar muito, porque Henry ergue o corpo e olha fixamente para mim.

“De novo viajando? Aconteceu alguma coisa?” Ele se senta do meu lado, puxando-me junto com ele pelas mãos.

“Não, Henry. Já disse, não é nada.”

Ele faz uma cara de que não acredita em mim. “Sabe, eu ia fazer isso depois, mas como você está me deixando nervoso... vou logo fazer agora.”

Ele fica de pé com um movimento rápido e sai do quarto. Talvez eu devesse esperar aqui, mas não aguento. Pulo da cama e corro atrás dele. Chego na sala e vejo-o pegando um dos presentes na árvore e, quando se vira, me vê e sorri, estancando os passos.

“Sabia que você não ia esperar lá.” Sua voz está rouca, sexy. “Curiosa.”

Dou de ombros e sorrio.

Com passos lentos, ele chega perto de mim e acaricia meu rosto com muito carinho e os olhos afetuosos. Meu coração parece parar de bater por nanossegundos, e então voltam os batimentos, mas acelerados.

“Eu amo você e não me canso de dizer isso, sabe?” Respira fundo e pega uma mecha do meu cabelo. “E eu andei pensando e eu quero dizer isso sempre.”

“Você pode dizer. Não vou me opor”, sussurro.

Henry assente, sorrindo, e me beija de leve. “Mas quero falar para sempre. Porque eu sinto que você é minha para sempre, minha pequena.”

Prendo a respiração quando Henry fica de joelhos na minha frente.

Ai caramba. Vou ter um enfarte.

V_{AI NADA.} A_{GUENTA FIRME, GAROTA.} É claro que é Frody.

Henry pega minha mão e, com os olhos nos meus — levemente brilhando de emoção —, ele diz:

“Talvez seja cedo demais, talvez você queira outras coisas para sua vida e... talvez não queira ficar com um cara dez anos mais velho que você. Realmente sou um velho, mas tudo sobre farras eu já vivi e você está começando agora.”

Ele se cala porque nego com a cabeça e, fazendo força para falar, respiro fundo e falo:

“Você não é velho como fica falando e eu nunca fui de farra mesmo.” Minha garganta se fecha e solto a respiração com força.

Ele assente e aperta minha mão. “Então você aceita ser minha para sempre? Eu prometo amá-la cada dia mais e protegê-la e, novamente, vou te dizer”, respira. “Prometo que nunca vou te deixar de forma alguma.” Ele se levanta, inquieto, e pega meu rosto, encostando a testa na minha. “Vou viver até meus cento e dez anos se você viver até os seus cem. Mas nunca vou te deixar.”

Choro, engasgada, e o abraço com tudo de mim. “Eu te amo muito, Henry.”

Ele me afasta, depois de um abraço longo, e pega minha mão direita.

“Cecillia, minha Cecillia, você aceita se casar comigo?”

Sorrio — ainda chorando — e, assentindo, respondo: “É claro que sim.”

Henry abre um sorriso lindo, e pega de dentro de uma sacola de papel vermelho sangue da Cartier uma caixa de couro da mesma cor da bolsa e abre a caixinha de anel.

Um lindo anel de ouro com uma pedra de diamante branco — corte redondo — no meio e vários outros diamantes ao longo do anel brilham dentro da caixa da Cartier.

É lindo, perfeito e maravilhoso. Nunca ganhei nada tão lindo e caro assim na minha vida. E, além de ser um pouco exagerado, é meu anel de noivado com meu Henry. É perfeito.

“Minha nossa!”, deixo escapar, em meio a um sorriso choroso. “Eu amei.”

Ele assente e tira o anel da caixinha, coloca-a no bolso e, com um carinho leve, suavemente enfia o anel no meu dedo com seus dedos — que seguram minha mão — flexionando-a em um carinho lento. E para me quebrar mais ainda, suspende minha mão até seus lábios e deixa um beijo onde está a aliança.

Eu me jogo nos braços dele e o aperto tão forte. “Obrigada!”, eu falo, chorando baixinho.

“Obrigado você, minha pequena”, ele diz, emocionado, com a voz embargada. “Vou cuidar de você pelo resto da minha vida.”

E fecho os olhos, sentindo-me tão completa como nunca me senti antes. Nada foi tão bom em toda a minha vida, e finalmente sinto um leve alívio da ferida que tenho no coração.

Agora vou viver uma longa jornada e acompanhada do meu melhor amigo e muito mais. Sou muito agradecida por todas as decisões da minha vida e até aquela louca da Annabelle, que nos apresentou. Ela me proporcionou um dos melhores prazeres da vida: encontrar o amor da minha vida.

NÃO PERCA O PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE OS FRINSHEENS:

PEÇA-ME TUDO

PRÓLOGO - HENRY

TERÇA-FEIRA, 06 DE JUNHO DE 2017

ENTRO EM CASA E SINTO O CHEIRO do molho de almôndegas que Cecillia fez questão de aprender a fazer. Nunca vou esquecer quando ela colocou a travessa na mesa de jantar, na casa de Boston, e brincando disse que ligou para a governanta do meu irmão e pediu para ensiná-la a cozinhar. E ficou realmente muito bom e, o que mais me tocou foi o fato de ela querer fazer isso para me agradar, nada mais do que isso. Foi um dia bom. Nossa última noite morando em Boston.

Hoje, quase quatro anos depois de nos conhecermos, virarmos amigos, morarmos juntos, transar, namorar e noivar, estamos muito bem e com os sinos do altar tocando, *praticamente* à nossa porta.

Ando para a cozinha e a encontro com as mãos na cintura, olhando pacientemente para a pequena televisão na parede perto da bancada da pia. Está assistindo ao programa de culinária e, curiosa como sempre, já experimentei ao longo desses anos coisas que Deus duvida, e eu levo para Scott experimentar. Meu irmão sempre manda uma mensagem para ela manear no sal ou no açúcar.

“O que você está aprontando agora?”, murmuro.

“Ai, merda!”, ela exclama, virando-se para mim com as mãos no peito e os olhos arregalados. “Você me deu um susto. Poxa!”

Rio e vou até ela, abraço seu corpo e tiro seus pés do chão. “Desculpe, mas não resisti.”

“Você nunca resiste a me dar um susto, e um dia vou ter um infarto.”

“De maneira nenhuma deixo isso acontecer. Quem vai me deixar com pressão

alta com a quantidade de sal na comida?”

Ela aperta os olhos, fazendo uma careta, e eu abaixo mais o corpo para minhas mãos chegarem nas maçãs da sua bunda.

“Para! Você vai me fazer queimar a comida”, ela balbucia, com os olhos acesos de excitação.

“Vamos pedir pizza”, eu falo, fitando sua boca.

“De novo não, e hoje é terça-feira. Quem come pizza em uma terça-feira?”

“Muita gente.”

“Mas eu não quero”, ela resmunga e me dá um beijo rápido.

“Então eu faço alguma coisa rápida ou tento salvar o que você está fazendo.”

Cecillia desfaz o nó da minha gravata com os olhos atentos no que está fazendo. Amo quando está concentrada. Ela fica linda demais.

“Você não deveria se casar com alguém que nem pode fazer o jantar para você quando chega do trabalho cansado.”

“Quem disse que estou cansado?”, pergunto, curvando mais meu corpo para ela poder abrir o botão da minha camisa de linho — e aproveito para apertar de novo sua bunda.

“Mas eu deveria fazer uma comida decente para nós”, Cecillia diz, e ergue os ombros levemente.

“Não es quente, e eu não quero isso de você.” Beijo a ponta do seu nariz e murmuro quando ela olha para os meus olhos. “Eu quero de você só uma coisa.”

“Tarado. Sem vergonha”, ela fala, fingindo estar zangada.

Sorrio de lado e a pego no colo. Suas pernas entrelaçam meus quadris e prendo seu corpo entre o meu e a parede. “Você já está levando as coisas para lado da maldade.”

“Hum.” Ela desdenha e eu rio.

“Vamos deixar isso para lá”, sussurro, e continuo: “Quero te mostrar uma coisa que está no quarto.”

“Você não presta.”

Rio e balanço a cabeça. “É uma surpresa, pequena. Não é o que você está pensando.”

“Henry”, ela insiste, desconfiada, sorrindo para mim.

“Confie e espere.”

Não espero que ela diga mais nada e começo a sair da cozinha, mas, então, ela

me faz andar até o fogão e apagar o fogo. Provo o molho e enfio um dedo em sua boca. Ela chupa meu dedo, com malícia no olhar. Não resisto e beijo-a, sentindo o gosto salgado das almôndegas e da massa de tomate.

“Ficou bom isso, hein? Agora você pode casar”, brinco com ela, fazendo-a soltar uma gargalhada.

“Ainda bem, só faltam duas semanas.”

Assinto e ando pela casa, para chegarmos à nossa suíte.

“Duas semanas para você prometer me amar, honrar e respeitar.” Deito-a na cama e vou para cima dela calmamente, e cubro seu corpo, ainda falando: “Está ouvido, mocinha? Vai me respeitar, bonitinha.”

Ela sorri, com a expressão séria, e com um movimento rápido nos gira na cama e fica em cima de mim. Minha pequena está mais forte, sexy e deliciosa. As aulas de boxe e Krav Maga, que faz desde que me conheceu e comigo, fizeram maravilhas com seu corpo, e na cama ela ficou mais sensacional ainda. Minha nerdzinha é realmente perfeita em tudo.

“Até parece”, ela brinca.

Ela chega o rosto perto do meu, lentamente, seduzindo-me. No entanto, perco a calma e pego seu rosto com pressa, enfiando os dedos em seus cabelos castanhos sedosos e enfio a língua na sua boca e chupo a dela. Eu posso amá-la, venerá-la, mas ainda sou selvagem e impaciente quando estamos na cama.

Não me importo com os vizinhos — nem com meus pais morando em cima da gente. Gosto de fazer com a minha pequena o que eu quiser e rachar a parede do quarto se possível com minhas investidas dentro dela, fazendo a cama bater em alto e bom som à parede, não é vergonha. Amo amá-la do jeito que for. Lento, carinhoso ou rápido e selvagem.

“Cadê a surpresa?”, ela sussurra, ofegante.

Rio e giro nossos corpos, derrubando-a na cama. Coloco a mão dentro do paletó e tiro dois envelopes de dentro. Entrego-os à minha noivinha linda e curiosa.

Cecillia os pega sorrindo, mas um pouco desconfiada.

Pisco e ela os abre.

“Você não fez isso!”, ela exclama, de boca aberta.

“Fiz sim”, afirmo, acenando com a cabeça.

“Mas Henry, eu não posso...” Seus olhos deixam o papel — de novo — e me fitam. “Você não pode!”

Pego seus ombros e a subo na cama, para sentá-la, comigo ainda sobre ela, abro suas pernas que, dobradas, ficam no meio das minhas.

“Podemos sim. Você vai se formar sexta-feira agora e mesmo que esteja preocupada com seu trabalho, não precisa. Você pode muito bem continuar na empresa.”

“Mas eu só estava estagiando lá”, ela fala, sem ânimo.

“Eu sei, mas o Scott — e muito menos papai — não vai tirar você de lá. Principalmente sendo minha esposa.”

“Você sabe o que eu vou ouvir.”

Aperto os olhos, demonstrando minha chateação, e saio de cima dela, levanto da cama e viro de costas para ela. Tiro o paletó e o jogo na beirada da cama, antes de enterrar os dedos nos cabelos e então voltar a fitar seu rosto.

“Lá vem você começando com essas coisas de novo. Ninguém tem que falar nada”, digo, com convicção. “Você nunca soube da minha empresa. E a fusão de Biotecnologia é recente, e qual o problema de você trabalhar lá?”

“Vão dizer que é sem mérito e todo o meu esforço até hoje não vai valer de nada” Cecillia argumenta firmemente, com a voz baixa. Assim ela *quase* me convence.

“Até parece, Cecillia”, contraponho, mostrando meu ponto. “Suas notas em Boston e na Columbia foram méritos seus, não meus nem de mais ninguém. Para com isso e preste atenção.” Vou para perto dela e afago seus ombros, pois ela está sentada sobre as pernas ainda. “Você é incrível, amor. Inteligente demais e super esforçada. Ninguém tem o que falar de você e sabe que a empresa está com as portas abertas — *ainda, né* — para você.” Ela assente e continuo: “Mas se, mesmo assim, depois da nossa lua de mel — porque eu vou te levar nem que seja à força —, você quiser procurar outro lugar para exercer seu trabalho, tudo bem.”

“Mesmo que eu queira ir para a Caltech?”, ela pergunta, cautelosa.

Assinto, sabendo que internamente não vou gostar disso. A Caltech fica na Califórnia, do outro lado do país, e ela recebeu de fato uma proposta do instituto de tecnologia de Pasadena. No entanto, ficar longe dela é impossível — fora de cogitação —, e ficar longe da minha família será difícil demais, de novo, mas eu irei atrás dela para onde ela for.

“Eu vou com você”, murmuro, e sei que minha voz passa o que sinto.

“Mesmo não ficando feliz”, ela diz, fitando meus olhos. Ergue o corpo, chega mais perto de mim e passa as mãos no meu rosto, “e eu estou brincando. Jamais

iria para tão longe assim.”

Abraço-a forte e ela consegue envolver meu corpo com as pernas e os braços em meu pescoço. “Obrigado, e mesmo que fosse, eu iria com você. Você sabe disso”, falo no seu ouvido.

Minha pequena sorri e me beija. “Porque você me ama!”, ela cantarola baixinho.

Rio, assentindo. “Muito!” Eu nos derrubo na cama, rindo, mas evito ficar com peso sobre ela. “Agora você vai para a Itália comigo?”

“Passar duas semanas no país do amor?”

“U-hum”, murmuro, e beijo sua boca de leve.

“*Si, mio amore*”, minha noiva, meu amor, minha pequena responde em italiano, e eu mordo seu lábio.

“Te amo muito, pequena.”

“Eu te amo mais, meu gigante”, ela sussurra, com um sorriso deslumbrante.

Rio, porque amo quando ela me chama assim.

Começo a tirar sua roupa, e depois ela me ajuda a tirar as minhas. Ainda é grandioso demais meu apreço pela faculdade de Boston e por meu pai ser tão chato. Graças a isso e a muitas escolhas da minha vida, hoje eu tenho a melhor *coisa* da minha vida, que em breve será minha Sra. Frinsheens.



Em primeiro lugar tenho que agradecer a Deus, por me dar sabedoria e cabeça para fazer esse livro. E sendo meu primeiro bebê em físico, é muito especial e não tenho palavras para descrever minha felicidade.

Obrigada a minha família (principalmente minha irmã por me influenciar a ler mais). Obrigada, mãe, pai, vós, vô, tios, tias e primos. E meus cachorros que sabem a hora de parar de latir quando eu preciso escrever e por me presentear com suas personalidades que vão para os meus livros.

E... para começar a escrever em ordem o que me levou a estar aqui, tenho que lembrar de uma menina muito especial que me levou a conhecer o Wattpad. Muito obrigada de todo coração à Lizandra Lobão.

Obrigada Victoria Vasconcelos por ser a amiga chata (rs...)

Obrigada Rosa Lobão, cheia de energia.

Obrigada Angélica Silva por todo o amor do mundo que sempre me deu e por me ouvir nas horas que precisei.

Obrigada Fernanda Bandeira pela enorme ajuda de revisar o livro e saber dos spoilers e não contar para ninguém <3.

Obrigada Marcela Fontela pelo book-trailer maravilhoso que fez, que atingiu um milhão visualizações no Youtube. Eu chorei a primeira vez que assisti. Você foi dez.

Obrigada Beatriz Freitas, por ser a minha pedrinha no sapato, mas que me faz rir demais e finalmente terá *Ensina-me*, na prateleira.

Obrigada Andressa Gomes por dizer (certas vezes) o que eu precisava ouvir e por, acima de tudo, entender quem eu sou.

Obrigada Silvia Naves, essa chefona incrível que me deu essa oportunidade, realmente. Suas belas palavras (e paciência) me levaram a estar aqui hoje.

Obrigada a anjinha que a minha família Pandorga me trouxe, Martinha ou M.

S. Fayes.

Obrigada a Bruna Calazans, por ser a responsável de trazer as coisas até mim. Por aturar e responder meus e-mails. Desculpe qualquer coisa e obrigada acima de tudo.

E agora, e não menos importante. MUITO OBRIGADA a todos os meus leitores do Wattpad por se apaixonarem tão intensamente por esse casal que brotou dentro da minha cozinha enquanto eu lavava louça e, assim, quis criar uma personagem curiosa e um cara todo pra frente que fosse seu oposto. Dois polos diferentes que se uniram tão lindamente que me trouxeram leitores apaixonados que fizeram *#Henllia* chegar quase a um milhão de leituras no Wattpad e mais de três milhões na Amazon.

E foi no cheiro que vocês chegaram. Sempre falo isso e repito. Foi maravilhoso ver tantos leitores assim de surpresa. Porque, enquanto eu morria para vocês conhecerem minha trilogia, vocês foram chegando em *Ensina-me* e me enchendo da amor e vida.

OBRIGADUUUUU!

Escrever foi minha forma de me salvar da depressão, da tristeza. Sair das minhas angústias e criar personagens com seus medos e problemas que no fim sempre arrumam um jeito, como acontece na vida. Por mais fundo que se é o poço, nunca é profundo ao ponto de matar o brilho e a esperança dentro de você. Acredite sempre no amanhã. Aceite a mão estendida para você.

Obrigada a você também que adquiriu *Ensina-me o Prazer*. Este livro veio para mostrar o prazer de uma boa leitura. Espero que você realmente goste.

“Não tenha medo do amanhã, espere-o com graça e fé, que assim conseguirás lutar mais um dia.” - Alessa Abille

“O senhor é meu pastor e nada me faltará. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum. Pois ó Senhor Deus, estás comigo e ele me protegerá e me guiará.” - Salmo 23:04

Não sou muito devota, mas algumas partes desse livro sagrado me ajudam a acreditar em mim e em um novo amanhã, que eu nunca estou realmente só. A fé e o amor estão em nossos corações, não sob a pregação de religião alguma.

Nunca vou esquecer a mensagem de Deus: que no dia do meu aniversário *Ensina-me o Prazer* alcançou o primeiro lugar no ranking de mais vendidos na Amazon e virou meu primeiro best-seller na plataforma do Kindle.

Um grande abraço, beijo e chamegos,

Perigosas Nacionais

XOXO, Alessa.

Perigosas Acheron

GLOSSÁRIO

Esta história se passa nos Estados Unidos. Por esta razão; nomes que aqui no Brasil recebem acento, não terá.

Nomes de estados e lugares, serão transcritos para a língua portuguesa em partes, apenas para haver melhor entendimento durante a leitura.

Exemplo: Nova York.

Pub: Deriva do nome formal inglês “Public House” – que seria Casa Pública. É um estabelecimento licenciado para servir bebidas alcoólicas, originalmente em países e regiões de influência britânica. E há vários pubs espalhados nos Estados Unidos. Seria uma espécie de bar chique e sofisticado.

Geek: É um sinônimo para nerd, e ambas são uma gíria muito usada para caracterizar pessoas com um jeito peculiar, que exercem diversas atividades intelectuais e que geralmente têm muita afinidade com tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro etc.

Taz-Mania: Foi um desenho animado da Austrália e Estados Unidos, baseado no personagem *Taz*, integrante dos Looney Tunes, e produzido pela Warner Bros. de 1991 a 1995.

Bugou: Gíria, ou forma de dizer na Internet, que algo deu errado, estragou.

Yep: É uma forma similar de gritar *Yes* (Sim) quando se está feliz em inglês. É como se fosse “Viva”.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS



FACEBOOK.COM/EDITORAPANDORGA



TWITTER.COM/EDITORAPANDORGA



INSTAGRAM.COM/PANDORGAEDITORA

WWW.EDITORAPANDORGA.COM.BR



Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Folha de Rosto](#)
3. [Ficha Catalográfica](#)
4. [Cacillia](#)
5. [Henry](#)
6. [Capítulo 01](#)
7. [Capítulo 02](#)
8. [Capítulo 03](#)
9. [Capítulo 04](#)
10. [Capítulo 05](#)
11. [Capítulo 06](#)
12. [Capítulo 07](#)
13. [Capítulo 08](#)
14. [Capítulo 09](#)
15. [Capítulo 10](#)
16. [Capítulo 11](#)
17. [Capítulo 12](#)
18. [Capítulo 13](#)
19. [Capítulo 14](#)
20. [Capítulo 15](#)
21. [Capítulo 16](#)
22. [Capítulo 17](#)
23. [Capítulo 18](#)
24. [Capítulo 19](#)
25. [Capítulo 20](#)
26. [Capítulo 21](#)
27. [Epílogo](#)
28. [Peça-me tudo - Prólogo](#)
29. [Agradecimentos](#)
30. [Glossário](#)
31. [Editora Pandorga](#)

Landmarks

1. [Table of Contents](#)

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Ficha Catalográfica](#)

[Cacillia](#)

[Henry](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Epílogo](#)

[Peça-me tudo - Prólogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Glossário](#)

[Editora Pandorga](#)